

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

AS ONDAS QUE (SE) MOVEM (N)O MAR DAS TORCIDAS:
Das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)

Caio Lucas Morais Pinheiro

PORTO ALEGRE

2020

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO

TESE DE DOUTORADO

AS ONDAS QUE (SE) MOVEM (N)O MAR DAS TORCIDAS:

Das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Doutor em História.
Orientador: Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli

Linha de pesquisa: Relações sociais de dominação e resistência

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Pinheiro, Caio Lucas Morais

As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020) / Caio Lucas Morais Pinheiro. -- 2020.

424 f.

Orientador: César Augusto Barcellos Guazzelli.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Torcidas organizadas. 2. Torcidas antifascistas. 3. Insurreição clubística. 4. Sociabilidade Militante. 5. Antifascismo transnacional. I. Guazzelli, César Augusto Barcellos, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



ATA PARA ASSINATURA Nº _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História
HISTÓRIA - Doutorado
Ata de defesa de Tese

Aluno: Caio Lucas Moraes Pinheiro, com Ingresso em 29/02/2016
Título: **AS ONDAS QUE (SE) MOVEM (N)O MAR DAS TORCIDAS: DAS CHARANGAS À GUINADA ANTIFASCISTA NA ULTRA RESISTÊNCIA CORAL (1950-2020)**
Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Data: 22/07/2020
Horário: 14:00
Local: IFCH

Banca Examinadora	Origem
Arlei Sander Damo	UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda	FGV
Frederico de Castro Neves	UFC
Janice Zarpellon Mazo	UFRGS

Porto Alegre, 22 de julho de 2020

Membros	Assinatura	Conceito
Arlei Sander Damo		A
Bernardo Borges Buarque de Hollanda		A
Frederico de Castro Neves		A
Janice Zarpellon Mazo		A

Conceito Geral da Banca: (A) Correções solicitadas: () Sim (X) Não

Observação: Esta Ata não pode ser considerada como instrumento final do processo de concessão de título ao aluno.

Aluno

Orientador

À Eliane e ao Fernando, que cumpriram a linda arte de maternar e de paternar.

Ao meu irmão Ilan Ícaro [*in memoriam*], que vive em mim.

À Cecília, pela energia dos doces reencontros.

AGRADECIMENTOS

A intensidade do ser-no-tempo. Os últimos quatro anos, entre 2016 e 2020, talvez possam ser compreendidos pelos deslocamentos do empreendimento que é uma formação pessoal-profissional. Formação concebida como uma operação atravessada por vários territórios da vida, para além do institucional, do familiar e do trabalho. Assumida como uma escolha da própria existência, de um cuidado consigo e como uma entrega ao genuíno desejo de aprender e de desaprender para se municiar de um conhecimento que me incita a agir eticamente e a me transformar.

As experiências compartilhadas durante esses anos produziram marcas que necessitam ser retomadas sob sinceros agradecimentos. Nem todos os marcos implicaram em efeitos positivos na minha trajetória, mas certamente foram tomados enquanto potencialidade educativa e emancipatória. Desde que ingressei no doutorado, muita coisa mudou de lá para cá, a começar pela mudança significativa de projeto político do Brasil. Transformação conduzida de maneira suspeitosa, que foi responsável pelo desmantelamento das instituições democráticas do país, calcado a partir de um golpe parlamentar que destituiu uma presidenta eleita, Dilma Rousseff, e abriu caminho para aflorar uma nova roupagem da agenda neoliberal, cujos traços indelévels consistem no militarismo, no conservadorismo neopentecostal e em um maquinário de negação da realidade. A escrita desta tese esteve em sintonia com a vida social, cultural, pessoal e política nesse período, que só foi possível em função da presença de vários homens e mulheres, corpos, sentimentos e energias que marcaram e deslocaram a minha existência. Agradeço verdadeiramente a todas essas pessoas queridas:

À Capes, pela bolsa de doutorado, que possibilitou a minha estadia em Porto Alegre no ano de 2016 e o desenvolvimento dos meus estudos e pesquisas.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela acolhida e aprendizagem; em especial aos/às professores/as Silvia Petersen, Benito Schmidt, Fernando Nicolazzi, Helen Osório, Mara Rodrigues, com os quais pude partilhar disciplinas, questionamentos e anseios instigantes.

Ao César Guazzelli, meu orientador, que generosamente aceitou orientar esta pesquisa; agradeço pelos encontros, conversas, cafés e disponibilidade; pela oferta da disciplina História Social do Futebol, da qual participei enquanto Estágio Docente, os debates me inspiraram a ressignificar os diversos futebóis.

Aos professores que participaram do exame de qualificação desta tese em 2018, Arlei Sander Damo e Bernardo Borges Buarque de Hollanda; pelas sugestões e críticas certeiras e pontuais para a continuidade deste trabalho.

Aos/a professores/a da banca desta tese, Arlei Damo, Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Janice Zarpellon Mazo e Frederico de Castro Neves, pelo aceite do convite, disponibilidade e prontidão.

A todos e todas que contribuíram com esta pesquisa ao estarem disponíveis para entrevistas. Compartilho com vocês nesta tese alguns dos resultados das nossas conversas, diálogos e lembranças acerca dos universos das torcidas no Estado do Ceará. Gratidão pelos momentos de troca!

Aos amigos e amigas da turma do doutorado, Débora Kreuz, Franklin Pinto, Douglas Angeli, Lineker Norberto, Marluce Fagundes, Guilherme Masi, Iamara Silva, Marcos Nogueira, Michele Casali, Leandro ‘Bagé’, Mário Marcello, Felipe Krüger, pela partilha da vida nos encontros, ‘chimas’, sorrisos, tristezas, churrascos na ‘grêlha’ do cearense, ‘xis’ e pizzas sabor ‘galeto’. Obrigado pela companhia e carinho em Poa, Pelotas, São Leopoldo, Jaguarão e Uruguai. Tudo foi mais alegre com vocês, saudades!

Aos/as gaúchos/as com os/as quais compartilhei momentos importantes, desde aqueles que dividiram apartamento comigo até aos que me convidaram para as idas à Arena do Grêmio e ao Beira-Rio; não poderia esquecer também das ‘peladas’ ou ‘rachas’ (nome atribuído em Fortaleza), especialmente as da PUC-RS e do time do curso de História da UFRGS.

Aos/as funcionários/as da UFRGS, em particular aos/as da secretaria do PPGH, da Biblioteca e do Restaurante Universitário.

Ao IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba), Campus Itabaiana, instituição em que atuei como professor substituto em 2017 e 2018; que me possibilitou coordenar um projeto de pesquisa e um projeto de extensão sobre a consciência histórica da Comunidade Quilombola do Grilo, localizada no município de Riachão de Bacamarte. Essa experiência foi tocada por várias mãos, agradeço as/os alunas/os bolsistas e voluntárias/os que toparam ser atravessados pelas narrativas da história de passados que nunca passam! Com vocês aprendi muito mais que ensinei, obrigado pelo fortalecimento da luta, do vigor dos debates sobre cidadania e direitos humanos.

Aos/as querid@s paraibanos que conheci na minha estadia em João Pessoa durante dois anos, espaço-tempo fundamental para me encontrar nos (des)caminhos da vida, sobretudo após o falecimento do meu irmão.

A UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), Campus Assu, instituição onde também estive enquanto professor substituto entre 2018 e 2019; pelo amadurecimento das reflexões e das trocas; pelo carinho dos alunos, todos e todas foram incríveis; pela amizade com os/as companheiros/as do Departamento de História, especialmente ao Rosenilson Santos, Ramon Matos, Vagner Ramos Filho, Josiane Ribeiro, Soraya Geronazzo, Fabio Morais, Marcelo Magalhães, Elioenai Souza e Modesto Cornélio Neto.

A UECE (Universidade Estadual do Ceará), Campus Feclesc/Quixadá, instituição em que entre 2019 e 2020 estive como professor substituto na área de Teoria e Metodologia da História; pela companhia dos/as professores/as nas batalhas do ensino de história: Lidia Noemia, Altemar Muniz, Edmilson Maia Júnior, Plauto Santos, Tácito Rolim, Tyrone Candido, Janilson Lima, Isadora Barreto, Juliana Vieira, Rafaela Teixeira e Isaíde Bandeira; pelos vínculos construídos com a comunidade indígena da Aldeia Tremembé, no município de Itarema, lugar em que estivemos coletivamente com alunos.

À Paula Bartolo, psicóloga que dividiu comigo angústias, incompreensões, ansiedades, dissabores da vida e das etapas dos concursos em um dos momentos mais delicados da minha vida; por abrir espaço para as fragilidades, entendê-las e usá-las como poderosas aliadas.

Ao Elias Veras, pela escuta, trocas intelectuais e compreensão precisa.

Aos/as amigos historiadores/as e agregados/as da UECE, Lorrann Rocha, Germano 'Magão', Luã Rodrigues, Bruno Costa, Pádua Júnior, Pedro Ivo, Kel Costa, João Nogueira, Marcelo e Pedro Ramos, Jefferson Mexicano, Pedro Gregório, pelo fortalecimento da luta diária contra todo e qualquer tipo de intolerância, injustiça e fascismo.

Aos/as amigos/as de colégio, e seus companheiros/as, que estão presentes desde a infância, nos tempos de ensino fundamental, Fernando Rocha, César Portugal, Gustavo Teixeira, André Acioly, André Lavor, Igor Teixeira, Neto Almeida, César Sousa, Pedro Feitosa, Yahn Backer, André Filipe, Lucas Pimenta e Vilmar Júnior, pela parceria, apoio e confiança que nos atravessam nos 'corres' do dia a dia.

Ao #47 e amigos que gravitam em torno do Fortaleza Esporte Clube, que compartilham emoções, felicidades e frustrações nos estádios.

A minha família, em especial aos/as tios/as Eridan Moraes, Edivania Moraes, Euná Moraes, Ocelia Pinheiro, mulheres, fortes, e exemplo para mim; aos meus primos Gabriel Moraes, Pedro Moraes e Alisson Pinheiro; aos/a meus maravilhosos sobrinhos/a: Caio Fernando, Yuri Pinheiro e Sarah Lia Pinheiro, pela motivação e reminiscências que carregam.

À Cecília Gomes, mulher querida e especial, a quem sou grato pelo enlace das nossas energias, afeto, companheirismo, escutas, afinidades, carinho e os mais genuínos sentimentos. Seguimos compartilhando a vida para ter mais risadas, sorrisos frouxos e abraços apertados.

Por fim, agradeço a minha mãe, Francisca Eliane Moraes Pinheiro, e ao meu pai, Antônio Fernando Pinheiro, pelo amor, dedicação, esforço e afetividade. Com vocês aprendi a importância da gentileza e da generosidade com o próximo.

Aos deuses do universo, pela espiritualidade e fé tão caras à vida.

RESUMO

A partir da segunda metade do século XX, os estádios de futebol constituíram-se em um espaço-tempo em que torcedores, organizados coletivamente, mobilizaram-se e protagonizaram espetáculos que foram ressignificados até a atualidade. Nesse intercuro, diferentes modelos coletivos do torcer conformaram um mosaico de experiências nos estádios, designados neste estudo como movimentos de primeira, segunda, terceira e quarta ondas, terminologias nevrálgicas para o mapa esboçado nesta investigação. Assim, o recurso da metáfora das ondas do mar, para expressar a história das torcidas, esboça a fluidez e a sutileza das rupturas e das permanências das experiências dos agrupamentos torcedores entre 1950 e 2020, que compreende desde a emergência dos *chefes de torcida com suas charangas* – primeira onda -, atravessando as *torcidas organizadas* – segunda e terceira onda -, até a guinada *antifascista* – quarta onda. Dessa forma, esta tese tem como objetivo central analisar como diferentes modelos coletivos do torcer atribuíram valores e sentidos em cada contexto, a partir dos tensionamentos provocados pela trajetória da Ultras Resistência Coral, *torcida antifascista* do Ferroviário Atlético Clube (FAC), criada em 2005, que combate o machismo, a homofobia, o racismo e a violência. Nesse sentido, ao interpelarmos a memória desses sujeitos e as residualidades desses acontecimentos, existem duas histórias neste estudo, complementares e associadas, que delineiam, de um lado, uma *história social dos modelos coletivos do torcer* e, por outro lado, uma *história da memória das torcidas e do antifascismo no futebol* no Estado do Ceará, ambas histórias (se) *movem (n) o mar das torcidas*. Para tanto, utilizamos a metodologia da História oral, os recursos de variação de escala micro e macroscópica da micro-história, o trabalho de campo etnográfico, a pesquisa qualitativa no ambiente digital - etnografia virtual, que possibilitaram garimpar, dissecar e entrecruzar entrevistas, periódicos, imagens e formulário eletrônico. Portanto, os seis capítulos desta tese foram divididos em duas partes. Na primeira delas, há a análise desde a reflexão teórico-metodológica que guia o trabalho, a formação do movimento de primeira com a popularidade dos dos estádios, até a profusão das torcidas organizadas na década de 1980 e o desgaste no limiar do século XXI. Na segunda parte da investigação, por meio da emergência da Ultras Resistência Coral - que conforma o movimento de quarta onda da história das torcidas - avaliamos os desdobramentos de um processo de politização externo ao futebol, sob o ponto de vista de esquerda, de multiplicação de torcidas antifascistas que, ao combater a intolerância e os discursos de ódio, redimensionaram aspectos historicamente constituídos nos espaços futebolísticos.

Palavras-chaves: Torcidas organizadas. Torcidas antifascistas. Insurreição Clubística. Sociabilidades festiva, conflitiva e militante. Antifascismo transnacional.

RESUMEN

A partir de la segunda mitad del siglo XX, los estadios de fútbol se convirtieron en un espacio-tiempo en el que los fanáticos, colectivamente organizados, movilizados y protagonistas de espectáculos que se han vuelto a representar hasta hoy. En este intervalo de tiempo, diferentes modelos colectivos de hinchadas dieron forma a estas experiencias en los estadios, designados en este estudio como movimientos de primera, segunda, tercera y cuarta ola, terminologías neurálgicas para el mapa descrito en esta investigación. Por lo tanto, el recurso de la metáfora de las olas del mar, para expresar la historia de los fanáticos, describe la fluidez y sutileza de las rupturas y la permanencia de las experiencias de los grupos de fanáticos entre 1950 y 2020, que comprende desde la aparición de las porristas con sus charangas - primera ola -, cruzando los aficionados organizados - segunda y tercera oleada -, hasta el giro antifascista - cuarta ola. Por lo tanto, esta tesis tiene el objetivo central de analizar cómo diferentes modelos colectivos de vítores atribuyeron valores y significados en cada contexto, basados en la tensión causada por la trayectoria de Ultras Resistência Coral, una multitud antifascista de Ferroviário Atlético Clube (FAC), creado en 2005, que combate el machismo, homofobia, racismo y violencia. En este sentido, al cuestionar la memoria de estos sujetos y los residuos de estos eventos, hay dos historias en este estudio, complementarias y asociadas, que resumen, por un lado, una historia social de los modelos colectivos de aficionados y, por otro lado, una historia de la memoria de fanáticos y antifascismo en el fútbol en el estado de Ceará, ambas historias (se) mueven (en) el mar de fanáticos. Para hacerlo, utilizamos la metodología de la historia oral, los recursos de variación de escala micro y macroscópica de la microhistoria, el trabajo de campo etnográfico, la investigación cualitativa en el entorno digital: etnografía virtual, que permitió realizar entrevistas cruzadas, revistas e imágenes, y forma electrónica. Por lo tanto, los seis capítulos de esta tesis se han dividido en dos partes. En el primero, está el análisis de la reflexión teórico-metodológica que guía el trabajo, la popularidad de los estadios, la formación del movimiento de la primera ola, la profusión de los fanáticos organizados en la década de 1980 y el desgaste en el umbral del siglo XXI. En la segunda parte de la investigación, a través de la aparición de Ultras Resistência Coral, que forma el movimiento de la cuarta ola en la historia de los fanáticos, evaluamos el desarrollo de un proceso de politización externo al fútbol, desde el punto de vista izquierdo, de la multiplicación de fanáticos antifascistas que, al combatir la intolerancia y el discurso de odio, han reformado aspectos históricamente constituidos en los espacios de fútbol.

Palabras clave: Aficionados organizados. Aficionados antifascistas. Club Insurrección. Sociabilidad festiva, militante y conflictiva. Antifascismo transnacional.

ABSTRACT

From the second half of the twentieth century, football stadiums constituted a space-time in which fans, collectively organized, mobilized and starred in shows that have been reframed until today. In this intercourse, different collective models of twisting shaped these experiences in the stadiums, designated in this study as first, second, third and fourth wave movements, neuralgic terminologies for the map outlined in this investigation. Thus, the resource of the metaphor of the sea waves, to express the history of the fans, outlines the fluidity and subtlety of the ruptures and the permanence of the experiences of the fan groups between 1950 and 2020, which comprises since the emergence of the cheerleaders with their charangas - first wave -, crossing the organized fans - second and third waves -, until the antifascist turn - fourth wave. Thus, this thesis has the central objective of analyzing how different collective models of cheering attributed values and meanings in each context, based on the tension caused by the trajectory of Ultras Resistência Coral, an anti-fascist crowd of Ferroviário Atlético Clube (FAC), created in 2005, that combats machismo, homophobia, racism and violence. In this sense, when questioning the memory of these subjects and the residuals of these events, there are two stories in this study, complementary and associated, that outline, on the one hand, a social history of the collective models of cheering and, on the other hand, a history of memory of fans and anti-fascism in football in the State of Ceará, both stories move the sea of fans. To do so, we used the methodology of oral history, the micro and macroscopic scale variation resources of microhistory, ethnographic fieldwork, qualitative research in the digital environment - virtual ethnography, which made it possible to pan and cross interviews, journals, images and electronic form. Therefore, the six chapters of this thesis were divided into two parts. In the first, there is the analysis from the theoretical-methodological reflection that guides the work, to the popularity of the stadiums, the formation of the first wave movement, the profusion of the fans organized in the 1980s and the wear and tear on the threshold of the 21st century. In the second part of the investigation, through the emergence of Ultras Resistência Coral - which forms the fourth wave movement in the history of the fans - we evaluated the unfolding of a politicization process external to football, from the left point of view, of multiplication of anti-fascist fans who, by fighting intolerance and hate speech, have reshaped aspects historically constituted in football spaces.

Keywords: Organized fans. Antifascist fans. Club Insurrection. Festive, conflicting and militant sociability Transnational anti-fascism.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1** – Formulário da Ultras Resistência Coral na plataforma *Google Forms*
- Imagem 2** – Zé Limeira: chefe de torcida do FAC
- Imagem 3** – Excentricidade de Zé Limeira ao exibir a coleção de chifres de boi
- Imagem 4** – Gumercindo e sua charanga no estádio Presidente Vargas
- Imagem 5** – A Charanga do Gumercindo em ação
- Imagem 6** – Charanga e festividade na Geral do Castelão em 1975
- Imagem 7** – Gumercindo e o aniversário de quinze anos da charanga em 1975
- Imagem 8** – Excentricidade de Gumercindo
- Imagem 9** – Pedrão da Bananada no Abrigo Central
- Imagem 10** – Jaime de Carvalho e sua charanga em Fortaleza
- Imagem 11** – Excentricidade de ‘Pedão’ da Bananada
- Imagem 12** – Campanha Vamos moralizar o estádio
- Imagem 13** – Movimento de Renovação Alvinegra (Morena)
- Imagem 14** – Frente de Apoio ao Fortaleza (FAF)
- Imagem 15** – Mulheres integrantes da torcida Garra Tricolor
- Imagem 16** – Reunião da torcida organizada Garra Tricolor no Círculo Militar
- Imagem 17** – Bandeiras e instrumentos da Garra Tricolor
- Imagem 18** – Engri Engenharia patrocina Garra Tricolor e Fiel Tricolor
- Imagem 19** – Torcidas organizadas do Ceará apoiam presidente
- Imagem 20** – Membros da primeira diretoria da Garra Tricolor
- Imagem 21** – Chegada da Garra Tricolor no Estádio Castelão
- Imagem 22** – Dezenas de bandeiras da Garra Tricolor no Castelão
- Imagem 23** – Passeata da torcida do Fortaleza
- Imagem 24** – Garra Tricolor no Estádio Morenã em Iguatu
- Imagem 25** – Cartão de natal da Garra Tricolor
- Imagem 26** – Fundadores da torcida Garra Tricolor
- Imagem 27** – Faixas das torcidas Cearamor e Fiel Tricolor lado a lado no Estádio Castelão
- Imagem 28** – Tubarões da Barra: a primeira torcida organizada do FAC
- Imagem 29** – Puxadores da torcida Falange Coral
- Imagem 30** – Torcida Falange Coral no Estádio Castelão em 1992
- Imagem 31** – Esquadrão Itaoca da TFC
- Imagem 32** – Esquadrão Feminino da torcida Falange Coral

- Imagem 33** – Torcida Falange Coral em 1995 no Estádio Presidente Vargas
- Imagem 34** – Torcida Falange Coral no Estádio Castelão em 1998
- Imagem 35** – Fundadores da Cearamor
- Imagem 36** – Torcida organizada Cearamor nos anos 1980
- Imagem 37** – Torcida organizada Cearamor no Estádio Castelão em 1994
- Imagem 38** – Camisa da Cearamor na década 1980 com patrocínio Poupança BEC
- Imagem 39** – Primeira faixa da TUF no Estádio Presidente Vargas
- Imagem 40** – Fátima Batista nos anos 1990 com boné da TUF e camisa tricolor
- Imagem 41** – Estatuo manuscrito da TUF
- Imagem 42** – Aliança com a Inferno Coral e Máfia Vermelha anos 1990
- Imagem 43** – Bandeirão da TUF no Estádio Castelão
- Imagem 44** – Ficha de cadastro do sócio da TUF em 1993
- Imagem 45** – Canais de comunicação utilizados pela TUF
- Imagem 46** – 4º Núcleo e 10º Núcleo da TUF
- Imagem 47** – Autênticos torcedores x torcidas organizadas
- Imagem 48** – Bonde dos Hooligans (BDH)
- Imagem 49** – Integrantes do BDH com camisa do movimento
- Imagem 50** – BDH e Bonde do Madruga em Natal
- Imagem 51** – SobraNada no Estádio Presidente Vargas em Fortaleza
- Imagem 52** – SobraNada no Rio de Janeiro
- Imagem 53** – CJT Bonde do Madruga
- Imagem 54** – Núcleo fundador da torcida Ultras Resistência Coral
- Imagem 55** – *Rash* Seção Fortaleza
- Imagem 56** – *Cock Sparrer* - uma banda de fanáticos do West Ham United
- Imagem 57** – Membros da TFC exibem faixa Esquadrão no teto de ônibus
- Imagem 58** – *Boot boy/hooligan/skinhead* do *West Ham United* da Inglaterra
- Imagem 59** – Símbolo do punho esquerdo erguido da torcida organizada
- Imagem 60** – Primeira faixa com o lema da Ultras Resistência Coral
- Imagem 61** – Torcida *BAL do Livorno e Red Boys Ternana* da Roma
- Imagem 62** – Torcida *Bukarenos* do *Rayo Vallencano*
- Imagem 63** – Ultra *Saint Pauli* da Alemanha
- Imagem 64** – Faixa Resistência Palestina na torcida do Ferroviário no Estádio Presidente Vargas
- Imagem 65** – *Fascist & Antifascist* groups da Espanha

- Imagem 66** – Ultras da Espanha
- Imagem 67** – Aporte visual no Barbarians Pub
- Imagem 68** – Faixa Resistência Antimachista no Estádio Presidente Vargas
- Imagem 69** – Faixa Aliança Operária Antirracista no Estádio Presidente Vargas
- Imagem 70** – Verso da Camisa da URC em 2006
- Imagem 71** – Faixa Lenin e membros da torcida URC em 2006
- Imagem 72** – Ampliação da torcida URC em 2007
- Imagem 73** – Integrantes da URC no Estádio Presidente Vargas
- Imagem 74** – Faixas da URC no Estádio Castelão
- Imagem 75** – Divulgação do fanzine produzido pela URC
- Imagem 76** – Bloco de Carnaval Zé Limeira
- Imagem 77** – Censura de faixa da URC no Estádio Presidente Vargas em 2020
- Imagem 78** – Capas das seis reportagens da série ‘De torcedor a consumidor’
- Imagem 79** – Experiências em um dia de jogo
- Imagem 80** – Público, preços e ocupação no futebol brasileiro em dez anos
- Imagem 81** – Geral e arenização nas reformas do Estádio Castelão
- Imagem 82** – Bar Frango Assado no entorno da Arena Castelão
- Imagem 83** – O espaço do rádio na paixão pelo clube
- Imagem 84** – O comportamento torcedor: entre o anjo e o diabo
- Imagem 85** – URC nas Jornadas de Junho de 2013
- Imagem 86** – Manifestação de 2013 em um dos acessos à Arena Castelão
- Imagem 87** – A rua é a maior arquibancada do Brasil
- Imagem 88** – URC satiriza o movimento sem partido
- Imagem 89** – URC ironiza a bandeira ‘Abaixo à corrupção’
- Imagem 90** – URC combate grupos fascistas
- Imagem 91** – Nota de esclarecimento da URC
- Imagem 92** – Comemoração de oito anos da URC
- Imagem 93** – Valdemar Caracas e Padre Haroldo: memória coletiva do FAC
- Imagem 94** – Comemoração de nove anos da URC
- Imagem 95** – Convite para aniversário da URC
- Imagem 96** – Banda no aniversário da URC
- Imagem 97** – Comemoração de onze anos da URC
- Imagem 98** – Comemoração de doze anos da URC
- Imagem 99** – Convite para inauguração do Barbarians Pub

- Imagem 100** – URC na inauguração do Barbarians Pub
- Imagem 101** – Torcidas antifascistas no novo Barbarians Pub
- Imagem 102** – Aporte visual na reinauguração do Barbarians Pub
- Imagem 103** – Convite para plenária da URC
- Imagem 104** – Ultras Resistência Coral no Estádio Presidente Vargas em julho de 2016
- Imagem 105** – URC no Arena Castelão em 1 de maio de 2017
- Imagem 106** – URC no Estádio Presidente Vargas em 2018
- Imagem 107** – URC na Arena Castelão em julho de 2018
- Imagem 108** – Pré-jogo e composição da URC no Estádio Presidente Vargas em 2019
- Imagem 109** – URC no Estádio Presidente Vargas em 2019
- Imagem 110** – URC na Arena Castelão em julho de 2019
- Imagem 111** – URC no Elzir Cabral em 2020, sede do clube Ferroviário
- Imagem 112** – URC no Estádio Presidente Vargas em janeiro de 2020
- Imagem 113** – Famílias e integrantes da URC no Estádio Presidente Vargas
- Imagem 114** – Antifas na América Latina
- Imagem 115** – Antifa da Alemanha e URC na Arena Castelão
- Imagem 116** – Rede antifascista
- Imagem 117** – Símbolos de clube *antifa* no mundo
- Imagem 118** – Antifascistas da Garra Blanca do Colo Colo no Chile e URC
- Imagem 119** – URC e Resistência Tricolor do Fortaleza
- Imagem 120** – URC, Resistência Tricolor e Vozão Antifascista
- Imagem 121** – Faixas da Vozão Antifascista e URC em ato em Fortaleza
- Imagem 122** – URC contra a memória pró-ditadura
- Imagem 123** – Torcidas antifascistas na mobilização da Campanha Ditadura Nunca Mais
- Imagem 124** – pichação na parede do Estádio Presidente Varga
- Imagem 125** – URC parabeniza a torcida Falange Coral
- Imagem 126** – URC se solidariza com integrantes assassinados da TUF
- Imagem 127** – URC divulga caminhada das torcidas organizadas em Fortaleza e repudia morte de integrante da TUF
- Imagem 128** – URC protesta contra a Federação Cearense de Futebol
- Imagem 129** – URC em ato contra o Governo Temer
- Imagem 130** – URC participa da greve dos operários da construção civil
- Imagem 131** – Panfleto distribuído pela URC no estádio
- Imagem 132** – Torcidas antifascistas contra Governo Bolsonaro em Fortaleza

Imagem 133 – URC apoia greve dos petroleiros

Imagem 134 – Mulheres integrantes da URC no Estádio Presidente Vargas

Imagem 135 – Faixa da Resistência Antimachista da URC censurada

Imagem 136 – Relato de combate às músicas machistas e homofóbicas no estádio

Imagem 137 – URC publica nota sobre a violência contra mulheres no futebol do coletivo Torcedoras do Leão

Imagem 138 – URC divulga roda de conversa sobre a disputa feminina por espaço no esporte

Imagem 139 – URC compartilha Campanha Lugar de mulher é onde ela quiser

Imagem 140 – URC homenageia aniversário de oitenta anos do FAC

Imagem 141 – URC homenageia aniversário de oitenta e dois anos do FAC

Imagem 142 – Famílias da URC no aniversário de oitenta e cinco anos do FAC

Imagem 143 – Símbolos operários para homenagear o aniversário de oitenta e seis anos do FAC

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Rendas dos clássicos entre Fortaleza e Ceará entre 1956 e 1965

Gráfico 1 – Percentual de membros da URC (in)disponíveis para contato

Gráfico 2 – Profissões dos membros da URC

Tabela 2 – Narrativas do formulário

Tabela 3 – Narrativas sobre o antifascismo no futebol

Tabela 4 – Narrativas sobre as demais torcidas organizadas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- PPGH** – Programa de Pós-graduação em História
- IFPB** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
- UERN** – Universidade Estadual do Ceará
- UECE** – Universidade Estadual do Ceará
- FECLESC** – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central
- FAC** – Ferroviário Atlético Clube
- STF** - Superior Tribunal Federal
- ANPUH** – Associação Nacional de História
- URC** – Ultras Resistência Coral
- TOC** – Torcida Organizada Cearamor
- TFC** – Torcida Falange Coral
- TUF** – Torcida Uniformizada do Fortaleza
- CSC** – Ceará Sporting Club
- FEC** – Fortaleza Esporte Clube
- MAHIS** – Mestrado em História e Culturas
- UECE** – Universidade Estadual do Ceará
- RASH** – Red and Anarchist Skinheads
- UFC** – Universidade Federal do Ceará
- MITT** – Movimento Independente da Torcida Tricolor
- MOFI** – Movimento Organizado Força Independente
- PV** – Presidente Vargas
- RN** – Rio Grande do Norte
- CSA** – Centro Sportivo Alagoano
- AL** - Alagoas
- CPDOC** - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- FGV** – Fundação Getúlio Vargas

NEHO – Núcleo de Estudos em História Oral

USP – Universidade de São Paulo

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

FCD – Federação Cearense de Desportos

ADC – Associação Desportiva Cearense

CND – Conselho Nacional de Desportos

RFFSA - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima

FEB – Força Expedicionária Brasileira

PMEC - Polícia Militar do Estado do Ceará

CMAD - Conselho Municipal de Assistência aos Desportos

APCDEC - Associação Profissional da Crônica Desportiva

APIRCE - Associação Profissional das Industrias de Refrigerantes do Ceará

MORENA – Movimento de Renovação Alvinegra

FAF – Frente de Apoio ao Fortaleza

BDH – Bonde dos Hooligans

JGT – Jovem Garra Tricolor

ANATORG – Associação Nacional de Torcidas Organizadas

G.E.S.T.O Fúria Jovem do Ceará – Grêmio Esportivo Social Torcida Organizada

TOV – Torcida Organizada do Vasco

FTOR – Federação de Torcida Organizadas do Rio de Janeiro

FJB – Fúria Jovem do Botafogo

TJB – Torcida Jovem do Botafogo

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

CIALTRA – Companhia Industrial de Transportes

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

CEPPE - Consultoria, Estudo e Pesquisa em Psicologia do Esporte

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

FCF – Federação Cearense de Futebol

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	27
 PARTE I - OS DESLOCAMENTOS NO MAR DAS TORCIDAS: DINÂMICAS E RESSIGNIFICAÇÕES ENTRE CHARANGAS E TORCIDAS ORGANIZADAS	 57
 CAPÍTULO I - AFETADO E ATRAVESSADO PELO FUTEBOL: TRILHANDO O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO	 58
 1.1) Do afeto à produção de fontes históricas: as experiências na/da delimitação temática.....	 58
1.1.1) História Oral.....	65
1.1.2) Micro-História.....	71
1.1.3) Etnografia virtual, netnografia, ciberantropologia: como podem os historiadores atuarem nas redes sociais?.....	74
1.1.4) Cultura visual, imagem e acervos pessoais.....	79
1.1.5) Periódicos.....	83
1.1.6) Formulário.....	86
 1.2) Conceitos.....	 88
 CAPÍTULO II – O MOVIMENTO DE PRIMEIRA ONDA: A EMERGÊNCIA DOS CHEFES DE TORCIDA NO FUTEBOL CEARENSE.....	 98
 2.1) Profissionalização, popularização, espetacularização e a conformação das torcidas no futebol cearense	 98
 2.2) Zé Limeira, Gumercindo e Pedão da Bananada: a emergência das charangas nos estádios.....	 106
 2.3) Popularização e rentabilidade do futebol cearense: os dispositivos de controle das torcidas no passado e no presente	 123
 2.4) A juventude e a disputa pela liderança das torcidas	 128

2.5) O movimento de Segunda Onda: a torcida organizada Garra Tricolor nos anos 1980.....	139
2.5.1) Da estrutura e organização.....	143
2.5.2) Um dia de jogo: como socializa e se articula uma torcida organizada?	151
2.5.3) Dos sujeitos fundadores e do fim-início de outra era	158

CAPÍTULO III – OS MOVIMENTOS DE SEGUNDA E DE TERCEIRA ONDAS: ASCENSÃO E DESGASTE DA HEGEMONIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS...165

3.1) Da profusão ao reordenamento das torcidas organizadas nos anos 1990.....	166
3.2) Cidade das torcidas organizadas: territórios, sociabilidades do conflito e a busca pela visibilidade nos bailes funks e nas arquibancadas	169
3.3) “Ferroviário é foda, é tradição não é moda, quem disse que acabou, eu digo nada mudou!”	175
3.4) Cearamor... Cearamor... Cearamor... CearAMOR... E vai rolar a festa, vai rolar, o povo alvinegro mandou avisar!.....	183
3.5) A TUF é quem manda, não é mole não, reina no PV e também no Castelão.....	192
3.6) O movimento de terceira onda: o desgaste da hegemonia das organizadas e a multiplicidade da renovação	199
3.7) Quebra-mar: o que está por trás dos - não tão novos - movimentos de torcidas <i>de pista?</i>	210

PARTE II - A GUINADA ANTIFASCISTA: A TRAJETÓRIA DA TORCIDA ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL.....216

CAPÍTULO IV - O MOVIMENTO DE QUARTA ONDA: A EMERGÊNCIA DA ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL, SOCIABILIDADE MILITANTE E INSURREIÇÃO CLUBÍSTICA

4.1) A Primeira Geração: skinheads, hooligans e entrismo	221
--	-----

4.2) Ultras Resistência Coral: nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes.....	237
4.2.1) Transnacionalização das torcidas antifascistas	248
4.3) Manifesto de fundação: sociabilidade militante e insurreição clubística	257

CAPÍTULO V – PASSADOS QUE NÃO PASSAM: FUTEBOL MODERNO, ARENAS MULTIUSO E RESIDUALIDADES DO CONTROLE DAS TORCIDAS.....268

5.1) A Segunda Geração: uma frente de esquerda como uma correia de transmissão de lutas.....	269
5.2) Toda história é produto das ações de pessoas em carne e osso: o perfil social dos membros da URC.....	278
5.2.1) Sobre a temporalidade dos integrantes na torcida.....	284
5.3) Experiências da censura e da repressão: táticas, agenciamento e memórias.....	286
5.4) Futebol moderno: os sentidos do estádio em disputa	297
5.4.1) O direito à cidade: os impactos da <i>arenização</i> e a referência cultural dos estádios de massa	305
5.4.2) De Torcedor a Consumidor: um caminho sem volta?	311
5.4.3) Popular para quem	313
5.4.4) “Tem que deslanchar”.....	318
5.4.5) “Pequenos respiram”.....	321
5.4.6) “Conforto para poucos”.....	323
5.4.7) “Tão perto e tão longe”.....	326
5.4.8) “Como nos bons tempos”.....	329
5.5) As Jornadas de Junho de 2013	335

CAPÍTULO VI – INSURREIÇÃO CLUBÍSTICA: A POTENCIA POLÍTICA TRANSNACIONAL DAS TORCIDAS ANTIFASCISTAS.....340

6.1) Terceira Geração: memória social e comemorações	342
--	-----

6.2) Uma história fotográfica da URC: a visualidade das imagens da torcida nos estádios.....	351
6.3) Antifascismo transnacional: as redes das torcidas antifascistas no atualismo.....	358
6.4) Como a URC compreende as torcidas organizadas e as torcidas antifascistas?.....	367
6.5) A potência política de uma torcida: atos, greves e manifestações sociais.....	374
6.6) Mulheres antifascistas: a disputa por espaço no esporte	378
6.7) O nove de maio: memória operária subversiva da fundação do FAC	387
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	392
REFERÊNCIAS	402
APÊNDICES	418
ANEXOS	422

“O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer”.

Walter Benjamin

INTRODUÇÃO

Maio de 2020. Integrantes de torcidas organizadas e de torcidas antifascistas decidem ir às ruas para dizer não aos movimentos de grupos políticos pró-governo que ocuparam os espaços públicos durante aproximadamente oito semanas consecutivas. Tais disputas foram conformadas em meio às limitações da pandemia do novo *coronavírus* e do isolamento social, apesar de que naquele mês - auge da contaminação e do número de mortes - o Governo Federal do Brasil esteve sem um Ministro da Saúde, que deveria ser o vetor das respostas para a crise sanitária, mas acabou se tornando o estimulador desse cenário.

Um dos desdobramentos dessa recusa do Estado se refere às diferentes apropriações adotadas pela população a partir dessas políticas públicas. Diante da pandemia, apoiadores do governo Jair Bolsonaro (sem partido) passaram a realizar manifestações que variam de carreatas pelo fim do isolamento social a atos solicitando o fechamento do Congresso Nacional, do Superior Tribunal Federal (STF) e o retorno da ditadura civil-militar¹.

A expressão mais evidente destes grupos se materializou com a emergência do movimento denominado *300 do Brasil*², na ocupação da Praça dos Três Poderes em Brasília. Liderado por Sara Winter, o grupo atua por meio de marchas pela Esplanada com tochas, máscaras e roupas pretas, assumidamente a favor do uso de armas, do conservadorismo e das pautas defendidas pela extrema direita³. Em contrapartida, as respostas à ocupação das ruas por esses movimentos, que paulatinamente fascistizam a sociedade brasileira, foram incentivadas por torcedores, tanto de torcidas organizadas como de torcidas antifascistas, que mobilizaram-se para disputar o espaço público sob o movimento designado como *Somos Democracia*⁴.

Dessa forma, a investigação proposta nessa tese lança luz sobre as reminiscências e os possíveis significados do potencial político desse encontro entre as torcidas organizadas e a pauta antifascista.

¹ Disponível em (1) <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/30/covid-19-bolsonaro-incentivou-carreata-contrainisolamento-social-em-manauas.htm> (2) <https://oglobo.globo.com/rio/carreata-vai-da-barra-botafogo-em-protesto-contrainisolamento-e-pela-reabertura-do-comercio-24431957> (3) <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/grupo-faz-carreata-e-aglomeracao-contrainisolamento-em-fortaleza-mas-e-dispersado-pela-policia-1.2235713> (4) https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/03/interna_gerais.1144030/manifestantes-pedem-fim-do-isolamento-social-em-carreata-na-regiao-cen.shtml. Acessados em junho de 2020

² Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/marcha-dos-300-de-sara-winter-nao-tinha-nem-30-em-protesto-contrainstf-24455292>. Acessado em junho de 2020

³ Conferir CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v.18, n.1, p. 147-165, 2012.

⁴ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944>. Acessado em junho de 2020. Atos de torcidas contra Bolsonaro: o que levou as organizadas às ruas contra o presidente durante a pandemia

O recrudescimento dos antagonismos políticos teceu o cotidiano do país no período em que esta pesquisa se desenvolvia no curso de doutorado, iniciado em 2016. De lá para cá, as instituições democráticas foram desmanteladas; a operação *Lava-Jato* foi conduzida pelo questionado juiz Sérgio Moro; uma presidenta eleita, Dilma Roussef, foi destituída por meio de um golpe parlamentar e, recentemente, houve a eleição de Jair Bolsonaro para presidência da República com uma agenda neoliberal e ultraconservadora⁵.

As cenas narradas revelam a escalada das contradições sociopolíticas que afetam direta e indiretamente todo o país. Em meio a esse contexto, de um lado emergem demandas sociais de grupos identitários enquanto temas sensíveis e, por outro lado, o conhecimento, a ciência e, particularmente a história, estão sob a mira de grupos e movimentos que procuram questionar o caráter ético e político da educação e da pesquisa histórica.

Nos últimos anos, esse quadro histórico abriu espaço para posturas deliberadas de negacionismos, cujo intento consciente de distorcer a realidade está alicerçado em um maquinário de negação do passado, às vezes por meio de uma sólida estrutura financeira e empresarial⁶. Por conseguinte, este negacionismo trouxe para um plano evidente a disseminação de inverdades que o jargão midiático designou enquanto *fake news*⁷, em um contexto que ficou conhecido como pós-verdade⁸. Essas são algumas facetas desse processo que deixará sequelas para o desenvolvimento da sociedade.

A explosão do negacionismo, vinculada à dimensão e grupos políticos, objetiva instaurar a dúvida e colocar em cheque o conhecimento produzido pelas humanidades em geral. Nesse

⁵ Conferir GRIJÓ, Luiz Alberto. **A dança das bolinhas**: notas sobre o Brasil interrompido. / Juliana Gabriel Garcia. -Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SOUZA, Jessé; VALIM, Rafael; et al. **Resgatar o Brasil** | Jessé Souza; Rafael Valim (coords.) – São Paulo: Editora Contracorrente/Boitempo, 2018.

WARDE, Walfrido. **O espetáculo da corrupção**: como um sistema corrupto e o modo de combatê-lo estão destruindo o país / Walfrido Warde. – Rio de Janeiro: Leya, 2018. 144p.

SARDINHA, Diogo. **A tirania dos poderes coniventes**: o Brasil na conjuntura | Diogo Sardinha – São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe (org.). **Historiadores pela Democracia** – O golpe de 2016: a força do passado. Editora Alameda, 2016.

⁶ Disponível em <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/04/2019-o-brasil-paralelo-entre-o-passado-historico-e-a-picanha-de-papelao-por-fernando-nicolazzi/>. Acessado em junho de 2020. Conferir NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas. O historiador público em um mundo não linear. **Revista Maracanã**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 18-34, jan./jun. 2018.

⁷ Conferir ARAÚJO, Valdei Lopes de; KLEN, Bruna S.; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Do fake ao fato**: (des)atualizando Bolsonaro / Bruna S. Klen, Mateus Henrique de Faria Pereira, Valdei Lopes de Araujo (organizadores). Vitória: Editora Milfontes, 2020.

⁸ Conferir Meneses, Sônia. Negacionismos e Histórias Públicas Reacionárias: Os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **OPISIS**, 19(2), 1-9, 2019.

sentido, torna-se necessário reafirmarmos os aspectos éticos e políticos das narrativas e das formas de expressão do conhecimento.

Assim, o aspecto ético se refere aos efeitos esperados pela pesquisa e ensino, que partem de recortes do passado caucados nas demandas do presente que legitimam a atividade do historiador (DUMOULIN, 2017; JENKINS, 2001). É nessa perspectiva que problematizamos o modo como organizações coletivas do torcer atribuíram valores, sentidos e significados às suas experiências em diferentes contextos, avaliando as residualidades desse processo no que definimos como guinada antifascista⁹ da história das torcidas, no século XXI. A escrita da história sobre esses passados não consiste em uma atitude desinteressada, mas voltada ao futuro através das conexões com os passados vivos.

Há, atualmente, uma considerável produção nas ciências sociais sobre futebol, tributária de um processo de expansão dos estudos nas últimas décadas, seja no âmbito dos jogadores, da imprensa e meios de comunicação, da gestão, da identidade nacional ou das torcidas¹⁰. Desde o final do século XX, importantes obras vêm sendo produzidas pelas ciências humanas, de modo que a historiografia do futebol se constituiu como uma área do conhecimento fértil para a compreensão dos fenômenos sociais. Nota-se, assim, que este campo do conhecimento se solidificou ao estabelecer uma multiplicidade de caminhos investigativos para a compreensão das relações sociais no/do/por meio do futebol.

Dessa forma, tendo em vista essa produção considerável, tornou-se impreciso inserir as recentes pesquisas no âmbito genérico da Historiografia do Futebol. Um desdobramento desse diagnóstico se refere à necessária compartimentação desta área de conhecimento em subgrupos, o que nos fez alocar este trabalho na Historiografia do Torcer¹¹. À vista disso, essa escolha

⁹ A terminologia guinada antifascista expressa a profusão de torcidas e de coletivos antifascistas na segunda década do século XXI, desenvolvida no quarto, quinto e sexto capítulo desta tese. Em contrapartida, vale ressaltar que, durante a escrita deste trabalho, precisamente no final do terceiro capítulo, ao questionarmos sobre os efeitos da emergência do antifascismo no futebol, interrogamos sobre a possibilidade de, em um futuro próximo, possíveis novas rivalidades serem constituídas nas arquibancadas entre grupos antifascistas x fascistas, de tal modo como ocorrem há décadas na Europa. Assim, no momento de revisão do texto para entrega aos membros da banca, um rápido levantamento nas redes sociais nos fez constatar a criação de páginas de torcidas/coletivos denominados, por exemplo, 'São Paulo Anti-Antifa', 'Fortaleza Anti-Antifa', 'Vozão Anti-Antifa', 'Tuna Luso Anti-Antifa', 'Nacionalismo Rubro Negro', geralmente com descrições alusivas ao Nacionalismo, Deus, pátria e família.

¹⁰ Em meados da primeira década do século XXI, a iniciativa de criar um Simpósio Temático sobre a temática no Simpósio Nacional de História da ANPUH, intitulado História do Esporte e das Práticas Corporais, estimulou o desenvolvimento de pesquisas e o refinamento das discussões nesse campo de estudo.

¹¹ Compreendemos como historiografia do torcer um dentre vários setores da produção do conhecimento que se debruçam sobre o futebol, correspondendo às investigações que centralizam as análises nas expressões dos

implica em nos deslocar para a compreensão de um outro mundo, constituído pela pluralidade das expressões e formas coletivas do torcer que assumiram particularidades histórico-culturais no futebol do Estado do Ceará a partir da segunda metade do século XX.

Entre essas diferentes associações e organizações coletivas de torcedores, a presente pesquisa procura balizar de que maneira um tipo específico de formação, pautado na politização antifascista, constituiu-se no século XXI enquanto contraponto ao modelo protagonizado pelas torcidas organizadas já existentes. Sabe-se, no entanto, que, ao romper o padrão constituído pelos modelos de torcidas tradicionais, não só diferenças emergem das torcidas antifascistas, uma vez que o processo histórico se expressa por meio de rupturas, mas também de continuidades.

Nessa perspectiva, a trajetória da torcida Ultras Resistência Coral (URC), do Ferroviário Atlético Clube (FAC)¹², marca, portanto, essa nova formação coletiva de torcedores a partir de 2005, sendo fundamental investigar as variações mais sutis dos significados de um certo colapsamento das torcidas organizadas e da conformação das torcidas antifascistas na contemporaneidade¹³.

Argumentamos, através da análise diacrônica do objeto de estudo sobre a torcida Ultras Resistência Coral, como este grupo é simultaneamente resultado e marcador das diferenças com as torcidas organizadas a partir da segunda metade do século XX. Para tanto, recuamos temporalmente a análise de modo a entender as nuances dos modelos coletivos a partir dos anos 1950, avaliando os *estados sociais* (ARÓSTEGUI, 2006) que possibilitaram a emergência de diferentes modelos coletivos do torcer: dos chefes de torcida com suas charangas, passando pelas *torcidas organizadas*, e, nos anos 2000, a profusão de torcidas antifascistas. Assim, a

torcedores e das torcidas nos diversos espaços e tempos históricos. Entretanto, essa divisão não implica em marginalizar e – muito menos – desconsiderar as relevantes contribuições de estudos sobre, por exemplo, o futebol e a identidade nacional, os meios de comunicação, as práticas dos jogadores, etc.

¹² O Ferroviário Atlético Clube é um clube de futebol da cidade de Fortaleza, Estado do Ceará. Foi fundado em 1933 por trabalhadores da fábrica Rede de Viação Cearense, tem as cores vermelha, preto e branco e o seu mascote é o “Tubarão da Barra”, nome que faz alusão ao bairro Barra do Ceará, onde se localiza a sua sede Vila Olímpica Elzir Cabral. Historicamente, o Ferroviário representa o terceiro maior clube do estado do Ceará, foi campeão brasileiro da série D, nove vezes campeão e vinte vezes vice-campeão do Campeonato Cearense de Futebol.

¹³ No terceiro capítulo desta tese refletimos sobre o que definimos como um colapso parcial das torcidas organizadas. Argumentamos que houve no século XXI, sobretudo do ponto de vista político, um colapsamento da forma coletiva do torcer instituída pelas torcidas organizadas. Contudo, isso não significa afirmar que elas tenham deixado de existir, mas que outras formações irromperam a partir desse período. Este colapsamento sobre o qual escrevemos se refere ao movimento de desgaste e de críticas enunciadas sobre as torcidas organizadas, tanto por parte dos torcedores, da imprensa esportiva e da sociedade como um todo, que apreendem o fenômeno da violência, da incivilidade, da selvageria causadas pelas torcidas.

experiência da Ultras Resistência Coral consistiu simultaneamente no ponto de partida e no ponto de chegada desta investigação.

Para representar essas configurações das torcidas em distintos contextos, utilizamos o recurso da metáfora das *ondas do mar das torcidas* em que cada modelo coletivo do torcer corresponde a um movimento de onda. Nesse sentido, as quatro ondas expressam as formas organizadas das torcidas entre 1950 e 2020. A terminologia utilizada do movimento das ondas mapeia e estrutura os capítulos desta tese, exercendo uma função nevrálgica para a compreensão dos movimentos, rupturas, continuidades e residualidades dos modelos coletivos do torcer no Estado do Ceará, mas que também permite ser estendido a fim de lançar luz também em um cenário nacional, ressaltando as particularidades de cada espaço.

A primeira onda se refere à constituição das torcidas comandadas pelo *chefe de torcida* entre os anos 1950 e 1970. Por meio da uniformização dos integrantes da charanga e da sociabilidade festiva elaborada com os instrumentos de sopro e de percussão, *os chefes de torcida* exerceram um papel de promoção dos clubes. No Estado do Ceará, a charanga do Gumerindo, o Pedrão da Bananada e o Zé Limeira centralizaram a organização coletiva dos torcedores nesse período ocupando espaços da imprensa nos jornais e nas emissoras de rádio. Reconhecidos como torcedor autêntico, símbolo e popular, eles atuaram vinculados com a diretoria do clube em um momento em que os estádios se popularizavam. Dessa forma, ao mobilizar as torcidas, *os chefes de torcida* funcionavam como dispositivos de controle no monitoramento das massas que ocupavam os estádios.

O movimento da segunda onda se consolidou nos anos 1980 com a multiplicação de torcidas organizadas jovens¹⁴, que se estruturavam muito além do espaço-tempo do jogo a partir das estratégias coletivas tomadas por suas diretorias, com cargos e funções específicas na torcida. Essas instituições expressavam uma disputa pela liderança das torcidas ainda no final da década de 1970, em que jovens se articulavam coletivamente no futebol. Assim, as torcidas organizadas mobilizaram multidões nos estádios ao promover espetáculos na arquibancada. Tais experiências serão discutidas através das torcidas Garra Tricolor, criada em 1980; Torcida

¹⁴ São inúmeros os trabalhos que abordaram os jovens e a juventude. Nesta tese procuramos nos distanciar da tentativa de estabelecer um pensamento genérico sobre a cultura juvenil, uma vez que, ao estruturar mais uma abordagem sobre a juventude, a compreendemos ao mesmo tempo enquanto uma condição social e uma representação.

Organizada Cearamor (TOC), fundada em 1982; da Torcida Falange Coral (TFC), de 1990 e, por fim, pela Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), criada em 1991¹⁵.

Diante disso, os componentes das torcidas organizadas, por meio de rituais formais e informais, teceram relações sociais, atribuíram um sentido particular para as experiências e construíram um engajamento emocional de *pertencimento clubístico* – neologismo cunhado pelo antropólogo Arlei Damo - que, dentre outros motivos, possibilitou a permanência das torcidas organizadas até a atualidade.

Isto posto, a terceira e a quarta ondas são movimentos na história das associações coletivas do torcer conformados no limiar do século XXI, no momento de formulação de *torcidas alternativas* às torcidas organizadas, mas que nesse reordenamento há uma diversidade considerável de expressões do torcer.

A terceira onda traz à tona as formas coletivas de torcer que insurgem como contraponto às torcidas organizadas ou como rachaduras no interior destas, que, no Brasil, em geral, formaram-se desde os anos 1960 e, em particular no Estado do Ceará, nos anos 1980. No movimento de terceira onda, os novos agrupamentos torcedores ora se distanciam ora se aproximam das torcidas organizadas, mas se ergueram sob influências diversas: seja das *barras bravas* argentinas, seja elencando a violência como o elemento rechaçado, seja sob a forma de um movimento cultural. Cada um destes aspectos, a depender da localidade, motivou a inauguração de novas formações coletivas do torcer.

Tratava-se de uma alternativa em que a solução seria romper, mesmo que parcialmente, com as torcidas organizadas, e fundar outros grupos coletivos do torcer que se caracterizassem pela crítica à violência e simultaneamente instituísem novas práticas que variavam da estética à performance. Não há dúvidas de que esse processo adquiriu particularidades em cada região do Brasil, no qual diversos elementos compõem o quadro geral dessas transformações.

Nesse seguimento, a quarta onda emerge enquanto uma crítica mais radical às torcidas organizadas, que tem origem em um processo de politização exterior ao futebol, sob o viés da esquerda política, que constituiu uma rede de torcida antifascistas. Esse novo modelo coletivo do torcer combate não só a violência nos estádios, mas também o machismo, o racismo, à homofobia, à xenofobia e o “futebol moderno¹⁶”. Assim, essa resposta ao colapsamento das

¹⁵ As trajetórias dessas torcidas organizadas serão analisadas no terceiro capítulo deste trabalho.

¹⁶ A categoria “futebol moderno” e as disputas das apropriações do sentido em torno do conceito serão analisados no quinto capítulo desta tese. Resumidamente, consiste no conjunto de transformações econômicas, sociais,

torcidas organizadas, por meio da perspectiva antifascista, foi antecipada pela Ultras Resistência Coral, que redimensiona aspectos historicamente constituídos no futebol ao tensionar a cisheteronormatividade desses espaços.

Por conseguinte, a história do torcer é compreendida levando em consideração o torcedor não no sentido singular, mas nas diversidades das ações e das relações sociais dos sujeitos, das estéticas e formas morais populares. Portanto, a abordagem elaborada questiona e se diferencia da perspectiva construída por parte da imprensa esportiva, que associa as torcidas organizadas à violência. De forma alguma negamos que a violência não faz parte ou não existe nesse universo, contudo tal visão simplifica e reduz a dinâmica desses agrupamentos, tendo em vista a complexidade dessas instituições, da cultura juvenil e das sociabilidades construídas no espaço urbano.

Compreende-se neste trabalho a necessidade de revisitar tradicionais objetos de estudos relacionados ao futebol e, sobretudo, pensar outras possibilidades de investigação que não se atenham a elementos já consagrados como, os binômios futebol e identidade nacional, torcida e violência, etc, embora acreditamos que há ainda muito sobre o que entender nessas questões, à luz da renovação das fontes históricas e do refinamento teórico. Entretanto, este estudo trata-se de uma mobilização crítica no sentido de discutir as implicações políticas das formas de diálogo com certos movimentos esportivos e políticos de práticas não hegemônicas. Sobre essa oxigenação recente nos trabalhos desenvolvidos, Arlei Damo constata:

Essas pesquisas trazem um aporte teórico do campo dos estudos de gênero, sobretudo, e tem oxigenado a compreensão dos fenômenos futebolísticos no seu conjunto. Um outro grupo, que está chegando ao campo, é caracterizado por jovens envolvidos com militância política entre grupos organizados. São grupos ainda em fase de consolidação, implicados com o clubismo e a experimentação das emoções estéticas características desse meio, mas igualmente preocupados em combater as diferentes faces do sexismo e da xenofobia. (DAMO, 2018, p.53-54)

Dito isto, esta análise é tributária de uma trajetória de trabalhos fundamentais para a constituição do campo de estudo na historiografia do futebol e do esporte¹⁷, porém emerge em um momento que centraliza a perspectiva na compreensão de atores sociais e do seu agenciamento que repensam os fundamentos instituídos historicamente no futebol, trazendo à

culturais, organizacionais resultadas do processo de hipermercantilização do futebol que está em curso no Brasil, porém mais visíveis desde o final do século XX e nos vinte primeiros anos do século XXI.

¹⁷ Ainda nesta introdução da tese, apresentamos as obras com as quais dialogamos, dentre outras não menos importantes.

tona a relação com a militância política de esquerda, o combate ao racismo, ao machismo e à homofobia.

A conformação de um novo modelo coletivo do torcer no século XXI, sobretudo do ponto de vista de um processo de politização de esquerda, ocorreu com a criação em 2005 da torcida Ultras Resistência Coral. Seu surgimento se relaciona, de um lado, enquanto um desdobramento da crítica ao modelo protagonizado pelas torcidas organizadas e dos sintomas de crise e esgotamento deste modelo nos anos 2000, somado às transformações mais amplas organizacionais, culturais, sociais advindos da (hiper)mercantilização e da modernização do futebol. Por outro lado, consiste em uma proposta advinda da experiência de um grupo de jovens que procuram resgatar a origem de classe do clube, Ferroviário, e se posicionar politicamente nos espaços do futebol.

No entanto, em que consistiam esses modelos coletivos do torcer que foram sendo instituídos na segunda metade do século XX? Que valores e sentidos são mobilizados por agrupamentos torcedores em cada contexto? Quais as rupturas e as continuidades entre as charangas, torcidas organizadas e torcidas antifascistas? Buscamos responder esses questionamentos no decorrer do texto evidenciando as condições histórico-culturais de possibilidade para conformação dos modelos coletivos do torcer e demarcando as diferenças entre essas formações coletivas na cidade de Fortaleza.

Por um futebol que deforme¹⁸: a guinada antifascista na Ultras Resistência Coral

A torcida pra nós representava a nossa posição política no estádio. No caso, nós não íamos só pelo esporte, tinha a ver também, de certo modo, *fazer uma disputa pela consciência política das pessoas por meio do futebol* [grifo meu]. Não que nós fossemos militar por isso aqui, mas nós fomos para apresentar a

¹⁸ Este título dialoga e reposiciona algumas ideias trabalhadas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior sobre o lugar que o professor ocupa na pós-modernidade. Para Albuquerque Júnior, dentre as instituições sociais criadas na modernidade, a escola é um exemplo significativo na produção de subjetividades e na disciplinarização social. Contudo, diante da crise no tempo presente, qual lugar ocupado pela escola? Se a escola moderna é um fracasso, este não seria funcional para a sociedade que vivemos? Nessa perspectiva, transpondo parte das questões enunciadas pelo autor para este estudo, o futebol enquanto criação da modernidade, praticado notadamente pela elite, constitui também um fracasso funcional produtor de desigualdades e de exclusões? Busca-se pensar o futebol e as formas de torcer questionando, argumentando que precisamos de um futebol/torcida que deforme, e não que forme, torcedores que interroguem acerca dos códigos sociais em que foram formados. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72. Acesso em: 17 mar. 2018.

nossa posição por meio da torcida. A torcida tem um caráter de frente, tem anarquista, socialista, comunista, desde o princípio. (B, 2018)¹⁹.

Uma das novidades do século XXI, no que se refere à cultura do futebol e às possibilidades de envolvimento dos torcedores com seus clubes, foi o florescimento das *torcidas antifascistas* no Brasil. A que devemos atribuir a manifestação dessa cultura torcedora cada vez mais presente nas cidades no Brasil? A resposta para este problema, invariavelmente, é complexa, fez-nos atravessar por uma multiplicidade de elementos temporais, espaciais, econômicos e culturais que fraturam este debate. Este trabalho objetiva equacionar essas respostas e tornar inteligível o balanço dos problemas apresentados, inclinando-se para a curta, média e a longa duração na tentativa de entender o fenômeno dos modelos coletivos do torcer.

O desafio desta tese consiste em apresentar as dinâmicas das relações de dominação e de resistência evidenciadas na história das torcidas no Estado do Ceará. Assim, a sucessão dos modelos coletivos do torcer – *das charangas à guinada antifascista* – não são permeadas apenas pelas rupturas, mas também pelas permanências em uma relação dialética agencial-estrutural. Esse jogo de permanências e mudanças deve ser apreendido nas sutilezas, uma vez que uma das principais características *das ondas do mar das torcidas* é a fluidez.

De acordo com seus fundadores, a URC consiste na primeira torcida *antifa* do país, o que ensejou o ponto de partida para esta pesquisa. Contudo, para não incorrer no risco de reificar o que os membros da torcida dizem de si mesmos, sacralizando e monumentalizando uma memória coletiva, contrastamos as narrativas com outras versões para nuançar os significados deste grupo. Nesse sentido, entender o outro, tarefa precípua da antropologia, não equivale a acreditar nos seus mitos de origem ou dar-lhes a versão que os nativos nutrem de si mesmos, em uma espécie de apolódia ou autoexaltação.

Por que, então, é importante compreender essa frente de torcidas antifascistas no futebol? Historicamente a figura masculina associou o futebol a uma cultura machista e violenta, o que poderia viabilizar uma reprodução acrítica e naturalizada da cisheteronormatividade do esporte. Risco este acentuado particularmente pelas tendências do campo político recente do Brasil, cuja proliferação do autoritarismo, do conservadorismo, da censura e do cerceamento das liberdades perpassa o futebol e atingiu as formas de expressão dos torcedores e os espaços do futebol.

¹⁹ Entrevista concedida por B ao autor. Fortaleza, junho/2018. B é um dos fundadores da torcida Ultras Resistência Coral, filiado e militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Reivindica-se pertencente à subcultura skinhead. De família oriunda do município de Uruburetama, no Vale do Curu, B tinha, no momento da entrevista em 2018, 34 anos. Viveu parte da sua vida no Bairro Mucuripe. Atualmente cursa Música e trabalha no Barbarians Pub.

O recrudescimento do debate político nas torcidas entre o final do século XX e o início do XXI possibilita problematizar a instituição, a reprodução e a massificação das torcidas antifascistas enquanto alternativa urgente para que a cultura machista e violenta do esporte não seja naturalizada, instituindo a pauta democrática contra a homofobia, o racismo e a violência contra a mulher.

Procuramos, nessa perspectiva, objetar a leitura que se faz do futebol enquanto prática, paixão e mobilização acríticas, atentando inclusive para a emergência da inserção das esquerdas políticas nos espaços de mobilização que o futebol proporciona, dado o apelo popular que este esporte possui. Não à toa, o título remete à expressão *por um futebol que deforme*, desconstruindo e desnaturalizando os componentes que historicamente procuraram dar um contorno elitista ao esporte, sempre ressignificado e taticamente apropriado.

Não podemos esquecer, sobretudo, da dimensão política, filosófica e científica do conhecimento, mesmo que o resultado desse conhecimento seja parcial, provisório e perspectivista, pois o ato de conhecer não é uma recepção passiva do passado, mas uma atividade complexa tramada por meio de conceitos, de fontes, de metodologias e de um giro ético.

Assim, a epígrafe supracitada que deu início ao texto se trata de uma narrativa elaborada por um dos fundadores da torcida Ultras Resistência Coral. A partir da definição retratada na recordação, eis um impasse: qual o grau de interesse do engajamento emocional dos integrantes do movimento de quarta onda – as torcidas antifascistas – são torcedores e/ou militantes?

Pensando *a priori* sobre essa problemática, o ponto de partida e o ponto de chegada foram deslocados para a investigação da Ultras Resistência Coral, torcida criada em meados dos anos 2000 com o objetivo de, para além da afeição esportiva ao Ferroviário Atlético Clube (FAC), *‘fazer uma disputa pela consciência política das pessoas por meio do futebol’*. É a partir da análise de um grupo aparentemente comum, o *excepcional normal*²⁰, que tentaremos desfiar a relação entre futebol e política, cujos limites incertos e raramente bem delimitados por essa cultura torcedora conformaram respostas locais para questões gerais sitiadas pelas profundas

²⁰ Expressão cunhada por Edoardo Grendi e que será analisada nos capítulos, contudo, Grendi a atribuía a grupos minoritários que se revoltam contra os comportamentos e as crenças da maioria. In.: E, Grendi. *Microanalisi e storia sociale*, Quaderni storici, n° 35, maio-agosto de 1977, p.512.

mudanças econômicas do processo de (hiper)mercantilização e de modernização da prática esportiva²¹.

A atenção pelo futebol enquanto tema de investigação histórica fez indagar-me sobre a construção da minha trajetória de atuação profissional. Tornar-se pesquisador e elaborar o objeto de estudo é como uma criança engatinhando, que carece de tempo para ser maturada. Entre esse intervalo do desenvolvimento da proposta de estudo, nossos propósitos são permeados de encontros, perdas, momentos, territórios e afetos. Machado de Assis afirmou que o tempo é um tecido invisível onde se pode bordar tudo, ou não se bordar nada. Até estar emaranhada e finalizada, a narrativa borda e borra a escrita por meio de acontecimentos, alguns melhores delimitados, outros esmaecidos.

Nesses diferentes espaços-tempos, meu primeiro contato com o futebol enquanto objeto de investigação na academia tratou de investigar o processo de profissionalização do futebol na cidade de Fortaleza, entres os anos 1930 e 1950²². Na ocasião, em uma das pesquisas realizadas no acervo da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, encontrei uma notícia ainda nos anos 1930 intitulada *O dia de amanhã no Prado promete ser animado – O festival desportivo carnavalesco*, contendo os seguintes dizeres: “Trata-se de uma inovação inteiramente inédita, verdadeira mistura de esporte e folia. [...] Nas arquibancadas, haverá batalhas de confete, serpentinas e lança perfumes, e animado jazz fará vibrar as mais modernas canções carnavalescas²³”.

Ao refletir sobre essa reportagem, que detalha algumas características da torcida no ano de 1938, inúmeros questionamentos vieram à tona, tornando inevitável questionar de que maneira as expressões das torcidas no tempo presente se relacionam com as de outrora. Através do vai-e-vem no tempo cronológico, o historiador, situado em seu espaço de experiência e no horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006), busca compreender a trajetória das torcidas de futebol e as mudanças nas formas do torcer.

A partir de então, uma das nossas tentativas foi entender as torcidas de futebol, buscando responder, por exemplo, como esses grupos torcedores passaram das “batalhas de confeti,

²¹ Autores como Hollanda (2008; 2017; 2018), Giullianotti (2010), Mascarenhas (2014), Damo (2005), Proni (1998), Rogerio (2014) analisam o impacto das transformações neoliberais tanto no esporte em seu sentido amplo, como para os torcedores, os atletas e os espaços compartilhados por ambos.

²² PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **A profissionalização do futebol cearense: História e Memória**. Editora Multifoco - Rio de Janeiro, 2014.

²³ Jornal O Povo, 08/02/1938, p.09. Disponível em microfilme na Biblioteca Pública Menezes Pimental.

serpentinadas e lança perfumes” para a “proibição de frequentar estádios”²⁴? De que forma a(s) representação(s) das torcidas circularam entre o “animado jazz” para a “proibição do uso de qualquer instrumento musical”²⁵? Um dos possíveis equacionamentos dessas questões resultou na pesquisa das charangas e das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza²⁶.

Este percurso, portanto, nos levou ao encontro de culturas torcedoras distintas, evidenciada principalmente na torcida do Ferroviário Atlético Clube. Confrontando o discurso do jornal em 1938 sobre a torcida ser uma “*verdadeira mistura de esporte e folia*” com o discurso da epígrafe, em 2018, do depoente B, “*nós não íamos só pelo esporte (...), fazer uma disputa pela consciência política das pessoas por meio do futebol*”, nota-se sobretudo que o tecido invisível do tempo – em um intervalo de oitenta anos – borda tudo, nada, o diferente ou o oposto.

Retornando à interrogação inicial – torcedor e/ou militante? – nos conduz a um terreno movediço na proporção em que as identidades forjadas por esses atores sociais incorporam sentidos, significados e valores que se (re)atualizam constantemente. Do período das charangas e seus chefes de torcida as torcidas organizadas, o *pertencimento clubístico* foi elaborado conforme particularidades de cada contexto. Com a Ultras Resistência Coral, uma chave interpretativa que se diferencia – mas também é tributária e dialoga – consiste na *insurreição clubística* promovida pela torcida, alimentada, de uma lado, pelo acionamento de uma *memória subversiva* da fundação proletária do clube e, de outro lado, pela politização sob o ponto de vista de esquerda dos integrantes. A categoria *insurreição clubística* procura dar conta dos significados levados a cabo pela URC na subversão contra as práticas instituídas historicamente nos espaços futebolísticos que os caracterizam enquanto violento, racista, machista e homofóbico.

Entretanto, essas identidades forjadas em torno da *insurreição clubística* não asseguram que os significados atribuídos pela torcida se restrinjam apenas à politização dos estádios, uma vez que a trajetória dos integrantes é multifacetada, variando entre aqueles que já eram envolvidos sentimentalmente com o time - *pertencimento clubístico* – até aqueles que integraram a torcida pelas afinidades políticas, o que sugere ainda uma especificidade, pois

²⁴Disponível em <http://globoesporte.globo.com/al/noticia/2013/08/organizada-do-fortaleza-e-proibida-de-entrar-no-estadio-rei-pele-em-maceio.html>. Acessado em 04/03/2015.

²⁵Disponível em <http://blogs.diariodonordeste.com.br/timedefora/montagem/tuf-e-punida-e-nao-pode-participar-de-jogos-em-territorio-nacional-durante-90-dias/>. Acessado em 04/03/2015.

²⁶ PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **Entre charangas e organizadas:** trajetórias e transformações nas torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993). Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2015, 115 p.

muitos deste último grupo afirmaram nos depoimentos que a paixão pelo Ferroviário passou a ser tão importante quanto a militância política.

Nessa perspectiva, a nebulosa e complexa separação entre o ser torcedor e o ser militante não era de difícil compreensão só para quem integrava a torcida Ultras Resistência Coral. O grupo foi fundado em 2005 e aliou a paixão pelo futebol com a luta da classe operária, organizando uma torcida interventiva, atuante nas lutas sociais e engajada politicamente no esporte. A torcida elaborou um documento, o “Manifesto de Fundação²⁷”, que delimitava uma agenda com as bandeiras defendidas pelo grupo: o *anticapitalismo*, o *antifascismo*, a *anti-homofobia*, o *antirracismo*, a *anti-xenofobia* e, ainda, *contra o futebol moderno e a violência nos estádios*.

Decorre dessa constatação um duplo efeito. O primeiro se trata de uma surpresa e estranhamento, quando da percepção daquela dinâmica associativa de torcedores nas arquibancadas, seja no Estádio Castelão²⁸ ou no Presidente Vargas²⁹, por torcedores do Ferroviário que não pertenciam a Torcida Ultras, e também por torcidas dos clubes adversários em geral.

Demandava certo tempo para o entendimento do que de fato se tratava pois, ao serem visualizadas e lidas, as faixas estendidas nos estádios pelos Ultras causavam decerto um estranhamento. Escritos como “*Resistência Operária*”, “*Palestina Resiste*”, “*Nada diminui nossa paixão incendiária, Ferroviário Orgulho da Classe Operária*” ou a faixa talvez mais impactante “*Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes*” contribuíram para, na visão do outro (aqui entendido como os torcedores dos adversários do Ferroviário), construir e associar a identidade do Ferroviário como um clube ligado à questões sociais.

Não era comum perceber manifestações desse caráter nos estádios de futebol e a cada jogo, por exemplo, em que meu time ia se defrontar com o Ferroviário aquilo me chamava a atenção. Por que aquele tipo de conteúdo estava sendo exposto ali? Quem eram as pessoas que

²⁷ O Manifesto de Lançamento da URC será analisado quarto capítulo desta tese. Disponível em <http://resistenciacoral.blogspot.com.br/>. Acessado em 04 de julho de 2015.

²⁸ O Estádio Governador Plácido Castelo foi inaugurado em 1973, inserindo-se na trajetória de construção de vários espaços ampliados para a prática do futebol nos anos 1970. Recentemente, foi sede da Copa do Mundo em 2014.

²⁹ Oficialmente inaugurado em setembro de 1941, o Estádio Presidente Vargas, mais conhecido como PV, foi o segundo palco oficial dos jogos em Fortaleza. Desde a sua inauguração, o PV passou por várias reformas, a primeira sendo realizada ainda nos anos 1940. Localizava-se onde atualmente se encontram a Avenida Treze de Maio e a Rua Marechal Deodoro, no espaço do Instituto Federal e do Presidente Vargas. O terreno pertencia a uma empresa inglesa e depois a Alcides Santos (fundador do Fortaleza Esporte Clube), porém o Estado tomou posse, através da doação de Otávio Frota.

se articulavam e defendiam aquelas ideias? Que condições de possibilidade e de atuação estes integrantes experimentavam para elaborar tal discurso?

A maneira como aquelas mensagens emergiam era singular, tendo em vista que em geral as faixas das outras torcidas não tocavam, em geral, em assuntos políticos do ponto de vista de esquerda. Na torcida do Ceará Sporting Club³⁰, por exemplo, faixas como “Torcida Cearamor³¹”, “Vibração, união e poder”, “Cearachopp”, ocupavam quase sempre o território destinado às faixas nas arquibancadas. Por outro lado, na torcida do Fortaleza Esporte Clube³², via de regra estavam presente dizeres como “Torcida Uniformizada do Fortaleza³³”, “A força da galera” ou “Disposição, Coragem e Atitude”.

Entretanto, não apenas nos clubes rivais do Ferroviário as torcidas organizadas estavam distantes do conteúdo político, pelo menos no que diz respeito à organicidade que a Ultras Resistência Coral mantinha. Na própria torcida do Ferroviário, a principal torcida organizada, Falange Coral³⁴, constituía-se distante da *sociabilidade militante* dos Ultras. Qual era, portanto, o objetivo desta experiência torcedora?

Realizadas essas considerações, o segundo efeito consiste em uma consequência do primeiro. Em outros dois momentos, investigamos os efeitos da profissionalização do futebol na cidade de Fortaleza e os valores e significados atribuídos por ex-jogadores nessa transição (PINHEIRO, 2014). Posteriormente, analisamos a emergência das torcidas organizadas buscando trazer à tona as rupturas e as continuidades com as charangas na história dos modelos coletivos do torcer (PINHEIRO, 2016).

Em linhas gerais, dentre outras questões, este estudo, desenvolvido no mestrado em História da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/ UECE), lançou luz sobre os sentidos mobilizados pelas charangas e pelas torcidas organizadas por meio da experiência da Garra

³⁰ O Ceará Sporting Club (CSC) foi um dos clubes pioneiros da história do futebol cearense, fundado em 1914, tem como símbolo suas cores alvinegras e é reconhecido como o “mais querido” pela popularidade alcançada e como único pentacampeão do estado. Seu estádio, Carlos de Alencar Pinto, localiza-se no Bairro Porangabussu. Cf. FARIAS, Airton de. **Ceará: uma história de paixão e glória**. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

³¹ A Torcida Organizada Cearamor é a maior torcida organizada do clube e foi fundada em 1982, suas faixas contêm o lema “Vibração, União e Poder”.

³² O Fortaleza Esporte Clube (FEC) foi fundado em 1918 por Alcides Santos, nome também do seu estádio localizado no Bairro do Pici. Em uma homenagem a França, o Fortaleza tem em suas cores o vermelho, azul e branco, sendo conhecido como o “tricolor de aço” e “clube da garotada” em alusão ao crescimento da sua torcida na parcela jovem e pela tradição em revelar jogadores qualificados na categoria de base. Cf. FARIAS, Airton de. **Fortaleza: história, tradição e glória** / Airton de Farias e Vagner de Farias. - - Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. – Coleção Onzena

³³ A Torcida Uniformizada do Fortaleza é a maior torcida organizada do clube e foi fundada em 1991, suas faixas aludem à “Disposição, Coragem e Atitude”.

³⁴ O Grêmio Recreativo Torcida Organizada Falange Coral foi criado em 1990 e configura como a maior torcida organizada do Ferroviário Atlético Clube.

Tricolor, criada em outubro de 1980, década em que houve a proliferação desses agrupamentos. Dessa forma, estes dois modelos coletivos do torcer – as charangas e as torcidas organizadas – foram designados, nessa presente tese, como o movimento de primeira e de segunda onda da história das torcidas. Entretanto, limitado pelas condições temporais da pesquisa do mestrado, mas sem esquecer das diversas associações torcedoras fundadas no período, o estudo desenvolvido focalizou a experiência da torcida organizada Garra Tricolor através das rupturas e das continuidades com o modelo coletivo do torcer da primeira onda, as charangas e os chefes de torcida.

Esta seção, portanto, é caudatária das reflexões anteriores ao avançar a análise para a compreensão das formas coletivas do torcer da segunda metade do século XX até os vinte primeiros anos do século XXI, lançando luz sobre os sentidos e os valores atribuídos pela associação de torcedores na curta, média e longa duração. Assim, se o propósito inicial dedicava-se ao entendimento das formas coletivas do torcer na cidade de Fortaleza a partir da problematização da narrativa construída pela torcida Ultras Resistência Coral e o cotejamento dos significados compartilhados pelo grupo, após os quatro anos em curso do doutorado a proposta foi ampliada de modo que a torcida Ultras Resistência Coral tornou-se não só o ponto de partida, mas também o ponto de chegada ao recuarmos temporalmente a investigação para os anos 1950.

Ao fim e ao cabo, esta tese atravessa a história dos modelos coletivos do torcer a partir das charangas e dos chefes de torcida – a *primeira onda* -; passando pela emergência das torcidas organizadas e o seu colapsamento – a *segunda onda* -; que deu origem aos movimentos de *terceira onda* enquanto rachaduras nas torcidas organizadas; e a *quarta onda* da história dos modelos coletivos do torcer com as torcidas antifascistas. Neste intercurso mencionamos ainda um movimento de agrupamentos torcedores dissidentes das torcidas organizadas, designado como *quebra-mar* em alusão à metáfora das ondas do mar das torcidas, recentemente propagado no intuito deliberado do confronto *na pista* com outros torcedores, valor compartilhado e representado visualmente através de símbolos como balaclava, o *soco inglês* e os nomes que atribuíram as suas torcidas.

A metáfora do movimento das ondas dos modelos coletivos do torcer consiste em um mecanismo que procura esboçar um panorama das rupturas e das continuidades em cada momento analisado. Ao mesmo tempo em que pode parecer generalizante, ao agrupar em uma

onda diferentes experiências coletivas, possibilita, na longa duração, avaliar o impacto da mudança e do fio que permanece entre gerações de torcidas.

É esse exercício de variação de escala da observação micro e macroscópica que permite compreender a complexidade dos valores e dos sentidos mobilizados pelos modelos coletivos do torcer. Assim, apreende-se, dentre as transformações no intervalo entre 1950 e 2020, (1) a transição das músicas entoadas pelas charangas, torcidas organizadas e torcidas antifascistas, variando, respectivamente, das marchinhas de carnaval, do processo de *funkerização* das organizadas até as músicas ativistas das *antifas*, particularmente da Ultras Resistência Coral; (2) da articulação com a diretoria dos clubes promovida pelo chefe de torcida, autêntico e simbólico nos estádios, para a diluição das demandas entre a diretoria das torcidas organizadas independentes, até a plenária aberta da URC; (3) a transição entre a amizade entre os chefes de torcidas dos clubes rivais para as rivalidades territorializadas dispostas para o confronto corporal das organizadas, até o combate à violência e a consciência de classe entre torcedores adversários defendido pela URC; (4) Em contrapartida, como continuidade há uma partilha entre as torcidas através de um acionamento da memória que estabelece a necessidade da festividade das torcidas, aspecto que converge os agrupamentos contra a censura das expressões do torcer, como no processo de arenização dos estádios debatido no decorrer dos capítulos.

Obviamente que, entre a passagem de um modelo para outro, alguns agrupamentos partilham mais intensamente de elementos do modelo anterior, evidenciando a fluidez dessas mutações das configurações do torcer, mobilidade esta propositadamente levada a cabo na metáfora das ondas do mar na história das torcidas. Dessa forma, a elaboração da taxonomia das categorias do movimento de primeira, de segunda, de terceira e de quarta ondas se alimenta da concepção de *estados sociais* de Julio Aróstegui (2006), para quem o histórico é o movimento dos estados sociais a partir da relação de mudança e de permanência nos acontecimentos.

Assim, Aróstegui (2006) afirma que o eixo substancial perseguido é a variação da atividade humana e como constituem fatos sociais no tempo, uma vez que para explicar tais acontecimentos é necessário relacionar os estados sociais às mudanças. Portanto, a história das formas coletivas do torcer e quaisquer outras histórias se manifestam na mudança, porém o movimento histórico não se define completamente na mudança, mas no resultado dela. Assim, os acontecimentos, entre eles as associações de torcedores, são a expressão última da mudança. O acontecimento, portanto, precisa ser explicado pelo que muda.

A história não coincide apenas com a mudança, mas sim com a relação dialética entre permanência e mudança. A partir dessa relação é que se propõe entender, na história dos modelos coletivos do torcer, como o novo sistema de relações sociais expressa o processo histórico.

No mar da história das formas coletivas do torcer, as quatro ondas oferecem uma chave de interpretação para lançar luz sobre o entendimento das expressões do torcer no tempo. Deve-se levar em consideração também que, nesse oceano, há resquícios da primeira onda que influenciam as seguintes, enquanto outros são abandonados ou (re)atualizados. O que se pode concluir é que cada onda, tal como os *estados sociais*, é condicionada e resultado dos desdobramentos das ondas e relações sociais anteriores.

Podemos considerar, a título de exemplificação da nossa proposta, a situação hipotética a seguir que ilustra o movimento das *ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas*. Na posição de quem está na praia (areia) e olha em direção ao mar, no horizonte - ao fundo e distante - se encontra a primeira onda, tal como o passado que se movimenta e ressurgem; nas ondas maiores, imponentes e turbulentas estão a segunda onda das torcidas organizadas (mais próximas da costa de areia do que a primeira onda); a terceira e a quarta onda das formas coletivas do torcer constituem as ondas pequenas e médias que desaguam na praia. A terceira onda, que se origina do desprendimento das ondas grandes das torcidas organizadas, se distanciam e se aproximam destas a depender do tempo, do espaço de cada região. A quarta onda, que atribuímos às torcidas antifascistas, contrapõe-se à maneira como as ondas grandes das torcidas organizadas se estruturaram. Para quem está na praia, adentrando o mar, o movimento das ondas pequenas talvez, ainda, não impactem com a mesma força que as ondas grandes, mas oferecem um prisma de possibilidade para compreender as torcidas e o futebol de modo particular.

Dito isto, a exemplificação acima procura delinear um guia para o entendimento da estrutura da tese através de uma situação hipotética no sentido de evidenciar que as balizas contornadas pelo movimento das ondas são fluidas. Exerce também a função de convidar o(a) leitor(a) para adentrar nas particularidades desse processo a fim de apreender as nuances da história do torcer.

Para tanto, cabe ainda apresentar um certo movimento de torcedores recentemente emergido enquanto dissidência das maiores torcidas organizadas de seus clubes. Porém, tal emergência não significa que em todas as torcidas esse processo ocorreu, mas constatamos que não se trata de um caso específico, como analisaremos no decorrer do texto. Na lógica do *mar*

das torcidas, esses agrupamentos desempenham a função de um quebra-mar que interpela as ondas dos diferentes modelos coletivos de torcer. São, portanto, grupos de torcedores nascidos dentro de torcidas organizadas, mas que desvinculam-se dessas instituições para atuar deliberadamente no/pelo confronto com outras torcidas, utilizando símbolos com soco inglês, balaclava, torcida de *pista*, vestuário que predispõem ao enfrentamento. Nesse sentido, na acepção do termo quebra-mar, advém o propósito último desses sujeitos no confronto corporal com o outro e, no quadro geral do mar de ondas das torcidas, representa um impasse que, até o momento, tal como o quebra-mar, não oblitera a manifestação da segunda, da terceira e da quarta onda.

Expostos genericamente os elementos constituintes dos movimentos das ondas, situamos a partir deste momento o lugar ocupado pela torcida Ultras Resistência Coral no mapa desse estudo. Dessa forma, a URC instituiu um determinado tipo de associação torcedora que revela um contraponto aos modelos “hegemônicos” das torcidas organizadas a partir de uma crítica política, sob o ponto de vista da esquerda, que combate o fascismo, o machismo, o racismo, a homofobia e a violência. Assim, a emergência da URC traz à tona um desgaste das torcidas organizadas baseado na experiência de sujeitos advindos, de um lado, da militância política partidária e, por outro lado, de um pertencimento a uma subcultura específica *skinhead*³⁵.

A insurgência da URC, portanto, consiste em uma apresentação da posição política nos estádios de um grupo de torcedores e uma busca pelo resgate da *origem de classe* do Ferroviário A.C.³⁶. Entretanto, desde 2005, ano da fundação da torcida, o coletivo incorporou diferentes pensamentos de militantes socialistas, comunistas e anarquistas, alicerçando na multiplicidade do grupo a atuação da torcida por meio de um emaranhamento de redes de alianças antifascistas.

³⁵ O movimento skinhead e a apropriação realizada pelos fundadores da URC serão discutidos no quarto capítulo desta tese.

³⁶ A narrativa dos integrantes enfatiza a busca pelo ‘resgate da origem de classe’ do Ferroviário Atlético Clube. Essa incursão no tempo realizada pelo grupo deve-se ao fato do papel desempenhado pelos trabalhadores na criação do clube, que em 1933, no intervalo entre o expediente na Rede de Viação Cearense (RVC) e as horas extras, realizavam partidas de futebol e organizaram o time que a partir desse momento vai construindo uma imagem singular na história do futebol cearense. Entretanto, vale ressaltar que cada torcida tem seu mito de origem, sendo necessário entender as minúcias deste trabalho de memória realizado pela URC. Nesse sentido, a Rede de Viação Cearense foi a empresa responsável pela estrada de ferro de Baturité e Sobral, importantes cidades do estado do Ceará. A empresa foi arrendada para a administração federal em 1915 e em 1957 passou a ser subsidiária da Rede Ferroviária Federal – RFFSA. Sobre a fundação do Ferroviário, vale a leitura da pesquisa desenvolvida por Rodrigo Pinto. In.: PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza** (19°04-45). Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2007

Isto posto, um dos apontamentos iniciais é o de que a torcida se trata de uma corrente de transmissão de lutas a partir de uma ‘*frente*’ de esquerda, seja na pluralidade militante dos seus membros como nas questões políticas levantadas. É por esse motivo que, para facilitar a compreensão da experiência da URC, periodizamos em três momentos a história do coletivo, a primeira, a segunda e a terceira geração.

A primeira geração remonta aos sujeitos fundadores da URC que pertencem à subcultura *skinhead* imersa em conexões transnacionais através da composição da *Seção Fortaleza & Região Metropolitana do Red and Anarchist Skinheads (RASH)*, agrupamentos existentes em vários países que reúnem sujeitos *skinheads* comunistas, socialistas e anarquistas. A segunda geração, entretanto, caracteriza-se pela entrada de membros não necessariamente ligados ao movimento *skinhead*, ampliando a torcida para uma frente ampla de esquerda de 2006 a 2014. Por fim, a terceira geração representa o momento mais recente da torcida caracterizado pela multiplicação das torcidas antifascistas após as Jornadas de Junho de 2013, a Copa do Mundo de 2016 e o Golpe de Estado que destituiu a Presidenta Dilma, além da criação do *Barbarians Pub*, um bar resultado da iniciativa de alguns integrantes que tem o significado de sede para a URC.

Por sua vez, essa relação evidencia também que escrever a história da – ou uma história sobre a torcida Ultras Resistência Coral implica em seguir, ou não, os caminhos da História do Tempo Presente, bem como superar ou recuar diante dos problemas do passado imediato, passados estes que não passam e que tornam objetos de estudo ‘quentes’. Pesquisas recheadas de memórias traumáticas, sensíveis e em permanente negociação, tendo em vista que, para a dinâmica torcedora da Ultras Resistência, a disputa pela consciência política no futebol envolve não só o apelo popular do esporte, mas questões associadas à formação de uma sociedade machista, homofóbica e racista, evidenciando também traumas, sensibilidades e disputas em torno das formas de torcer.

Nos últimos 30 anos, o “presente” se tornou o regime de historicidade dominante: falar de história na literatura, no cinema, nas manifestações culturais ou patrimoniais, e sobretudo nos debates políticos, é falar com frequência prioritariamente, se não exclusivamente, do passado próximo para se afastar dele, para julgá-lo, para repará-lo (ROUSSO, 2016, p. 165).

O século XX reconfigurou a relação de tempo do indivíduo com a sociedade após as catástrofes que impuseram um choque a ideia de modernidade. As duas guerras mundiais, o holocausto e a queda do Muro de Berlim afetaram a experiência e o imaginário social. Quanto mais se distancia desses acontecimentos, maior o interesse pela história do tempo presente.

Certamente isso não decorre somente do objeto de pesquisa em análise, mas pelo entendimento, em diálogo com Dosse (2012) e Rousso (2016), de que a história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração, onde a longa duração coloca o problema de se saber como o presente é construído com o tempo. Defendemos que o tempo próximo não é somente possível, mas necessário, em um plano científico, político e ético, tendo em vista o atual contexto e principalmente por estar inscrito naquilo que, segundo Eric J. Hobsbawm, é *escrever a história do seu próprio tempo*³⁷.

Uma vez caracterizado o viés de esquerda dessa dinâmica associativa de torcedores do Ferroviário Atlético Clube, as motivações que levaram aqueles sujeitos a estender a militância política para o futebol serão esmiuçadas no quarto capítulo. Partindo da mobilização de alguns jovens nos anos 2000 na cidade de Fortaleza, nossa problematização se direciona para a compreensão do horizonte de possibilidades que o grupo possui para a vivenciar a subcultura *skin*, notadamente em que medida este anseio foi e é possível.

Nesse momento, então, necessitamos desenvolver uma inflexão no texto. O movimento *skinhead* aqui retratado se distancia daquele visto por meio de estereótipos, cujos elementos perpassam, sobretudo, pela prática racista e violenta, abrangendo, desse modo, a subcultura *skin* que traz à tona segmentos da juventude que se identificam no que se refere ao estilo musical, estético, performático e que dialoga com o global e o local a partir de uma determinada visão de mundo.

Isto é, na Europa, o movimento *skinhead* tem sua gênese relacionada às condições sociais da juventude operária britânica, que, junto aos imigrantes, estava desassistida e marginalizada³⁸. Nessa perspectiva, os fundadores da torcida Ultras Resistência Coral compartilhavam essa visão de mundo *skin* do ponto de vista político de esquerda a partir do *Red and Anarchist Skinheads* (RASH), grupo de comunistas, socialistas e anarquistas que se contrapõe aos fascistas.

Levando em consideração esses apontamentos iniciais, um dos argumentos defendidos neste estudo consiste no papel histórico e singular que a URC desenvolveu, tendo em vista o lugar social periférico experimentado pela torcida, uma vez que a crítica aos tradicionais elementos constituídos historicamente no futebol, como também ao processo de arenização,

³⁷ HOBBSAWM, Eric J. **O presente como história**: escrever a história de seu próprio tempo. *Novos Estudos*. n. 43, Nov./1995, p. 103-112

³⁸ MARSHALL, George. **Espírito de 69**: a Bíblia do Skinhead. Tradução de Glauco Mattoso. São Paulo: Trama Editorial, 1993.

parte de uma região do Nordeste, que não é o centro dos principais clubes do Brasil, e da torcida de um time - o Ferroviário - que não ocupa a centralidade econômica no Estado do Ceará.

Esse deslocamento do olhar para os fenômenos fora do Eixo Sul e Sudeste ainda é um desafio para os pesquisadores e para os meios de comunicação, que privilegiam acontecimentos e o futebol das principais regiões do Brasil. É necessário, portanto, enfatizar a relevância da atuação da URC, que instituiu da periferia – espacial, econômica e clubística -, uma rede de contestações assimilada e difundida por outras associações torcedoras posteriormente. Reconhecer essa particularidade sobre o contraponto à modernização, (hiper)mercantilização e arenização no Brasil contribui para a decolonização do saber e do torcer.

Não se trata apenas de compreender a particularidade da Resistência, nem estabelecer dicotomias entre ela e as demais torcidas, mas sim de lançar luz, por um lado, sobre as ressignificações elaboradas pelo torcer, compreendendo as contradições do futebol e da sociedade, e, por outro lado, as práticas e os saberes da Ultras Resistência Coral enquanto socialidade torcedora³⁹.

A produção intelectual sobre futebol e, especificamente, envolvendo torcidas cresceu consideravelmente a partir dos anos 1990. Muitos trabalhos, portanto, mereciam ser mencionados, não apenas pela qualidade, mas sobretudo pelo embate, na geopolítica do conhecimento, para alcançar um espaço significativo de discussão do futebol na academia, um jogo árduo que demandou muito suor, em que cada batalha se confrontavam as engessadas relações de poder já instituídas. Dessa forma, esta proposta é tributária dessa trajetória, bebe do esforço de muitos(as) pesquisadores(as) e dialoga consideravelmente com intelectuais que buscaram dar espaço ao futebol como objeto das ciências humanas⁴⁰.

³⁹ Sobre as possibilidades do torcer. Ver: TOLEDO, Luiz Henrique de. **QUASE LÁ: A COPA DO MUNDO NO ITAQUERÃO E OS IMPACTOS DE UM MEGAEVENTO NA SOCIALIDADE TORCEDORA**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 149-184, jul./dez. 2013. MASCARENHAS, Gilmar. “NÃO VAI TER ARENA”: FUTEBOL E DIREITO À CIDADE. **Revista Advir**. julho de 2014, 24-38. LOPES, Felipe; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. ?Ódio eterno ao futebol moderno?: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **TEMPO** (NITERÓI. ONLINE), v. 24, p. 206-232, 2018. [SANTOS, Irlan Simões da Cruz](#); HELAL, R. G. . Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Triade: comunicação, cultura e mídia**, v. 4, p. 53-69, 2016.

⁴⁰ CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). 2014. **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya.

Nessa perspectiva, esta tese, direta ou indiretamente, vem ao encontro de outros estudos que abriram caminho e percorreram essa trajetória, mesmo que a centralidade dessas abordagens estivessem relacionadas ao futebol e identidade nacional, violência, políticas públicas ou torcidas organizadas⁴¹. Entretanto, alguns deles são de grande pertinência para nossa proposta de pesquisa, principalmente os de Bernardo Borges Buarque de Hollanda (2008; 2012; 2017; 2018), Arlei Sander Damo (1998; 2002; 2007; 2018), Luiz Henrique de Toledo (2013; 2010), Gilmar Mascarenhas (2012; 2014), César Augusto Barcellos Guazzelli (2010; 2000) Josiane Ribeiro (2010), Glória Diógenes (2003) e Artur Vasconcelos (2016).

Historicizar a mobilização populacional que o futebol promoveu desde a sua introdução no Brasil constitui um conjunto de reflexões e de abordagens para a historiografia fundamental para se entender a realidade na sua pluralidade, tendo em vista o impacto do fenômeno das torcidas no século XX. A adesão de torcedores à prática esportiva possibilita levantar debates sobre o cotidiano das cidades e como esses sujeitos vivenciaram experiências a partir do futebol, em uma confluência da música e da paixão pelo clube.

Ao balizar as rupturas e as continuidades nas formas coletivas do torcer em uma variação de escala micro e macrosópica, esta tese procura nuançar a vida associativa das torcidas a partir da segunda metade do século XX. Com isso, na medida em que se debate a história das torcidas no Estado do Ceará a longo prazo, ensejamos também refletir as especificidades de agrupamentos, dentre eles as charangas do Zé Limeira, Gumercindo e Pedrão da Bananada; a crise da autonomia e do princípio unitário no final dos anos 1970 que possibilita a profusão das torcidas organizadas na década de 1980, exemplificada a partir da experiência da Garra Tricolor; o impacto da territorialização das rivalidades nos bairros na mutação da Torcida Organizada Cearamor (TOC), Falange Coral (TFC) e Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF); o desdobramento do desgaste das torcidas organizadas na conformação das torcidas no movimento de terceira onda; por fim, e como resultado desse desgaste, a instituição das torcidas antifascistas por meio da trajetória da torcida Ultras Resistência Coral.

Como resultado e como contraponto a determinado modelo do coletivo do torcer - além do reordenamento organizacional, mercantilizante e modernizante - o ponto de chegada desta

⁴¹ Aqui nos referimos a um caminho bifronte: os estudos das várias áreas exteriores à história e a formação de um grupo de pesquisadores na historiografia brasileira que se dedicam ao estudo da relação entre História e Esportes, que culminou na criação do Simpósio Temático História do Esporte e das Práticas Corporais desde o início dos anos 2000 no principal evento de História nacional, o encontro de pesquisadores da Associação Nacional de Professores Universitários de História – ANPUH. No simpósio, a pluralidade de temas sobre esportes é cada vez maior e demonstra uma diferenciação e consolidação dessa área de pesquisa.

tese culmina com o caso da Ultras Resistência Coral, que influenciou a multiplicação das torcidas antifascistas na segunda década do século XXI.

Dos públicos que ocuparam os espaços dos estádios de futebol durante o século XX emergem diferentes aspectos socioculturais que precisam ser investigados com maior rigor. Desse modo, as várias formas de expressão das torcidas organizadas justificam-se como objeto de estudo para os historiadores devido à relevância com que se apresentam desde o século passado até a atualidade.

O torcedor, nesse sentido, estabelece no cotidiano ações e relações que o identificam nos diferentes espaços que atua. Segundo o historiador Bernardo Buarque de Hollanda⁴², o torcedor é

Metáfora ou metonímia do homem comum brasileiro, síntese mais expressiva de suas qualidades e defeitos, o torcedor inquieta e intriga. Inquieta e intriga porque, de tudo o que vem por aí – as estimativas sobre organização, cálculo, planejamento, edificação -, o comportamento do torcedor é aquele menos mensurável, menos quantificável, menos previsível. De todos os atores do futebol, é o personagem ainda menos compreendido. (HOLLANDA, 2012, p.12)

Dentre a heterogeneidade de significados nas experiências dos torcedores, temos como foco a figura do torcedor que se associa coletivamente em torno do clube, com um variável grau de inserção na atuação para além dos estádios. Assim, remonta às torcidas que atuam no cotidiano da cidade e que experimentam os espaços urbanos através da sua identificação com o clube e com demais torcedores, pois “Porosa, a paixão torcedora é analisada antes, durante e depois das partidas, nos ônibus, nos trens e nos bares, em suas condicionantes sociais e culturais, econômicas e políticas” (Idem, p.13)

O ator-torcedor no futebol é simultaneamente previsível e imprevisível na medida em que age, gesticula, grita e vibra conforme cada momento. Se há três ou quatro décadas não eram numerosos as investigações sobre esses sujeitos, hoje é mais analisado e compreendido em seus rituais formais e informais. Momento este trouxe à tona as torcidas em sua complexidade, não apenas do jogo ou da performance do seu time dentro de campo, mas dos mecanismos e das dimensões da vida, dos valores e dos sentidos construídos.

Essas entrelinhas e sensibilidades advindas do ato de torcer partem principalmente das emoções materializada nas relações entre pessoas e grupos, que produzem e são produzidas por

⁴²A obra **A torcida Brasileira**, do historiador Bernardo Buarque de Hollanda, foi fundamental para o percurso desta pesquisa na medida em que ele aborda, dentre vários aspectos, a trajetória das torcidas no espaço do Rio de Janeiro.

processos de interação de gestos, sinais, movimentos corporais. Isto é, segundo Mauro Koury, “A sociologia das emoções partiria do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade (KOURY, 2009, p.09). Portanto, as experiências emocionais presentes no ambiente do futebol só se tornam possíveis levando em conta as normas sociais, os costumes e as tradições em torno da realidade social em que se vive, o “lugar social” em que o indivíduo se situa.

Entretanto, tratando-se dos agrupamentos Ultras especificamente, não ocupam a centralidade das atenções dos pesquisadores, embora recentemente relevantes abordagens tenham se debruçado sobre o tema no Brasil⁴³. Richard Giulianotti (2010, p.79) afirmou que “Os cientistas sociais e os jornalistas italianos frequentemente interpretam mal os ultras. Um estudo considerou-os sem importância por não estarem “realmente interessados nos jogos de futebol”, mas presentes ali “meramente por uma oportunidade de dar vazão a suas emoções” (Zani e Kirchler, 1991, p.19). A vazão a emoção pelos Ultras, em contrapartida, aqui nos interessa pelo entendimento de que a apropriação do termo Ultras pela na instituição da Ultras Resistência Coral se insere no emaranhamento das conexões transnacionais estabelecidas entre a juventude. Assim, necessita-se cuidadosamente de uma investigação para compreender as ações desses agentes nos estádios e nas experiências construídas/vivenciadas fora deles⁴⁴.

Nesse sentido, além dos estudos supracitados, há importantes investigações produzidas pela historiografia cearense que pesquisam historicamente o futebol e as práticas esportivas. A tomada do futebol enquanto objeto de análise ensejou estudos singulares, não só na historiografia, mas também na sociologia, na comunicação social, na antropologia e na educação física.

No Estado do Ceará, destacamos o estudo desenvolvido por Rodrigo Pinto (2007) na dissertação de mestrado em História sobre a origem do Ferroviário Atlético Clube (FAC), na qual também expõe questões sobre o profissionalismo em Fortaleza, debruçando-se, sobretudo, nos efeitos produzidos pela experiência do Ferroviário⁴⁵. Ainda na temática envolvendo trabalhadores e clubes de futebol, Pedro Paulo Martins (2017) investigou a trajetória do Usina

⁴³ FLORENZANO (2010); REIS; HOLLANDA (2014);

⁴⁴ Vale lembrar que o termo Ultras foi apropriado no Brasil sob diferentes matizes das experiências na Europa, uma vez que revela, por exemplo, torcidas com propostas distantes uma das outras, como a realizada pela Associação Independente Ultras do Atlético, criada em 1992, e a Ultras Resistência Coral, do Ferroviário, em 2005.

⁴⁵ PINTO. Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (19º04-45)**. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2007.

Atlético Clube e a resistência dos jogadores até o fim das atividades do clube como consequência das ações da ditadura militar⁴⁶. Vicente Moreira Neto (2014) analisou a relação entre futebol, imprensa e cidade na primeira metade do século XX, apresentando uma importante investigação da correlação entre práticas culturais e concepções ideológicas tradicionais no discurso da imprensa⁴⁷.

Sobre a temática dos torcedores e as formas de torcer, Joaquim Sobreira Filho (2018) investigou a performance de masculinidades de torcedores organizados do Ceará Sporting Club, compreendendo como a categoria homofobia é articulada dentro dos xingamentos estabelecidos pelos torcedores⁴⁸. Diego Batista de Moraes (2015) analisou também as performances do torcer na torcida Setor Alvinegro, refletindo acerca da identidade regional nordestina nos estádios em meio ao futebol espetacularizado⁴⁹. Raoni Oliveira Marques (2013) estudou as relações de gênero na Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), abordando o papel desempenhado pela constituição de um núcleo feminino nessa associação de torcedores⁵⁰.

Outro trabalho relevante, que discorre sobre torcidas na cidade de Fortaleza, consiste nas investigações de Ricardo César de Oliveira Júnior (2017; 2012), que, em um primeiro momento analisou o Movimento Independente da Torcida Tricolor (MITT) através das doações e dos trabalhos voluntários e, recentemente, investigou, na sua tese de doutorado, a reviravolta dos torcedores fanáticos em movimentos políticos de torcedores do Sport Club Internacional⁵¹.

Também vale ressaltar as produções do historiador Airton de Farias sobre a história do futebol cearense refletindo, de um lado, sobre a trajetória dos maiores clubes do estado, e, de outro lado, o amplo estudo que trata sobre a história das Copas do Mundo (2014)⁵².

⁴⁶ MARTINS, Pedro Paulo da Silva. **Máquinas paradas e pés à obra: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965) – 2017**, 159f.

⁴⁷ MAIA NETO, Vicente Moreira. **Futebol, imprensa e cidade: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921-1930)**. Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2014.

⁴⁸ SOBREIRA FILHO, Joaquim. **O jogo da homofobia? Táticas e xingamentos nas Torcidas Organizadas do Ceará Sporting Club**. Dissertação de mestrado em Sociologia/UFC, 2018.

⁴⁹ MORAIS, Diego Batista de. **O jogo na arquibancada: o Setor Alvinegro e as performances do torcer no contexto do futebol espetacularizado**. Dissertação de mestrado em Sociologia/UFC, 2015.

⁵⁰ MARQUES, Raoni Oliveira. **Guerreiras do Leão: Gênero e Torcidas Organizadas.. 2013**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Ceará.

⁵¹ OLIVEIRA JÚNIOR, Ricardo César Gadelha de. **Doação e trabalho voluntário dos torcedores no futebol cearense: O CASO DO MOVIMENTO INDEPENDENTE DA TORCIDA TRICOLOR**. Dissertação de mestrado em Sociologia/UFC, 2012.

⁵² FARIAS, José Airton de. **A reviravolta dos fanáticos?: arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional**. Tese de Doutorado em Antropologia Social/UFRGS.

⁵² FARIAS, José Airton de. **Uma História das Copas do Mundo - futebol e sociedade** Volume 1. 1. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. v. 1000. 546p.

No âmbito das teses de doutorado sobre futebol cearense, destacamos três investigações. O primeiro se refere ao trabalho de Radamés Rogério (2015) sobre a condição liminar da profissão de jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira, abordando temas como aposentadoria, temporalidade e as dinâmicas desse processo⁵³. Outra importante contribuição remonta à análise cuidadosa elaborada por Josiane Ribeiro (2010) acerca das experiências da Cearamor e da M.O.F.I. em territórios, conflitos e identidades, versando sobre os usos e as inversões do estigma pelos integrantes das torcidas organizadas, que subvertem as classificações que os definem como vândalos, bandidos e violentos. Além disso, a autora dá centralidade as questões relacionadas à corporalidade, território e sociabilidade de conflito⁵⁴.

O terceiro trabalho foi resultado da instigante contribuição desenvolvidas pelo sociólogo Artur Alves de Vasconcelos (2016), que, em sua tese de doutorado, analisa a construção de uma identidade regional através da influência do Canal Esporte Interativo por meio de uma análise sobre a torcida do Ceará Sporting Club, mesmo não perdendo de vista outros grupos de torcedores. Nesse meandro, percebe a explosão de novas torcidas, entre elas Setor Alvinegro e Cangaceiros Alvinegros, as quais foram denominadas de *torcidas alternativas*. Esta última nos remete à expressão cangaço, pela qual a torcida busca expressar seu caráter regional nordestino e cearense. O autor explica que o surgimento destas torcidas têm explicação, por vezes, devido ao desgaste das torcidas organizadas tradicionais, como também pela violência ou até por questão de identidade regional⁵⁵.

Contudo, constatamos uma lacuna historiográfica que se acentua se afunilarmos a busca por trabalhos que tenham uma perspectiva historiográfica, evidenciando as lógicas do tempo histórico e os *estados sociais* na curta, média e longa duração. Nesse sentido, procuramos contribuir com as demais produções para dar conta dos modelos coletivos do torcer e da recente profusão de torcidas antifascistas, entre elas a Ultras Resistência Coral. Assim, ao tributar das necessárias reflexões elaboradas anteriormente sobre o torcer, este estudo adquire particularidade não só para preencher lacunas no debate historiográfico, mas principalmente

_____. **Uma História das Copas do Mundo** - futebol e sociedade Volume 2. 1. ed. Fortaleza-CE: Armazém da Cultura, 2014. v. 1000. 580p.

⁵³ ROGÉRIO, Radamés de Mesquita. **No "segundo tempo da vida": o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2014.

⁵⁴ RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 203f.

⁵⁵ VASCONCELOS, Artur Alves de. **Nordestinando as arquibancadas: os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades. Departamento de Sociologia. Artur Alves de Vasconcelos. – 2016, 256 f.

para fomentar a discussão sobre o tema e despertar o interesse pelo reordenamento e significados do torcer.

Acreditamos que este estudo tenha sua relevância social por trazer à tona a história dos modelos coletivos do torcer que revela o modo como forjam suas identidades em diferentes espaços-tempos. Ao atravessar as temáticas sobre o combate ao fascismo, o racismo, o machismo, a homofobia e a violência não só no futebol, mas que estão alicerçadas no sistema de normas sociais em geral, direcionamos este estudo no pensamento decolonial e as possibilidades abertas no/do/pelo futebol para a instituição do princípio político do *comum*⁵⁶.

Procuro, com a presente pesquisa, contribuir com os estudos sobre o futebol brasileiro, especialmente no que se refere, dentre as expressões coletivas dos torcedores, àquela correspondente a explosão das torcidas antifascistas. Para isso, ao centralizar a investigação em um processo amplo da história dos modelos coletivos do torcer entre 1950 e 2020, objetivo lançar luz sobre os sentidos e os valores atribuídos por diferentes gerações de torcidas a partir do que foi designado como movimento de primeira, de segunda, de terceira e de quarta ondas. Assim, o recurso da variação dos jogos de escalas foi fundamental, refletindo ora por meio de uma visão microscópica como se elabora o agenciamento torcedor do ponto de vista político de esquerda, ora através de uma visão macro e ampla para dar conta a longo prazo dessas transformações.

Se, no século XXI, o mundo é estruturado de maneira diferente aquele da modernidade, tendo que lidar com memórias traumáticas e um passado recente de difícil conciliação após o nazismo, a explosão das bombas atômicas no Japão e o reordenamento global pós queda do Muro de Berlim - como afirmam Henry Rousso (2016), Jean-François Lyotard (2002) e David Harvey (1992)⁵⁷ - transformações condensadas no que definiram como condição pós-moderna, o futebol enquanto uma instituição moderna precisa ser repensada.

Isso nos desloca à tese central desse estudo, que delineia uma explicação alternativa para as mudanças sitiadas pela economia, mercado, globalização no futebol e suas implicações nos modelos coletivos do torcer. Parte-se da ideia de que, ao problematizar a trajetória da torcida

⁵⁶ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

⁵⁷ ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Trad. Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016. LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002; HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992;

Ultras Resistência Coral, argumentamos que a politização do ponto de vista de esquerda produz não só *um futebol que deforme*, que resiste à elitização e à lógica do capital na cultura torcedora, mas também se trata de uma potência política que possibilita uma alternativa para impulsionar os movimentos sociais no campo político progressista, tendo em vista a popularidade que o futebol promove.

Assim, os leitores irão se deparar nessas páginas com duas “histórias”, que não podem ser dissociadas, uma vez que busquei escrevê-las enquanto complementares. Uma delas consiste em uma *história social das torcidas pós 1950*, protagonizada por diferentes grupos sociais, alicerçada na memória, mas também por jornais, imagens e fontes digitais. Entretanto, delinee-i-a em razão da *história da memória das torcidas e do antifascismo no futebol*, correspondendo a “segunda história”. Não há nessa proposta, portanto, uma hierarquização entre a história e a memória: pelo contrário, o objetivo é inscrever esta última em um quadro histórico mais amplo do torcer, de acordo com a análise de Traverso (2005).

Para a realização desse estudo, intitulado *As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista (1950-2020)*, dividimos a investigação em seis capítulos. Na primeira parte - *Os deslocamentos no mar das torcidas: dinâmicas e ressignificações entre charangas e torcidas organizadas* – refletimos desde os percursos investigamos que mapeiam a tese até a análise dos movimentos de primeira, segunda e terceira ondas. A segunda parte – *A guinada antifascista: a trajetória da torcida Ultras Resistência Coral* – traz à tona as nuances do movimento de quarta onda através da experiência da URC.

Com essa estrutura, pretende-se analisar a ótica e os significados da emergência de diferentes modelos coletivos do torcer, das charangas na primeira onda ao modelo protagonizado pela URC, que elaborou sua leitura do futebol e do mundo, redimensionando não só os padrões instituídos pelas torcidas tradicionalmente, mas o futebol como um todo.

No primeiro capítulo, denominado *Afetado e atravessado pelo futebol: trilhando o percurso teórico-metodológico da investigação*, delineamos os caminhos trilhados para a delimitação da temática desenvolvida nesta tese, assim como as metodologias e os conceitos que a fundamentam. Desse modo, o primeiro capítulo externa o modo como pensamos a História Oral, os jogos de escala por meio da micro-história, a etnografia no espaço virtual ou ciberantropologia/netnografia, a cultura visual, os periódicos e o formulário *online* utilizado.

O segundo capítulo - *O movimento de primeira onda: a emergência dos chefes de torcida no futebol cearense* – procura discutir a popularização do futebol no Estado do Ceará e os

significados da atuação dos chefes de torcida no movimento de primeira onda entre 1950 e 1970. Dessa forma, retratamos o repertório de ações protagonizadas por “Zé Limeira”, Gumercindo Gondim e “Pedrão da Bananada”, chefes de torcida dos times Ferroviário, Fortaleza e Ceará, respectivamente. Em seguida, avaliamos os impactos da disputa pela liderança desses agrupamentos torcedores no final dos anos 1970 com a ascensão das juventudes nos espaços futebolísticos, tomando como ponto de partida a trajetória de *sociabilidade festiva* da torcida organizada Garra Tricolor.

No terceiro capítulo, intitulado *Os movimentos de segunda e de terceira onda: ascensão e desgaste da hegemonia das torcidas organizadas*, analisamos a profusão das torcidas organizadas do movimento de segunda na década de 1980 e o reordenamento motivado pelas rivalidades territoriais nos bairros que produziram *sociabilidades do conflito* nas arquibancadas. Nesse momento, as torcidas organizadas esquadrihavam o espaço urbano da cidade de Fortaleza, particularmente pelas experiências da busca de visibilidade da cultura juvenil por meio das galeras. Assim, as implicações desse processo causaram o desgaste das torcidas organizadas tradicionais na virada do século XX para o XXI, que denominamos como movimento de terceira onda.

O quarto capítulo - *O movimento de quarta onda: a emergência da Ultras Resistência Coral, sociabilidade militante e insurreição clubística* – traz à tona a conformação do movimento de quarta onda da história das torcidas, caracterizada por um processo que tem origem fora do futebol através da politização sob o ponto de vista da esquerda, motivado pelo pertencimento à subcultura *skinhead* e à *sociabilidade militante* de um grupos de jovens, que definimos como a primeira geração da URC. Nessa perspectiva, investigamos a criação da torcida Ultras Resistência Coral em 2005 enquanto contraponto as práticas estabelecidas historicamente nos estádios, apresentando, pois, um outro projeto de torcida a partir do combate à violência, ao machismo, racismo, homofobia e xenofobia. Para dar conta das experiências lançadas por esses sujeitos, elaboramos uma categoria teórica – *insurreição clubística* – tributária da ideia de *pertencimento clubístico*, mas que trata da proposta de sublevação das torcidas antifascistas por meio do futebol.

No quinto capítulo, denominado *Passados que não passam: modernização, arenas multiuso e reminiscências do controle das torcidas*, delineamos a ampliação da Ultras Resistência Coral para uma frente de esquerda, com a entrada de novos integrantes – a segunda geração -, que a possibilitou expandir sua atuação para o carnaval e manifestações sociais. Dessa forma, um dos desdobramentos foi as reações ao seu projeto por parte da censura nos

estádios, que paulatinamente recrudesciu, principalmente com o Estatuto do Torcedor e o processo de reconfiguração dos estádios em arenas multiuso.

O controle e o enquadramento moral do comportamento torcedor, que sempre são reatualizados, foram questões que nortearam a reflexão deste capítulo, uma vez que em outros contextos analisados anteriormente foram elaboradas estratégias para modular as expressões das torcidas. Desse modo, a partir da série de seis reportagens do jornal Diário do Nordeste, denominada como “De torcedor a consumidor”, compreendemos as táticas ressignificadas nas malhas do tecido social pelos torcedores que vão de encontro à restrição do direito à cidade.

Por fim, o último capítulo - *Insurreição clubística: a potencia política transnacional das torcidas antifascistas* – analisa a terceira geração da Ultras Resistência Coral, momento posterior a Copa do Mundo de 2014 que retrata as experiências do grupo em torno do *Barbarians Pub*, que exerce uma função de sede para a URC, especialmente no momento mais vitorioso do Ferroviário desde a década de 1990.

Dessa forma, o sexto capítulo lança luz sobre a profusão das torcidas antifascistas em várias cidades do Brasil e da América Latina, conformando o que definimos como Guinada Antifascista. Essa planetarização das torcidas *antifa* foi refletida com base na interculturalidade da cultura juvenil através do emaranhamento de conexões estabelecidas por vínculos de solidariedade e de cooperação, particularmente em um contexto de avanço da extrema direita no mundo.

Nesse sentido, o capítulo discute como a URC aciona determinadas memórias para comemorar o aniversário da torcida e do clube, cuja recordação consiste em um empreendimento pautado no tempo presente e com funções políticas e utilitárias. Há também – e não menos importante - uma análise sobre a resistência antimachista levada a cabo por mulheres integrantes da torcida na disputa por espaço no futebol.

Em seguida, na última parte da tese, as considerações finais, retomamos as ideias que iniciamos na introdução na tentativa de responder - não encerrando o debate - os seguintes questionamentos: Quais impactos produzidos transnacionalmente pelas torcidas antifascistas em tempos de conservadorismo? De que maneira o futebol e a torcida enquanto espaços de resistência podem dar fôlego às esquerdas políticas?

PARTE I**OS DESLOCAMENTOS NO MAR DAS TORCIDAS: DINÂMICAS E
RESSIGNIFICAÇÕES ENTRE CHARANGAS E TORCIDAS ORGANIZADAS**

CAPÍTULO I - AFETADO E ATRAVESSADO PELO FUTEBOL: TRILHANDO O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

O primeiro capítulo desta tese delinea o debate teórico-metodológico que mapeia as ideias desenvolvidas nessa investigação. Dessa forma, o primeiro tópico procura esboçar os caminhos e as escolhas realizadas na trajetória de pesquisa, desde a delimitação temática ao modo como concebemos a História Oral e a Micro-História, além de ensejar a discussão sobre a produção das fontes históricas no ambiente digital, na cultura visual, nos periódicos e no formulário da plataforma *google forms*.

Para a análise das duas histórias que norteiam esta tese: (1) a história social das torcidas pós-1950 e (2) a história da memória das torcidas e do antifascismo no futebol, as reflexões que atravessam este capítulo adquirem relevância a partir do debate em torno da memória, da Virada Digital e da Virada Pictórica, que possibilitam, por meio da variação de escala, analisar a curto, médio e longo prazo *as ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas*.

Assim, o segundo tópico dimensiona alguns conceitos fulcrais para a compreensão da relação entre os dados empíricos e a metodologia utilizada. Tais conceitos não são entendidos como uma camisa de força que engessa a observação da realidade, mas sob um prisma que ilumina a essência dos processos históricos analisados neste trabalho. Portanto, não deslocamos este capítulo dos outros, uma vez que as ideias desenvolvidas neste primeiro momento estão diluídas no texto, servindo como um guia para esmiuçar o objetivo geral.

1.1) Do afeto à produção de fontes históricas: as experiências na/da delimitação temática

Gostaria de dar continuidade explicitando os conceitos, os procedimentos, as técnicas e as metodologias utilizadas nesta pesquisa não sem antes dar forma ao percurso que originou este trabalho. Essa abertura de parênteses a priori pode parecer insignificante, mas, no decorrer do texto, alguns ecos da minha trajetória pessoal poderão ter ressonância na escrita para além das motivações que me fizeram debruçar sobre a temática dessa investigação.

A minha trajetória profissional está inscrita no tempo, tecido invisível que bordou essas reflexões motivadas pela minha relação pessoal com o futebol desde criança. Em um primeiro momento, na análise da profissionalização do futebol cearense e, posteriormente, da

emergência das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza, até o presente estudo que, dentre outras questões, lança luz sobre a profusão das torcidas antifascistas na história dos modelos coletivos do torcer.

Em 1997, entre seis e sete anos de idade, ingressei na seleção de futsal do colégio em que estudava, Colégio 7 de Setembro, que possuía certa tradição nos campeonatos esportivos que disputava, particularmente porque tinha como treinador-professor um ex-jogador de futebol, Cicero Soares Mattos, mais conhecido como Cícero Capacete, goleiro profissional nos anos 1970 e 1980 de vários clubes como Fortaleza, Ferroviário, América/RN, CSA/AL. Vale ressaltar que, a partir de uma idade mais avançada, outro treinador era responsável pelas categorias, o Paulo Rubens, que, apesar de não ter o capital futebolístico que Cícero Capacete construiu, ele alcançou certo *status* na cidade pelas conquistas através dos times do colégio.

A partir de então, minhas relações sociais foram construídas em torno dos espaços futebolísticos. Desde criança, portanto, habituei-me com rotina no treino durante a semana, intercalando com as aulas e os estudos. Meu pai, funcionário público e farmacêutico, e minha mãe, que administrava “tomando conta” da farmácia localizada ao lado da minha residência, não permitiam que fosse atleta sem corresponder nas notas do colégio, ao mesmo tempo em que buscavam de todas as formas manter a minha formação no esporte.

Lembro que, pelo tempo que o comércio demandava dos meus pais, e, como morávamos em um bairro na periferia de Fortaleza distante da escola no centro, desde cedo precisei circular nos ônibus para poder estar presente na rotina de treinos. Em casa, o futebol também permeava as relações assistindo aos jogos na televisão, nos jogos de botão e nas idas aos estádios, constituindo direta e indiretamente as sociabilidades da família.

Na proporção em que o futebol cada vez mais se diluía na nossa vivência por diferentes matizes, partilhamos também da experiência nos estádios de futebol. Assim, do final da década de 1990 a atualidade passamos a estar presente semanalmente no Estádio Presidente Vargas ou no Castelão, às vezes, duas vezes na semana. Nesse intervalo de tempo, continuidades e rupturas compuseram as minhas relações sociais enquanto torcedor, que, mesmo sem integrar oficialmente alguma torcida organizada, em vários jogos eu, meus amigos e, com muita insistência, meu pai, decidíamos nos aproximar da maior organizada do clube (Torcida Uniformizada do Fortaleza - TUF), especialmente em jogos cujo grau de interesse – clássicos ou decisões – careciam de uma participação mais incisiva por parte de nós torcedores, escolha estratégica para de alguma forma liberar as tensões.

Conforme reflito no terceiro capítulo desta tese, momento em que as implicações do reordenamento das torcidas organizadas na década de 1990 são nuançadas, a minha infância e adolescência foram preenchidas pelo que definimos de *funkerização* das arquibancadas. As torcidas organizadas, ao esquadrihar os bairros de Fortaleza com as rivalidades entre os territórios, passaram a gravar milhares de CDs que circulavam entre os torcedores. Nesse período, eu, meu pai e amigos costumávamos reproduzir essas músicas nas idas ao estádio, embora as letras se tratassem de um festival do senso comum: apologia à violência, à homofobia e ao machismo.

Dito isso, um dos desdobramentos dessa dedicação ao esporte foi um desempenho considerável nas competições no futsal pelo Colégio 7 de Setembro e, posteriormente, pelo Colégio Farias Brito e pelo Ideal Clube, time que cooptava atletas de vários colégios para a participação no Campeonato Cearense de futsal. Entre 1997 e 2007, fomos cinco vezes campeões cearense e seis vezes campeões do intercolégio de futsal. Tal desempenho me possibilitava ter um desconto na mensalidade dos colégios em que estudei sob forma de compensação pela trajetória no esporte.

Nesse intervalo de tempo, participamos de competições em outros estados como Rio Grande do Norte e Paraíba, momentos de êxtase para um adolescente que viajava para jogar futebol, desfrutando, sem dúvidas, de outros prazeres associados a essa experiência. Para tanto, o esforço iniciava-se com as vendas de rifas entre a família e os amigos para custear a viagem, uma vez que cada atleta era o responsável pelos custos. Em quase todas as viagens fui acompanhado do meu pai, dependendo da situação em que se encontrava o comércio da família. Quando não era possível, o meu vínculo com os amigos do time e suas respectivas famílias era tão forte que meus pais me liberavam para viajar sob a responsabilidade de terceiros.

Na primeira dessas competições, realizada na cidade de Natal, meu irmão, também atleta de categoria acima, como chamávamos aqueles mais velhos de idade, foi o meu responsável. Contudo, por vários motivos, a “carreira” no futebol do meu irmão foi mais curta, embora tenha me influenciado significativamente. De todas as vezes em que viajei para Natal e João Pessoa, alcançamos o título duas vezes, sendo bi-campeão Norte e Nordeste de futsal durante a adolescência.

Dessa forma, a minha leitura de mundo foi elaborada em torno do futebol, espaço-tempo que me possibilitou constituir parte das amizades até hoje. De alguma forma, os treinos desde criança renderam determinado resultado, mesmo que inconscientemente me inseria também em

ambientes extremamente competitivos enquanto sujeito que vai conhecendo e atribuindo significados à vida.

Em 2007, entretanto, período em que me preocupei mais em entrar na universidade a jogar futebol, passei a me distanciar mais do futsal para me preparar com mais intensidade nos estudos, tanto pela relevância que a formação universitária tinha para meus pais, como também pela percepção de que o desejo de ser jogador profissional era atravessado por uma série de limitações que fugiam ao meu controle, particularmente pelas relações necessárias com recrutadores, agentes/empresários e relações com os diretores treinadores de categoria de base, sobretudo do futebol de campo⁵⁸. Essa passagem do futsal para o futebol de campo foi experimentada durante uma temporada nas categorias de base do Fortaleza Esporte Clube, onde essas problemáticas me saltaram aos olhos e me conscientizaram que o caminho não era esse. É verdade também que eu estava adaptado ao futsal e às relações sociais instituídas naquele ambiente, que o futebol de campo não me proporcionou e logo me distanciei.

Não foi por acaso que, ao ingressar na universidade, logo no início do curso de história na Universidade Estadual do Ceará (UECE) busquei em grupos de pesquisa e de estudo a possibilidade de investigar historicamente o futebol. Não coincidentemente a temática desenvolvida na monografia, publicada em livro, abordava o processo de profissionalização do futebol no Estado do Ceará iniciado nos anos 1930 até os anos 1950, além das mudanças dos valores atribuído por ex-jogadores (José Cândido, Pedro Simões e Francisco Nunes Rodrigues, o Pacoti), que atuaram em diferentes momentos nesse contexto.

À vista disso, em uma dessas entrevistas, com José Cândido Fontenele, realizada em 2013, o ex-jogador e diretor do Fortaleza Esporte Clube, então com 91 anos de idade, deu-me seu depoimento sobre o futebol cearense nas décadas de 1930 e 1940. Após a entrevista, em outro momento desse encontro entre pesquisador e depoente para a produção da fonte oral, embora não se trate apenas disso, Zé Candido folheava um álbum com muitas fotografias narrando suas lembranças.

Um dos detalhes desse acontecimento é que não sabia que aquela entrevista ia alterar por acaso todo o meu futuro nas pesquisas sobre futebol, uma vez que eu não sabia que o filho de Zé Candido, Osvaldo Fontenele, havia integrado e sido presidente do que ele afirmava ter sido

⁵⁸ A complexidade das relações estabelecidas entre o atleta portador do talento, a família, os agentes/empresários e diretores de futebol na dinâmica da formação dos pés-de-obra foram analisados por Damo (2005).

a primeira torcida organizada do Estado do Ceará, a Garra Tricolor, fundada em outubro de 1980.

Se a minha ida ao apartamento da Família Fontenele ocorreu para fins de pesquisa da monografia na graduação sobre o processo de profissionalização do futebol, foi naquele momento que, involuntariamente, abriu espaço para o interesse da história do torcer. Na metodologia da História Oral, esses imprevistos – talvez um pouco de sorte do pesquisador – ocorrem de modo que a escuta por parte do entrevistador necessita de uma sensibilidade não só para as informações narradas, mas também para a ambiência, os não-ditos e esquecimentos. Caso a minha ida à residência de Zé Candido tivesse ocorrido apenas para – e por si pela – a entrevista, a conversa com o seu filho, Osvaldo Fontenele não teria sido possível.

O efeito desse contato com Osvaldo Fontenele ficou temporariamente em *stand by* enquanto produzia o texto da monografia. Além da possibilidade que emergiu ao conhecê-lo, algumas reportagens manuseadas dos anos 1930 e 1940 traziam à tona questões referentes ao público dos estádios, seus significados e expressões. Assim, conformava-se a partir de então a problemática desenvolvida na dissertação de mestrado: de que modo e com quais mecanismos foram fundadas as torcidas organizadas? Esse questionamento levou a investigação da torcida organizada Garra Tricolor a partir do contato com Osvaldo Fontenele.

A entrevista com Osvaldo Fontenele, realizada no mesmo apartamento ainda em 2013, em virtude da necessidade de coletar fontes para a seleção do mestrado neste ano, levou-me a adentrar em uma rede de sujeitos que mantinham vínculos e relações com seus respectivos clubes de futebol. Uma das consequências do trabalho com a História Oral consiste no efeito dominó causado pela rede de pessoas que vão passando o contato de um possível depoente para a pesquisa. Porém, as peças do dominó nem sempre se encaixam, arrisco afirmar que, quanto mais entrevistas se realizam, mais amplas se tornam as questões para análise. Isso é importante porquanto é positivo e negativo ao mesmo tempo, tendo em vista que cabe ao historiador e à historiadora ir delimitando suas questões. O que vale ressaltar nesse (des)encaixe de peças é que o processo é multifacetado, heterogêneo e, por vezes, confuso.

Nessa perspectiva, a pesquisa desenvolvida no mestrado necessitou de um recuo temporal para uma investigação diacrônica, buscando compreender as formas coletivas do torcer elaboradas antes da conformação das torcidas organizadas. Em tal caso, o estudo atravessou as décadas entre 1960 e 1980 ao lançar luz sobre a transição do modelo coletivo do torcer das charangas para as torcidas organizadas. Vale ressaltar que, no capítulo dois deste estudo,

retornaremos a algumas questões iniciadas na dissertação de mestrado, medida tomada não para realizar uma apologia a si mesmo, mas para aprofundar e tangenciar o debate deste presente trabalho

Ao final do trabalho, portanto, alguns aspectos permaneceram em aberto para o entendimento da história das torcidas na cidade de Fortaleza, pois a multiplicação das torcidas organizadas nos anos 1980, entretanto, caracterizou-se pela constituição de agrupamentos com aspectos distintos da maioria das torcidas organizadas existentes no século XXI. Tanto que de todas as torcidas organizadas fundadas na década de 1980, apenas uma permaneceu em atividade até a atualidade, a Torcida Organizada Cearamor (TOC). Essa particularidade me despertou o interesse na medida em que os anos 1990 aparentava ter sido nevrálgico para a lógica das torcidas organizadas em Fortaleza.

Somado a esse processo, entre 2015 e 2016, multiplicavam-se as torcidas antifascistas no cenário nacional. Os tensionamentos provocados entre as diferentes expressões coletivas do torcer necessitavam de uma investigação mais cuidadosa que me levaram a projetar para o doutorado o desenvolvimento, dentre outras questões, da guinada antifascista de coletivos torcedores, no sentido de entender os valores e os sentidos mobilizados por esses agrupamentos.

Dessa forma, as minhas experiências enquanto torcedor, ainda nos anos 2000, remontam à constatação, em clássicos contra o Ferroviário, da existência de uma torcida politizada de esquerda e antifascista. A Ultras Resistência Coral, criada em 2005, do meu olhar desprezioso enquanto adolescente, passou a ser meu interesse de pesquisa no doutorado. A URC, portanto, funcionou como um ponto de partida que culminou também como ponto de chegada da análise realizada no intervalo de tempo dos anos 1950 e se encerrando em 2020, momento em que a proliferação das torcidas antifascistas não pode deixar de ser notada e, direta e indiretamente, alimentam-se do pioneirismo da Ultras Resistência Coral, conformando o que designamos como movimento de quarta onda da história coletiva do torcer.

No entanto, eu precisava me aproximar dos integrantes da URC para apresentar-me enquanto pesquisador e, dessa forma, iniciar a pesquisa com a torcida por meio do trabalho de campo etnográfico e das entrevistas. Para tanto, utilizei a rede social do grupo a fim de identificar os membros da Ultras Resistência Coral, porém as fotos publicadas na página seus rostos eram borrados de modo que não dava para reconhecê-los. Obviamente os nomes de cada componente também não eram divulgados, uma vez que a torcida prefere se precaver das

possíveis perseguições e da repressão política, tendo em vista o ultraconservadorismo e as incertezas da política atualmente.

Então, uma das soluções para esse impasse inicial foi procurar algum membro através de entrevistas para jornais ou canais de comunicação publicadas na internet. Assim, uma das falas encontradas foi de A. O encontro de A, ao navegar nessas entrevistas pelos sites, me surpreendeu porque percebi que ele não era desconhecido pra mim. Ele havia sido meu colega de trabalho em 2012 e 2013 em uma das escolas públicas da rede pública do Estado do Ceará, o Liceu do Ceará, em que trabalhei enquanto professor de história.

Considero-me um afortunado, pois, tanto no mestrado como no doutorado os contatos iniciais com quem me concedeu entrevista foram facilitados. Desde quando pesquisava a profissionalização do futebol cearense, ainda na graduação, uma das entrevistas – com seu Zé Candido – me levou ao seu filho, Osvaldo Fontenele, ex-presidente de uma das primeiras torcidas organizadas em 1980; e, no doutorado, um dos membros da URC havia trabalhado comigo, o que é de grande relevância para quem utiliza a História Oral na investigação, uma vez que o primeiro contato e a rede de depoentes que vão sendo tecidos são singulares para a produção da pesquisa. Há quem diga que é sorte do destino – não sou reticente a ponto de duvidar disso -, mas sempre me recordo das contribuições de Marc Bloch, ao afirmar que “onde fareja a carne humana, sabe que ali está sua caça” (BLOCH, 2001, p.54).

Dito isto, reconstruindo as trilhas do percurso que me trouxeram até esta pesquisa, cabe agora refletir acerca dos procedimentos adotados, metodologias utilizadas e conceitos que balizaram as ideias e as fontes manuseadas. Dessa forma, nos subtópicos seguintes abordaremos a apropriação que consideramos da História Oral e das entrevistas; da pesquisa qualitativa realizada nas redes sociais – *Facebook* e *Instagram* - através da *etnografia virtual*, *netnografia* ou *ciberantropologia*, denominações amplamente debatidas na área da comunicação; da cultura visual e compreensão das imagens dos jornais e dos acervos pessoais; do formulário elaborado online através da plataforma *Google Forms* e, por fim, do tratamento concedido aos periódicos.

Após a discussão metodológica, o tópico seguinte traz à tona os conceitos que subsidiarão a análise, dentre eles a criação da categoria *insurreição clubística*, tributária do conceito de *pertencimento clubístico* elaborado por Damo (1998), mas que procura dar conta do que definimos como a guinada das torcidas antifascistas; os conceitos de memória *Erfahrung* e *Erlebnis* trabalhados por Traverso (2005) e Weimer (2013); a ideia da categoria *comum* desenvolvida por Dardot e Laval (2017) e, por fim, o pensamento *decolonial* para compreender

as redes tecidas entre as torcidas antifascistas por meio de um *emaranhamento*, termo que articula os relacionamentos entre pessoas, coisas e locais que possibilita esboçar uma perspectiva das conexões (trans)nacionais entre os coletivos torcedores. É relevante mencionar as contribuições do geógrafo David Harvey (2008) no que definiu como processo de acumulação por *economias da despossessão*, ao aprofundar a relação entre o investimento de capitais no espaço urbano e o direito à cidade, que ilumina a compreensão de processos da construção das arenas multiuso.

1.1.1) História Oral

“Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona” Clarice Lispector

A base metodológica do trabalho está alicerçada na compreensão de que a história se faz pelos homens e pelas mulheres, nas ações do cotidiano no trabalho, na família, na vida domiciliar e na vida pública. Acreditamos também que todas essas ações ocorrem sob condições que lhe impõem limites e contradições, elaborando um eterno jogo de relações sociais de dominação e de resistência. Dessa forma, propomos esquadrihar as visões de mundo de determinados grupos sociais e sujeitos no agenciamento de respostas para os seus problemas.

Optamos por compreender os sussurros dessa teia de relações por meio da História Oral, da micro-história e do trabalho de campo etnográfico, momento em que desenvolveremos a observação participante, tendo em vista as nuances ensejadas pelos encontros entre pesquisador e depoente. Contudo, não há uma hierarquização das fontes, pois, apesar de fazer uso principalmente das fontes orais, também utilizamos periódicos, imagens de acervo pessoal e a cultura visual de fontes digitais e formulários nesta pesquisa.

Por que, então, eleger a História Oral? Apropriada sob várias matizes, acreditamos ser importante e necessário precisar de que forma pensamos a História Oral, uma vez que foram adotadas pelo menos três tipos de posturas: a primeira advoga ser a história oral uma técnica, a segunda, uma disciplina e a terceira, uma metodologia (FERREIRA, 2012). Dessa forma, postulamos um *status* de metodologia para a História Oral, de modo que compreende múltiplos procedimentos que exercem o papel de um elo entre teoria e prática.

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias

possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho –, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral, o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões, ou seja, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas (FERREIRA, 2012, p.170).

Assim, a interdependência entre teoria, prática e metodologia impossibilita classificar a História Oral apenas como uma prática, uma técnica, assim como na primeira acepção, que a compreende enquanto experiências relacionadas apenas à gravação de depoimentos, transcrição de entrevistas, aparelhagem de sons a fim de constituição de acervos orais. Essa postura diante da História Oral é defendida por cientistas sociais cujas pesquisas se baseiam em geral em fontes escritas, utilizando as entrevistas como um complemento. Nesta tese, entretanto, posicionamo-nos em uma perspectiva que procura não hierarquizar as fontes escritas, orais e visuais.

o testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezada, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (Idem, p.171)

Ao adquirir centralidade nesta pesquisa, as fontes orais nos desloca para a reflexão em torno da instância da memória, que acarreta desdobramentos teórico metodológicos sobre a narrativa e a forma de construção do discurso, tendo em vista que, de acordo com Alessandro Portelli, fontes orais são fontes narrativas. Nessa perspectiva, a análise das visões de mundo de determinados grupos sociais, por meio das memórias que espelham representações, não se torna inviável e desqualificada por possíveis distorções dos depoimentos, falta de veracidade, esquecimentos e silenciamentos, mas uma fonte adicional para a pesquisa.

Uma das implicações dessa apropriação consiste em que não nos direcionamos a uma militância pela memória, que se sacraliza ou se banaliza, mas sim a necessidade de pensar em um trabalho sobre a memória. Nesse sentido, as relações entre história e memória são reatualizadas em cada contexto, do dever de memória e dos lugares de memória, considerações

da nova política de memória de Pierre Nora⁵⁹, à crítica da guinada subjetiva, de Beatriz Sarlo⁶⁰. Ao situar as matrizes teóricas de alguns autores que servem como referência para boa parte dos estudos contemporâneos sobre a relação entre história e memória – Bergson, Halbwachs, Pollak, Nora e Ricoeur – o historiador Benito Schmidt afirma que dialogam com duas matrizes: a sociológica-objetivista e a fenomenológica-intuicionista.

Algumas noções como memória coletiva, enquadramento, lugares da memória, esquecimento e testemunha já se tornaram lugares-comuns no vocabulário de historiadores, antropólogos, psicólogos e outros profissionais interessados pelos fenômenos relacionados ao lembrar e ao esquecer. Porém, há uma considerável distância entre incorporar tais termos ao vocabulário e utilizá-los como efetivas referências analíticas. Digo isso, pois percebo – e insisto no caráter de “percepção” desta observação, já que ainda não pude sustentá-la de maneira mais aprofundada – que muitos dos estudos produzidos recentemente valem-se dos referidos autores e de suas noções de maneira um tanto quanto superficial, esvaziando-os de suas efetivas contribuições teórico-metodológicas, muitas vezes mesclando-os de forma descuidada, sem considerar suas matrizes epistemológicas e os debates a elas relacionados (SCHMIDT, 2006, p.86).

O trabalho sobre a memória aqui levado a cabo, portanto, incorpora variadas demandas associadas à temporalidade, subjetividades e ativismo político de grupos sociais, o que sugere ser necessário o questionamento sobre os porquês da lembrança, do esquecimento e do silenciamento.

Dito isto, a investigação sobre os modelos coletivos do torcer e a profusão recente das torcidas antifascistas a partir da análise da torcida Ultras Resistência Coral demanda o deslocamento do pesquisador para a produção das fontes orais, uma vez que, para a compreensão desse universo, é necessário se debruçar no percurso das entrevistas dos sujeitos que alavancaram esse processo histórico. Vale ratificar, portanto, que não entendemos as fontes orais como um complemento, ou a utilizamos como um recurso para preencher lacunas, mas pela própria especificidade do objeto de pesquisa em questão. Pelo contrário, as entrevistas, como quaisquer outras fontes históricas, são documentos importantes e subjetivos que necessitam ser questionados a fim de evitar a monumentalização da memória a partir da problematização dos mitos de origens das torcidas pesquisadas. “Assim, as possíveis distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova

⁵⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993.

⁶⁰ SARLO, Beatriz. Tempo passado. **Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2007.

maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa” (FERREIRA, 2002, p. 324).

Utilizamos os procedimentos metodológicos da história oral, compreendendo que realizar entrevista não é fazer história oral, pois o trabalho vai muito além disso, desde a preparação do projeto (1), realização das entrevistas (2), produção do documento escrito (3) e a análise dos dados (4). Essas diferentes etapas, do projeto de pesquisa à análise dos dados pós transcrição das entrevistas, são mecanismos praticados com a anuência do depoente, além da investigação ter sido cadastrada na Plataforma Brasil.

Assim, durante a trajetória de pesquisa realizamos dezessete entrevistas que contabilizaram 1190 minutos de depoimentos. Uma parte dos depoentes, que integra a torcida Ultras Resistência Coral, não teve sua identificação publicizada, tendo em vista o projeto político antifascista que defendem. Eles solicitaram, por medida de segurança, que eu atribuíssem nomes aleatórios ao fazer uso das entrevistas. Nessa perspectiva, quatorze membros contactados por mim, dentre entrevistas e formulários, foram identificados no decorrer do texto por letras do alfabeto, de A a Z.

As narrativas dos entrevistados foram transcritas no decorrer desses anos por mim, mas, no último ano do doutorado, precisei custear a transcrição de duas entrevistas para um aluno da graduação do curso de História da Universidade Estadual do Ceará, Campus de Quixadá (UECE/FECLESC), instituição em que fui professor substituto no setor de Teoria e Metodologia da História, em paralelo a escrita desta tese. Como a bolsa de doutorado que recebi, ofertada pela CAPES, teve a duração de um ano entre 2016 e 2017, período em que morei na cidade de Porto Alegre, quase todo o curso de doutorado foi realizado mediante a necessidade material de estar trabalhando.

Por conseguinte, a metodologia empregada diz respeito à histórias de vidas dos torcedores, entendendo as dinâmicas de suas trajetórias, como se recordam e narram suas experiências, uma vez que a memória não é consensual, está em permanente tensão, em disputada e em negociação. Assim,

Uma segunda abordagem no campo da história oral é aquela que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado. Nessa vertente a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral. Conseqüentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltadas para a checagem das informações e para a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova, de

maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central (Idem, p.328).

Nesta pesquisa concebemos a história oral a partir da influência de duas perspectivas, as quais foram designadas como duas escolas de compreensão do método. A primeira delas foi elaborada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV), amplamente utilizado na historiografia, cujas entrevistas são transcritas com pequenos acréscimos/modificações permitidos apenas no sentido de tornar mais compreensível o conteúdo ao leitor. Assim, para o CPDOC, adicionar alguns esclarecimentos ao leitor entre parênteses, colchetes ou em notas de rodapé. Conforme Verena Alberti (2004) e Janaína Amado e Marieta Ferreira (2001), a história oral possui um conjunto de técnicas e de procedimentos que, para a produção da entrevista, elementos como ética, sentimentos, afinidades e responsabilidades sociais fazem parte do compromisso entre entrevistador e entrevistado.

A outra escola da qual consideramos fundamental compreender como entender a história oral se refere ao Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP), cuja proposta principal se resume nas concepções dos trabalhos de José Sebe Bom Meihy:

Essas narrativas interessam mais do que as eventuais informações que contenham. Por possuir os próprios argumentos ou versões subjetivas capazes de iluminar o contexto de outra maneira, são essas as razões da história oral. O que se propõe é que, antes de tudo, se busque formular suportes documentais que menos cuidem de informar e mais de produzir estratégias capazes de permitir o entendimento além das informações. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.31)

O NEHO não estabelece como principal a transcrição da entrevista tal como foi narrada, pois dá centralidade aos usos públicos e ao alcance da fonte oral, possibilitando ao pesquisador a produção do documento escrito de forma que o texto se torne mais “limpo e liso”, retirando também as intervenções do entrevistador (TONINI, 2016, p.192). Essa maneira de se trabalhar com as entrevistas se chama de “textualização suave” (CALDAS, 2008, p. 166), que

Privilegiando as ideias do narrador em detrimento da transcrição de um discurso, a textualização dá uma lógica ao texto. É nessa fase, também, que se escolhe o tom vital, isto é, uma frase que, por representar uma síntese moral da narrativa, serve de epígrafe e guia para a leitura da entrevista. (TONINI, 2016, p.192)

Esta tese busca alinhar as contribuições das duas escolas tendo em vista a relevância que as duas propostas têm, cada uma a seu modo. A História Oral, portanto, possibilitou reconhecer o potencial revelador do “testemunho oral”, fonte que “fala e com a qual o pesquisador dialoga e que expressa muito mais do que uma simples informação: a sensibilidade de quem é

entrevistado, o que propicia uma perspectiva diferente de penetrar no âmago das questões tratadas” (JUCÁ, 2014, p.29). Aqui compreendemos a História Oral como uma metodologia que necessita de um apoio teórico a fim de não reduzir o trabalho a uma simples transcrição de entrevistas (Idem, p.31).

A fonte oral, assim, resulta do diálogo entre o depoente e o oralista, descreditando a aparência de que a entrevista foi feita para deixar os outros falar no lugar do historiador. Segundo Alessandro Portelli, o historiador não é um intermediário, e sim um “protagonista presente”, pois “junto ao eu do informante está o eu do historiador: uma relação que é acentuada pelo facto de ambos serem narradores. O informante é, em certa medida, historiador; e o historiador é, em certa medida, parte da fonte” (PORTELLI, 2013, p.38)

A importância das fontes orais encontra-se na possibilidade de vivenciar as experiências do outro a que se tem acesso, sabendo compreender suas expressões na abordagem histórica (ALBERTI, idem). Reconhecemos ainda que as entrevistas precisam ser filmadas, gravadas, escutadas, transcritas e interpretadas, com uma cópia do arquivo produzido para o depoente (MEIHY, 1996).

Por meio da História Oral foi possível entender o passado e o presente da história dos modelos coletivos do torcer. No decorrer desta tese, o trabalho de rememoração no tempo presente envolvendo a memória, realizado por homens e mulheres, será evidenciado em diferentes capítulos. Assim, os leitores irão se deparar nessas páginas com duas “histórias”, que não podem ser dissociadas, uma vez que busquei escrevê-las enquanto complementares. Uma delas consiste em uma *história social das torcidas pós 1950*, protagonizada por diferentes grupos sociais, alicerçada na memória, mas também por jornais, imagens e fontes digitais. Entretanto, delinee-i-a em razão da *história da memória das torcidas e do antifascismo no futebol*, correspondendo a “segunda história”. Não há nessa proposta, portanto, uma hierarquização entre a história e a memória: pelo contrário, o objetivo é inscrever esta última em um quadro histórico mais amplo do torcer, de acordo com a análise de Traverso (2005).

Um dos efeitos dessa proposta retrata que esta tece procura, para além de tomar a memória como fonte ou objeto, lançar luz sobre uma história que com ela dialogasse, conforme apontada como uma história social da memória e do esquecimento por Catroga (2001, p.55). Necessito trazer à tona como meus entrevistados contaram-me suas histórias e, por essa razão, sugiro integrar as leituras, porquanto experiência e memória sociais são compreendidas de forma integrada nesta pesquisa.

Nessa perspectiva, inscrevendo a memória em um quadro histórico mais amplo, possibilitou-me entender a longo prazo a história social das torcidas de 1950 a 2020. A memória foi pensada a partir da problematização elaborada por Walter Benjamin (*Apud* Traverso, 2005, p.12), que diferencia a memória denominada pela palavra alemã *Erfahrung*, que remete à experiência transmitida de geração em geração, forjando identidades grupais na longa duração – e é essa que se encontra e é reatualizada nas quatro ondas dos modelos coletivos de torcer analisadas neste trabalho – e aquela designada como *Erlebnis*, que se refere à experiência vivida particularmente por cada onda do torcer, mas que, na transição do século XX para o XXI, é caracterizada pelos ritmos de metamorfose acelerada, da sociedade de mercado, do individualismo e do modernidade. Assim, a *Erlebnis* remete à memória efêmera, volátil, frágil.

Dito isto, Uma particularidade que é relevante explicitar se refere à revelação da identidade dos membros nas entrevistas e nas imagens. No geral, alguns integrantes da torcida preferem não expor fotos por questão de segurança, uma vez que são integrantes de organizações políticas passíveis de censura, particularmente pelo recrudescimento do contexto político autoritário e conservador brasileiro.

Entretanto, nas redes sociais a URC adota a estratégia de publicar as fotos com a face borrada dos integrantes do coletivo. Nas manifestações de junho de 2013, por exemplo, alguns componentes da Ultras Resistência Coral, por estarem no *front* dos conflitos com os agentes de segurança pública, permaneceram não expondo suas identidades publicamente.

A consequência imediata é que neste trabalho alguns nomes de integrantes que colaboraram com a investigação serão fictícios, pois solicitaram-me a não identificação, até mesmo no formulário preenchido online. Outros dois integrantes até o momento reivindicaram o anonimato, bem como o nome da organização na qual militam. Logicamente, estes integrantes são alvos da censura e da repressão nos estádios e nos movimentos sociais pelas pautas e lutas sociais defendidas.

1.1.2) Micro-História

De forma entrecruzada, objetivo analisar a história social das torcidas e a memória de distintos agrupamentos no decorrer dos capítulos. Nas páginas desta tese há a experiência de vários grupos investigados através de uma variação de escala micro e macroscópica, culminando na Parte II com a emergência da Ultras Resistência Coral. Escrevo uma história sobre como este último coletivo se articula politicamente no futebol, estabelecendo uma

narrativa de resistência que vai de encontro à lógica do futebol moderno/mercantil/negócio, operando através de experiência de classe, de raça e de gênero.

Nossa proposta de trabalho compreende a redução da escala de observação, pois, de acordo com Levi (1992), é o *locus* onde se elabora a análise, e não o objeto da mesma. Além disso, por meio da observação microscópica, destacamos que a Ultras Resistência Coral não é, portanto, o tema em si, ela é, sim, o *locus* no qual esmiuçaremos as dominações e as resistências do/no indivíduos.

Contudo, o método micro-histórico não significa apenas uma redução da escala de análise, uma vez que há a variação de escala através da qual o *micro* e o *macro* confrontam-se de maneira que os sistemas normativos e as relações interpessoais estejam permanentemente em construção. Segundo Paul- André Rosenthal⁶¹, foi esse método que questionou os méritos e as concepções que prevaleciam propondo uma verdadeira contribuição ao iluminar tanto a História Social como a História Cultural.

Na introdução do livro “A herança imaterial”, Jacques Revel fala que a micro-história permite destacar complexa rede de relações e multiplicidade dos espaços e dos tempos, tendo uma dupla face: a redução da escala, que torna possível a reconstituição do vivido e a identificação das estruturas que o indivíduo articula. Nesse sentido, a micro-história estuda o social não como um objeto total de propriedades, mas como um conjunto de inter-relações móveis, atentando mais para a construção de papéis sociais e a sua interação⁶².

Revel afirma ainda que Levi escolhe uma pequena cidade, um lugar banal e um padre comum, porém esse campo de visão permite ao autor compreender outras coisas para além dos acontecimentos gerais, as banalidades escolhidas convidam a pensar a “modulação local da grande história”⁶³.

A nossa proposta é compreender, a partir de uma torcida numerosamente pequena, a modulação local de acontecimentos gerais, evidenciada no contraponto político de esquerda protagonizado pela URC diante das contradições neoliberais e a modernização do futebol. Ou seja, através da Torcida Ultras Resistência Coral buscaremos respostas locais para eventos gerais que se constituem na realidade histórica.

⁶¹ ROSENTHAL, Paul-André. Construir o macro pelo micro: Fredrik Barth e a microstoria”. REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁶² LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000, p.17.

⁶³ LEVI, 2000, p.25.

A modulação local da torcida é construída através de elementos que revelam a universalidade na unicidade, como, por exemplo, a inserção violenta do neoliberalismo e o ataque ao direito à cidade; os megaeventos esportivos que foram realizados no Brasil, o Pan-Americano no Rio de Janeiro, a Copa das Confederações, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Temos como hipótese que a origem operária do Ferroviário Atlético Clube⁶⁴ também é um fator que modula localmente as questões gerais em virtude da particularidade da relação entre o clube – fundado por trabalhadores da rede ferroviária - e a transmissão de uma memória tradicional proletária.

Procuramos unir nessa abordagem, então, o princípio da variação de escala macro e a micro-história por dois motivos: acredita-se que não pode existir uma sem a outra e também não esquecemos que a história é feita por homens e mulheres, embora a façam sob condições que não escolheram. Assim, a história não é

[...] nem o resultado de uma “ação humana” misteriosa e transcendental, como querem uns, nem os homens e as mulheres são fantoches de “forças” históricas, como querem outros. As ações humanas constituem o ponto em que se resolve momentaneamente a tensão entre liberdade e escolha (COSTA, 1998, p.19).

Giovanni Levi, portanto, em uma disciplina⁶⁵ ministrada na cidade de São Leopoldo, afirmou que a história é uma ciência que sempre parte do particular, buscando respostas locais para perguntas gerais. Para o autor, o interessante é buscar o que há por dentro dos grupos/entidades sociais, não acreditar que são homogêneos. Os grupos sociais não são automáticos, são criados, são momentâneos.

Realizadas essas primeiras colocações sobre o método micro-histórico, vale lembrar que várias críticas foram realizadas a essa abordagem, entre elas a acusação de que a Micro-História é o estudo de uma pessoa, esgotando-se no singular. Na verdade, ela é o estudo do indivíduo e das suas relações, uma busca iminente pela forma como se formalizam as relações sociais. Os historiadores precisam se dar conta de que as coisas não se movem em uma linha de progresso ou positiva, podendo até ser regressiva, mas se movem em várias direções.

⁶⁴ O Ferroviário Atlético Clube foi fundado em 1933, tem as cores vermelha, preto e branco e o seu mascote é o “Tubarão da Barra”, nome que faz alusão ao bairro Barra do Ceará, onde se localiza a sua sede, Vila Olímpica Elzir Cabral. Historicamente, o Ferroviário representa o terceiro maior clube do estado do Ceará, foi campeão nove vezes e vice-campeão vinte vezes do Campeonato Cearense de Futebol. Por vezes durante o texto, nos referimos a torcida do Ferroviário como “torcida coral”.

⁶⁵ Disciplina “História e historiografia no século XXI”, ministrada por Giovanni Levi na Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com carga horária de 30 horas-aula, nos dias 9, 14, 15, 20, 21 e 22 de junho de 2016.

Após visualizarmos uma das críticas feitas à micro-história, busca-se superá-las na medida em que se procura sob quais premissas surgiram esse método, em quais perspectivas os historiadores italianos se basearam. Deste modo, Rosenthal afirma que foi Fredrik Barth quem forneceu a teoria para Giovanni Levi de levar em conta as variantes comportamentais, indo além das estruturas e sistemas normativos, desconstruindo a abordagem funcionalista generalizante da sociedade.

[...] a obra de Barth forneceu muitos dos componentes teóricos mais importantes da micro-história social italiana. E mais, construiu-os com um rigor de exposição quase matemático, marcado pelo cuidado de definir e de articular com precisão todos os conceitos requeridos pelo raciocínio, o que autoriza a procurar neles uma verdadeira teoria da análise do social (ROSENTHAL, 1998, p. 153).

Essas primeiras considerações tiveram inspiração na “Teoria dos Jogos”, pela qual entende-se que o indivíduo é um ator, toma decisões que dependem não apenas dos recursos e das obrigações que pesam sobre ele, mas também da previsão (Estado de incerteza) da ação/reação paralela dos outros atores. Isto é, destaca-se o uso que cada um faz da margem de manobra de que dispõe numa situação determinada, do seu universo de possíveis.

Em suma, Rosenthal lembra que o micro é condição indispensável para obter informações exaustivas de determinado grupo. Assim, o método se baseia em uma ótica neorracionalista: por meio de um sujeito que pensa e age sob modalidades universais e racionais, reconstituindo as cadeias de causalidade que produzem formas sociais. Logo, a variação de escala não é mais um instrumento indiferente, devendo ser apreendida através da noção de valores – parâmetros dos indivíduos, que medem perdas e ganhos, norteando suas ações.

1.1.3) Etnografia virtual, netnografia, ciberantropologia: como podem os historiadores atuarem nas redes sociais?

Um dos desafios para a escrita deste estudo decorreu da necessidade de se lançar para os domínios digitais, um espaço-tempo relativamente novo que os historiadores e as historiadoras se debruçam de modo pouco refletido, com algumas exceções⁶⁶. Apesar dessa escassez teórico-metodológica sobre a internet como fonte primária para a pesquisa histórica, constatamos o recrudescimento do uso desse espaço pelas torcidas organizadas para se expressarem foi cada vez mais se intensificando, especialmente as redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Esse

⁶⁶ ALMEIDA, 2011; LUCCHESI, 2014; SILVEIRA, 2016 são alguns dos historiadores que investigaram as demandas da cultura digital e da urgência pela historiografia na imersão nesse universo.

momento recente da efervescência de um novo espaço para compreensão e o descompasso da imersão dos pesquisadores na internet foi debatido por Almeida (2011):

Outra explicação para que a utilização das fontes digitais ainda seja ínfima diz respeito à ausência de uma ampla discussão teórico-metodológica acerca do assunto. Os primeiros trabalhos que utilizam documentos digitais são muito recentes e, de uma maneira geral, não realizam esta tarefa. Para que os historiadores aceitem definitivamente os documentos digitais enquanto fontes primárias, é necessária a sistematização teórica e metodológica que vai pautar esta prática. Isto só será concretizado quando houver um número significativo de pesquisas que utilizem fontes digitais. O método será construído analisando os erros e acertos efetuados nesse processo (ALMEIDA, 2011, p.11).

Dessa forma, um outro documento importante para esta investigação consiste nas fontes produzidas no universo das redes sociais, que não apenas desafiam o historiador na era das tecnologias, mas (re)lançam questões relacionadas ao que consiste fonte histórica e novas reflexões sobre discurso, documento e método histórico⁶⁷. Além disso, a volatilidade desse material no que se refere à disponibilidade momentânea, podendo a fonte se tornar indisponível rapidamente, bem como o formato do arquivo e os usos que possibilitam para a pesquisa.

Nesse sentido, em vários momentos durante a imersão nas redes sociais das torcidas, desde questões básicas sobre como manusear o material e utilizá-lo no texto até problemáticas mais profundas como a experiência no/do tempo advindo da virtualidade nos despertaram a atenção. A “Virada Digital” caracteriza-se enquanto período do surgimento de redes de informação e da sociedade da informação baseada na aplicação de novas tecnologias na produção, troca, processo e divulgação.

Partimos da constatação que estamos vivendo essa dita “revolução dos meios digitais” XXII sem termos desenvolvido as competências necessárias para navegar criticamente e efetivamente avaliar e criar informações utilizando as tecnologias hoje disponíveis. Nossa compreensão é a de que existem potencialidades inexploradas no meio digital, que vão muito além de simplesmente comunicar, acessar e processar dados: novos sentidos são criados em cada relação tecnologicamente mediada – sentidos retóricos, políticos, históricos. Isso faz com que se torne cada vez mais necessário buscarmos um processo real de letramento digital, para uma efetiva Sociedade do Conhecimento Digital (Digital Scholarship). Não basta que a comunidade histórica acadêmica acesse bancos de dados online, acervos digitais, crie listas de discussões, sites ou blogs. Isso já acontece de forma bastante compartilhada. O problema, como observamos no início, é que determinadas atitudes, sejam elas práticas ou subjetivas, de elaboração/abstração, muitas vezes são tomadas como óbvias e, como tais, não são questionadas porque se naturalizaram, se camuflaram em meio a rotina do trabalho (LUCCHESI, 2014, p. 49).

⁶⁷ SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. **Revista Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 270-296, jan./jun. 2016.

Infere-se que, para além dos recursos utilizados massivamente, o meio digital possibilita a análise dos novos sentidos criados pela relação tecnologicamente mediada. Na medida em que a internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, passou a ser urgente a fabricação novas lentes, instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar, “Mesmo nas humanidades, as abordagens computacionais têm aberto caminho e, enquanto as “humanidades digitais” eram um campo relativamente marginal no final do século XX, muitos agora as consideram parte essencial do conhecimento humanístico contemporâneo” (FRAGOSO, 2011, p.14)

Assim, um dos desdobramentos dessas novas demandas se refere à metodologia utilizada pelos historiadores e historiadores. Ao buscar diálogo com outras áreas do conhecimento, entre elas a comunicação social e a ciência política, notamos que há um debate sobre os termos que designam essa pesquisa qualitativa na internet: etnografia virtual, netnografia, ciberantropologia. De modo geral, buscam estudar as práticas sociais na internet, os valores e os sentidos atribuídos pelos usuários na comunicação mediada pelo computador.

Entretanto, o método da etnografia transposto para o espaço virtual gerou um longo debate nos anos 1990 na área da comunicação, motivado pela reconfiguração de uma das principais características da etnografia e do fazer etnográfico. De acordo com Amaral (2010), autores como Kozinets (2010) e Hine (2005) discutiram essa mutação da etnografia:

Para esses autores, o deslocamento, o estranhamento e o “ir a campo”, tão decisivos na formação do olhar interpretativo, pareciam ter se esvaído frente a uma reconfiguração espaço-temporal advinda das TICs. Assim há transformações diretas no fazer etnográfico. Para Hine (2000, 2005), responsável pela popularização do termo, na etnografia virtual a construção do campo se dá a partir da reflexividade e da subjetividade (Hine, 2009). Segundo a autora, a etnografia virtual se dá no e através do online e nunca está desvinculada do offline, acontecendo por meio da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio. Kozinets (2010, p. 4) defende o uso do termo, lembrando que a própria palavra “etnografia” é um neologismo cunhado no início do século XIX. O autor também acredita que a utilização desse termo demarca e pontua as diferenças que o método etnográfico sofre quando adaptado para os ambientes digitais seja em termos de forma de coleta de dados, seja em termos de ética de pesquisa e análise, uma vez que o presencial e as experiências são de naturezas diferenciadas. Ele enfatiza a inter-relação entre “vida social online e os mundos sociais da ‘vida real’” (Kozinets, 2010, p. 2). (AMARAL, 2010, p.125-126)

O debate desenvolvido lança luz sobre a experiência da etnografia virtual no e através do online, inseparável do off-line, demarcando as diferenças do método quando adaptado para os ambientes digitais. Este aspecto ficou evidente na nossa experiência na proporção em que tivemos a necessidade de investigar as páginas das torcidas no *Facebook* e no *Instagram*, uma

vez que, com o tempo, ao vasculhar esses espaços clicando em publicações fotos e textos compartilhados, percebemos o quanto demanda tempo e atenção para apreender as nuances das torcidas no ambiente digital.

Do flerte entre as pesquisas de mercado e as pesquisas acadêmicas criou-se uma gama de outros termos (ou seriam meramente definições operatórias?) como “etnografia digital” e “webnografia”, por exemplo. Alguns autores criticam os neologismos e afirmam que eles caberiam sob o guardachuva da ciberantropologia. Tais terminologias não propõem mudanças substanciais à etnografia, mas em relação à maneira de lidar com os diferentes procedimentos e tipos de suporte, não parecendo incorporar uma reflexão mais profunda sobre a sua materialidade, como podemos observar nessa breve sistematização (Tabela 1). Kozinets (2010, p. 6) questiona a “confusão epistemológica” e política – no âmbito das publicações acadêmicas – gerada por esses múltiplos termos, afirmando que essas distinções não são necessárias e tendem a gerar padrões diferentes que dificultam avaliações dos resultados obtidos pelos pares. Hine (2009) também questionou o surgimento de tantos termos, propondo uma suplantação da “etnografia virtual”, uma vez que o termo alude a uma suposta distinção entre os ambientes online e offline em vez de uma relação de contiguidade. Para a autora, estaríamos em uma fase distinta de quando ela escreveu o livro *Virtual Ethnography* (Idem, p.126)

Independente do termo que designa a metodologia de imersão no ambiente virtual – *etnografia virtual*, *netnografia*, *ciberantropologia* ou *webnografia* – destacamos a trajetória desse debate a fim de nos auxiliar na pesquisa qualitativa no ambiente digital. Dessa forma, investigamos, no âmbito das torcidas organizadas do movimento de segunda onda, três páginas oficiais na rede social *Instagram* referentes a Cearamor, a Falange Coral e a TUF, respectivamente nomeadas como *Velha Guarda Cearamor*⁶⁸, *Falange Coral Velha Guarda*⁶⁹ e *TUF das Antigas*⁷⁰ na busca pelo material compartilhado nas publicações por meio de fotos e textos.

A outra página que investigamos detalhadamente desde a criação do perfil no *Facebook* foi a da Ultras Resistência Coral⁷¹, tendo em vista a apropriação realizada pela torcida do espaço virtual no sentido de utilizá-lo com frequência, publicando não só ações do coletivo mas também questões políticas associadas à gênero, racismo, homofobia no futebol e na sociedade em geral. Em contrapartida, a quantidade de informações, de questões levantadas e de posicionamentos articulados por meio da página no *Facebook* pela URC, em diversos momentos, trouxe uma carga de material que me deixou confuso e embaraçado: como processar, dar conta e manusear as informações?

⁶⁸ Cf. https://www.instagram.com/cearamor_velha_guarda/

⁶⁹ Cf. <https://www.instagram.com/falangecoralvelhaguarda/>

⁷⁰ Cf. <https://www.instagram.com/falangecoralvelhaguarda/>

⁷¹ Cf. <https://www.facebook.com/ultrasresistenciacoral/>

Embora não pretendendo aprofundar neste espaço a instigante discussão proposta por Valdeci Araújo e Mateus Pereira sobre atualismo, essa nova relação com o tempo, a profusão de informações e o impacto que redimensionou o século XXI remonta à categoria de atualismo, definido como:

O crescimento vertiginoso de certa acepção da possibilidade humana de se relacionar com o tempo histórico como atualização. Em algum momento de nossa história recente, a ideia de modernização, que guardava em si as promessas emancipadoras das utopias modernas, acumuladas desde o século XIX, vai sendo substituída pela sensação de que o progresso só pode ser entendido como atualização incremental e automática do status atual das sociedades capitalistas. De algum modo, pretendemos pensar se o sujeito histórico, bem como as promessas de emancipação e de redenção a ele associadas estão sendo substituídas, em especial, por dois estados possíveis desse mundo presente, a saber: sujeito atualizado ou sujeito obsoleto (ARAÚJO; PEREIRA, 2019).

Conseqüentemente, a intensificação dessa relação com o tempo histórico como atualização e a produção do sujeito atualizado – e do sujeito obsoleto – nos colocou diante de dessa sensação provocada não só pela quantidade de aspectos a serem problematizados, mas pela constante atualização e os efeitos desse processo. No prefácio da obra sobre o atualismo, Temístocles César avança na reflexão sobre a emergência dessa categoria:

Além disso, a constatação de que o atualismo “é experimentado como a crença quase mágica na reprodução da realidade” traz ao debate um tema potencialmente vigoroso. Se no campo da historiografia a fotografia e o cinema já tiveram ou foram visto como representações fieis do real, na dimensão atualista e em seus acólitos digitais, na qual a foto e o filme encontram-se subsumidos, as modalidades do crer na mesma medida que se ampliam, posto que estão supostamente armazenadas digitalmente para sempre, veem-se, apesar das constantes demandas de atualização do sistema, sob a iminência da perda irrecuperável desses mesmos dados e de invasões indesejadas de privacidade. (Idem, p.20)

Assim, na proporção em que o ambiente digital, através das redes sociais dos agrupamentos torcedores, cada vez mais se tornavam relevantes para a investigação levada a cabo nesta tese, a novidade em etnografar esse espaço foi acompanhada de desafios, de receios e de surpresas. Contudo, explorar os usos conversacionais das ferramentas “curtir”, “compartilhar”, “comentar” no *Facebook* e no *Instagram* revelou uma dimensão importante e necessária para esta pesquisa, abrindo caminho para o entendimento sobre como as torcidas se manifestam nesse espaço.

Assim, as características iniciais da mediação digital proporcionam que as conversações que são criadas nesses espaços permaneçam, sejam buscáveis e replicáveis independentemente da presença online dos atores. Com isso, as conversações tomam outra dimensão: elas são reproduzidas facilmente por outros atores, espalham-se nas redes entre os diversos grupos, migram e

tornam-se conversações cada vez mais públicas, moldam e expressam opiniões, geram debates e amplificam ideias. Tem-se o que chamamos de conversações em rede (Recuero, 2012). São, assim, conversações públicas que tomam espaço nesses sites, coletivas, que se espalham pelas redes e que suplantam as limitações dessas, mantendo-se de forma síncrona e assíncrona no ciberespaço. Essas conversações expressam, geralmente, a participação de centenas de pessoas, por vezes, com milhares de interações que são acessíveis, de forma assíncrona, por todos os atores. Essa assincronia é que permite que pessoas temporalmente distantes tomem o turno e recuperem as conversações, espalhando-as e fazendo com que migrem entre os grupos e entre os sites de rede social. (RECUERO, 2014, p.116)

Ao enfatizar a reprodução em massa das conversações criadas nesses espaços, independente da presença online dos atores, Raquel Recuero sugere os efeitos impactantes no debate público oriundos das ideias compartilhadas no sentido de dar forma a conversações em rede. Durante os períodos em que etnografamos as páginas das torcidas, notamos como em pouco tempo se espalharam as informações publicadas na página oficial da torcida para outros grupos, às vezes, sendo compartilhadas inclusive para grupos em que eu participava. Em suma, alguns materiais escolhidos por mim serão apresentados e refletidos no decorrer dos capítulos, em especial do terceiro ao sexto capítulo, uma vez que se refere ao momento em que discutimos os movimentos de segunda, terceira e quarta ondas, aquelas que fizeram uso e se apropriaram do ambiente digital.

1.1.4) Cultura visual, imagem e acervos pessoais

Em decorrência da relevância que a iconografia impôs a este estudo e, direta e indiretamente, como desdobramento do desenvolvimento durante o século XX e XXI da cultura visual, um recurso adotado nessas páginas foi a utilização das imagens enquanto documento não para fins de ilustração, mas como um problema que lança luz sobre as nuances dos modelos coletivos do torcer.

Ao realizar um balanço sobre a trajetória e a projeção da iconografia, o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (2012) afirma que houve uma banalização do uso do termo apenas como uma simples coleção de imagens, diferente da aceitação atual da natureza *artefatual* da imagem, sua vida social, sua agência. Além disso, critica a excessiva dependência textual que tal iconografia pressupõe, que implica em tomar o texto como matriz e, portanto, a imagem como sua ilustração.

Em suma, apesar da alforria chancelada pelos Annales, o documento visual não ganhou até agora direitos de cidadania plena no fortim da história, pois se

trata de uma cidadania de segunda classe. Saiu da senzala, mas ainda não se instalou na casa grande. Ninguém hoje ignora, em sua consciência, que a imagem pode ser fonte histórica, mas tratá-la efetivamente como tal é que é problemático. A raiz desse fato está na formação básica do historiador, ainda de natureza exclusiva ou preponderantemente logocêntrica, com desconfiança ou restrições para tudo aquilo que tenha caráter concreto ou afetivo. Além disso, a palavra é, como não poderia deixar de ser, seu instrumento de expressão. Quando o historiador não consegue moderar a força gravitacional da palavra, tende a transformar a imagem em texto, e o pior nisso é que se esvazia ou deforma a natureza visual da imagem visual, que passa a ser tratada como um recipiente neutro, inodoro, insípido, incolor, frágil embalagem à espera da inserção de um significado a priori integralmente elaborado e tendo em si sua própria identidade. Tal perspectiva idealista não se sustenta e, em vez de reconhecer relações dinâmicas e dialéticas, ressuscita dualismos estéreis, como espírito/matéria, pessoas/coisas, sujeito/objeto, ativo/passivo. Enfim, também por aí se associa ideia a expressão verbal e, portanto, se faz dos objetos mera duplicação de um discurso verbal ou verbalizável, desprezando a materialidade não verbal do meio empregado e, por outro lado, ignorando que tanto a ideia produz a forma, quanto é produzida por ela. Em outras palavras, se há um pensamento visual, não é apenas um pensamento verbal que se vale oportunisticamente de vetores visuais complacentes, mas um pensamento que só pode perfazer-se adequadamente de modo visual (MENESES, 2012, p251).

Assim, concordamos com Ulpiano de Meneses sobre a necessidade de utilizar e tratar as imagens efetivamente como fonte históricas, respeitando as questões impostas pela sua visualidade. Consideramos, dessa forma, a visualidade ativa das imagens na produção de conteúdos, discordando da transcodificação do visual para o verbal, que reduz à escrita para comodidade do pesquisador.

Nesse sentido, argumentamos que as imagens visuais desta tese não consistem uma pura abstração ou conteúdo de levitação, uma vez que as consideramos, antes de mais nada, coisa material, artefato, ou seja, não reduzimos à ilustração ou à dependência das conclusões de análises subordinadas apenas as fontes textuais.

A complementaridade das fontes é sempre bem-vinda, mas a expectativa de convergência, contudo, nem sempre é útil ou desejável – salvo no nível empírico elementar. O que torna a complementaridade legítima e benéfica é o respeito à lógica específica que rege cada fonte e que deve orientar a análise crítica a que tem de se submeter qualquer tipo de fonte. Com efeito, fonte visual e fonte verbal pertencem a sistemas de representação diversos e, portanto, comunicam informação e significados diferentes. Basta lembrar que a imagem visual se realiza no espaço e fornece de imediato a totalidade de coisas, pessoas, eventos e suas relações; já a fonte verbal se realiza no tempo, acumulando unidades de informação em sequência, podendo explorar com mais eficácia relações temporais. A fonte escrita, por sua vez, faz jus a um acréscimo de especificidade por compartilhar algo de visualidade. Em suma, ambas as fontes desvendam aspectos diversos de um mesmo objeto de conhecimento (Idem, p.253).

Um dos efeitos imediatos da aceitação da natureza artefactual da imagem é que se torna relevante pesquisar sua vida pregressa, artifício denominado por Ulpiano Meneses como *desdocumentalização*, ao afirmar que “para utilizar a imagem como documento, deve-se retratar, procurando pistas diversas, os caminhos que ela percorreu, antes de ser diagnosticada e aposentada e receber o status de documento. Tal percurso deve ser feito ao inverso” (Idem, p.254). Nessa perspectiva, conclui-se acerca da necessidade de historicizar a imagem e de considerá-la como artefato para externar as condições sociais de produção e reprodução social. Ao publicar um livro com o título *What do pictures want?*, Mitchell (2005) questiona a ideia de que as imagens são objetos inertes, passivos, dóceis e portadoras de significados.

[...] olhar as variedades da animação ou vitalidade que são atribuídas às imagens, a agência, motivação, autonomia, aura, fecundidade ou outros sintomas que fazem das imagens “signos vitais”, que entendo não apenas como meros signos de coisas vivas, mas signos como coisas vivas. Se a questão “o que desejam as figuras?” faz algum sentido, deve ser porque reconhecemos que as figuras são algo como formas de vida, impulsionadas por desejos e apetites (MITCHELL, 2005, p. 6).

As imagens precisam, pois, ser analisadas por sua vitalidade, desejos, pulsões, capazes de produzir efeitos e transformações. Desse modo, ao dispor de agência, a visualidade das imagens é apreendida nos capítulos desta tese não apenas na iconografia que traz à tona os movimentos das ondas do torcer das décadas entre 1950 e 1990, mas sobretudo aquelas referentes ao que designamos enquanto quarta onda no século XXI.

No sexto capítulo, dialogamos com o que Ana Maria Mauad definiu como por uma história fotográfica dos acontecimentos contemporâneos, particularmente na segunda década deste século.

Em todas essas situações, o registro fotográfico deixou pistas importantes para se compreender a complexidade da experiência histórica que caracteriza tais acontecimentos. Em situações distintas, a prática fotográfica cumpre papel fundamental na elaboração de narrativas sobre os acontecimentos, que competem com outras narrativas, de caráter verbal ou oral, na compreensão do tempo presente. Característica reconhecida por Walter Benjamin ao defender a fotografia como síntese do acontecimento histórico, na leitura de Lisovsky (2014, p. 7), “a representação figural da imagem dialética capaz de contrair presente, passado e futuro em um momento singular”. Leitura que leva o autor a afirmar que fotografia é história, a história fotográfica de passados possíveis de se tornarem futuro (MAUAD, 2016a, p.92).

Mauad, ao dialogar com Benjamin e Lisovsky, inspiram-nos a entender e a nos orientar para uma proposta de abordagem em que fotografia e história tornam-se indissociáveis, rompendo com as perspectivas tradicionais dos usos ilustrativos das imagens como também da sua apreensão enquanto fonte histórica. Dessa forma, estrategicamente nos aproximamos de

uma proposta de uma história visual, em que as imagens, objeto e fonte, funcionam como um prisma para observação da realidade.

Mais do que evidências do vivido, as fotografias na imprensa caracterizam-se por agenciarem múltiplas versões dos acontecimentos e plasmarem as memórias históricas. As considerações em torno da elaboração de um espaço público visual associam-se à existência de uma cultura visual em que os meios de produzir imagens, fixas e em movimento, não só criam representações sobre o mundo visível, num movimento de dar a ver e de conhecer o mundo representado em imagens, mas instituem, elas mesmas, um mundo visível por meio das imagens. Entretanto, há que se avaliar as dimensões históricas das culturas visuais e as economias de trocas simbólicas que estabelecem entre os diferentes grupos sociais, para compreendermos as formas que esse espaço público visual assume (Idem, p.98).

A relação entre representação do vivido, memória e fotografia remonta ao agenciamento elaborado pelos meus depoentes na instituição de um mundo visível através das imagens. Durante as entrevistas, o recurso do acervo pessoal para apresentar a versão dos acontecimentos ocorreu repetidamente, embora cada sujeito tenha seu modo particular de narrar. Tal recurso, à primeira vista funcionando como uma nostalgia, revelou muito mais do que um simples saudosismo de um outro tempo, plasmando uma memória histórica no exercício de rememoração. Ainda de acordo com as considerações de Ana Maria Mauad, a autora, ao propor um debate sobre um estatuto epistemológico da imagem visual, recompõe a trajetória dessas novas preocupações:

No Brasil, a virada pictórica pode ser avaliada no campo dos estudos históricos pela produção de dois autores: Ulpiano Bezerra de Meneses e Paulo Knauss. O primeiro avalia a forma como a imagem vem sendo trabalhada nas ciências sociais, diferenciando o uso que essas disciplinas fazem da imagem, de acordo com os problemas de cada campo. A principal crítica consiste no fato de que, em quase todas as perspectivas, a imagem só é tratada unilateralmente, quer como signo de algo, quer como evidência de algo que lhe é exterior. Ele não só propõe que a imagem seja analisada como um artefato da cultura visual que possui. (...) Já o segundo autor defende que, para serem trabalhadas na história, as imagens não devem ser tratadas como prova de algo que lhes antecede. A existência das imagens, em momentos diferentes da história humana, causa problemas ao historiador, provocando-o a explicar a existência delas por meio do estudo da sociedade que as produziu, consumiu e preservou, como também a abordar os modos de ver e de pensar a imagem (MAUAD, 2016b, p.36-37).

As recentes considerações elaboradas por Ulpiano Bezerra de Meneses e Paulo Knaus conformam o que Mauad definiu como “Virada Pictórica”, a partir da qual os autores confluem na necessidade de superar a visão ingênua de que as fontes contêm o passado, revelado por sua própria existência ao olhar do presente. Nesse sentido, essa tarefa implica também na superação da epistemologia da prova, prática tradicionalmente utilizada que considera o documento um

suporte para afirmar determinado pressuposto, uma visão objetiva do que ele apresenta e representa.

Assim, o principal desdobramento desse debate – mas que pode ser estendido para as demais fontes analisadas nesta tese – consiste na compreensão de que toda fonte histórica é resultado de uma operação histórica, necessitando de perguntas a serem feitas, portanto, não fala por si só. Consequentemente, a natureza de artefato, de objeto da cultura material e de suporte de práticas sociais deve ser problematizada, evidenciando que toda fonte histórica também é objeto de estudo no entendimento do passado e do presente. Um outro efeito dessa reflexão se refere à concepção dos documentos, que “devem urdir a trama da experiência passada, elucidando, no presente, sua alteridade. As imagens visuais, como documentos/monumentos, permitem-nos conhecer, por ângulos pouco habituais, a urdidura das relações sociais. No entanto, não basta olhar, é fundamental estranhar” (Idem, p.37)

1.1.5) Periódicos

Os modelos coletivos do torcer analisados neste estudo, em diferentes épocas e formas, encontraram um possível canal de comunicação a partir da imprensa. Os tensionamentos advindos dessa relação são evidentes em momentos apresentados nos capítulos. No entanto, os periódicos constituíram uma importante fonte histórica na medida em que estratégias, práticas e lugar social desses jornais foram questionados.

Tânia de Luca, ao historicizar os tratamentos conferidos à imprensa nas pesquisas históricas, aborda as considerações de José Honório Rodrigues acerca da História da Imprensa e de Jean Glénisson, que alertavam, respectivamente, sobre a problemática da “independência e da exatidão do conteúdo editorial e as “influências ocultas” dos órgãos de informação, o “papel da publicidade” e a “relação com o governo”.

Nos dois casos, já não se questionava o uso dos jornais por sua falta de objetividade - atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar -, antes se pretendia alertar para o uso instrumental e ingênuo que tomava os periódicos como meros receptáculos de informações a serem selecionadas, extraídas e utilizadas ao bel prazer do pesquisador. Daí o amplo rol de prescrições que convidavam à prudência e faziam com que alguns só se dispusessem a correr tantos riscos quando premidos pela falta absoluta de fontes. Outros, por seu turno, encaravam as recomendações com grande ceticismo, uma vez que tomavam a imprensa como instância subordinada às classes dominantes, mera caixa de ressonância de valores, interesses e discursos ideológicos. Assim, ainda que por motivos muito diferentes, tais

leituras contribuía para alimentar o desprezo que os profissionais da área seguiam conferindo à imprensa (LUCA, 2008, p.116-117).

Dessa forma, Luca, recuando para a compreensão dos usos na imprensa desde a década de 1960, critica o desprezo dos(as) pesquisadores(as) à imprensa ao enfatizar as possibilidades ensejadas pelos jornais, embora saliente as armadilhas desse processo. A imprensa local, avaliada a partir do Jornal O Povo e o Diário do Nordeste, cumpriu um papel importante na construção do interesse pelo futebol, realizando concursos entre as torcidas, divulgando entrevistas e articulando séries de reportagens sobre assuntos polêmicos em torno dos espaços futebolísticos. Assim, ao mesmo tempo, a imprensa também se identificava com diferentes grupos políticos e elaborava seu discurso a partir de um determinado espaço, tempo e interesse, não diminuindo a importância daqueles jornais e dos meios de comunicação na atualidade, conforme Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto:

Também na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.254)

Um dos desdobramentos desse processo de aumento das investigações que usam a imprensa consiste no avanço das perspectivas teórico-metodológicas nos procedimentos e no refinamento do manuseio. Essa mudança de comportamento diante dos periódicos faz com que esses materiais deixem de ser tomados como objetos mortos, descolados das tramas históricas nas quais se constituem, servindo essencialmente como fonte de informação para a narrativa construída no texto.

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. Pensar a imprensa com esta perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas. Como indica Darnton, é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica (Idem, p. 257).

Assim, um dos pontos de partida nesta tese se refere à perspectiva teórica de considerar a imprensa em sua historicidade e nas suas articulações mais amplas com o capitalismo,

entendendo a imprensa como uma linguagem constitutiva do social e que requer ser compreendida como tal. O Jornal O Povo e o Diário do Nordeste não nasceram prontos, a configuração dos conteúdos, formas e convenções do que deveriam contar são produtos de negociações social e culturalmente desenvolvidos, associados também à conjuntura específica de cada época. No entanto, dentre as funções exercidas, Cruz e Peixoto resumem:

Neste ponto interessa destacar que na configuração histórica assumida pela Imprensa, em diferentes conjunturas e com articulações históricas diversas, desde o século XIX, agindo como força ativa na constituição dos processos de hegemonia social, os jornais e revistas atuam:

- No fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação;
- Na articulação, divulgação e disseminação de projetos, idéias, valores, comportamentos, etc.;
- Na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social;
- Pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento;
- No alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade;
- Na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo;
- Na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção das marcas (Idem, p.259).

Nessa perspectiva, as autoras lançam luz acerca dos procedimentos metodológicos na utilização dos periódicos em pesquisas, desconstruindo mitos como os que condicionam a existência dos materiais da imprensa para que os historiadores façam pesquisa. Dessa forma, alertam para questões como a) Identificação do Periódico; b) Projeto Gráfico/Editorial; b1) Projeto Editorial: movimentação e posicionamento político; debatendo, pois, sobre quem são os grupos produtores, como distribuem e circulam o material produzido.

Nessa investigação, fizemos uso dos jornais *Unitário*, *Tribuna do Ceará*, *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Revista Esportiva*. No entanto, nos desbruçamos sobretudo nos dois dos maiores periódicos do Estado do Ceará, O Povo e Diário do Nordeste.

Utilizamos o Jornal “O Povo”, disponível em microfilmes no setor da hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, em Fortaleza, e o “Diário do Nordeste”, que também está disponível para pesquisa nesta biblioteca. Entretanto, durante vários anos dessa trajetória de pesquisa, a Biblioteca Pública esteve em reforma na sua estrutura, o que nos descolou em alguns momentos para a pesquisa no acervo particular de cada um desses veículos de comunicação, procedimento, por conseguinte, pago e custeado por mim.

Depois de selecionarmos os jornais, analisamos a estrutura desses periódicos para tomarmos conhecimento geral das publicações, atentando para as colunas, o setor esportivo e, em geral, para as reportagens sobre as torcidas em Fortaleza. O Jornal “O Povo” foi fundado em 1928 pelo jornalista Demócrito Rocha, circulando diariamente desde então, com raras exceções de publicação, tendo também um caderno específico destinado ao conteúdo de esportes. Enquanto que este jornal circulava desde os anos 1920, o Diário do Nordeste teve sua primeira publicação em 1981, o qual pertence ao Sistema Verdes Mares de comunicação, de propriedade do empresário cearense Edson Queiroz, dentre outros consideráveis empreendimentos da família na cidade de Fortaleza.

Em todos os capítulos desta tese, os veículos de comunicação foram analisados na tentativa de compreender não só a associação de torcedores, mas particularmente o contexto, as estratégias de divulgação desses canais e a maneira como teceram relações com esses sujeitos a partir divulgação em cada momento.

1.1.6) Formulário

Uma das escolhas para compreender, qualitativamente e quantitativamente, os modelos coletivos do torcer ensejados nesta tese. Além das fontes trabalhadas nos subtópicos anteriores, fizemos uso de formulário para preenchimento *online* por meio da plataforma *Google Forms*. Nesse sentido, do quarto ao sexto capítulo desta tese, as respostas preenchidas por integrantes e simpatizantes da Ultras Resistência Coral foram apresentadas, questionadas e contextualizadas no decorrer do texto.

Além das entrevistas realizadas com membros da URC, de fundadores a integrantes que recentemente adentraram no coletivo, optamos por elaborar um formulário para estender a uma maior quantidade de atores desse processo que denominamos *Virada Antifascista* na história das torcidas. A foto abaixo retrata o formulário em quatro partes:

Convite para formulário sobre a Ultras Resistência Coral

Convite para preenchimento de formulário (Cinco minutos de preenchimento que contribuirão para a pesquisa)

Tema: Ultras Resistência Coral e as formas coletivas do torcer na cidade de Fortaleza
Doutorado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Doutorando: Caio Pinheiro

Companheiro(a), gostaria que me ajudasse a desenvolver a pesquisa respondendo às perguntas que seguem. Ressaltamos que, sua identificação será opcional, assegurando a impessoalidade. Vale lembrar que esta ferramenta foi um recurso escolhido em tempos de pandemia, que invisibiliza o contato presencialmente. Nosso contato para qualquer informação pode ser feito através do email caiolucasmorais@gmail.com ou whatsapp 85998180131.

Permito ser contactado em caso de dúvida do pesquisador (se sim, favor informar telefone abaixo)

Sim
 Não

Telefone (opcional)
Texto de resposta curta

Nome (opcional)
Texto de resposta curta

Profissão
Texto de resposta curta

Data de Nascimento
Mês, dia, ano

Há quanto tempo ingressou na Ultras Resistência Coral? Como e com quem foi seu contato?
Texto de resposta longa

Já frequentava os estádios antes? Se sim, desde quando?
Texto de resposta longa

Como você avalia e entende o futebol, as torcidas organizadas em geral e especificamente a Falange Coral?
Texto de resposta longa

Você poderia nos contar um pouco sobre as motivações que fizeram entrar na URC?
Texto de resposta longa

Como se dá a sua relação com outros integrantes da URC? Convivem em espaços para além dos estádios?
Texto de resposta longa

Você é militante, filiado(a) ou constrói algum coletivo, partido ou movimento além da URC? Se sim, qual? Por gentileza, informar desde quando, o período...
Texto de resposta longa

Nos últimos anos, houve uma multiplicação das torcidas antifascistas, como você enxerga esse processo?
Texto de resposta longa

Entre as experiências que presenciou enquanto membro da URC, você poderia narrar algum episódio que foi importante e marcou sua trajetória?
Texto de resposta longa

O que a Ultras Resistência Coral significa para você?
Texto de resposta longa

Imagem 1 – Formulário da Ultras Resistência Coral na plataforma Google Forms

Inicialmente apresentamos a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ppgh/UFRGS), em seguida convidamos para responder ao formulário, que questiona desde informações pessoais (idade, profissão), a construção da relação com a URC, o Ferroviário e as demais torcidas organizadas, encerrando com a dimensão simbólica e o valor atribuído por esses atores ao que designamos como *Insurreição Clubística*.

Para tanto, como não tinha aproximação com tod@s os membros e os simpatizantes da URC, entrei em contato com alguns integrantes, que já me haviam prestado depoimento em entrevista, a fim de disponibilizar o formulário para os demais componentes da torcida. Ao expor minhas intenções, estes buscaram compreender melhor os objetivos do formulário – o que revela uma certa preocupação, mas também, o valor e o significado que a URC tem - e, em seguida, aceitaram – que sugere também uma relação de confiança com o pesquisador - a iniciativa disponibilizando o link do formulário no grupo da rede social *Whatsapp* do coletivo.

Esse percurso evidencia e traz à tona o modo como trilhamos metodologicamente o mapa desta tese, a partir da memória com a História Oral, da Virada Digital e da Virada Pictórica para lançar luz sobre a Virada Antifascista por meio de duas histórias conectadas, a *história social das torcidas pós-1950* e a *história da memória das torcidas e do antifascismo no futebol*.

1.2) Conceitos

Sendo a história um conhecimento, uma representação conceitual, a primeira observação é que *não há conhecimento histórico sem teoria*⁷².

A reflexão teórico-metodológica oferece um amplo leque de possibilidades aos historiadores, apesar de que, em algumas perspectivas, esta reflexão seja simplificada ou reduzidas a palavras de ordem. Nosso percurso percorre a direção contrária, pois acreditamos que todo conhecimento histórico é teórico e pressupõe que a escrita da história envolve um conjunto diverso de procedimentos. Uma determinada concepção de realidade, hipóteses, métodos, técnicas, metodologias, inevitavelmente, são palavras e procedimentos essenciais para o ofício do historiador e para a produção desse conhecimento histórico.

Isto significa pensar que a história fabrica sujeitos e objetos, inventa-os, mas sujeitos e objetos também inventam a história, ou seja, escrevemos a história dentro dela mesma, nadando a favor e contra a maré ao mesmo tempo. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) propõe pensar a história pela terceira margem, entendendo que todo fato é ao mesmo tempo natureza, sociedade e discurso. A história para o autor não se passa apenas na natureza do evento, da coisa em si, nem só no lado da representação, da cultura e da subjetividade. Se passa entre elas, na mediação, no ponto de encontro, no fluxo, no encontro, tornando as margens sempre diferentes do que pareciam ser.

Caudatária de uma trajetória de avanços e de recuos da historiografia, esta tese resulta dos debates desenvolvidos sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Diante desse contexto de incessantes mudanças, há algo que permanece? Qual o limite entre as continuidades e os esquecimentos de uma certa abordagem? Na trajetória da História Social essas dúvidas saltam aos olhos do pesquisador, florescendo principalmente para aqueles que se questionam quanto à situação atual desse campo do conhecimento e perspectiva de análise.

O cenário da História Social atualmente é diferente do vivenciado nos anos após a Segunda Guerra Mundial, quando se tornava um campo de estudo específico. É evidente que o termo História Social é de difícil precisão, tendo em vista que a conceituação de uma terminologia para precisar os temas relacionados ao social se trata de um trabalho dispendioso. Entretanto, a História Social é uma perspectiva de análise que possui sua trajetória e suas diferentes acepções em diferentes momentos. Assim, nota-se a importância de destacar o papel

⁷² PETERSEN, Silvia e LOVATO, Barbara. Ciência moderna e conhecimento histórico. IN: **Introdução ao estudo da História: temas e textos**. P. Alegre, Edição das Autoras/ Gráfica da UFRGS, 2013, p.37-51.

dos historiadores marxistas britânicos – Maurice Dobb, Rodney Hilton, Christopher Hill, Edward Thompson e Eric Hobsbawm - na especialização da História Social enquanto campo acadêmico a partir dos anos 1950, pois as várias acepções que existiam não emanciparam a História Social das outras possibilidades do fazer historiográfico.

Os vínculos entre esses autores tiveram início com a intensa atividade política no Partido Comunista britânico. Na segunda metade do século XX, as relações entre os autores britânicos confundiam-se na amizade e na política, intensificadas no ambiente pós Segunda Guerra, no qual criticar o marxismo significava criticar o Partido Comunista. Assim, o contexto da Guerra Fria e a bipolaridade entre o capitalismo e o socialismo propulsionou o marxismo como válvula de escape e ortodoxia para os autores, sendo uma bandeira de livre pensamento contra a burguesia.

O entendimento da História Social, segundo Eric Hobsbawm (1998), passa por três acepções nos séculos XIX e XX, que podem ser definidas diante da recusa ao elitismo do historicismo na historiografia: a primeira trata-se de uma história das classes pobres, dos movimentos sociais e dos trabalhadores, embora, na prática, se tratasse na realidade de uma abordagem historicista ao contrário; a segunda era uma história social com a política deixada de fora, abordando diversas atividades humanas sobre costumes e vida cotidiana; a terceira, e mais comum, era a história social combinada com a história econômica, na qual a economia era preponderante devido a vantagem que a economia possuía em relação as ciências sociais e também pela recusa da teoria econômica em isolar elementos econômicos dos sociais.

Nessa perspectiva, os autores marxistas britânicos foram propulsores da História Social ao recusar uma história que tinha uma concepção elitista, individualista metodologicamente e empirista, aquela representante do Estado e do Liberalismo do século XIX. De acordo com Julián Casanova (1997), a História Social viveria a partir de então a sua “Idade de Ouro”. Porém, de que forma esses autores em conjunto condensaram o que seria reconhecida por História Social?

Eles optaram por uma história marxista que romperia com o esquematismo das interpretações marxistas (modelo base-superestrutura), analisando a sociedade como totalidade em movimento na qual a experiência humana não se reduz ao econômico. Desse modo, a obra coletiva dos historiadores marxistas britânicos tratava-se, segundo Harvey Kaye (1989), de uma “história vista de baixo cima”, oposta à história escrita com a perspectiva das classes dirigentes.

A experiência, agora, tornava-se uma categoria de análise fundamental, a partir da qual as ações dos sujeitos ganhavam fôlego no estudo dos movimentos sociais e dos trabalhadores. Apesar do indivíduo ser um ser social e suas relações na sociedade serem o alvo da reflexão, a experiência particular passou a ser vista como um potencial revelador de aspectos não necessariamente moldados pela economia/tecnologia do modelo base-estrutura para os historiadores marxistas britânicos.

Nos anos 1970, Eric Hobsbawm era otimista quanto ao futuro da História Social, apresentando oportunidades e possibilidades de estudos na área. Em contrapartida, recentemente, a História Social experimentou um momento diferente, aparentando um pessimismo ou, no mínimo, uma dúvida quanto aos caminhos que foram tomados a partir dos anos 1980, tendo em vista principalmente o que ficou consagrado como virada linguística. Jurgen Kocka (2003), entretanto, aponta que, apesar das perdas, houve ganhos que podem realocar a História Social para uma guinada na historiografia e que pode também despontar para desafios e possíveis crescimentos para a História Social.

Nessa perspectiva, a situação atual da História Social é singular e decisiva para os caminhos, possibilidades e oportunidades. O crescente interesse pela cultura alterou e influenciou o estudo da história. A sociedade passou a se interessar pelas questões ligadas à sua origem, de onde veio e quem são, observando modos de vida alternativos, dando margem para conceitos como memória adquirirem centralidade nesse contexto.

Assim, as interpretações ficaram mais sistematizadas, com argumentações teóricas orientadas, mais auto-reflexiva e sutil. Os historiadores fizeram com que as explicações se tornassem menos óbvias, menos evidentes, sendo o entendimento o centro do palco. Não abandonaram as causas e condições, porém se preocupam mais com a reconstrução dos significados de fenômenos passados. Nesse intercurso, a história Social incorporou a história de luta das mulheres e das relações de gênero. Tanto a história das mulheres como a das relações de gênero, bem como as percepções, experiências e ações enquanto dimensões da reconstrução histórica foram ganhos tão importantes pautados pelos estudos interseccionais.

Dentre as mudanças na História Social, Hobsbawm aponta para uma diferenciação no entendimento de classe, o qual atualmente propõe uma ampliação da noção estrita do termo classe:

Pode-se então sugerir que nos últimos anos a abordagem mais direta para a história da sociedade tenha surgido pelo estudo da classe nessa acepção mais

ampla.[...]A mais sucinta lista das obras mais significativas em história social deve incluir as de Lawrence Stone sobre a aristocracia elisabetana, E. Le Roy Ladurie sobre os camponeses o Languedoc, Edward Thompson sobre a formação da classe trabalhadora inglesa (HOBSBAWM, 1998, p. 97).

Isto é, seja sobre a ampliação da noção de classe, seja na incorporação da agencia/experiência, necessita-se de uma história que seja construtivista, que mescle a cultura e a história política através da estrutura, da agencia e da percepção. Um desafio significativo, mas que seja encarado de uma forma que alie, por exemplo, os ganhos elencados por Kocka com a advertência sugerida por Hobsbawm:

A história da sociedade é história; ou seja, ela tem como uma de suas dimensões o tempo cronológico real. Não estamos preocupados apenas com estruturas e seus mecanismos de persistência e mudança, e com as possibilidades gerais e padrões de suas transformações, mas também com o que de fato aconteceu (Idem, p. 89).

“O que de fato aconteceu” não pode deixar nunca de ser alvo do pesquisador, que seja buscado pela teoria e métodos adequados, mesmo que a cada época alguns sejam privilegiados e outros esquecidos. Oportunidades para este desafio estão sendo elaboradas através de abordagens transnacionais, pelas quais o global e o mundial são experimentados na medida em que a globalização se acentua cada vez mais. Assim, para compreender as fronteiras, inter-relações, influencias mútuas, várias abordagens estão aparecendo: “histórias emaranhadas”, histórias cruzadas”. Ou seja, temas são estudados em redes, ao invés de entidades sociais isoladas ou grupos específicos.

A história social, acolhendo as mudanças de cada época e suas implicações no fazer historiográfico, é apreendida neste estudo ao buscar ampliar antigas noções, comparando realidades e discutindo nossos métodos, técnicas e teorias. Com isso, enfatizamos com a indicação de Hobsbawm:

sugerir que tentemos tornar explícitas as hipóteses implícitas sobre as quais trabalhamos e perguntar a nós mesmos se esse plano é de fato o melhor para a formulação da natureza e estrutura das sociedades e dos mecanismos de suas transformações (ou estabilizações) históricas (Idem, p.91)

Realizadas essas considerações sobre a trajetória da social, a fim de fundamentar teoricamente o estudo operamos alguns conceitos advindos do aporte teórico construído pelos autores Pierre Dardot e Christian Laval (2017;2016); James Scott (2013; 2011); Bernardo Buarque de Hollanda (2008; 2012; 2018) Arlei Damo (1998; 2005; 2018); Henry Rousso (2016) e Aníbal Quijano (2005), Walter Mignolo (2003;2008), Catherine Walsh (2009) e Luciana Ballestrin (2013).

Para problematizar a história dos modelos coletivos do torcer, compreendendo suas dinâmicas a partir da variação de escala micro e macroscópica, um dos desafios desenvolvidos foi aproximar nosso diálogo com a filosofia, a sociologia e a ciência política.

Nesse sentido, sobre neoliberalismo o filósofo Pierre Dardot e o sociólogo Christian Laval⁷³ nos ajudam a entender que, na conjuntura neoliberal atual, emerge um novo sujeito e uma nova racionalidade, desconstruindo o pensamento tradicional de que o neoliberalismo consiste apenas em uma política econômica, um novo relacionamento com o mercado e um prolongamento do liberalismo clássico. Isto é, o neoliberalismo não deve ser associado apenas a uma política do estado, mas a uma racionalidade política que saiu da esfera produtiva do capital e que capilariza todas as nossas relações, formas de amar e de desejar⁷⁴. Em consonância com essa aceção de que o neoliberalismo transforma governos, sujeitos e subjetividades, a teórica política Wendy Brown provocativamente intitulou seu livro como *Nas ruínas do neoliberalismo*:

Este livro trata dessas questões por meio da teorização de como a racionalidade neoliberal preparou o terreno para mobilizar e legitimar forças ferozmente antidemocráticas na segunda década do século xxi. O argumento não é que o neoliberalismo por si só causou a insurgência da extrema direita no Ocidente de hoje, ou que toda a dimensão do presente, das catástrofes que produzem grandes fluxos de refugiados para a Europa e América do Norte até a setorização e a polarização políticas geradas pelas mídias digitais, possa ser reduzida ao neoliberalismo." Meu argumento é que nada fica intocado pela forma neoliberal de razão e de valoração, e que o ataque do neoliberalismo à democracia tem, em todo o lugar, infletido lei, cultura política e subjetividade política. Compreender as raízes e as forças da situação atual requer avaliar a cultura política e a produção subjetiva neoliberais, e não somente as condições econômicas e os racismos persistentes que a geraram (BROWN, 2019, p.16-17).

Nesse complexo jogo da criação de *uma nova razão de mundo*, que emerge dos escombros da sociedade de massa, da crise do capitalismo nos anos 1970, brota esse projeto político e moral a lógica da propriedade, da concorrência e da empresa. Ele se expande para vários domínios da sociedade, entre eles as formas de torcer e os espaços dos estádios, ressignificando

⁷³ DARDOT, P.; LAVAL, C. *A Nova Razão do Mundo* - Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402 p.

⁷⁴ Conferir LACERDA, Antonio Corrêa de; et al. *O mito da austeridade* | Antonio Corrêa de Lacerda (Coordenador) – São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

VALIM, Rafael. *Estado de exceção: a forma jurídica do neoliberalismo* | Rafael Valim – São Paulo: Editora Contracorrente, 2017.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. *A escassez na abundância capitalista* | Luiz Gonzaga Belluzzo; Gabriel Galípolo – São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

os sentidos do futebol ao reordená-lo de modo a se (des)estruturar a partir de uma apropriação particular dos bens públicos.

Em contrapartida, Dardot e Laval (2017) estruturam um pensamento conformando uma racionalidade alternativa através do princípio político *comum*, que engloba as práticas e as lutas de resistência atuais, engajadas redes de cooperação inventivas e criadora de uma verdadeira democracia. Diante disso, o *comum* consiste em uma convergência de aspirações, de preocupações e novas possibilidades de agir consciente da insustentabilidade do modo de produção neoliberal, ou seja, uma *práxis* instituinte tanto prática como teórica na produção de uma imaginação política para um outro mundo possível.

Esta obra pretende identificar no princípio político do comum o sentido dos movimentos, das lutas e dos discursos que, nos últimos anos, se opuseram à racionalidade neoliberal em várias partes do mundo. Os combates pela “democracia real”, o “movimento das praças”, as novas “primaveras” dos povos, as lutas estudantis contra a universidade capitalista, as mobilizações a favor do controle popular da distribuição de água não são eventos caóticos e aleatórios, erupções acidentais e passageiras, insurreições dispersas e sem objetivo. Essas lutas políticas obedecem à racionalidade política do comum, são buscas coletivas de formas democráticas novas (DARDOT; LAVAL, 2017, p.19).

Em paralelo ao princípio transversal do comum, tomamos como ponto de partida as asserções elaboradas por James Scott sobre as formas de resistência dos grupos sujeitos à dominação social, a partir de um discurso escondido, oculto, contraposto ao seu discurso público.

O que as formas cotidianas de resistência compartilham com as confrontações públicas mais dramáticas é, naturalmente, o fato de serem voltadas a mitigar ou rejeitar demandas feitas pelas classes superiores ou a levar adiante reivindicações com relação a tais classes. Essas demandas e reivindicações têm normalmente a ver com o nexos material da luta de classes – a apropriação da terra, do trabalho, dos impostos, das rendas, e assim por diante. Onde a resistência cotidiana se distingue mais evidentemente de outras formas de resistência é em sua implícita negação de objetivos públicos e simbólicos. Enquanto a política institucionalizada é formal, ostensiva, preocupada com a mudança sistemática e de jure, a resistência cotidiana é informal, muitas vezes dissimulada, e em grande medida preocupada com ganhos de facto imediatos (SCOTT, 2011, p.223).

Scott, dessa forma, contesta e questiona as teses clássicas que afirmam a necessidade dos dominados se libertarem previamente do mundo social para se tornarem conscientes da sua condição.

A nova razão de mundo neoliberal, o comum e as *resistências* são conceitos nevrálgicos norteadores para a chave de interpretação da análise desenvolvida nesta tese. Eles têm um efeito

duplo na pesquisa, articulando, por um lado, a uma nova temporalidade, o *presentismo*, em diálogo com o que formularam François Hartog, Henry Rousso, Andreas Huyssen, Marcelo Rangel (2018) e Valdeci Araújo (2016).

Por outro lado, estas reflexões sobre as temporalidades repercutem na configuração de outras socialidades torcedoras no tempo presente. No entanto, essas formas de torcer apreendem a experiência do tempo de maneira singular, construindo uma cultura com o passado-presente a partir do acionamento de memórias, expressado na nossa crise de relação com o tempo, sendo uma maneira de resposta a esse contexto (HARTOG, 2013, p.186). Nessa perspectiva, situar temporalmente esta pesquisa torna-se fundamental, pois “a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia na percepção e na sensibilidade humanas” (HUYSEN, 2000, p.25-26)

Assim, tendo em vista esses aportes iniciais, outros conceitos são caros para esta proposta de trabalho no que se refere à *juventude e as formas de torcer*⁷⁵. Discutir, problematizar e entender como são forjadas as identidades juvenis, de que maneira os *skinheads* se articulam, como atribuem sentidos e valores aos territórios e de que maneira estas tensões atravessam as formas de torcer.

Na parte dois desta tese, que trata, dentre outros pontos, sobre a Virada Antifascista, a URC, ao acionar a memória operária da fundação do Ferroviário A.C., procura subverter os padrões instituídos historicamente nos espaços futebolísticos, caracterizados particularmente pela violência, machismo, racismo e homofobia. Compreendida em três momentos, a primeira, segunda e terceira geração, a experiência da URC possibilitou a construção de uma chave teórica conceitual que baliza a trajetória do grupo: a *Insurreição Clubística*.

O conceito de insurreição clubística é uma categoria interpretativa nevrálgica para a compreensão das nuances da virada ou guinada antifascista nos modelos coletivos do torcer. A *insurreição clubística* lança luz sobre o fazer-se, as práticas, os saberes, as ações, as reações e o agenciamento tecido na realidade social pelas torcidas antifascistas. Por meio de um

⁷⁵ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)** / Bernardo Borges Buarque de Holanda; orientadora: Margarida de Souza Neves. – 2008.

de Janeiro: 7 letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa (Org.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. v. 1. 172p.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy (Org.); TEIXEIRA, R. C. (Org.). **A voz da arquibancada: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. v. 1. 165p.

contraponto – sob o ponto de vista político de esquerda - ao modo como os modelos coletivos do torcer significavam e valoravam os espaços futebolísticos.

O desdobramento da categoria *insurreição clubística*, ao fim e ao cabo, estende-se para um emaranhamento e uma rede de coletivos antifascistas transnacionais, articulados em torno de um projeto que procura ressignificar o futebol ao direcionar o combate ao futebol moderno, ao machismo, ao racismo, à homofobia e à violência. Nesse sentido, argumentamos que, na proporção em que a URC aciona uma *memória operária subversiva* associada à fundação do clube Ferroviário por trabalhadores nos anos 1930, alicerça essa memória no projeto político nos estádios pautado na história do time.

A insurreição e a subversão de padrões historicamente constituídos provocam o estreitamento da experiência da URC do *comum* com o pensamento decolonial, uma vez que centraliza o combate aos aspectos que conformam a colonialidade⁷⁶.

A colonialidade do poder é um conceito desenvolvido originalmente por Aníbal Quijano, em 1989, e amplamente utilizado pelo grupo. Ele exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo. O conceito possui uma dupla pretensão. Por um lado, denuncia “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (Grosfoguel, 2008, p.126). Por outro, possui uma capacidade explicativa que atualiza e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela modernidade (BALLESTRIN, 2013, p.99-100).

Nesse sentido, a colonialidade foi estendida para outros âmbitos que não só o poder, que controla a economia; a autoridade; a natureza e os recursos naturais; o gênero e a sexualidade; a subjetividade e o conhecimento. Portanto, constitui, de acordo com Mignolo (2012, p.12), “uma estrutura complexa de níveis entrelaçados”.

O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a

⁷⁶ No levantamento que realizamos acerca da associação do futebol com o pensamento decolonial, encontramos até o momento, 2020, poucos trabalhos, a seguir referenciados. PIZARRO, Juliano Oliveira. Decolonialidade e futebol: a quebra da lógica periferia-centro. Trabalho apresentado no Quinto Congresso Uruguaio de Ciência Política. CUNHA, Tainá de Oliveira Meinberg. Decolonialidade e futebol: o reconhecimento da identidade na formação do atleta / Tainá de Oliveira Meinberg Cunha. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, . – 2018. BALZANO; SILVA, Futebol a maior expressão popular do Brasil: movimentos decoloniais. Revista Brasileira de futsal e futebol, São Paulo. V.10, n.38, p.314-328, 2018.

colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

Isto posto, a perspectiva decolonial, que fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, relaciona-se com a proposta política da URC e com a produção de conhecimento.

(...) estou interessado em três (entre outros) tipos de projetos que confrontam a globalização neoliberal e, no entanto, ao mesmo tempo trabalham em direção a uma organização sócio-política, em escala global, baseada na desfeticização do poder político e em uma organização econômica que visa à reprodução da vida ao invés da reprodução da morte e visa à reciprocidade e à distribuição justa da riqueza entre muitos, e não à acumulação de riqueza entre poucos. É esta a última meta econômica que precisa de exploração e dominação, corrupção e trabalho voltado para interesses próprios. Uma economia orientada em direção à reprodução da vida e ao bem-estar de muitos incorpora uma política de representação na qual o poder está na comunidade e não no Estado ou em qualquer outra instituição administrativa equivalente (MIGNOLO, 2008, p. 298).

Em síntese, trata-se de uma ampla e global orientação decolonial de pensar e de agir que procura desafiar e superar as estruturas sociais alicerçadas nas relações de poder baseadas, dentre outros elementos, no racismo, no machismo e na homofobia que estruturam a colonialidade. Nos termos dos efeitos para a escrita da história, essa reconfiguração possibilita à história da historiografia “agir com mais liberdade e agilidade abraçando alguns desses temas em perspectivas transnacionais e globais, começando por fazer perguntas atuais para a nossa tradição de escrita da história, procurando pensar temas como a consciência ecológica, a democracia, o capitalismo, a tecnologia, o preconceito, o racismo, o machismo, entre tantos outros” (NICODEMO; PEREIRA; SANTOS, 2017, p.182).

Essa mutação teórica para análise de fenômenos transnacionais, inclusive no modo como incidem nos espaços futebolísticos, foi apreendida por Arlei Damo (2018) ao recompor a trajetória das análises sobre o futebol, inferindo que há uma mudança em curso da horizontalidade epistemológica à diversidade política. Em resumo, esse reordenamento decorre de dois movimentos:

Há, no entanto, dois outros movimentos que despertam interesse. Um deles, já com produções significativas, vinculado ao futebol de mulheres. Nem todas as pesquisadoras são mulheres, embora elas predominem – como mostrarei em seguida – e isto, por si só, já é um bom indicativo de mudanças, além do fato desta produção ter se estabelecido em paralelo à produção sobre o futebol dos homens, sobretudo do ponto de vista das influências teóricas. Essas pesquisas trazem um aporte teórico do campo dos estudos de gênero,

sobretudo, e tem oxigenado a compreensão dos fenômenos futebolísticos no seu conjunto. Um outro grupo, que está chegando ao campo, é caracterizado por jovens envolvidos com militância política entre grupos organizados. São grupos ainda em fase de consolidação, implicados com o clubismo e a experimentação das emoções estéticas características desse meio, mas igualmente preocupados em combater as diferentes faces do sexismo e da xenofobia. Ainda é prematuro tecer considerações acerca do resultado desta dupla inserção e de como tal experiência vai ser vertida em termos epistemológicos, embora haja fortes indicativos de que a renovação será positiva (DAMO, 2018, p.54).

Dessa forma, esta tese se insere no segundo movimento que abrange a relação organizações de torcedores e militância política, renovação aqui designada como guinada antifascista na profusão das torcidas *antifas* na segunda década do século XXI, porém antecipada pela URC, em 2005. Essa politização, sob o ponto de vista da esquerda, traz à tona questões envolvendo a xenofobia, racismo, sexismo e homofobia.

CAPÍTULO II – O MOVIMENTO DE PRIMEIRA ONDA: A EMERGÊNCIA DAS DOS CHEFES DE TORCIDA NO FUTEBOL CEARENSE

O segundo capítulo desta tese lança luz sobre a emergência do movimento de primeira onda na história das torcidas do Estado do Ceará. Para tanto, ao se debruçar acerca das particularidades da organização coletiva do torcer protagonizada pelo *chefe de torcida* e sua charanga, analisa em paralelo à popularização e à espetacularização do futebol cearense como desdobramentos do profissionalização.

Dessa forma, trata-se, sobretudo, de um espaço para a compreensão da conformação das torcidas nos estádios a partir da transformação dos valores e dos significados atribuídos pelos torcedores entre as décadas de 1950 e 1970. Na esteira desse processo, discutiremos a atuação dos chefes de torcida com suas charangas a partir das trajetórias de Zé Limeira, Gumercindo Gondim e Pedrão da Bananada, respectivamente, dos clubes Ferroviário, Fortaleza e Ceará.

Em seguida, refletimos acerca das disputas pelas lideranças das torcidas ao final dos anos 1970, com a emergência da cultura juvenil nos estádios. Trata-se, sobretudo, da transição entre o movimento de primeira onda e o de segunda onda, que será problematizada a partir da experiência da torcida organizada Garra Tricolor e da sociabilidade festiva.

2.1) Profissionalização, popularização, espetacularização e a conformação das torcidas no futebol cearense

A história dos modelos coletivos do torcer, na cidade de Fortaleza, atravessa a dinâmica das relações estabelecidas pelo público durante os jogos de futebol, a partilha e as trocas estabelecidas antes e após os jogos, com rituais, às vezes, mais formais e, em outros, informais. Assim, a história do torcer envolve diferentes momentos durante o século XX, mobilizando valores e sentidos distintos desde a chegada do futebol nas terras alencarinhas⁷⁷.

Nas primeiras décadas do século XX, as elites buscaram se apropriar da prática futebolística enquanto elemento distintivo socialmente, o que lhes reservaria um *capital cultural* no cotidiano da cidade⁷⁸. Nessa perspectiva, não só a prática futebolística se inseria

⁷⁷ Conferir PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **O jogo como meio de vida e para satisfazer a plateia**: o processo de profissionalização do futebol cearense (1938-1960)/ Caio Lucas Moraes Pinheiro, - 2013.

⁷⁸ A respeito do debate em torno da origem, do elitismo e da popularização do futebol nas primeiras décadas do século XX, Marcel Tonini analisa a relação entre ferrovia e futebol para questionar os mitos construídos na história

nesse repertório, embora essa apropriação tenha ocorrido mediada por reações, como também o público dos jogos nos estádios, inicialmente no Campo do Prado⁷⁹ e, a partir dos anos 1940, no Estádio Presidente Vargas⁸⁰.

Contudo, o esforço em restringir socialmente a prática do futebol se diluiu com as sucessivas disputas travadas pelas camadas populares, que subvertiam esse cenário praticando futebol nas ruas, nas praças e nos bairros de Fortaleza. Este processo de disputas, de negociação, de ação, de reação e de apropriações foi definido como a passagem do amadorismo à profissionalização, transição esta problemática e que se prolongou por muitos anos:

O potencial mercantil no futebol cearense cresceu com a maior presença do público no Estádio Presidente Vargas. Nessa perspectiva, quanto maior a capacidade do estádio, mais rentável se tornava a atividade esportiva. Assim, a própria inauguração do “PV” no início da década de 40 catalisou o processo de profissionalização, tal como sua ampliação na reforma concluída em 1946 também foi uma resposta às necessidades desse processo. Esse processo de profissionalização, portanto, configurou-se no futebol local como uma rede de ações, mudanças e necessidades interligadas que incorporavam novos significados – a mercantilização e o espetáculo – em detrimento dos valores dos tempos áureos – o amadorismo (PINHEIRO, 2013, p.89).

No Estado do Ceará, o debate em torno da profissionalização se estendeu do final dos anos 1930 até a década de 1950. Embora o ano de 1933 seja o referencial para o profissionalismo para clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro, convenção demarcada por uma extensa bibliografia nas ciências humanas, entendemos a profissionalização como um processo social que, especificamente em Fortaleza, estendeu-se até os anos 1950

Nesse sentido, esse processo social consistiu em um efeito da circulação das notícias do profissionalismo pela imprensa esportiva, aliada às temporadas interestaduais de clubes de outros estados na capital, que trouxe à tona a necessidade de inserção nesse processo de profissionalização, precipitado também pela presença do time Ferroviário na Primeira Divisão

do futebol. Outros autores também investigam a temática, entre eles Leonardo Pereira; Gilmar Mascarenhas, Caio Pinheiro (2014). Disponível em <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/nos-trilhos-da-bola-a-relacao-entre-ferrovia-e-futebol/>. Acessado em 20 de março de 2020.

⁷⁹ O Campo do Prado foi o primeiro campo oficial dos jogos do Campeonato Cearense, localizado onde hoje se encontram a Avenida Treze de Maio e a Rua Marechal Deodoro, no espaço do atual Instituto Federal e do Presidente Vargas. O terreno pertencia a uma empresa inglesa e depois a Alcides Santos (fundador do Fortaleza Esporte Clube), porém o Estado tomou posse, através da doação de Otávio Frota, e os jogos passaram a ser praticados no Campo do Prado sob aluguel.

⁸⁰ Oficialmente inaugurado em setembro de 1941, o Estádio Presidente Vargas, popularmente conhecido como PV, foi o segundo palco oficial dos jogos no Estado do Ceará, integrando-se a um circuito nacional de construção de estádios com estrutura para receber um público mais amplo. Desde a sua inauguração - ainda incompleta, o PV passou por várias reformas ainda nos anos 1940, particularmente a realizada em 1946. A inovação desse estádio, na época, devia-se à presença das arquibancadas e do gramado oficial, pois os campos em que eram praticados o futebol anteriormente eram de “terra batida”, como era o caso do Campo do Prado.

do certame local a partir de 1938. Dessa forma, as sucessivas derrotas dos clubes cearenses para os times de estados com jogadores profissionais pressionavam a Federação Cearense de Desportos (FCD)⁸¹, os clubes e os jogadores a se reconfigurarem.

Contudo, esse processo de profissionalização, que perpassava a lógica do contrato dos jogadores com o clube, abrangendo normatizações, regulações e reestruturações em consonância com a realidade social dos anos 1930 e 1940, prolongou-se por meio do que periodizamos em quatro momentos: a introdução dos primeiros profissionais (1938-1941), as crises pela coexistência amador-profissional (1941-1944), a superação das crises (1944 e 1945) e a construção do jogo como espetáculo (1946-1960)⁸².

Os desdobramentos ocasionados pela profissionalização do futebol deram novo sentido à experiência do público nos estádios. Mesmo que o processo de profissionalização no Estado do Ceará tenha ocorrido tardiamente, ele não pode ser compreendido dissociado da ressignificação elaborada pela diversidade dos sujeitos nos espaços futebolísticos, pautada a partir da construção do espetáculo no futebol e nas transformações mais amplas como urbanização, meios de comunicação e de transporte. Na proporção em que o público que frequentava os estádios aumentava e atribuía novos valores para suas experiências, demandas logísticas como transporte público, venda antecipada de ingressos e o entretenimento do público passaram a ser centrais para a F.C.D.:

E para que os aficionados possam acorrer ao Estadio, entre outras medidas adotadas, destaca-se a que diz respeito aos transportes. Ontem a tarde, fomos informados de que o dr. Humberto Castelo havia entrado em entendimento com o proprietário da Empresa Severino, conseguido dele aumentar a frota de ônibus que servem as linhas do Benfica e do Prado [bairro onde se localizava o estádio]. Também a Light se prontificou a elevar o numero de bondes, de forma que, amanhã a tarde, não será a falta de transporte que irá impedir ou dificultar ao povo assistir á mais sensacional pelega dos últimos tempos, quiza da historia pebol alencarina. Os ingressos estão á venda durante o dia de hoje e até ao meio dia de amanhã no “Posto Pará” e no “Posto 9”. Tomando-se por base a grande procura de ingressos verificada nos dois últimos dias, espera-se

⁸¹ O primeiro nome atribuído a federação que regulava a prática dos esportes no Estado do Ceará foi Associação Desportiva Cearense. Instituição que organizava os campeonatos locais, como o Torneio início e o Campeonato Cearense, que teve origem em 1920 e substituiu a Liga Metropolitana Cearense de Football, fundada em 1915. A A.D.C., como era denominada nos jornais pesquisados, reunia-se uma vez por semana e era composta por uma diretoria e o presidente. Dessa forma, a ADC foi sucedida pela Federação Cearense de Desportos. No dia 12 de julho de 1941 os jornais publicaram a mudança de nome da Associação Desportiva Cearense (A.D.C.) para Federação Cearense de Desportos (F.C.D.), como demonstra o título “FCD em vez de ADC”, 12.jul.1941, p.05). A alteração foi resultado das medidas implementadas pelo Conselho Nacional de Desportos (C.N.D.).

⁸² PINHEIRO, Caio Lucas Morais. Notas sobre a profissionalização do futebol cearense: história e memórias. In.: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2015.

que o Estadio Getulio Vargas receba amanhã a maior torcida de todas já verificadas até aqui em nossa capital. Interessante inovação será proporcionada amanhã aos frequentadores das nossas “canchas”. O Diretor de Esportes, capitão Humberto de Eleri, fará instalar ao longo do campo diversos alto-falantes, que, antes e nos intervalos do jogo, transmitirão músicas diversas, destacando-as entre estas os melhores números do carnaval do corrente ano. Assim o povo, terá um ótimo entretenimento e ao mesmo tempo será informado de qualquer ocorrência que tiver lugar no decorrer da pugna. (Jornal Unitario, Fortaleza, 02 fev. 1946, p.05)

A narrativa elaborada pela imprensa local lança luz sobre as mutações na configuração do jogo de futebol, evidenciadas a partir de três elementos: (1) a ampliação da frota de ônibus e de bondes no transporte público; (2) a venda antecipada em locais diversos na cidade; (3) os alto-falantes e o entretenimento para os frequentadores. Nota-se que a imprensa designa como “aficionados”, “frequentadores” e “povo” quando se refere ao público do estádio. Com o tempo e a popularização da prática futebolística, outros sujeitos torcedores passam a experimentar os espaços dos estádios, reordenando a ocupação dos estádios e a relação em torno do time. Assim, tais mudanças possibilitaram forjar novas identidades com o clube e outras maneiras de se relacionar com os espaços futebolísticos.

Entretanto, ainda no futebol amador, o público que frequentava os jogos nas primeiras décadas do século XX era, sobretudo, pessoas das camadas abastadas, homens, mulheres e parentes dos jogadores amadores, plateia que foi designada como *assistência* pela imprensa esportiva regional e nacional. As expressões, performances e relações sociais estabelecidas eram singulares no sentido de não visarem à organização coletiva de torcidas, de modo a institucionalizar os agrupamentos para além do espaço-tempo do jogo, e sim direcionada, dentre outros motivos, ao *status e à distinção social*.

O termo *assistência*, utilizado nas primeiras décadas do século XX pela imprensa esportiva, fazia referência sobretudo ao assistir e à visualização dos jogos, buscava associar o público do futebol a outros espaços sociais que também nomeava a plateia como assistência, entre eles teatro, clubes e lugares frequentados pelas classes abastadas na cidade, ansiosas pelo ideal da Fortaleza Belle Époque, período problemático de reformas urbanas e de controle social conformado entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX⁸³.

Dessa forma, o sentido simbólico da palavra *assistência* não incorporava a ideia do uso do corpo e da performance estética dos sujeitos presentes nos estádios. O ato de assistir relacionava-se ao ato de ouvir, advindo de dos demais espaços frequentados pela elite. Nesse

⁸³ PONTE, Sebastião Rogério B.. **Fortaleza Belle Époque**: Reformas urbanas e Controle Social (1860-1930). 4. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010. v. 1. 224p

sentido, nesse momento, ainda não se associava a relevância da presença do público à transformação dos resultados dos jogos:

A palavra assistência teria vigência até os anos de 1930 entre a crônica carioca e paulista na alusão a uma coletividade de espectadores de futebol. O termo adotado pela imprensa esportiva teria uma origem erudita, pois era deslocado da taxonomia dos espetáculos musicais, como os concertos ocorridos no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, espaço de gala e requinte erigido nos anos seguintes à proclamação da República, capaz de atualizar uma tradição que vinha desde o período imperial, quando a cidade já conhecia esses espaços concedidos à execução das grandes óperas italianas, das peças francesas e de outros divertimentos europeus vigentes na Corte (HOLLANDA, 2008, p.98).

A carga semântica do termo *assistência* remetia a uma certa passividade dos espectadores, que reatualizaram experiências tradicionais por meio do futebol. Norbert Elias e Eric Dunning (1994), ao refletir acerca do esporte na Inglaterra, afirmam que, após o processo de profissionalização e de popularização do futebol, as elites se retiraram do campo e passaram a ocupar os espaços de gestão do futebol⁸⁴. Nesse reordenamento, a categoria *assistência* foi substituída pelo termo *torcida*:

Expressão inicial das primeiras décadas do futebol no Brasil, cunhada pela imprensa, a palavra assistência cederia lugar com o advento do profissionalismo a um outro termo genérico para a designação do público de esportes. De adjetivo ou substantivo próprio a um indivíduo simpatizante de um clube, torcedor, aquele que prefere torcer por um clube a simplesmente assistir ao jogo, originava-se em português o substantivo dado à totalidade de espectadores presentes em um estádio: torcida (Idem, p.99)

No Estado do Ceará, o time que melhor simboliza a profissionalização foi o Ferroviário Atlético Clube, fundado em 1933, uma vez que os jogadores-operários eram também trabalhadores da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), resignificando a profissão de jogador de futebol através de uma cultura política construída com a empresa por meio de disputas e de negociações⁸⁵.

Com efeito, as mudanças ocorridas a partir dos anos 1930 – profissionalização, popularização e estádios com maior capacidade - impulsionadas e apropriadas pela imprensa esportiva nacional, possibilitaram a transformação da designação *assistência* para as *torcidas*⁸⁶.

⁸⁴ ELIAS, N.; DUNNING, E. “Le football populaire dans l’Angleterre médiévale et prémoderne”. In: Sport et civilisation: la violence maîtrisée. Avantpropos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994.

⁸⁵ Para conferir o debate em torno da relação entre jogadores e a empresa, conferir PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à Ferrovia**: o futebol proletário em Fortaleza (1904-45). Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2007.

⁸⁶ No Estado do Ceará, de acordo com Pinheiro (2014), estas transformações são evidentes com a construção do Estádio Presidente Vargas e as transformações para ampliar a estrutura do espaço, além das normas levadas a cabo pela Federação Cearense de Desportos (FCD) que buscavam regulamentar as práticas e comportamentos em torno dos esportes.

A inserção participativa dos torcedores e as relações sociais construídas nos espaços futebolísticos foram se tornando mais complexas, estabelecendo vínculos e atribuindo significados que ultrapassavam o ato isolado de ir assistir a um jogo do futebol simplesmente como espectador. Nesse momento de transformação das práticas futebolísticas, o profissionalismo intensificava as disputas e as rivalidades, mobilizando maior número de torcedores com a colaboração da imprensa esportiva.

Contudo, a reconfiguração dos sentidos e dos valores partilhados pelo público nos estádios reverberou na inquietação, por parte do poder público, na manutenção da ordem, da educação e da moralização no esporte. Alicerçadas nas ideias de raça, povo, nação e juventude, a lógica cívico-disciplinar foi diluída também no futebol.

O enquadramento moral mencionado pelo antropólogo Luiz Henrique de Toledo no processo de incorporação das camadas populares ao futebol constituiu uma tentativa de contrabalançar a perda do proclamado caráter nobre de que era revestido esse esporte até então⁹⁶. A configuração humana e social do novo público espectador era correlata, segundo o mesmo autor, não apenas aos condicionantes políticos externos, mas às modificações operadas no nível interno das regras modernizadoras do jogo e das maneiras mais sistemáticas de praticá-lo (Idem, p.105)

No cenário nacional, a conformação das primeiras organizações coletivas das torcidas ocorre sob tutela do *chefe de torcida* nos anos 1940, especialmente nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Ao longo do século passado, muitos torcedores se destacaram em seus clubes e ganharam notoriedade em suas respectivas torcidas. Desde pelo menos a década de 1930, antes mesmo da fundação oficial das torcidas organizadas, havia torcedores designados sob a alcunha de “embaixadores” ou de “chefes de torcidas”. (HOLLANDA, 2012, p.99-100)

Esse panorama de mudanças por meio de novos sujeitos e significados no futebol constituiu e foi constituído em diálogo com a cultura política do Brasil pós 1930. Diante da demanda populacional cada vez mais intensa, o futebol foi apropriado mais incisivamente pelo governo, especialmente pelo Estado Novo, criando o Conselho Nacional de Desportos em 1941⁸⁷. Getúlio Vargas, *chefe da nação*, buscou projetar uma identidade nacional para o país, conformando uma cultura política pautada concomitantemente no autoritarismo e na negociação com os trabalhadores e classes populares⁸⁸.

⁸⁷ Conferir PINHEIRO, 2014.

⁸⁸ Sobre a historiografia acerca do Governo Vargas, conferir: CAPELATO, Maria H. R. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papirus, 1998. GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalho**. São Paulo: Vértice, 1988. PANDOLFI, Dulce. **REPENSANDO o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p.; MOURELLE, Thiago Cavaliere. **As várias faces de**

Através de decretos-lei, o Presidente Vargas nomeia chefes de estado e chefes de polícia nos diferentes territórios do país e estas medidas incidiram nos espaços do futebol, tendo em vista a emergência de uma nova forma de representação da identidade do torcedor com o clube: o *chefe de torcida*. Às vezes nomeado como comandante ou embaixador, a designação *chefe* reproduzia o imaginário autoritário dos aparelhos de dominação do Estado e, simultaneamente, produzia a figura do torcedor assíduo, símbolo, autêntico e compromissado, tornando-se referência na festividade a partir de uma função mediadora entre as novas massas frequentadoras do estádio e os agentes de segurança. Desse modo, os chefes de torcidas constituíam-se, no Estado do Ceará, em um dos mais fortes elementos promocionais dos clubes entre as décadas de 1950 e meados dos anos 1970.

Figuras populares, esses torcedores tornaram-se referências nos estádios, transitando em diferentes espaços sociais, do estádio ao diálogo com dirigentes, com a imprensa esportiva e com autoridades da cidade de Fortaleza. Dessa forma, articulavam viagens e caravanas da torcida para outras cidades, mobilizando de modo particular o pertencimento dos torcedores aos clubes.

A imprensa esportiva denominava com frequência os chefes de torcida como fundadores das torcidas organizadas. Entretanto, é necessário realizar neste momento uma ressalva sobre um aspecto importante acerca da produção do conhecimento histórico na análise da história das formas coletivas do torcer, especialmente as torcidas organizadas.

A explicação histórica sobre as continuidades e as rupturas das torcidas organizadas, embora enraizada no tempo presente do historiador, deve se ater ao cuidado com o que resultou esse fenômeno e como o concebemos atualmente, tributário da mudança de determinados estados sociais ao longo do século XX. Portanto, as expressões utilizadas pela imprensa esportiva não necessariamente são adotadas automaticamente neste trabalho, uma vez que discordamos ocasionalmente dos critérios elaborados pelos jornais nas nomeações das torcidas.

O exercício de lidar com o tempo histórico pode levar a escorregões na análise do passado, tendo em vista que se deve levar em consideração, na investigação histórica, as especificidades do acontecimento no tempo e no espaço, embora tal investigação esteja inscrita em um determinado lugar social. Trata-se do exercício da retrodição⁸⁹, que possibilita a

Getúlio Vargas: historiografia e memória (Artigo). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/as-varias-faces-de-vargas>. Publicado em: 26 Jul 2017. Acesso em maio de 2020.

⁸⁹ Conferir ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

problematização dos possíveis anacronismos no estudo das formas coletivas do torcer, de modo que a ação e as relações sociais constituídas pelo *chefe de torcida* precisam ser questionadas: como os chefes de torcidas instituíram uma organização coletiva do torcer? Qual o papel desempenhado pelas charangas e a uniformização nesse modelo?

O que se realiza neste trabalho é estabelecer os marcos que diferenciam os modelos das formas coletivas do torcer na cidade de Fortaleza, posicionando os momentos, as rupturas e as continuidades entre eles. Do ponto de vista da relação com os dirigentes, os chefes de torcidas eram no geral próximos, estabelecendo contatos inclusive do ponto de vista de suporte financeiro com os gestores do futebol. A emergência dos chefes de torcida e o apoio que dispunham dos dirigentes muitas vezes funcionavam como uma ferramenta de controle das massas pelos clubes em tempos de popularização do esporte, tendo em vista que esse contingente cada vez maior precisava ser contido.

No que se refere à constituição de um modelo coletivo de torcer, os chefes e suas respectivas charangas instituem um determinado agrupamento de torcedores, uma vez que a organização da torcida ultrapassa o espaço-tempo do jogo. Assim, a partir dos anos 1950, um repertório de ações anterior e posterior aos jogos passa a acontecer no sentido de organizar a festa, a vibração e a participação da torcida nos jogos de futebol na cidade de Fortaleza.

Mesmo que esses rituais formais e informais para além do espaço-tempo do jogo sejam desdobramentos da atuação de um sujeito, o chefe de torcida, a partir de um princípio unitário que representa a coletividade, esses novos agrupamentos redefinem a ocupação e os significados do espaço dos estádios. Nessa perspectiva, a organização coletiva do torcer elaborada pelos chefes de torcida nasce no/dos espaços próximos ao clube como um dispositivo de controle para auxiliar e monitorar o comportamento da multidão.

As relações e as trocas partilhadas pelos torcedores nesse contexto, capitaneado pelo chefe de torcida, aconteciam através da compra dos materiais para a charanga, a confecção de camisas padronizadas, faixas e bandeiras. Contudo, ainda que um novo modelo coletivo de torcer estivesse sendo instituído - reivindicado pelo chefes de torcida e suas charangas na uniformização dos torcedores – constituía-se enquanto formas incipientes de organização, pois só a partir do final dos anos 1970 e início da década de 1980 aconteceu um movimento - a margem - de instituição das torcidas organizadas, que será debatido mais à frente.

De que maneira, portanto, a uniformização, as charangas e os chefes de torcida se articularam na cidade de Fortaleza? Que sujeitos representaram esse modelo coletivo de torcer nos clubes Ferroviário, Ceará e Fortaleza?

2.2) Zé Limeira, Gumercindo e Pedão da Bananada: a emergência das charangas nos estádios

Na história da memória dos torcedores do Ferroviário, é lugar comum a recordação do “Zé Limeira⁹⁰”, *chefe de torcida* e referência na história da torcida do clube. Segundo a reportagem do jornal Diário do Nordeste, a primeira vez que Zé Limeira assistiu a um jogo do Ferroviário foi em 1939, acompanhando o primeiro e outros títulos estaduais do clube.

Ele foi o primeiro *chefe* de torcida organizada no Estado do Ceará [grifo meu]. A iniciativa do Zé Limeira aconteceu no início da década de 60 quando esteve no Rio de Janeiro, e assistindo ao lado de Pacoti, o jogo pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, no estádio Maracanã, viu torcedores com camisas e bandeiras dos clubes. Ao retornar juntou um grupo de amigos torcedores do Ferroviário e todos uniformizados com as cores do clube coral, foram ao estádio Presidente Vargas o seu *chefe* empunhando uma grande bandeira. (**Jornal Diário do Nordeste**, 08.maio.2003, p.04)



Imagem 2 – Zé Limeira: chefe de torcida do FAC
Jornal Tribuna do Ceará, ano 1982.

A narrativa elaborada pela imprensa retrata Zé Limeira como o precursor da chefia das torcidas organizadas, ao trazer à tona a experiência que o torcedor do Ferroviário, na companhia

⁹⁰ Zé Limeira era natural do município de Quixadá, no Sertão Central do Estado do Ceará, nascido no dia 10/01/1925 e faleceu em 07/04/2004, aos 79 anos de idade. Torcedor do Ferroviário, Zé Limeira foi engraxate e autor de dois livros, um deles prefaciado pela Raquel de Queiroz, escritora cearense. Também reconhecido como Zé Tubarão, em alusão ao mascote do clube, foi engraxate no Abrigo Central, ao lado da Praça do Ferreira, reconhecida como um dos patrimônios culturais da cidade de Fortaleza. Disponível em “Zé Limeira é parte da vida do Ferroviário”, Jornal Diário do Nordeste, 08.maio.2003, p.04.

de Pacoti (Francisco Nunes Rodrigues, ex-jogador do clube coral), no Estádio Maracanã. Nota-se que a imprensa esportiva enfatiza o efeito visual e cromático das bandeiras e das camisas uniformizadas das torcidas cariocas.

No Rio de Janeiro, é possível identificar nos grandes clubes da cidade os principais chefes de torcida que tiveram expressão pública para além da esfera meramente esportiva entre as décadas de 1940, 1950 e 1960. O exemplo mais notório de agremiação torcedora foi a Charanga do Flamengo, criada em 1942 por Jaime de Carvalho. Depois desta, seria fundada em 1944 a Torcida Organizada do Vasco (TOV), por Aida de Almeida e um grupo de amigas que nos anos de 1950 passariam o comando a Dulce Rosalina; em 1946, surgiria a Torcida Organizada do Fluminense (TOF), por Paulista, que chefiava os tricolores desde 1939; em 1952, foi criada a Torcida Organizada do Bangu, liderada por Juarez; e, em 1957, a Torcida Organizada do Botafogo (TOB) era assumida por Tarzan, que substituíra Salvador Peixoto, veterano torcedor alvinegro da década de 1940. (HOLLANDA, 2008, p.107)

Se, de acordo com Bernardo Buarque de Hollanda, os chefes de torcidas e as charangas tiveram considerável expressão pública no Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 a 1960, no Estado do Ceará a datação dessa apropriação é problemática. Apesar do jornal Diário do Nordeste apontar que a charanga do Zé Limeira foi criada no início dos anos 1960, não há como precisar a data, tendo em vista as problemáticas da monumentalização dos mitos de origem de cada agrupamento. Contudo, tanto Zé Limeira como outros chefes de torcidas da cidade de Fortaleza passaram a redefinir as torcidas na transição da década de 1950 para 1960.

Assim, a trajetória de Zé Limeira é importante para pensar a conformação de um nova associação coletiva de torcedores. Entretanto, além do Ferroviário Atlético Clube, Ceará Sporting Club e Fortaleza Esporte Clube – os dois clubes mais populares do período – também tinham seus chefes de torcida. Na torcida do Fortaleza Esporte Clube, Antonio Alberto Ramalho Gondim⁹¹, reconhecido pela “Charanga do Gumercindo”, era o chefe de torcida tricolor, enquanto que na torcida do Ceará Pedro Alves da Silva⁹², o “Pedão da Bananada”, era o ilustre torcedor do alvinegro cearense. Sobre esses torcedores-símbolos, Cristiano Santos⁹³, relembrou:

⁹¹ Antônio Alberto Ramalho Gondim, apelidado de Gumercindo, nasceu em 1933 e faleceu no dia 18 de outubro de 1985, aos 52 anos de idade. Era proprietário de um comércio do ramo de tintas no centro da cidade e torcedor do Fortaleza Esporte Clube, sendo um dos ícones da torcida do clube por liderar a charanga que ficou conhecida nos anos 1960 e 1970 nos estádios e nos carnavais da cidade de Fortaleza.

⁹² Pedro Alves da Silva, mais conhecido como “Pedão da Bananada”, foi um dos mais conhecidos torcedores da história do Ceará Sporting Club. Nascido em 1927 no município de Quixadá, Sertão Central do estado, começou a torcer Ceará desde 1935 e se tornou reconhecido por ser proprietário de um comércio no Abrigo Central, sendo referência para a torcida até os anos 1950 e 1960.

⁹³ Cristiano Santos era torcedor do Ceará Sporting Club e morador do Bairro Gentilandia desde que nasceu, convivendo no entorno do estádio Presidente Vargas e estabelecendo inúmeros contatos entre os torcedores nos anos 1960, 1970 e 1980, inclusive com seu irmão, João Ricardo Santos, fundador da Torcida Carrossel Alvinegro,

Então essas pessoas basicamente eram representantes das torcidas no fim da década de 1950 para 1960. Em 1970 começou a aparecer bandeiras com mais frequências, isso que eu lembro muito bem, as torcidas com bandeiras. Eu, inclusive, eu e meu irmão caçula, nós somos dois torcedores que fazíamos bandeira pra levar pro estádio. Eu na época tinha um bloco de carnaval e o mastro eu aproveitei e fiz, eu e Ricardo, meu irmão. (SANTOS, Fortaleza, 28 abr.2014)

Dessa forma, os chefes de torcida expressavam a liderança autêntica de um grupo organizado de torcida, adquirindo notoriedade e visibilidade pela uniformização dos integrantes. Ao orquestrar um grupo de torcedores, simultaneamente eles controlavam e monitorava a massa de sujeitos torcedores, sugerindo, por um lado, uma vida associativa próxima à diretoria dos clubes, e, por outro lado, capilarizando o discurso de esforço, sacrifício no acompanhamento do time nos jogos locais e nas viagens para outras cidades.

Outro elemento identificador dessas primeiras associações torcedoras era a charanga. Na segunda metade do século XX, as charangas eram as atrações nos estádios, despertando a atenção do público nas arquibancadas, e nos carnavais de rua de Fortaleza. Com um conjunto de instrumentos de sopro e de percussão e músicas tradicionais, lembrando a estrutura de bandas militares, as charangas ressignificaram as formas coletivas do torcer nos estádios. Na medida em que introduzia uma performance estética e associativa com o clube, necessitava também de uma organização prévia, manutenção e financiamento, evidenciados no unitarismo das ações quase que monopolizadas pelos chefes de torcida.



Imagem 3 – Excentricidade de Zé Limeira ao exibir a coleção de chifres de boi

em 1984. Dados retirados da Entrevista realizada com Cristiano Santos em 28 abr.2014, realizada em sua residência no Bairro Benfica, próxima ao Estádio Presidente Vargas.

A constituição de si enquanto torcedor referência e promocional do clube era atravessada pela caracterização singular dos personagens. Zé Limeira curiosamente colecionava chifres de bois na sua casa e foi reconhecido em sua trajetória pelo trânsito que alcançou entre pessoas populares e da elite fortalezense. A reportagem sobre a comemoração dos setenta anos do Ferroviário em 2003 reconstrói parcialmente a trajetória do chefe de torcida:

Limeira se orgulha em dizer que é torcedor do Ferroviário desde o dia 13 de agosto de 1939, quando ainda morava em Quixadá [município do Sertão Central do Estado], e foi incentivado por Valdemar Caracas, amigo de seu pai. Veio para Fortaleza em 1943 para ver o seu Ferroviário enfrentar o Bahia e perder por 7x3. Mesmo assim, não esmoreceu, participou das campanhas do time que conquistou os títulos de 1945, 50, 52, 68, 70, 94 e 95 – os dois, o único bi (Diário do Nordeste, 08.maio.2003, p.04).

Infere-se, portanto, que Zé Limeira direta e indiretamente tinha uma relação pessoal com Valdemar Caracas, o Caracol, fundador do clube Ferroviário em 1933. Mesmo se identificando com o clube desde 1939, só em 1943 se transferiu para residir em Fortaleza. Em outra reportagem do Diário do Nordeste, datada de 1984, Narcelio Limaverde traz à tona particularidades da experiência de Zé Limeira:

Zé Limeira acumula as funções de tipo popular da cidade às de torcedor do Ferroviário, este, ultimamente em baixo astral que nem o Quixadá respeitou seus cabelos brancos. É da autoria do Zé a frase antológica futebolística: "Agora é muito pau", referindo-se às peijas que o Ferroviário enfrentaria nas quartas e nos domingos nos estádios Presidente Vargas, ressuscitado pelo prefeito César Neto, e Castelão, o gigante da Boa Vista, que tem cara de aposentado, pois ninguém vai muito por lá, por deficiência de transportes e do futebol cearense que vai caindo à medida em que a gente vai conversando miolo de pote por aqui. Conheci Zé Limeira nos velhos tempos do Abrigo Central, entre uma e outra bananada do Pedão, este torcedor inveterado do Ceará (...) Ele, de princípio era engraxate, cargo que exercia com rara maestria, elegância e desenvolvimento. Polimento sempre foi com o Limeira. E de tanto trabalhar bem tornou-se empresário do setor, na época daquela famosa transformação acontecida durante o Governo de Murilo Borges. O general Murilo sempre gostava das pessoas humildes e assim sendo resolveu dar melhores condições de vida aos engraxates. E deu. Certo dia, no Canal 2, levou um engraxate para uma entrevista, ele que gostava dessas coisas simples. Perguntou que benefício o prefeito tinha feito à classe dos engraxates e o humilde profissional disse, sem pestanejar, "foi mudar nosso nome para lustrador". Zé Limeira tornou-se, assim, um empresário de lustradores. Depois e há algum tempo ouviu aquela frase que diz que "o homem somente se realiza quando planta uma árvore, tem filhos e escreve um livro". Resolveu começar pelo último, recebendo os exemplos de Jorge Amado, Érico Veríssimo, Rachel de Queirós, Luciano Diógenes e deste humilde escrevinhador que lhes fala neste instante. E todo esse catatau que vocês leram (leram?) foi para anunciar o livro de Zé Limeira que contará com esta produção deste "escritor" ainda impune (Diário do Nordeste, 27.set.1984, p.11).

O redator Narcélio Limaverde escreveu o artigo no jornal com a finalidade de divulgar o livro publicado por Zé Limeira, porém, para tanto, utiliza o recurso narrativo da divulgação sobre quem é aquele sujeito autor do livro, funcionando de alguma forma como uma justificativa. Dessa forma, Limaverde expressa a frase antológica pela qual Zé Limeira ficou reconhecido – *Agora é muito pau* – além afirmar que o conheceu no Abrigo Central, local em que também trabalhava outro chefe de torcida, Pedão da Bananada. De engraxate a empresário de lustradores, Limaverde evidencia peculiaridades da trajetória do chefe de torcida do Ferroviário Zé Limeira.

Na cidade de Fortaleza, além de Zé Limeira, uma das mais conhecidas charangas era a do Gumercindo Gondim, torcedor do Fortaleza, criada em 1960. Apelidado de Gumercindo, Antônio Gondim era comerciante e, quando jovem, foi jogador de futebol de alguns clubes na cidade. Reconhecido como “homem do charuto”, era popular, buscava apoio nos jornais para convocar a torcida do Fortaleza e tinha um diálogo constante com a diretoria do clube, fato que talvez explique ele ter se tornado diretor e conselheiro do clube a partir de meados dos anos 1970.

“Gumercindo”, antes mesmo de ser torcedor do Fortaleza, é um fanático das cores vermelho, azul e branco. Quem acompanhou os jogos do tricolor de aço no “super”, foi testemunha da vibração de uma “charanga” uniformizada postada nas arquibancadas, à direita das cabines das emissoras, que não parava os seus acordes acompanhando cada jogada dos atletas do clube do Pici. [...] (Jornal O Povo, 19.fev.1964, s/p)



Imagem 4 – Gumercindo e sua charanga no estádio Presidente Vargas
Jornal Tribuna do Nordeste, ano 1979.

Na foto acima, Gumercindo foi retratado manuseando instrumento acompanhado de outros integrantes da charanga com diversos instrumentos de sopro. Depreende-se também a

uniformização dos torcedores, cuja camisa apresenta listras no centro e na altura do peito o símbolo do Fortaleza, com exceção da trajada pelo próprio Gumerindo, com listras verticais o diferenciando dos demais. Além disso, infere-se também a utilização de uma espécie de chapéu/boina de cor clara. Embora a imagem seja uma fotografia de 1979, ao analisar demais fotos, percebe-se alguns aspectos em comum.



Imagem 5 – A Charanga do Gumerindo em ação

Essa imagem, data do ano de 1965, apresenta algumas semelhanças e diferenças: mais uma vez Gumerindo utiliza camisa que demarca uma diferença dos outros componentes da charanga; os instrumentos de sopro e percussão permanecem, porém os integrantes trajavam calça e camisa, sendo a camisa igual dos dois componentes a direita da foto, que estão com instrumento de sopro, de tonalidade branca com o símbolo do Fortaleza centralizado. Outros integrantes são retratados, à esquerda, também com camisa padronizada, ainda que não seja possível precisar se há o símbolo do clube ou não. Já Gumerindo também manuseia um instrumento com as mãos, semelhante a última imagem.

Recordando a configuração e a maneira como a charanga atuava, Orlando Patrício⁹⁴ destacou os elementos que lhes despertavam o apreço quando do início da sua aproximação com o clube nos estádios. Vejamos como ele relembrou:

O que mais me cativou foi exatamente a Charanga do Gumerindo. Você chegar no estádio, chegar com a camisa do estilo da que eu estou hoje aqui [aponta para a camisa tradicional com listras horizontais em vermelho, azul e branco], que esse é o verdadeiro manto sagrado tricolor, e você vê a Charanga andando, tocava aquelas charangas, aqueles frevos... O que me mais chamou

⁹⁴ Orlando Patrício é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e integrou a Torcida Organizada Garra Tricolor, fundada em 1980. Desde os anos 1960 comparecia aos jogos do seu time, inicialmente através do rádio e, em 1968, presenciou seu primeiro jogo. Entrevista com Orlando Patrício, em 30 de julho de 2013, realizada em um dos bares do boêmio Bairro Benfica, ao lado do Estádio Presidente Vargas.

a atenção foi os instrumentos metálicos da Charanga do Gumercindo e o que me mais mexeu mesmo foi ver a Charanga e depois ver as bandeiras, porque naquela época cada torcedor levava sua bandeira e existia até os concursos pra ver quem levava mais bandeira ao estádio (PATRÍCIO, 2013)⁹⁵

Um dos efeitos que impactam a redefinição dos estádios por meio da organização coletiva do torcer das charangas consiste na identidade visual cromática a partir da uniformização dos integrantes. Dessa forma, o espetáculo, ao surpreender o público, torna-se também um elemento de atração na arquibancada. A partir desse momento, a experiência de ir ao estádio não estava restrita aos jogo dentro de campo do seu time, mas também ao ato de desfrutar e de construção do entretenimento da festividade das torcidas.

Por meio das imagens, abre-se um canal que funciona como uma plataforma de observação da sociedade cearense, particularmente como esta passou a se expressar nos estádios. Nesse sentido, pode-se inferir a padronização através da uniformidade dos trajes na charanga do Gumercindo, o que sugere uma identidade visual na ocupação dos estádios. Na foto abaixo, mais uma vez os integrantes vestem uma camisa padrão e usam uma espécie de chapéu.



Imagem 6 – Charanga e festividade na Geral do Castelão em 1975
Fonte Jornal Tribuna do Ceará

A logística da *charanga uniformizada* tinha um custo financeiro, o que lança luz sobre as possibilidades socioeconômica dos *chefes de torcida*. A confecção dos surdos, a contratação de orquestra, o transporte e o ingresso dos componentes nos jogos demandavam investimento. Entretanto, ao descrever os gastos com a sua charanga, Gumercindo afirmou que

⁹⁵ Entrevista com Orlando Patricio, em 30 de julho de 2013, realizada no Bairro Benfica, ao lado do Estádio Presidente Vargas.

E não saiu decepcionado o “Gumercindo” pelo que fez de incentivo em favor do clube de seu coração. O título conquistado foi a recompensa dos gastos que realizou, contratando a orquestra do Zé Pequeno, de Parangaba (bairro da periferia de Fortaleza), composta de 32 figuras, patrocinando ainda o ingresso da batucada no Estádio Presidente Vargas. Uma verdadeira fortuna gastou o Gumercindo com a sua charanga: “Com a orquestra, sua deslocação, faixas, confecção de 12 surdos, as comemorações que realizei em minha residência, tudo isso, somou mais de um milhão e meio de cruzeiros. Mas valeu a pena gastar êsse dinheiro todo. O que importa é que fomos campeões”. (Jornal O Povo, 19.fev.1964, s/p)

Até que ponto o custo permanecia apenas para o *chefe de torcida*? Depreende-se, segundo a reportagem, que a centralidade da organização, da ideia ao financiamento, estava sob a tutela de Gumercindo. Entretanto, mesmo que cada chefe de torcida e sua charanga tenham elementos em comum, esse modelo coletivo do torcer era complexo, ou seja, na torcida de cada clube existiam particularidades, revelando a heterogeneidade da constituição desse agrupamento sob o comando do chefe de torcida. Na reportagem abaixo, o Jornal O Povo aborda a comemoração dos quinze anos da charanga do Gumercindo e, concomitantemente, do aniversário do *comandante chefe*:

Duas curiosidades a respeito do grande jogo de amanhã no Castelão: haverá uma taça em jogo, oferecida pela Federação ao vencedor, com o nome de General Florimar Campelo, ainda dentro das comemorações da Semana da Vitória e numa homenagem ao Comandante atual da 10ª. Região Militar, que foi um dos integrantes da Força Expedicionária Brasileira que lutou no front da Italia. A outra é a presença, em “*show*” especial [grifo meu], da famosa charanga do Gumercindo, um dos mais fortes elementos promocionais do Fortaleza, que está festejando amanhã seus 15 anos de existência. Por coincidência, decorre na mesma data o aniversário natalício de Antonio Gumercindo, o seu fundador e “*comandante chefe*” [grifo meu]. Eufórico, naquela maneira toda sua de dizer as coisas, Gumercindo telefonou para este jornal. “Vai ser de arromba. A charanga tá num fio total e dará o maior show da sua vida para me homenagear no meu aniversário e ajudar o Leão a conquistar mais uma grande vitória” (O Povo, 10.maio.1975, aa29).

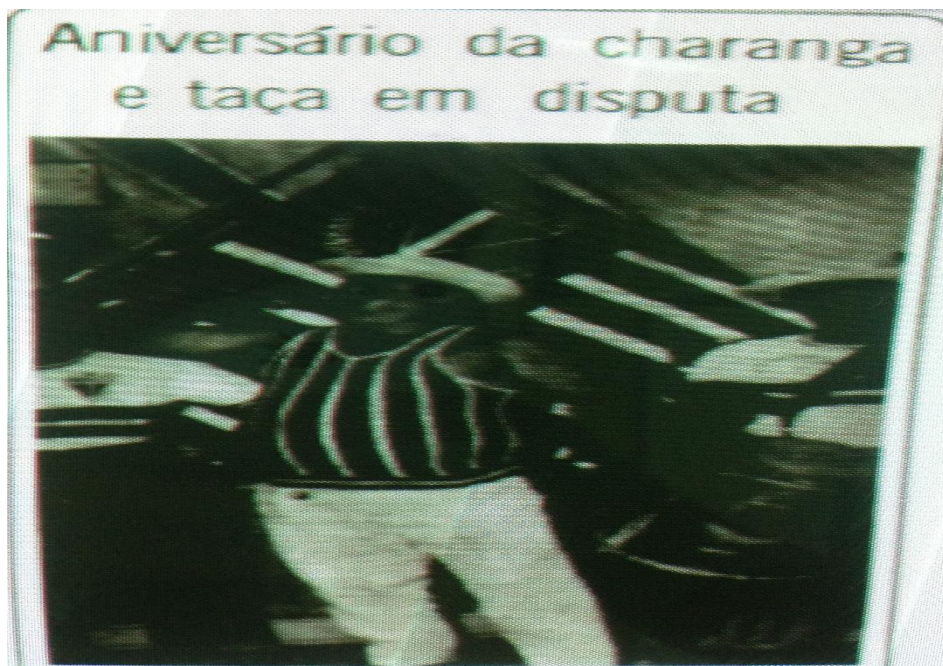


Imagem 7 – Gumerindo e o aniversário de quinze anos da charanga em 1975

Fonte Jornal O Povo

A reportagem do periódico, publicada em maio de 1975, ao promover os eventos que ocorreriam em um jogo no Estádio Castelão – homenagem ao Comandante que integrou a FEB na Segunda Guerra Mundial e o show da charanga do Gumerindo em alusão ao aniversário do grupo e do chefe, é simbólica na medida em que retrata o *show* da charanga e também designa Gumerindo como *comandante chefe*, transpondo termos militares para caracterizar o líder da torcida no futebol, como fizera ao nomear o comandante da FEB.

Além disso, o periódico expressa a construção da referência em torno do chefe ao apontar a euforia e a excentricidade com as quais Gumerindo se manifesta. Na promoção do jogo e da comemoração do aniversário da charanga e do seu líder, Gumerindo entra em contato por telefone com o jornal enfatizando a festividade por meio de um show único que a charanga fará para homenageá-lo, em uma espécie de agradecimento e de determinado culto ao chefe, o que representa não só um exercício do ego, mas simboliza o princípio do unitarismo em que se alicerçava esse modelo coletivo do torcer.

É provável que, devido à centralidade da conduta construída por Gumerindo durante os anos 1960 e 1970, a imprensa esportiva tenha enfatizado recorrentemente a história desse chefe de torcida nas décadas posteriores. O Jornal Diário do Nordeste relembrou, nos anos 1990, a atuação de Gumerindo e sua charanga:

Ninguém animou tanto a torcida do Fortaleza quanto Gumerindo Gondim. Aí [foto] ele aparece a frente de sua famosa charanga, antes de mais uma movimentação no Castelão [Estádio Plácido Aderaldo Castelo]. Com essa

charanga, Gumerindo ganhou também vários troféus participando dos carnavais de rua de Fortaleza. Depois da morte de Gumerindo, nunca mais houve outra charanga tão completa. (Diário do Nordeste, 26 abr.1991, p.16)



Imagem 8 – Excentricidade de Gumerindo

Fonte: Jornal Diário do Nordeste

Zé Limeira, Gumerindo Gondim e Pedrão Bananada, os chefes de torcida dos três clubes mais populares do estado, respectivamente, do Ferroviário, do Fortaleza e do Ceará, estabeleceram uma relação cordial, pacífica e amigável, geralmente socializando no Abrigo Central, na Praça do Ferreira, espaço de sociabilidade em que as pessoas debatiam sobre futebol.

Assim, essa cordialidade construída em torno das torcidas e dos chefes de torcidas consiste em mais um aspecto da emergência do modelo coletivo do torcer instaurado a partir da década de 1960 na cidade de Fortaleza. A instauração dessa organização coletiva do torcer inaugura um modelo de associação de torcedores ao configurar o movimento de primeira onda da história das torcidas no Estado do Ceará.

Nessa perspectiva, na torcida do time Ceará Sporting Club, “Pedrão da bananada”, autêntico chefe de torcida, expressa a elaboração da referencialidade na torcida alvinegra. “Pedão”, como ficou popularmente reconhecido, foi proprietário de uma lanchonete no Abrigo Central que funcionava como lugar de encontro dos torcedores em dias de jogos para a saída em direção ao estádio Presidente Vargas. Em entrevista realizada nos anos 1960 pelo O Povo, ele recordou o momento de criação da charanga alvinegra a partir dos anos 1950,

Com oitos anos de idade comecei a torcer Ceará [desde 1935]. Pulei muito o muro do Prado Velho [primeiro espaço oficial da cidade onde se realizavam os jogos] para ver o “mais querido” jogar. Passei uma temporada de 10 anos em Belém, mas não esquecia o Ceará (1942 a 51) e quando regresssei a

Fortaleza, assumi a *chefia da torcida* do meu clube. (Jornal O Povo 07.nov.1964)

A construção da popularidade dos chefes de torcida era atravessada por diversos elementos, às vezes, o comércio, a personalidade despojada, a estética dos personagens ou o próprio apelido com o qual tonaram-se reconhecidos. Na torcida do Ceará não foi diferente, tendo em vista que Zé Limeira e Gumercindo, pelo Ferroviário e Fortaleza respectivamente, estavam imersos nessa construção do chefe símbolo e personagem dos estádios. Pedro Alves da Silva “ganhou o apelido de Pedrão da Bananada pelo tamanho pouco comum aos cearenses – 1,82cm, e pela super famosa bananada. Ele confessou que a popularidade o ajudou muito a fazer o que fez pelo Ceará, para quem criou a primeira torcida organizada do Nordeste” (Jornal Diário do Nordeste, 22.mar.1982, p.4).

Nesse sentido, para Pedrão da Bananada, a altura e a venda da bananada no comércio no centro da cidade também confluíram para a personalização do chefe na torcida do Ceará. Apesar de afirmar que desde meados dos anos 1930 passou a ser torcedor do Ceará, Pedrão efetivamente capilarizou a organização dos torcedores nos anos 1950, uma vez que residiu em outro estado na década de 1950. Um dos nossos entrevistados Cristiano Santos, buscando reconstruir a história das torcidas organizadas, considerou relevante o papel que Pedrão da Bananada exerceu no contexto dos anos 1960 e 1970, designando a importância da liderança atribuída ao proprietário da lanchonete no Abrigo Central.

No caso do Ceará, existia um cara chamado Pedrão da Bananada, ele era um líder, quando o Ceará estava disputando o campeonato, ele tinha uma encenação na hora que o Ceará tava na frente do placar, no final do jogo, ele começava com o lenço branco [gesticula simulando o balançado do lenço com a mão]. Aí as pessoas discordavam: “não, mas não eram torcidas organizadas”, mas tinha um líder, ele era um líder, ele conduzia na verdade toda movimentação da torcida, que não existia o que existe hoje (SANTOS, Cristiano. 28.abr.2014)⁹⁶.

⁹⁶ Entrevista realizada com Cristiano Santos em 28 de abril de 2014, realizada no Bairro Benfica, próxima ao Estádio Presidente Vargas



Imagem 9 – Pedrão da Bananada no Abrigo Central
Fonte Jornal Tribuna do Ceará, ano 1983

Ao enfatizar a liderança exercida pelo Pedrão da Bananada, Cristiano Santos recorda a encenação protagonizada nas arquibancadas pelo lenço branco, o que sugere a mutação com o tempo da organização dos torcedores. Em alusão ao ato de torcer o lenço das primeiras décadas do século XX, o termo torcida foi cunhado e difundido entre a população com a divulgação pela imprensa.

Pedrão também frequentemente era retratado na imprensa esportiva através de entrevistas. Ao comparar as torcidas nos anos 1980 com o período em que centralizava a atuação nos estádios, o chefe de torcida lembrou, em uma dessas entrevistas para o Jornal Diário do Nordeste, a maneira como desenvolvia a festividade nos estádios. Ressalta-se que, no momento em que está narrando, no início dos anos 1980, houve uma multiplicação das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza.

Antigamente não tinha essa estória de botar nome em torcida, porém a coisa era bem mais organizada, bem mais festiva. A gente pegava e armava um show mesmo, que era apresentado antes dos jogos e acompanhava o time para onde ele fosse. Tínhamos um grupo de batuqueiros e um grupo que fazia um desfile dentro do campo, antes da entrada do time. Todo mundo aplaudia e era um espetáculo à parte. Isso levava dinheiro pra fazer essas coisas, nunca recebi dinheiro do Ceará, muito pelo contrário. Eu era responsável pelas mocinhas e pelos rapazes da batucada; e levava e trazia todo mundo em ônibus alugado por mim mesmo e depois ainda dava o lanche da turma toda: bananada, é claro, no Abrigo Central. (Diário do Nordeste, 22.mar.1982, p.4)

A narrativa construída por Pedrão na entrevista, mais que um simples nostalgia do passado, tende a discordar da situação das torcidas organizadas naquele momento, afirmando que “antigamente” a festa era maior e mais organizada, mesmo que não se atribuíssem nomes

às torcidas. Na proporção em que enfatiza o show protagonizado através da batucada, Pedrão enaltece – eu era o responsável pelas mocinhas e pelos rapazes da batucada – a si próprio no esforço despendido financeiramente para fretar o ônibus do transporte para os torcedores. Entretanto, vale ressaltar que, no momento da sua entrevista ao Jornal Diário do Nordeste, a década de 1980, há uma inflexão na história das formas coletivas do torcer, pois eclodem várias torcidas organizadas com uma configuração particular.

O Chefe de torcida alvinegro constrói em seu depoimento, direta e indiretamente, a sua autenticidade ao afirmar que, além de não ter recebido ajuda financeira do clube, era ele quem se responsabilizava pela logística da torcida, no que se refere à batucada, transporte e a alimentação: a bananada no Abrigo Central. Dito isto, as atividades das torcidas não ficaram imunes ao processo de transformação da cidade de Fortaleza, cujas elites buscavam realizar reformas e pressionavam o então Prefeito Murilo Borges⁹⁷ para destruir o Abrigo Central, ao lado da Praça do Ferreira, sob justificativa das condições de saneamento e do desuso do espaço.

(...) É que o Abrigo Central veio abaixo durante a administração de Murilo Borges. O grande empreendimento da gestão de Acrísio Moreira da Rocha veio ao chão em 1966, com o intuito de que a Praça do Ferreira passasse por uma reforma de embelezamento. Todavia, a reforma só foi feita em 1967, já na gestão do Prefeito José Walter Cavalcante (MAIA, 2010, p.70-71).

Após a demolição do Abrigo Central, a situação financeira de Pedrão da Bananada acabou se tornando complexa, o que o fizera permanecer em dificuldades até o momento de seu falecimento, em 1984. O vice-prefeito, Luís Campos⁹⁸, acusava a gestão municipal de comprometimento com empresários do ramo de construção, cujos interesses estavam na construção de prédios no entorno da Praça do Ferreira.

Um dos acontecimentos que mais mobilizou a imprensa esportiva cearense ocorreu em 1964, com a vinda da charanga de Jaime de Carvalho, do Flamengo, em virtude do jogo entre Ceará e o clube carioca pela Taça Brasil⁹⁹. Por sua vez, a expectativa criada para a vinda da charanga carioca e o encontro com Pedro Alves da Silva, o “Pedrão da Bananada”, fez com que os jornais cobrissem com detalhes a experiência da disputa entre os torcedores.

⁹⁷ Murilo Borges Moreira, nascido em 1913 e falecido em 1982, foi um general do Exército do Brasil e prefeito de Fortaleza entre 1963 e 1967. Foi eleito com pequena diferença de votos para o segundo lugar, Péricles Moreira da Rocha.

⁹⁸ Luís Queiroz Campos, além de vice-prefeito, acumulou o cargo com o de secretário de finanças de Fortaleza na gestão do prefeito Murilo Borges. Advogado de formação, Luís Campos atuou no jornalismo e como professor universitário, reconhecido também pela participação na diretoria do Ceará Sporting Club.

⁹⁹ Taça Brasil era o nome utilizado pela Confederação Brasileira de Desportos para designar os campeonatos nacionais realizados entre 1959 e 1968.

Infere-se da narrativa de Jaime de Carvalho alguns pontos fundamentais para a reflexão. Como vimos, destaca-se a centralidade atribuída a si na iniciativa de ações para a manutenção da torcida, enfatizando a transformação na percepção do público com relação ao modelo que iniciou em 1942: do “bobo” e “palhaço” à exigência da presença. Os vinte anos, dos anos 1940 a meados de 1960, possibilitaram a emergência e a consolidação de um modelo de torcer que não só deixou de ser ridicularizado, mas passou a ser necessário no espetáculo do futebol.

Depreende-se também alguns aspectos que apresentam e descrevem a estrutura e organização da Charanga do Jaime de Carvalho, os quais serviram de exemplo para as torcidas da Ferroviário, do Fortaleza e do Ceará. Trata-se principalmente dos símbolos que padronizavam as charangas: uniforme, instrumentos, faixas e músicas de apoio ao clube custeados, sobretudo, pelo chefe da torcida.

Nunca tive ajuda de ninguém para fazer o que faço. Digo, ajuda de clube. Nunca pedi ao rubro-negro coisa alguma, pois acho que o torcedor deve dar, pois já recebe em troca alegrias extraordinárias. Minto, tenho tido uma ajuda notável de São Judas Tadeu, padroeiro da Gavea e da minha casa. [...] Meu salário de funcionário público é dividido religiosamente entre minha família e o Flamengo. Alguns torcedores ajudam também. Fazem bandeiras e bandeirolas. Outros aparecem com seus instrumentos e no final conseguimos fazer um conjunto que incentiva nosso quadro. (Jornal O Povo, 07.nov.1964, p.20)

Para além da caracterização estética das charangas, o chefe de torcida procurava financiar os gastos das atividades do grupo, narrativa semelhante ao que os chefes de torcida cearense recordava. Na concepção de Jaime, o torcedor, ao invés de receber, deve dar, pois “já recebe em troca alegrias extraordinárias”. A profissão de funcionário público possibilitava o apoio ao time de futebol, dividindo o investimento para a família e clube. Assim, a torcida constituía parte da vida desses sujeitos tão importante como suas famílias.

Essas reflexões emergem quando se investiga não apenas as charangas enquanto uma forma coletiva do torcer nos estádios, mas a própria natureza desse comportamento e sociabilidade torcedora. O investimento financeiro dessas torcidas e o sentimento de apoio ao clube confundiam-se, tendo em vista que a concepção de que a organização coletiva dos torcedores faz diferença no desempenho dos jogadores e no resultado do jogo justificava qualquer esforço para manter charangas, seja de caráter econômico, de tempo ou de disposição. Dessa forma, as charangas, com instrumentos, gritos e comportamentos, constituíam-se em um modelo de torcida e, concomitantemente, compreendiam a função fundamental que desempenhavam para o time, de forma que o pertencimento ao clube também ia se imiscuindo, reproduzindo e multiplicado pelos torcedores.

Em contrapartida, como que em uma resposta a vinda de Jaime de Carvalho a Fortaleza, Pedrão da Bananada estimulou e mobilizou a torcida do Ceará para a disputa:

Estarei logo mais no aeroporto recebendo meu “adversário”. Será uma satisfação tê-lo entre nós, porque a sua vinda servirá para a imensa torcida alvi-negra acordar e sentir que das arquibancadas, também colaboramos para a vitória do nosso quadro. Vamos mostrar ao Jaime. Com quantos instrumentos se faz uma “charanga” e eu quero ver a “charanga do Jaime tocar. (O Povo, 07.nov.1964, p.20)

“PEDÃO” ENFRENTARÁ JAIME COM CHARANGA, FLA E TUDO

Ceará Sporting e Clube de Regatas do Flamengo, não serão apenas adversários dentro do gramado. Nas arquibancadas, com suas torcidas organizadas, estarão os dois semifinalistas da VI Taça Brasil, alvi-negros e rubro-negros também travarão duelo. Vem aí Jaime de Carvalho com uma bagagem ensurdecadora de instrumentos musicais para enfrentar o nosso popular “Pedrão da Bananada” que logo tomou conhecimento da vinda de Jaime de Carvalho, arregimentou as suas “tropas” e promete suplantá-lo em vibração:

— “Estarei logo mais no aeroporto recebendo o meu “adversário”. Será uma satisfação tê-lo entre nós, porque a sua vinda servirá para a imensa torcida alvi-negra acordar e sentir que das arquibancadas, também colaboramos para a vitória do nosso quadro. Vamos mostrar ao Jaime, com quantos instrumentos se faz uma “charanga” e eu quero ver a “charanga do Jaime tocar”...

CEARÁ DESDE 1935

“Com oito anos de idade comecei a torcer Ceará. Pude muito o meu do Frêdo Velloso, para ver o “meu querido” jogar. Passei uma temporada de 10 anos em Belém, mas não esqueci o Ceará (1942 a 51) e quando regressou a Fortaleza, assumi a chefia da torcida do meu clube. Ganhei como maior alegria, a vitória do Ceará sobre o Flamengo, do Rio, por 2-1 e agora, quero suplantá-lo com esta grande vitória, amanhã, diante do Flamengo”.

VOU AO MARACANÁ

“Já estou de malas prontas para ir a Guanabara com o Ceará, no Maracanã, com minha alvi-negra de aquelas compridas e ao lado dos cearenses radicados no Rio, farei o nosso “carnaval”, fazendo chegar aos nossos atletas, o calor do nosso incentivo”.

LOCAL DA “CHARANGA”

“Aproveito a oportunidade para, das páginas de O POVO, convocar as bandas alvi-negras para se concentrarem a partir das 13 horas por trás do gol da quadra amadorista do Estádio Presidente Vargas. Vamos formar uma verdadeira escola de samba, cantando hinos do Ceará Sporting. Preci-amos derrotar o Flamengo”.

DESPORTIVIDADE

Concluindo as suas declarações, Pedro Alves da Silva, o popular “Pedrão” acrescentou que “não vai aqui nenhum insulto ao Jaime de Carvalho, muito pelo contrário, no final da partida, seja qual for o resultado, capote abraço e irmãos comemoraremos a vitória de uma das equipes”.

— e abrindo os braços numa expressão, tão sua — CEARÁ, TUA GLÓRIA E LUTAR!



“Pedrão” vai enfrentar amanhã o dono da maior torcida do Brasil, Jaime Carvalho, o homem da charanga que sacode o Maracanã a cada jogo do Mengão. Bêta com a filha do campeão de 51, mas em foto batida ontem em O POVO.

Imagem 11 – Excentricidade de ‘Pedrão’ da Bananada
Fonte Jornal O Povo

O título da reportagem “Pedrão enfrentará Jaime com charanga, fla e tudo” mostrava a ideia da disputa entre as torcidas pela festividade dentro dos estádios, para além da disputa entre jogadores. Não só o título da notícia estabelecia a ambiência de expectativa, mas a maneira como publicou a fotografia de Pedrão compusera a disputa, tendo em vista que foi representado com os símbolos utilizados também por Jaime, sobretudo a faixa de campeão e a camisa.

Dessa forma, Pedrão fez uso da vinda do chefe carioca para mobilizar a torcida alvinegra no sentido de acreditar que o apoio da arquibancada contribui para a vitória do time em campo. Porém, essa competição, baseada na camaradagem, possuía uma cordialidade e respeito entre os líderes, como podemos perceber pelos trechos da entrevista com “Pedrão”:

Ceará Sporting e Clube de Regatas do Flamengo, não serão apenas adversários dentro do gramado. Nas arquibancadas, com suas torcidas organizadas, estarão os dois semifinalistas da VI Taça Brasil, alvi-negros e rubro-negros também travarão duelo. Vem aí Jaime de Carvalho com uma bagagem ensurdecadora de instrumentos musicais para enfrentar nosso popular “Pedrão da Bananada” que logo tomou conhecimento da vinda de Jaime de Carvalho, arregimentou as suas “tropas” e promete suplantá-lo em vibração. (O Povo, 07.nov.1964, p.20)

Nota-se que a imprensa local transpôs o duelo dos jogadores no campo para as arquibancadas, promovendo o evento a partir de uma expectativa que impacta a estruturação da história das torcidas. Assim, Pedrão da Bananada também utilizou do espaço oferecido para estimular os torcedores a comparecerem ao jogo, formarem uma *verdadeira escola de samba*, ressaltando, em contrapartida, o respeito e a cordialidade ao adversário em campo e ao Jaime de Carvalho.

Aproveito a oportunidade para, das paginas de O POVO, convocar as batucadas alvi-negras para se concentrarem a partir das 13 horas por trás do gol da quadra amadorista do Estádio Presidente Vargas. Vamos formar uma verdadeira escola de samba, cantando hinos do Ceará Sporting. Precisamos derrotar o Flamengo e o Jaime de Carvalho.

Não vai aqui nenhuma hostilidade ao Jaime de Carvalho, muito pelo contrário, no final da partida, seja qual fôr o resultado, espero abraça-lo e irmanados comemoraremos a vitória de uma das equipes. (O Povo, idem)

A festividade levada a cabo pelo modelo coletivo do torcer das charangas consiste em um aspecto fundamental para o entretenimento do público, particularmente pelo encontro do amor ao clube com a música, em especial o samba naquele momento. Esse fenômeno se reproduz em quase todo o século XX de diferentes formas, sempre sendo atualizado por agrupamentos torcedores.

Cabe refletir também sobre a imagem construída pelos “chefes de torcidas” e pela imprensa. O repertório de mecanismos variava através do recurso ao uso de uma camisa tradicional dos seus clubes, um charuto, um apelido, um chapéu ou a própria personalidade, juntos ou separados, estes elementos-padrões elaboravam uma autenticidade particular para cada um dos chefes de torcida, que construíam suas identidades por meio de uma performance e de um sentido exterior para o público.

Neste momento, buscamos amarrar as ideias analisadas para resumir o que foi trabalhado até agora. Abordamos inicialmente a relevância da popularização do futebol a partir dos anos 1930, dialogando paralelamente com a profissionalização do futebol e a ressignificação atribuída à profissão de jogador de futebol. Ao passo desse processo, o público que frequentava os estádios nas primeiras décadas do século XX – *a assistência* – foi sendo alterado, tanto quantitativamente como pelo sentido competitivo que o jogo foi tomando.

Reformas foram acontecendo nos estádios, quando não inaugurando outros que comportavam maior capacidade, especialmente com incentivo das políticas públicas do estado do Estado Novo, que buscavam disciplinar as práticas futebolísticas e as torcidas, embora com frequência não obtivesse êxito.

Nessa conjuntura, influenciado pela circulação de ideias provenientes dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, os torcedores passam a se organizar coletivamente em torno de um *chefe de torcida*. Os três clubes mais populares do estado, Ferroviário, Fortaleza e Ceará, tinham, respectivamente, Zé Limeira, Gumercindo e Pedrão da Bananada como torcedores autênticos que comandavam uma charanga, configurando um novo modelo coletivo de torcer a partir dos anos 1950. Este processo, elaborado entre a década de 1950 e 1970, simboliza a emergência do que designamos nesta tese como movimento de primeira onda da história das torcidas no Estado do Ceará.

2.3) Popularização e rentabilidade do futebol cearense: os dispositivos de controle das torcidas no passado e no presente

As duas primeiras décadas da segunda metade do século XX foram um período em que o futebol cearense visualizou um aumento significativo da arrecadação nos jogos. A popularização e a espetacularização do futebol paralelamente conformaram uma rentabilidade significativa a partir dos anos 1960. As elites, que antes estiveram nos campos de futebol transitam para gestão, procuraram apropriar-se desse reordenamento enquanto possibilidade de lucro, desde a venda de jogadores ao preço dos ingressos. Obviamente que, no Estado do Ceará, essa reconfiguração se dá de maneira heterogênea e complexa, tendo em vista que se prolonga até a década de 1980, período em que há, dentre outros elementos, a inserção dos patrocínios nas camisas dos clubes.

Pode-se entender detalhadamente essas mudanças a partir de uma reportagem que recupera a renda dos clássicos dos últimos dez anos (1956-1965), realizada pelo jornal O Povo em 1965, na tentativa de compreender as nuances e os impactos do aumento da renda a partir dos clássicos entre Ceará e Fortaleza.

Tratando-se do mais importante e tradicional encontro entre clubes cearenses de futebol profissional, é natural que as pelepas entre Ceará e Fortaleza apresentem as maiores arrecadações. De fato, alvinegros e tricolores vêm a cada ano que passa estabelecendo novos recordes, numa demonstração de que são realmente as equipes que maior interesse despertam quando se encontram em geral para disputar partidas da maior importância para o desenrolar ou para a decisão do campeonato. (Jornal O Povo, 13.fev.1965, aa,12)

Data do Clássico	Renda do Clássico
30/09/1956	Cr\$ 34.325
16/06/1957	Cr\$ 154.870

1958	Cr\$ 216.325
1959	s/n
1960	s/n
22/10/1961	Cr\$ 522.110
27/05/1962	Cr\$ 919.260
1963	Cr\$ 1.272.570
1963	Cr\$ 1.651.640
1963	Cr\$ 1.762.320
17/11/1963	Cr\$ 3.129.320
26/04/1964	Cr\$ 3.830.350
31/01/1965	Cr\$ 6.811.330

Tabela 1 – Rendas dos clássicos entre Fortaleza e Ceará entre 1956 e 1965
 Fonte Elaborada a partir dos dados do Jornal O Povo 13.fev.1965

A tabela acima foi elaborada a partir dos dados representados na notícia do jornal, que não menciona os números do biênio 1959-1960. Assim, as informações da tabela revelam o impacto do crescimento na arrecadação nos jogos entre Ceará e Fortaleza em um intervalo de dez anos. Se, em 1956, a renda foi de 34.325 mil cruzeiros, em 1965 a renda saltou para 6.811.330 milhões de cruzeiros. Para se ter dimensão do significado do aumento, a renda de 1965 corresponde a duzentas vezes o total de 1956. Vale ressaltar, entretanto, que as variáveis nessa diferença não significam estritamente ao valor do ingresso, uma vez que outros produtos comercializados estão imerso nesses valores.

Obviamente que os números por si só não garantem uma conclusão em definitivo. Contudo, mesmo considerando que, supostamente no clássico de 1956 tenha ocorrido algum impedimento que ocasionasse pequena quantidade de torcedores, se levarmos em consideração o ano seguinte, 1957, cuja renda do clássico foi 154.870 mil cruzeiros, ainda assim a renda de 1965 representaria quarenta e quatro vezes aproximadamente o valor do ano de 1957. Diante das variáveis envolvidas, pode-se concluir parcialmente que a virada dos anos 1950 para 1960 redimensionou os recursos financeiros do futebol cearense.

Questionando mais ainda o que os números podem nos informar ao esquecer a renda de 1965, cuja dimensão nos salta aos olhos (que poderia ser uma exceção à regra), a renda de 1964, 3.830.350 milhões de cruzeiros representa vinte e cinco vezes a renda de 1957. Outro dado que chama a atenção em um curto período de tempo, por exemplo, se trata da duplicação da renda de 1961 para 1962 aproximadamente. Pode-se perceber também que, acerca do ano de 1963, o

jornal informou a renda de três jogos disputados entre os clubes rivais na temporada, cujo último jogo do ano representou quase que o triplo arrecadado da primeira partida.

Dessa forma, mais uma vez reiteramos que a renda nos jogos é calculada a partir da soma da venda de diversas atividades envolvendo o jogo de futebol, variando do ingresso à alimentação. Contudo, a maior parte dela advém dos ingressos vendidos para as torcidas. Dessa forma, comparando as rendas nesse intervalo de tempo, o preço do ingresso nos anos 1950, provavelmente, era irrisório, tendo em vista que, em dez anos, o valor, proporcionalmente, foi duzentas vezes maior. Os desdobramentos desses apontamentos parciais nos levam a refletir sobre o consumo que se acentuou, não só no futebol, mas nas relações cotidianas em geral, bem como na massificação das torcidas nos estádios, que também precisa ser associada à presença cada vez maior de torneios e campeonatos nacionais, acirrando a rivalidade e a competitividade entre os clubes, como a Taça Brasil, competição que o Fortaleza foi finalista em 1960 e 1968, respectivamente contra Palmeiras e Botafogo.

Na cidade de Fortaleza, cujo último prefeito eleito antes do Golpe Civil-Militar de 1964 foi o Coronel Murilo Borges, ocorreram, segundo Maia (2010), várias reformas de saneamento, de limpeza e de conclusão de obras inacabadas nos espaços públicos, principalmente através das ações do vice-prefeito Luiz Campos e do apoio do então deputado federal Paulo Sarasate, que dá nome ao Ginásio Paulo Sarasate, inaugurado em 1971.

Essas reformas urbanas se estenderam para o esporte e a tentativa de embelezamento deve ser problematizada no sentido de investigar se não havia o objetivo de controle das massas, especialmente nas obras de reformas do Estádio Presidente Vargas.

Nesse sentido, a busca pela disciplinarização do torcer era uma demanda instituída por meio de caminhos múltiplos, às vezes de forma sutil ou velada e envolvida pela narrativa da lógica da moral, como ocorreu no lançamento da “Campanha Vamos Moralizar o Estádio”, criada em 1965, que

Visa, única e exclusivamente, a educar o nosso público esportivo para que este público, alicerces e luna mestra do desenvolvimento do nosso futebol, saiba respeitar os atletas, juízes e demais autoridades que vão a uma partida de futebol no exercício sagrado de sua obrigação profissional.

Não se trata, como estão a propalar, de uma campanha de imposição ou de correção de vícios. Em absoluto, a promoção é em benefício do torcedor cearense, este torcedor que paga ingresso para assistir a um espetáculo esportivo e não a um conflito de garrafas, de pedras ou a concurso de palavrões.

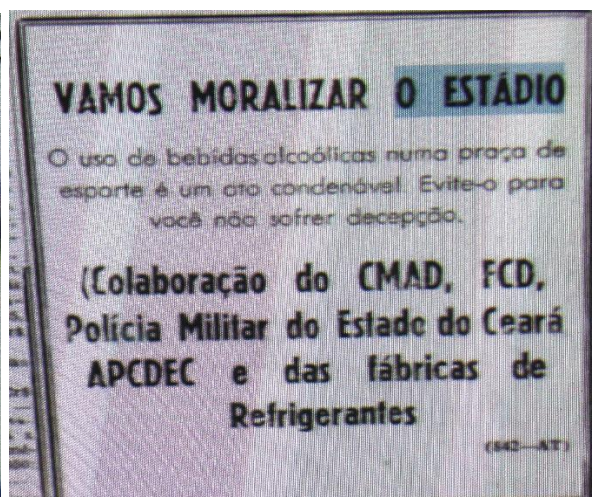
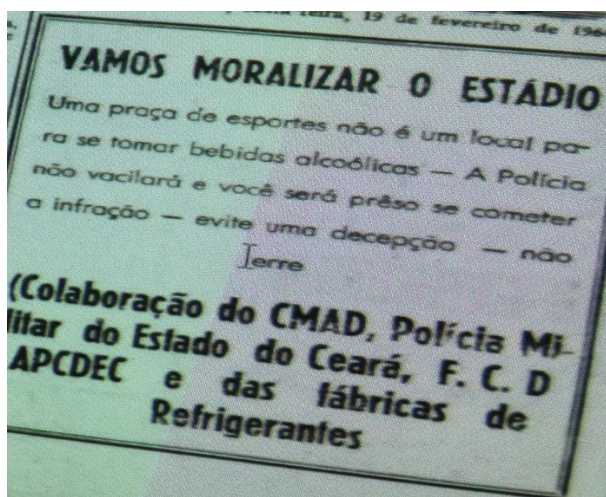
O intuito da mesma é um só: proporcionar ao torcedor alencarino um ambiente de respeito, de dignidade e de decência para que ele, amanhã ou depois, possa

levar ao estádio a sua família na certeza de que o ambiente permite a frequência de sua namorada, de sua esposa e de seus filhos. (Jornal **O Povo** 13.fev.1965, p.12)

O objetivo de educar o público foi uma iniciativa coletiva, pública e privada, pela Polícia Militar do Estado do Ceará, Federação Cearense de Desportos, Associação Profissional das Industrias de Refrigerantes do Ceará, Associação Profissional da Crônica Desportiva e Conselho Municipal de Assistência aos Desportos¹⁰⁰. A campanha, divulgada como umas das mais significativas e oportunas para o benefício do futebol cearense, contrapunha-se aos *palavrões, conflito de garrafas e de pedras* nos jogos.

Diante do contexto caracterizado pela ascensão de expressiva população frequentando os estádios, os agentes de segurança pública necessitaram estrategicamente conter a crescente massa no futebol. Para tanto, *os chefes de torcida* revelavam uma função fulcral no monitoramento e no controle dessas organizações torcedoras, especialmente a partir da ideia de comando, chefe e do princípio unitário das ações levadas a cabo por esses atores.

Nessa perspectiva, empresas privadas, crônica desportiva e o estado se associaram e construíram um discurso procurando dar ao espaço do estádio um caráter da perfeição moral, talvez no intento de legitimação e de conformação das classes medias e das elites, sob a justificativa da educação do torcedor. Diariamente, os periódicos publicavam propagandas com mensagens sobre o que deveria ser proibido, como o uso de bebidas, equacionando o que o antropólogo Luiz Henrique de Toledo definiu como *enquadramento moral*¹⁰¹.



¹⁰⁰ A Federação Cearense de Desportos nesse período era presidida pelo General Aldenor Maia, que parabenizou a campanha e, em entrevista, lembrou que o único campo de futebol oficial precisava de uma campanha para que o elemento feminino volte a frequentá-lo. A Associação dos Profissionais da Crônica Desportiva, presidida por Gilvan Dias, aplaudiu a iniciativa e afirmou a colaboração com a campanha. Já a Associação das Indústrias de Refrigerantes, representada por Wilson Monteiro, Helio Guedes e Fernando Diderot.

¹⁰¹ Conferir TOLEDO, L. H. de. "A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer". In: COSTA, M. R. da (et al.). **Futebol, o espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

Imagem 12 – Campanha Vamos moralizar o estádio

Fonte Jornal O Povo, 19.fev.1965, p.12

A campanha, em meados dos anos 1960, ocorria no momento do aumento exponencial da renda nos jogos e, dentre as variáveis, do aumento do público nos estádios. Assim, as ações funcionavam como dispositivos no sentido de controlar os distúrbios nos jogos e de moldar um modelo “correto” para as práticas torcedoras. Desse modo, o uso de bebida alcoólica não se enquadrava nesse modelo, era um *ato condenável*, pois a praça de esportes não é um local se tomar, tornando-se uma infração sob pena de prisão pela Polícia Militar. Este modelo de torcer deveria, pois, seguir as recomendações:

Torcedor cearense: grite pelo goal de sua equipe. Torça pelas cores de sua agremiação mas não jogue garrafas nos atletas, nos juízes ou nos bandeirinhas. Torcedor cearense: vibre com a vitória de seu clube, se rejubile com as jogadas de seu ídolo, mas não leve armas para o Estádio Presidente Vargas. A arma que você leva pode causar prejuízos a você.

“Vamos moralizar o Estádio”, colaborando com a FCD, Apedec, Cmad, Polícia Militar do Estado e Associação de Fábricas de Refrigerantes do Ceará. (Jornal **O Povo** 13.fev.1965, p.12)

Ao fim e ao cabo, a campanha baseava-se em uma carta de recomendações para o comportamento dos torcedores. Essa modelação procurava instituir, por meio de uma iniciativa de empresários do setor privado e do Estado, um modelo a ser seguido, recurso praticado pelas elites em diferentes contextos, como veremos também no debate sobre a modernização do futebol no quinto capítulo desta tese.

As reações às medidas moralizadoras dos costumes ocorreram não só por parte dos torcedores, mas até pela própria imprensa esportiva, revelando a heterogeneidade e a disputa de posicionamentos nesse espaço. Nesse sentido, acusaram algumas medidas da Campanha Vamos Moralizar o Estádio de antipáticas e inadequadas, especialmente aquela que proibia o uso de bebida alcoólica, pois não estavam “*numa Ditadura da Lêi Seca*”:

Não defendemos o alcoolismo nem a necessidade de se beber num espetáculo de futebol. Porem achamos um absurdo a proibição de se vender cerveja nos bares do Estádio. Finalmente, a plateia cearense não é composta de viciados ou de gente que vá para o Estádio apenas se embriagar para depois abrir alteração. Se existe alguém com esta intenção é um dentro de dez mil. A ordem mais natural do mundo, comum em todos os estádios do Brasil, é o cidadão, no intervalo de um jogo, procurar “molhar a garganta” para suportar, muitas vezes as emoções do jogo. Se aparece o bêbado, o alterado para isso é que existe policiamento no Estádio. (Jornal O Povo, 02.fev.1965, aa12)

A imprensa esportiva procura demarcar um espaço que busca, dentre outras intenções, a adesão do leitor. Assim, o periódico justificou o posicionamento contrário à proibição da venda a partir do prejuízo para milhares de torcedores em virtude do comportamento de poucos. A

imprensa ainda alerta que a bebida alcoólica, além de ajudar a “suportar as emoções do jogo”, era um conforto que as acomodações do estádio não ofereciam.

Alguns desdobramentos da campanha ocorreram de imediato em decorrência da estratégia dos torcedores para burlar as medidas, o que sugere determinado agenciamento desses atores como resposta ao enquadramento moral proposto. No intervalo do jogo, parte dos sujeitos saiu do estádio para consumir bebida alcoólica, dificultando o controle do acesso no retorno:

Aí encontra a “bronca”, principalmente por parte de um porteiro mal educado no portão dos permanentes. Esse porteiro – ele próprio muitas vezes embriagado – trata mal os assistentes, gerando uma série de discussões no portão, a todo instante. Aí ocorre o que ocorreu domingo último: imediatamente, ainda nem se reiniciara o jogo, o único portão que estava aberto foi fechado e aqueles que saíram e outros ainda com ingresso comprados naquela hora, não puderam mais entrar. Outros, por necessidade, desejavam sair. Domingo a revolta foi grande e vimos o público forçar o portão e penetrar no Estádio à força, sem que a própria Polícia pudesse fazer nada. (Jornal O Povo, 02.fev.1965, aa12)

A quem interessava moralizar as práticas torcedoras? Servia especificamente ao general presidente da FCD e à associação das fabricas de refrigerantes? Argumentamos que a Campanha Vamos Moralizar o Estádio não era uma iniciativa isolada de um sujeito ou de uma instituição, mas conformava um *estado social* mais amplo no esteio das estratégias da Ditadura Civil-Militar, cuja pauta da moralização dos costumes buscava legitimar um conjunto de práticas de censura e de repressão às liberdades individuais. O debate moral dos hábitos e dos costumes diluía-se nos diversos âmbitos da sociedade, sendo apropriado pela Polícia Militar, pela Federação Cearense de Desportos, pela Associação dos Cronistas e pela Associação Fábrica de Refrigerantes de acordo com seus interesses.

O que estava – e ainda está - em jogo, portanto, não se tratava apenas da disputa pela vitória nos campos de futebol, mas mecanismos do direito à expressão e à liberdade do torcer - no passado e no presente - a partir de relações de dominação e de resistência com “entidades de prestígio” privadas e com o Estado.

2.4) A juventude e a disputa pela liderança das torcidas

Nessa perspectiva, as torcidas constituíam-se em um fenômeno urbano dotado de ludicidade, festividade e competitividade entre as charangas, que perpetravam-se no cotidiano das cidades não apenas através do futebol, mas em outros espaços de lazer, como o carnaval. Nas palavras do antropólogo Luiz Henrique de Toledo:

Inscreve-se na cidade, através do futebol e de suas torcidas, um rol de emoções, preferências clubísticas, adesão a grupos, que traduzem, no nível social, determinadas regras e padrões de comportamentos que transcendem os limites das partidas e jogos em si. (TOLEDO, 2000, p.130)

A cidade, portanto, influenciava e era influenciada pela presença das torcidas. Imersa naquele cotidiano urbano desde os anos 1950, as torcidas não estavam deslocadas das questões debatidas na sociedade, elas agiam e reagim, compondo e sendo composta, ora de forma tênue, ora abruptamente, pelas dinâmicas que existiam no país, principalmente aquelas que envolvessem moral, ordem, costumes e liberdade devido à conjuntura histórica de cerceamento às organizações coletivas.

Os fluxos das torcidas em dias de jogos (re)criam territórios cíclicos e móveis, que funcionam como um espaço de liberdade para as escolhas e a atuação do torcedor, a partir do qual estabelece vínculos, constrói identidades e, além de ir ao estádio torcer pelo seu clube de futebol, compartilha e se sente pertencente a determinado grupo. Essa adesão cada vez mais intensa dos torcedores, instituindo associações coletivas do torcer, consiste no que designamos como movimento de primeira onda da história do torcer. Os significados atribuídos pelos torcedores à relação com o clube são compreendidos à luz do neologismo *pertencimento clubístico* cunhado pelo antropólogo Arlei Damo, que exerce a função de mola propulsora do futebol espetáculo:

Pertencimento clubístico foi, portanto, um neologismo forjado para dar conta de uma modalidade de vínculo identitário próprio à esfera do futebol, mas que poderia ser ampliado, pois, em países nos quais o futebol não é o esporte hegemônico, o clubismo pode estar vinculado a outras modalidades coletivas – ao beisebol, rúgbi, basquete etc. A noção prestou-se não apenas para produzir um distanciamento em relação às noções nativas correspondentes – torcer, gostar, amar, ser apaixonado etc. – mas para especificar, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas emocionalmente engajado a ponto de estender as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele (DAMO, 2012, p.52).

Assim, o vínculo identitário dos torcedores, na proporção em os clubes entram em circuitos cada vez mais amplos e competitivos, engaja-se cada mais vez intensivamente no jogo e para além dele. O pertencimento clubístico, de acordo com Damo, é único imutável, fixando os torcedores ao clube.

Dito isto, e a despeito da campanha pela moralização do estádio, na década de 1970 o modelo coletivo de torcer a partir das charangas permaneceram presentes nos estádios e nos carnavais da cidade de Fortaleza. Contudo, alguns acontecimentos marcam a segunda metade dos anos 1970 e alteram a dinâmica das torcidas que havia se estruturado desde os anos 1950.

Os chefes de torcida do Ferroviário e do Ceará, respectivamente, Zé Limeira e Pedrão da Bananada, reconhecido como autênticos torcedores do clube, começaram a acompanhar seus clubes ainda nos anos 1930. Com o tempo, em meados dos anos 1970, o monopólio da liderança em suas torcidas aparentava não ocorrer da mesma forma, surgiam outros torcedores que disputavam espaços na organização coletiva do torcer e, conseqüentemente, a imprensa esportiva acompanhava a emergência desses novos atores, relegando para segundo plano os tradicionais *chefes de torcida*.

A produção das novas lideranças, tendo em vista a idade avançadas dos chefes de torcida, caracteriza-se, de um lado, pela dissidência do primeiro modelo, e, de outro lado, pela renovação por parte de uma juventude com propostas diferentes daquele princípio de centralização unitária no chefe de torcida e do controle sob os integrantes do grupo. Contudo, os efeitos dessa política interna de disputas no/do clube, no Estado do Ceará, têm os desdobramentos, em definitivo, com a emergência da torcida organizada Garra Tricolor, em 1980.

De meados dos anos 1970 até 1980 consideramos um período de transição evidenciado pela disputa travada pelas novas lideranças. Nesse intervalo, algumas iniciativas foram articuladas dando origem a organizações torcedoras que não estabilizaram sua atuação por muito tempo, dentre elas o Movimento de Renovação Alvinegra (MORENA), a Frente de Apoio ao Fortaleza e a Força Alvinegra. Tais agrupamentos se situam em um espaço-tempo de transição entre os chefes de torcida e a profusão das torcidas organizadas nos anos 1980, evidenciando as dificuldades de se constituir um outro modelo coletivo do torcer a partir da sua curta duração.

Assim, a dinâmica dos jogos de futebol nesse período demandava tempo e disposição, pois desde o início da década de 1970 havia sido criado o Campeonato Brasileiro de Futebol¹⁰², aumentando o número dos jogos em outros estados e, desse modo, viagens para acompanhar o clube. Nessa perspectiva, a chefia das torcidas organizadas era uma tarefa condicionada pela dedicação, abrindo espaço para a necessidade de novas lideranças.

Não raramente os chefes de torcida relatavam nas entrevistas para os jornais que sua atuação era questionada, insultada e acusada de apropriação do dinheiro, de desvio. O caso do chefe tricolor Gumercindo é representativo dessa mudança, porque, desde os anos 1960, ele

¹⁰² Originalmente denominado como Campeonato Nacional de Clubes, nos anos 1970 a competição foi reordenada estruturalmente para ampliar o circuito de jogos entre as regiões do Brasil.

havia se tornado sócio proprietário do clube e, na década de 1980, as torcidas organizadas insurgiram com a proposta de independência da diretoria e descentralizando, entre seus integrantes, a responsabilidade pela estruturação do grupo.

Nesse sentido, também reconhecido pelo apelido de “diretor patrimonial” segundo o jornal O Povo, Gumercindo, ao mesmo tempo em que era chefe de torcida, transitava também pela diretoria do clube, além de estabelecer relações econômicas com jogadores:

Hoje em dia, Gumercindo é sócio proprietário do Fortaleza, possuindo títulos patrimoniais do clube nas três series de ações colocadas à venda (6 mil, 30 mil e 120 mil cruzeiros). [...] Proprietário de várias casas no Pici (sede do clube), agrupadas com a denominação “Vila Fortaleza”, Gumercindo tem como inquilinos alguns jogadores do tricolor de aço, cobrando alugueres ínfimos, o que vez “afrouxar” o orçamento de cada um. (Jornal O Povo, 19.fev.1964, s/p.)

Nota-se que o movimento de primeira onda dos modelos coletivos do torcer vinculam-se diretamente às diretorias, cujas charangas nascem de dentro dos clubes. Dessa forma, os tradicionais torcedores autênticos passaram a ser criticados ao passo que outras lideranças buscavam ocupar esses espaços outrora ocupados pelos chefes de torcida. Em paralelo e como desdobramento desse movimento, no final da década de 1970, emergem organizações coletivas do torcer de apoio aos clubes cearenses, articulados por uma nova geração de torcedores que funcionarão como um embrião das torcidas organizadas que se multiplicariam na década seguinte.

Algumas dessas torcidas não conseguiram se firmar e, com poucos meses de atuação, encerravam suas atividades, na maioria das vezes por questões econômicas, entre elas estão a Força Alvinegra, Movimento de Renovação Alvinegra (MORENA) e Frente de Apoio ao Fortaleza (FAF). O colunista do periódico Diário do Nordeste, Tom Barros, escreve um quadro denominado “Recordando”, espaço em que constrói uma memória de sujeitos que fizeram parte da história do torcer.

Recordar pessoas boas que se foram nos dá muita paz. Na foto, Walter Filgueiras, um dos fundadores da Morena (primeira torcida organizada do Ceará). Hoje, faz três anos da morte dele, mas ficou a imagem de um torcedor fiel. Seus familiares e a torcida alvinegra ainda sentem com pesar a sua partida (colaboração de Raquel Filgueiras, neta do saudoso Walter (Diário do Nordeste, s/d).

A fotografia abaixo, datada de 1975, retrata componentes da MORENA, fundada por Walter Filgueiras, ao qual é atribuído o fundador da primeira torcida organizada do estado. A legenda da imagem, assinada por Tom Barros, recorda:

1975. A partir da esquerda: o torcedor Walter Filgueiras, Amilton Melo, Jurandir Mito (com rádio no ouvido), dona Maria, Eutímio Moreira (de boné) e João Vilney. Bons tempos da “Morena”, primeira torcida organizada do Estado. Walter e Amilton já faleceram. Convivi com Walter, divulgando o seu trabalho. Na época, eu trabalhava na Ceará Rádio Clube.



Imagem 13 – Movimento de Renovação Alvinegra (Morena)
Fonte Diário do Nordeste

A narrativa saudosa do colunista Tom Barros, evidenciada pelo tom saudosista dos “bons tempos” sobre o passado, embora importante e necessária para a memória da história do torcer no Estado do Ceará, não situa a médio e a longo prazo a transição dos modelos coletivos do torcer. Dessa forma, ao afirmar que a Morena foi a primeira torcida organizada do Estado, desconsidera os agrupamentos anteriores e a própria duração da atividade do grupo. Um outro agrupamento, também temporário, que atuou nesse período de transição em meados nos anos 1970 foi a Frente de Apoio ao Fortaleza, iniciativa que também evidencia o reordenamento das lideranças.



Imagem 14 – Frente de Apoio ao Fortaleza (FAF)

Esse período de transição ocorreu de modo distinto em cada torcida, seja do Ceará, do Fortaleza e do Ferroviário. Na torcida do Fortaleza, o tradicional chefe Gumercindo, inclusive, compôs a FAF em conjunto com Luiz Rolim Filho¹⁰³, diretor do clube popularmente conhecido como o homem do charuto, e Jackson de Carvalho¹⁰⁴, autor do hino do clube. Dessa forma, a FAF consiste em uma atualização levada a cabo por personagens históricos do Fortaleza. Nesse sentido, tanto a Morena como a FAF, insere-se no processo mais amplo de transformação dos modelos do torcer.

Nessa perspectiva, outro agrupamento criado no final dos anos 1970 foi a Força Jovem Alvinegra, que, pelo nome atribuído, simboliza a emergência de uma juventude ressignificando os espaços futebolísticos.

A Força Jovem Alvinegra, movimento de apoio ao Ceará, vai promover, a partir da próxima semana, uma campanha objetivando a compra de novos instrumentos para a charanga da torcida alvinegra, cuja aquisição implicará numa despesa de 38 mil cruzeiros. Segundo Sergio França, um dos *coordenadores* da campanha, “o nosso plano é de promover a estreia da nova charanga, ou melhor, da charanga completa, no dia 13 de agosto quando o Ceará fará a sua primeira partida pelo campeonato cearense de 78, enfrentando o Tiradentes. (Jornal O Povo, ago.1978, s/p.)

Nota-se que a iniciativa da Força Jovem Alvinegra se trata de uma dissidência diante do contexto da torcida do Ceará, mas que mantém continuidades com as charangas organizadas

¹⁰³ Luiz Rolim Filho foi diretor patrimonial do Fortaleza e atuou no sentido de promover várias ações que popularizaram o clube. Dessa forma, também conhecido em alusão às tertúlias que realizava no clube, Luiz Rolim é personagem peculiar na história do Fortaleza.

¹⁰⁴ Autor de várias marchinhas e músicas de carnaval, Jackson de Carvalho é autor do Hino do Fortaleza e reconhecido pela parceria que tinha com Gumercindo e sua charanga.

pelos antigos chefes de torcida. O torcedor do Ceará Sergio França, conhecido também como Serginho Caravaneiro, foi um dos responsáveis pela criação da Força Jovem Alvinegra. De acordo a imprensa esportiva, ele era um dos *coordenadores* da torcida, que na prática funcionava como um movimento para renovar a charanga do clube, organizar caravanas e apoiar o time nos estádios. Nesse sentido, a existência de vários coordenadores no movimento caracteriza-se enquanto um rompimento com a experiência anterior dos chefes de torcida, uma vez que estes centralizavam a atuação do grupo:

Sérgio França, um fanático torcedor do Ceará Sporting, *organizador de caravanas* que, vez por outra, acompanham o alvinegro em suas exibições no certame nacional, quer este ano formar uma charanga, reunindo um bloco compacto de fiéis torcedores do clube, com a finalidade de acompanhá-lo para onde ele for. [...] Este ano, com a charanga organizada, nós iremos á toda parte, esteja como esteja o Ceará no certame nacional. É intenção de Sergio França comprar uma batucada completa, e para tanto, vai procurar a diretoria alvinegra e torcedores de maiores condições financeiras, solicitando suas colaborações. Afora os instrumentos musicais, Sergio França está bolando um uniforme padronizado para os seus componentes revelando ainda que já recebeu a adesão de muitos torcedores do Ceará e que pretende reunir pelo menos 50 componentes na charanga. (Jornal O Povo, 05.fev.1978, aa17)

Inferese desta reportagem alguns elementos importantes a respeito da retomada de uma charanga para o Ceará e que consistem em descontinuidades com a forma coletiva de torcer encabeçada pelo chefe de torcida dos anos 1950 a meados de 1970. O jornal em nenhum momento credenciou Sergio França como um chefe de torcida, e sim como *organizador de caravanas* e fanático torcedor. Em outras notícias, a imprensa o designou ainda como *líder*, porém descentrou a estruturação da torcida organizada buscando apoio financeiro de outros sujeitos para compra da charanga, não tomando para si todas as ações da torcida uniformizada e custeando todo o valor sozinho.

Nós vamos acompanhar o Ceará a toda cidade que ele visitar neste Campeonato Nacional, assegura o *líder* da Força Alvinegra, Sergio França, que adianta as *condições* para que o torcedor dela participe: o interessado *pagará* inicialmente uma taxa de 120 cruzeiros e mais duas prestações de 70 cruzeiros. Em troca, receberá uma *carteira* do grupo e uma *camisa padronizada*, além de fazer jus a *abatimento* no preço da passagem, quando da organização das caravanas que vão prestigiar o Ceará em suas exibições Brasil afora. (Jornal O Povo, 21.mar.1978, aa26)

Esse período assinalou, pois, um momento de inflexão nas formas coletivas de torcer, cuja organização foi reconfigurada: a participação foi condicionada ao pagamento de uma taxa, ou seja, para ser um componente da Força Jovem Alvinegra era necessário custear um valor e, a partir de então, o sujeito estaria integrado ao grupo portando uma carteira da torcida. Havia, assim, um espécie de *associação* do sujeito à torcida organizada que o credenciava a alguns

benefícios, como o direito à camisa padronizada e ao abatimento no preço da passagem das viagens.

As objeções para elaborar um novo modelo coletivo de torcer logo foram percebidas por Sergio França. O jornal O Povo publicou em 1979 uma notícia intitulada “Ameaçada de desaparecer a charanga alvinegra”, cuja reportagem continha uma entrevista com Sergio França, que lamentou:

Ninguém quer ajudar na organização e manutenção da charanga. Tenho feito tudo para que a Charanga compareça aos jogos do Ceará. Organizo caravanas, correndo o risco de prejuízos com o frete de ônibus e depois ainda aparece gente dizendo que estou ficando rico. (O Povo, 23.fev.1979, p.32)

A iniciativa de uma certa autonomia para a torcida Força Jovem Alvinegra, portanto, revelou as dificuldades para a manutenção do grupo. Assim, percebe-se o impacto da tradição dos chefes de torcida que ainda permanecia no imaginário e na memória coletiva das torcidas. Diante da inserção de novas formas de torcer, a memória acionava as práticas de outrora sob a forma de resistência. Nesse sentido, Sérgio França já anunciava a necessidade de mudança de postura das torcidas de futebol,

Se não houver uma mudança radical no pensamento da torcida, particularmente entre os que gostam de viajar, não organizarei mais caravanas. Muita gente quer tudo de graça, achando que é fácil se fretar um ônibus. Tenho tido muitos prejuízos em excursões do Ceará para locais distantes de Fortaleza. Prefiro, mesmo assim, perder indo do que perder sem ir. (O Povo, 23.fev.1979, p.32)

Dessa forma, a inovação necessitava desconstruir uma tradição em que os chefes de torcida financiavam a organização do grupo. Para tanto, as novas lideranças precisavam buscar alternativas para solucionar tais problemáticas. Diante desse contexto, essa inflexão na história do torcer demarcou um período de transição em que as torcidas resignificaram e buscaram abrir caminhos para construir outro modelo. Dentre elas, a associação de torcedores em uma instituição com diretoria na qual há repartição de funções. Que condições sociais possibilitaram a emergência dessas transformações?

As respostas para tanto não são encontradas apenas na análise a curto prazo das transformações nas formas coletivas do torcer, de modo que a transição não foi imediata e nem rompeu totalmente com aspectos que haviam sido incorporados desde os anos 1950. Também precisa ser levado em consideração as estruturas de média e longa duração constituídas na história das torcidas.

Assim, argumentamos que a crítica ao papel exercido – e comprometido – pelos chefes de torcidas paulatinamente desgastou aqueles sujeitos, o que ocasionou na descentralização das ações das torcidas organizadas que estavam emergindo. Outro elemento também importante, e que deriva do anterior, advém das associações coletivas independentes, que procuraram se tornar autônomas e se desgarrar de qualquer compromisso que limitasse suas atuações. A conformação de novas relações sociais nas torcidas organizadas era mediada também pela conjuntura política do período apropriada pelos torcedores, que ecoava as organizações dos movimentos sociais e instauravam novas formas de ser, de estar e de conviver no mundo.

Em meados dos anos 1970, as formas coletivas do torcer atravessaram um momento de inflexão, incorporando novas práticas, abandonando outras e ressignificando a tradição das charangas e dos chefes de torcidas. Entretanto, em outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, essas transformações ocorreram anteriormente, ainda nos anos 1960, considerando as especificidades de cada região.

Bernardo Buarque de Hollanda (2008), ao refletir sobre as torcidas organizadas no Rio de Janeiro, afirma que a emergência das torcidas jovens está relacionada ao contexto dos anos 1960 no Brasil e no mundo, período de contestação e de sublevação de movimentos, de subculturas da juventude. Logo, “é possível salientar como, no decorrer da segunda metade do século XX, a frequência, o comportamento e o perfil dos estádios foram sendo alterados de maneira contínua e acompanharam também as transformações oriundas da sociedade” (HOLLANDA, 2008, p.185). A marca de autonomia dos jovens extrapola dos movimentos sociais para a lógica das torcidas organizadas protagonizadas pela juventude, principalmente com a multiplicação desses agrupamentos nos estádios.

Assim, esse protagonismo jovem se insere em uma leitura histórica mais ampla acerca dos movimentos comportamentais partilhados pela juventude. De acordo com Eric Hobsbawm (1995), desde os anos 1950 surge uma noção de uma cultura juvenil genérica, partilhada por grupos que compõe a juventude e que englobaria o universo comportamental desses sujeitos.

[...] Seus estilos juvenis se difundiam diretamente, ou através da amplificação de seus sinais via a intermediária cultural... (...) Difundiam-se através dos discos e depois fitas, cujo o grande veículo de promoção, então como antes e depois, era o velho rádio. Difundiam-se através da distribuição mundial de imagens; através dos contatos internacionais do turismo juvenil, que distribuíam pequenos mas crescentes fluxos de rapazes e moças de jeans por todo o globo; através da rede mundial de universidades, cuja a capacidade de rápida comunicação internacional se tornou óbvia na década de 1960.

Difundiam-se ainda pela força da moda na sociedade de consumo que agora chegava às massas, ampliada pela pressão dos grupos de seus pares. (HOBBSAWM, 1995, p. 321)

Dessa forma, os modelos coletivos do torcer diversificaram-se incorporando – em diferentes ritmos e espaços - elementos que, como vimos, atribuíram novos sentidos às torcidas organizadas, como a descentralização das atividades – de um chefe para uma diretoria – e a associação por meio de taxas dos integrantes.

Esta transição demarca uma função nevrálgica para o mapa das ideias desenvolvidas nesta tese, uma vez que simboliza a emergência do movimento de segunda onda dos modelos coletivos do torcer. Trata-se, portanto, do período compreendido entre o início dos anos 1980 em diante, composto por dois momentos de inflexão analisados no decorrer desta tese. O primeira se refere ao reordenamento das torcidas organizadas nos anos 1990, analisado no próximo capítulo, associado à intensificação das rivalidades territoriais por meio dos bairros da cidade de Fortaleza; a segunda inflexão consiste na conformação dos movimentos de terceira e de quarta ondas no século XXI, a partir da resignificação, por uma lado, de grupos dissidentes das torcidas organizadas de segunda onda e, por outro lado, como resultado da politização sob o ponto de vista da esquerda.

Posto isto, na passagem dos anos 1970 para 1980, os autênticos chefes de torcida, Pedrão da Bananada, Gumercindo e Zé Limeira, viram seus espaços serem paulatinamente preenchidos e disputados por novas organizações de torcedores, em especial na torcida do Fortaleza e do Ceará, nas quais houve uma multiplicação de torcidas organizadas já a partir de 1980. Em contrapartida, na torcida do Ferroviário, a primeira torcida organizada foi criada em 1983, possibilitando ao Zé Limeira estender a cooptação das principais atividades nos estádios até esse momento.

Tubarões da Barra: está surgindo a primeira torcida organizada do Ferroviário, que pretende, no próximo domingo, no clássico com o Fortaleza fazer a primeira demonstração com um verdadeiro show no Castelão. “Esta é a maneira que encontramos para reativar, unir, empolgar a torcida coral que ultimamente não vem se manifestando com sua presença nos estádios”, explica Cavalcante, um dos idealizadores e organizadores da “Tubarão da Barra” (Jornal Diário do Nordeste, 21.set.1983, s/p)

A partir deste momento, portanto, analisaremos os desdobramentos da conformação de novas torcidas organizadas, da inserção de outros sujeitos e a construção de relações sociais entre esses agrupamentos nos anos 1980, procurando entender as nuances do movimento de segunda onda.

Contudo, como as torcidas organizadas criadas nessa década foram extintas em sua maioria ainda nos anos 1980, com exceção da Torcida Organizada Cearamor (fundada em 1982 e presente nos estádios até hoje), optamos por analisar ainda neste capítulo a trajetória da torcida organizada Garra Tricolor, o primeiro agrupamento que alcançou uma notoriedade a partir de uma estruturação consistente durante toda a década de 1980. Assim, estrategicamente deixamos para o próximo capítulo a análise das torcidas organizadas que estão em atividade na atualidade, dentre elas a Cearamor, a Torcida Falange Coral, do Ferroviário, e a Torcida Uniformizada do Fortaleza, que se redefiniram em meados dos anos 1990 e, direta e indiretamente, distanciaram-se das torcidas organizadas multiplicadas na década de 1980.

No movimento de segunda onda, há a proposição de uma organização de torcedores estruturada por uma diretoria, presidente, eleições para os cargos, reunião semanal e, principalmente, a partir de um cadastro sobre seus sócios. No entanto, outros aspectos foram retomados e atualizados por essas instituições do modelo coletivo de torcer da primeira onda, como o uso da imprensa esportiva na promoção do seu grupo, a presença da charanga e a uniformização dos integrantes.

Esse fenômeno das torcidas organizadas incorporou outras práticas que modificaram, para além do sentimento e das festividades em prol do clube, seu repertório de atuação: a realização de protestos, a autonomia, a possibilidade de criticar abertamente a diretoria do clube e, no caso específico da Garra Tricolor, a presença considerável da mulher.

Nessa perspectiva, uma das continuidades atualizadas do chefe de torcida foi a utilização de instrumentos e das músicas cantadas pelas charangas pelas torcidas organizadas. Embora tenha mantido as charangas, as novas organizações coletivas do torcer foram compostas por jovens inseridos em gerações distintas daqueles que dos chefes de torcida. Dessa forma, a cultura juvenil era outra, a geração a qual pertencia os jovens da década de 1980 já não buscava se manifestar apenas com as charangas, incorporando novos aspectos para os estádios, fora deles e nas relações com as diretorias dos clubes.

Assim, constituiu-se um vínculo coletivo com a torcida organizada, um pertencimento não só ao clube, mas a uma família que emerge desse vínculo associativo. Tratava-se de um compromisso firmado através da associação dos membros com a torcida organizada, sobretudo realizado sob pagamentos mensais, estabelecendo, portanto, uma fonte de renda para a instituição, que não dependia exclusivamente de um indivíduo isoladamente.

Uma vez que as relações sociais construídas pelos novos sujeitos torcedores extrapolavam o espaço-tempo do jogo, nesse momento não só um chefe de torcida ou líder se responsabilizava pelas demandas da torcida organizada, e sim uma deliberação coletiva geralmente encaminhada nas reuniões semanais das torcidas organizadas. Uma das consequências desse novo modelo coletivo do torcer se refere ao que apontamos em estudo anterior:

Nesse entremeio, entre os novos aspectos expressados pelas torcidas organizadas, encontra-se aquilo que entendemos por sociabilidade, atitudes construídas individual e coletivamente pelos torcedores organizados que os identificavam enquanto grupo, experiências para além da vivência das arquibancadas, mas também nos dias que não tinham jogos, nas reuniões, nos encontros, nas festas e demais atividades em nome da torcida organizada. Nessa perspectiva, o entendimento de si, para os torcedores organizados, estava ligado ao rol de experiências realizadas pela e para a torcida em comunhão com os companheiros. (PINHEIRO, 2016, p.72)

Desse modo, essas experiências germinavam uma espécie de institucionalização da torcida ao mesmo tempo em que seus membros também davam sentido às sociabilidades torcedoras mais informalizadas, aquilo que se aproximaria do que Cavalcanti, Souza e Capraro denominaram de “estilo de vida clubístico”, como podemos notar:

Esse denominado “estilo de vida clubístico”, por sua vez, abrange desde as denominadas ritualizações de caráter mais informal e acionadas de maneira esporádica e independentemente dos grandes ajuntamentos populacionais nos estádios (as reuniões de amigos em bares ou mesmo as reuniões entre famílias para assistirem partidas de futebol se constituem nos exemplos mais emblemáticos), quanto às institucionalizadas ritualizações coletivas que tem seu grande ápice nos dias de jogos e, dentre as quais, destaca-se o fenômeno das torcidas organizadas (TO's). (CAVALCANTI; CAPRARO; SOUZA, 2013, p. 40)

Nesse sentido, infere-se que as torcidas organizadas foram compostas por um misto de rituais formais e informais expressados pelas sociabilidades de diversas matizes, isto é, as redes de experiências articuladas pelos seus componentes nas suas práticas cotidianas, interligadas à formação da identidade desses agrupamentos.

2.5) O movimento de Segunda Onda: a torcida organizada Garra Tricolor nos anos 1980

Este tópico procura analisar, a partir da experiência da torcida organizada Garra Tricolor, o modelo de organização coletiva das torcidas que se estrutura a partir dos anos 1980. O movimento de segunda continuará sendo debatido no próximo capítulo, divisão utilizada para marcar as diferenças dessas primeiras torcidas organizadas para o reordenamento na década de 1990. Assim, como já repetidamente afirmamos, a multiplicação das torcidas organizadas nesse

período se insere em um processo amplo analisado nesta tese, que mapeia os modelos coletivos do torcer a curto, médio e longo prazo.

Embora não seja nossa prioridade pontuar que torcida organizada foi pioneira na criação desse modelo, e a despeito dos movimentos – importantes, mas temporários - ainda nos anos 1970, a primeira torcida organizada do Estado do Ceará foi criada em 1980, segundo os periódicos consultados e as fontes orais aqui tratadas, por um grupo de estudantes universitários e torcedores do Fortaleza Esporte Clube, cujo nome escolhido foi Garra Tricolor.

Cabe, em contrapartida, duvidarmos do pioneirismo da Garra Tricolor, levando em conta a intencionalidade com que as fontes – principalmente as orais – terem assumido o discurso de ser a primeira torcida organizada do Estado do Ceará. O historiador trabalha com pistas, com indícios e sintomas (GINZBURG, 1989) que podem levá-lo ao mais próximo do fato, reconstruindo, assim, o seu objeto de pesquisa. Nesse sentido, é necessário problematizar o mito de origem de cada agrupamento de modo a questionar a monumentalização de si.

O Jornal O Povo, caracterizando os fundadores e a torcida, lembrou:

O amor e o apoio financeiro ao “Leão do Pici” demonstrado por Nestor Falcão, José Carlos Mota e Francisco José Baquit, teve início numa época muito difícil que o Fortaleza esteve atravessando no Campeonato Cearense de 1980. Os três, juntamente com Ricardo Lemos, na presidência, Gbson Rolim, Tomás Pompeu, Luciano Matos, Robson, Sérgio Machado e outros tricolores, fundaram a 4 de outubro daquele ano, a Garra Tricolor, a primeira torcida organizada do Estado. [...] A maioria dos jovens estudantes da Unifor [Universidade de Fortaleza] que fundou a única torcida organizada com estatuto no Brasil já está formada e casada. (O Povo, Fortaleza, 17 jun.1985, p.14)

A maior parte dos componentes que fundaram a Garra Tricolor era estudantes universitários, de instituição particular, ou proprietário de (micro)empresa. Vale salientar que, inicialmente, o perfil social desses sujeitos não estava associado às classes mais populares da cidade de Fortaleza. Dessa forma, no dia quatro de outubro de 1980, estes jovens criaram a torcida organizada que, pela primeira vez, havia elaborado um estatuto para institucionalizar aquela associação coletiva de torcedores.

Ao recordar sobre a fundação do grupo, um dos componentes, Emanuel Magalhães¹⁰⁵, enfatizou o perfil social do grupo, que se fazia presente pela primeira vez no estádio:

¹⁰⁵ Emanuel Magalhães, popularmente reconhecido como Emanunel “Sheik” pelo traje árabe que vestia nos estádios, é torcedor do Fortaleza Esporte Clube e foi um dos componentes da Torcida Organizada Garra Tricolor, fundada em 1980. Após dois anos, fundou a Torcida Fiel Tricolor, em 1982. Dados retirados da Entrevista realizada em Fortaleza, 26 abr.2014

Antes de eu terminar minha faculdade, que eu fiz Ciências Contábeis, eu tinha uma empresa. E nessa empresa o pessoal veio pra gente fundar a primeira torcida organizada, que foi em 04 de outubro de 1980 e chamava-se Garra Tricolor. Então, essa torcida, ela surgiu com a elite da sociedade de Fortaleza. (...) Então nós estreamos no dia 4 de outubro de 80 num jogo Fortaleza e Ferroviário. Por mais incrível que pareça, nossa estreia foi uma derrota [risos]. (MAGALHÃES, Entrevista realizada em Fortaleza, 26.abr.2014).

A narrativa construída por Emanuel traz à tona algumas críticas ao grupo nas entrelinhas, muito provavelmente porque após poucos anos compondo a torcida, ele fundou um outro grupo, a torcida Fiel Tricolor, evidenciando as disputas pela memória da história das torcidas organizadas quando do acionamento da memória na sua recordação.

A torcida Garra Tricolor reatualizou as práticas de promover o grupo a partir da relação construída com a imprensa esportiva, oferecendo, por exemplo, êxito ao recém criado periódico *Diário do Nordeste*¹⁰⁶, fundado no início da década de 1980, como podemos notar: “Os principais integrantes da “Garra Tricolor”, a primeira torcida organizada instituída por adeptos do Fortaleza E. Clube, estiveram em nossa redação, muito mais para desejar êxito nesse novo empreendimento do Grupo Edson Queiroz” (*Diário do Nordeste*, 19.dez.1981, p.32).

Uma das particularidades da experiência da torcida Garra Tricolor se refere a uma das poucas organizações torcedoras do período que registrou judicialmente o grupo, como assim lembrou a reportagem “Garra festeja hoje terceiro aniversário”: “A torcida organizada Garra Tricolor, pioneira no Ceará, distribui hoje também seus Estatutos: “Somos a primeira facção do Norte e Nordeste a reconhecer judicialmente uma facção de torcida” (*Diário do Nordeste*, 03.10.1983, p.16).

Diante das dificuldades para dar estabilidade a uma torcida organizada, como foi possível para a Garra Tricolor se estruturar em definitivo? As respostas para essas questões direcionam para algumas particularidades, associadas, sobretudo, às experiências e ao lugar social dos seus fundadores. Também é importante levar em consideração outros detalhes dessa trajetória que a diferencia de outros modelos coletivos de torcer – a dos chefes de torcidas -, por exemplo, como é o caso de compreender os interesses e os objetivos dos seus fundadores. Francisco José Baquit Correia¹⁰⁷, nesse sentido, lembrou:

¹⁰⁶ O periódico *Diário do Nordeste* foi fundado em dezembro de 1981, sendo editado na cidade de Fortaleza e tem circulação diária até hoje. Integrando o Sistema Verdes Mares de televisão, afiliada à Globo, trata-se também de um dos empreendimentos do empresário Edson Queiroz.

¹⁰⁷ Francisco José Baquit Correia, mais conhecido como Zezinho Baquit, nasceu em Quixadá, interior do Ceará, atualmente é comerciante e tem 54 anos de idade. Foi um dos fundadores da Garra Tricolor em 1980 e depois passou a ser membro da diretoria do Fortaleza Esporte Clube.

Eu viajava muito com meu pai, viajava muito pro Rio, São Paulo, Porto Alegre, em todo canto que eu ia eu ia pra estádio. Onde tinha jogo, meu pai me levava pro estádio. E eu via as torcidas juntas, o pessoal torcendo com gritos de guerra, com aquela empolgação e eu fiquei pensando: por que a gente não faz lá? [...] Porque a gente não vai atrás? Aí na época eu fazia faculdade, fazia administração. Eu comecei a manter a contato, na época não tinha email, não tinha internet, era correspondência mesmo. Por ser tricolor, eu entrei em contato com a Torcida Jovem do Fluminense e entrei em contato com a Torcida Uniformizada do Palmeiras, TUP. (CORREIA, Entrevista realizada em Fortaleza, 10.ago.2013)

Aqui se percebe alguns elementos em comum com as torcidas que influenciaram as experiências anteriores ao buscar o exemplo de modelo de torcida a ser seguido no Rio de Janeiro e em São Paulo, embora nesse momento dos anos 1980 tenham sido torcidas de times diferentes daquele período dos anos 1940.

Contudo, diferencia-se na forma como a Garra Tricolor foi estruturando sua torcida, principalmente a partir do contato com outras associações torcedoras, evidenciando as redes estabelecidas entre as torcidas nesse contexto do país. Mesmo sem a presença da internet, existia uma certa facilidade em manter contato com componentes de outras torcidas revela a possibilidade da troca de informações nesse período, convergindo também para a relação entre o futebol e a globalização na sua forma embrionária (RIBEIRO, 2007).

Uma particularidade da torcida Garra Tricolor remonta à participação das mulheres na composição da torcida já no início dos anos 1980. Diante de um espaço em que historicamente as formas coletivas do torcer foram monopolizadas por homens, a mobilização das mulheres rompeu com a configuração estruturada nos estádios.



Imagem 15 – Mulheres integrantes da torcida Garra Tricolor
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

A foto retrata não só a inserção feminina na torcida, mas também os papéis exercidos pelas mulheres levando bandeiras, sugerindo que não estavam integrando o grupo apenas de forma secundária. Ao serem representadas com o a camisa uniformizada da Garra Tricolor, a fotografia lança luz sobre a participação de mulheres no grupo, que, inclusive, alcançaram cargos na diretoria da torcida.

Um outro elemento que singularizou o novo modelo das torcidas organizadas se refere ao relacionamento com a diretoria. Na reportagem abaixo depreende-se a reação desse grupo fazendo frente a uma decisão da diretoria:

Pela primeira vez, na história do futebol cearense, um treinador é demitido pela diretoria do Fortaleza, e sua torcida se solidariza com o técnico, a ponto de leva-lo Praça do Ferreira, nos braços. Foi o que aconteceu ontem pela manhã, com Célio de Sousa. O presidente da “Garra Tricolor”, Ricardo Lemos, revoltado com a atitude do presidente Silvio Carlos, entregou o cargo, alegando que jamais vai lutar em prol do Fortaleza, pois se conscientizou de que a própria diretoria quer o pior para o clube. Após a dispensa, o treinador Célio de Sousa foi levado por integrantes da “Garra”, para um restaurante da cidade... (Diário do Nordeste, 30.abr.1982, p.20)

Nota-se que o posicionamento contrário da torcida, a partir de uma decisão da diretoria, possibilitou à Garra Tricolor se solidarizar com a demissão do técnico, o que sugere certa independência da diretoria. Como consequência, o presidente da “Garra Tricolor” entregou o cargo após a atitude do presidente do clube e os integrantes da torcida também se opuseram à demissão do treinador, situação que revela um embate entre a torcida organizada versus a diretoria do clube. A postura do presidente e da própria torcida organizada é uma dentre outras ações que funcionam como evidências da transformação entre o comportamento dos chefes de torcida e as torcidas organizadas na década de 1980. Afinal, dificilmente o chefe de torcida se colocaria tão radicalmente em oposição à diretoria pela proximidade que cultivava com os dirigentes do clube, às vezes, era até integrante nesse espaço.

2.5.1) Da estrutura e organização...

A experiência das torcidas organizadas, que já mantinham suas atividades na região Sudeste do Brasil desde os anos 1960, foi essencial para o estabelecimento das torcidas organizadas em Fortaleza, sobretudo porque a estrutura, a organização e o estatuto destas se basearam no modelo daquelas existentes em São Paulo e no Rio de Janeiro.

As relações sociais construídas pelos integrantes por meio de rituais formais e informais extrapolavam os estádios de futebol. Nos dias em que não havia jogos, as atividades das torcidas

organizadas não eram interrompidas. Havia reuniões para definir estratégias da torcida, geralmente em restaurantes, clubes ou casa dos integrantes, bem como organização do cadastro dos associados. Ao ser interrogado sobre o controle que a direção da torcida realizava sobre os membros, Francisco Baquit recordou:

Tinha um cadastro. E todos os finais de semanas ou na semana ou aos sábados à noite, a gente se reunia, sempre na casa de alguém. Por exemplo, ia pra minha casa, ia o pessoal da diretoria e as pessoas mais próximas, aí o dono da casa dava o tira-gosto e quem ia levava a bebida. Então todo fim de semana era em uma casa diferente. E nos dias dos jogos a gente se reunia antes dos jogos, aí começou no Círculo Militar [clube social de Fortaleza] e depois foi pro Country Club, que hoje é o Sirigado [restaurante conceituado da cidade]. Então a gente ia antes pra discutir alguma coisa aberto pra toda a torcida, aí no sábado a gente se reunia e trocava ideias. (CORREIA, 10.ago.2013)

Na narrativa de Francisco Baquit Correia, pode-se perceber o circuito de espaços frequentados pela torcida, lugares de encontro antes do jogo ou que serviam para reuniões do grupo, tendo em vista que Círculo Militar, Country Club e Sirigado são espaços localizados em bairros de classe média ou da elite da cidade de Fortaleza. Nesse sentido, a respeito do significado da experiência sobre a maneira como se organizavam no momento anterior aos jogos, Hilton Oliveira Júnior¹⁰⁸, torcedor do Ceará Sporting Club, recordou que nesse período as torcidas organizadas

eles se reuniam pra tomar aquela cervejinha antes do jogo, o pessoal se reunia nos botecos, e daí eles se deslocavam pro estádio. Eu acho que as torcidas organizadas começaram com esse sentimento de reunir os amigos. Torce Ceará? Então vamos aqui. Torce Fortaleza? Vai entrar pelo Fortaleza, vamos reunir pra gente ir todo mundo junto pro estádio, vai ficar ali no setor X, eu acho que o sentido foi esse aí no começo. (OLIVEIRA JÚNIOR, Entrevista realizada em Fortaleza, 28.abr.2014)

Assim, a participação coletiva através das reuniões para além do estádio estabelecia vínculos de comunhão que dava outro sentido ao pertencimento desses grupos ao clube e à torcida organizada. O “sentimento de reunir os amigos”, aliado à paixão pelo clube de futebol, catalisou a formação desses agrupamentos de torcedores que inovaram na maneira de atuar e de sentir o futebol, aspecto que colaborou para a forjar identidades grupais diante do sentimento de família.

¹⁰⁸ Hilton Oliveira Júnior atualmente é comentarista esportivo, apresenta o programa de rádio “Bola da Vez” e é torcedor do Ceará Sporting Club. Hilton Oliveira frequentava os estádios com os seus amigos na década de 1980, sendo a maioria diretor deles integrantes das torcidas organizadas alvinegras.



Imagem 16 – Reunião da torcida organizada Garra Tricolor no Círculo Militar
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

A fotografia acima registrou uma reunião da primeira diretoria da Garra Tricolor realizada no clube Círculo Militar, presidida pelo Ricardo Fontenele, sentado à mesa do lado esquerdo. O clube está situado em região nobre da cidade de Fortaleza e, provavelmente, algum dos componentes deveria ser sócio do espaço para a utilizá-lo. Percebe-se também a padronização das camisas com listras horizontais e o nome da instituição atrás. Nas reuniões debatia-se os principais assuntos e estratégias de atuação da torcidas organizada, desde os cantos a serem entoados, as camisas utilizadas e a situação financeira na arrecadação do dinheiro da instituição.

Em depoimento, Gbson França Rolim¹⁰⁹, afirmou em entrevista que “cada associado pagava uma taxa mensal, existia uma taxa que era pra manter a torcida porque nós comprávamos fogos, tinha o fardamento, tinham os bandeirões, era muito tradicional na época levar bandeirões, então tinha a contribuição do associado” (ROLIM, Entrevista realizada em Fortaleza, 01.ago.2013), como retrata a imagem abaixo:

¹⁰⁹ Gbson Rolim França atualmente é empresário e foi um dos fundadores da torcida organizada Garra Tricolor, torcedor do Fortaleza. Entrevista realizada na casa do depoente, no bairro Cidade 2000.



Imagem 17 – Bandeiras e instrumentos da Garra Tricolor
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

A fotografia acima, datada de outubro de 1983, retrata a preparação da torcida Garra Tricolor no momento anterior a entrada na arquibancada. Na imagem, pode-se apreender, ao fundo, a quantidade de bandeiras nas cores vermelho, azul e branca; à frente se percebe alguns instrumentos, um deles manuseado por um jovem do lado direito da foto e, do lado esquerdo, uma espécie de tambor alaranjado. Esses instrumentos e as bandeiras, portanto, era custeadas pelo pagamento da taxa pelos integrantes, conforme recordou Rolim. Ele revelou ainda como o critério da associação servia para controlar e ter conhecimento sobre quem eram integrantes, a fim de que mantivesse o grupo restrito aos amigos e evitassem a violência.

Em 1981, quando a violência não existia praticamente, nós já nos preocupamos em fazer o cadastro de todos os associados, a pessoa pra se associar a Garra Tricolor, ela tinha que passar por uma *triagem* [grifo meu]. Então, a gente só aceitava quem a gente achava que deveria aceitar. E a torcida foi formada com o intuito principal de motivar o time. E outra: nós formamos um grupo de amigos, onde na própria torcida houveram pessoas que se casaram, componentes da torcida que chegaram a se casar. Era uma irmandade, uma coisa legal... (ROLIM, Fortaleza, 01.ago.2013)

No momento da entrevista em que a memória é acionada, o depoente recorda o passado situado no tempo presente, cujo debate sobre as torcidas organizadas gira em torno da violência. O ano de 2013 expressa um momento de criminalização das torcidas organizadas em Fortaleza, o que possivelmente contribui para Rolim demarcar diferenças desse fenômeno para a experiência da Garra Tricolor.

Em contrapartida, a narrativa de Gbson Rolim traz à tona os limites para ingressar na torcida, uma vez que esta não estava aberta para qualquer pessoa que se interesse em integrar o grupo, pois “só aceitava quem a gente achava que deveria aceitar”. O controle dos membros foi

um dispositivo praticado pela Garra Tricolor para manter a organização da instituição, embora tal medida tenha sido apropriada de outras formas por outros sujeitos.

Ao passo em que a torcida estabelecia esse critério de limitar a entrada de novos componentes, contribuía para corroborar o discurso de que a torcida marginalizava outros sujeitos. Osvaldo Fontenele¹¹⁰, em entrevista, afirmou que

O pessoal dizia que era uma torcida elitizada, a maioria do pessoal bem-sucedido não deixava muita gente se infiltrar, mas era pra evitar o que tem hoje, ne? (...) Eles selecionavam, não vendiam camisa pra todo mundo, mas era só questão de controle. A gente sempre procurava mais nas viagens, nos ônibus da gente, era tudo família, casais, mãe, irmãos, esposas, é tanto que da Garra Tricolor saiu mais de vinte casamentos, inclusive o meu. (FONTENELE, Entrevista realizada em Fortaleza, 29.jul.2013)

Os integrantes da torcida, assim, justificam sua atuação na tentativa de evitar a violência que existe atualmente. Dessa forma, infere-se também que se buscava restringir o grupo para amigos e pessoas próximas, de modo a construir um ambiente familiar entre os componentes. No entanto, entre a intenção da torcida organizada em evitar a infiltração de atores que pudessem desvirtuar o sentimento de família e de amizade da torcida e o que de fato acontecia nas arquibancadas havia um descompasso, tendo em vista que, com o tempo, a Garra Tricolor passou a ter centenas de integrantes.

Assim, combinando tradição – as charangas– e a absorção de novos elementos – a ambiência familiar e de amizade, o comportamento crítico e as inovações estéticas do espetáculo, a Garra Tricolor expressa a consolidação do processo de formação das torcidas organizadas em Fortaleza, embora alguns comportamentos tenham sido atualizados e ressignificados posteriormente.

Nessa perspectiva, as relações sociais foram ampliadas para além do vivido na Garra Tricolor, estendendo os vínculos da torcida para a vida de cada sujeito, constituindo famílias e atribuindo sentidos diversos para aquela experiência.

Além do cadastro e da associação dos torcedores, outro recurso para arrecadar fundos foi através de patrocínio. Uma das particularidades da torcida Garra Tricolor, mas também de

¹¹⁰ Francisco Osvaldo Castelo Branco Fontenele nasceu em Fortaleza em 13 de maio de 1955, filho de um desportista ex-jogador e ex-diretor do Fortaleza Esporte Clube, José Candido Fontenele. Osvaldo Fontenele foi presidente da Garra Tricolor a partir de 1983, tendo casado com uma componente da Garra Tricolor.

outros agrupamentos dos anos 1980, consistiu na realização de parceria com empresas privadas em prol de financiamento de parte da atuação da torcida. José Carlos Mota¹¹¹ recordou:

Nós fizemos o seguinte pra poder organizar e fundar a Garra Tricolor, nós fomos atrás de um patrocinador pra arrecadar fundos, fazer eventos e vender as camisas com o nome Garra Tricolor. Aí como eu conhecia muito o Dr. Muniz Araujo, presidente da Engri Engenharia, construtora de grande porte aqui em Fortaleza, eu procurei e ele achou a ideia valida e começou a patrocinar a Garra Tricolor. Nos deu logo de início 100 camisas, nós vendemos cada camisa, na época era cruzeiro, pense hoje como se fosse 60 reais, e com esses fundos que a gente ia arrecadando começamos a fazer bandeiras, eventos, comprar batucada, comprar fogos e montar a Garra Tricolor. As pessoas preenchiam uma “fichazinha”, fazia tipo uma inscrição e a gente se concentrava na Pontes Vieira, um clube que se localizava na Pontes Vieira [avenida que dá acesso ao estádio Presidente Vargas], alugava os ônibus da “Gertaxi”, com o Dr. Jorge, e de lá a gente ia tudo pro estádio, com dois ônibus. (MOTA, Entrevista realizada em Fortaleza, 31.jul.2013)

A narrativa elaborada por José Carlos Mota lança luz sobre a articulação da torcida para manter a estrutura da torcida. Assim, a iniciativa de ter um patrocinador alterou a dinâmica das torcidas organizadas, que provavelmente pela falta de recurso outras não tenham se estabilizado, como notamos na experiência da Força Jovem Alvinegra no final dos anos 1980, através da ação de Sergio França, o “Serginho Caravaneiro”.

Na imagem abaixo, visualiza-se o acordo entre a Garra Tricolor e a empresa patrocinadora, Engri Engenharia, construtora que financiou as camisas da Fiel Tricolor, fundada por Emanuel Magalhães - o terceiro da direita para a esquerda - e da Garra Tricolor, representada na imagem por Osvaldo Fontenele, o primeiro da direita para a esquerda. Dessa forma, percebe-se que, já nesse momento da parceria entre torcidas organizadas e a Engri Engenharia, Emanuel Magalhães, que havia integrado a torcida Garra Tricolor inicialmente, criou a Fiel Tricolor.

¹¹¹ José Carlos Mota, formado em direito e atuando na advocacia no momento da entrevista em 2013, é torcedor do Fortaleza e nasceu em Quixadá, município no interior do Ceará localizado na região do Sertão Central. Foi um dos fundadores da Torcida Garra Tricolor e compôs a diretoria da torcida, tendo também se tornado diretor do Fortaleza Esporte Clube. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho, no centro de Fortaleza.



Imagem 18 – Engri Engenharia patrocina Garra Tricolor e Fiel Tricolor
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

Algumas práticas incorporadas pelas torcidas organizadas, entre eles o patrocínio empresarial, marcaram a diferença com relação ao modelo anterior dos *chefes de torcidas*. Se desde os anos 1950 as formas coletivas do torcer eram financiadas pelo próprio chefe de torcida ou pela apoio de algum diretor ou torcedor, nos anos 1980 as torcidas organizadas buscaram ir além, de modo que empresas privadas colaborassem mais incisivamente.

A dificuldade em firmar um patrocínio fez com que algumas torcidas prolongassem suas atividades. Existiram inúmeras torcidas organizadas nos anos 1980 em Fortaleza que encerraram suas atividades por falta de apoio financeiro, como podemos notar através da lamentação de Eugenio Ferreira, coordenador da Raça Alvinegra:

A maior dificuldade dessas torcidas é conseguir patrocinador, disse o Coordenador da Raça Alvinegra, Eugenio Ferreira. Criada há somente dois meses, essa torcida organizada conta atualmente com 85 pessoas, das quais 20 são mulheres. A ideia de formar a Raça Alvinegra partiu do deputado estadual Franzé Moraes, que prometeu dar camisa para esses torcedores, mas até agora não cumpriu o prometido, disse Eugênio. (Diário do Nordeste, 19.set.1983, p.12)

Desse modo, sem patrocinadores, o dinheiro para manter as torcidas tinha que ser arrecadado entre os membros ou através da promoção de atividades:

Em consequência dessa falta de ajudas financeiras, os membros da Raça Alvinegra empreenderão várias campanhas, como um forró-bingo, em novembro, e que já tem um título “Raça do Vovô”. O dinheiro arrecadado nessas promoções será utilizado na compra de bandeiras, faixas e de uma batucada” (Diário do Nordeste, 19.set.1983, p.12)

Portanto, a Raça Alvinegra evidencia a trajetória de uma dentre as várias torcidas organizadas nos anos 1980. A dimensão que atingiu a multiplicação desses grupos na cidade de Fortaleza redefiniu a dinâmica do torcer, o que nos possibilitou definir esse momento do fenômeno das organizadas como movimento de segunda onda da história das torcidas. A reportagem abaixo aponta para a quantidade das torcidas organizadas do Ceará e a relação com o presidente do clube:

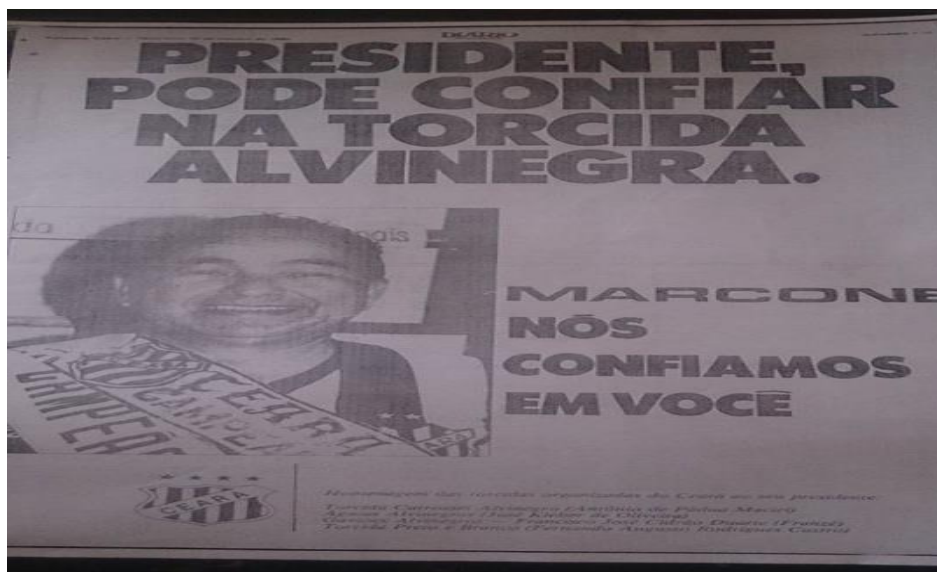


Imagem 19 – Torcidas organizadas do Ceará apoiam presidente
Fonte Jornal Diário do Nordeste

Ao final da reportagem, que funciona como uma homenagem das torcidas organizadas do Ceará para o presidente do clube, há o registro de quatro agrupamentos que assinaram a proposta da notícia e a identificação do responsável por cada um dos grupos: Torcida Carrossel Alvinegro (Antônio de Padua Maciel); Águias Alvinegras (José Kleber de Oliveira); Gaviões Alvinegros (Francisco José Cidrão Duarte – Franzé); Torcida Preto e Branco (Fernando Augusto Rodrigues Castro).

Dito isso, avançamos nesse momento para a compreensão das nuances da diretoria da Garra Tricolor. A partir das entrevistas e das notícias dos periódicos, investigamos como foi estruturada a organização interna da diretoria da torcida Garra Tricolor. Existiam cinco cargos que eram preenchidos a cada dois anos, eleitos ou por consenso dos membros. Segundo José Baquit “tinha o presidente, o vice-presidente, o secretário, o segundo secretário e o tesoureiro. Eu acho que eram esses cinco cargos só no começo, depois passou a ter relações públicas também”.



Imagem 20 – Membros da primeira diretoria da Garra Tricolor
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

Havia uma variação entre os cargos, sugerindo que não eram fixos em todas as torcidas organizadas. Nesse sentido, funcionavam como “esqueleto” para guiar a instituição, sobretudo aquelas que acabavam de ser fundadas. Porém, com a popularização dessas torcidas organizadas, via-se a necessidade de diversificar os cargos da diretoria, como podemos notar na reportagem:

Foi mestre de cerimônia o novo tesoureiro, Luciano Matos, que anunciou a constituição da diretoria empossada: vice-presidente Paulo Vinício, assessor da presidência Ricardo Patrício, relações públicas José Carlos Mota e Fernando Antônio, secretárias Aninha e Violeta, tesoureiro Luciano Matos e Marcos Tavares, diretor de esportes Laercio Coutinho e diretor de material João Neto. (O Povo, 27.jun.1982, p.20)

A atribuição de cada cargo possibilitou a torcida se estruturar a partir da socialização das demandas da instituição. Um dos desdobramentos da popularização da torcida foi a criação de mais cargos na diretoria da Garra Tricolor, o que refletia o andamento, a adesão e certo sucesso que alcançou no período. Nota-se em especial a participação de duas mulheres na diretoria do grupo, as secretárias, Aninha e Violeta, além de outras mulheres que integravam o grupo. A diversificação das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza se tornou uma realidade, onde os dois principais clubes, Ceará e Fortaleza, possuíam várias torcidas organizadas que deram uma ambiência particular aos estádios de futebol.

2.5.2) Um dia de jogo: como socializa e se articula uma torcida organizada?

São 7 horas da noite. Estamos na concentração de uma das facções do Fortaleza, a Garra Tricolor. Começam a chegar os primeiros torcedores, devidamente uniformizados com a camisa padrão. O diretor Paulinho já

vendeu, antecipadamente, os 350 ingressos de arquibancadas adquiridos às 17 horas. Os carros trazendo senhoras e garotos encostam, pois todos sairão no ônibus fretado. A charanga também chega sob o comando do Toinho Café e Waldir.

Meia hora depois algumas garrafas de cervejas já foram consumidas e os primeiros gritos de “Leão, Leão, Leão”. Por enquanto, as bandeiras estão guardadas por atraso do responsável pela Churrascaria Kantão, na avenida Pontes Vieira. O presidente Osvaldo mostra-se preocupado, afinal, hoje, diante o Palmeiras, é dia de Castelão cheio. Na proporção que passam os minutos o nervosismo aumenta.

Às 20 horas a concentração está tomada e animada. Uma vitória logo mais classifica, por antecipação, o clube dos campeonatos. A estas alturas caixas de cervejas foram consumidas e aparecem alguns litros de cachaça para esquentar mais depressa a cabeça dos integrantes da Garra Tricolor.

A charanga continua tocando e aparecem as primeiras músicas, normalmente com suas letras deturpadas: “Aconteça o que aconteça este ano vai dar Leão na cabeça” ou, então: “Neste palco iluminado, só dá Leão. É um time imortal, oh meu Leão”

O coletivo aciona seu motor. Primeiramente são colocadas as bandeiras (são 70), depois a charanga, que fica sempre na “cozinha”, seguida pelas mulheres, que ocupam os melhores lugares. Os homens ingressam no ônibus: “Só pessoal da Garra. Depois a gente vê como vai ficar o resto”, grita Paulinho, que é o último a subir: “É fogo comandar uma torcida organizada, Luciano”, diz o diretor para o repórter.

No trajeto do Kantão ao estádio tudo se transforma num misto de animação e expectativa. Lenta, a charanga dá o toque inicial e é entoado o hino do clube: “Fortaleza, time de glória e tradição; Fortaleza, quantas vezes campeão...”. Por educação, ninguém fuma dentro do coletivo, afinal, há ali lindas garotas, senhoras e crianças, que têm um só objetivo: ver mais uma vitória do tricolor de aço na Copa Brasil.

Por onde passa o ônibus é saudado. Dentro, a animação aumenta quando mais perto do estádio se aproxima. Depois de muito calor e alegria a Garra chega no Castelão assim: “Oh, oh, oh, Leão”. Quem está fora aplaude e os integrantes da facção se envaidecem, afinal, todos são tricolores. Com ingresso na mão, não há problemas na bilheteria nem mesmo as garrafas de cachaça conduzidas.

Antes de subir para seu local reservado, atrás do placar eletrônico a ser inaugurado, todos se concentram para, juntos, chegarem lá. Os fogos de artifícios são tirados de dentro dos sacos: “Vamos lá, pessoal”, grita Osvaldo. A música de entrada todos sabem de cor: “Mas vejam só quem acaba de chegar, é a Garra Tricolor saudando o povo do lugar...”

Os demais torcedores se agitam e aplaudem a multidão de jovens com suas bandeiras tremulando. As baterias de fogos são armadas para quando o time entra em campo.

Entra o Fortaleza. É uma loucura: as bandeiras se agitam, os torcedores lutam, o pipocado de fogos no céu. Todos ficam em silêncio em seguida à espera do Palmeiras, que leva muita vaia, principalmente o goleiro Leão. (Revista Esportiva, 26 de março de 1984, p.17)

A reportagem, detalhada e exemplificativa, reconstrói a trajetória da torcida Garra Tricolor da concentração no restaurante Kantão ao estádio Castelão em um jogo do Fortaleza contra o Palmeiras pela Copa do Brasil. Assim, retrata em nuances a experiência da torcida em um dia de jogo, lançando luz sobre a articulação da diretoria com o restaurante que armazena o

material do grupo, a venda de ingresso, o fretamento do ônibus e as práticas estabelecidas pelos integrantes, como o consumo de cerveja e de cachaça. Um dos aspectos que chama a atenção logo no início do texto consiste no termo ao qual a Revista Esportiva nomeia as torcidas organizadas - *facções* -, sobretudo a partir da multiplicação desses grupos no espaço urbano da cidade. A partir do início da década de 1980 até os anos 2000, a essas instituições se atribui o nome de facção, o que sugere uma transformação da percepção desses grupos para a imprensa e maneira como se apropria da terminologia utilizada, por exemplo, no Rio de Janeiro e em São Paulo, influenciando consideravelmente o debate público.

Em seguida, a riqueza de detalhes elaborada pela Revista Esportiva parece imergir o leitor naquela experiência. A notícia perpassa pelo horário de preparação, cânticos do grupo, quais bebidas foram consumidas, a disposição dos lugares dos ônibus e a presença da charanga. Contudo, outros aspectos precisam ser refletidos, como a venda de ingresso pelo diretor da torcida, que já havia vendido 350 ingressos, que expressa uma estratégia ou um privilégio na posse antecipada dos ingressos. Além disso, dentre os elementos que compõem a festividade realizada pela Garra Tricolor, nota-se a presença da tradicional charanga, as bandeiras e a inovação com os fogos de artifício, que anunciava a chegada da torcida no estádio.



Imagem 21 – Chegada da Garra Tricolor no Estádio Castelão
Fonte Revista Esportiva 26 de março de 1984

Apesar de pontuar a participação das mulheres na torcida, o repórter Luciano Santos, ao mencioná-las associando à beleza do feminino, ofusca uma participação ativa que tinham para a Garra Tricolor. Nessa perspectiva, a foto acima retrata a chegada da torcida ao estádio Castelão, evidenciando a quantidade considerável de mulheres no grupo representado pela foto, aparentemente todas trajando a camisa padrão da torcida.

Assim, a concentração no restaurante “Kantão” com cerveja, cachaça e charanga, somada ao trajeto no ônibus fretado e à entonação conjunta de vozes, era tão importante quanto as atividades da torcida dentro do estádio. Para aqueles componentes desses agrupamentos, esses vários espaços praticados coletivamente constituíam a sua forma de vida, estabelecendo vínculos e amizades que moldavam o ser humano torcedor.

Apreende-se, então, que havia um ritual na preparação da atuação das torcidas antes dos jogos, de modo que os encontros dentro e fora dos estádios fortaleciam a instituição de torcedores, forjando diferentes identidades pelos componentes do grupo que possibilitaram a consolidação da torcida e a influência para a reprodução desse modelo coletivo do torcer.



Imagem 22 – Dezenas de bandeiras da Garra Tricolor no Castelão
Fonte: Arquivo Pessoal Osvaldo Fontenele

Em diálogo com Josiane Ribeiro, as torcidas organizadas “são entendidas como um espaço que possibilita àquele que nela ingressa, além de entretenimento, um lugar significativo de vivência e um canal para a comunicação das inquietações, das incertezas e dos impasses comuns a esta condição geracional”. (RIBEIRO, 2010, p.19). Nesse sentido, As trocas, as partilhas e as relações sociais constituídas pelas torcidas organizadas, enquanto espaço para comunicação das inquietações, incertezas e impasses, solidificavam um lugar familiar para aqueles que as compõem. José Baquit, ao recordar os motivos que o fez ser torcedor organizado, e não continuar como um torcedor comum:

Eu acho que foi realmente ver o futebol de uma forma diferente. Você sendo um torcedor comum, acaba ficando passivo dentro do futebol, só ir ao estádio, voltar pra casa, chateado ou alegre, não... precisei ir um pouco mais além, procurar saber os problemas que o clube passa, saber uma forma que você pode contribuir pro crescimento do clube, relacionamento com as pessoas,

porque você mexe com emoção, as pessoas reagem de uma forma diferente, então você tem que administrar isso também. (CORREIA, Fortaleza, 10.ago.2013)

Ou seja, as torcidas organizadas são lugar-espaco-tempo no mundo que simbolizam um canal onde os atores sociais se sentem ativos ao participar mais efetivamente da vida associativa do clube. Seus componentes compartilham uma rede de relações sociais que implica “entretenimento”, “vivência” e “comunicação” de experiências, mas também a partilha de conflitos, insegurança, problemas e alcançar um espaço além do que o torcedor comum consegue ir, aspectos estes que formaram a base da reprodução desse fenômeno urbano no esporte.

Pela extensão desses vínculos, além dos rituais antes dos jogos, a Garra Tricolor era uma torcida que organizava jantares, churrascos, bingos e demais festas para angariar dinheiro, como podemos perceber na reportagem “Forró da Garra”:

Componentes da “Garra Tricolor” estiveram presentes ontem, à redação do DN, para divulgar o “Forró do Há Garra”, uma promoção da facção da torcida do Fortaleza e que será realizado hoje, na sede do clube, no Pici. O Forró está sendo muito bem organizado pelos componentes da Garra: Osvaldo Fontenele, João Neto, Ana Maria, Arlene Mota e o ex-presidente, Ricardo Lemos. (Diário do Nordeste, 09.jul.1983, p.11)

Ao rememorar essas atividades que marcam a memória coletiva dos integrantes, Orlando Patrício enfatiza o significado da realização desses eventos ao complementar a informação sobre o uso do dinheiro arrecadado, que tinha dois destinos: doações para o clube e para financiar viagens da torcida:

A Garra tricolor fazia São João, fazia Dia dos Namorados, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças. Então, todas as datas que eram motivos de comemoração, a gente colocava as barraquinhas lá no Pici, fazia paçoca, baião de dois, aquele negócio todo, levava sanfoneiro, levava alguém no violão e fazíamos aquelas festas. E tem mais, o que a gente arrecadava, uma parte ia para as despesas das viagens da torcida, porque era uma torcida pequena, porém compacta, uma torcida que proporcionou mais de 10 casamentos, temos o exemplo do Osvaldo Fontenele, o primeiro casamento dele, e o do Ricardo Lemos. A gente tirava disso aí e o resto doava para o clube ou comprava as coisas para o clube na parte social, na parte de cozinha, essas coisas todas. (PATRÍCIO, Fortaleza, 30.jul.2013)

Tendo em vista o alcance e a ressonância que a Garra Tricolor adquiriu na cidade de Fortaleza, a imprensa esportiva, quando dos aniversários da torcida, parabenizava e reconstruía a trajetória do grupo:

Para comemorar seu terceiro aniversário, a Garra Tricolor, uma das facções da torcida do Fortaleza, promove a partir das 21 horas de hoje, no BNB-Clube [clube social da cidade], um jantar de confraternização entre seus 400

integrantes, afora os familiares. A primeira torcida organizada a surgir no futebol cearense foi criada por um grupo de abnegados simpatizantes do “Leão”, que na época não passava por bons momentos dentro de campo. Apesar dos revezes, a disposição dos torcedores era destacada com o apoio e colaboração de meia dúzia de tricolores. No entanto, o grupo aumentou e hoje são 400 pessoas que vibram e agitam bandeiras coloridas nas arquibancadas dos estádios. (Diário do Nordeste, 04 de outubro de 1983, Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele)

Na divulgação do aniversário de três anos da Garra Tricolor, o periódico Diário do Nordeste traz à tona a quantidade de membros da torcida organizada, quatrocentos integrantes após três anos da fundação, momento em que era mantida por um grupo reduzido de componentes. Dessa forma, apreende-se a mutação significativa e rápida da mobilização de sujeitos protagonizada pelas torcidas organizadas, ainda que outros agrupamentos não tivessem alcançado estrutura parecida com a Garra Tricolor.

Portanto, o modelo coletivo do torcer que insurge nos anos 1980 incorporou outras práticas ainda em sua atuação, entre elas as carreatas comemorativas. Geralmente, elas aconteceram quando os clubes se sagravam campeões de torneios e campeonatos, mobilizando os torcedores a circularem e festejarem o título pelas ruas do espaço urbano:



Imagem 23 – Passeata da torcida do Fortaleza

Fonte: Diário do Nordeste 19.dez.1982

Como podemos ver na imagem acima, na década de 1980, independente do meio de transporte – carro, motocicleta ou bicicleta –, particularmente em um período em que a posse de veículos não estava popularizada, os torcedores acompanhavam e participavam daquelas experiências. Pode-se perceber o evento aglomerava expressiva quantidade de torcedores, sendo um cortejo espontâneo através do qual as torcidas tinham mais uma possibilidade de estender seus vínculos com o clube.

Entretanto, ao passo em que as torcidas organizadas rompiam com as práticas instituídas por agrupamentos anteriores, elas também tinham continuidades na medida em que atualizavam, por exemplo, as caravanas. Outro mecanismo que permaneceu sendo desenvolvido pelas torcidas consiste na relação com a imprensa esportiva, que contribuía ao divulgar essas iniciativas, como a que levou a Garra Tricolor para Juazeiro do Norte.

os torcedores do Leão a Juazeiro do Norte, para dar apoio necessário ao Fortaleza, que enfrenta, neste domingo, o Icasa, no Romeirão. Um ônibus executivo sairá de frente ao Restaurante Kantão, na Pontes Vieira. A passagem de ida e volta custa Cr\$ 8 mil e 500. A saída será às 19h, deste sábado. Os interessados devem ligar para o Ricardo Lemos, pelo fone: 2310661 (Diário do Nordeste, 09.jul.1983, p.11)

A presença das torcidas organizadas nos municípios do interior se intensificou, como retrata a foto abaixo, publicada pelo jornal O Povo, em que a Garra Tricolor promoveu uma caravana para o município de Iguatu, no interior do estado. Dessa forma, as experiências coletivas do torcer passaram a circular não só na capital, mas também nas diferentes cidades, abrindo caminho para o desenvolvimento desses agrupamentos nesses espaços. Nota-se que um dos símbolos fundamentais para as torcidas organizadas da época não poderia faltar: as bandeiras, complementando a festa com papel picado e fogos de artifício no estádio Moreirão.



Bandeiras, papel picado, fogos – a Garra Tricolor presente ao Moreirão

Imagem 24 – Garra Tricolor no Estádio Moreirão em Iguatu
Fonte acervo pessoal Osvaldo Fontenele

Temos, assim, a hipótese de que a construção dessa pluralidade de relações sociais que extrapolavam o *espaço-tempo* do jogo possibilitou a consolidação, a permanência e a continuidade das torcidas organizadas na sociedade, embora com premissas particulares de cada contexto.

Por muito tempo, a Garra Tricolor procurou estabelecer critérios para adentrar como membro da torcida, principalmente a amizade e a afetividade. Ser amigo de um dos componentes era fundamental para o controle interno da Garra Tricolor. Nesse sentido, a torcida ganhou uma conotação familiar, em que muitas mulheres participavam das atividades da torcida, as esposas acompanhavam seus companheiros e irmãos vivenciavam aquelas experiências. Em época festivas, como carnaval, natal e período de réveillon, por exemplo, a diretoria da Garra Tricolor confeccionava cartões ou mensagens que foram entregues para todos os membros, denotando uma ambiência íntima e familiar entre os componentes.

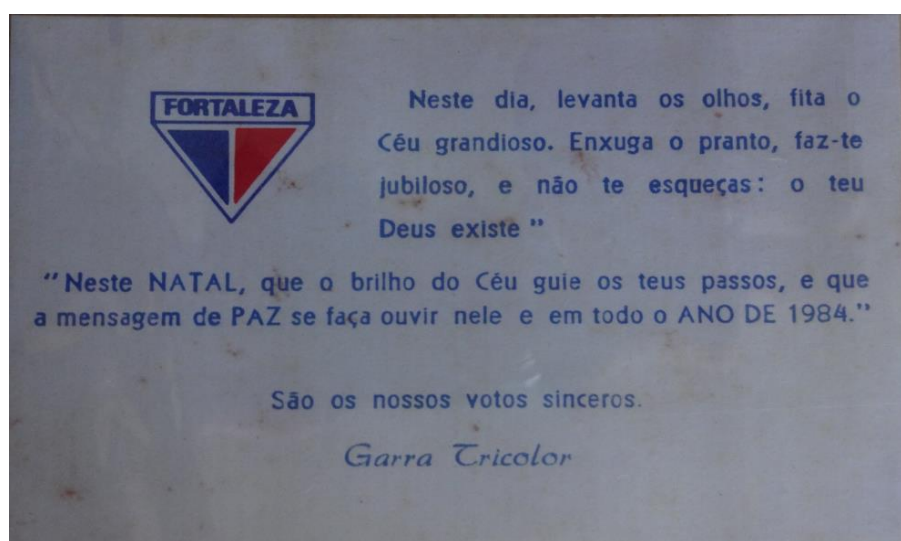


Imagem 25 – Cartão de natal da Garra Tricolor
Fonte Acervo Pessoal Osvaldo Fontenele

2.5.3) Dos sujeitos fundadores e do fim-início de outra era

Analisamos até aqui a estruturação do modelo das torcidas organizadas nos anos 1980, as estratégias pensadas pela torcida Garra Tricolor e o repertório de mecanismos para a atuação. Nessa perspectiva, buscamos avaliar nesse momento quem eram os sujeitos que estavam na linha de frente dessas organizações coletivas do torcer, os fundadores e o modo como atuaram. Os fundadores das torcidas organizadas do Ceará Sporting Clube e do Fortaleza Esporte Clube em geral tiveram influência paterna pela escolha do time, às vezes as motivações variavam através da identificação com as cores do time ou até por ter sido presenteado com uma camisa do clube.

A maior parte desses sujeitos entrevistados foi ao estádio pela primeira vez na década de 1960, período em que os chefes de torcida lideravam as torcidas uniformizadas. As lembranças desses episódios e a escolha pelo clube foram assim narradas por José Carlos Mota:

Aprendi a gostar do Fortaleza porque meu pai foi vice-presidente do Quixadá. E, quando o Fortaleza foi fazer um amistoso com o Quixadá, na minha terra, eu tinha oito anos de idade e eu gostei muito daquelas cores na época. E meu pai não queria que eu me envolvesse com futebol, mas eu achei tão bonita as cores que eu dei um jeito de pular o muro e fui assistir o jogo escondido dele. (MOTA, 31.jul.2013)



Imagem 26 – Fundadores da torcida Garra Tricolor
Fonte: Jornal O Povo

José Carlos Mota é torcedor do Fortaleza e foi um dos fundadores da Torcida Garra Tricolor, uma das torcidas pioneiras na cidade de Fortaleza. Nota-se no seu depoimento que a atração pelo Fortaleza veio através das cores do clube, aspecto responsável também pela escolha de Osvaldo Fontenele, que em entrevista procurou ironizar as cores do clube rival:

Em 1963, uma coincidência do futebol foi um jogo Fortaleza e Ceará, que o Ceará ganhou e eu tava com meu pai no PV [abreviação do Estádio Presidente Vargas], aí ele me perguntou pra qual time eu queria torcer, aí eu disse que “sou esse time que perdeu”, por causa das cores, cores vivas, cores atuantes, diferente daquela mortalha lá, ne? [risos] (FONTENELE, Fortaleza, 29.jul.2013)

Osvaldo Fontenele, um dos presidentes da Torcida Garra Tricolor, desde a infância viveu uma família tradicionalmente tricolor, seu pai, José Candido Fontenele¹¹², foi diretor e jogador do Fortaleza Esporte Clube. Em contrapartida, Emanuel Magalhães, fundador da Torcida Fiel Tricolor, recordou as estratégias que os jovens na época construam para ir ao estádio:

Então, a gente estudava no Colégio Cearense, colégio que era muito tradicional de Fortaleza e lá tinha muito torcedor do Fortaleza, e a gente gazeava aula pra ir pros jogos do Fortaleza. Então a gente saía do Colégio Cearense, que é ali no Centro, pra ir ao PV, ia a pé, aí foi indo e ficou naquela turma, naquela curriola... (MAGALHÃES, Fortaleza, 26.abr.2014)

¹¹² Seu Zé Candido, como popularmente ficou reconhecido, foi um dos meus depoentes para outros trabalhos, como mencionamos no primeiro capítulo desta tese. A partir dele foi que tive contato com Osvaldo Fontenele.

A trajetória da construção dos vínculos com o clube e como se arraigou na formação do sujeito não explica automaticamente a organização coletiva com amigos para a fundação das torcidas organizadas, mas lança luz sobre os significados que a vida associativa em torno do clube tinha desde a infância e a adolescência.

A trajetória dos irmãos Cristiano e Ricardo Santos simboliza a relação com o Ceará Sporting Clube, uma vez que residiam em uma das ruas próximas ao estádio Presidente Vargas, acompanhando desde a sua infância o movimento futebolístico e a passagem das torcidas pelo muro da sua casa. Ricardo Santos, inclusive, foi um dos fundadores da Torcida Carrossel Alvinegro em 1984.

Nesse contexto, além dos jornais, que buscavam informar a população cotidianamente sobre os esportes, o rádio possibilitava à população do interior do estado construir relações com o futebol. Orlando Patrício, filho de fazendeiro e torcedor do Fortaleza, relembrou o que acontecia nos dias de jogos na sua infância:

Mas, antes, pelo rádio lá na fazenda a gente não perdia um jogo do Fortaleza e, quando era o clássico-rei Fortaleza e Ceará, principalmente quando era na época de disbulhar feijão, o papai pegava o alpendre da casa da fazenda, meu pai tinha 13 moradores na fazenda, eram 13 famílias. Ele dizia “venham ouvir o jogo aqui em casa”, aí ele botava o rádio no alpendre e a gente ia escutar o jogo no rádio, aí as lamparinas acesas, que não tinha energia e ele jogava o feijão na extensão toda do alpendre. Todo mundo sentava e botava o saco de pano aqui [aponta para o colo] e disbulhava o feijão, e no final quem disbulhasse mais ainda ganhava um dos brindes do papai, que eu não lembro quais eram os brindes, mas, geralmente, para aqueles que bebiam era uma dose de cachaça, mas, para aqueles que fumavam, era um cigarro “continental” sem filtro [risos e bota uma dose de cachaça no copo]. (PATRICIO, Fortaleza, 30.jul.2013)

O rádio contribuiu para estabelecer relações de identidade e construir a relação da população com os times de futebol, até nas situações mais inusitadas como a descrita por Orlando Patrício. No sertão, na fazenda e nos municípios distante do centro de Fortaleza do estado, o rádio funcionou como ferramenta para diluir o pertencimento ao clube e para construir sociabilidades.

Dessa forma, as torcidas organizadas se inseriram na dinâmica do contexto, das relações sociais e foram subjetivadas pelos integrantes daquelas instituições que se multiplicaram nos anos 1980. José Baquit Correia relembrou o significado da sua experiência na Garra Tricolor:

A gente passava a ter que conviver com várias pessoas diferentes no mesmo momento, isso a gente leva pra vida da gente, é uma experiência muito rica. As pessoas são diferentes, pensam diferente, agem de forma diferente e você tem que saber conciliar isso aí. Foi muito bom esse lado da torcida. Fiz amigos

que eu tenho até hoje. Porque meus amigos são os da época que começou, pessoas amigas que ninguém tem nenhum interesse diferente, o interesse era um só, era um só objetivo, então era uma amizade verdadeira porque ninguém começou a torcida para ser apenas amigo do outro. Era um objetivo que todo mundo teve com o convívio, então a gente passou a ver as pessoas até hoje, quando as pessoas se encontram. Sempre um precisava do outro, na hora de carregar um bandeirao, na hora de uma coisa e outra, tinha um, “pega aqui”, ajuda todo mundo. (CORREIA, Fortaleza 10.ago.2013)

A ampliação da “amizade verdadeira”, da partilha e da troca no convívio com pessoas diferentes foi lembrado por Jose Baquit como uma das contribuições mais importantes da experiência na composição da torcida Garra Tricolor. Consequentemente, nas malhas do tecido social, desse modo, esses sujeitos construíram uma tessitura de experiências e sociabilidades em uma teia de significados afetivos por meio do novo modelo coletivo do torcer: o movimento de segunda onda.

Nessa perspectiva, os entrevistados elencaram alguns pontos em comum para a escolha do time e a aproximação com o futebol: a família, as cores do clube, o lugar em que residiam e o gosto pelo jogo de futebol. Em algumas falas dos torcedores que moravam no interior, também notamos que a escuta dos jogos pelo rádio cria uma imaginação fértil sobre o futebol, tornando o ouvinte tão ou mais apaixonado pelo time do que aquele que está presente no estádio, especialmente devido ao encanto elaborado pela narração.

Durante os dez primeiros anos de sua existência, entre 1980 e 1990, a torcida Garra Tricolor foi um grupo atuante nas arquibancadas e no clube como um todo devido à compactação dos seus fundadores e dos integrantes, que constituíam, de acordo com suas narrativas, uma família e amizades verdadeiras.

Entretanto, três fatos mudaram o destino da torcida: o suicídio de Ricardo Lemos em 1989, o primeiro presidente da torcida¹¹³; a popularização da torcida organizada e o início da violência; Somando estes aspectos às responsabilidades da vida particular dos diretores, a torcida deixou de atuar nos estádios, embora não se sabe precisar em que momento houve o desfecho entre os anos 1980 e 1990, como enfatizou Osvaldo Fontenele:

Por que acabou? Rapaz, a maioria das pessoas foram casando, então geralmente quando se casa o cara já absolve outras coisas, a esposa, os filhos, aí muita gente já deixa. (...) E o pessoal já não tem mais aquela mesma fibra, a mesma garra, que é o próprio nome mesmo da torcida, aí o cara vai cansando. (FONTELENE, Fortaleza, 29.jul.2013)

¹¹³ Alguns depoentes afirmaram que a morte de Ricardo Lemos ocorreu através de suicídio. Entretanto, notamos certa tensão ao narrar esse episódio, principalmente porque também apontam que a imprensa noticiou o acontecimento como um acidente doméstico.

A busca pelo controle por meio da associação dos integrantes foi um dispositivo que, com a popularização da torcida, passou a ser cada vez mais problemática. Inicialmente, a direção estabelecia tinha o controle dos membros associados, a maioria era amigo ou familiar de algum dos componentes que já estavam no seio da torcida. Com a popularização e aumento dos integrantes, a ponto do número de membros chegar a centenas, a restrição da adesão à torcida passou a ser um desafio praticamente inalcançável:

Um dos fatores é justamente essas infiltrações de pessoas de fora. Então, começaram a pagar, todo cara que paga X, pra poder ser participante da torcida, aí ficou aberta demais, pra todo mundo, então entra quem quer, “ah, eu sou torcedor do Fortaleza, paga x e entra”... (SANTOS, Fortaleza, 28.abr.2014)

Um dos desdobramentos desse período em que houve o descontrole sobre os integrantes da torcida, para os fundadores, refere-se à violência. Para José Baquit Correia, a Garra Tricolor encerrou suas atividades porque os membros perceberam o que estava acontecendo: a entrada de muitas pessoas e a perda de controle:

O problema da torcida organizada é um problema social, que eles levam pra dentro da torcida organizada o problema que ele passa dentro da vida dele. Passam dificuldades, alguns usam drogas, essas coisas de hoje, que é o grande problema do Brasil e é o problema do mundo todo. Então eles levam pra dentro da torcida organizada. Foi isso aí que acabou a Garra Tricolor. No momento que a gente tinha o controle e existia o respeito com todo mundo, e passa abrir e passa a entrar pessoas diferentes, começa a querer a extrapolar e a gente não tinha mais o controle, aí não era mais a gente. A gente não queria assumir responsabilidades, então eu acho que talvez pode ter sido isso, a gente não queria assumir responsabilidades pelos outros, como acontece hoje, de ter problemas e a gente falar “ah, a culpa é nossa porque foi a gente que deixou participar da torcida”. A gente sempre pregou o respeito com o próximo e então eu acho que o maior motivo foi por isso aí de evitar problemas futuros. (CORREIA, Fortaleza, 10.ago.2013)

Baquit Correia, em sua narrativa, avaliou que os problemas que passaram a ocorrer estão imersos nas questões sociais mais amplas, existentes na sociedade como um todo, como as drogas e a violência. Conforme enfatizou um dos fundadores do grupo, ao abrir a entrada da torcida para componentes em geral, o resultado foi que “aí não era mais a gente”. O sentido da torcida Garra Tricolor, assim, atribuía-se ao sentimento familiar e de amizade entre sujeitos que apoiavam o Fortaleza.

Que decisão se deveria acionar entre “Evitar problemas futuros” ou manter o controle sobre quem entra na torcida organizada? A Torcida Garra Tricolor, pioneira na cidade de Fortaleza e exemplo para diversas outras torcidas que surgiram na década de 1980, não soube conviver com esse dissídio e, a partir dos anos 1990, pouco apareceu nos periódicos analisados.

Em 1993, foi o ano em que registramos a última notícia sobre este grupo e que tratava de uma tentativa de voltar a se fazer presente nas arquibancadas, mas tal iniciativa não teve êxito, porque o objetivo e a vida dos componentes foram trilhados para outro caminho.

Nesse momento houve uma transformação singular para alguns integrantes da Garra Tricolor, que optaram por atuar em um novo espaço dentro do clube: na diretoria do Fortaleza Esporte Clube. Nestor Falcão, José Carlos Mota, Gbson Rolim e outros da Garra Tricolor ingressaram na diretoria do clube, às vezes como presidente, diretor social ou qualquer cargo da diretoria. Sobre esse aspecto, o jornal *O Povo* noticiou essa transição do ser torcedor para o ser diretor em uma reportagem intitulada *Nova República no Pici: da emoção de torcedor na arquibancada para traçar o destino do Fortaleza*:

O desejo de todo torcedor que vai ao estádio, que vibra, xinga, se emociona, é de que seu time saia de campo com a vitória. Quando perde, no entanto, ele não perdoa e exige da diretoria novas contratações. Mas se, de repente, o torcedor que agita bandeiras, entre fogos de artifícios e papel picado, deixasse a arquibancada para dedicar-se ao clube do coração como dirigente, o seu comportamento ainda seria o mesmo? (*O Povo*, 17.jun.1985, p.12)

Essa inflexão na transformação do papel de antigos integrantes da torcida revela o trânsito que aquele grupo possuía com o clube e certo capital simbólico decorrido da atuação na Garra Tricolor. O que acontece para o torcedor que “agita bandeiras, entre fogos de artifício e papel picado, deixasse a arquibancada para dedicar-se ao clube do coração como dirigente? A reflexão que o periódico instigou foi uma questão fundamental para compreendermos o fim da Garra Tricolor. Nas palavras de Gbson Rolim, esse processo foi natural, pois

Todo torcedor do Fortaleza imagina um dia ser presidente do Fortaleza, eu pelo menos penso assim. Eu, um dia, se tivesse oportunidade, por que não seria? Embora não é o meu foco porque eu tenho outras ocupações, então eu acho que a pessoa pra ser presidente do Fortaleza ela tem que se dedicar, porque é muito difícil e muito complicado, exige muito. Então o Nestor [ex membro da Garra Tricolor] teve uma oportunidade de ser e foi, o Lucio Bonfim teve a oportunidade de ser e foi, então é uma transição normal, se você estar ali... Hoje, nós temos quantos presidentes de clubes não saíram da torcida? Falando da nossa inspiração, a torcida do Vasco, Roberto Dinamite, que então era ídolo da torcida do Vasco, hoje é presidente do Vasco, jogador, que era meu ídolo do Vasco, passou a ser presidente. (ROLIM, Fortaleza, 01.ago. 2013)

O subtítulo da reportagem, *da emoção de torcedor na arquibancada para traçar o destino do Fortaleza*, é expressivo dessa transição, que, segundo Gbson Rolim, “é uma transição normal”. O que credencia um torcedor para alcançar a direção ou a presidência do clube? Aqueles antigos membros da Garra Tricolor, agora, inseriram-se na direção do clube e, com essa mudança, foi necessário mudar alguns comportamentos também:

Como ex-integrantes da Garra Tricolor e atualmente membros da diretoria do Fortaleza Esporte Clube, o presidente Nestor Falcão e os diretores José Baquit e José Carlos Mota, passaram por esta mudança e asseguram que as atitudes deixam de ser emocionais e se transformam em ações racionais, reflexivas. Assim é que, desde a eleição da diretoria em abril, o comportamento dos três tricolores mudou. Agora procuram controlar as paixões, trabalhando com lucidez e o que é mais importante, pensando três vezes antes de emitir opinião. (O Povo, 17.jun.1985, p.12)

A transição, portanto, de torcedor para diretor desdobrava-se paralelamente ao agir racional em detrimento do agir emocional, controlando a paixão e refletindo antes de agir. Portanto, essa transformação poderia ser espontânea ou até programada, como afirmou José Carlos Mota:

A Garra Tricolor foi o início dentro do futebol de uma coisa que, quando a primeira vez que eu vi o clube em Quixadá, que eu amei aquelas cores, o meu sonho ali era participar da diretoria do clube, e eu achava que o caminho certo era começar por baixo como eu fiz, frequentando os estádios em primeiro lugar, fundando uma torcida organizada e a própria imprensa vendo o trabalho que a gente fazia fora era um trabalho educativo, criativo, que não tinha fins lucrativos, financeiro, lançou a ideia de ‘ah, porque o fulano não vai pra diretoria’, então foi quando eu entrei nisso aí, comecei por aí. Então foi o que foi mais gratificante pra mim foi isso aí. (MOTA, Fortaleza, 31.jul.2013)

Uma vez que a Garra Tricolor atuava a partir de um trabalho criativo, educativo, sem fins lucrativos, possibilitou para alguns dos integrantes da instituição torcedora adentrar em outros espaços. Dessa forma, a torcida organizada Garra Tricolor funcionou como um “trampolim” para alguns membros, tendo o apoio da imprensa esportiva. Da trajetória desses membros e da instituição, suas experiências evidenciam que a torcida nunca deixou de existir totalmente, mas procurou persistir em outros setores da vida do clube e trazer consigo a ideologia de uma torcida organizada diferente, familiar e que fez da arquibancada o seu principal cenário pra mostrar o que era o estilo de vida de centenas de sujeitos. No entanto, esse reordenamento não ocorreu sem alteração dos significados e dos valores atribuídos pelo torcedor-diretor...

Retornando ao título deste subtópico, o fim-início da torcida organizada Garra Tricolor em paralelo à popularização do grupo foi compreendido nesta tese a partir do começo de um novo momento das torcidas organizadas, que será debatido a seguir.

TERCEIRO CAPÍTULO – OS MOVIMENTOS DE SEGUNDA E DE TERCEIRA ONDAS: ASCENSÃO E DESGASTE DA HEGEMONIA DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Neste capítulo procuramos analisar a trajetória das três torcidas organizadas mais antigas do Estado do Ceará: a Torcida Organizada Cearamor (TOC), a Falange Coral e a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF). Em paralelo com a emergência do movimento da segunda na década de 1980, na década seguinte essas torcidas se reordenaram na medida em que esquadriharam o território das cidades através das divisões em *alas*, *esquadrões* e *núcleos*, respectivamente a Cearamor, a TFC e a TUF.

Essas torcidas, portanto, ao mobilizar milhares de componentes a partir dos anos 1990, necessitaram organizar-se por meio de uma estrutura com sedes, lojas, que conformaram, no limiar do século XXI, logística de empresas. Na esteira dessa mutação, refletimos acerca da busca de visibilidade, através do poder e do enfrentamento, nas sociabilidades da juventude no baile *funk* e nas arquibancadas, que protagoniza um rearranjo nos significados dos territórios das *galeras*.

Tal reordenamento e redefinição das torcidas organizadas provocaram sua ascensão seguida da intensificação das rivalidades entre os territórios, reconfiguração sintomática de um deslocamento ‘geo-estético’. Nesse processo, há uma resposta, por parte do poder público já nos anos 2000, que direciona medidas para a criminalização das torcidas organizadas. No decorrer dos tópicos, argumentamos que a interdição dessas instituições não implica no fim dos significados que a cultura juvenil atribui às experiências elaboradas, onde o debate da violência necessita ser entendido para além da superficialidade da selvageria, da incivilidade e da delinquência desses atores.

Dito isso, esse desgaste das torcidas organizadas possibilita a emergência de propostas que renovam os modelos coletivos do torcer. Argumentamos que, no século XXI, houve um certo colapsamento da forma coletiva do torcer instituída pelas torcidas organizadas (o movimento de segunda onda). Esse colapso foi parcial, uma vez que as torcidas organizadas não deixaram de existir em sua totalidade, e é evidenciado por dois caminhos, ou melhor, dois movimentos de ondas, como proposto no mapa desta tese: 1) o primeiro consiste na renovação protagonizada por sucessivos agrupamentos que irrompem enquanto dissidências das torcidas organizadas tradicionais e que conseguem considerável penetração no espaço futebolístico. Para este fenômeno, que abrange uma pluralidade de torcidas, designamos como o movimento

de terceira onda da história das torcidas. 2) a segunda implicação do colapsamento se trata de uma crítica, sob o ponto de vista político de esquerda, que institui um contraponto aos modelos coletivos do torcer existentes a partir das torcidas antifascistas. A presença das torcidas *antifas* nos estádios, antecipada pela Ultras Resistência Coral em 2005, procura combater aspectos historicamente constituídos no espaço futebolístico, dentre eles a violência, o machismo, a homofobia, o racismo e a xenofobia.

Assim, este capítulo traz à tona o que definimos como movimento de terceira onda e as particularidades de cada região. Entretanto, ressaltamos que essa expressão abarca uma variedade de torcidas que têm como fio condutor o desgaste da hegemonia das organizadas tradicionais. Por fim, lançamos luz sobre um movimento recente de torcedores independente que atua com objetivo último de confronto e de enfretamento, agrupamentos constatados em várias cidades. Dentre eles, encontram-se o Bonde dos Hooligans (BDH), Bonde do Madrugá, SobraNada e BateAnda, das cidades, respectivamente de Fortaleza, Natal e Rio de Janeiro. Não à toa, definimos esse movimento como Quebra-mar, em alusão à metáfora das ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas.

3.1) Da profusão ao reordenamento das torcidas organizadas nos anos 1990

O modus operandi das torcidas organizadas no início dos anos 1980 instituiu um modelo coletivo do torcer complexo, um conjunto de estratégias que absorviam elementos das formas coletivas do torcer desde os anos 1950 e também novas práticas que projetaram essas torcidas nos estádios até a atualidade.

Nesse sentido, o desfecho do capítulo anterior, ao fazer uso do recurso da terminologia fim-início para expressar a trajetória da torcida organizada Garra Tricolor, funciona como uma ponte para este capítulo em que procuramos analisar os novos sentidos conferidos pelas torcidas organizadas nos anos 1990, renovação esta que retrata a parte final da expressão fim-início utilizada para encerrar o segundo capítulo.

Embora essa nova forma coletiva do torcer tenha se reproduzido nas décadas de 1990 e 2000, algumas particularidades no momento de sua fundação precisavam ser levadas em consideração na renovação empreendida nos anos 1990. A maior parte das torcidas organizadas criadas nos anos 1980 foi extinta ainda nesse período, com exceção apenas da Torcida Organizada Cearamor, ou permaneceu em atividade, no mais tardar, até o início dos anos 1990.

Uma das singularidades que diferenciava esses primeiros agrupamentos instituídos nos anos 1980, como vimos, remonta à ausência da violência enquanto problema social, ou melhor, do baixo índice de violência que incidia nos estádios a ponto de considera-lo uma demanda social mais ampla.



Imagem 27 – Faixas das torcidas Cearamor e Fiel Tricolor lado a lado no Estádio Castelão.
Fonte Jornal Diário do Nordeste

Acima, a imagem retrata a arquibancada em um clássico entre Ceará e Fortaleza do Castelão. No lado esquerdo do anel superior do estádio, percebe-se nas arquibancadas a presença da torcida alvinegra com a faixa da Torcida Cearamor e, ao lado direito, a torcida do Fortaleza, especificamente duas faixas de torcidas organizadas: a Fiel Tricolor e Coração de Leão (fundada na primeira metade da década de 1980).

Nota-se a particularidade da distância que separava as duas torcidas, apenas uma corda as dividiam na década de 1990, onde em poucos metros de distância figuravam torcedores adversários. Na narrativa dos entrevistados, a violência enquanto evento esporádico era lugar comum em suas recordações, a foto acima sugere outro sentido atribuído à torcida adversária, distinto daquele que produz o torcedor rival como inimigo e que o associa ao confronto, ao embate corporal e à violência. Assim, de acordo com o depoimento dos entrevistados, naquela época apenas uma corda separava as duas torcidas, possibilitando as duas torcidas permanecerem lado a lado sem que existisse conflito na maioria dos jogos. Cristiano Santos lembrou saudosamente desse período:

a gente ficava aqui [aponta pro portão da casa] pra ir pro estádio, esse muro aqui era mais baixo e nós ficávamos em cima do muro, e tinha torcedor do Ceará, torcedor do Fortaleza, nós saíamos juntos. Nós ficamos sentados juntos, começou a haver divisão de estádio, divisão de espaço no decorrer do

tempo, mas teve uma época em que todo mundo ficava junto. (...) (SANTOS, Fortaleza, 28.abr.2014)

A emergência das torcidas organizadas, portanto, proporcionou um novo espetáculo para o futebol com a festividade elaborada antes, durante e após os jogos. A festa organizada pelos grupos de torcedores era uma atração a mais para quem ia para o estádio de futebol a partir dos anos 1980, pois “algumas vezes, elas chegam a ser o grande show diante da fragilidade do futebol de hoje em dia. Além de promoverem um belo espetáculo nas arquibancadas, bandeiras ao vento e alegres batucadas muitas vezes elas são as responsáveis pelas vitórias dos seus times”. (Diário do Nordeste, 19.set.1983, p.12)

A despeito das torcidas organizadas dos times do Ceará e do Fortaleza serem as mais numerosas, na torcida do Ferroviário, o novo modelo coletivo do torcer instituído pelas torcidas organizadas foi apropriado pela torcida Tubarões da Barra em 1983, conforme retrata a imagem abaixo:



Imagem 28 – Tubarões da Barra: a primeira torcida organizada do FAC
Fonte Jornal Diário do Nordeste, 21/09/1983, s/p.

Na tentativa de mobilizar, de unir e de reativar a torcida coral, um grupo de torcedores criou a organizada Tubarões da Barra, divulgando por meio das emissoras de rádio e redação dos jornais.

Quem desejar fazer parte da Tubarões da Barra, ou simplesmente apoiar de alguma forma a ativação da torcida organizada, deve ligar para 226.2054 e falar com César ou Paulo. Porém quem quiser tratar do assunto pessoalmente terá a oportunidade, no próximo sábado, na sede, em Couto Fernandes, quando será realizada a primeira promoção da torcida organizada do ferroviário. (Jornal Diário do Nordeste, 21.set.1983, s/p.)

Esses torcedores, ao redefinir as lideranças das torcidas, buscaram dar continuidade ao novo modelo coletivo de torcer que se construía nos estádios e alavancar a torcida do Ferroviário. Para tanto, no ato promocional de fundação, realizou-se uma confraternização,

momento em que haverá um bingo, churrasco e, como atração principal, um jogo de futebol de salão feminino envolvendo o Ferroviário e o Fortaleza. Um facção da torcida organizada do Fortaleza, a Garra Tricolor, foi convidada para participar do evento, “Queremos também estender o convite aos componentes de outras facções da torcida do Fortaleza e do Ceará”, lembra Cavalcante. (Jornal Diário do Nordeste, 21.set.1983, s/p.)

A experiência dessas torcidas nos anos 1980 foi singular na medida em que o significado do pertencimento a um grupo não projetava sobre a torcida do time rival uma correlação de força sistematicamente violenta. Ao contrário, as confraternizações, como a da notícia acima, contribuíram para que as torcidas organizadas se multiplicassem e estabelecessem determinadas sociabilidades, solidificando o novo modelo coletivo de torcer no estado.

No entanto, até quando as práticas, os significados e os sentidos atribuídos pelas primeiras torcidas ao torcer permaneceriam enquanto um modelo a ser seguido?

3.2) Cidade das torcidas organizadas: territórios, sociabilidades do conflito e a busca pela visibilidade nos bailes funks e nas arquibancadas

Nos anos 1990, o fenômeno das torcidas organizadas se reproduziu na cidade de Fortaleza com a criação de três significativas torcidas organizadas que compõem o cenário dessas instituições até o momento. A torcida organizada Falange Coral (TFC), do Ferroviário, a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF) e a Jovem Garra Tricolor (JGT), do Fortaleza, foram fundadas, respectivamente, em 1990, 1991 e 1996. Assim, se o modelo das torcidas organizadas havia sido criado e disseminado no Estado do Ceará no início dos anos 1980, muitas delas tiveram sua trajetória balizadas em poucos anos, existindo – quando muito - até o início dos anos 1990, como a torcida Garra Tricolor, analisada no capítulo anterior.

Nesse sentido, a maior parte dessas instituições, que permanecem em atividade ainda hoje, foi criada apenas nos anos 1990, com exceção da Torcida Organizada Cearamor (TOC), fundada em 1982. Dessa forma, neste capítulo as trajetórias da TOC, TFC e TUF tornam-se fulcrais para a compreensão das nuances que envolvem a história das torcidas no Estado do Ceará, tendo em vista a relevância que esses agrupamentos adquiriram não só no passado e no

presente, mas também pelo significado simbólico de suas experiências, especialmente na década de 1990.

Os anos 1990, portanto, foram expressivos na reformulação das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza, uma vez que estes grupos redefiniram as relações entre si e entre seus componentes, ao passo em que se emaranhavam nas culturas da juventude, nos bairros e agrupamentos sociais na cidade.

Na época dos anos 1990, como eu morava no Mucuripe [bairro], tinha muito aquela coisa das *galeras* [grifo meu]. E foi justamente nos anos 1990 que tiveram um maior movimento dessas galeras através dos *baile funks*. E as torcidas começaram a se desenvolver por meio desses bailes ou pelo menos a se dividir. Depois inclusive veio a contribuir com a extinção desses ditos bailes. Até então era aquela coisa meio *bairro*, meio *gangue* de bairro, aí depois com a divisão das torcidas os bairros começaram a se dividir por torcidas. (B, 2018, entrevista realizada em Fortaleza)

A narrativa de B¹¹⁴ lança luz sobre um conjunto de elementos que ressignificaram as práticas das torcidas organizadas. A partir de uma estreita relação entre sujeito-bairro-torcida, os sentidos partilhados e atribuídos por jovens e moças impactaram as torcidas organizadas, que foram redefinidas por meio das rivalidades construídas em torno das territorialidades dos bairros e dos valores que experiências como os *baile funks* possuíam para a juventude.

De acordo com Diógenes (2003), Ribeiro(2010) e Vasconcelos (2016), os *bailes funks* na capital cearense aconteceram nos anos 1980 e 1990. Esses eventos não só são importantes para serem refletidos como também necessários para o entendimento da história das torcidas, uma vez que parte dos jovens que vivenciaram aqueles bailes passou a integrar as torcidas organizadas, quando os *bailes funks* foram proibidos.

A interdição dos bailes funks resultou numa remodelação significativa das torcidas organizadas, principalmente por dois motivos: primeiro, a interdição dos bailes não implicou a dissolução das significações organizadoras das sociabilidades que lhes eram características; segundo, com o fim dos bailes, todo aquele contingente juvenil que os frequentava migrou para as torcidas organizadas, com a mesma demanda por poder e enfrentamento (RIBEIRO, 2010, p. 115)

Dessa forma, Josiane Ribeiro lança luz sobre as continuidades dos significados dos códigos de sociabilidade entre as moças e os rapazes que frequentavam as festas *funks*, migrando e se diluindo nas torcidas organizadas. Assim, a lógica do pertencimento a um bairro

¹¹⁴ B é torcedor do Ferroviário Atlético Clube e um dos fundadores da Ultras Resistência Coral em 2005. De família oriunda do município de Uruburetama, no Vale do Curu, B tinha, no momento da entrevista em 2018, 34 anos. Viveu parte da sua vida no Bairro Mucuripe. Atualmente cursa Música e trabalha no *Barbarians Pub*.

e território específico, aliada à identidade forjada em torno do time, era o que alinhava um(a) jovem ao pertencimento a um ou outro grupo de torcida. Os efeitos desse reordenamento são expressivos na medida em que evidencia o porquê dos torcedores organizados, até hoje, entoarem, no percurso – e dentro – dos estádios, gritos em alusão ao bairro que experimentam.

As subdivisões das torcidas organizadas esquadriham a cidade de acordo com o bairro ao qual pertencem (...). Cada bairro de periferia vai de galera para o estádio, e quase sempre é mencionado assim: bairro X é Ceará; Bairro Y é Fortaleza (...). A torcida opera um sentimento de posse em relação à sua subdivisão: esse espaço da cidade me pertence e eu carrego para onde eu vou. É preciso que as torcidas exerçam um poder de comando, de domínio nas áreas onde se situam suas subdivisões (DIÓGENES, 2003, p. 86).

Nesse sentido, a socióloga Glória Diógenes elabora o trajeto dessas relações socioespaciais instituídas por meio de um “sentimento de posse” da torcida para com a subdivisão dos territórios. A divisão das torcidas organizadas mapeia não só o pertencimento do sujeito ao bairro – a sua galera, mas também o sentimento de posse das torcidas com os territórios do espaço urbano. Dessa forma, há, de um lado, uma dispersão do poder pelos bairros e, de outro lado, a conformação da cidade das torcidas por meio do esquadrihamento produzido pelas subdivisões das torcidas organizadas.

Com frequência, uma das implicações das subdivisões consiste no momento em que a rivalidade entre os bairros se aguça tão intensamente de modo que passam a surgir conflitos entre torcedores do mesmo clube – mas de bairros diferentes –, muitas vezes para incorporar e ser reconhecido pelo capital simbólico do poder e do enfrentamento, conforme afirma o sociólogo Artur Vasconcelos:

O bairro é tão importante para os torcedores organizados que, muitas vezes, é motivo de brigas e rivalidades severas entre torcidas, inclusive de um mesmo time. Já citei os conflitos entre Cearamor vs Fúria Jovem e Cearamor vs MOFI. Entre as Organizadas do Fortaleza EC, a disputa TUF vs Jovem Garra Tricolor (JGT) é marcante. Se nos bailes funk torcedores de diferentes times conseguiam conviver em um mesmo grupo, unidos pelo bairro, nas torcidas a convivência entre alguns torcedores é tensa justamente porque eles são de bairros rivais. Desse modo, nesses casos, o “bairro em comum” aparece como fator de integração mais forte do que o “time em comum”, exatamente como acontecia nas festas funk. (VASCONCELOS, 2016, p.46)

Para compreender a complexidade das tramas e dos seus significados, uma das chaves interpretativas para a compreensão dos confrontos e das rivalidades se refere à virilidade, de tal forma que impulsiona à briga, ao combate e à corporalidade entre os sujeitos. A experiência advinda dos bailes funks atravessava também a virilidade desenvolvida nos confrontos entre as

torcidas, que traziam à tona a performatividade, o ritmo e as táticas colocadas à prova nas festividades *funk*.

A construção das experiências dos jovens frequentadores de bairro também implicava em (...) uma aprendizagem relacionada à construção de uma corporalidade aguerrida, voltada ao conflito. Para tanto, durante o período de aprendizagem, era preciso o preparo do suporte físico do corpo e a construção da sustentação emocional para o combate (RIBEIRO, 2010, p. 108).

Dessa forma, um dos depoentes, A¹¹⁵, lança luz sobre esse período ao recordar sobre essa lógica construída pelas torcidas organizadas: “Nos anos 1990, conflitos já existiam, brigas entre as torcidas existiam, já era um reflexo ali ligado a questão dos bailes funks. Quando os bailes funks foram proibidos aqui em Fortaleza, os conflitos entre os bairros acabaram se incorporando nas torcidas organizadas”. (A, 2016, entrevista realizada em Fortaleza). A narrativa de A evidencia que, para a compreensão da complexidade da violência das torcidas organizadas, não se pode dissociar das problemáticas sociais mais profundas da época.

Assim, é relevante reforçar que esse fenômeno da violência nas torcidas organizadas não deve ser apreendido superficialmente enquanto manifestações irracionais de “selvageria”, tendo em vista que a caracterização da ação violenta como irracional e incivilizada a inclui dentro dos limites do patológico e do penal, dificultando o debate responsável e ético sobre suas causas e consequências. Nessa perspectiva, a violência, segundo Garriga Zucal (2005) é uma ação nutrida de significados pelos atores que necessita ser compreendida por meio das relações sociais profundas, como as desenvolvidas por Josiane Ribeiro

O baile funk se coloca como um espaço de continuidade dessa lógica demarcatória e seu poder agregador e de atração sobre os jovens frequentadores advinham da continuidade oferecida pelo baile às marcações identitárias daí decorrentes, ao passo que oferecia o efeito arena, imprescindível para a constante construção dessa formação cultural juvenil (RIBEIRO, 2010, p. 110).

Ao analisar as nuances da formação cultural juvenil, Josiane Ribeiro traz à tona os significados das identidades enquanto resultado da atração e do poder agregador estabelecidos pela lógica demarcatória. Portanto, utilizamos o repertório do diálogo com os sociólogos Vasconcelos, Ribeiro, Diógenes e Garriga Zucal a fim de esmiuçar a complexa trama da

¹¹⁵ A é torcedor do Ferroviário Atlético Clube e integrante da torcida Ultras Resistência Coral desde os primeiros anos do grupo. Formado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, A é professor da rede pública estadual do Ceará. Para esta tese, A teve importância ímpar por ter sido o primeiro integrante da URC que entrevistei. Nesse sentido, ele que me tornou conhecido pelos membros da URC enquanto pesquisador, uma vez que o conheci em 2012 quando éramos professores do Liceu do Ceará. Dessa forma, os depoimentos realizados por meio de entrevistas com demais membros da torcida tiveram a colaboração de A.

violência entre as torcidas a partir da relação entre virilidade, códigos e lógica do comportamento nas culturas jovens, que, associado ao território que vivenciam, extrapolam as fronteiras físicas do espaço e expandem para a cidade em geral:

O Território se constitui como marca que cada um carrega para onde vá, marca que cada um carrega dentro de si, cujo terreno cartográfico é, fundamentalmente, o corpo. O território das gangues é movediço. Ele se constitui sob o referente territorial, o lugar de moradia e circula, explicita-se, através do nomadismo de seus integrantes, em pontos diversos da cidade. É desse modo que a cada lugar de encontro, de festa, uma mesma trama territorial se desenha. As divisas dos bairros projetam-se nos estádios, através das torcidas organizadas e nos bailes funks através das galeras (DIÓGENES, 1995, p. 145).

Uma das implicações do impacto do significado dessa lógica em torno do território foi que a interdição dos bailes *funks* não pôs fim significativamente aos valores e aos sentidos atribuídos pela juventude às sociabilidades e às experiências tecidas na malha urbana de Fortaleza. Como uma lógica de continuidade e de agenciamento à proibição levada a cabo contra as festas *funk*, as torcidas funcionaram como espaço para a transposição das *sociabilidades de conflito*.

Nesse sentido, um dos efeitos dessa migração foi a *funkerização* das arquibancadas a partir dos ritmos, coreografias e composição das letras entoadas pelas torcidas organizadas. Esta *funkerização* das torcidas organizadas representa, na história dos modelos coletivos do torcer, uma singularidade na transição dos ritmos majoritariamente imiscuídos nos estádios de futebol: das marchinhas de carnaval e do samba nas charangas à inserção do funk nas arquibancadas. O jornal Diário do Nordeste, na reportagem intitulada *Pancadão de Arquibancada*, traz à tona essa mutação.

Primeira metade do século XX. Lamartine Babo, autor das mais célebres marchinhas de carnaval, dá voz ao futebol, criando hinos para os principais times cariocas – entre eles, Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense. Tempo de poesia e banda de fanfarra nos estádios. Primeira metade do século XXI. O funk desce os morros cariocas, invade as boates mais badaladas de São Paulo e toma conta das arquibancadas. Tempo de rivalidade e pancadão nos estádios. (Diário do Nordeste, 25.maio.2005, 02c)

Infere-se da estrutura narrativa do texto o deslocamento temporal realizado pela imprensa ao retratar o *tempo de poesia e banda de fanfarra nos estádios* das marchinhas de carnaval na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro. Em contrapartida, a primeira década do século XXI revela um período em que o funk sai dos morros cariocas para as arquibancadas constituindo o *tempo de rivalidade e pancadão nos estádios*.

Não que esse seja o único ritmo entoado pelas torcidas organizadas. Tem um pouco de axé e muitas paródias de hits das rádios – como “A Festa” [Música cantada pela Cearamor] e “Sorte grande” [Música cantada pela TUF], de Ivete Sangalo; e até clássicos de bandas do calibre de Queen [Música cantada pela TUF]. Uma misturada doida que tem como carro chefe a batida do funk. Tudo devidamente registrado em CD. (Diário do Nordeste, 25.maio.2005, 02c)

A gravação das músicas em CD consistiu em uma tônica das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza a partir de 1999, com uma vendagem de milhares de cópias que se espalharam pela cidade, o espaço privado e íntimo das residências e sons de carros em dias de jogos. Talvez fosse difícil não encontrar nos trajetos em direção aos estádios os carros que tremiam com as músicas em alto volume no interior dos veículos, como uma espécie de rito dos torcedores para aquecimento até a chegada no estádio.

Tal rito não era praticado apenas pelo torcedor organizado, mas também pelas famílias e grupos de amigos, eu mesmo e meu pai adorávamos reproduzir essa prática. Contudo, os versos das músicas incitavam à práticas violentas, termos como “bonde” e “alemão”, vindos do tráfico carioca, e sons de tiros acompanhando as batidas, surpreendiam e despertavam a atenção. Tratava-se sobretudo de uma festa do senso comum, do imaginário mais rústico, dos desejos na forma mais bruta, abrindo caminho também para a manifestação de preconceitos étnicos, raciais, sexuais e de gênero.

Nessa perspectiva, a imprensa local busca explicar, mediante as torcidas organizadas, o processo de gravação e de vendagem dos CDs que fortaleceu esse processo de *funkerização* das arquibancadas.

As gravações acontecem em estúdios profissionais, caso dos discos produzidos pela Cearamor, torcida organizada do Ceará; ou são feitas em estúdios caseiros, como prefere fazer a TUF, Torcida Uniformizada do Fortaleza. “O DJ tem um programa de sampler no computador, capta a voz num microfone bom e passa para MD”, explica Ricardo Fontenelle, vice-presidente da torcida do Leão. De um jeito ou de outro, as gravações não fazem feio, o som tem qualidade e o resultado agrada.

Nas lojas das duas maiores torcidas do estado, TUF e Cearamor, os CDs têm boa saída. Cada volume lançado tem tiragem média de mil exemplares e os números começam a crescer. O CD lançado em comemoração aos 20 anos da Torcida do Vozão vendeu mais de quatro mil cópias e o último volume lançado pela TUF teve mil cópias vendidas em dois meses e mais duas mil unidades devem chegar às lojas ainda esse mês. As torcidas costumam gravar pelo menos três CDs por ano. São aproximadamente 6 mil cópias vendidas anualmente por cada uma. (Diário do Nordeste, 25.maio.2005, 02c)

A circulação dos CDs alcançou rapazes e moças em Fortaleza ao mesmo tempo em que construiu e direcionou as torcidas organizadas para a empresarização dessas instituições no século XXI. Todas essas transformações consideradas até aqui diagnosticam não só a

popularidade alcançadas pelas torcidas organizadas na década de 1990, mas, para além disso, compõem uma ressignificação da cultura juvenil mais ampla, que produz novas cidades dentro da cidade de Fortaleza a partir da transposição dos bailes *funks* para as arquibancadas. Ao analisar as experiências musicais da juventude em Fortaleza, o historiador Francisco José Gomes Damasceno esboça a categoria de deslocamento ‘geo-estético’ para dar conta da inserção de sujeitos em novos espaços, para além dos clubes de classe média nos quais se partilhava inicialmente a experiência musical.

Amalgamando todos esses aspectos, consubstanciados nesse deslocamento, estão suas experiências de vida, suas experiências musicais, que dão a esse movimento um caráter de duplo deslocamento, por um lado estético e por outro geográfico, ou mesmo geopolítico, daí por que falamos em deslocamentos ‘geo-estéticos’ em Fortaleza. Utilizo a noção de ‘deslocamento geo-estético’ como uma fusão do espaço geográfico e da manifestação estética e que dá sentido a esses espaços, configurando assim, com base na idéia de que o espaço é o lugar praticado, uma outra dimensão: a dimensão da arte de viver, de viver com as referências de beleza por eles instituídas, e, assim, elegendo as trajetórias a serem estabelecidas dentro do universo urbano, que redimensiona o espaço a partir da arte (música, dança) e instaura a cidade na qual vivem, dentro das muitas cidades existentes na cidade de Fortaleza (DAMASCENO, 2007, p.231).

De certa forma, as torcidas organizadas foram atravessadas, na transição do século XX para o XXI, pelos deslocamentos geo-estéticos, tendo em vista, de um lado, a multiplicação dos jovens dos bairros periféricos nessas instituições, que redefiniu a geografia das rivalidades no espaço urbano, e, por outro lado, a estética da *funkerização*. Ambos deslocamentos, portanto, redimensionaram o espaço urbano a partir do torcer, instaurando, tal como na lógica das experiências musicais, instaurando a cidade dentro das muitas cidades existentes em Fortaleza.

Antes de esmiuçar as implicações da lógica empresarial e concorrencial das torcidas, a partir deste momento abordaremos a trajetória das principais torcidas organizadas da cidade de Fortaleza.

3.3) “Ferroviário é foda, é tradição não é moda, quem disse que acabou, eu digo nada mudou!”¹¹⁶”

Neste subtópico abordamos a emergência da torcida Falange Coral e os sentidos atribuídos pelo agrupamento na história das torcidas organizadas, que a possibilitaram

¹¹⁶ Trecho de uma música cantada pela torcida do Ferroviário Atlético Clube. Nas entrevistas realizadas nesta tese com componentes de torcidas organizadas, uma das minhas intervenções solicitava a recordação de um cântico que marcou a trajetória do depoente. Dessa forma, quando iniciamos tópicos de capítulos nessa investigação sobre torcidas específicas, utilizamos o recurso de transpor a música para o título.

permanecer em atividade da sua criação até a atualidade. Ao ser fundada no dia quatro de novembro de 1990, simultaneamente a Falange Coral compartilha elementos das torcidas organizadas fundada nos anos 1980, mas incorpora novos aspectos que consolidaram a torcida ao instituir um novo padrão de relações sociais com as demais torcidas organizadas.

Assim, para lançar luz sobre a trajetória da Falange Coral e o modo como alcançou um expressivo *status* diante das torcidas organizadas nos anos 1990, nossa reflexão tem como ponto de partida a trajetória de João Batista Silva Trigueiro¹¹⁷, popularmente conhecido como João Gererê. Influenciado pela tradição coral da família, Gererê é torcedor do Ferroviário desde a infância, quando adulto se licenciou em história, mas atualmente trabalha na área de vigilância e de segurança armada.

Minha relação com o ferroviário já veio desde criança, hereditariedade, né, porque a minha família tinha um monte de torcedores do Ferroviário, uma boa parte. Muitos irmãos e alguns deles eram torcedores do Ferroviário, inclusive meu falecido pai. Vem de pai pra filho, só que meu pai deixou de ir pro estádio quando eu era criança, porque meu pai era um torcedor meio que frustrado com o Ferroviário em relação a certas fatalidades que aconteceram com o clube, perda de campeonato e tal. Meu pai era meio retrógrado em relação ao Ferroviário, ele gostava muito do clube dele mas ficou meio que cético, sabe? (TRIGUEIRO, 2020, entrevista realizada em Fortaleza).



Imagem 29 – Puxadores da torcida Falange Coral
Fonte página Falange Coral Velha Guarda no *Instagram*

João Gererê passou a integrar a Falange Coral em 1992, dois anos após a fundação da torcida. No intervalo de dezoito anos de participação, Gererê vivenciou transformações na Falange Coral que atravessam a ascensão da torcida no biênio 1994-1995, quando o Ferroviário

¹¹⁷ João Batista Silva Trigueiro, mais conhecido como João Gererê, é torcedor do Ferroviário Atlético Clube e integrante desde 1992 da torcida organizada mais antiga em atividade, a Falange Coral. Nascido em Fortaleza, no momento da entrevista em 2020, tinha 42 anos de idade. Formado em história, atualmente trabalha na área da segunda de vigilância armada.

foi bicampeão do campeonato cearense de futebol. Nesse intervalo de dezoito anos compo a torcida organizada, por muito tempo ele esteve à frente da festa na arquibancada, como retrata a imagem acima, de camisa de cor amarela. A fotografia expressa a posição de Gererê enquanto *puxador* da torcida, personagem que, localizado em cima de uma mesa posta na arquibancada, responsabiliza-se pela coordenação da ação das torcidas. Entretanto, não se trata apenas de mobilizar os integrantes, o *puxador* refere-se a um sujeito que é referência e detém certo capital simbólico na torcida que o diferencia dos demais a partir do tato e da sensibilidade para coordenar o grupo.

Dentre as transformações desde a fundação da Falange Coral, João Gererê enfatizou a ressignificação do grupo por meio da ampliação do número de integrantes, além da recessão no século XXI a partir da crise pela qual passou o clube.

Na realidade, a Falange Coral é de 1990, eu entro em 1992, era uma torcida com cerca de 10 a 15 atuantes no estádio, no máximo. Naqueles tempos os grupos, principalmente em Fortaleza, ainda não tinham uma definição de torcida organizada. A Falange é de 1990 e eu sou de 1992, os fundadores são os irmãos Fiúza, a Família Fiúza ali do Rodolfo Teófilo [bairro]. No caso, as torcidas organizadas só se configuram como organizadas no atual formato, pelo menos a Falange Coral, a partir de 1994, antes disso ela era apenas um grupo de amigos que se reunia nos estádios, com as demais torcidas organizadas do ferroviário. (TRIGUEIRO, 2020)

Na narrativa tecida por João Gererê, há a divisão da trajetória da Falange Coral em dois períodos distintos, antes e depois de 1994, classificação baseada em critérios do seu lugar de fala e do que se tornaram as torcidas organizadas. Assim, nota-se uma clivagem entre o período da fundação da torcida – um grupo de amigos que se reunia nos estádios – e o formato “atual” das torcidas organizadas, que se refere à conduta que adquiriu em determinado momento.

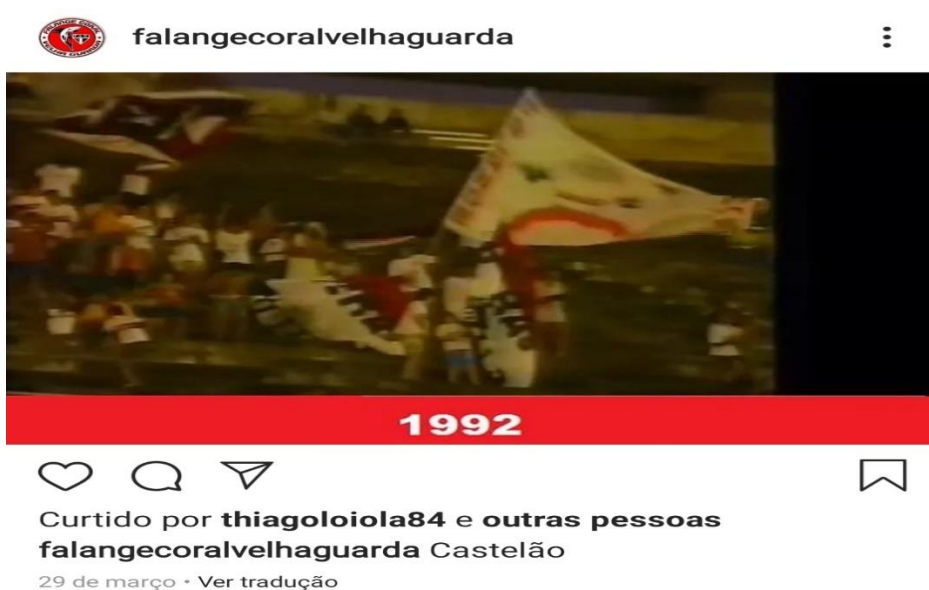


Imagem 30 – Torcida Falange Coral no Estádio Castelão em 1992

Fonte página Falange Coral Velha Guarda no *Instagram*

Bem, em 1994 especificamente a falange coral assume o *dna* da torcida organizada, a chamada *torcida de pista* como é dita hoje, essa expressão não era usada nos anos 1990. Hoje, assim, nós temos vários tipos de *dna* de torcidas organizadas: nós temos torcida antifascistas, torcida chopp, torcida de pista, temos até torcidas cristãs. Mas, nessa época, não existia essa citação pista, essa torcida que vai pra pista, vai pra briga, pro confronto. Então a Falange assume esse *dna* da época, mas lembrando que não tinha essa citação, essa nomenclatura, né? Ela assume a posição de realmente sair de apenas ser um grupo de 10 a 15 pessoas que usavam a camisa e assume a liderança da arquibancada como torcida organizada do Ferroviário, e deixando essa posição de grupo de amigos para outras torcidas do ferroviário, que logo após o bicampeonato praticamente todas se acabaram, todas foram extintas. Praticamente não... todas! Sobrando apenas a Falange Coral (TRIGUEIRO, 2020).

O depoimento de João Gererê demarca a importância da mudança da Falange Coral para uma modalidade de torcida que ele define como *torcida de pista*. Vale ressaltar, em contrapartida, a historicidade dos eventos e dos conceitos, uma vez que o depoente utiliza uma terminologia do presente para caracterizar um fenômeno que ocorre em meados dos anos 1990. Nesse sentido, o relato de João Gererê retrata essa transição, que demarca os elementos incorporados pela Falange Coral – *uma torcida que vai pra pista, vai pra briga, pro confronto* – assumindo uma posição de liderança da arquibancada e deixando de ser *uma torcida de amigos*. Na foto acima, percebe-se o período inicial da formação da Falange Coral, ainda no ano de 1992 no Estádio Castelão, denotando esse período em que Gererê a caracteriza enquanto torcida de amigos.

Contudo, a partir de 1994, a designação *torcida de pista* - utilizada só posteriormente mas retomada por Gererê - consiste em um recurso para definir essa transição que modificou a

trajetória da Falange Coral e que remonta à virilidade entre as torcidas e a lógica dos códigos elaborados a partir de relações sociais profundas advindas das experiências territoriais e das rivalidades construídas com as subdivisões das torcidas em bairros.

Na realidade a minha geração, eu posso dizer que foi a geração que realmente fez com que a Falange Coral virasse, além de um grupo de amigos, virasse uma torcida organizada... Eu posso dizer que a minha geração, que sou eu, Adalberto, os meninos aqui da Itaóca [bairro] e muitos companheiros aí, que têm mais ou menos o mesmo tempo de torcida ou praticamente o mesmo tempo: aqueles que entraram entre 1992 e 1994 foram os que deram a identidade que a falange tem até os dias de hoje (TRIGUEIRO, 2020).



Imagem 31 – Esquadrão Itaoca da TFC

Fonte página Falange Coral Velha Guarda no *Instagram*

Apreende-se das recordações narradas por João Gererê uma predisposição para enfatizar a experiência do que ele denomina “minha geração”, em uma espécie de apologia, que talvez pode ter discordância com a posição de, por exemplo, um dos fundadores¹¹⁸ da torcida. Contudo, não estamos de alguma forma descreditando a narrativa do nosso depoente, mas ressaltando particularidades do esquecimento, do silenciamento no ato de recordar. Assim, a partir da fala de Gererê, depreende-se a relevância do território ao recordar sob a forma de “os meninos aqui da Itaóca”, bairro que tinha uma representatividade nas subdivisões da torcida, segmentos estes que na Falange Coral eram denominados de *esquadrão*.

¹¹⁸ Segundo o perfil na rede social *Instagram* denominado Falange Coral Velha Guarda, a Família Fiúza, através dos irmãos Plácido Marinho e Júnior em conjunto com os irmãos Audisio e André, foram os responsáveis pela criação da TFC.



Imagem 32 – Esquadrão Feminino da torcida Falange Coral
Fonte página Falange Coral Velha Guarda no *Instagram*

Esse processo de referencialidade a partir do território dos bairros e da galera com a qual vivencia a torcida e o estádio também foi lembrado por outros torcedores do Ferroviário, que expressam a representatividade da torcida no momento da ascensão de meados dos anos 1990:

(...) E o Ferroviário já não vinha em uma crescente, a torcida tava meio acanhada em relação as demais. Mas em 94-95 eu recordo que houve um levante, um levantamento da torcida coral, inclusive nesses ditos bailes funks. Nós éramos poucos, mas, quando eu lembro do bicampeonato, eu lembro que, inclusive nos estádios, nós fazíamos frente as demais. Inclusive nesses ditos bairros onde as torcidas maiores naquele momento eram hegemônicas, digamos assim, ou dificultam nossa presença quando nós éramos minoria absoluta. (B, 2018)

Portanto, a rivalidade entre os bairros perpassava, não homogeneamente, para as relações entre as torcidas organizadas, especialmente as duas maiores torcidas organizadas rivais, TUF e Cearamor. Com a ascensão da Falange, a partir da transformação definida como *torcida de pista* por Gererê, a disputa se acirrou entre as torcidas dos três clubes da capital.

Na realidade nós queríamos rivalizar com as organizadas de Ceará e Fortaleza, que eles já tinham se estabelecido como torcida organizada. E, em relação a violência, as torcidas daqui de fortaleza tinham como referência as torcidas do Rio e São Paulo. No ápice das brigas de torcidas, principalmente em são Paulo, no Rio já aconteciam muitas, inclusive no Rio aconteciam muitas mortes nos encontros das torcidas no metro no próprio trem, é muito cultural no Rio de Janeiro. Em São Paulo idem, mas, quando veio o advento daquela Batalha do Pacaembu entre São Paulo e Corinthians pela Copa São Paulo de Juniores, onde há a punição, então aquilo foi também um divisor de água em relação ao sentimento que é instaurado nas torcidas em relação a pista, as tretas, as brigas, elas vão se acirrar mais a partir daquele momento e isso reflete aqui em fortaleza (TRIGUEIRO, 2020).

As lembranças de Gererê trazem à tona a história das torcidas organizadas no Estado do Ceará sem dissociar dos eventos que marcaram nacionalmente o modo de agir e a maneira como as torcidas organizadas passaram a ser alvo da criminalização após o que ficou conhecido como o Caso Pacaembu em 1995¹¹⁹. A narrativa de Gererê aponta para os desdobramentos desse evento, que significou um divisor de águas também para as torcidas organizadas em Fortaleza, implicando no acirramento dos confrontos como resultado e – em paralelo – à situação dos agrupamentos do Rio de Janeiro e de São Paulo.



Imagem 33 – Torcida Falange Coral em 1995 no Estádio Presidente Vargas
Fonte página Falange Coral Velha Guarda no *Instagram*

No perfil da rede social *Instagram*, Falange Coral Velha Guarda, que aciona a memória coletiva da torcida a partir de publicações dos primeiros anos da instituição, há o registro que retrata a torcida do Ferroviário em 1995 no Estádio Presidente Vargas (PV). A fotografia expressa a extensão formada pela torcida Falange Coral atrás do gol ao fundo da imagem, evidenciando as transformações ocorridas no agrupamento desde a sua fundação em 1990.

¹¹⁹ Uma reflexão mais aguçada sobre as implicações da Batalha do Pacaembu, particularmente relacionadas à intensificação da criminalização das torcidas organizadas, pode ser conferida a partir da matéria assinada por Fabio Perina, disponível em <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/pacaembu-22-anos-depois/>. Acessado em 01.abr.2020.



Imagem 34 – Torcida Falange Coral no Estádio Castelão em 1998
 Fonte página Falange Coral Velha Guarda no *Instagram*

Sobre as motivações que causaram o descenso da torcida Falange Coral nos anos 2000, Gererê atribui à crise em razão da falta de títulos pela qual passou o Ferroviário, inviabilizando a estruturação da torcida, tendo em vista a falta de mobilização dos torcedores. Diferentemente, por exemplo, das torcidas do Rio de Janeiro e de São Paulo que, de acordo com Gererê são empresas que funcionam como “máquinas de ganhar dinheiro”:

Porque até então as torcidas de São Paulo sempre foram referências como organizações e propriamente dita empresas, né? As do Rio era mais a questão de arquibancada, festa, mas, organizacionalmente, institucionalmente elas eram de certa forma longe de bater de frente com as torcidas de São Paulo, e até hoje sempre foram. Prova é tanto que as torcidas de São Paulo hoje são *máquinas de ganhar dinheiro* [grifo meu], até por conta de estrutura, quantidade de integrantes, as parceiras que eles têm, o próprio carnaval que impulsiona muito com a inserção das torcidas organizadas no carnaval. E, aqui no nordeste, têm muitas torcidas que são máquinas de ganhar dinheiro, quando eu falo assim, viraram *empresas* literalmente por conta do tamanho. A *Falange* infelizmente acompanhou a nossa derrocada da metade dos anos 1990 e dos anos 2000, esse período que a gente passou essa seca de títulos. Infelizmente a torcida diminuiu, colheu, a Falange acompanhou esse fenômeno e, na relação de quantidade, com relação à estrutura, à mudanças, eu tenho que ser sincero que a gente pouco mudou, né? Até por conta do nosso tamanho, a gente tem uma certa organização, mas longe, longe, longe de bater a organização aqui dos rivais. Uma série de fatores que influíram negativamente pra isso acontecer (TRIGUEIRO, 2020).

Nessa perspectiva, a trajetória da torcida Falange Coral foi permeada de diferentes momentos desde a iniciativa de um grupo de amigos, *dna* característico dos primeiros anos de experiência da TFC, passando para o seu auge na medida em que se tornou uma torcida de pista até a decadência nos anos 2000. Mediante a ascensão das torcidas organizadas dos times rivais,

a TFC não acompanhou o processo de desenvolvimento e de estruturação de modo a constituir, conforme Gererê retratou, empresas capazes de gerar lucro.

3.4) Cearamor... Cearamor... Cearamor... CearAMOR... E vai rolar a festa, vai rolar, o povo alvinegro mandou avisar!

Este subtópico lança luz sobre a conformação da torcida organizada Cearamor, criada no dia vinte e seis de outubro de 1982. A trajetória da Cearamor tem um significado simbólico e singular diante da história das torcidas organizadas na cidade de Fortaleza, tendo em vista que, dentre os atuais agrupamentos torcedores em atividade, trata-se da mais antiga ao ter sido fundada ainda nos anos 1980, momento de profusão das torcidas organizadas.

À vista disso, a Cearamor, assim como as demais organizadas dos anos 1980, teve sua origem associada à iniciativa de jovens que, para apoiar o seu clube, instituíram uma redefinição das lideranças das torcidas naquele contexto. Para tanto, essa juventude utiliza bandeiras com mastros, fogos de artifício e faixas, constituindo um novo modelo de torcer que constrói um espaço importante nos espaços do time, tendo em vista que, para além do apoio, também estabelecia protestos contra a diretoria quando necessário.

(...) Você tem a Cearamor ali nos anos 1980, são jovens que têm um olhar diferente pro futebol, o jeito de torcer. Eu lembro de uma fala de um dos fundadores, o Edmilson, que ele diz que teve no Rio em um jogo do Botafogo, viu ali aquela torcida organizada do Botafogo, Torcida Jovem, e naquele momento ele achou: vamos inovar lá na capital cearense, temos que levar esse jeito de torcer. Acaba que tem uma transformação na arquibancada com a introdução dos mastros com bandeira, a própria questão da camisa, a vestimenta específica, que vai fazer com que haja esse diferencial (PIRES, 2020).



Imagem 35 – Fundadores da Cearamor

Fonte Acervo Pessoal Edmilson Filho

Nesse seguimento, para refletir sobre a importância da torcida Cearamor no cenário da história das torcidas organizadas, far-se-á uso da trajetória de Régis Alves Pires¹²⁰, torcedor do Ceará Sporting Club e integrante da torcida desde o início dos anos 1990, além de compor a diretoria da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG)¹²¹. Vejamos como ele retrata a sua experiência:

Assim como quase toda criança quando nasce, no Brasil, você tem o primeiro contato com a bola, e não foi diferente comigo. Meu pai, torcedor do Ceará Sporting Club, amante do futebol nacional, influenciou meus primeiros passos dados... Lembro muito da Copa do Mundo, gostava de sempre acompanhar os jogos na Copa do Mundo, então tenho boas recordações dos jogos da seleção brasileira. E é o que vai nos levando a essa paixão do futebol. E minhas primeiras idas ao estádio foi com ele, até porque ele era servidor público estadual na área da segurança, e o local de lotação dele de trabalho era próximo ao estádio Presidente Vargas. Eu lembro que, aos domingos, ele me levava ao local de trabalho dele e quando terminava o expediente, no fim da tarde, a gente ia para os jogos prestigiar o Ceará Sporting Club pelo certame cearense, nacional (PIRES, 2020).

¹²⁰ Régis Alves Pires tem 42 anos de idade e atua como professor da rede pública municipal de Itapipoca, município distante aproximadamente 135 quilômetros de Fortaleza. Nascido na capital cearense, Régis atualmente também é coordenador estadual de formação política do Movimento Negro Unificado e diretor da Associação Nacional de Torcidas Organizadas (Anatorg). Participou do Intercâmbio realizado na Alemanha através do projeto da Secretaria de Juventude da Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, que promoveu a troca de experiências entre torcedores organizados de vários estados do Brasil em algumas cidades da Alemanha. Disponível em <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/jovens-de-torcidas-organizadas-participam-de-intercambio-na-alemanha>. Acessado em 23 de maio de 2020.

¹²¹ Criada em 13 de dezembro de 2014, a Associação Nacional de Torcidas Organizadas (Anatorg) busca construir um elo entre as torcidas organizadas, o poder público e instituições privadas para promover o enfrentamento à violência, além da tentativa de desconstruir a criminalização desses agrupamentos.

Acerca das primeiras experiências nos estádios, na primeira metade dos anos 1980, Régis Pires retrata a maneira como foi construindo sua identidade antes de adentrar para a torcida Cearamor:

A questão do contexto estrutural do estádio, o local no qual ficava, como agentes da segurança pública tinham entrada livre no estádio por um determinado local, nesse primeiro momento eu não estava inserido ali no setor de arquibancada onde especificamente ficavam os movimentos de torcidas organizadas, alguns que hoje nem estão mais presentes no estádio, deixaram de estar, não são mais torcidas ativas. Então eu ficava no setor onde hoje você tem as cabines de rádio, tem essa relação diferencial social também, né? Nos dias atuais é mais voltado ao setor privilegiado do Estádio Presidente Vargas. Até porque o estádio era próximo a minha casa e nos anos 1980 minhas recordações de estádio é no Presidente Vargas. A partir dos anos 1990, é que eu tive acesso ao estádio castelão, estrutura maior, na época capacidade para mais de cem mil pessoas (PIRES, 2020).

Dessa forma, a partir dos anos 1990 Régis Pires passa a compor a torcida organizada Cearamor, fundada no momento em que a Ditadura Civil-Militar ia se distendendo através de dispositivos que não tornassem a transição democrática um rompimento total com o governo militar:

E em 1992 comecei a frequentar assistir os jogos no meio da torcida organizada, no caso a Associação Torcida Organizada Cearamor, fundada em 1982 por um grupo de torcedores do Ceará Sporting Club que, naquele momento, é necessário a gente ter uma compreensão política, um período que estávamos vivenciando o fim do período ditatorial que influencia nesses grupos e associações que se formavam, né? Havia também um olhar muito diferente da área da segurança pública. Iatagan, entre outras pessoas, estão inseridas no meio desses fundadores, outros vão chegando depois, o Maurício, o Delmiro, Claudio Raulino... E sem também esquecer um nome importante na fundação, que é o Edmilson, que é quem articula o nome Cearamor. Ele é o idealizador do nome e, claro, muitas coisas vão acontecendo ao redor ali do seu bairro, do seu convívio e da sua casa, enfim... (PIRES, 2020)



Imagem 36 – Torcida organizada Cearamor nos anos 1980

Fonte Acervo Pessoal Edmilson Filho

Assim, a emergência da Cearamor nos anos 1980 se insere em um processo em que homens e mulheres ressignificavam a história do torcer a partir da padronização das camisas, do uso massivo de bandeiras com mastros e faixas. Naquele período, como também recorda Regis Pires, caracterizava-se pela novas formas de expressão da juventude que ocupavam espaços como o estádio, ainda que sob uma lógica diferente da percepção pelo poder público. Os fundadores da Cearamor, Yatagan, Edmilson, Ossian, Brás entre outros, promoveram a união de amigos em torno da vida associativa do clube que se estendeu da fundação até a atualidade. Nesse sentido, estes atores sociais, compartilhando das práticas tecidas por outras torcidas organizadas, utilizavam o recurso da imprensa para divulgar suas ações, conforme publicação do Diário do Nordeste parabeniza a torcida pelos seus dois anos em 1984:

A torcida organizada “Cearamor” comemora hoje seu segundo aniversário de existência, em solenidade em que algumas pessoas e empresas, entre as quais o Sistema Verdes Mares de Comunicação, serão homenageados por serviços prestados à entidade. O evento acontecerá na Rua Padre Ambrósio Machado, 630, no Bairro do Montese, residência do presidente da “Cearamor”, Edmilson Filho. Todos os componentes dessa facção são convidados a comparecer à solenidade que terá início as 20 horas. Alguns dos componentes da torcida serão homenageados pelo trabalho que desenvolveram para que a “Cearamor” fosse organizada e progredisse de 82 até hoje. (Diário do Nordeste, s/d)

Entretanto, a continuidade da torcida Cearamor foi atravessada também por momentos de inflexão em que seus integrantes tiveram dificuldades para manter as atividades da torcida na segunda metade dos anos 1980:

Porque também depois da fundação, há um período ali no final dos anos 1980, que ela vai deixar de frequentar os estádios, e se reativa novamente nos anos 1990 com a visibilidade das competições a nível nacional que o Ceará participa. Isso aí você vai perceber muito bem através das imagens em redes sociais onde em 1994, por exemplo, na final da copa do brasil, o estádio com mais ou menos cem mil torcedores e a imensidão que é a Cearamor. Ela ficava ali no meio da arquibancada que especifica a divisão do campo, em destaque a nível de mídia (PIRES, 2020).



Imagem 37 – Torcida organizada Cearamor no Estádio Castelão em 1994
 Fonte página Cearamor Coral Velha Guarda no Instagram

Percebe-se, portanto, que, dentre as dezenas de torcidas organizadas que foram extintas nos anos 1980 – devido à confluência de várias motivações, como vimos no capítulo anterior a partir do caso específico da Garra Tricolor - a Cearamor conseguiu reativar seu agrupamento nos anos 1990, década em que, além de se reerguer, alcançou um patamar expressivo com a rivalidade desenvolvida com as torcidas dos times rivais.

Dessa forma, a década de 1990 foi um período de reordenamento não só da Cearamor, mas também das principais torcidas organizadas da cidade, como a Falange Coral e a TUF, que, por diferentes motivos, redefiniram a atuação, sobretudo com a subdivisão por territórios e bairros. Especificamente o clube Ceará Sporting Club alcançou uma promoção regional e nacionalmente ao disputar a final da Copa do Brasil em 1994, mobilizando mais intensamente seus torcedores na arquibancada.

Já com relação a mudanças, claro que a gente percebe sim mudanças, da fundação de 1982 até o início dos anos 1990. Até porque você funda torcida mas ela vai também vivenciar momentos de buscar esse território na arquibancada. Os anos 1990 é um dos períodos que a torcida vive o auge por conta de competições a nível nacional, até chegar a uma final de Copa do Brasil, que isso vai dar uma visibilidade tanto ao clube como pra torcida organizada.

A narrativa no meio da mudança, vamos supor, a ideia de deixar de frequentar, não especificamente que ela paralisa as atividades, mas por conta de você não ter as mesmas pessoas que tiveram aquela motivação no início dos anos 1980 de estar presente no estádio. É como se você estivesse presente com a faixa e não tivesse com os componentes na retaguarda da torcida. A partir de 1990 você tem eleições na torcida, há uma recomposição da nova diretoria, a instituição de sede, isso vai ajudar também. É como eu lhe disse, chega o auge nos anos 1990 pra torcida: bandeirão, material com adidas, sendo o fornecedor de material das camisas da Cearamor (PIRES, 2020).

Nota-se na estrutura narrativa elaborada por Régis Pires que, além da visibilidade do vice campeonato da Copa do Brasil, nos anos 1990 a Cearamor se reordenou por meio de eleições na torcida, nova diretoria, sede e novos adereços, como bandeirão e camisas produzidas pela Adidas. Dessa forma, se, no início dos anos 1980 a Cearamor foi fundada através da experiência de um grupo de amigos na busca pela consolidação e espaço na arquibancada, na década seguinte houve uma reestruturação com a transformação para Grêmio Recreativo Sócio Cultural registrado na Polícia Federal em um processo designado, por alguns integrantes, como “verdadeira profissionalização”.



Imagem 38 – Camisa da Cearamor na década 1980 com patrocínio Poupança BEC
Fonte Acervo Pessoal Edmilson Filho

Nessa perspectiva, a emergência, a consolidação e o reordenamento da torcida organizada Cearamor compõem a trajetória do agrupamento que direta e indiretamente esteve associada ao fenômeno da violência estruturado na urbanidade de Fortaleza ainda nos anos 1990: “Com o fim dos baile funks, é que há uma outra transformação no território arquibancada, né? Porque muitos bairros vão se identificar com o nome torcida organizada, antes você tinha aquela ideia da sua gangue de bairro, que não ia interferir no contexto de torcer lá da arquibancada”. (Régis Alves Pires, entrevista realizada em 23 de maio de 2020). De acordo com o debate refletido no tópico anterior, a proibição dos baile funks ressignificou a experiência da juventude em Fortaleza, que implicou não no abandono das práticas e sociabilidades construídas nos bailes funks, mas na permanência delas no fortalecimento das rivalidades territoriais das torcidas organizadas. No caso da Cearamor, esse processo se reverbera com a divisão da torcida em dezenas de grupos nomeados como *alas*, por exemplo, Ala Guanabara, Ala Rock, Ala Centro, Ala Ideal, Ala Funk, Ala Selvagem, Ala Terror, etc.

E eles migraram organizados, levando consigo o seu espírito de exército. A partir de então, não era mais o baile o princípio norteador destas alas, ou seja, não era mais a divisão entres os “lados” A, B e C, que determinava a geopolítica dos bairros, mas sim o critério do pertencimento a uma determinada torcida. (RIBEIRO, 2010, p.115)

A historiadora Josiane Ribeiro lança luz sobre esse processo da busca pela visibilidade pela juventude nos bairros de Fortaleza por meio da disposição e da necessidade do conflito investido pelas rivalidades territoriais. Dessa forma, a interdição dos bailes *funks*, na medida em que não implicou a dissolução das significações organizadas de uma *sociabilidade do conflito*, impactou na remodelação das torcidas organizadas, que passou a atrair os jovens na transposição dessas rivalidades.

Na composição da Cearamor, existiram historicamente algumas disputas entre os bairros que integravam a torcida. Tais disputas revelam, ao fim e ao cabo, a complexidade dos sentidos atribuídos pelos sujeitos sociais enquanto torcedor organizado, de modo que o valor significado para a sua experiência atende à várias demandas dentro da torcida, como a sociabilidade do conflito e as rivalidades entre os bairros da mesma organizada e entre outras torcidas organizadas de times rivais.

Quando eu fiz a narrativa referente aos bondes, relacionadas a grupos de bairro que não concordam por algum motivo da ideologia da torcida e do próprio estatuto... eu percebo que muitos componentes não fazem a leitura do estatuto e acabam desconhecendo totalmente o contexto ideológico onde ele está inserido. E por isso automaticamente eles se desligam da torcida e montam o seu grupo, o seu movimento de torcedores, que acaba sendo especificamente de um determinado bairro, mas que no decorrer do processo histórico ele pode atingir um status de movimento de torcida organizada (PIRES, 2020).

O depoimento de Régis Alves Pires retrata o descompasso entre o entendimento desses sujeitos, que conformam bairros integrantes das torcidas organizadas, e a proposta da instituição por meio da ideologia e do estatuto. Assim, um dos desdobramentos dessas relações de poder entre sujeito torcedor organizado – bairro – instituição torcida organizada consiste na saída de bairros da torcida para compor outra torcida organizada e, às vezes, dar origem a uma nova torcida.

Tal como acontece no processo de divisão das células, por exemplo, a mitose, os bairros dissidentes das torcidas organizadas estruturam novos agrupamentos, mesmo que quantitativamente diferente. Essa saída/abandono da torcida organizada de origem, em que a criatura se volta contra o criador, onde a torcida organizada maior é o criador e os bairros dissidentes são a criatura, revela uma divisão das torcidas baseada na dispersão do poder existente nos anos 1990.

No caso da Cearamor, dentre as disputas existentes, duas delas em especial marcaram a trajetória da Cearamor, a saída da Ala Guanabara para compor a torcida organizada Fúria Jovem¹²², e a constituição do Movimento Organizado Força Independente (M.O.F.I.).

Claro que é importante perceber que, depois da saída de determinada ala da Cearamor, ali no início dos anos 2000, e que funda a Ira Jovem... depois é que vai dar origem a M.O.F.I.. Mas, na realidade, eu não estou falando desse contexto, caberia um bom entendimento. Na realidade, a ala que eu estou citando é Ala Guanabara, e eles vão para a Fúria Jovem, interessante é que a Fúria sempre teve conflito com a Ala Guanabara, entende? Mas há a saída também, que alguns fundam a Ira Jovem e que não deu certo, e que hoje denomina-se M.O.F.I. Então nesse momento de fala é tranquila a relação da Cearamor com a M.O.F.I. (PIRES, 2000)

Dito isto, os efeitos das rivalidades territoriais e da sociabilidade do conflito produziram posteriormente a formação de uma opinião pública que criminaliza superficialmente as torcidas organizadas através do binômio violência e vandalismo, sobretudo na transição do século XX para o XXI. Tal criminalização descontextualiza e desconsidera todos estes elementos que compõem a história das torcidas, descartando as tramas pelas quais são elaboradas as rivalidades e os confrontos, tendo em vista que, mesmo proibindo a instituição, a sociabilidade se dilui por outras matrizes.

Na reportagem do Diário do Nordeste intitulada “Líderes das torcidas dizem que não têm controle dos sócios”, buscam-se soluções para a intensificação dos confrontos entre as torcidas:

“Um fato profundamente lamentável, porém, normal”. Assim o presidente da Cearamor, Maurício Gomes Pereira Filho, o Maurição, classificou a violência entre torcedores do Fortaleza e Ceará, no jogo do domingo passado, no Castelão, quando o time tricolor venceu por 3 a 0. “É normal né, infelizmente”, disse Maurição. Segundo o presidente da torcida organizada do Ceará, que possui nove mil sócios, a confusão foi provocada por minoria de torcedores que vai aos estádios em dia de jogos “grandes”, apenas com intenção de causar baderna. “É uma minoria, mas conseguem fazer barulho maior que a gente, que vai fazer a festa na arquibancada”.

Em 2004, afirma Maurição, a Cearamor expulsou mais de 300 integrantes, acusados de provocar brigas durante os jogos. Ele admitiu não ser possível impor condições para filiações, como exigir ficha corrida do torcer antes de associá-lo. “A gente faz isso com um ou outro, mas na testa dele não está escrito se é bandido. O problema não é de controle mesmo”, argumenta. Segundo Maurição, a Cearamor possui cadastro de cada filiado, como RG, CPF e comprovante de endereço. (Diário do Nordeste, 15.mar.2005, 01c)

A imprensa esportiva local, contudo, enfatiza no título que os líderes não têm controle sobre os sócios, dando relevância a um aspecto dentre vários levantados pelos diretores das

¹²² A G.E.S.T.O Fúria Jovem do Ceará foi fundada em dezembro de 1996 a partir da dissidência com a torcida organizada Cearamor.

torcidas organizadas na reportagem. Ao contrário, na entrevista, o presidente discorda do título da notícia ao afirmar que o problema da violência “não é de controle mesmo”, mas sim da falta de eficácia na punição praticada pelos agentes de segurança.

O presidente da torcida culpa o “pouco” policiamento e a “impunidade para justificar os tumultos. Para ele, deveria ter no mínimo 600 policiais durante os jogos. Maurição defende “punição exemplar” para torcedores envolvidos nas brigas. “Eles (policiais) pegam, dão porrada e liberam depois do jogo. Tinha que levar para a delegacia, fazer TCO (Termo Circunstancial de Ocorrência) ou B.O (Boletim de Ocorrência).

Pedro Alberto Martins (um dos diretores da Torcida Uniformizada do Fortaleza) afirma conhecer os torcedores que sempre provocam confronto e diz ter avisado diversas vezes à polícia. “A gente procura a polícia. Há diálogo, mas não há resultado”. Identificar os torcedores envolvidos em brigas e impedir que eles entrem no estádio é a solução para evitar badernas, segundo eles. (Diário do Nordeste, 15.mar.2005, 01c)

Tanto a posição da Cearamor como da TUF direciona o problema da violência para os meios elaborados pela Polícia Militar do Estado do Ceará para solucionar os confrontos entre as torcidas. A generalização dos atos de violência e de confronto para a instituição torcida organizada consiste em um dos atos que, segundo Régis Alves Lopes, a Associação Nacional das Torcidas Organizadas procura combater:

Na realidade, com relação ao movimento nacional de torcida organizada, que em 2014 vai surgir a ANATORG, vem por conta da nossa militância no contexto em prol do movimento da torcida organizadas, na própria criminalização que há a questão do próprio estatuto do torcedor, que vem sempre criminalizando por conta do Ministério Público que sempre vai estar associando atos dos componentes da torcida no CNPJ da torcida, que vai acabar fazendo com que diversas torcidas a nível de Brasil respondam a processo de extinção das suas entidades (PIRES, 2020).

A Anatorg, portanto, insurge em 2014 como uma frente representativa das torcidas organizadas para tornar evidente que estas instituições não estão inseridas essencialmente na pauta violência, mas que oficialmente, através dos seus estatutos, posicionam-se contrariamente. Dessa forma, uma das contradições na trajetória da Anatorg se refere ao imediatismo das torcidas organizadas nos resultados proporcionados pela associação das torcidas:

Um dos pontos de difícil entendimento por parte das torcidas organizadas referente a Anatorg é entender que a Anatorg não é um remédio, muitos pensam que ela é um remédio onde vamos receitar e as torcidas organizadas vão se empoderar desse remédio, desse conhecimento, e vai acabar com os conflitos... não é isso. A ideia da Anatorg é dialogar, fazer um elo entre a torcida organizada, o poder público e as instituições privadas para que a gente possa criar redes de debates políticos de ações afirmativas e de enfrentamento a violência no contexto em que as torcidas organizadas estão inseridas, Até porque raramente você vai perceber conflito nas arquibancadas, ne, então

trabalhar com a perspectiva de prevenir aquilo que poderia ocorrer (PIRES, 2020).

Assim, na proporção em que a Anatorg não se configura como um remédio imediato para suavizar ou erradicar os conflitos entre as torcidas organizadas, simultaneamente ela promove um trabalho de base que encorpa uma cultura de pacificação entre as instituições filiadas, estabelece uma ponte de comunicação e de prevenção à violência.

3.5) A TUF é quem manda, não é mole não, reina no PV e também no Castelão...

Neste tópico, abordamos a emergência da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), a inserção e o desenvolvimento da torcida organizada que permaneceu em atividade até a atualidade, constituindo o principal agrupamento torcedor do Fortaleza. Fundada em dezessete de fevereiro de 1991, a TUF foi resultado da iniciativa de um grupo de amigos no contexto de redefinição das torcidas organizadas na década de 1990.

Fiquei indo aos jogos no antigo Presidente Vargas e antigo Castelão. Em 1991 o Eberson Martins, fundador da TUF, perguntou para a gente, mulheres, se queríamos participar da TUF, na época éramos quatro mulheres: eu, a Iracilda, a Fábria e outra menina, começando com 13 componentes e estreando em 17 de Fevereiro de 1991. No início a TUF era um grupo de tricolores que pensavam em fazer uma torcida que iria fazer a diferença para o Fortaleza Esporte Clube e ser a maior expressão de amor ao clube, sendo o primeiro passo de uma grande história. Os irmãos Rodrigues: (Pedro e Cláudio), Robertão, Sérgio, Cristiano, Iracilda e dentre outros e tendo Eberson como primeiro Presidente e Fundador. Eu, a Iracilda, a Fábria e outra menina a priori seria o "Núcleo Feminino" nos primórdios (BATISTA, 2020, entrevista realiza em Fortaleza).

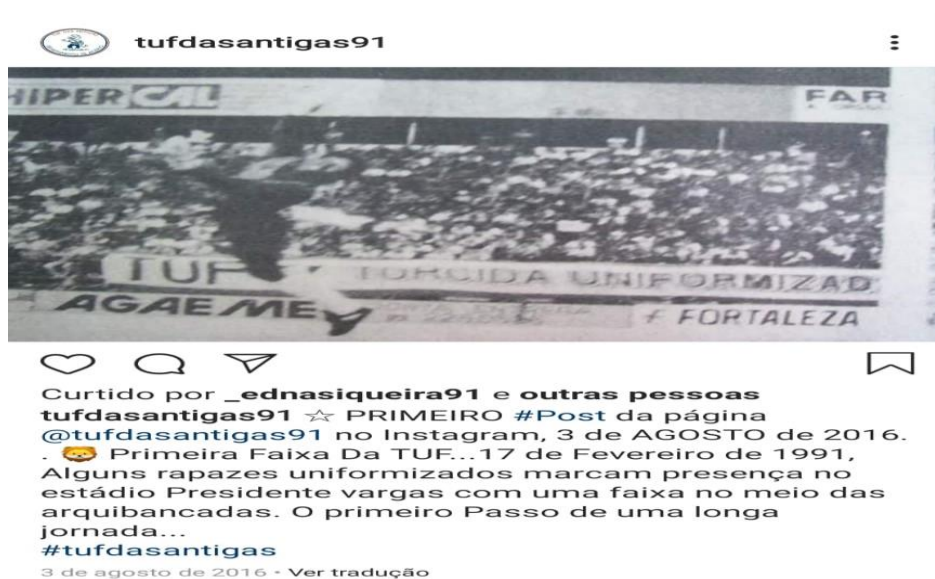


Imagem 39 – Primeira faixa da TUF no Estádio Presidente Vargas
Fonte página Tuf das antigas no *Instagram*

A narrativa acima, de autoria de Fátima Batista¹²³, e a imagem retratam os rapazes e as moças que, no momento de fundação da TUF compuseram a torcida. Os primeiros presidentes da TUF foram, na sequência, Éberson Martins, Paulo Figueiredo e a nossa depoente Fátima Batista, ex atleta de Handebol do clube na juventude, integrante da TUF e Secretária Geral do Fortaleza há mais de duas décadas. Sobre sua relação com o clube, recordou:

Eu comecei a gostar de futebol faz muito tempo, minha família gostava, pelo colégio praticava handebol na época. Naquele tempo era proibido Futebol Feminino. O Fortaleza resolveu fazer um time na época e eu fui convidada com 16 anos, pelo Silvio Carlos Vieira Lima, então diretor de esportes amadores para participar dos treinos. Era na rua Belo Horizonte, antiga Sede Social do Tricolor. Minha trajetória de torcedora para atleta/torcedora despertou ainda mais o amor pelo clube, que já havia equipe de futsal e basquete. Perto de terminar o segundo grau deixei, pois tinha que dar prioridades aos estudos, e o esporte era praticado e movido por amor à modalidade e pela vontade de tá ali no Clube dos Campeonatos (BATISTA, 2020).



Imagem 40 – Fátima Batista nos anos 1990 com boné da TUF e camisa tricolor
Fonte Acervo Pessoal Fátima Batista

A trajetória de Fátima Batista revela como a relação de pertencimento ao clube foi sendo costurada desde a infância como torcedora sob influência da família, passando pela adolescência como atleta até ter se tornado integrante da TUF e a possibilidade de presidir a instituição em 1993. Acerca da experiência em ser a primeira mulher a presidir a torcida, desconstruindo espaços tradicionalmente ocupado por homens, ela afirmou: “foi uma honra ser a Primeira Mulher a presidir uma grande organizada do primeiro escalão na Região Nordeste e

¹²³ Maria de Fátima Batista nasceu em 1955 e foi presidente da Torcida Uniformizada do Fortaleza em 1993, após a renúncia de Paulo Figueiredo. Fez parte da elaboração do estatuto da torcida e esteve presente nas diretorias nos anos 1990. Atualmente coordena o futebol feminino do Fortaleza Esporte Clube.

no Brasil, pois a vascaína Dulce Rosalina em 1956, foi a primeira mulher a presidir uma torcida no Brasil, aos 22 anos, a Torcida Organizada do Vasco (TOV) permanecendo até 1976” (BATISTA, 2020).

Nota-se que a narrativa de Fátima Batista reconstrói a participação de mulheres nas torcidas organizadas. Ao recordar sobre o papel de Dulce Rosalina para a torcida do Vasco, elabora uma ponte para legitimar a sua atuação enquanto presidente da TUF. Assim, na conversa que tive com Fátima Batista ficava evidente a paixão que transbordava pelo clube nas entrelinhas da sua fala, nos símbolos e imagens que revelava, orgulhosamente expondo, por exemplo, o estatuto manuscrito da TUF:

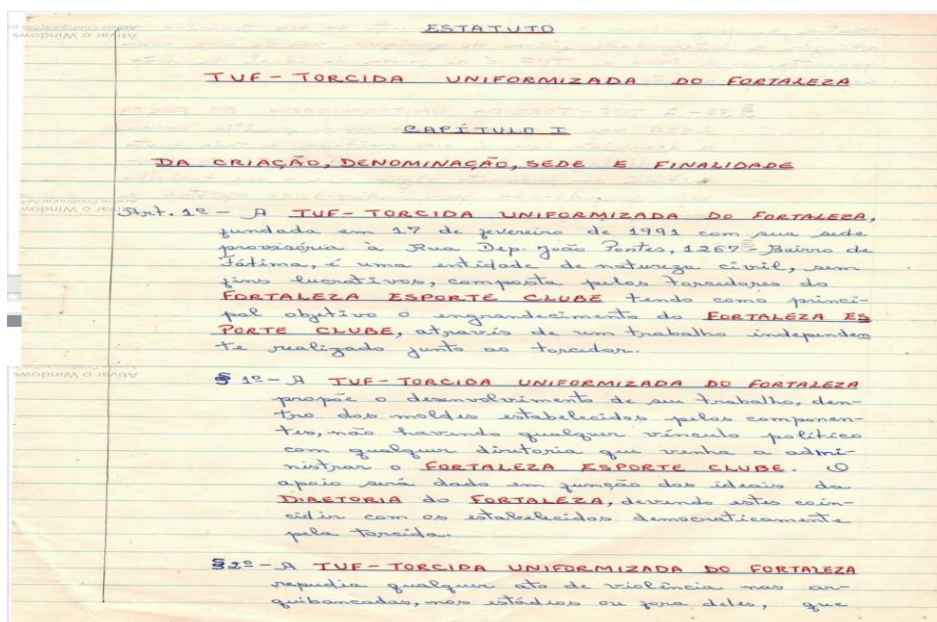


Imagem 41 – Estatuto manuscrito da TUF
Fonte Acervo Pessoal Fátima Batista

A criação do estatuto da torcida, escrito sob quarenta e oito artigos, foi um passo importante para a estruturação do movimento que rapidamente alcançou adesão dos torcedores, crescimento este baseado também nas correspondências realizadas com a torcida do Santa Cruz, da cidade de Recife, e com a torcida do América de Natal, da cidade de Natal.



Curtido por lado_a e outras pessoas
 tufdasantigas91 🇧🇷🇧🇷 Nossos primeiros contatos no Nordeste foi com a Torcida do Santa Cruz por correspondências...
 *A importância de Honrar os que vieram antes de nós! .

Imagem 42 – Aliança com a Inferno Coral e Máfia Vermelha anos 1990
 Fonte página Tuf das antigas 91 no *Instagram* / Acervo Pessoal Fátima Batista

A imagem revela, do lado esquerdo, a aliança com a torcida organizada Inferno Coral e, do lado direito, com a torcida Máfia Vermelha, consubstanciando rede de alianças desde os primeiros anos de fundação da TUF. Dessa forma, na cidade de Fortaleza, as torcidas organizadas passaram a adotar a prática de estabelecer alianças com outras torcidas organizadas nos anos 1990. Essas rede de aliança era costurada pela identificação cromática do clube de outro estado na maior parte das vezes, que possibilitava um assessoramento nas viagens ao mesmo tempo em que simbolizava a imposição de respeito.




O Eberson Martins foi o fundador e o primeiro Presidente em 1991 com mandato até 1992, no qual criamos o Estatuto da TUF, dos 48 artigos criei 44 quando 1ª Secretária na primeira diretoria. Nas eleições para o Biênio 1993-1994 o Diretor Social de 1991/92, Paulo Figueiredo, é eleito Presidente e eu vice. Organizamos mais a torcida com práticas contábeis do lado financeiro por causa do grande crescimento que estava acontecendo e, junto com a diretoria, para o lançamento do bandeirão e das grandes festas. Fizemos eu, ele e o Marquês, diretor de bateria, a compra de instrumentos para bateria que hoje é referência, na qual cito no Hino da TUF¹²⁴ feito juntamente com o Jackson de Carvalho. Por motivos pessoais o Paulo renunciou ainda nos primeiros meses do ano seguinte e fiquei com o desafio de comandar a maior uniformizada tricolor, a TUF já contava com mais 513 componentes já então, realizando viagens e caravanas tanto no Estadual de 1994 e Série B de 1994. Eu tinha um megafone, onde eu chamava os componentes, fazia as famosas chamadas com o caderno (BATISTA, 2020).

¹²⁴ O hino da TUF, assinado por Fátima Batista e Jackson de Carvalho – autor do Hino do Fortaleza, tinha em suas estrofes os versos: A tuf é uma torcida bem formada, é guerreira na rquibancada. Ela canta , vibra, grita com emoção. Só para ver o FORTALEZA campeão. A TUF é a mais vibrante. A TUF é a mais brilhante. Tua bandeira simplesmente é uma grandeza. É a mais bela do Brasil de Norte a Sul. A bateria não para não. Está no compasso do meu coração. Batendo firme, batendo forte. Com a galera ouriçada do leão!!!



Imagem 43 – Bandeirão da TUF no Estádio Castelão
Fonte Acervo Pessoal Fátima Batista

Inferese, portanto, que já na segunda diretoria do biênio 1993-1994, a TUF possuía mais de quinhentos componentes, o que sugere uma popularização da instituição em diferentes locais da cidade. No depoimento de Fátima Bezerra, percebe-se que atuava como vice-presidente e, após a renúncia do presidente da TUF, Paulo Figueiredo, ela concluiu o mandato da direita eleita. Nesse período, portanto, Fátima Batista enfatiza a importância da organização da situação financeira da torcida, uma vez que, com pouco tempo de fundação, já tinha centenas de associados. Assim, O recurso e o investimento na compra de instrumentos para a bateria e a confecção do Bandeirão, tido como o segundo maior bandeirão do mundo em 1993, advinham em parte da arrecadação dos sócios, cuja contribuição anual era registrada na ficha abaixo:

TORCIDA UNIFORMIZADA DO FORTALEZA
 FUNDADA EM 12 DE FEVEREIRO DE 1991
 CCEI: 43.433.515/0001-07

CONTRIBUIÇÃO ANUAL

FICHA DE SÓCIO

Nº. DA INSCRIÇÃO: _____

NOME: _____
 ENDEREÇO QUE TRABALHA: _____
 END. DA EMPRESA: _____
 END. DA RESIDÊNCIA: _____
 CEP: _____ TEL: _____

CONTRIBUIÇÃO MENSAL: TAXA SIMBÓLICA

ANO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1993												
1994												
1995												
1996												

CONTRIBUIÇÃO DO ANO: 1993 R\$ _____ TESOUREIRO
 CONTRIBUIÇÃO DO ANO: 1994 R\$ _____ TESOUREIRO
 CONTRIBUIÇÃO DO ANO: 1995 R\$ _____ TESOUREIRO
 CONTRIBUIÇÃO DO ANO: 1996 R\$ _____ TESOUREIRO
 OBS: _____

Imagem 44 – Ficha de cadastro do sócio da TUF em 1993

Fonte Acervo Pessoal Fátima Batista

A imagem acima retrata a ficha de sócio para integrar oficialmente a TUF, datada de 1993. O documento registra a contribuição do associado no intervalo de quatro anos entre 1993 e 1996, com dados pessoais (nome, empresa em que trabalha, endereço da empresa, endereço da residência, cep e telefone). Diferentemente dos clubes rivais, o Fortaleza em meados da década de 1990 atravessou uma das piores fases da sua história, o que impulsionava a TUF a elaborar estratégias para, mediante a falta de motivação do time, alcançar ainda mais a adesão de componentes. Um dos recursos utilizados para equacionar a balança foi a alternativa por meio do estreitamento da comunicação com seus integrantes, como retratam as imagens abaixo. De um lado, um comunicado que realiza um balanço da temporada de 1993, e, do lado direito, uma espécie de panfleto convidando simpatizantes para adentrar na torcida.



Imagem 45 – Canais de comunicação utilizados pela TUF

Fonte página Tuf das antigas 91 no *Instagram* / Acervo Pessoal Fátima Batista

Nesse sentido, a partir da segunda e da terceira diretorias, principalmente depois de 1994, a TUF, em consonância com as estratégias levadas a cabo pelas torcidas organizadas em geral, subdividiu-se em grupos designados como *núcleos*, associados à territorialidade dos bairros da cidade de Fortaleza. Percebe-se que a própria terminologia escolhida, núcleo, faz alusão à dispersão do poder da torcida organizada nos territórios espalhados pela cidade. Por exemplo, o 4º Núcleo remonta aos bairros Aldeota, Dionísio Torres, Meireles, Papicu e Cidade 2000 ou o 10º Núcleo referente à Vila Pery. Em uma publicação nas redes sociais, através da página *Tuf das antigas 91 no Instagram*, esse processo mitótico de divisão das células, como assim o definimos anteriormente, multiplicavam os núcleos pela cidade:

Desde o início da torcida em 1991, muitas *galeras* já se reuniam para ir ao estádio. Somente em 1994 os núcleos foram oficializados na torcida. Os pioneiros como 4º núcleo, 2º núcleo, 1º núcleo e 10º núcleo surgiram todos nessa época. O 8º núcleo foi 2º núcleo oficial da torcida, surgiu quando um dos seus principais idealizadores, Neto Gota saiu do Bairro Dionísio Torres, que era 4º núcleo, para o Bairro de Fátima e a partir do BF iniciava o 8º núcleo junto com os seus fundadores Gota, Celsão, Dj Caio. A partir daí iniciou a expansão do núcleo do Bairro de Fátima para o Montese, Pirambu, Conjunto Fortaleza [o nome do bairro oficial é Conjunto Ceará], Carlito Pamplona, Granja, Jurema antes de virar 7º núcleo. Com a junção desses bairros se tornava um dos maiores núcleos da torcida. (...) Chegando em meados de 1997 e 1998 houve a “explosão” dos núcleos no final do anos 1990 e começo dos anos 2000, com a junção da galera que curti funk e a galera que curti estádio.

A narrativa reconstrói a trama das alianças tecidas entre territórios que passam a compor a torcida organizada, no sentido do que refletimos sobre a tríade *sujeito torcedor organizado – bairro – instituição torcida organizada*, tônica que populariza essas associações torcedoras no tecido urbano – a cidade das torcidas, onde o sentido e o valor atribuídos pela juventude se explicam pelas afinidades com a *galera* do espaço em que experimenta, particularmente após a interdição dos bailes *funks* e a reordenação das torcidas organizadas.



Imagem 46 – 4º Núcleo e 10º Núcleo da TUF
Fonte página Tuf das antigas 91 no *Instagram*

Nessa perspectiva, a TUF foi se popularizando também como um lugar galgado pela busca de visibilidade por parte da juventude que transpôs os significados dos *funks* para os estádios de futebol, constituindo rede de alianças com outros territórios ao mesmo tempo em que desdobravam-se em desavenças e rivalidades com outros bairros da mesma torcida e entre torcidas organizadas dos adversários. Isto posto, uma das implicações das redes de alianças e de desavenças foi o conflito entre torcidas organizadas de estados diferentes, principalmente

porque os agrupamentos do time rival também construíam alianças com as torcidas de outros estados.

Essa problemática fica evidente com a aliança estabelecida entre as torcidas organizadas do Estado do Ceará e do Rio de Janeiro. A TUF mantém uma rede contata e de solidariedade com a torcida organizada Young Flu, do Fluminense. Em contrapartida, a Cearamor tem amizade com as organizadas do Botafogo. Entretanto, esses posicionamentos, alianças e inimizades são laços fluidos, cuja rearranjo vai sendo alterado com certa frequência, embora algumas torcidas organizadas mantenham há muito tempo determinadas alianças.

Dito isto, vale lembrar que, em 2005, como resultado, efeito e consequência dessas práticas, o então presidente da TUF, Marcionílio Pinheiro, foi assassinado na cidade do Rio de Janeiro por integrantes de uma torcida organizada do Botafogo, conforme retratou a reportagem intitulada “Presidente da TUF será enterrado hoje”:

O enterro do presidente da Torcida Uniformizada do Fortaleza, Marcionílio Pinheiro, morto em conflito com botafoguenses, será hoje, às 10 horas no Parque da Paz. O corpo dele chegou ontem às 22h15min em Fortaleza e seguiu para o velório na Aldeota. (...) Tios, primos, amigos e companheiros de arquibancada aguardavam no saguão do aeroporto Pinto Martins, boa parte deles vestindo camiseta com uma foto do rosto do torcedor do Leão e com lágrimas escorrendo pelas faces. Outro grupo de membros da organizada aguardava a passagem do carro fúnebre na saída do setor de cargas do terminal aéreo. “Isso que está acontecendo é uma tristeza. Um menino tão bom morrer de uma maneira tão trágica”, afirmou o tio de Marcionílio, José. (O Povo, 07.dez.2005, 01c)

Em suma, neste tópico procuramos discutir a trajetória da TUF à luz do processo de estruturação, de ressignificação e de reordenamento das torcidas organizadas em Fortaleza nos anos 1990. Dessa forma, foram analisadas as experiências da três principais torcidas organizadas da cidade de Fortaleza de modo que possibilitassem reflexões mais complexas para o entendimento do que designamos como movimento de segunda onda, referente às torcidas organizadas na história dos modelos coletivos do torcer.

3.6) O movimento de terceira onda: o desgaste da hegemonia das organizadas e a multiplicidade da renovação

A trajetória das principais torcidas organizadas dos clubes da cidade de Fortaleza, discutida nos últimos três tópicos, evidenciou as peculiaridades que as organizações coletivas de torcedores adquiriram nos anos 1990, ora se aproximando das características das torcidas

organizadas nos anos 1980, particularmente quanto à festividade, ora se distanciando, especialmente pela dimensão que toma nos milhares de componentes, como também a massificação dos confrontos em que se envolveram. Assim, esse modelo coletivo do torcer protagonizou e assistiu a um período de transformações sintomáticas das mudanças profundas que a cidade de Fortaleza sofreu nos anos 1990.

A maior parte das primeiras torcidas organizadas, que instituíram o movimento de segunda onda ainda nos anos 1980, encerrou suas atividades até a década seguinte, quando não tiveram poucos anos de experiência. Em contrapartida, uma exceção a esse processo se refere à Torcida Organizada Cearamor (TOC), que foi criada em 1982 e presenciou a instituição do modelo coletivo de torcer das torcidas organizadas, redefiniu suas atividades nos anos 1990 e permanece presente até o momento, ano de 2020. A trajetória da Cearamor, portanto, revela o período das características mais tradicionais das torcidas organizadas, a incorporação de novos sentidos, abandono de outros e a atualização permanente do grupo.

Por meio de esquadrões – da Falange Coral; de alas – da Cearamor e de núcleos – da TUF, as torcidas organizadas esquadrihavam a cidade em bairros e territórios. Essas subdivisões ocasionaram, em diversos momentos, situações em que a criatura se volta contra o criador, devido a uma trama que simboliza a complexidade do rearranjo e do emaranhamento da cultura juvenil. Ao fim e ao cabo, esse processo não significa simplesmente uma divisão espacial entre bairros, mas a dimensão sobre como a juventude atribui sentido às suas experiências na busca pela visibilidade a partir da demanda de poder e de enfrentamento.

No entanto, na transição para o século XXI, o modelo coletivo do torcer das torcidas organizadas, lugar revelador das contradições e das desigualdades sociais, recorrentemente passou a ser alvos de críticas, especialmente pelos episódios de violência atribuídos à criminalidade presente nessas instituições. Assim, os anos 2000 provocaram uma inflexão nas torcidas organizadas cujos desdobramentos abriram caminhos diversos que, na nossa compreensão, geraram dois movimentos distintos.

A lógica da criminalização e da proibição das torcidas organizadas não tardou a produzir efeitos no espetáculo do futebol. Iniciativas como jogos entre clubes rivais com torcida única ou simplesmente interditar a entrada da instituição foram algumas alternativas realizadas para acabar com a violência no futebol pelo poder público. Essas medidas, local e nacionalmente, evidenciam o descompasso entre a complexidade de como a violência se dilui no futebol e a superficialidade como é pensada pelo Estado.

Argumentamos que, no século XXI, houve um certo colapsamento da forma coletiva do torcer instituída pelas torcidas organizadas. Esse colapso foi parcial, uma vez que as torcidas organizadas não deixaram de existir em sua totalidade, e é evidenciado por dois caminhos, ou melhor, dois movimentos de ondas, como proposto no mapa desta tese: 1) o primeiro consiste na renovação protagonizada por sucessivos agrupamentos que irrompem enquanto dissidências das torcidas organizadas tradicionais e que conseguem considerável penetração no espaço futebolístico. Para este fenômeno, que abrange uma pluralidade de torcidas, designamos como o movimento de terceira onda da história das torcidas. 2) a segunda implicação do colapsamento se trata de uma crítica, sob o ponto de vista político de esquerda, que institui um contraponto aos modelos coletivos do torcer existentes a partir das torcidas antifascistas. A presença das torcidas *antifas* nos estádios, antecipada pela Ultras Resistência Coral em 2005, procura combater aspectos historicamente constituídos no espaço futebolístico, dentre eles a violência, o machismo, a homofobia, o racismo e a xenofobia.

Antes de refletir acerca desse esgotamento das torcidas organizadas e a emergência do movimento de terceira onda, demarcaremos um panorama das transformações da história coletiva do torcer a fim de organização e de estruturação das ideias desenvolvidas nesta tese.

Nessa perspectiva, cabe agora realizar um mapeamento para situar o(a) leitor(a) sobre que momento nos encontramos até o momento, no sentido de retomar a chave de interpretação para o entendimento da história dos modelos coletivos do torcer. Para tanto, far-se-á uso da metáfora do movimento das ondas, expressão nevrálgica que serve como guia desta tese ao estabelecer e posicionar os marcos que diferenciam as formas coletivas do torcer.

Resumidamente, no segundo capítulo desta investigação tratamos sobre a primeira onda, que se refere à constituição das torcidas comandadas pelo *chefe de torcida* entre os anos 1950 e 1970. Por meio da centralização e do princípio unitário, a primeira onda lança luz sobre o papel do chefe de torcida e dos integrantes uniformizados da charanga, e a festividade elaborada com os instrumentos de sopro e de percussão. Dessa forma, ao funcionar como um dispositivo de controle das torcidas que se popularizavam, os chefes de torcida mobilizavam e promoviam o clube, constituindo uma referência, um torcedor autêntico e símbolo. No Estado do Ceará, a charanga do Gumercindo, o Pedrão da Bananada e o Zé Limeira centralizaram a organização coletiva dos torcedores nesse período ocupando espaços da imprensa nos jornais e nas emissoras de rádio. Assim, esses chefes de torcida atuavam em paralelo com as demandas sociais do período, colaborando direta e indiretamente com o aumento do público nos estádios no momento de maior intensificação de jogos interestaduais.

Ao final do segundo capítulo, servindo como elo para o terceiro capítulo, abordamos as disputas em torno da liderança das torcidas, período em que jovens passam a ocupar os espaços que anteriormente estavam centralizados no comando do chefe de torcida. O movimento da segunda onda é resultado desse processo, consolidando-se nos anos 1980 com a multiplicação de torcidas organizadas, que se estruturavam a partir das estratégias coletivas de uma diretoria com cargos e funções específicas na torcida, além de patrocínios. Essas instituições mobilizaram centenas de torcedores nos estádios e promoveram espetáculos na arquibancada que envolviam uma preparação e articulações muito além do espaço-tempo do jogo de futebol, simultaneamente atribuindo o valor de família e de amizade aos agrupamentos. Nessa perspectiva, os componentes das torcidas organizadas, por meio de rituais formais e informais, teceram relações sociais, atribuíram um sentido particular para as experiências e construíram um vínculo de pertencimento clubístico que possibilitou a reprodução das torcidas organizadas até a atualidade.

A terceira e a quarta onda são movimentos na história das associações coletivas do torcer que ocorrem no limiar do século XXI, no momento de formulação de *torcidas alternativas* às torcidas organizadas, mas que nesse reordenamento há uma diversidade considerável de expressões do torcer. Diante das contínuas transformações protagonizadas pelas torcidas organizadas, ressaltamos que estas instituições estão em permanente atualização ao se resignificarem no tempo.

Como consequência, ao utilizarmos a expressão *movimento de terceira onda*, conscientemente estamos arriscados a generalizar uma variabilidade de experiências por meio de uma classificação. Entretanto, o fio que costura as trajetórias abarcadas pela terceira onda consiste no desgaste da hegemonia das torcidas organizadas tradicionais, causado, dentre outras questões, por disputas internas que provocam dissidências ou por críticas à apologia e exaltação a si mesmas realizada pelas organizadas, que acabam se distanciando da essência que é o clube. Uma das razões que coadunam para essa efervescência que vai de encontro às torcidas organizadas remonta à estrutura extensa nos moldes de empresas que criaram, a partir da qual o destino do lucro das atividades passou a ser questionado por grupos.

A terceira onda traz à tona as formas coletivas de torcer que insurgem como contraponto às torcidas organizadas ou como rachaduras no seio destas, que, no Brasil em geral, se formaram desde os anos 1960 e em particular no Estado do Ceará nos anos 1980. No movimento da terceira onda, os novos agrupamentos torcedores ora se distanciam ora se aproximam das torcidas organizadas, mas se ergueram sob matizes diversas: seja importando o modelo das

barras bravas argentinas¹²⁵, seja elencando a violência como o elemento rechaçado, seja sob a forma de um movimento cultural. Cada um destes aspectos, a depender da localidade, motivou a inauguração de novas formações coletivas do torcer.

Tratava-se de uma alternativa em que a solução seria romper, mesmo que parcialmente, com as torcidas organizadas, e fundar outros grupos coletivos do torcer que se caracterizassem pela crítica à violência e simultaneamente instituíssem novas práticas que variavam da estética à performance. Não há dúvidas de que esse processo no Brasil adquiriu particularidades em cada região, na qual elementos diversos compunham essas transformações, bem como as influências para a fundação dessas novas formas coletivas do torcer, como no caso da Geral do Grêmio em 2001 na cidade de Porto Alegre; na Fúria Jovem do Botafogo em 2001; na Loucos pelo Botafogo em 2006; na Bravo 52 em 2009 pelo Fluminense no Rio de Janeiro; no movimento Setor Alvinegro em 2009, na Cangaceiros Alvinegros em 2011 e no Movimento Tricolor Bravo 18 na cidade de Fortaleza. Há também coletivos de torcedores espalhados no país, como as torcidas chopp (Torcida Cearáchopp, Fortaleza *Beer*, Leões Open Bar são alguns dos exemplos no Estado do Ceará).

Nesse sentido, os casos das torcidas Geral do Grêmio¹²⁶ e da Fúria Jovem do Botafogo¹²⁷, ambos em 2001, são simbólicos para o que definimos como movimento de terceira onda. No primeiro exemplo, a torcida Geral do Grêmio instituiu no país o modelo *Barra Brava* das torcidas da Argentina, apropriada também em outros países da América Latina, a partir de um movimento de contestação à hegemonia das organizadas e à política de vigilância, elitização e controle da direção do Grêmio. Essa modalidade de *argentinização* de organizações torcedoras conseguiu considerável penetração nas torcidas de clubes brasileiros, tendo em vista que, quase em todos os clubes no Brasil, há uma torcida do modelo *Barra Brava*, embora a resistência em algumas regiões seja mais intensa que em outras.

O segundo caso, que trata da trajetória da Fúria Jovem do Botafogo (FJB), lança luz sobre os conflitos internos dentro das torcidas organizadas hegemônicas em decorrência das relações de poder travadas na instituição. Nesse caso, em especial, ao se tornar uma dissidência de uma

¹²⁵ Conferir Cornejo; Aragón, 2017. In.: **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos / Organização Bernardo Buarque de Hollanda.

¹²⁶ RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento**: mudanças nas relações entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, 140p., 2012.

¹²⁷ Conferir HOLLANDA; MEDEIROS; TEIXEIRA. **A voz da arquibancada**: narrativas de lideranças da federação de torcidas organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) / organização Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Jimmy Medeiros, Rosana da Câmara Teixeira. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: 7letras, 2015.

instituição com mais de trinta anos, como possuía a Torcida Jovem do Botafogo (TJB), a Fúria Jovem acabou se tornando a torcida mais populosa do clube. Sobre as demandas que motivaram a avalanche, um dos presidentes da FJB, Luís Gustavo (Noy) afirmou:

É algo recorrente em todas as torcidas. Feliz, o pessoal não é tão leito como antigamente. Percebemos que havia quinhentas pessoas sendo favorecidas e duas mil sem privilégios. E então surgiram dúvidas em relação à gestão quanto ao desvio de ingressos que deviam ir para os torcedores e acabavam na mão de cambistas. Afora isso, o presidente da torcida era intocável e não atendia ninguém. Chegou a um ponto que explodimos.

(...) Foi um conjunto de fatores. Insatisfação por não falarem com os componentes, questões financeiras... A torcida chegando a pé e o presidente de carro. Além disso, ele era funcionário do clube. Lamentavelmente, perdeu uma história na torcida em virtude da ganância (HOLLANDA; MEDEIROS; TEIXEIRA, 2015, p.34).

Os argumentos elencados por Luís Gustavo (Noy) trazem à tona as disputas que ocorrem no seio não só da TJB, mas das torcidas organizadas tradicionais em geral, claro que com particularidades. As relações sociais de dominação e de resistência dentro dessas instituições possuem singularidades de cada contexto, onde cada torcida consegue negociar de maneira mais exitosa e outras não.

Dessa forma, as trajetórias da torcida Geral do Grêmio e da FJB são expressivas para a conformação do movimento de terceira onda na medida em que acabaram se tornando a principal torcida de seus respectivos clubes, provocando um impacto na hegemonia das torcidas organizadas tradicionais.

Embora a análise do movimento de quarta onda esteja situada a partir do próximo capítulo, resumidamente apresentaremos suas características essenciais a fim de nortear melhor o leitor neste momento. Assim, a quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer se constituiu enquanto uma crítica mais radical às torcidas organizadas, que tem origem em um processo de politização exterior ao futebol sob o viés da esquerda política, que deu origem a uma rede de torcida antifascistas. Esse novo modelo coletivo do torcer, que se contrapõe aos modelos anteriores, combate não só a violência nos estádios, mas também o fascismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia e o “futebol moderno¹²⁸”. A investigação do antifascismo nas torcidas de futebol no Brasil se dará na esteira da trajetória da torcida Ultras Resistência Coral, criada em 2005.

¹²⁸ A categoria “futebol moderno” consiste nas transformações econômicas, sociais, culturais, organizacionais resultadas do processo de mercantilização do futebol em curso no Brasil, porém mais visíveis desde o final do século XX e nos vinte primeiros anos do século XXI. Os usos e as apropriações dos termos serão analisadas no quinto capítulo.

Nessa perspectiva, através da terceira e da quarta ondas, foram produzidas as respostas ao colapso parcial e ao desgaste da hegemonia das torcidas organizadas, compondo, pois, o cenário das torcidas atualmente no Brasil.

Este colapso, sobre o qual escrevemos, refere-se a um movimento protagonizado tanto por parte dos torcedores, da imprensa esportiva e da sociedade como um todo, que passou a apreender o fenômeno das torcidas apenas pelo viés do crime, da selvageria e da violência. Nesse sentido, a imprensa esportiva cearense, por exemplo, ao apontar os problemas das torcidas nos anos 2000, rememorava o passado e a autenticidade desse outro período:

O futebol, que em outros tempos sempre preencheu com alegria os domingos do torcedor, quer nas arquibancadas, nas ruas, no trabalho, nos colégios e especificamente na Praça do Ferreira, hoje toma novos rumos, notadamente nos grandes clássicos. A torcida do time perdedor, quer Ceará, Fortaleza ou Ferroviário, sabia receber com espírito esportivo as inevitáveis, porém respeitadas gozações. Mas, hoje, a história é outra bem diferente, assustadora. (Jornal Diário do Nordeste, 07.out.2001, p.03)

No início do século XXI, a imprensa entende que o futebol tomou novos rumos, abandonando a o espírito esportivo, a alegria e as gozações respeitadas da Praça do Ferreira. O que se apreende segundo o periódico é uma situação assustadora nos grandes clássicos, pois “Hoje, a descaracterização das dezenas de facções de torcidas organizadas dos grandes clubes já não dá aquela mesma conotação calorosa aos espetáculos porque a violência está tomando de conta” (Jornal Diário do Nordeste, 07.out.2001, p.03). O hoje, portanto, torna-se assustador tendo em vista a diluição da violência que toma conta dos espaços futebolísticos.

Conotação calorosa que havia, segundo um dos entrevistados da reportagem, nos anos 1970, a partir da camaradagem entre os torcedores autênticos daquele período que foram retomados pela reportagem: a dupla Gumercindo e Jackson de Carvalho pelo Fortaleza, Zé Limeira pelo Ferroviário e um dos componentes do Movimento de Renovação Alvinegra (Morena), Eutímio Moreira. A imprensa enfatizava os espaços ocupados por esses torcedores da imprensa, nas emissoras de rádio e o papel que exerciam na convocação dos torcedores ao estádio.



Imagem 47 - Autênticos torcedores x torcidas organizadas

Fonte Diário do Nordeste 07.out.2001, p.03

Nesse seguimento, a foto acima evidencia em lados opostos uma geração de torcedores considerada exemplar, do lado esquerdo, e, à direita, as duas mais populosas torcidas organizadas da cidade, Cearamor e Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF) enquanto facções desorganizadas. A esquerda, de cima para baixo, o jornal retratou Jackson de Carvalho, porta-voz e parceiro de Gumercindo na torcida do Fortaleza; Zé Limeira ao centro e Eutímio Moreira da Morena. Os três autênticos torcedores, ao testemunharem as práticas partilhadas em outrora, recordaram a inexistência de agressões pessoais e o respeito mútuo construído entre as torcidas.

Essa estratégia retórica funciona, dentre outros objetivos, para deslegitimar e criminalizar as torcidas organizadas tradicionais. Não só a imprensa esportiva criticava, mas também torcedores não organizados e a sociedade, influenciados pela imprensa em geral, estigmatizaram as torcidas organizadas como espaços associados restritamente à criminalidade.

Na principal torcida organizada desde os anos 1990 do Ferroviário Atlético Clube, a Falange Coral, existiam alguns componentes que eram contrários ao comportamento e à violência praticados pelo grupo. Apesar de discordarem da lógica proibicionista que criminaliza as torcidas organizadas, esses torcedores – que futuramente fundariam a URC -, ao partilharem de uma militância política de esquerda, frequentemente se depararam com experiências contraditórias na Falange Coral envolvendo racismo, homofobia e violência:

Vale ressaltar o ponto que nos saímos da Falange Coral. Nós participamos da Falange durante toda uma temporada, mas aí houve alguns embates com outras torcidas e acreditávamos que era incompatível com o que a Falange pregava e fazia. Tem a ver com a questão política também, porque nós defendíamos o antirracismo, o antimachismo, a anti-homofobia, antixenofobia. Nesse momento politicamente nós tínhamos essa concepção e nós defendíamos isso. Então ficava difícil ficarmos na Falange porque ela ia

no sentido contrário disso tudo, arranjava confusões gratuitas e nós acabávamos ficando no meio do *foguete* [momento difícil, perigoso, delicado]. E na maioria das vezes a gente ficava sozinho porque tínhamos que defender a Falange. Mas nós não temos nenhum problemas com eles, até hoje mantemos relações respeitadas. (B, 2018)

Reiteramos, mais uma vez, que esses integrantes, mesmo trazendo à tona as problemáticas da torcida organizada, posicionam-se contra à criminalização proposta pelo poder público. Assim, B recordou, em seu depoimento, os impasses que alguns dos seus companheiros da torcida Falange Coral vivenciaram. Estes torcedores, mesmo politicamente discordando da atuação da torcida, experimentaram situações de brigas com torcidas organizadas e compreenderam a necessidade de romper com a Falange. Outro torcedor, também militante político que pertencia a esse grupo que se separou da torcida Falange Coral, C¹²⁹, rememorou os elementos decisivos para ter saído da Falange Coral, embora tenha salientado a boa convivência com os integrantes da torcida organizada:

Quando surgia uma canção machista homofóbica, a gente já não cantava... Aí um outro perguntava: por que vocês não tão cantando, e a gente falava que não gosta de música dedicava a homofobia, com machismo e racismo. A gente já foi começando a conversar sobre isso e fomos nos entrosando e mantendo essa discussão. (...) Teve uns clássicos complicados com o Fortaleza, ocorreram conflitos em especial com a JGT e com a TUF. E a gente, embora não tivesse procurado a confusão, a confusão foi até a gente. E também talvez por conta da nossa formação política em confrontos com polícia, nada que fosse um treinamento guerrilheiro, uma tática *black block*, a torcida do Fortaleza veio atacar a torcida do Ferroviário e o nosso grupo se manteve coeso, resistiu... (C, 2018, entrevista realizada em Fortaleza)

Nota-se, portanto, que os cânticos machistas, racistas e homofóbicos entoados pela torcida organizada incomodavam alguns integrantes e, somado aos momentos de brigas com torcidas adversárias, particularmente o episódio de confronto com as torcidas organizadas do Fortaleza, fizeram alguns torcedores repensar a composição na Falange Coral:

E aí isso gerou um conflito muito grande entre a gente... Será que dá pra fazer um trabalho de base? Será que dá pra disputar politicamente os rumos dessa torcida? Inclusive foi uma das coisas que, por mais que a gente tivesse conversado, até dava pra conversar sobre homofobia, machismo e racismo. Mas também tinha uma questão de guerra entre gangues, de grupos mesmo, que era uma coisa bem mais profunda. (C, idem)

No início dos anos 2000, a problemática dos confrontos resultados das implicações do reordenamento das torcidas organizadas na década de 1990 estava em evidência. Integrar a

¹²⁹ C é torcedor do Ferroviário Atlético Clube e um dos fundadores da Ultras Resistência Coral. No momento em que realizamos a entrevista em setembro de 2018, C tinha 32 anos de idade. Após ter iniciado os cursos de graduação em Física e Filosofia, ele concluiu o curso de medicina na Universidade Estadual do Ceará.

Falange Coral, de acordo com C, era um risco que talvez não trouxesse os resultados esperados por eles.

Por conseguinte, a crítica direcionada às torcidas organizadas tradicionais partia de diferentes matizes, da imprensa, de grupos dissidentes em seu interior e da sociedade em geral, motivadas em função da intensificação dos confrontos e da violência associada a ela. Além desse elemento, questões como racismo, homofobia, xenofobia passaram a ser debatidas paralelamente aos acontecimentos do tempo presente, que demoraram a ser digeridas e apropriadas pelas torcidas organizadas e, conseqüentemente, perceberam ser disputados os espaços que ocupavam.

Esses torcedores do Ferroviário, aos quais nos referimos há pouco como membros militantes partidários de esquerda, insurgiram como movimento que definimos enquanto quarta onda. Contrapondo-se aos modelos anteriores, eles conformaram um novo modelo coletivo do torcer a partir da criação da Ultras Resistência Coral. Dessa forma, a quarta onda da história do torcer teve sua origem em um processo de politização externo ao futebol, sob o viés da esquerda, que se multiplicou em várias torcidas antifascistas na segunda década do século XXI.

Em contrapartida, uma ressalva é necessário ser pontuada: a terceira e a quarta ondas são movimentos simultâneos que, embora pareça paradoxal ondas diferentes no mesmo período, revelam a multiplicidade do torcer coletivo na contemporaneidade.

Dentro do próprio grupo que constitui a terceira onda há heterogeneidade entre as torcidas, o que torna complexo classificá-las em um mesmo grupo. Contudo, procuramos elaborar uma taxonomia para melhor compreender e diagnosticar os estados sociais que possibilitaram a emergência dessas torcidas.

Em suma, esta terceira onda estrutura *torcidas alternativas* às torcidas organizadas que envolve desde aquelas torcidas que se *argentinizaram*¹³⁰ até aquelas que buscaram se identificar a partir de elementos regionais, culturais e tradicionais dos espaços em que vivem. O movimento da terceira onda, portanto, abrange uma diversidade de torcidas que, segundo o sociólogo Artur Alves de Vasconcelos, podem ser designadas enquanto torcidas alternativas, que resumidamente podem ser compreendida enquanto

A identidade torcedora desses grupos se dá pelo modo como veem e julgam as Organizadas em geral. É uma visão negativa que os impulsiona a construir

¹³⁰ Gustavo Brabia, autor do livro, *La Doce, hinchada* do Boca Junior, lamentou a argentinização... O autor argumenta suas críticas baseadas nas problemáticas daqueles agrupamentos.

um novo modelo, propondo outras vias para o *modus operandi* das Torcidas Organizadas. Mas vão além disso: esse novo padrão visa também construir uma imagem positiva das torcidas alternativas diante das outras Organizadas, dos torcedores em geral, da imprensa e da diretoria do clube. Trata-se, então, também, de uma questão de reconhecimento. (VASCONCELOS, 2016, p.67)

Nos aproximamos da análise criteriosa que Vasconcelos elabora sobre as *torcidas alternativas* a partir do estudo sobre os Cangaceiros Alvinegros, cujo *modus operandi* se expressa na avaliação negativa que realizam das torcidas organizadas como estratégia para serem reconhecidos enquanto alternativa diante das problemáticas presentes nas torcidas organizadas¹³¹.

Assim, nossa análise redimensiona os modelos coletivos do torcer na longa, na média e na curta duração, posicionando os marcos que diferenciam o que nomeamos como *as ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas* na história desses agrupamentos, título que procura iluminar a proposta desta investigação.

No mar da história das formas coletivas do torcer, as quatro ondas oferecem uma chave de interpretação para lançar luz sobre o entendimento das expressões do torcer no tempo. Deve-se levar em consideração também que, nesse oceano, há resquícios, rupturas, permanências e atualizações da primeira à quarta onda, sugerindo a fluidez desses elementos. O que se pode concluir é que cada onda, tal como os *estados sociais*, é condicionada e resultado dos desdobramentos das ondas e relações sociais anteriores, em uma espécie de relação dialética das continuidades e das rupturas.

Podemos considerar, a título de exemplificação da nossa proposta, a situação hipotética a seguir que ilustra o movimento das *ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas*. Na posição de quem está na praia (areia) e olha em direção ao mar, no horizonte - ao fundo e distante - se encontra a primeira onda, tal como o passado que se movimenta e ressurge; nas ondas maiores, imponentes e turbulentas estão a segunda onda das torcidas organizadas (mais próximas da costa de areia do que a primeira onda); a terceira e a quarta onda das formas coletivas do torcer constituem as ondas pequenas e médias que desaguam na praia. A terceira onda, que se origina do desprendimento das ondas grandes das torcidas organizadas, se distanciam e se aproximam

¹³¹ O sociólogo Artur Alves de Vasconcelos, em sua tese de doutorado, analisa a construção de uma identidade regional através de um estudo sobre a torcida Cangaceiros Alvinegros, do Ceará Sporting Clube, mesmo não perdendo de vista outros grupos de torcedores. Nesse meandro, percebe a explosão de novas torcidas, entre elas o Setor Alvinegro e o Cangaceiros Alvinegros. Esta última nos remete à expressão cangaço, pela qual a torcida busca expressar seu caráter regional nordestino e o papel exercido pelo Esporte Interativo. Cf. VASCONCELOS, Artur Alves de. **Nordestinando as arquibancadas:** os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades. Departamento de Sociologia. Artur Alves de Vasconcelos. – 2016, 256 f.

destas a depender do tempo, do espaço de cada região. A quarta onda, que atribuímos às torcidas antifascistas, contrapõe-se à maneira como as ondas grandes das torcidas organizadas se estruturaram. Para quem está na praia, adentrando o mar, o movimento das ondas pequenas talvez, ainda, não impactem com a mesma força que as ondas grandes, mas oferecem um prisma de possibilidade para compreender as torcidas e o futebol de modo particular.

3.7) Quebra-mar: o que está por trás dos - não tão novos - movimentos de torcidas *de pista*?

Há que se constatar ainda que, sobretudo nesta segunda década do século XXI, as torcidas organizadas da segunda onda ressignificaram algumas práticas diante do contexto politicamente polarizado do país, das Jornadas de Junho 2013 e da reconfiguração dos movimentos sociais, somado ainda à sucessivas tentativas de extinção encabeçadas pelo poder público. Diante disso, pressionadas direta ou indiretamente pela opinião pública, as torcidas organizadas buscaram, dentre outras demandas, associar-se coletivamente em torno da Anatorg, conscientizando e exercendo um controle maior sobre seus membros a fim de solucionar o problema da violência e dos confrontos que eram acusadas.

Algumas consequências foram a apropriação de algumas pautas sociais pelas torcidas organizadas. De um lado, a violência e o racismo passaram a ser combatidos, além da elitização dos estádios por meio do levantamento da bandeira contra o futebol moderno¹³². Por outro lado, as torcidas organizadas também sofreram reações a essas medidas tomadas por grupos inseridos em seu interior. Recentemente, há movimentos de bairros, zonas ou subgrupos das torcidas organizadas que atuam independentemente. Assim, de modo centrífugo, saem das torcidas organizadas e formalizam coletivos com objetivo do confronto e do enfrentamento corporal na *pista*, termo alusivo ao espaço da briga, que simboliza a experiência do desafio frente à torcida rival ou, às vezes, do próprio time. Em nosso levantamento, constatamos a presença desses agrupamentos em várias cidades, dentre eles: *SobraNada 1902*, *BateAnda*, *Bonde dos Hooligans e CJT Bonde do Madrugá*, respectivamente do Fluminense, Flamengo, Fortaleza e América de Natal.

¹³² As nuances da categoria Futebol Moderno serão refletidas no quinto capítulo.

Esse influxo ou força centrífuga nas torcidas organizadas utilizam-se de símbolos como o *soco inglês*, balaclava, hooliganismo¹³³, taco de *baseball* e frases como “Não arrede o pé e lute”, “Amizade e respeito” e “Nem aí para nada”. Desse modo, esses grupos de torcedores procuram atuar em função do confronto, mas um enfrentamento “limpo”, sem uso de arma de fogo. Muito mais no sentido do desafio e da corporalidade, essas práticas não podem ser entendidas sem a chave interpretativa da virilidade. Assim, um elemento fundamental percebido nesses agrupamentos se refere à composição estritamente masculina nos registros catalogados. A despeito das torcidas organizadas possuírem núcleos femininos ou uma presença mesmo que em minoria, esses agrupamentos aparentam absolutamente serem integrados por homens.

Na torcida do Fortaleza, esses agrupamentos é representado pelo *Bonde dos Hooligans*, criado em 2018 por integrantes da Zona Leste da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), um dos territórios que detém o capital simbólico do poder e do enfrentamento nessa dinâmica das organizadas:



Imagem 48 - Bonde dos Hooligans (BDH)
Fonte página oficial na rede social *Instagram*

Os integrantes do subgrupo em geral são praticantes de artes marciais e se auto representam nas redes sociais com a face ofuscada para não serem identificados. Dessa forma, as representações externadas por meio de fotografias buscam dar visibilidade ao poder e à intimidação, retratando os componentes com vestimentas utilizadas por lutadores de artes marciais (bermudas ou camisas) com o punho cerrado ou em posições de confronto.

¹³³ Conferir HOLLANDA; REIS. **Hooliganismo e a Copa de 2014** / organização Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Heloisa Helena Baldy dos Reis. – 1ed. – Rio de Janeiro : 7Letras, 2014. Especialmente o capítulo intitulado Hooliganismo no Brasil: estilo de vida, violência/marginalidade/ delinquência, incivilidade? – Contribuições ao debate a partir de um diálogo transnacional.



Imagem 49 - Integrantes do BDH com camisa do movimento
Fonte página oficial na rede social *Instagram*

Neste caso, a imagem acima expressa uma padronização do traje utilizado pelos componentes do movimento, uma vez que todos aparentemente estão de tênis, bermuda e camisa da torcida, onde um deles está com uma camisa listrada, mas que também possui, na altura do peito, um soco inglês. A camisa padrão do BDH possui alguns símbolos particulares no círculo branco centralizado: tacos de *baseball*, um soco inglês e dois ramos de folhas apropriadas da bandeira que simboliza a campanha *contra o futebol moderno*.

A relação desse agrupamento com a torcida organizada é complexa, buscando articular redes de apoio em outros estados. Na primeira publicação na rede social *Instagram*, cujo título *Nota de desligamento BDH – Bonde dos Hooligans*, afirma que o “Bonde dos Hooligans” “está se afastando das instituições Leões da TUF de forma harmoniosa, a caminhada terá como foco um grupo de amigos, sem conflitos com a atual gestão” (Página oficial do BDH no *Instagram*).

O BDH, por exemplo, estabelecem contato com o “SobraNada 1902” da torcida do Fluminense no Rio de Janeiro e com o “CJT – Bonde do Madrugá” da torcida do América, na cidade de Natal.



Imagem 50 - BDH e Bonde do Madrugá em Natal
Fonte página oficial na rede social *Instagram*

Na foto acima, integrantes do BDH foram a cidade de Natal compor a formação do “CJT - Bonde do Madrugá” no clássico entre América e ABC. Nota-se, ao deslocar-se e construir redes de apoio, o significado atribuído pelo grupo a determinada experiência. Nesse seguimento, a foto abaixo registra os componentes do “SobraNada 1902” do Fluminense na cidade de Fortaleza, no estádio Presidente Vargas:



Imagem 51 - SobraNada em Fortaleza
Fonte página oficial na rede social *Instagram*

Neste registro destaca-se também o *soco inglês* na bandeira do grupo, sujeitos com o punho cerrado e um deles – o terceiro da esquerda para a direita - gesticulando com a mão um símbolo que alude à Torcida Uniformizada do Fortaleza, mas que na verdade compreendemos como sendo a ratificação de uma aliança ao grupo BDH, representante da torcida do Fortaleza e que mantém vínculos com o Sobranada. Em sua página da rede social *Instagram*, o Sobranada se define como Movimento de Resistência ao futebol moderno. Entre as torcidas que esse grupo

se articula estão o BDH do Fortaleza, o Comando Sul da torcida do Paraná e um agrupamento da torcida do *Velez Saffield* da Argentina, o que sugere a extensão da rede construída entre os sujeitos.



Imagem 52 - SobraNada no Rio de Janeiro
Fonte página oficial na rede social *Instagram*

Na cidade de Natal, a foto abaixo registra o “CJT Bonde do Madrugá” em que os componentes gesticulam posições de enfrentamento e de conflito. Infere-se também a padronização no uso da calça jeans e tênis, vestimenta que não é usual nos estádios principalmente nas cidades do Nordeste. A utilização da calça é uma tática adotada para amenizar possíveis ferimentos nos confrontos, mas também faz parte da estética e de como eles se auto representam, pois, como podemos perceber na imagem abaixo, um dos integrantes – o segundo da esquerda para a direita na parte inferior – não utilizava calça e por meio de efeito o grupo acrescentou antes de publicizar a fotografia.



Imagem 53 – CJT Bonde do Madrugá
Fonte página oficial na rede social *Instagram*

Em que medida esses grupos são representativos na atualidade do modelo de torcer? Até que ponto influenciarão outros subgrupos dentro das torcidas organizadas a constituírem essas experiências?

Diante da imediatidade dessas experiências, precisar o resultado das práticas desses grupos constitui um desafio nos próximos anos, mas arriscamos afirmar que as possíveis respostas devem ser elaboradas sob o prisma dos dispositivos de domínio e de controle das torcidas organizadas tradicionais sobre seus membros, à luz do rearranjo promovido pelo combate à violência ultimamente. Desse modo, a maneira como esses agrupamentos se relacionam com as torcidas organizadas das quais surgiram, como serão vistos e apreendidos pelo poder público são propostas de investigações em aberto.

Para esta pesquisa, entretanto, no mar da história das formas coletivas do torcer composta até aqui pelo movimento das quatro ondas, a emergência desses agrupamentos é também um experimento que funciona como um quebra-mar que interpela as ondas dos diferentes modelos coletivos do torcer. Nesse sentido, na acepção do termo quebra-mar, advém o propósito último desses sujeitos no enfrentamento corporal com o outro e, no quadro geral do mar de ondas das torcidas, representa um impasse que, até o momento, tal como o quebra-mar, não impede a manifestação da segunda, da terceira e da quarta onda.

É o momento de avaliar por vias microscópicas o modelo coletivo do torcer da quarta onda e seus efeitos a partir da Ultras Resistência Coral.

PARTE II

**A GUINADA ANTIFASCISTA: A TRAJETÓRIA DA TORCIDA ULTRAS
RESISTÊNCIA CORAL**

CAPÍTULO IV - O MOVIMENTO DE QUARTA ONDA: A EMERGÊNCIA DA ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL, SOCIABILIDADE MILITANTE E INSURREIÇÃO CLUBÍSTICA

A história dos modelos coletivos do torcer expressa acontecimentos constituídos desde a segunda metade do século XX, que lançam luz, de um lado, sobre a história social das torcidas e, por outro lado, sobre a memória histórica da associação de torcedores. Nesse sentido, o eixo substancial perseguido é a variação da atividade humana e como constituem fatos sociais no tempo, uma vez que para explicar tais acontecimentos é necessário relacionar os estados sociais às mudanças.

À vista disso, a trajetória das torcidas - e quaisquer outras histórias - se manifesta na mudança, porém o movimento histórico não se define apenas na mudança, mas no resultado dela. Assim, os acontecimentos, entre eles as associações de torcedores, são a expressão última da mudança. O acontecimento, portanto, precisa ser explicado pelo que muda.

Segundo Julio Aróstegui (2006), A história não coincide apenas com a mudança, mas sim com a relação dialética entre permanência e mudança. A partir dessa relação é que se propõe entender, na história dos modelos coletivos do torcer, como o novo sistema de relações sociais expressa o processo histórico. Nessa perspectiva, de que maneira os acontecimentos representados pelos movimentos de onda representam as transformações e as continuidades no mar da história das torcidas?

Dessa forma, procuramos analisar neste capítulo o significado da emergência da torcida Ultras Resistência Coral diante dos acontecimentos, das mudanças e das continuidades nesse processo histórico. Para tanto, trata-se de uma nova forma de entender a ação sócio histórica desses atores através da relação entre estrutura, ação e relações sociais. Assim, os sujeitos, dotados de agência, de liberdade e de capacidade de escolha – características essenciais – estão simultaneamente submetidos ao contexto em uma dinâmica agencial-estrutural.

A Ultras Resistência Coral é compreendida nessa investigação enquanto um novo modelo coletivo do torcer que também é resultado desse processo histórico, mas que descola dos outros modelos. O ponto nevrálgico do capítulo se trata de dar conta e explicitar os porquês de considerarmos a Ultras Resistência Coral como um movimento não recorrente que trouxe à tona o que definimos como *guinada antifascista*.

Desse modo, na primeira parte buscamos investigar os sujeitos e suas experiências daqueles que fundaram a URC, interpelando suas memórias de modo a lançar luz sobre as condições de possibilidade para a criação da torcida e as motivações. No segundo tópico realizamos um debate sobre o significado do conceito Ultras e as táticas escolhidas pela URC para a construção de si. Dessa forma, problematizamos períodos distintos na história desse grupo torcedor, dividindo em três gerações. Vale salientar que essa divisão da trajetória da URC em gerações consiste em um mecanismo de periodização elaborado por mim para fins didáticos do entendimento do grupo. Isso significa afirmar que os integrantes da torcida não necessariamente estão de acordo com essa classificação.

Assim, busca-se entender os elos e as tramas, os conflitos e os silêncios da URC no ato de autoelaboração. É claro que esta operação é um empreendimento que vem acompanhado pela memória das relações que desenvolveu na sua trajetória. Consequentemente, no momento em que constrói a sua identidade, os membros da URC também elaboraram o olhar sobre os outros, sobre determinados fatos e sobre a época em que atua.

Os historiadores do tempo presente, tendo trabalhado sobre questões terrivelmente sensíveis, tiveram de inventar, senão métodos, pelo menos uma maneira de se colocar na paisagem. Eles tiveram de criar suas hierarquias acerca das testemunhas, tentando dominar seus afetos, sem com isso renunciar as suas emoções. Eles tiveram de aceitar que o “Mal” se encarnou em indivíduos de carne e osso, os quais era preciso exprobrar, cativar, interrogar, sem perder de vista o que eles tinham feito, e que as figuras heroicas, os mártires, os vencidos da história não podiam ser considerados os intocáveis, indignos de um olhar crítico, mesmo que isso implicasse em tomar certas precauções. (ROUSSO, 2016, p.186).

A tênue posição em que se encontra o(a) historiador(a) é, na verdade, o que torna robusto o seu trabalho, dada a particularidade do seu objeto de investigação:

(...) a solução residiu mais frequentemente na escolha de uma subjetividade assumida do que na de uma subjetividade forçada. Antes de ignorar suas próprias inclinações ou sua própria identidade, o historiador deve se servir disso para pôr a sua maneira problemas que não podem ser tratados de modo “neutro”. (Idem, p. 186).

Dessa maneira, assumir uma subjetividade não é fator negativo na produção do conhecimento sobre o tempo presente, tendo o historiador que se servir disso para equacionar problemas que não podem ser tratados de outra forma. Assim, o engajamento político pode – e deve – conduzir a uma mesma vigilância crítica o estudo do seu tema.

Por fim, o terceiro tópico do capítulo redimensiona o que a URC nomeou como Manifesto de Lançamento, panfleto distribuído pelo núcleo fundador nos estádio ao criar a torcida. Em paralelo ao que Karl Marx lançou como Manifesto Comunista, a primeira geração da URC

insurge com um modelo coletivo do torcer baseado na *sociabilidade militante* dos seus fundadores, que, ao romper com as formas coletivas anteriores do movimento de primeira, segunda e terceira ondas, provoca uma *insurreição clubística*.

Esta terminologia – insurreição clubística – consiste em uma categoria interpretativa nevrálgica para compreender as experiências de subversão da URC, mas também de outras torcidas antifascistas, que se contrapõem às práticas instituídas historicamente nos espaços futebolísticos. Portanto, a conceituação *insurreição clubística* estará presente a partir deste capítulo até o último desta tese.

A torcida Ultras Resistência Coral foi criada no dia 31 de julho de 2005 por um grupo de torcedores que partilhavam algumas experiências políticas – militância partidária no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) – e pertenciam a uma subcultura – *RASH (Red and Anarchist Skinheads)*¹³⁴. Dois desses sujeitos, C e B, eram torcedores do Ferroviário Atlético Clube e militantes políticos do PSTU, de modo que, antes de fundar a URC, decidiram integrar a torcida Falange Coral, a torcida organizada mais antiga e popular do clube.

A criação da URC, nesse sentido, resultou da confluência de duas experiências, a militância político-cultural e um período de inserção na torcida Falange Coral. Utilizando a tática dos partidos de esquerda política denominada de *entrismo*¹³⁵, C e B integraram a torcida organizada Falange Coral no ano de 2004. Entretanto, com o tempo optaram por criar uma torcida a parte. Sobre as motivações para a criação da URC, vejamos como C recordou:

Eu não diria que a gente teria um agenda política, porque uma das discussões que fizemos era a seguinte: nós militávamos em outras organizações, a gente sabia que existiam diversos campos de atuação. A forma como atuamos em um partido político tem que ser diferente da forma que a gente atua no sindicato. *E, nesse caso, também seria diferente da forma como a gente ia atuar em uma torcida organizada e no estádio de futebol, então não chegaria a ter uma agenda política.* Mas, um dos principais motivos para criar uma torcida organizada era que a gente ia torcer pro time e apoiá-lo sem proferir canções ou palavras de ordem racistas, machistas e homofóbicas. Independente de qual time que você torça, gritando noventa minutos ou não, uma das coisas que a gente queria era trazer a discussão de combater o racismo, o machismo e a homofobia, que *são os três maiores males que atacam o futebol mundial e brasileiro em específico.* Nós todos éramos

¹³⁴ Red and Anarchist Skinheads consiste em um movimento transnacional de skinheads socialistas e anarquistas, com sede em várias cidades, subdivisões denominadas como Seção. Trata-se, portanto, de uma subcultura que evidencia certa globalização das experiências partilhadas pela cultura juvenil.

¹³⁵ Tática política que será discutida nos subtópicos deste capítulo.

anticapitalistas, porém sabíamos que a palavra de ordem anticapitalismo ou a agenda anticapitalista já seria mais avançada para fazer a discussão em um estádio de futebol. Até porque, querendo ou não, o Ferroviário ou qualquer outro clube hoje são empresas, instituições privadas. Os estádios de futebol alguns são estatizados, outros terceirizados e muitos privados, então tudo está dentro da lógica capitalista. Inclusive para o time se dar bem em campo, tem que ser bem gerido como uma boa empresa capitalista. Então, seria uma discussão complexa que a gente teria que travar com as torcidas (C, 2018)¹³⁶.

No depoimento do nosso entrevistado, há uma ênfase no que, dentre as razões para a criação da URC, o combate ao racismo, ao machismo e a homofobia representava uma posição central no objetivo do grupo. Este grupo, que acumulava um capital político de atuação em partido e sindicato, calculou estrategicamente a problemática do racismo, da homofobia e do machismo no futebol, uma vez que, ao passo serem anticapitalistas, taticamente compreendiam os limites do debate sobre essa temática em um ambiente essencialmente capitalista.

Diante disso, o espaço dos estádios foi apreendido como um lugar também para torcedores atuarem sem reproduzir o racismo, o machismo e a homofobia, que significavam “os três maiores males que atacam o futebol mundial”. Em contrapartida, o início da trajetória da URC expressou o fim de experiência na torcida Falange Coral. Como se desenvolveu essa relação paradoxal na tradicional torcida organizada?

A escolha pela criação de uma outra associação torcedora constituiu uma alternativa diante das possibilidades do contexto, tendo em vista que, mesmo mantendo uma relação cordial e respeitosa na Falange Coral, as práticas e as experiências das torcidas organizadas, de acordo com os fundadores da URC, eram incompatíveis com a projeto político do grupo. Desse modo, quando questionado sobre qual a agenda política da URC, C afirmou que a torcida não chegava a ter uma agenda política, porque dimensionava as particularidades da atuação nos espaços futebolísticos, diferente, exemplo, de partido político e sindicato. No entanto, vale ressaltar as nuances das narrativas acerca da origem da torcida.

Os fundadores precisavam de estratégias diferentes para se inserirem no universo do futebol, principalmente pelas suas convicções políticas, entre elas o anticapitalismo. Como realizar a discussão anticapitalista em um espaço permeado pelas relações mercantis do capital como o futebol? Que estratégias de poder e que relação de poder-saber foram responsáveis pela construção desses sinais?

¹³⁶ Entrevista concedida por C ao autor. Fortaleza, 04 de setembro de 2018.

Naquele momento, ainda em 2004 quando os fundadores da URC integravam a torcida Falange Coral, essas incertezas se faziam cada vez mais presentes. Qual a fronteira da relação entre a militância política e o torcedor de futebol? Pautar inicialmente o machismo, homofobia e o racismo como males do futebol possibilitou avançar na conscientização política dos torcedores? Essas questões, portanto, atravessarão as discussões desse capítulo: “o historiador que tenta apreender a história em movimento deixa-se também envolver na marcha do tempo e deve aceitar que seu olhar é apenas parcial, limitado, frágil, bem ao contrário da ilusão científica de dominar o sentido último da história” (ROUSSO, 2016, p.187).

4.1) A Primeira Geração: skinheads, hooligans e entrismo

A periodização da trajetória da Ultras Resistência Coral em gerações consiste em um recurso interpretativo que utilizamos para definir três momentos do grupo. Dessa forma, a primeira geração se refere aos fundadores do coletivo, critério de classificação baseado em duas características comuns a esses sujeitos: o pertencimento ao *RASH*¹³⁷ e à militância partidária pelo PSTU, que possibilitaram a emergência da URC.

Apesar das trajetórias distintas uma das outras e da identificação com o Ferroviário ter origem em momentos diferentes, C e B buscaram alinhar seus pensamentos e atuar coletivamente no futebol com dois objetivos: apresentar a posição política no futebol e resgatar a consciência de classe na torcida do FAC. Nessa perspectiva, quem eram estes sujeitos e de que maneira alcançar seus objetivos?

¹³⁷ Na descrição elaborada pelo blog da Seção Rash Fortaleza, percebe-se a relação entre política, música, futebol e estilo de vida, atravessados pela estética e pelo combate à intolerância e à discriminação. Assim, eles afirmam que “Nosso coletivo agrupa principalmente skinheads (anarquistas, comunistas, ou sem nenhuma ideologia definida), mas também outras culturas irmãs (como os mods, rude boys e punks). Possuímos em comum a paixão pelo oi!, ska e reggae; o prazer por uma bebida gelada e um bom futebol; o sentimento classista e a indignação diante de toda forma de discriminação a exploração”. <http://skinheadsceara.blogspot.com/2009/05/apresentacao.html>



Imagem 54 – Núcleo fundador da torcida Ultras Resistência Coral.
Fonte Acervo Pessoal B

A foto acima registra o grupo dos fundadores da Ultra Resistência Coral, respectivamente da esquerda para a direita, C, Z, e B, na sede do Ferroviário “Elzir Cabral”, localizada no bairro “Barra do Ceará”, na periferia da cidade de Fortaleza. Na imagem, dois deles, Z e B, trajam uma camisa que tem grafada no círculo centralizado “Resistência Coral Ferroviário” com um punho esquerdo erguido, tal como retratado na faixa presa ao alambrado. As cores em vermelho e preto do punho cerrado simbolizam, respectivamente o socialismo e o anarquismo.

A relação desses fundadores com o Ferroviário remonta ao impacto do pertencimento clubístico na família, tradição particularmente construída pelo pai ou avós. Assim, no caso de C, sua família possui uma trajetória de torcedores do Ferroviário, especialmente a partir do seu avô, FMS, que chegou a ser jogador no time infantil e amador do FAC. A paixão do avô pelo clube foi ‘transmitida’ para o pai de C, MMS, mas, conforme relatou, seu pai era mais aquele “torcedor de rádio”. E, por não ter pressão do avô e do pai para torcer Ferroviário, os seus irmãos acabaram se tornando torcedor do Ceará Sporting Club, o que evidencia a complexidade da memória ao forjar identidades. Vejamos como C narra sua trajetória:

Já para os meus 16, 17 anos, quando eu comecei a militar politicamente, inicialmente na juventude do PSTU como secundarista, conhecendo outros torcedores do Ferroviário que também eram militantes de esquerda, surgiu a vontade de voltar a frequentar os estádios por todo aquele apelo popular que é o futebol e em especial o ferroviário por ser um time de origem operária. Então, a paixão por ferroviário veio de família, mas eu comecei a ir pro estádio mesmo, de verdade junto com a militância e influência de amigos de militância política (C, 2018).

Neste caso, C se identificava com o FAC pela trajetória familiar, mas não era um torcedor presente nos estádios, em função da apropriação esporádica elaborada por seu pai sobre a

prática de ir ao estádio. Apenas através da militância no PSTU, por influência dos colegas militantes que conheceu, passou a frequentar de forma assídua os estádios, reconfigurando a relevância do clube na sua vida. Além disso, aliado à tradição da família, o Ferroviário, ao ter sido fundado por trabalhadores em 1933, foi reivindicado pelos torcedores como time que simboliza a luta operária. Para C, essa afinidade política foi partilhada com seu pai, que integrou organizações clandestinas:

Eu sempre tive um posicionamento mais contestador, desde muito jovem, eu sempre fui da turma do rock, porém eu estudava em escola particular, um ambiente muito elitizado e a galera era fútil, com a qual eu não me identificava muito. Então eu lia e estudava sobre socialismo, anarquismo, mas eu nunca pus em prática e nem tinha com quem conversar sobre o assunto. Na verdade meu pai era até de esquerda, quando era universitário chegou até a militar em algumas organizações até clandestinas. Mas, com a redemocratização, ele abandonou a militância e muitos dos livros que eu pegava pra estudar eram dele, mas era uma coisa muito teórica e o máximo de revolta que a gente tinha era indo pro show de rock (C, 2018).

Dessa forma, o *posicionamento mais contestador* de C era resultado das leituras realizadas sobre socialismo e anarquismo através das obras pertencentes ao seu pai, que participara de organizações políticas durante a ditadura civil-militar. Nota-se que uma das implicações da sua formação consistiu na crítica que tece ao espaço que frequentava da escola particular, considerando fúteis os sujeitos e se distanciando destes. No entanto, o que se pode inferir da experiência relatada é uma apropriação da cidade de forma diferenciada. O historiador Francisco José Gomes Damasceno, ao investigar as cidades da juventude, seus movimentos por meio do *hip hop* e do *punk*, afirma que os jovens produzem outras ‘Fortalezas’ em suas apropriações:

Primeiro, é interessante lembrar que essa nova forma é feita pelo viés da arte, da cultura e do lazer, o que, por si só, já se constitui em uma novidade para essa cidade e sob a influência direta dela, em outras palavras, em resposta aos desafios colocados pela própria vida na cidade. Segundo, pelo inusitado do papel que a música assume nesse processo. Há um duplo giratório de apropriação da juventude. Por um lado, do ponto de vista social: trata-se de uma juventude de ‘periferia’ que se manifesta de forma política, social e cultural e insere-se nos mais variados contextos pela sua arte, pela sua música, fazendo disso sua forma de intervenção. Do ponto de vista estético, dão uma conotação radical ao rock e ao hiphop pela incorporação das condições de vida por eles enfrentadas nesse processo de re-invenção de si próprios, como também pela re-invenção da própria arte por eles praticada. A apropriação ‘geo-estética’ da cidade dá-se na medida em que os jovens utilizando-se da arte de viver — como passo a entender sua arte, produzida enquanto ética e estética de vida — produzem outras ‘Fortalezas’ para viverem, onde os espaços de convivência se tornam referência de bem viver, regados a músicas, festas, prazer e trabalho coletivo de construção dessas utopias juvenis (DAMASCENO, 2007, p.224).

Entretanto, inicialmente a contestação levada a cabo por C ficava, segundo seu depoimento limitada à teoria, pois, a maior revolta era ir a *show* de *rock*, até que uma oportunidade abriu espaço para o que poderia canalizar a teoria para a prática:

Eu me lembro muito que, por acaso, um amigo do meu pai, na época da segunda intifada palestina, chamou-o para uma palestra sobre a Palestina no auditório da UFC, organizada pela Frente de Apoio a Palestina. Lá, eu encontrei uma banquinha do PSTU que vendia aquelas agendas com capas de “gente revoltada” [risos]. Uma das capas era um *black block* em cima de um carro revirado nas manifestações do encontro do G8 em Gênova, com a frase “Sejamos realistas, exijamos o impossível”. Eu me aproximei da banca por conta da agenda e lá me chamaram pra participar de uma plenária secundarista do PSTU (C, 2018).

O pai de C, MMS, talvez não herdara a paixão fervorosa pelo FAC, mas seu posicionamento à esquerda política e seus livros lapidaram o pensamento teórico do jovem e funcionaram como o ponto de partida para a prática militante. A agenda com a frase “Sejamos realistas, exijamos o impossível”, com a capa de um *black block* no encontro dos países do G8 na cidade de Gênova¹³⁸, possibilitou ao jovem a participação na militância do PSTU.

Sabemos que essas lembranças narradas são seletivas e operam ao mesmo tempo em que silenciam e esquecem, porque a memória não é um

Um armazém inerte, onde, por ocasional e arbitrária acumulação, se recolhem os acontecimentos vividos por cada indivíduo, tal como acontece com as coisas amontoadas no sótão da casa dos avós. Bem pelo contrário. Ela é retenção afetiva e quente dos traços inscritos na tensão tridimensional do tempo – passado–presente–futuro – que permanentemente a tece (CATROGA 2015, p. 16-17).

Nota-se que as definições tradicionais sobre memória é rejeitada pelo autor, Catroga lembra que a memória é tecida a partir da tridimensão do tempo – passado – presente – futuro. A medida em que se narra as lembranças a identidade é elaborada, a maneira como constrói a si mesmo é reorganizada e reconfigurada. No entanto, “recordar é em si mesmo um ato de alteridade. Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do outro”. (CATROGA, 2001, p. 45)

Nesse sentido, um dos outros fundadores, B, nasceu no município de Uruburetama, localizada no Vale do Curu, transição da faixa litorânea para a serra, no interior do Estado do Ceará. Segundo o relato de B, nessa região há uma quantidade razoável de torcedores do FAC, porque as cidades mantêm um contato direto com Fortaleza devido à presença da linha férrea

¹³⁸ “G8 em Gênova: mundo lembra morte de manifestante há 10 anos”. Disponível em <http://www.vermelho.org.br/noticia/159259-9>. Acesso em 24 de setembro de 2018.

de transporte. Ainda nos anos 1990, B se mudou para Fortaleza e seu contato com o futebol se intensificou:

Eu saí do interior na infância e fui morar no bairro do Mucuripe, que tinha um outro time, não necessariamente operário, mas popular, que é o Terra e Mar¹³⁹, tem um estádio bem pequeno. E meu pai era um membro da liga Mucuripe, que realizava os jogos no estádio do Terra e Mar. Os dirigentes do Terra e Mar tinham conselheiros do Ferroviário ou pelo menos eram pessoas ligadas ao Ferroviário, que, naquela época, era um time renomado, tinha sido bicampeão cearense. Foi a época que eu comecei a ter mais contato com o futebol. Então, eu ia pro estádio pra ver o time o time do meu pai jogar, o Terra e Mar, e algumas vezes a gente encontrava os jogadores profissionais do Ferroviário, que iam lá pra bater bola ou fazer espécie de amistosos com o Terra e Mar. Então foi que eu passei de fato a me conhecer enquanto torcedor do Ferroviário (B, 2018).

B, portanto, ao morar no bairro Mucuripe, relacionou-se com o Ferroviário a partir do contato direto e indireto que tinha com o time do bairro, Terra e Mar. Desse modo, o território praticado e experimentado por ele o aproximou do clube coral, uma vez que residir no bairro Mucuripe e, próximo à sede do clube Terra e Mar, possibilitava-o relacionar-se com o futebol:

Como eu morava muito próximo a faixa de praia, eu sempre via os jogadores do Ferroviário correr na praia. Eu me recordo inclusive, quando eu criança, que o Ferroviário era patrocinado por uma empresa grande chamada CIALTRA. Lembro de ver um ônibus coletivo dessa empresa trazendo os jogadores do ferroviário e eu achava aquilo muito estranho porque um time que você ouvia muito falar, mas que as condições demonstravam a estrutura bem humilde (B, 2018).

Nessa perspectiva, embora o Ferroviário fosse um clube de tradição operário com certo respaldo no cenário estadual, B recorda, surpreso, a ocasião em que os jogadores do clube, levados pela empresa da Companhia Industrial de Transporte (CIALTRA)¹⁴⁰, treinavam na praia próximo à sua residência.

A formação política de B, contudo, foi construída de maneira diferente da trajetória de C. B, enquanto secundarista, ingressou no PSTU, como nos relatou em entrevista: “Em 2000 comecei a militar em uma organização política, no caso o PSTU, havia todo o sentimento de classe obviamente. E, dentro da organização, conheci outros estudantes secundaristas que também tinham simpatia pelo ferroviário” (B, 2018).

¹³⁹ O time Terra e Mar foi criado em 1938 no bairro mucuripe, tendo as cores grená, verde e branco, conhecido como tricolor praiano. Recentemente o clube participou em geral da segunda e da terceira divisão do campeonato cearense.

¹⁴⁰ Criada em 1966, a CIALTRA prestava serviço de transporte coletivo, conserto e produção dos seus próprios veículos. Disponível em <http://www.fortalbus.com/2016/05/ha-50-anos-empresa-cialtra-iniciava.html>. Acessado em 25 de setembro de 2018.

Isto posto, provenientes de cidades e experiências diferentes umas das outras, o encontro das experiências de C e B, bem como de outros que estiveram presentes no período, aconteceu pela militância no PSTU.

A complexidade das relações humanas é um problema essencial para o historiador. O histórico é o movimento dos estados sociais a partir da relação de mudança e de permanência nos acontecimentos. Todavia, tanto estes eventos como seus resultados possuem causas e protagonistas. Dessa forma, o historiador capta essa movimentação na observação do comportamento dos atores no tempo. No (des)enlace da história das formas coletivas do torcer, C e B protagonizaram a ideia de politizar, sob o ponto de vista da esquerda, as práticas torcedoras nos estádios.

Entretanto, além da militância no PSTU, outra experiência desses sujeitos influenciou suas atuações ao partilhar o pertencimento à subcultura skinhead. Eles constituíram a Seção Fortaleza e Região Metropolitana do *Red and Anarchist Skinheads* (RASH), coletivo criado em 2003 que se inseria diante de uma rede de agrupamentos em vários países.

O grupo de skinheads que nós fazíamos parte chama-se RASH, skinheads comunistas e anarquistas, que é uma frente que surge justamente para se contrapor aos fascistas que passaram a usurpar o termo skinhead, e também para definir e delimitar politicamente a origem do movimento. A sessão do RASH, que é dividido em sessões por todo o mundo, e aqui nos compomos a sessão RASH Fortaleza (B, 2018).



Imagem 55 – *Red and Anarchist Skinheads* Seção Fortaleza

A imagem acima retrata o símbolo do *Rash*, que alude ao trabalhador com punho cerrado e a ferramenta em um globo, com estrelas nas cores vermelha e preta. Desse modo, a militância política partidária somava-se ao movimento *skinhead*, cujos integrantes reconfiguraram o

passado no tempo presente para construir as estratégias de inserção no futebol e para disputar, no debate público, os usos da terminologia *skin*. Ao analisar a experiência juvenil na cidade de Fortaleza, o historiador Francisco Damasceno delinea a ideia de Experiência Musical e de Deslocamentos Geo-Estéticos reveladores do “novo” urbano contemporâneo:

É em torno do movimento que tanto punks quanto hip-hopers se insurgem no espaço urbano contra a exploração, a mesmice, a guerra, o capitalismo, a anti-cidadania, a falta de condições de vida dignas e justas, e tantas outras questões que os afligem e incomodam e com o que imaginam estar produzindo um mundo melhor e reinventando sua cidadania. (...) As muitas formas de manifestação de seus desejos e necessidades têm apontado para uma construção alternativa nesses moldes. Além disso, uma articulação local e global se fortalece com vínculos de solidariedade e trabalho com jovens e entidades de outros estados, como suas movimentações mais frequentes grafitam, cantam e dançam por aí... (DAMASCENO, 2007, p.223-224).

Na esteira dessa subcultura, a juventude realizava uma interpretação da realidade e elaborava uma leitura de mundo que associava política, música, estética e performance. Isto é, compartilhavam ideias políticas diferentes – anarquismo, socialismo, escutavam gênero musical *Oi!*¹⁴¹, *ska*, *reggae* - e trajavam jeans, botas, jaquetas. Vejamos como um dos integrantes da URC experimenta esse pertencimento:

No caso, em 2000, nós vínhamos de outra subcultura, que era o movimento skinhead. O que nós queríamos era vivenciar a nossa subcultura de maneira minimamente possível, porque na prática é muito diferente. Nós sabíamos as possíveis dificuldades que nós teríamos aqui no Brasil. Seria muita pretensão querer fazer um comparativo direto e achar que nós teríamos um espaço para construir uma torcida de esquerda, mas nós mantivemos essa linha (B, 2018).

Para o grupo, os limites da vivência da subcultura skinhead de maneira *minimamente possível* davam conta de que a transposição de ideias para realidades muito distintas era algo muito complexo. De acordo com Francisco José Damasceno, o (des)enlace e desenvolvimento das manifestações *punk* esplaram-se como rastro de pólvora dos ‘bailinhos’ nos clubes de classe média em Fortaleza para os bairros populares:

Com os punks o processo é semelhante, mas a orientação anarquista imprime um outro viés: a criação de coletivos de convivência alternativa. O primeiro é criado ainda nos anos 80 (o Núcleo Coletivo de Consciência Libertária — NCCL), e durou até o final dessa mesma década. Depois disso muitos outros vieram, e nos anos 90 o mais presente foi o ‘Coletivo Ruptura’. Até recentemente a principal articulação se dava em torno da ‘Comuna Libertária’, uma entidade sediada no bairro de Parangaba e que encaminha a luta de punks e anarquistas sob essa ótica. (...) Ao lazer puro e simples, juntou-se um outro

¹⁴¹ Inspirado no tema *Oi! Oi! Oi!* da banda *Cockney Rejects*, cujos membros eram skins hooligans do *West Ham United* da Inglaterra, conhecida nas ruas como Street Punk ou Reality Punk, o gênero musical *OI!* é tido como música feita por skinheads e afins definida como *punk rock*.

com prazer misturado à política, à arte, à própria vida, como resposta direta aos desafios cotidianos. (DAMASCENO, 2007, p.224).

Nesse seguimento, a estruturação dessa cultura na Inglaterra se iniciou com a Banda *Cockney Rejects*, que em geral tocava músicas de torcidas e dedicaram quase todos os discos ao clube *West Ham United*. Normalmente, o *show* deles terminava em pancadaria com outras torcidas, existindo, conseqüentemente, outras bandas sob esse viés.



Imagem 56– *Cock Sparrer* - uma banda de fanáticos do *West Ham United*
Fonte Acervo Pessoal B

O que se sucede, portanto, é que a experiência musical exerce um papel muito mais do que uma construção melódica, uma vez que passa a sustentar a vida dos jovens e das moças de forma geral. Com a musicalidade emerge toda uma angústia da juventude relacionada a certa rebeldia das composições, em um complexo “quadro de fusão entre experiências de vida, eletividades afetivas, estéticas e práticas sócio-musicais” (DAMASCENO, 2007, p.229).

Como alertado anteriormente, o movimento *skinhead* tem sua origem nos subúrbios da Inglaterra a partir da consciência de exploração dos trabalhadores e associada ao viés político de esquerda. Segundo C “Na verdade skinheads a princípio era um movimento apolítico, uma contracultura apolítica, mas essencialmente multirracial e operária que surgiu na Inglaterra e que influenciou fortemente as outras subculturas juvenis que surgiram desde então” (C, 2018). Nesse sentido, os *skins* ressignificaram um movimento constituído entre os trabalhadores e que foi apropriado também por fascistas. Mesmo que C tenha afirmado, em sua narrativa que o movimento *skinhead* era apolítico, acreditamos que tenha se referido ao termo “apolítico” no sentido partidário, uma vez que desde o início combatiam politicamente o racismo ao lado do operariado.

É importante ressaltar que, tanto o movimento *skinhead* como os *hooligans*, conforme Roversi (1992) e Costa (2000), são resultados de um processo de difusão cultural na Inglaterra em meados da década de 1960. Na esteira da transformação do mundo após a Segunda Guerra Mundial, há uma autonomização da juventude na medida em que insurgem estilos de vida e de sociabilidade que passam a ser apropriados em diferentes lugares do mundo.

Em contrapartida, a conceituação do termo *skinhead* aparece repetidamente mistificado na mídia e na opinião pública relacionado a nazistas, sujeitos violentos e preconceituosos. O uso político da designação trouxe à tona em geral a apropriação conservadora do movimento *skinhead*. Porém, o movimento tem sua gênese vinculada à cultura específica dos trabalhadores nos bairros periféricos ingleses, compartilhando inicialmente com o *reggae*, o *ska* e a cultura negra elementos dos anos 1960:

Dentro do movimento *skinhead* existe uma ligação, quase que genética, com o *hooliganismo*. São duas coisas que estão diretamente ligadas. E nós compartilhávamos desse sentimento, sentimento *hooligans* e essas coisas. Obviamente que do ponto de vista de esquerda, e aí você tem que fazer toda uma diferenciação da concepção que se tem sobre isso (B, 2018).

Para B, o movimento *skinhead* ganhou força com o *hooliganismo*. As práticas e maneiras de ser e estar no mundo foram partilhadas entre os dois movimentos. Dunning, Murphy e Willians (1993) analisaram o *hooliganismo* a partir da teoria do processo civilizatório. Na medida em que o processo civilizatório é uma transferência geracional de experiência e saberes, há reações através de processos reversos, a “explosões descivilizadoras” (DUNNING, 2014). Explosões que explicariam o *hooliganismo*:

Este seria gerado pela não incorporação dos segmentos “rudes” da classe trabalhadora inglesa dos valores e modos de conduta mais “civilizados”. Os jovens oriundos desses segmentos encontrariam, no contexto do futebol, um espaço privilegiado para brigas, agressões e outras formas de violência – que, no seu meio social, serviriam como um meio de afirmação pública de masculinidade. Diferentemente do que ocorreria nas classes sociais mais “estabelecidas”, a prática da violência nesses segmentos não seria necessariamente motivo de vergonha. Pelo contrário, ela seria mais aberta, tolerada e, até mesmo, motivo de orgulho, já que aos seus integrantes seriam “[...] negados invariavelmente o status, o significado e a gratificação nas esferas educativa e ocupacional, as principais fontes de identidade, sentido e status de que dispõem os homens para subir na escala social” (DUNNING; MURPHY; WILLIANS, apud in REIS; LOPES; MARTINS, 2015, p. 620).

Nesse sentido, refletindo sobre o contexto inglês, existem diferentes interpretações para a compreensão do *hooliganismo*, entre elas a interpretação marxista ou a elaborada pela Escola de Leicester por Dunning, por exemplo. A trajetória do debate das contribuições e dos limites dessas explicações não serão objeto de análise neste espaço, uma vez que não constitui a

centralidade do debate aqui proposto, já que a temática atravessa tangencialmente nosso objeto de estudo. Em virtude disso, avaliamos como o hooliganismo foi apropriado pelos *skinheads*. Apesar de ganhar dimensão pública maior nos anos 1980, o hooliganismo se popularizou na Inglaterra nos anos 1960, especialmente pelo desempenho da seleção inglesa na Copa do Mundo de 1966.

Este fenômeno ganhou notoriedade na década de 1960, notabilizando-se como um grave problema social britânico. Na década de 1980, tal fenômeno ganhou uma dimensão pública ainda maior, devido, entre outras razões, a algumas tragédias de grandes proporções – ainda que, em alguns casos, essas tragédias tenham sido erroneamente atribuídas às ações dos hooligans, como a de Hillsborough, quando 96 torcedores do Liverpool morreram pisoteados ou comprimidos contra o alambrado, por conta da superlotação e da incompetência policial. (REIS; LOPES; MARTINS, 2015, p. 619)

Os hooligans levavam a identificação com o clube para muito além do espaço-tempo do jogo, cujo vínculo os predispunham ao extremo das contradições com o outro. Assim, ao mesmo tempo em que construíam identidades acentuavam diferenças. Sobre os hooligans, B afirma que “É uma galera que torce pelo seu clube e tá disposta a fazer tudo o que for possível para promover esse clube, do ponto de vista da torcida, de apoiar, de acompanhar, de viajar... A violência começou a partir das diferenças, inclusive, políticas, e depois elas se generalizaram” (B, 2018).

Em contrapartida, para Eric Dunning, em sua obra *Football Matters: sociological studies of sport, violence and civilization*, o hooliganismo, que teve origem na Inglaterra nos anos 1960, a partir de 1970 passou a ser uma temática investigada pelos pesquisadores britânicos, que inicialmente pensaram se tratar de um fenômeno local. No entanto, Dunning (1999) enfatiza que o hooliganismo é um problema mundial. Assim, o autor abrange o pensamento para a concepção de que toda violência relacionada ao futebol direta e indiretamente está associado ao hooliganismo.

Entretanto, para Spaaij (2007), há diferença entre incidentes espontâneos de violência e o comportamento socialmente organizado dos *hooligans*: “In search of a more precise conceptualization of football hooliganis, an ideal typical distincion can be dawn spontaneous incidents of spectator violence and the behavior os socially organized fan groups that engage in competitive violence, principally with fan groups of opposing football clubs” (SPAIIJ, 2007, p.412). Portanto, Spaaij diferencia a experiência do hooliganismo no sentido que este se relaciona com práticas de comportamento socialmente organizado em uma violência competitiva, principalmente com grupos de torcedores rivais.

Na Ultras Resistência Coral, a subcultura *skin* e o hooliganismo são apropriados não para o confronto deliberado com torcidas de clubes rivais no futebol, mas sob a forma do comportamento, do estilo de vida e da consciência de classe¹⁴² em combate ao fascismo.

De todo modo, vale ressaltar as diferenças entre as ideias do hooliganismo e as identidades forjadas por meio da categoria de *pertencimento clubístico*. Na medida em que o pertencimento clubístico se refere à emoção engajada muito além do espaço-tempo do jogo, abrange a relação de torcedores não necessariamente vinculados a torcidas organizadas, nem que frequentam obrigatoriamente os estádios. Segundo Damo (2012), o pertencimento clubístico, inclusive, pode ser estendido para a relação dos torcedores em outros esportes.

Dito isto, a chave interpretativa para a compreensão da politização do torcer do ponto de vista de esquerda em meados dos anos 2000 perpassa a relevância da experiência da subcultura skinhead e da militância partidária. Estes jovens torcedores do Ferroviário, vivendo na cidade de Fortaleza no início dos anos 2000, recém ingressos na militância do PSTU, adentraram nos estádios com dois objetivos principais: apresentar sua posição política nas torcidas e resgatar a origem de classe do clube.

Porém, como pôr em prática as ideias compartilhadas da militância política e do estilo de vida *skin* nas arquibancadas?

Inicialmente a gente não tinha a ideia de formar uma torcida de esquerda política, até como uma tática bem comum nos partidos comunistas, nossa ideia inicial mesmo era fazer uma tática de entrismo: entrar nas organizações que já existiam e disputar internamente (C, 2018)

Para tanto, dentre as escolhas entre instituir uma nova torcida ou adentrar em um grupo já existente, a escolha levada a cabo foi a última opção, através da tática definida como entrismo. Assim, o *entrismo* consiste em uma tática do movimento trotskista na Quarta Internacional Comunista nos anos 1950 em que uma pequena organização infiltra-se em um partido que tem grande influência. Nessa perspectiva, as consequências podiam variar da cooptação de membros para construir a organização ao rompimento com o partido:

Será a partir dessa análise que será lançada a tática do entrismo *sui generis*, assim denominada para se diferenciar do entrismo proposto por Trotsky nos anos 1930, nesse caso tratava-se de entrar nos partidos socialistas para recrutar militantes à esquerda desses partidos visando contruir o partido

¹⁴² Sobre o hooliganismo no Brasil, houve a realização do I Simpósio Internacional sobre Hooliganismo e Copa do Mundo de 2014, organizado pelo Centro de Estudos Avançados da Unicamp (CEAv), em 2011, e o II Simpósio Internacional sobre Hooliganismo e Copa do Mundo de 2014, nas sedes da Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro e a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, em 2012. A respeito do debate acerca da experiência hooligan no Brasil, conferir REIS, 2014 In. Hooliganismo e Copa de 2014.

revolucionário. O entrismo dos anos 1950 era diverso, para Pablo e Mandel era necessário entrar nas organizações nacionalistas, democratas e especialmente nos partidos comunistas, ficando dentro das organizações até tomar o poder e consolidá-lo, para só depois se diferenciar (OLIVEIRA, 2013, p.67).

Pablo e Mendel eram membros da Quarta Internacional que reformularam o *entrismo* nos anos 1950, optando por disputar politicamente o partido/organização até tomar o poder e diferenciá-lo. Guardadas as devidas proporções, diferenças estas ressalvadas pelos depoentes, uma vez que a forma de atuação nos estádios possui diferenças com partidos políticos, esta estratégia foi a adotada pelos jovens militantes torcedores ao ingressarem na torcida Falange Coral.

Conforme os depoimentos dos fundadores da URC, a decisão de criar uma torcida independente não aconteceu por desavenças com os integrantes da torcida Falange Coral, ou pela tática do *entrismo* não ter tido sucesso – que fica evidente na relação cordial mantidas pelos grupos atualmente - mas pelas contradições que a experiência enquanto membro da Falange Coral fez emergir. Refiro-me a dois aspectos, principalmente.

O primeiro remonta à prática do enfrentamento e dos confrontos das torcidas organizadas, especificamente em um caso de embate corporal contra os torcedores adversários da TUF e da JGT, ambas do Fortaleza. Essa problemática ia de encontro ao que defendiam – o combate à violência entre as torcidas, uma vez que o torcedor adversário era visto pelo sentimento de classe, e não simplesmente como inimigo no sentido estrito do termo, associado à violência.

Nesse sentido, o combate à violência entre rivais no futebol defendido pela URC gerou um certo desconforto para a continuidade do *entrismo* na organização torcedora tradicional, a Falange Coral. Contudo, a incompatibilidade de ideias e de práticas, aparentemente, não pôs fim de imediato a relação entre os sujeitos recém ingressos – e possíveis egressos – da torcida Falange Coral.

C e B narram uma das incompatibilidades da experiência através do mesmo percurso, destacando a profundidade da violência entre as torcidas adversárias, que os colocava em situação de risco porque os confrontos envolviam bairros e gangues. Embora C e B, de acordo com seus depoimentos, tenham até recebido elogios dos antigos integrantes da torcida organizada Falange Coral diante da postura que tiveram durante os conflitos, o risco iminente de agressões e a possibilidade de episódios mais complicados futuramente inviabilizaram a tática do entrismo por um período muito extenso.

Dessa forma, o segundo aspecto que coadunou para a criação de uma torcida a parte se trata dos cânticos racistas, homofóbicos e machistas proferidos pela torcida Falange Coral. Conforme relatado pelos fundadores nas entrevistas, o torcer ferroviário era também mostrar a consciência política através do combate ao machismo, racismo e homofobia, que na visão de um dos torcedores militantes *são os três maiores males que atacam o futebol mundial e brasileiro em específico*.

A trajetória de cada grupo, portanto, era distinta, tanto política como sociocultural. Esse contraponto torna evidente a emergência do movimento de quarta onda, que, através de uma crítica do ponto de vista político de esquerda, insurge radicalmente como resposta aos modelos coletivos anteriores.

A Torcida Falange Coral, fundada em 1990, acumulava uma experiência instaurada pelo movimento de segunda onda. Corroborava, sobretudo, com as torcidas organizadas jovens criadas a partir dos anos 1980 na cidade de Fortaleza – Cearamor, TUF e JGT, principalmente – cujos traços de identidade atravessam a virilidade, a masculinidade e a corporalidade construídas coletivamente. Enquanto que os novos sujeitos ingressantes, compartilhando um saber militante partidário e *skinhead*, elaboravam de maneira distinta a concepção de ser torcedor: mutação aqui definida como *a guinada antifascista*.

Como vimos, é bem verdade que tais relatos são subjetivos e, conseqüentemente, narram o ocorrido a partir de um lugar social, que recorda, silencia, esquece e tem intencionalidades. Os novos torcedores, na medida em que iam se estabelecendo na Falange Coral, materializaram nas experiências vivenciadas a visão que tinham da torcida organizada, constatando a inviabilidade de continuar integrando a torcida. Nessa avaliação elaborada sobre o que significava a Falange Coral, eles sabiam que, embora seja uma torcida no padrão das torcidas organizadas tradicionais, não se resumia apenas a uma juventude violenta, homofóbica, racista e machista, como permanece no imaginário do Poder Público, que frequentemente busca criminalizar e proibir a existência das torcidas organizadas.

Portanto, que discursos são ocultados nessa experiência? O ato de não cantar o machismo, homofobia e o racismo nas músicas entoadas pela Falange Coral, aliado ao risco da violência, desgastava a ponto de fazer sucumbir a tática do *entrismo*?

A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa. (...) Ou seja, a memória e o esquecimento aqui também

só existem sob os olhares da história, investindo-se na reconstrução de novas identidades, a partir de um critério utilitário-político (SEIXAS, 2004, p.42)”

Dito isto, esses torcedores, ao se contrapor a Falange Coral, gestavam a memória e reconstruíam novas identidades nas arquibancadas, instaurando um novo modelo coletivo do torcer. Incorporava nas torcidas organizadas, portanto, elementos da militância política: o combate à violência, ao fascismo, ao machismo, à homofobia e ao racismo. Para tanto, precisaram conhecer outras formas do torcer, dialogar e travar uma discussão para que pudessem também se compreenderem e articularem concretamente a finalidade política que desejavam. É a “reforma do passado em função do presente”, cuja construção de identidade parte de um “critério utilitário-político”, pois “Toda memória, seja ela individual, coletiva ou histórica, é uma memória *para* qualquer coisa, e não se pode ignorar esta finalidade política (no sentido amplo do termo)” (Idem, p. 42).

Inicialmente esse grupo de torcedores atuava sob incertezas, onde dúvidas sobre o horizonte de expectativas do grupo de torcedores militantes - e recém ingressos na torcida Falange Coral – emergiam por questionamentos: será que dá pra fazer um trabalho de base naquele grupo? É possível disputar politicamente os rumos da torcida Falange Coral? Fredrik Barth (2000), sobre a Teoria dos Jogos, afirmou que as escolhas e as ações dos sujeitos são elaboradas tendo em vista a ação/reação paralela dos outros atores, é uma tensão entre liberdade e escolha a partir da qual as relações interpessoais dialogam com os sistemas normativos.

O *entrismo* dos novos integrantes da Falange Coral ocorreu pela possibilidade de construir um grupo específico dentro da torcida através de uma estratégia que as torcidas organizadas adotavam: a divisão em subgrupos a partir dos espaços significados e valorados pelos sujeitos, podendo estar relacionado aos bairros que habitavam ou a um conjunto de bairros que constituem uma região, por exemplo, norte, sul, leste e oeste, ou até mesmo à identificação do estilo musical partilhado.

Esta composição das torcidas organizadas está diretamente associada ao contexto dos anos 1990, analisado brevemente no capítulo anterior, quando uma das sociabilidades mais expressivas da cultura juvenil ocorriam nos *bailes funks*, que foram proibidos e, a partir de então, os significados e os valores atribuídos por esses jovens não foram extintos com o fim dos bailes funks, mas transpostos para as arquibancadas. Dessa forma, as torcidas, ao subdividirem-se em territórios, esquadrihavam o espaço urbano da cidade e intensificavam as rivalidades entre os bairros.

Na Torcida Falange Coral, havia a divisão em esquadrões a partir dos bairros, isto é, “Esquadrão Barra do Ceará”, “Esquadrão Itaoca”, etc. Nota-se também a presença do “Esquadrão Feminino”, demarcando a posição da mulher dentro da torcida organizada. Na Torcida Organizada Cearamor (TOC), vimos que a lógica da divisão dos bairros permanecia, porém o nome dado para as subdivisões era “Alas”, por exemplo, “Ala Guanabara” ou “Ala Antônio Bezerra”, existindo também referência ao estilo musical, como a “Ala Funk”. Já a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), entretanto, se subdividiu inicialmente em núcleos e, posteriormente, em zonas, buscando agregar maior número de integrantes em cada grupo na Zona Sul, Leste, Oeste e Norte.



Imagem 57 – Membros da TFC exibem faixa Esquadrão no teto de ônibus

Na torcida Falange Coral, durante a experiência do entrismo que perdurou um ano, os torcedores-skins-militantes criaram o Esquadrão *BootBoys* em alusão aos *skinheads* que compartilhavam a cultura *punk-skin* e a vivenciavam também no futebol:

Na época nós criamos o Esquadrão *BootBoys*, porque a Falange Coral era dividida em esquadrões. Boot Boys era como os *skinheads* torcedores digamos, que eram como os torcedores envolvidos com torcidas se chamavam. Chamavam eles de boot boys porque eles iam pros estádios de bota, os “garotos de bota”. Nisso havia também os punks-skins em referência aos caras que iam de bota para o estádio (B, 2018).

Os “garotos de bota” da Falange Coral, portanto, representavam oficialmente a primeira experiência daqueles sujeitos na apresentação de sua posição política nos estádios sob o ponto de vista da esquerda política.



Imagem 58 – Boot boy/hooligan/skinhead do *West Ham United* da Inglaterra
Fonte: Acervo pessoal B

Nessa perspectiva, diante das questões que foram apontadas por B e C, um aspecto que agravou o diálogo entre a Falange Coral e o Esquadrão BootBoys foi a profundidade em que se diluía a violência nas torcidas organizadas. Trata-se sobretudo da percepção que os conflitos, as brigas e a violência eram desdobramentos de problemas sociais complexo, entre eles as gangues, o que possibilitaria a ocorrência de algo mais grave. Assim, essa diferença não tardou para que outra contradição de ideias acontecesse:

Foi nesse momento que a gente percebeu que era possível disputar um lugar dentro da torcida, mas era arriscado, perigoso, levaria um trabalho de anos... Sem falar que a Falange Coral não é um partido de massas, não é um movimento social de massa, não é um sindicato que a gente queira disputar e não é um partido operário revolucionário que a gente queira disputar... É um grupo, tudo bem que é a maior torcida do ferroviário, mas ainda assim é um grupo minoritário dentro do que é a torcida do ferroviário. Daí a gente analisou bem e surgiram as condições e decidimos criar uma torcida a parte, ainda mantendo as amizades, o que a gente chama de alianças com todas as outras torcidas do ferroviário (C, 2018).

Disputar um lugar dentro da torcida na medida em que se buscava uma conscientização política através do antimachismo, antirracismo e anti-homofobia se tornou um risco para o grupo. Não significa, em contrapartida, que a tática do *entrismo* resultou em problemas do grupo com a torcida Falange Coral, mas o perigo que as práticas de violência desta torcida organizada causavam não compensariam o *trabalho de anos, ou seja*, transformar aquela mentalidade custaria muito tempo.

Eis aqui um momento de inflexão: a existência das condições de possibilidade para criar uma nova torcida. Como defini-la? Trata-se de uma torcida organizada? Um coletivo? As demandas da escolha sobre a nomeação do grupo será refletida no próximo tópico.



Imagem 59 – Símbolo do punho esquerdo erguido da URC.
Fonte: Acervo pessoal B

Após um período de inserção na torcida Falange Coral no ano de 2004, os jovens militantes do PSTU compreendem que a estratégia mais viável era organizar um grupo a parte, o que poderia dar uma visibilidade maior sem os embates políticos e riscos enfrentados durante a experiência na Falange Coral.

Uma vez apontadas essas tensões presentes no período, passamos agora para a análise da conformação do novo modelo do torcer e o que de fato significavam as experiências dos sujeitos torcedores e militantes políticos, buscando refletir acerca do questionamento e das possíveis respostas sobre como se estruturou a Ultras Resistência Coral? Que relações sociais foram construídas com as outras torcidas organizadas?

É nesse contexto que se dá, portanto, a insurgência do que denominamos como movimento de quarta onda dos modelos coletivos do torcer. Este movimento, que ainda permanece em curso, formalizou-se pela crítica às torcidas organizadas a partir da politização do torcer sob o viés da esquerda, instituindo as torcidas antifascistas.

Em suma, a Ultras Resistência Coral antecipou, no Estado do Ceará, a multiplicação ocorrida na segunda década do século XXI das torcidas antifascistas no Brasil. O resultado da experiência desse agrupamento não consistiu no que o grupo de fundadores pretendiam, porém a dimensão dos efeitos alteraram consideravelmente o significado do torcer.

4.2) Ultras Resistência Coral: nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes

A Ultras Resistência Coral, criada em 2005, precipitou o movimento da quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer. Contudo, buscamos analisá-la não somente como um

acontecimento, mas também pelo projeto proposto, pelas permanências e os efeitos da sua inserção nos estádios a curto, médio e longo prazo.

Vale ressaltar também que o novo modelo coletivo do torcer conformado pela Ultras Resistência Coral convive simultaneamente com os movimentos da segunda e da terceira onda anteriormente analisados, ora se distanciando ora se aproximando na fluidez do mar das torcidas.

Entre 2005 e 2020, a Ultras Resistência Coral incorporou outros componentes, tomou diferentes formas e por estes motivos propomos uma categorização temporal para facilitar a compreensão dos estágios. Assim, utilizamos do mecanismo geracional para interpretar a experiência da URC, segundo o qual a classificamos em três gerações.

Na primeira geração os integrantes da URC consistiam basicamente no núcleo fundador, a saber, aqueles que partilhavam a subcultura skinhead e a militância no PSTU. Dessa forma, a primeira vez que expuseram faixa enquanto membros da URC foi em 31 de julho de 2005. Contudo, consideramos recuar um pouco no tempo para compreender melhor esses sujeitos, como fizemos no tópico anterior, pois o ser skinhead e a militância no PSTU foram fundamentais para a conformação da URC e sua atuação.

A segunda geração se caracteriza pela abertura a integrantes que simpatizaram com as ideias e as bandeiras defendidas pela URC. Assim, vários membros tornaram-se integrantes orgânicos da torcida, especialmente sujeitos que militavam em partidos de esquerda para além do PSTU, de modo que a partir desse momento a URC se consolidou enquanto uma Frente Ampla de Esquerda nos estádios, agregando socialistas, anarquistas e simpatizantes.

Diante disso, a terceira geração se estruturou recentemente, após Jornadas de Junho de 2013, cuja multiplicação das torcidas antifascistas no Brasil possibilitou estender o diálogo entre a rede de associações torcedoras *antifas*, não só no Brasil, mas transnacionalmente.

Os sujeitos torcedores/militantes/skinheads que compuseram a torcida organizada Falange Coral, através do Esquadrão *bootboys*, romperam com a Falange Coral e encaminharam em conjunto com outros militantes a fundação de uma torcida a parte. A URC consistiu, pois, em uma alternativa para apresentar a posição política em um espaço historicamente estruturado pelo machismo, racismo, homofobia e violência.

A decisão sobre qual nome adotar para a torcida foi um dos primeiros debates realizados pelos fundadores: C, B e Z. A criação, dessa forma, foi algo pensado na medida em que eles

estudaram a formação das torcidas organizadas em várias regiões no mundo, entre elas os *hooligans* na Inglaterra, os *Ultras* na Itália e os *barra-bravas* na América Latina.

A gente buscou analisar como se expressavam as torcidas organizadas em cada país, cada cidade, cada contexto. No Brasil, elas sempre se intitulavam torcidas organizadas, inclusive o termo torcida vem de torcer o lenço porque naquela época do futebol bem aristocrático, o lenço servia para quem enxugava as lágrimas e o suor, e depois torcia. A gente analisou o surgimento dos hooligans muito ligado aos skinheads da classe operária inglesa, do qual a gente também se inspirava nos skinheads de esquerda. Então a gente analisou os hooligans, os skinheads, os barra bravas na Argentina, os ultras na Europa como um todo e em especial na Itália (C, 2018).

É evidente que a maneira como o grupo ia expressar a posição política por meio da torcida se baseava em experiências anteriores, embora tivessem consciência que o contexto local limitasse as pretensões do grupo. Os fundadores estudaram as possibilidades de atuação, o que significa um certo planejamento, organização articulada e conscientização sobre o modo como se constituiria a torcida.

Um elemento singular desse momento de fundação da associação torcedora se refere às influências levadas a cabo na história dos modelos coletivos do torcer. Se, para os *chefes de torcida* e para as *torcidas organizadas* da cidade de Fortaleza na segunda metade do século XX a referência e o exemplo a ser considerados estavam dentro do próprio país, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, a Ultras Resistência Coral se voltou para o exterior ao buscar o modelo Ultras como um espelho para projetar sua experiência.

As torcidas ultras surgiram, dessa maneira, em meio às rebeliões estudantis e às greves operárias, entre bombas e atentados, articuladas, de uma maneira ou de outra, às matrizes ideológicas do extremismo político. Nesse sentido, enquanto a curva à direita conduzia ao núcleo composto pelas torcidas da Inter, da Lazio e do Verona, próximas ao Movimento Social Italiano, a curva à esquerda descortinava a presença de uma série de agrupamentos que se proclamavam Panteras Alvinegras, Tupamaros, Fedayns, sem contar aquelas que, pouco depois, viriam se intitular Brigadas em referência ao partido armado identificado pela estrela de cinco pontas (Podaliri; Balestri, 1998, p. 90-93).¹³ No decorrer dessa primeira fase do movimento, durante os “anos de aprendizado” (Roversi, 1992, p. 46), os ultras foram incorporando e recriando modelos aparentemente tão díspares e distantes entre si quanto o dos hooligans ingleses e o dos partidos de esquerda (FLORENZANO, 2010, p.154).

Reivindicar o modelo Ultras, portanto, inseria a Ultras Resistência Coral em uma trajetória de torcidas que extrapolava o domínio do futebol, cuja gênese se estrutura nos trâmites das questões sociais da Itália e se reverbera para além desse espaço geográfico. Assim, essa circulação de subculturas evidenciam determinada planetarização de sociabilidades e de estilos de vida.

Esse aspecto é significativo porque expressa um rompimento do movimento da quarta onda do modelo coletivo do torcer com os anteriores, especificamente a primeira e a segunda ondas da história das torcidas. Os fundadores da Ultras Resistência Coral discutiram coletivamente sob quais influências iriam passar a atuar, onde buscar referências para apresentar sua posição política.

Podemos considerar la subcultura ultra como una subcultura juvenil netamente europea de amplio espectro que, frente a otras subculturas limitadas a un ámbito geográfico (fundamentalmente, Gran Bretaña), es exportada (y adaptada) a otros países y contextos culturales desde hace más de treinta años. Los grupos ultras o de hooligans constituyen un movimiento subcultural que se estructura en torno a los mismos factores que el resto de subculturas juveniles (generación, género, territorio, estilo, ...), y que participa también de distintos elementos de la “cultura del hincha” (ÁDAN, 2004, p.88).

Nota-se a presença de fatores que estruturam tanto os grupos Ultras como os hooligans, a geração, o gênero, o território e o estilo. Nessa perspectiva, a URC se apropria de algumas especificidades desse debate, de modo que a forma como vivenciam e entendem o mundo a partir de condutas que fogem às normas e ao padrão, bem como a intensidade com que experimentam o cotidiano, traria elementos para o modelo de torcer desse agrupamento.

Mas uma coisa específica que a gente se identifica com relação aos ultras é que na Itália especificamente, os ultras, embora existam ultras apolíticos, uma das coisas que os ultras falavam é que eles são *ultratorcedores*, eles não eram *torcedores comuns*, eles eram *ultratorcedores*, não ficava só no campo do futebol, ficava no campo da vida doméstica, da vida social e da vida política. É por isso que as torcidas mais politizadas que existiam eram na Itália, tanto pra direita como pra esquerda. E uma das coisas que a gente acabou decidindo, para se distinguir das outras torcidas organizadas, foi adotar o nome de *ultras*. Torcer pro ferroviário não vai ser simplesmente torcer ferroviário dentro de campo, é você levar o Ferroviário e o que ele representa, também pra fora de campo, inclusive as repercussões políticas de torcer pra um *time operário* (C, 2018).

Em tal caso, um desses elementos, conforme relato, era o entendimento do significado sobre o que é ser torcedor. Os fundadores buscaram correlacionar com o contexto italiano, no qual os torcedores são mais que torcedores comuns, ou seja, o *pertencimento clubístico* ultrapassa o campo de futebol, avançando para a vida doméstica, social e, sobretudo, política. A apropriação do termo Ultras, portanto, incorporava uma série de significados em paralelo a história do Ferroviário, particularmente a consciência de classe operária da sua fundação

A dimensão simbólica do Ferroviário Atlético Clube enquanto time operário singularizava a experiência do torcer por esse time, uma vez que representava a identificação com o clube forjada direta e indiretamente pela consciência de classe. Este mecanismo é essencial no repertório constituinte do pertencimento clubístico dos torcedores do Ferroviário.

A originalidade da “via italiana” (Roversi, 1992, p. 42), contudo, não se esgotava na magnificência das coreografias ou na pluralidade temática das faixas. Ela incluía, sobretudo, o percurso pelo campo minado do extremismo político ao longo do qual os jovens torcedores iam colhendo o vocabulário do confronto e o exemplo da militância (Bromberger, 1995, p. 245-247), a forma de associação e o padrão de comportamento, a “simbologia correspondente à imagem de dureza que desejavam dar de si próprios” (Roversi, 1992, p. 49) (FLORENZANO, 2010, p.154).

Nesse sentido, a associação entre o movimento skinhead, hooliganismo e Ultras coadunava a trajetória de esquerda dos fundadores, o que possibilitou a escolha do termo *Ultras* para nomear a torcida. Não à toa, a terminologia lança luz sobre um contexto específico, em função da subcultura Ultras ter sua gênese na Europa na crise e nas transformações que o futebol atravessou pós Segunda Guerra Mundial, com a crescente internacionalização, a conversão dos clubes para a profissionalização e altos investimentos, maior arrecadação nos ingressos e reformas na estrutura física e social dos estádios.

A la fracción más pobre (y joven) de la clase obrera le fueron reservados los fondos (“ends”), gradas populares en las que hicieron su aparición las primeras formas de afición extrema en los años Sesenta, expresión del intento de los más jóvenes de conservar la cultura tradicional, de renovar antiguas solidaridades y de reafirmar una identidad de clase. Desde su nacimiento, los grupos de hooligans estuvieron ligados a otros estilos subculturales (por ejemplo, a la presentación en sociedad de los skinheads, en 1969). Este modelo de afición se difundió, por vía imitativa, a otros países europeos. Italia fue el primero en recoger el testigo, creando, a su vez, escuela. La subcultura ultra se desarrolla en Italia tras la efervescencia de los acontecimientos de 1968, e inspirándose en las prácticas de las formaciones políticas extremistas (ÁDAN, 2004, p.88).

A relação entre os grupos ultras e o hooliganismo com subculturas como os skinheads se desenvolveu paralelamente, cujas ressonâncias difundiram-se em vários países. Funcionavam sobretudo como agentes de socialização para uma considerável parcela da juventude, sendo incorporada também na cidade de Fortaleza. Além disso, enfatiza-se nessa cultura “O comprometimento e o engajamento dos ultras com sua cultura, no entanto, vão além da duração do jogo. Eles aspiram a um projeto coletivo capaz de exercer influência nos processos decisórios dos clubes e são muito críticos à hipermercantilização do futebol”. (LOPES; HOLLANDA, 2017, p.217)

No caso nós tínhamos referências, a partir do movimento *skinhead*, em torcidas *ultras* que eram compostas por esses *skins*. Vale ressaltar pelo menos duas, os Bukaneros do Rayo Vallencano, que até hoje tem um forte componente nos *skins*. E outra que vale ressaltar também foi a galera do St. Pauli, uma chama Ultra St Pauli e a outra que se chama red...[inaudível] que acabou deixando de existir. (B, 2018)

Apreende-se, na recordação de B, os dois grupos que influenciaram a fundação e a continuidade da Ultras Resistência Coral, os *Bukaneros* na Espanha e a *Ultras Saint Pauli* na Alemanha. B relatou ainda que as faixas e os aportes visuais elaborados pela URC foram adaptações dessas torcidas, cujo contato se estendeu até o presente momento.

Dito isto, diante dessa reflexão acerca dos grupos ultras, concordamos com Florenzano (2010) ao inserir o fenômeno ultras enquanto convergência de três processos simultâneos:

Em primeiro lugar, o fenômeno ultra insere-se no quadro histórico mais amplo da autonomização da juventude no Ocidente, refletida no advento de inúmeros estilos de vida e formas de sociabilidade (Bromberger, 1995, p. 245); em segundo lugar, participa do clima de radicalização política em curso na Itália, dividida entre a visão de mundo clerical-conservadora representada pela Democracia Cristã, e os ideais progressistas e revolucionários associados ao Partido Comunista (Podaliri; Balestri, 1998, p. 89); por último, mas não menos importante, emerge na esteira do “processo de difusão cultural” deslançado por hooligans e skinheads, na Inglaterra, a partir da temporada 1966/1967 (Roversi, 1992, p. 42; Costa, 2000, p. 19). Com efeito, os ultras começaram a ocupar e a modificar a paisagem dos estádios adotando e exibindo as principais características introduzidas pelos grupos ingleses, a saber: a delimitação das curvas enquanto espaço exclusivo das facções; a combatividade agressiva direcionada aos agrupamentos rivais; a exaltação da força física e da masculinidade viril, associadas à classe trabalhadora na qual se inseriam os torcedores; o desprezo por qualquer forma de diferença capaz de por em risco a identidade coletiva; a coesão interna tecida ao redor da equipe, apoiada de forma incondicional através de coros e cantos entoados incessantemente no transcorrer de toda a partida (Dunning; Murphy; Williams; 1990) (FLORENZANO, 2010, p.153).

Assim sendo, o repertório conjunto da autonomização da juventude do Ocidente; a radicalização política da Itália e processo de difusão cultural pelos hooligans e skinheads constituem o quadro histórico do fenômeno ultra na ocupação dos estádios. As condições históricas na segunda metade do século XX que conformaram ações e reações da juventude em busca de uma autonomização através de estilos de vida e formas de sociabilidade, acionadas ainda com os movimentos sociais dos anos 1960, os hooligans e os skinheads.

O que se pode inferir até o presente momento é que a reivindicação, incorporação e apropriação realizadas pelos fundadores da Ultras Resistência Coral nos estádios se associa com o que Hobsbawm e Ranger denominaram como *invenção de uma tradição*¹⁴³, de modo que o torcer propusesse uma complexidade de valores que residem na politização pelo viés da

¹⁴³ Segundo Hobsbawm e Ranger (1997), as tradições inventadas, pós-revolução industrial, podem ser percebidas em três categorias superpostas: a) as que se estabelecem ou simbolizam as coesões sociais ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) as que se estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade; c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inclusão de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

esquerda e na vivência da subcultura *skin*. De acordo com Hobsbawm e Ranger, as tradições inventadas “incluem tanto as “[...] realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9). Para tanto, os torcedores embebidos pela autonomização da juventude e pelo pertencimento ultra que se expande muito além do espaço-tempo do jogo, disseminariam a posição política nos vários âmbitos da vida e nos estádios.

Um elemento importante que singulariza a experiência da URC é o sentido atribuído pelo grupo ao fenômeno Ultras. Na Europa, ultras é a designação que nós denominamos para as torcidas organizadas, o que pode sugerir uma confusão entre o significado dado pela URC e o sentido que o termo ultras possui. Ao combater a violência, o machismo, a homofobia, o racismo, a xenofobia e a intolerância nos estádios, a URC se insere e se apropria de trajetórias das torcidas ultras de esquerda, entre elas os Bukaneros e os Ultras Saint Pauli. Ainda sobre a diferença entre a URC e os grupos ultras:

The politicization of the ultras tends to take place by osmosis, through contacts with specific environments (football, music festivals), rather than as a result of ideological training or fixed and consistent political ideologies (Adán Revilla, 1998: 123; Casals, 1998: 72). As one ultra commented: Most ultras have no idea what left-wing or right-wing ideologies are really about. They simply want to be part of the ultra fashion, using political symbology as an excuse for engaging in racist and violent behaviour. I mean, very few ultras have actually read Marx, Stalin or Hitler. (Personal interview with a member of Brigadas Amarillas, November 2005) (SPAAIJ, 2006, p.111)

Ramon Spaaij aponta que a politização dos grupos ultras ocorre por osmose a partir de espaços específicos como festivais de música, e não é resultada de uma formação ideológica ou política consistente. Em seguida, Spaaij recorre à narrativa um integrante ultra que afirmou o não conhecimento da ideologia de esquerda ou de direita pela maior parte dos ultras, bem como não tiveram acesso à leitura de Marx, Stalin ou Hitler.

Em contrapartida, a URC emerge enquanto grupo politizado cujos integrantes tiveram experiências militantes anterior a inserção na associação torcedora, o que marca diferenças quanto à experiência dos grupos ultras na Europa, uma vez que estes, em sua maioria, politizavam-se na proporção em que participavam das suas torcidas ultras ou, às vezes, segundo Spaaij (2006) sequer conheciam profundamente ideologias de esquerda.

Portanto, uma das implicações nesse sentido consiste em que a experiência da Ultras Resistência Coral carrega consigo uma politização endógena, caracterizada pela formação

política consistente dos seus integrantes. Mesmo que essa politização seja contínua e aconteça de modo particular em cada integrante, há um projeto político da torcida desde a sua fundação.

Na esteira desse processo de escolhas e de invenção de uma tradição, inseridas no processo histórico, as tradições inventadas indicam sintomas fundamentais em seus contextos, pois “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas imposição da repetição”. (HOBSBAWN, RANGER. 1997 p. 12).

Nessa perspectiva, a URC se insere na tradição dos modelos coletivos do torcer, porém não refere-se apenas ao passado, uma vez que, ao instituir um novo modelo, provoca rachaduras nas torcidas organizadas anteriores. Dessa forma, além da referência nas torcidas ultras de esquerda da Europa, a URC acrescentou ao nome o termo Resistência, tendo em vista o fato do Ferroviário ter sido um clube criado eminentemente por operários e, além disso, nos anos 2000 somava-se a crise financeira que o time atravessava diante do crescimento dos seus adversários da cidade de Fortaleza. Assim, os novos integrantes – *Ultras* – escolheram o nome Resistência Coral para expressar a nova torcida: Ultras Resistência Coral.

Por isso que a gente pensou bem o nome Resistencia Coral, porque tinha a ver primeiro com a fase que o time vivia, porque era uma forma de resistência ao futebol moderno e tinha a ver mesmo pelo aspecto de classe. Outro aspecto fundamental que também nos moveu para a criação da torcida foi justamente resgatar a origem de classe do ferroviário, porque desde os anos 1990 o ferroviário vinha perdendo aquela identidade de classe, inclusive dentro da torcida. E, a partir do manifesto que nós lançamos, tentamos resgatar as origens de classe do clube (B, 2018).

Resistir ao futebol moderno, à elitização e à opressão da classe trabalhadora: estes eram os entendimentos narrados pelo grupo em meados da primeira década do século XXI, buscando impactar e repercutir politicamente aquelas bandeiras e por torcer para um time operário.

Como refletimos no segundo e no terceiro capítulos, a *origem de classe* do Ferroviário é uma memória coletiva transmitida de geração para geração constituindo uma comunidade imaginada¹⁴⁴ para os torcedores do clube, apesar de que essa circulação da memória é tensionada de diversas formas. Uma dimensão simbólica potencializadora na compreensão da história dos modelos coletivos do torcer ao materializar a particularidade da URC. Em tal caso, a URC enfatizou a origem de classe ao se contrapor aos rumos tomados pelas torcidas

¹⁴⁴ Conferir ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

organizadas tradicionais que tornam-se empreendimentos e empresas no século XXI, que, direta e indiretamente, secundariza a essência da torcida na vida associativa do clube.

Oficialmente, a torcida organizada Ultras Resistência Coral estreou no estádio Presidente Vargas em 31 de julho de 2005, na estreia da Série C do Campeonato Brasileiro contra o Serrano de Pernambuco.

Então nós fomos e levamos a nossa primeira faixa, que trazia o lema da torcida: *nem guerra entre torcidas nem paz entre classe*. Foi a primeira faixa, pintada à mão, e ganhou uma repercussão dentro da torcida do FAC. Nessa época, nós tínhamos um panfleto chamado de manifesto de apresentação da resistência, nós distribuimos amplamente para a torcida, apresentando nosso ponto de vista que tinha o antimachismo, o antirracismo, anti-homofobia e contrapor a violência gratuita. Dizia que nós “enxergávamos” as outras torcidas pelo aspecto de classe, não víamos eles como inimigos e nós tínhamos mais era que nos unirmos mesmo. Foi aí que a torcida foi ganhando adeptos, por exemplo A, que era frequentador de estádio há mais tempo e que tinha uma concepção de esquerda. E assim foram se aproximando várias pessoas que também tinham essa concepção (B, 2018).



Imagem 60 – Primeira faixa com o lema da Ultras Resistência Coral

Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes, frase pintada à mão na faixa, impactou desde a primeira vez que foi levada aos estádios. A tradição que estava sendo inventada rompia com o que normalmente se deparava nos estádios, pois o modelo de torcer coletivo instituído pelas torcidas organizadas tinha uma dimensão simbólica significativa no imaginário do torcedor. Na faixa retratada na imagem, pode-se perceber – por meio das bandeiras de bambu ao lado, acima e atrás da faixa da URC - que o espaço ocupado pela URC no estádio se encontra próximo ao lugar da maior torcida organizada do clube, a Falange Coral. Isto sugere que as

duas associações torcedoras, mesmo com muitas diferenças políticas, não tinham rivalidade, bem como buscar uma coesão na torcida do Ferroviário.

Embora de imediato a URC não tenha adquirido imediatamente muitos integrantes numerosamente falando, atribuímos o impacto causado pela faixa especificamente à inovação do teor político da expressão e a maneira como conceber o rival: sem guerra e violência. Isto é, combater a violência entre torcedores rivais – mas sob o prisma da consciência de classe - era algo inovador para um ambiente historicamente masculino e machista, hegemonizado pelo modelo coletivo do torcer das torcidas organizadas.

O trecho *Nem paz entre classes* refletia a trajetória da militância política dos fundadores no PSTU, exteriorizando a posição política, a consciência de classe e a leitura de mundo que aquele grupo elaborava. De acordo com B, o manifesto que eles entregaram no primeiro jogo da Ultras Resistência Coral afirmava a posição antimachista, anti-homofobia e antirracista do grupo, ocultando, por exemplo, o debate anticapitalista que defendiam, pensando estrategicamente na forma como seriam vistos pelo restante da torcida. Esta tática também foi utilizada durante o entrismo na torcida Falange Coral, pois não fazia sentido avançar nessa discussão, em um primeiro momento, dentro de um ambiente estritamente capitalista como o futebol.

Na reportagem intitulada “Boleiros Companheiros”, do jornal O Povo, uma das poucas vezes em que a Ultras Resistência Coral foi mencionada nos principais periódicos da cidade de Fortaleza, o caráter político da torcida foi destacado pela imprensa:

A Ultras Resistência Coral, torcida organizada do Ferroviário, é a facção que representa o segmento mais político dos corais atualmente. A página da torcida na internet (<http://www.geocities.ws/resistenciacoral/textos.htm>) tem artigos repudiando o racismo, o fascismo e machismo. Também há um manifesto contra o capitalismo e pregando a união entre os rivais. “Nem guerra entre as torcidas. Nem paz entre as classes” é um dos lemas da Ultras (O Povo, 26 de agosto de 2007, p. 18).

A forma como a imprensa esportiva retrata a URC enquanto facção mais política da torcida coral sugere uma generalização das formas coletivas do torcer por meio das torcidas organizadas, narrativa reveladora das problemáticas concernentes ao movimento da segunda onda na história do torcer coletivo.

Além disso, a reportagem refletiu acerca da relação entre política e futebol na história do campeonato cearense, apontando para a existência de vários clubes que representaram a luta de classes no futebol, sobretudo o FAC. Em contraposição a ideia de que o futebol é “ópio do

povo” e alienação política, o redator Ciro Câmara recorreu à história para mostrar que vários exemplos dão conta da *tabelinha do futebol com as questões sociais*:

Além do Ferroviário, outros times de futebol cearenses também nasceram a partir da iniciativa das classes trabalhadoras. Uma das equipes com maior êxito desse grupo foi o Usina Ceará. Conhecido como “O Time Fabril”, o Usina surgiu por obra de funcionários e operários da Fábrica Siqueira Gurgel, que ficava no bairro Otavio Bonfim, em 1949 (O Povo, 26 de agosto de 2007, p. 18).

O Usina Ceará¹⁴⁵ integrava o *corpus* de trabalhadores que utilizavam a bola em prol de lutas políticas. Os operários-jogadores construía, dessa forma, uma relação de resistência e de dominação com o patrão, redefinindo as relações sociais dentro da fábrica. O time do Usina conseguiu campanhas vitoriosas no estadual, mas o clube fechou as portas devido à repressão do regime militar:

A equipe disputou o Campeonato Cearense entre os anos de 1953 e 1964 sempre com belas campanhas. Por pouco não conquistou um título – foi vice-campeão em quatro ocasiões. Porém, a derrocada veio justamente com o Regime Militar. O dono da fábrica, o então deputado federal Moyses Pimentel, se opôs aos militares e teve o mandato cassado. Com a perseguição, o departamento de futebol do Time Fabril foi desfeito (O Povo, 26 de agosto de 2007, p. 18).

Direta e indiretamente a resistência ao governo militar por meio do futebol também constituiu alvo de repressão nos anos 1960 no Estado do Ceará, sobretudo com o Usina por meio da cassação do mandato do proprietário da fábrica. Se, durante este período os clubes ou jogadores já mobilizavam determinadas insatisfação nas relações de dominação e de resistência, nos anos 2000 a Ultras Resistência Coral, alavancando o torcedor-militante, instituiu uma forma coletiva do torcer que também não tardaria a ser alvo de outras estratégias de dominação. Contudo, assim como o FAC e o Usina, outros clubes evidenciam esta relação:

Quem também mantinha equipe disputando o Estadual eram os trabalhadores dos Correios, através do Nacional, fundado em 1942. O time participou de 15 edições da competição entre os anos de 1950 e 1966, mas nunca passou de figurante. Entre 54 e 59 ostentou o indigesto jejum de 47 jogos sem vitórias (não disputou o campeonato de 57). Outros times de classes proletárias são o Icasa (Industria Caririense de Algodão), de Juazeiro do Norte; o Volante, dos motoristas e taxistas; e o Tramways, da empresa elétrica Ceará Light, campeão estadual em 1940 (O Povo, 26 de agosto de 2007, p. 18).

¹⁴⁵ Sobre a criação e a trajetória do Usina Ceará, conferir a dissertação de mestrado em história: MARTINS, Pedro Paulo da Silva. **Máquinas paradas e pés à obra**: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965) – 2017, 159f.

4.2.1) Transnacionalização das torcidas antifascistas

Ademais, a primeira geração da Ultras Resistência Coral, após um debate sobre como designar e como se inserir nos estádios, B, C e Z deram o ponto de partida e edificaram a base sobre a qual a Ultras Resistência Coral é (re)elaborada cotidianamente. Estes sujeitos atuaram diante da tradição das formas coletivas do torcer e instauraram um novo padrão nessa tradição:

(...) Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta. (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.13-14)

De acordo com a reflexão de Hobsbawm e Ranger, as novas tradições – como o movimento de quarta onda da URC – só são possíveis na medida em que transformações amplas e rápidas possibilitam suas emergências. Nessa perspectiva, o quadro histórico do limiar do século XXI trazia à tona o desgaste das torcidas organizadas ao evidenciar a problemática da violência, dos conflitos entre bairros, em uma espécie, como vimos, da criatura se voltando contra o criador. Outro elemento que corrobora esse cenário, mas que também é um desdobramento dele, consiste na criminalização das torcidas organizadas, discurso partilhado pela imprensa, pela sociedade e pelo poder público, que, como salientamos, superficializa a complexidade das relações sociais das organizadas.

Dessa forma, a primeira geração da URC estruturou a torcida nesse momento em que as condições históricas possibilitaram sua inserção, o que evidencia um tempo de construção, de disputas de espaços no sentido amplo, de tomada de decisões e de elaboração do discurso do grupo. Parafraseando Durval Muniz de Albuquerque Junior (2007), esse momento consiste na *invenção* da URC, cuja invenção não significa criar o passado sem compromisso e o rigor dos métodos e das fontes, mas sim a ideia de descontinuidade, ruptura, diferença e singularidade.

Partilhando a experiência militante partidária, a subcultura skinhead e o período que integraram a torcida organizada Falange Coral, enquanto Esquadrão *BootBoys*, a primeira geração conforma o movimento da quarta onda da história das formas coletivas do torcer, rompendo sobretudo com as torcidas organizadas do movimento de segunda onda, embora em alguns momentos desse rompimento exista, além das descontinuidades, alguma aproximação. Principalmente no que se refere à festividade, defendida e protagonizada desde a primeira onda,

e à relação com o poder público, tendo que se mobilizar coletivamente com outras associações torcedoras contra a lógica proibitiva. No entanto, para os fundadores da URC, o futuro era incerto e, certamente, não arquitetaram exatamente o que a torcida se tornaria futuramente.

A segunda geração consiste no momento em que outros torcedores adentram ao grupo, torcedores que possuíam concepções políticas à esquerda, mas que não eram militantes do PSTU e não pertenciam ao movimento skinhead. Por fim, a terceira geração é concebida como o momento mais recente da Ultras Resistência Coral, cujos integrantes notam a profusão de torcidas antifascistas e também retratam uma maior repressão às formas de torcer expressadas pela reestruturação dos estádios em arenas e pelas medidas assinaladas no Estatuto do Torcedor.

Entretanto, quais as inspirações e os grupos que a primeira geração da Ultras Resistência Coral tomou como exemplo? B afirmou que “Se nós pegarmos dentro daquilo que é a torcida, Ultras é um termo que designava as torcidas da Europa. Como o termo *hooligan* ficou muito estigmatizado e foi proibido, eles criaram o termo Ultras pra redefinir o sentimento hooligan” (B, 2018).

Especificamente nas torcidas Ultras da Itália, as referências foram a torcida *Brigate Autonome Livornese*, do Livorno, e a torcida *Red Boys Ternana*, do Roma. Criada em 1999, a *Brigate Autonome Livornesi* (BAL) é uma torcida da cidade portuária Livorno, que promove a *Fronte di Resistenza Ultra*, uma espécie de unificação das torcidas do clube contra o fascismo, a extrema-direita, principalmente representado pelos torcedores do Lazio, clube adversário italiano¹⁴⁶.



Imagem 61 – Torcida BAL do Livorno e Red Boys Ternana da Roma.

¹⁴⁶ Reportagem com o título “O outro lado da moeda, Livorno e a resistência no futebol italiano”. Disponível em <https://medium.com/@laracunhapereira/outro-lado-da-moeda-livorno-e-a-resist%C3%A2ncia-no-futebol-italiano-708a8b604e24>. Acesso em 30 de setembro de 2018.

Fonte: Acervo pessoal B

Na parte superior da imagem se encontra representada a torcida do Livorno, *BAL*, com uma bandeira que consta a foice e o martelo em alusão ao socialismo e ao comunismo. Nota-se também a presença de uma faixa com a palavra “Ultras”. Na metade inferior da imagem, encontra-se a torcida *Red Boys Ternana*, exibindo uma bandeira que externa alguns elementos, entres eles a foice, o martelo e o desenho do líder Ernesto Che Guevera.

Quanto à ressignificação do sentimento hooligan, a Resistência Coral se inspirava em outras duas torcidas:

No caso, nós tínhamos referência, a partir do movimento skinhead, em torcidas ultras que eram compostas por esses skins. Vale ressaltar pelo menos duas, os *Bukaneros* do Rayo Vallencano, que, até hoje, tem um forte componente nos skins e quem fundou os *Bukaneros* foi a galera do RASH Madrid, que são uma referência pra nós. E a outra que vale ressaltar também foi a galera do St. Pauli, a Ultra St Pauli (B, 2018).

Os *Bukaneros* são torcedores do *Rayo Vallencano*, da Espanha, clube que tem sua sede em bairro operário e sua torcida se opõe aos valores financeiros e midiáticos do poderoso *Real Madrid*. Uma dos seus lemas expressados pelos *Bukaneros* é retratado na frase “Pequeno no esporte, grande nos valores”:



Imagem 62 – Torcida *Bukarenos* do *Rayo Vallencano*.

Fonte: Acervo pessoal B

Uma das causas apoiadas pela torcida Ultras Resistência Coral do FAC está contida na faixa dos *Bukaneros*, a inspiração da luta palestina frente ao genocídio e dominação israelense. Evidencia-se assim que a torcida espanhola, por ter sido criada antes, tenha influenciado a torcida URC quanto à pauta da Palestina, uma vez que a URC ainda durante os anos 2000 levou aos estádios faixa em função da resistência palestina.

A outra torcida que inspirou a primeira geração da URC foi a *Ultra Saint Pauli*, clube alemão que é reconhecido mundialmente como clube politizado à esquerda, inclusive no modelo de gestão do clube há uma tendência a maior participação dos torcedores.



Imagem 63 – Ultra Saint Pauli da Alemanha.

Fonte: Acervo pessoal B

A imagem retrata, mais uma vez, bandeiras erguidas com a imagem do *Che Guevara* e, além disso, traz uma representação do punho fechado empurrando a suástica nazista, revelando o combate ao fascismo, elemento significativo do próprio espaço compartilhado pelos torcedores, a Alemanha.

Posto isto, constata-se a formação de um circuito transnacional de aspectos que atravessam as lutas sociais travadas por essas culturas torcedoras, que instituem novas formas de torcer e pluraliza o *pertencimento clubístico com a sociabilidade militante*, consubstanciados na esquerda política e, a depender do lugar de origem, externando o combate ao fascismo através de símbolos como *Che Guevara*, apoio à Palestina e aos trabalhadores.



Imagem 64 – Faixa Resistência Palestina na torcida do Ferroviário no Estádio Presidente Vargas.

Fonte: Acervo pessoal B

Tais expressões traz à tona uma maior reflexão sobre as dimensões interculturais partilhadas por grupos muito distantes espacialmente. Dimensões estas que ganham em potência, conforme Canclini (2011), se pensadas junto com outras noções como circuito e fronteira, notadamente uma maior atenção à transposição das fronteiras, à transnacionalização da cultura principalmente a partir das tecnologias comunicacionais.

The politicization of the ultra groups fundamentally altered the national network of inter-group rivalries and allegiances. Political antagonism was commonly expressed in dichotomous categories (separatism versus anti-separatism, communism versus neo-fascism or left-wing versus right-wing) generating new forms of inter-group conflict and aggravating traditional inter-group rivalries. At the same time, the process of politicization also stimulated identification and cooperation between like-minded fan groups. Shared identification with either leftwing or right-wing extremism enables punctual or more permanent contacts between members of different groups and the temporal suspension of inter-group conflict (SPAIIJ, 2007, p.113)

Ao passo da popularização e da politização dos grupos ultras na Europa, novas redes de rivalidades e de alianças eram estabelecidas entre elas. O compartilhamento das ideias políticas alimentava ainda mais a construção do adversário, da figura do rival enquanto referente que legitima o uso da violência. Segundo Ramón Spaaij, os antagonismos políticos se expressavam a partir de categorias dicotômicas: separatistas x antiseparatistas, comunistas x neofascistas e grupos de esquerda x grupos de direita.

Ao mesmo tempo, esta politização implicou tanto na intensificação das rivalidades como na cooperação e a troca entre torcidas com ideias políticas semelhantes, o que evidencia uma rede entre os agrupamentos aliados. Na Espanha, David Westby (2017) investigou a relação entre clivagens níveis micro e macro no país, compreendendo a diferença entre as políticas dos ultras:

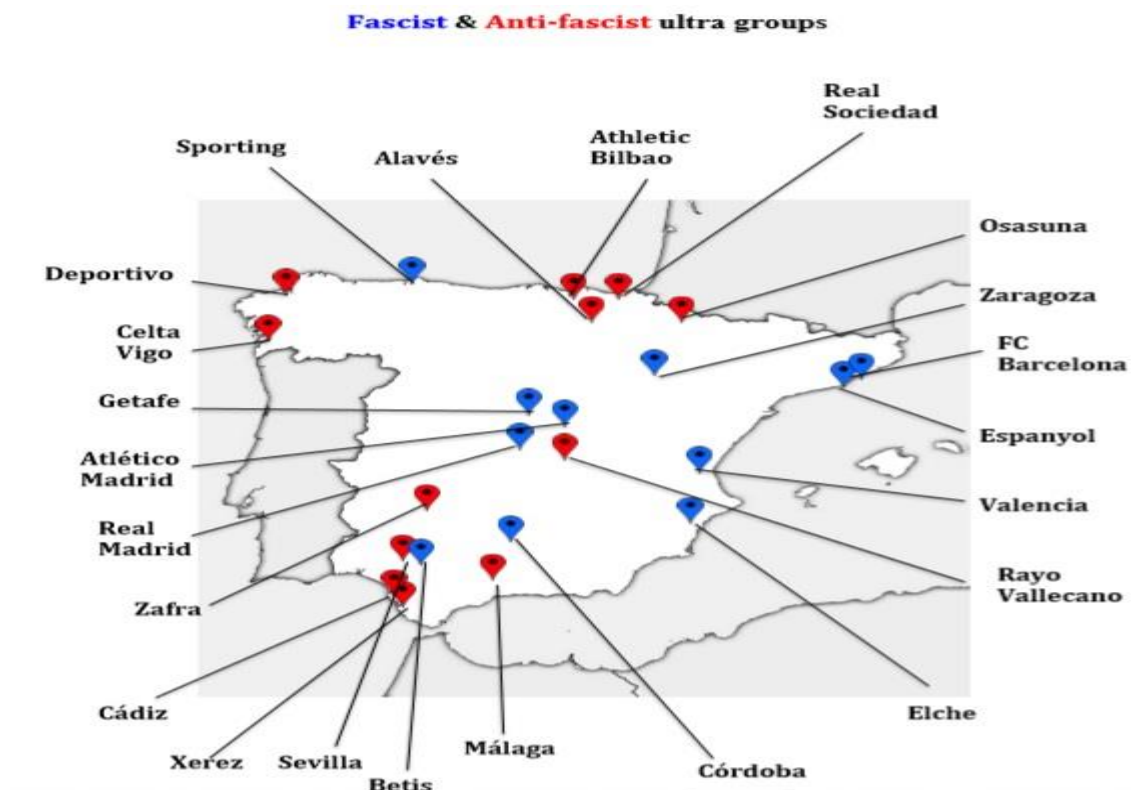


Imagem 65 – *Fascist & Antifascist groups da Espanha*
 Fonte David Westby (2017)

A politização dos grupos ultras espanhóis – à esquerda ou à direita – constitui um elemento inerente à expressão das torcidas, corroborada ainda mais pelas disputas nacionalistas e regionalistas do país. Mesmo que esse processo aconteça por osmose, com os integrantes raramente terem uma experiência militante em partido ou se apropriado ideologicamente sobre esquerda ou direita política, há uma diferença para as experiências das torcidas organizadas tradicionais, cuja identificação política não se apresenta de imediato.

Tables and Figures

Ultras	Fascist or Anti-fascist	Regionalist or Nationalist	Team	Autonomous Community
Biris Norte	Anti-fascist	Regionalist	Sevilla FC	Andalusia
Kolectivo Sur	Anti-fascist	Regionalist	Xerez CD	Andalusia
Frente Bokerón	Anti-fascist	~	Málaga CF	Andalusia
Brigadas Amarillas	Anti-fascist	Regionalist	Cádiz CF	Andalusia
Brigadas Blanquiverdes	Fascist	Nationalist	Córdoba CF	Andalusia
Supporters Gol Sur	Fascist	Nationalist	Real Betis Balompié	Andalusia
Bukaneros	Anti-fascist	~	Rayo Vallecano	Madrid
Frente Atlético	Fascist	Nationalist	Atlético Madrid	Madrid
Ultrassur	Fascist	Nationalist	Real Madrid	Madrid
Comandos Azules	Fascist	Nationalist	Getafe	Madrid
Peña Mujika	Anti-fascist	Regionalist	Real Sociedad	Basque Country
Herri Norte	Anti-fascist	Regionalist	Athletic Bilbao	Basque Country
Iraultza	Anti-fascist	Regionalist	Deportivo Alavés	Basque Country
Boixos Nois	Fascist	Regionalist	FC Barcelona	Catalonia
Brigadas Blanquiazules	Fascist	Nationalist	RCD Espanyol	Catalonia
Celtarras	Anti-fascist	Regionalist	Celta de Vigo	Galicia
Riazor Blues	Anti-fascist	Regionalist	Deportivo la Coruña	Galicia
Ultras Yomus	Fascist	Nationalist	Valencia CF	Valencia
Jove Elx	Fascist	Nationalist	Elche CF	Valencia
Ligallo Norte	Fascist	Nationalist	Real Zaragoza	Aragon
Ultra Boys	Fascist	Nationalist	Sporting Gijón	Asturias
Frente Azul	Anti-fascist	~	CD Diter Zafra	Extremadura
Indar Gorri	Anti-fascist	Regionalist	CA Osasuna	Navarre

Imagem 66 – *Ultras da Espanha*
 Fonte David Westby (2017)

Assim, esses aspectos da dimensão intercultural lançam luz sobre como circulam as dinâmicas das alianças e das rivalidades políticas, bem como das sociabilidades e dos estilos de vida. Em conjunto, essa transnacionalização da política e da cultura revela uma potência quando analisadas sob o prisma macroscópico. Nessa perspectiva, o diálogo, a troca e a influência das torcidas europeias caracterizam o *modus operandi* da URC da fundação até o momento atual. No espaço em que funciona como a sede do coletivo desde 2016, o *Barbarians Pub*¹⁴⁷, há várias referências das torcidas na Europa.

¹⁴⁷ O Barbarians Pub é um bar localizado no Bairro Benfica, resultado da iniciativa de alguns dos integrantes da Ultras Resistência Coral. Localiza-se em um dos bairros mais movimentados da cidade de Fortaleza, principalmente em consequência de três universidades públicas na região. Contudo, o papel social do Barbarians será debatido no capítulo seis desta tese.



Imagem 67 – Aporte visual no *Barbarians Pub*
Fonte Acervo Pessoal

As redes tecidas entre a URC e torcidas estrangeiras sugerem uma extensão da representatividade que o grupo adquiriu, cujas imagens acima retratam símbolos como “Somos todos palestinos”, do Lyon da França, do *West Ham* e o Exército Azul da Inglaterra, do *Dinamo Bucareste* da Romênia, da Resistência dos ultras de Gênova na Itália, dos ultras do *St. Pauli* da Alemanha, da Irlanda, além de aportes visuais do movimento *skinhead – Sharp* – e dos hooligans da Inglaterra. Dessa forma, apreende-se a planetarização de subculturas a partir do movimento de torcidas antifascistas.

Em suma, o papel histórico desempenhado pela URC foi tensionar os modelos coletivos do torcer ao não só apresentar sua posição política de esquerda, mas também por considerar o torcer indissociável da militância, tendo em vista que, de acordo com seus integrantes, os estádios são lugares essencialmente políticos na medida em que reiteram ou descontroem aspectos relevantes da sociedade.

Por conseguinte, no início do século XXI, o movimento de quarta onda politiza sob o ponto de vista da esquerda – as torcidas antifascistas – os estádios de futebol na história das torcidas. A emergência da URC deu início a um processo que instituiu novas redes de aliança entre grupos antifascistas nos estádios do Brasil, sendo necessário questionar: estas redes de aliança antifascista criarão também novas rivalidades com uma possível existência no futuro de

torcidas fascistas? Ou o antagonismo político – torcidas fascistas x torcidas antifascistas – já existe e se reproduz ocultamente no Brasil? A longo prazo essa dicotomia se tornará a hegemônica das rivalidades nos estádios?

Os desdobramentos a curto, médio e longo prazos, que o movimento de quarta onda ocasionará, são incertos. Talvez devido à polarização política experimentada no Brasil durante o século XXI haja uma precipitação das novas redes de rivalidades entre torcidas fascistas e antifascistas. A expressão política de direita pelas associações torcedoras oficialmente não tomou forma, porém, a depender da conformação das relações sociais no país (especialmente o futuro das torcidas organizadas da segunda onda), essa disputa politizada pode ganhar corpo nos estádios.

No entanto, antes da criação da Ultras Resistência Coral, algumas torcidas e coletivos contribuíram com a politização das formas coletivas do torcer, como a Coligay e Crumunistas¹⁴⁸. A Coligay tem fundamental importância por refutar nos anos 1970 o suposto caráter homossexual majoritário nos espaços do futebol, além de ser pioneira em diversas iniciativas no que se refere à performance e sociabilidades LGBTs.

A Coligay acaba por desarticular a expectativa de desencaixe e inadequação de homens homossexuais ao espaço futebolístico, sem que ela se mostre uma torcida “igual às outras”. Ela compactuou com códigos do futebol, se dispondo ao confronto físico e verbal, empunhando bandeiras e apoiando intensamente a sua equipe. Por outro lado, impôs seus requebros, suas vestimentas espalhafatosas, seu linguajar debochado e provocativo. (ANJOS, 2018, p.22)

Assim, a Coligay inovou a experiência coletiva do torcer sob diferentes aspectos, mesmo que também tenha compartilhado continuidades e rupturas com torcidas uniformizadas e organizadas do Grêmio.

A Coligay demonstrou ser um espaço que congrega simultaneamente a vivência do pertencimento clubístico e da sociabilidade entre LGBTs. Se o clubismo é inegavelmente presente entre seus/suas componentes, o grau de interesse pelo futebol e de vínculo com o Grêmio, são bastante variáveis. Se muitos já eram torcedores apaixonados e frequentadores de estádios, o coletivo também atraiu muitas pessoas que não iam a partidas de futebol, tanto pela diversão que proporcionavam quanto pelo acolhimento e proteção que ofereciam. (Idem, p.360)

À vista disso, o grau de interesse pelo clube e pelo futebol em coletivos como a Coligay e a URC adquire uma variabilidade específica que as diferenciam dos tradicionais agrupamentos torcedores. A representatividade das propostas políticas defendidas, bem como

¹⁴⁸ Nos anos 1980, próximo as principais torcidas organizadas do Cruzeiro, alguns torcedores exteriorizavam a faixa Crumunista, porém não se tem conhecimento até quando e de que maneira esses sujeitos se organizaram.

aquelas que elas combatem, multiplica os significados das experiências do torcer além do pertencimento clubístico. Se, nos anos 1990, as torcidas organizadas expressavam a sociabilidade do conflito pela juventude nos territórios da cidade, a URC traz à tona, além do pertencimento clubístico, uma *sociabilidade militante* nos estádios de futebol. Essa multiplicidade de elementos que forjam identidades plurais será debatida no próximo capítulo desta tese.

Ainda assim, as motivações pelas quais os sujeitos passaram a compor a URC e a Coligay são distintas. Se, segundo Luiza dos Anjos, a atração para a participação na Coligay se dava por meio do pertencimento clubístico, da sociabilidade entre LGBTs, da diversão, acolhimento ou proteção, o ingresso na URC acontece sobretudo pela *sociabilidade militante* a partir da identificação das ideias políticas de esquerda. No entanto, isso não significa concluir que essa *sociabilidade militante* não venha a se tornar um engajamento emocional intenso do pertencimento clubístico.

Desse modo, os meios, os caminhos e as vias construídas pelos dois grupos foram trilhados em contextos diferentes, mas ambos cindiram o *status quo* dos modelos coletivos do torcer ao projetar nos estádios seus anseios, angústias, desejos e sonhos.

4.3) Manifesto de fundação: sociabilidade militante e insurreição clubística

Para a divulgação da criação da Ultras Resistência Coral, a primeira geração elaborou o Manifesto de Lançamento, terminologia utilizada para nomear o documento que contém as razões do surgimento, as diretrizes políticas e também elenca as principais ideias defendidas pelo grupo.

Assim, em alusão ao Manifesto Comunista, o Manifesto de Lançamento da URC tem, em sua introdução, uma crítica ao capitalismo pelos ataques e golpes cada vez mais constantes em momentos de crises, guerras e revoluções, o que sugere uma narrativa que extrapola os domínios do futebol. Ainda chama a atenção para a apropriação que o capital faz das produções da humanidade – o esporte e a ciência – para extrair lucro. Dessa forma, nota-se a importância creditada ao futebol enquanto espaço de resistência.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL nasce da fundição da luta da classe operária com sua paixão pelo futebol, precisamente pelo FERROVIÁRIO ATLÉTICO CLUBE, um clube surgido genuinamente da classe operária, de dois times de final de expediente de trabalho, em que operários ferroviários reuniam-se para jogar após a dura e alienante jornada de trabalho. Desde então

nossa classe passou a ter porquê sentir orgulho no futebol, pelos títulos, pelos gols e pelas jogadas inesquecíveis. Mas a isso seguiram-se derrotas no campo, na luta de classes. O FERRÃO foi sendo escanteado, depreciado por adversários, por cronistas futebolísticos da mídia burguesa que, implicitamente, tentaram destruir a consciência de classe “forjada na refrega e no fogo” do férreo torcedor coral. O “TUBARÃO DA BARRA” passou pelo risco de fechar as portas, de perder sua estrutura no bairro operário da Barra do Ceará. Mas sua torcida fez do sacrifício o suporte para manter erguida nossa sede, a Vila Olímpica Elzir Cabral. As barras de linha de trem, que literalmente sustentam a estrutura de concreto, e os vigorosos punhos operários, que mantêm erguida a bandeira coral, jamais hão de ruir. (Manifesto de Fundação da URC).

O primeiro aspecto que chama atenção é a explicitação das razões que motivaram a criação da URC, a fusão entre a luta da classe operária e a paixão pelo futebol, notadamente por ser um clube criado por trabalhadores. Em tal caso, é interessante confrontar com as entrevistas concedidas, percebendo que esses dois elementos sempre são destacados pelas diferentes narrativas. Não é só a luta de classe na URC, tampouco só a paixão pelo futebol, mas a fundição destes.

Outro ponto a ser destacado se refere à condição e ao estigma do “torcedor coral” enquanto grupo escanteado, marginalizado pela imprensa *burguesa*. É a cultura de uma memória de resistência acionada pela URC e que atravessa gerações desde a fundação do clube nos anos 1930.

No lugar do caráter espontâneo e natural, ressaltam-se os empreendimentos deliberados de reconstrução empreendidos pela memória, que responde por via de regra a demandas e interesses políticos precisos. Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. O que é aqui colocado em primeiríssimo plano é, portanto, a relação entre *memória e (contra)poder*, memória e política (SEIXAS, 2004, p.41-42)

A “reconstrução engajada do passado” se expressa fortemente na narrativa elaborada pelos integrantes da URC, evidenciando a relação entre memória, contrapoder e subversão refletida por Jacy Seixas. No momento da fundação do grupo, a primeira geração da URC reivindica, por meio do empreendimento memorialístico, a consciência de classe do Ferroviário para constituir um contra-poder nos espaços do futebol.

Outro elemento do manifesto de fundação consiste na concepção da URC sobre o torcedor dos clubes rivais:

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL não enxerga os torcedores de outros times como potenciais inimigos, já que a composição social das torcidas no Brasil é principalmente de trabalhadore(a)s ou jovens filho(a)s de trabalhadore(a)s. Nossos reais inimigos são os cartolas burgueses, capitalistas, que exploram trabalhadore(a)s em suas empresas e ainda comandam nossos clubes, planejando os aumentos abusivos de ingressos, nos impossibilitando de vermos nossos times de coração, limitando, assim, nosso direito ao lazer. Também é verdade que a maioria das torcidas organizadas foram controladas por *playboys*, filhos de burgueses, que, a partir da máxima capitalista “dividir pra conquistar”, transformam as torcidas em gangues sem a menor identidade, incentivando a violência entre a juventude proletária, que muitas vezes mora no mesmo bairro, estuda na mesma escola, frequenta o mesmo meio social. Queremos a paz entre nós, proletários, e a guerra aos burgueses, inclusive utilizando da violência revolucionária. (Manifesto de Fundação da URC).

A URC, diferentemente da torcidas organizadas e dos padrões de virilidade, não entende que os torcedores dos clubes rivais como inimigos, uma vez que a maior parte das torcidas no Brasil é composta por trabalhadores ou filhos destes. Assim, o grupo se posiciona contrariamente aos cartolas e seus interesses, tanto aqueles responsáveis pela administração do futebol como aqueles que gerem o próprio clube.

Nesse assunto o manifesto enfatiza seu posicionamento contra a elitização do futebol e os grupos dirigentes, ao expressar a luta de classe entre os trabalhadores e burgueses que buscam limitar o direito ao lazer daqueles. Outro aspecto que chama a atenção se refere à desarticulação torcidas organizadas causada, segundo o manifesto da URC, pelo controle realizado por *playboys* filhos de burgueses. Dessa forma, nota-se uma interpretação que a torcida realiza sobre os eventos que reordenaram as torcidas organizadas desde os anos 1990 no Estado do Ceará. Na medida em que a URC traz à tona a expressão “dividir para conquistar” enquanto tática de *playboys* que controlavam as torcidas organizadas e que acabaram transformando estas instituições em gangues sem identidade que praticam a violência, percebemos uma determinada generalização do processo histórico ao desconsiderar as particularidades da trajetória de cada torcida organizada.

Além disso, os integrantes das torcidas organizadas forjavam múltiplas identidades em torno da busca pela visibilidade, o que sugere ser equivocado, por parte da URC, mencionar que não tinham identidade. Precisar que as lideranças dessas torcidas organizadas eram protagonizadas por *playboys* revela também uma marginalização da potencialidade da agência da juventude ao ter suas ações direcionadas por um único sujeito. Preferimos, portanto, avaliar esse cenário através das políticas públicas que tornam vulneráveis a cultura juvenil diante do que foi analisado por meio da sociabilidade do conflito e dos significados da territorialização da cidade.

Para a URC, no entanto, aqueles sujeitos utilizam das estratégias do capitalismo de “dividir para conquistar” para segmentar as torcidas organizadas, transformando-as em “gângues sem a menor identidade”. Esta divisão sugere a intensificação das rivalidades entre bairros e influencia na violência entre jovens proletários. Como consequência, o manifesto enfatiza ainda que é legítima a violência revolucionária contra os burgueses e que, entre as torcidas, buscam estabelecer a paz.

Na narrativa do Manifesto de Lançamento da URC, apreendemos dois diferentes momentos do texto. O primeiro momento trata da defesa do futebol enquanto campo que revela a luta de classes e dos porquês da criação da torcida, buscando se contrapor aos modelos coletivos do torcer já existentes. O segundo momento do texto retrata as críticas da URC a diversos elementos que caracterizam os espaços do futebol, como a homofobia, o racismo e o machismo. A estrutura narrativa utilizada o recurso de uma linguagem direta e objetiva:

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL combate intransigentemente a homofobia, pois cremos que cada um tem o direito a fazer a opção sexual que quiser. Incentivamos este segmento de oprimido(a)s a organizarem-se; nossa claque disponibiliza todo espaço para a discussão sem quaisquer constrangimentos.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL combate implacavelmente o racismo, dentro e fora das arquibancadas. O capitalismo utiliza o racismo de forma sistemática, inclusive nos estádios. Lutamos intrepidamente contra grupos nazi-fascistas que usam as torcidas para espalhar o ódio racial. Racismo se combate com raça e classe.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL não admite machismo em suas fileiras, dando a batalha para que as mulheres operárias se organizem para encampar a luta anti-machista. É inegável que a classe operária está impregnada de preconceitos, conseqüentemente, a luta contra o machismo também deve se dar no interior de nossa classe. E queremos não apenas que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens, aspiramos também a própria superação desses conceitos da sociedade de gênero. (Manifesto de Fundação da URC).



Imagem 68 – Faixa Resistência Antimachista no Estádio Presidente Vargas

A homofobia, o racismo e o machismo são as temáticas tomadas como frente a ser combatida pela URC dentro e fora dos estádios. O Manifesto de Lançamento nesse momento funciona também como um convite para tod@s e qualquer sujeito oprimido, seja pela orientação sexual, negro(a) ou mulher, integrar a torcida. O grupo reconhece, portanto, a necessidade da luta interseccional entre raça, classe e gênero, buscando desconstruir a cultura machista arraigada no futebol, bem como dentro do próprio coletivo torcedor. Na imagem acima, que retrata uma faixa da URC com a frase *Resistencia Antimachista* no Estádio Presidentes Vargas antes da última reforma, o grupo refuta e questiona os espaços de poder ocupados por homens no futebol, marginalizando a atuação das mulheres por meio de uma cultura machista.

Vale lembrar também que, embora a URC tenha se tornado pioneira nas torcidas que estruturaram em torno do antifascismo um conjunto de lutas sociais sob o ponto de vista da esquerda, a pauta da homofobia já havia sido tensionada por outros agrupamentos torcedores, como a torcida Coligay¹⁴⁹, do Grêmio Football Club Porto Alegre, nos anos 1970, bem como os embates proporcionados pelo seu ressurgimento¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Sobre a história da torcida Coligay, conferir ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria"**: uma história da torcida Coligay / Luiza Aguiar dos Anjos. -- 2018. 388 f. GERCHMANN, L. **Coligay: Tricolor e de todas as cores**. Porto Alegre: 2014, Libretos. Outros movimentos de torcedores contrários ao pensamento do futebol como jogo para machos foram analisados na dissertação de PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

¹⁵⁰ Bandeira e Seffner (2020) analisam através de memórias como a história da Coligay foi construída pelo desconhecimento, uma vez que a histórica torcida em alguma medida é um tema proibido e uma das formas mais legítimas de se relacionar com a Coligay é não a conhecendo.



Imagem 69 – Faixa Aliança Operária Antirracista no Estádio Presidente Vargas

As imagens acima retratam as faixas da torcida com as frases “Resistência Antimachista” e “Aliança operária antirracista”, que buscam por meio do aporte visual publicizar a luta contra o machismo e o racismo. Nota-se também que, pelo desenho da faixa acima, o homem branco ao lado direito usa uma barba conforme a estética dos membros da subcultura skinhead, evidenciando a exteriorização da primeira geração da URC na faixa contra o racismo.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL também combate a xenofobia e o nacionalismo. A seleção brasileira é utilizada para tentar amenizar as crises no Brasil e em outros países irmãos, servindo à política de “ópio”, onde se tenta incutir um nacionalismo ufanista, explorando uma paixão popular, o futebol. Essa mesma seleção, que já foi utilizada como propaganda do regime militar na década de 70, agora é usada para amenizar a insatisfação dos haitianos frente a brutal ocupação brasileira do Haiti. Diante do patriotismo que a burguesia quer nos atribuir para defender seus interesses defendemos que “a classe operária não tem pátria”. Solidarizamos-nos com as lutas da classe operária em todo o mundo, defendemos a autodeterminação de povos e nações oprimidas pelas burguesias imperialistas. A classe operária é internacional!

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL acredita que só é possível obter o direito à vida plena com a abolição do trabalho alienado, consequente da destruição do capitalismo. “A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”! (Manifesto de Fundação da URC).

Por fim, na última parte do documento, a URC expõe a estratégia da burguesia diante do patriotismo e usos políticos do nacionalismo no esporte, posicionando contra as intervenções brasileiras em outros países. Assim, o manifesto enfatiza o internacionalismo da classe operária e a autodeterminação dos povos, problematizando, pois, o debate sobre xenofobia e a seleção brasileira enquanto um mecanismo para afirmação dos regimes militares. No amistoso realizado

entre Haiti e Brasil em 2004, evento reconhecido como “jogo da paz”¹⁵¹, o manifesto da URC se opõe destacando a ação como uma política de pão e circo para amenizar as contradições da experiência brasileira no Haiti.

Na medida em que a torcida URC se estabelecia e marcava presença nos estádios maior era visibilidade que alcançava, principalmente pelo impacto causado pelas pautas defendidas em um espaço pouco aberto para essas questões como é o futebol. A dimensão simbólica das faixas e do Manifesto de Lançamento surpreendia e despertava o interesse pela causa por torcedores e simpatizantes das pautas sociais defendidas.

Isto posto, o Manifesto de Lançamento denota uma narrativa sobretudo de denúncia dos problemas que assolavam o futebol com propostas alternativas para esse quadro histórico, cujas mudanças deveriam partir da torcida do clube fundado por trabalhadores cuja memória operária constrói uma consciência de classe.

É nesse sentido que a estrutura narrativa lança mão dos sintomas das consequências do capitalismo nos espaços do futebol, diagnostica as relações sociais estruturadas pelo machismo, homofobia e racismo e propõe uma desconstrução radical do padrão majoritário das torcidas como a heteronormatividade, a virilidade e a violência. Dessa forma, todos esses elementos refletidos até aqui nos conduz ao entendimento que a atuação e o projeto da URC podem ser compreendidos à luz do designamos como *sociabilidade militante*.

Para além dos integrantes skinheads, as questões sociopolíticas levantadas pela URC também aproximavam sujeitos da esquerda política em geral. Esta correlação de interesses abriu espaço para a aproximação de sujeitos que, mesmo não pertencendo a subcultura skinhead, alinhavam-se com a política apresentada pela torcida. Processo este assim recordado: “Quando a gente viu que a torcida tava se consolidando para além de nós, para além da subcultura, porque achávamos que ia ser só nos *skins* que iam aparecer, mas a torcida foi se ampliando e a gente foi também se expandindo em um sentido mais amplo, de receber mais gente” (B, 2018).

Uma dos aspectos que contribuiu para tornar visível a torcida foi a padronização das camisas utilizadas pelos integrantes. A cultura material era um recurso utilizado para a construção de si, de modo que além das camisas artigos como broches ou adesivos contribuía

¹⁵¹ Disponível em <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/em-porto-principe>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

para tornar o grupo conhecido. Diante da multifacetada frente de pautas defendidas, os símbolos da cultura material possibilitavam uma expansão da torcida:



Imagem 70 – Verso da Camisa da URC em 2006.
Fonte Acervo Pessoal A

As camisas coadunavam para instituir uma padronização e um efeito cromático na arquibancada, implicando em seu reconhecimento e na entrada de novos componentes. Assim, a aceitação ou não de outros membros para além da subcultura skinhead representou naquele momento um desafio. Como estabelecer os parâmetros para pertencer a Ultras Resistência Coral? C afirmou que a decisão da primeira geração se deu a partir do manifesto de fundação:

Então, o que a gente fez? Não vamos ter critérios de militância, não vamos ter bandeiras que a pessoa vai ter que aceitar pra entrar na torcida. Vamos fazer um manifesto dizendo tudo que a gente defende hoje em dia, tudo que a gente levanta e que a pessoa primeiro se manifeste, se ela quiser discutir a gente discute, se a pessoa se identificar com o conjunto da obra ela pode fazer parte da torcida. No manifesto deixa bem claro o machismo, o racismo e a homofobia não são aceitos na nossa fileira, e nós entendemos que, quanto ao capitalismo, nosso time como time da classe operária, tem que se posicionar com relação ao capitalismo ter as suas incoerências, de ser baseado na exploração da classe operária (C, 2018).

Infere-se da narrativa o modo como o Manifesto de Lançamento também foi um recurso que funcionou como critério para o ingresso na URC. Dessa forma, a adesão de novos integrantes ocorria de maneira consideravelmente distinta dos modelos coletivos do torcer da primeira, segunda e terceira onda. Dos anos 1950 a 1970, os chefes de torcida lideravam a organização torcedora através das charangas, custeando quase toda a totalidade das atividades. Com a emergência das torcidas organizadas, o pertencimento, a afinidade e constituíam um ambiente familiar cuja participação ocorria sob o sistema de cadastro dos sócios.

Por outro lado, na Ultras Resistência Coral, o critério, sob a forma da identificação política de esquerda, aproximava não só aqueles cujo grau de interesse pelo futebol ou clube era intenso, mas possibilitava também a sujeitos que não eram exclusivamente torcedores passarem a vivenciar os estádios.

Nota-se também que não necessariamente o novo integrante deveria se identificar com todas as pautas defendidas pela torcida no futebol, o mais importante era agregar, debater e colaborar com a politização do torcer, particularmente na luta contra a homofobia, o machismo e o racismo, características imprescindíveis do manifesto de fundação.

Nesse seguimento, apreende-se que a torcida não exigiu que quem entrasse na torcida tinha que ser socialista, anarquista, etc., e sim posicionar-se contra a cultura do futebol historicamente construída.

Diante disso a gente busca fazer um trabalho de classismo, porque a partir daí a pessoa pode aderir ao anticapitalismo ou não. Outro motivo também pra gente não bater de cara com o capitalismo é que, embora no começo todos fossem mais próximos do socialismo, em específico o trotskismo do PSTU, logo em seguida se aproximaram outros militantes de esquerda, inclusive anarquistas. Então, quando a gente diz que é contra o capitalismo, a gente tem que saber qual nosso futuro e o que a gente almeja. E aí já começava os embates entre o anarquismo, comunismo e socialismo. Então a gente buscava isso: os nossos principais pontos de unidade (combater o racismo, o machismo e a homofobia) e trazer a discussão sobre as mazelas do capitalismo e da classe operaria como um todo e pro nosso time operário em específico. (C, 2018).

O repertório de mecanismos utilizados pela torcida buscava acionar uma frente de esquerda a partir dos “pontos de unidade” – combate ao racismo, machismo e homofobia -, embora, com a entrada de sujeitos que não necessariamente se identificassem como anticapitalista, outros debates surgiriam posteriormente sobre classismo, socialismo, anarquismo e anticapitalismo.

Dessa forma, segundo os componentes da primeira geração, a afinidade com os pontos de unidade – combate ao racismo, machismo e homofobia – era um ponto decisivo para adentrar na URC. Por sua vez, ao se tornar integrante da torcida, o novo membro partilhava um trabalho de consciência de classe, denominado por C de “classismo”. No depoimento, C narra assertivamente sobre a posição anticapitalista do grupo como forma de balizar o projeto e a posição política do grupo no futuro, o desejo e o sentido final anticapitalista.

Com a entrada de novos membros orgânicos, a torcida URC se resignificava ao incorporar sujeitos, simpatizantes ou torcedores que mobilizariam a posição política do coletivo, ampliando assim o alcance da disputa política travada no futebol.

Este aumento quantitativo de membros demarcou a identidade do grupo, pois não era apenas o número integrantes que estava se alterando, mas novas experiências e representatividades na URC. Desse modo, além de agregar forças para a mobilização da torcida, simultaneamente os símbolos e as marcas que identificavam a torcida – como o movimento skinhead – deixou de ser a referência exclusiva do grupo, pois os novos integrantes não compartilhavam da subcultura skinhead. Diante disso, de acordo com o depoimento dos integrantes, a URC se tornou uma frente de esquerda em uma correia de transmissão de lutas. Essa mutação corresponde ao que designamos como a transição da primeira para a segunda geração.

A torcida URC significava um contraponto às formas coletivas instituídas do torcer e ao modelo capitalista de futebol. O combate ao machismo, à homofobia e o racismo, nos estádios de futebol no Ceará, tinha voz a partir de meados da primeira década dos anos 2000. O impacto da emergência da URC mobilizou a politização do torcer não só para as torcidas organizadas locais, mas também para além das fronteiras do Estado do Ceará.

Nesse intercurso de conformação da Ultras Resistencia Coral, notamos o engajamento emocional mobilizado pelos seus integrantes na relação com o Ferroviário, nos aproximando da categoria que o antropólogo Arlei Damo definiu como *pertencimento clubístico*, uma vez que essa terminologia abrange uma variedade de afinidades entre os torcedores e o clube, bem como pode se estende para outros esportes.

Entretanto, em nossa investigação, ao refletir sobre as implicações da *sociabilidade militante* no movimento de quarta onda pela URC, sentimos a necessidade de pensar uma conceituação que pudesse dar conta do que definimos como *a guinada antifascista*, que se relacionasse efetivamente, portanto, à experiência da Ultras Resistência Coral. Por conseguinte, designamos a terminologia *insurreição clubística* como uma chave interpretativa que se diferencia – mas também é tributária e dialoga com o *pertencimento clubístico* – e lança luz para a atuação promovida pela URC. Esta atuação é alimentada, de uma lado, pelo acionamento de uma memória proletária subversiva da fundação do clube e, de outro lado, pela politização sob o ponto de vista de esquerda dos integrantes.

Nesse sentido, a categoria *insurreição clubística* procura dar conta dos significados levados a cabo pela URC na subversão contra as práticas instituídas historicamente nos espaços futebolísticos que os caracterizam enquanto violento, racista, machista e homofóbico. Contudo, embora pensada a partir da URC, a conceituação pode ser estendida para a trajetória de outras torcidas antifascistas que se proliferaram no século XXI.

À vista disso, o conceito de *insurreição clubística* é uma categoria interpretativa nevrálgica para a compreensão das nuances da virada ou guinada antifascista nos modelos coletivos do torcer. A *insurreição clubística* traz à tona o fazer-se, as práticas, os saberes, as ações, as reações e o agenciamento tecido na realidade social pelas torcidas antifascistas. Por meio de um contraponto – sob o ponto de vista político de esquerda - ao modo como os modelos coletivos do torcer significavam e valoravam os espaços futebolísticos, o movimento de quarta onda abre um caminho ressignificando os estádios.

Ao fim e ao cabo, o desdobramento da categoria *insurreição clubística* estende-se para um emaranhamento e uma rede de coletivos antifascistas transnacionais, articulados em torno de um projeto que procura repensar o futebol ao direcionar o combate ao futebol moderno, ao machismo, ao racismo, à homofobia e à violência. Nesse sentido, argumentamos que, na proporção em que a URC aciona uma *memória operária subversiva* associada à fundação do clube Ferroviário por trabalhadores nos anos 1930, alicerça essa memória para projetar no tempo presente um novo futuro, pautado sobretudo na história da consciência de classe do time.

Entretanto, é relevante ressaltar que essas identidades forjadas em torno da *insurreição clubística* não asseguram que os significados atribuídos pela torcida se restrinjam apenas à politização dos estádios. Argumentamos que a trajetória dos integrantes é multifacetada, variando entre aqueles que já eram envolvidos sentimentalmente com o time - *pertencimento clubístico* – até aqueles que integraram a torcida pelas afinidades políticas, o que sugere ainda uma especificidade, pois muitos deste último grupo afirmaram nos depoimentos que a paixão pelo Ferroviário passou a ser tão importante quanto a militância política.

Esse ponderamento é importante tendo em vista que o comprometimento e empenho se dão de forma múltipla, fluida e contínua. Em se tratando da Ultras Resistência Coral, afirmamos que, determinar as razões para o engajamento emocional dos torcedores simplesmente à *sociabilidade militante* ou ao *pertencimento clubístico*, deixa de fora uma série de forças que atuam em conjunto e que são fundamentais para compreender os vínculos estabelecidos no futebol por meio da guinada antifascista.

CAPÍTULO V – PASSADOS QUE NÃO PASSAM: FUTEBOL MODERNO, ARENAS MULTIUSO E CONTROLE DAS TORCIDAS

Após discutir a emergência da torcida Ultras Resistência Coral e a maneira como iniciou a atuação nos estádios, refletindo desde as inspirações a escolha do nome do grupo, este capítulo procura dar continuidade na análise da trajetória a partir da periodização apresentada: a primeira, a segunda e a terceira geração.

Nesse sentido, a partir de 2006, a URC, ao incorporar novos integrantes logo após sua fundação, foi se ampliando de modo a constituir uma frente de esquerda com a entrada de sujeitos que se identificavam politicamente com a torcida, período aqui definido como a segunda geração da URC, intervalo de tempo compreendido até 2014, quando da realização da Copa do Mundo no Brasil e após as Jornadas de Junho de 2013.

Nesse intercurso, a mobilização da URC impactou os espaços dos estádios na medida em que apresentavam seu projeto político e, conseqüentemente, passaram a ser censurados com a proibição da entrada de faixas. Assim, a segunda geração, ao experimentar um período em que os estádios de massa foram transformados nas arenas multiuso, como também o recrudescimento da repressão à liberdade do torcer com o Estatuto do Torcedor, sancionado pela lei 12.299/2010, necessitou tecer táticas nas malhas do tecido social para permanecer ocupando os estádios.

Este capítulo, portanto, estrutura-se em cinco partes: no primeiro momento buscamos refletir sobre o que consiste a segunda geração da URC e o modo como foi se articulando na vida associativa do Ferroviário; a segunda parte dimensiona a condição social dos sujeitos que foram integrando a torcida, a fim de compreender por quem o grupo é composto; no terceiro tópico, debatemos a censura protagonizada pelos agentes de segurança pública ao proibir a entrada de faixas ou de externá-las nas arquibancadas; o quarto tópico traz à tona a discussão sobre o futebol moderno, as reações ao processo de arenização e os sentidos dessa disputa. Tanto o terceiro como o quarto tópicos, refletem sobre o direito à cidade e as continuidades do controle das torcidas no tempo. Por fim, o último tópico discute a participação da URC nas Jornadas de Junho de 2013, como o grupo utilizou as redes sociais para expressar as disputas em torno das manifestações sociais daquele ano.

Para tanto recorreremos aos depoimentos das entrevistas e as narrativas elaboradas pelos integrantes da URC no formulário *online*. Além disso, dentre as reportagens dos periódicos

analisadas, destacamos uma série intitulada *De Torcedor a Consumidor* com seis matérias, publicadas semanalmente pelo Jornal Diário do Nordeste, que busca pensar sobre as implicações para a experiência dos torcedores com as arenas multiuso, além de debater questões relacionadas à nova economia do futebol, caracterizada pela hipermercantilização, lógica do lucro e inserção no circuito da mercadoria.

5.1) A Segunda Geração: uma frente de esquerda como uma correia de transmissão de lutas

As diferentes configurações que os modelos coletivos do torcer adquiriram, de meados do século XX até a segunda década do século XXI, evidenciam as mutações e os significados do torcer em cada momento específico. Na medida em que o torcer revela um pertencimento, uma forma de engajamento e de se expressar nos diferentes contextos, consiste simultaneamente em determinados atos políticos em si mesmo.

No entanto, o que a Ultras Resistência Coral instaurou, a partir de 2005, refere-se à atribuição de um sentido político distinto daqueles que estavam postos. Diante do que denominamos de movimentos de primeira, segunda e terceira onda na história do torcer coletivo, a URC ressignifica o torcer e mobiliza o movimento de quarta onda através de um processo de politização externo ao âmbito do futebol e que rompe com modelos anteriores.

Após a emergência da URC e o estabelecimento das ações promovidas pela primeira geração do coletivo, novos sujeitos passaram a integrar a torcida, que incorporou também novos significados para além daqueles atribuídos pelos primeiros integrantes, como a subcultura do movimento *skinhead*, reordenamento que passou a externa-la como uma frente de esquerda.

A segunda geração da URC, periodização levada a cabo para fins de compreensão da trajetória da torcida, caracteriza-se enquanto período em que o coletivo se pluraliza por meio do ingresso de sujeitos de diferentes matrizes. Assim, não necessariamente partilhavam da subcultura *skinhead* ou filiados exclusivamente ao PSTU como eram os primeiros integrantes, mas eram provenientes de outras experiências políticas.



Imagem 71 – Faixa Lenin e membros da torcida URC em 2006
Fonte Acervo Pessoal B

Desde 2006, novos membros orgânicos passaram a adentrar na URC, na foto acima, por exemplo, há o registro de apenas um componente da primeira geração, B, o terceiro da esquerda para a direita. Nota-se que um ano depois já se percebia a presença de outros componentes, o que evidencia essa diversificação da torcida.



Imagem 72 – Ampliação da torcida URC em 2007
Fonte Acervo Pessoal B

O fazer-se da URC a partir deste momento mobilizou diferentes experiências na constituição de uma frente de esquerda. Desse modo, o agenciamento político do coletivo envolveu formas diversas de ações que se contrapunham tanto as estruturas dos espaços do futebol como da conjuntura. Para tanto, a ampliação da torcida e a constituição de si em uma frente ampla de esquerda baseava-se em alguns dos critérios, que, segundo A:

Assim, os pré-requisitos mínimos são torcer ferroviário e, segundo, concordar minimamente com os princípios da torcida: o antirracismo, a anti-homofobia, o antimachismo, o antifascismo, o anticapitalismo. É claro que a gente não vai

barrar a pessoa... porque ninguém vai nascer com as ideias todas prontas. É um processo de construção também que todos nós passamos (A, 2018).

No entanto, em torcidas como a URC, que insurgem nos estádios enquanto movimento de crítica sob o ponto de vista da esquerda, o grau de interesse e a adesão dos torcedores ao clube consistem em um percurso multifacetado, particularmente pela fluidez do engajamento emocional entre o *pertencimento clubístico*, a *sociabilidade militante* e a *insurreição clubística*, conforme refletimos no capítulo anterior desta tese. Um dos desdobramentos dessa característica foi o ingresso de integrantes na URC que passaram a se identificar com o Ferroviário a partir da afinidade com a proposta política da URC,

porque a Ultras tinha um lance diferente por ser de esquerda. E como a gente fez também um resgate da origem operária do Ferroviário, que sempre existiu mas ela ficava relegada, meio apagada. E a gente colocou isso à tona, despertou ainda mais e criou um pouco essa ideia como um time de origem diferente. Então muitos acabaram se incorporando e passando a torcer Ferroviário justamente por influência direta da nossa torcida. A composição da nossa torcida são de pessoas que a maioria não tinha a tradição de ir para jogo (A, 2018).

Ao invés do percurso que, através da paixão pelo clube se ingressa em alguma associação torcedora, alguns componentes da URC trilharam o caminho de maneira inversa. O *pertencimento clubístico* era, na verdade, para alguns sujeitos o ponto de chegada dessa relação entre integrantes – URC – Ferroviário, ou seja, não era a causa e o combustível da adesão à torcida para uma parte desses sujeitos, e sim por meio da URC que se constituía a aproximação com o clube.

Nesse seguimento, o amor, a paixão e o sentimento ao clube Ferroviário eram uma construção que tinha origem no engajamento emocional por meio da identificação e da afinidade política da URC, uma vez que a posição política de esquerda da torcida constituía o ponto de partida nessa relação. Há, portanto, uma pluralidade do torcer que atravessa diferentes graus de interesse, independente do caminho percorrido pelos torcedores.

Essa pluralidade do torcer na URC é evidente a partir da trajetória singular de A, que desde o final dos anos 1980 frequentava os estádios, construía afinidades, identificava-se com o Ferroviário e, ao se tornar um membro orgânico da URC, já havia estabelecido um *pertencimento clubístico* anterior à torcida. Assim, A traz à tona um outro comprometimento e engajamento, na medida em que, antes da criação da torcida, ele já estava vinculado sentimentalmente ao Ferroviário.

Outro aspecto particular sobre A se refere ao papel desempenhado no momento em que adentrou na URC, uma vez que não era *skinhead* – como os sujeitos da primeira geração – mas de imediato se integrou ao coletivo. Assim, A exerceu uma função singular no grupo por construir uma ponte de ligação entre a primeira geração e a constituição de uma torcida enquanto frente de esquerda, tendo se integrado à URC quase que no início da sua fundação e mobilizado a participação de outros sujeitos que passaram a conformar o que denominamos de segunda geração.

Dessa maneira, com o transcorrer dos primeiros anos, na proporção em que a URC ocupava espaços nos estádios com camisetas e faixas, externando visualmente e cromaticamente o coletivo, conformava um novo modelo do torcer e ia delimitando projetos e atuações, outro processo acontecia simultaneamente: o reconhecimento por outras torcidas, tanto do Ferroviário como dos times adversários, como pela imprensa esportiva.

Entretanto, a consolidação do coletivo não ocorreu através de um sentido cuja direção esteve caminhando sempre continuamente para o progresso, tendo em vista que uma série de variáveis dificultavam a construção de uma torcida nesse modelo, como a situação de crise que o clube enfrentava, os recursos, a logística, a mobilização dos membros e a repressão policial, que logo buscou impedir a atuação da URC.



Imagem 73 – Integrantes da URC no Estádio Presidente Vargas
Fonte Acervo Pessoal B

Em tal caso, mesmo que em alguns jogos do Ferroviário a Ultras Resistência Coral tenha levado poucos integrantes para o estádio, como retrata a foto acima, a projeção do grupo era elaborada pelo impacto causado pela política apresentada e defendida na torcida. Na segunda metade dos anos 2000, as demais torcidas organizadas constituíam-se a partir de outras

características, equiparando-se a estruturas empresariais, destacando-se, pois, por distintos motivos daqueles que singularizavam a URC. Os periódicos atentavam para essas questões:

Já vai longe o tempo em que as torcidas organizadas funcionavam em instalações improvisadas e eram administradas de maneira amadora. Hoje, elas contam com uma estrutura de dar inveja a qualquer empresa de médio porte, possuindo diversas lojas, sub-sedes e uma vasta rede de amizades – e desavenças – com outras organizadas. Como é o caso da Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), que agora se vê envolvida em um caso de polícia¹⁵², com a morte de seu presidente, Marcionílio Pinheiro. (Jornal Diário do Nordeste, 07.dez.2005)

Diante disso, a imprensa esportiva buscava lançava luz sobre um momento específico da situação das torcidas organizadas, que se caracterizava por uma profissionalização das suas atividades e que causava “inveja a qualquer empresa de médio porte”. Com estrutura de sub-sedes e de lojas, as torcidas organizadas especializavam-se na venda de produtos e distanciavam-se de um período do improvisado e da gestão amadora. Conforme debatemos no terceiro capítulo, a virada do século XX para o XXI revelou um desgaste da hegemonia das torcidas organizadas tradicionais. Em contrapartida, na URC, as práticas estabelecidas iam ao encontro do que a imprensa esportiva denominou de improvisado e amador, pois desde o início

Era como a gente faz hoje na Ultras Resistencia Coral. A gente manda confeccionar as blusas e leva pros estádios, monta uma banquinha e os torcedores que chegam junto da gente compram. Um sacão de blusas e os torcedores compram diretamente com a torcidas organizada, era uma coisa mais amadora. (A, 2018)

A narrativa de A contrasta com uma das críticas às torcidas organizadas, que, com o tempo, passaram a privilegiar uma apologia e uma exaltação a si mesmas em detrimento da essência da organização coletiva do torcer. Nota-se ainda uma narrativa do jornal que negativa a experiência do “passado amador” ao mesmo tempo em que o *status* atual-empresarial-profissional das torcidas organizadas podia até causar inveja a determinadas empresas, mesmo que o fenômeno da violência estivesse presente.

A facção conta com 7900 integrantes cadastrados e se mantém a partir das vendas de seus produtos, nas sete lojas da torcida. (...) O “império tricolor” conta ainda com seis sub-sedes dispostas por bairros de Fortaleza, além da sede social. Para fazer essa máquina caminhar, a TUF emprega direta e indiretamente 50 funcionários. A torcida também possui três bandeirões, 15 faixas oficiais, cerca de 70 bandeiras e 20 peças de bateria (Jornal Diário do Nordeste, 07.dez.2005).

¹⁵² O caso de polícia citado na reportagem faz alusão ao acontecimento que discutimos no terceiro capítulo desta tese, a morte de Marcionílio Pinheiro, presidente da TUF, no Rio de Janeiro.

Seja como facção, torcida organizada, império ou máquina, a reportagem busca constatar e retratar a *empresarificação* de um modelo coletivo do torcer. Nessa perspectiva, a história das formas coletivas do torcer torna-se um fenômeno cada vez mais complexo na medida em que no mesmo contexto há agrupamentos que, de um lado, conformam empreendimentos empresariais e profissionais e, por outro lado, coletivo de sujeitos insurgentes que protagoniza-se pela política e questões sociais defendidas nos estádios.

É nessa dinâmica que o fazer-se da URC toma forma, invade os estádios e passou a ser reconhecida. As faixas expostas nos estádios não passavam despercebidas, tanto para os torcedores corais, como para aqueles que a visualizavam do lado oposto do estádio enquanto torcida adversária como para a imprensa esportiva. Nas poucas vezes em que os grandes veículos de comunicação retratavam algo relacionado à URC, enfatizavam a politização da torcida, como na reportagem que afirmou que “A torcida coral sempre leva faixas com conotações políticas ao Castelão. Ontem, uma delas dizia: “Resistência Palestina”, em alusão ao conflito contra Israel na Faixa de Gaza” (Jornal O Povo, 26.jan.2009).

Se, nos maiores conglomerados de comunicação da cidade de Fortaleza não houve muitos registros da história da Ultras Resistência Coral, diversos *sites* e *blogs* buscavam preencher esse espaço ao trazer à tona a atuação do grupo por meio de artigos, de notas ou de imagens, por exemplo este que destaca a *antiviolência* da URC:

As torcidas organizadas estão frequentemente envolvidas em atos de violência. Assim, se torna comum pensar que elas são violentas por sua própria natureza, mas existem exceções. Algumas que são relativamente pacíficas, outras que são antiviolência no campo, tal como a Ultras Resistência Coral, do Ferroviário, do Ceará. Apesar disso, tal violência, geralmente é praticada e incentivada no interior de tais torcidas. A explicação deste fenômeno reside na base social das torcidas organizadas, bem como na mentalidade que se reproduz no seu interior¹⁵³ (O Sucesso, 03.jul.2007, edição nº 558)

¹⁵³ O artigo foi escrito pelo sociólogo Nildo Viana, que estava disponibilizado no site O sucesso, mas que aparentemente saiu do ar e não está mais disponível.



Imagem 74 – Faixas da URC no Estádio Castelão

A excentricidade da URC destacava-se pelo combate à violência, quase um *lugar comum* entre as demais torcidas organizadas em meados dos anos 2000 no Estado do Ceará. Na imagem acima, notam-se três faixas da torcida no Estádio Castelão antes da reforma que a arenizou. O efeito promovido pelas frases *Ultras Resistencia Coral, orgulho proletário; Resistência Palestina; Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes*; surpreendiam tod@s os torcedores nas arquibancadas. Além de se posicionar contrariamente aos conflitos entre torcidas, a URC ainda buscava compreender os torcedores adversários por meio da consciência de classe, conforme exposição do Manifesto de Fundação.

Dentre as atuações desenvolvidas pela URC, a torcida produziu, no ano de 2008, um *Fanzine* em virtude dos 75 anos do Ferroviário e dos três anos de fundação da torcida. Tal prática revela uma apropriação de subculturas e torcidas europeias, que, desde os anos, 1970 utilizam *fanzines* em sua atuação.

14 de julho de 2008

Editorial Fanzine "Bandeira Coral" - Edição Especial



Oii Camaradas!

Apresentamos, por hora, o editorial do Fanzine Bandeira Coral, uma publicação de **Ultras Resistência Coral**, em uma edição especial de lançamento em comemoração aos 75 anos do nosso Ferroviário A.C culminando com os 03 anos de nossa claque agora no fim de julho. Em breve este humilde material estará ao acesso de todos que tiverem interesse.

Imagem 75 – Divulgação do *fanzine* produzido pela URC

Na nota de lançamento do *Fanzine Bandeira Coral*, após uma epígrafe com frase de Vladimir Maiakovsky, poeta da Revolução Russa, tem-se uma narrativa que traz à tona uma constatação denominada como “um momento novo” atravessado pelo Ferroviário, mas que não significa automaticamente uma adesão ao “futebol moderno”.

"Eu vos dêo proletários do planeta, cada folha até a última letra! O inimigo da colossal classe obreira é também meu inimigo fígadal!" (V.V Maiakovsky)
 O **Ferroviário** passa por um momento novo. Isso não significa de pronto uma adesão ao "futebol moderno", algo que representa um retrocesso. As bases do **Ferrão** continuam as mesmas, porém existem novas composições acopladas à potente máquina coral. A locomotiva segue sendo a **torcida coral** nos mesmos trilhos da classe operária. O que há de novo é o vigor, a vitalidade, o recrudescimento, a disposição da torcida coral, cada vez mais próxima do time, não como coadjuvante, mas como sujeito ativo das atividades do Clube. A nova geração de torcedores que nunca havia assistido um jogo na **Vila Olímpica Elzir Cabral** teve no ano de 2008 essa oportunidade. Também teve acesso à história do **Ferroviário**, pois ela se mantém de pé, inabalável ante os fortes ventos, incorrosiva ante à maresia da Barra do Ceará. Felizmente a **Ultras Resistência Coral (URC)** é parte desse "novo" que reivindica as autênticas origens corais, não as renega, fazendo delas o seu maior orgulho. "**Bandeira Coral**" será o volante trimestral da Ultras Resistência junto à ferrenha torcida coral, trazendo nosso ponto de vista de forma alternativa, constituindo-se em mais um meio de comunicação e informação para enaltecer o **Ferroviário Atlético Clube**¹⁵⁴.

Nesse caso, a “nova geração” de torcedores que nunca tinham assistido a um jogo na sede do clube, inclusive os torcedores que compunham o que denominamos de segunda geração da URC, representavam, segundo a narrativa, a vitalidade, o recrudescimento e o vigor que

¹⁵⁴ Disponível em <http://resistenciacoral.blogspot.com/2008/07/editorial-fanzine-bandeira-coral-edio.html>. Acessado em 30/04/2020

resistirá junto ao clube e que reivindicará as “*autênticas origens corais*”. Acreditamos, em contrapartida, que um dos pressupostos para a elaboração da narrativa contra a modernização se dá pela conjuntura do futebol e do esporte em geral catalisada pelos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro. Assim, a sede do clube, localizada em bairro na periferia – Barra do Ceará - e majoritariamente experimentada por trabalhadores, possui uma dimensão simbólica ao fortalecer a resistência ao futebol moderno.

Além do *fanzine*, a URC também buscou estender sua atuação para os carnavais, criando o bloco carnavalesco Zé Limeira em 2009. Apreende-se disso que, não só a tradição da relação entre torcidas e carnaval era reatualizada como também um resgate do *torcedor autêntico* do Zé Limeira, chefe de torcida do Ferroviário que, dos anos 1950 até a década de 1980, esteve à frente comandando a torcida coral, no que designamos enquanto movimento de primeira onda. Isto posto, a transmissão de uma herança entre as formas coletivas do torcer marca continuidades na história dos modelos coletivos do torcer e nas subjetivações dos sujeitos em diferentes épocas.

A motivação das pessoas é uma só: se divertir, mas para alguns organizadores dos blocos, os objetivos vão além e passam pela criação de uma identidade entre os moradores e o bairro. Foi pensando nisso que A, de 26 anos, e outros jovens do bairro decidiram fundar o bloco carnavalesco Zé Limeira. Eles usaram o futebol como fator de agregação e a torcida organizada do Ferroviário, Resistência Coral, passou a compor o bloco. (Jornal O Povo, s/d)



Imagem 76 - Bloco de carnaval Zé Limeira

Fonte página rede social *Facebook* Ultras Resistência Coral

A imagem retrata a organização do Bloco Zé Limeira, personagem tradicional reivindicado pela URC como torcedor símbolo do Ferroviário, que pela iniciativa da torcida

buscou estreitar a relação entre futebol, carnaval e a identidade popular do clube e do bairro onde localizava-se sua sede.

Nessa perspectiva, o bairro Barra do Ceará consiste em um elemento do repertório utilizado para resgatar a consciência de classe do clube Ferroviário. Como a sede do time se localizava naquele bairro, o futebol funcionou como “fator de agregação”:

A ideia para o nome do bloco também foi motivada pela união das duas paixões nacionais: carnaval e futebol. Zé Limeira é um personagem da história do carnaval de rua de Fortaleza e foi também um torcedor do Ferroviário. Ele foi autor de um dos dois hinos oficiais do clube e agora dá nome ao bloco que tenta fortalecer o laço dos moradores da Barra com o time do coração, cuja sede é no bairro. (Jornal O Povo, s/d)

Dessa forma, a URC criava redes sociabilidades no território tradicional em que se encontrava a sede do clube e, mesmo sem o apoio financeiro do poder público¹⁵⁵, ampliava a atuação do grupo, reatualizava os símbolos que identificaram o movimento da primeira onda dos modelos coletivos do torcer, aquele referente aos *chefes de torcida e charangas*.

5.2) Toda história é produto das ações de pessoas em carne e osso: o perfil social dos membros da URC

Nesse momento lançaremos luz a respeito dos dados catalogados dos integrantes e dos simpatizantes da torcida Ultras Resistência Coral, a fim de interpretar e de compreender com maior detalhe e rigor quem são os sujeitos mobilizados pelo coletivo, seja como membro orgânico ou como simpatizantes, que se aproximam da torcida tendo em vista, ao fim e ao cabo, o projeto político de esquerda no futebol.

As informações foram obtidas a partir de um formulário solicitado para preenchimento e que foi encaminhado para os fundadores da URC. Estes disponibilizaram o formulário no grupo da rede social *Whatsapp*, que tem a participação não só dos membros orgânicos mas também de simpatizantes. O formulário contém desde perguntas pessoais como idade, profissão a motivações que fizeram adentrar na torcida, oferecendo a possibilidade de identificar-se ou não, uma vez que parte da torcida prefere não se identificar por questão de segurança.

¹⁵⁵ Na reportagem há uma reflexão sobre os editais da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor) para apoio aos blocos de carnavais, cuja meta é fazer de Fortaleza o maior pré-carnaval do Brasil, como podemos ver “Diante do potencial que a festa apresenta a cada ano, a Prefeitura de Fortaleza espera prolongar o período festivo da Capital Cearense, começando com o revéillon e culminando com o carnaval” (Jornal O Povo, s/d).

Assim, acerca da confiança, se poderia ser contactado ou não, 60% das respostas não veem problema em revelar o nome e o contato, enquanto 40% preferem não identificar-se. Algumas das hipóteses que podem explicar a não divulgação do nome perpassam a insegurança, a incerteza e a instabilidade política em que se encontra o país no período, já que alguns membros fazem parte de organizações políticas, ou também pode ser a opção de não desejar ou ter disponibilidade para dar uma entrevista em outro momento.

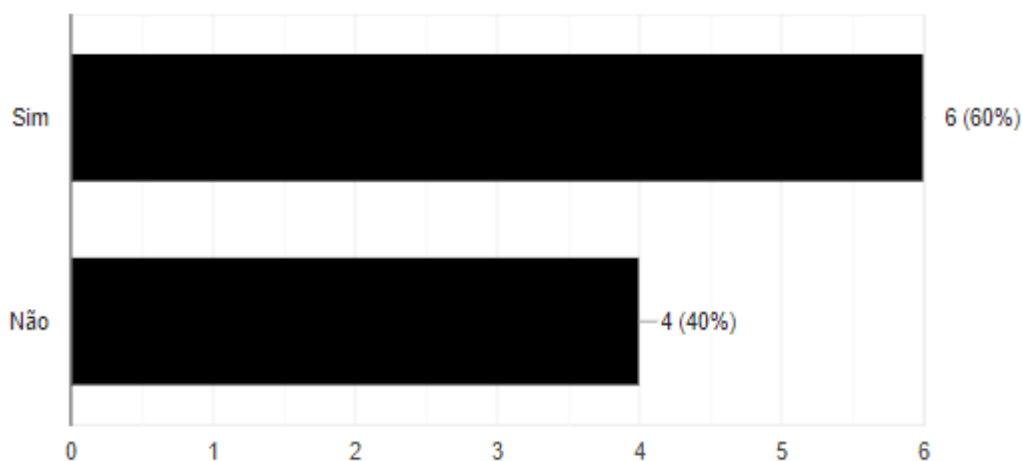


Gráfico 1 – Percentual de membros da URC (in)disponíveis para contato

Por conseguinte, outros dois elementos importantes a serem levados em consideração se trata da média de idade e das profissões desses sujeitos. Em 2020, ano em que responderam o formulário, a média de idade da torcida é de 38,5 anos, porém nesse cálculo há pessoas que não estavam presentes na fundação da URC, em 2005. Entre os fundadores, no ano de 2005, a média de idade era de 21 anos, o que evidencia a juventude da composição e pode sugerir os lugares em que transitavam: militância, universidade e partidos.

Acerca das profissões, percebe-se um predomínio da área da educação com seis sujeitos, sendo quatro da rede básica e dois do ensino superior, mas também registrou-se profissões como motorista, assistente social, recepcionista, caixa, servidor público federal, microempreendedor e médico. Entre aqueles que responderam o formulário, portanto, a maioria atua na educação, mas há uma multiplicidade de profissões citadas.

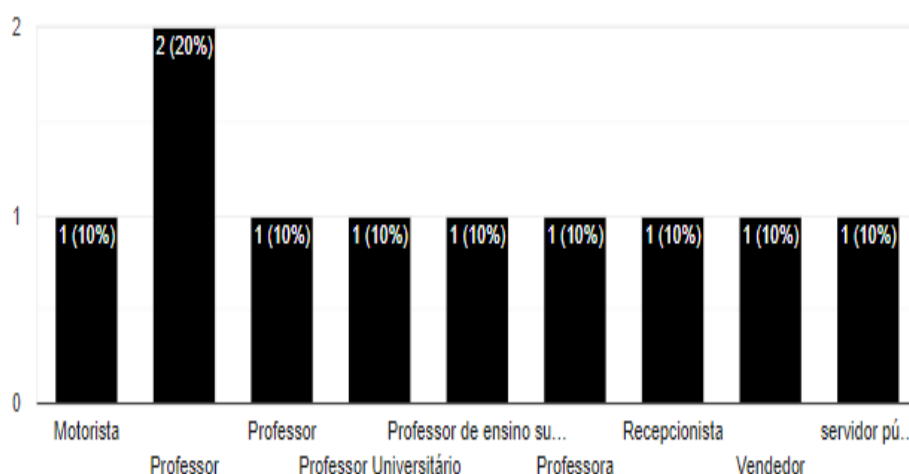


Gráfico 2 – Profissões dos membros da URC

Em tal caso, quando interrogados no formulário sobre a filiação a algum partido político, militante ou participa de algum coletivo/movimento, três responderam que são ou foram filiados ao PSTU, três do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), um deles afirmou “milito em favor da educação pública”, outro que é “militante do campo dos direitos humanos, atuando academia” e outros responderam que não militam, além daqueles que não responderam, o que pode sugerir – ou não - que estes podem ser os que se identificam como anarquistas.

Destaca-se também nessas respostas sobre a participação em algum coletivo, um sujeito que afirma ser integrante da “Frente *Antifa* Limoeiro¹⁵⁶”, uma torcida antifascista, criada em 2018, do time Limoeiro da cidade de mesmo nome, localizada no interior do Estado do Ceará. Nota-se a influência que a URC exerceu em outros coletivos e a constituição de uma rede de solidariedade, apoio e ação política entre esses agrupamentos.

O formulário também levantou a problemática sobre há quanto tempo frequentavam o estádio antes de entrar na URC. Nas respostas, oito responderam que sim, sendo que dois destes frequentavam desde os anos 1980, um desde os anos 1990, dois afirmaram estar presentes desde meados dos anos 2000, um afirmou que “ia aleatoriamente” e outro que “ia raramente”. Em contrapartida, quatro sujeitos responderam que não frequentavam os estádios antes de entrar na URC, ou seja, foi através da URC que identificaram-se com o Ferroviário.

Chama a atenção que, entre os que responderam não frequentar os estádios antes de adentrar para a URC, uma das respostas afirma que “gostava de futebol, mas não torcia para nenhum time”, sugerindo, como vimos, uma multiplicidade do engajamento emocional e

¹⁵⁶ Limoeiro é um município do interior do Estado do Ceará, distante a 209 quilômetros da capital Fortaleza.

vinculativo do interesse pelo Ferroviário e pelo futebol entre os integrantes. Um(a) outro(a) sujeito(a) narrou a maneira como construiu sua relação com o Ferroviário:

Morei na Barra do Ceará até os 25 anos de idade. Já ia ao Elzir Cabral quando pequeno e entrei em contato com o futebol local assim, assistindo aos treinos do time principal do ferrão e das categorias de base. Até então, meu contato com o futebol cearense era muito pequeno (meu pai de vez em quando ouvia jogos do Ceará no Rádio e um tio meu torcia muito pelo Fortaleza pelo rádio). Meu pai não ia ao estádio (achava perigoso) e por isso eu também não tive a oportunidade de assistir a jogos de times cearenses in loco na infância. Pela TV, assistíamos apenas aos times do Rio e de São Paulo, no início da década de 90, quando passei me reconhecer como torcedor de futebol. Foi o contato direto com o Elzir Cabral que me fez cair a ficha de que havia futebol local de verdade, e não só nas ondas do rádio, que me pareciam muito distantes ainda. Ainda assim, desde 1992 até minha vida adulta, eu me reconhecia como torcedor do São Paulo FC. Foi por meio de uma reflexão política que passei a me voltar, mais recentemente, ao futebol local e, resgatando minhas memórias afetivas da infância, retornei ao Ferrão, que, lá na minha Barra do Ceará, me apresentou o futebol cearense em imagem, cheiro, som. Nada mais justo que me reconectar a tudo isso a partir também do Ferrão. A experiência de ir ao estádio também tem sido cultivada por causa do Ferroviário desde que passei a me ver como um torcedor coral, e não como um torcedor do São Paulo, como antes, apesar de, vez ou outra, eu ainda acompanhar algo do time paulista, mas como bem menos intensidade e motivação (Formulário online).

Neste caso, a narrativa tecida dessa trajetória pode representar também a de várias outras pessoas no Nordeste e Norte do país, que em boa parte da vida era mais acessível assistir a jogos dos times das regiões Sudeste e Sul a partidas dos clubes da sua cidade ou região, constituindo um específico *pertencimento clubístico*, que foi duramente criticado pelo movimento, “Mistos, a vergonha do Nordeste”, estudado pelo sociólogo Artur Vasconcelos¹⁵⁷. Ainda assim, o sujeito torcedor narrou, ao preencher o formulário, como a experiência e a vivência do espaço da sede do clube no bairro em que morava possibilitaram um retorno político à paixão pelo Ferroviário. A memória do espaço e do território experimentado na infância, portanto, aliada à politização do lugar social no tempo presente reconstruiu a(s) identidade(s) no futebol. Desse modo, essa relação entre-passado-presente-futuro expressa a função política do empreendimento da recordação do (contra)poder da memória.

Nesse sentido, o formulário buscou mapear as razões que levaram ao ingresso na URC. Dentre as motivações apontadas, resumidamente foram constatadas as bandeiras levantadas pela torcida: o antifascismo, contra o futebol moderno e a elitização do estádio, a luta contra o

¹⁵⁷ VASCONCELOS, Artur Alves de. **Identidade futebolística**: os torcedores "Mistos" do Nordeste. 2011. 90f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2011.

racismo e a homofobia, a luta contra a mercantilização do futebol e o surpreendimento causado pelas faixas expostas pela torcida. Uma das respostas chamou a atenção:

O Futebol tem sido um espaço historicamente tomado como uma caixa de ressonância das forças que operam em nossa sociedade e cultura. Dentre essas forças, estão o elitismo, o autoritarismo, a violência e o discurso de ódio contra segmentos sociais diversos, tais como negros, pobres, trabalhadores, populações lgbt e mulheres. Por isso, admiro muito o surgimento de torcidas anti-fascistas que disputam também as narrativas sobre futebol e no mundo do futebol, não abdicando da paixão de torcer e acompanhar esse universo futebolístico. A URC foi a primeira torcida e minha aproximação dela coincidiu com minha reaproximação com o futebol local, mais especificamente com o ferrão, nas circunstâncias assinaladas na resposta anterior. Fazer parte da torcida também foi uma forma de acompanhar melhor os detalhes sobre o ferroviário e ter um olhar mais crítico sobre as notícias acerca do que ocorre no Clube. Além disso, no estádio, pude perceber que a URC se comporta de um modo bastante interessante: sempre acompanhando o time e fazendo contrapontos a discursos de misoginia, lgbtobia e racismo, que infelizmente ecoam nas mais diversas torcidas (Formulário *online*).

Infere-se pela narrativa que o autor desse texto é o mesmo que retratou sobre a reviravolta da sua identificação clubística na pergunta anterior, tendo em vista que este sujeito optou por não se identificar. Diante disso, este autor expõe a importância da disputa política no futebol na tentativa de desintegrar ou de problematizar o esporte que historicamente foi permeado por discursos de ódio à população negra, mulheres, lgbts. Na narrativa, ele enfatiza a associação entre a sociedade e o futebol, que funciona como “uma caixa de ressonância” das forças históricas que constituíram nossos espaços, como o elitismo, o autoritarismo, a violência e o discurso de ódio contra negros, pobres, trabalhadores, populações lgbt e mulheres.

Poderíamos metaforicamente afirmar, portanto, que o projeto político de esquerda da URC e a origem operária do clube exercem uma desconstrução das marcas homofóbicas, racistas, machistas e violentas que conformaram os espaços do esporte. Assim, a URC, ao interpretar a realidade e congregar projetos políticos de esquerda, decoloniza o torcer e o futebol, encorpando as experiências dos grupos periféricos plurais a partir de práticas, de saberes e de discursos pró diversidade, tolerância e democratização do futebol.

Sob o ponto de vista de esquerda, a URC consolidou um modelo coletivo decolonial¹⁵⁸ do torcer que mobilizou por diversas razões integrantes e simpatizantes regional e nacionalmente, uma vez que se insere em um movimento que subleva-se contra aspectos coloniais – a violência, o racismo e o machismo -, incorpora novas referências do saber-fazer e

¹⁵⁸ Conferir WALSH (2013); MIGNOLO (2008); BALLESTRIN (2013); MALDONADO-TORRES (2007)

ressignifica suas práticas e propõe através da ação política dar um novo sentido as suas experiências.

(...) as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo. O conceito possui uma dupla pretensão. Por um lado, denuncia “a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial” (Grosfoguel, 2008, p.126). Por outro, possui uma capacidade explicativa que atualiza e contemporiza processos que supostamente teriam sido apagados, assimilados ou superados pela modernidade (BALLESTRIN, 2013, p.99-100)

Nesse sentido, a colonialidade foi estendida para outros âmbitos que não só o poder, que controla a economia; a autoridade; a natureza e os recursos naturais; o gênero e a sexualidade; a subjetividade e o conhecimento. Portanto, constitui, de acordo com Mignolo (2012, p.12), “uma estrutura complexa de níveis entrelaçados”.

Assim, a perspectiva decolonial, que fornece novos horizontes utópicos e radicais para o pensamento da libertação humana, relaciona-se com a proposta política da URC e com a produção de conhecimento.

(...) estou interessado em três (entre outros) tipos de projetos que confrontam a globalização neoliberal e, no entanto, ao mesmo tempo trabalham em direção a uma organização sócio-política, em escala global, baseada na desfeticização do poder político e em uma organização econômica que visa à reprodução da vida ao invés da reprodução da morte e visa à reciprocidade e à distribuição justa da riqueza entre muitos, e não à acumulação de riqueza entre poucos. É esta a última meta econômica que precisa de exploração e dominação, corrupção e trabalho voltado para interesses próprios. Uma economia orientada em direção à reprodução da vida e ao bem-estar de muitos incorpora uma política de representação na qual o poder está na comunidade e não no Estado ou em qualquer outra instituição administrativa equivalente (MIGNOLO, 2008, p. 298).

Em síntese, trata-se de uma ampla e global orientação decolonial de pensar e de agir que procura desafiar e superar as estruturas sociais alicerçadas nas relações de poder baseadas, dentre outros elementos, no racismo, no machismo e na homofobia que estruturam a colonialidade. Nos termos dos efeitos para a escrita da história, essa reconfiguração possibilita à história da historiografia “agir com mais liberdade e agilidade abraçando alguns desses temas em perspectivas transnacionais e globais, começando por fazer perguntas atuais para a nossa tradição de escrita da história, procurando pensar temas como a consciência ecológica, a democracia, o capitalismo, a tecnologia, o preconceito, o racismo, o machismo, entre tantos outros” (NICODEMO; PEREIRA; SANTOS, 2017, p.182).

5.2.1) Sobre a temporalidade dos integrantes na torcida

Os sujeitos que orbitam em torno da URC, seja membro orgânico como simpatizantes, possuem temporalidades diversas no que se refere ao tempo em que adentraram e se aproximam da torcida. Com exceção dos fundadores, existem pelo menos quatro pessoas que com pouco de criação da URC ingressou no grupo, conforme as informações coletadas por meio do formulário, que estão dispostas abaixo numeradas de 1 a 4 em que cada número representa a resposta de pessoas diferentes:

- 1) Desde o início, e foi através do companheiro B. Na época militávamos no movimento estudantil, e aí surgiu a ideia de uma torcida diferente com um viés político.
- 2) Desde sua fundação em 2005. Éramos a maioria integrantes do Pstu na época. Recebi o contato do B, um dos idealizadores da torcida para frequentar aos jogos.
- 3) Mais ou menos 14 anos. Um amigo militante de esquerda perguntou se eu tinha interesse em me reunir com a galera numa torcida antifascista. (Formulário *online*)

Reunimos as três respostas porquanto há um nexo entre as experiências desses integrantes da URC, que constituíram o coletivo logo após a criação mas que não estavam na primeira geração. Em geral militantes do movimento estudantil, próximos ou de partidos, eles recebiam o convite de um dos fundadores para compor a URC e apresentar politicamente o projeto da torcida nos estádios.

Entretanto, posteriormente outros integrantes foram construindo afinidades com a URC, encorpando o que nomeamos como segunda geração do coletivo. Eles adentraram por exemplo aproximadamente a partir de 2010 multiplicando as motivações do ingresso. Se, antes a entrada para a URC acontecia principalmente por meio do convite de um dos fundadores, nesse momento em que o coletivo já havia se ampliado enquanto frente de esquerda no estádio outros componentes também eram responsáveis por atrair possíveis integrantes. Ainda no formulário, esses sujeitos dão pistas das particularidades desse processo, ressaltando que o seu preenchimento ocorreu no ano de 2020:

- 1) Há uns 10 anos. Conhecia alguns integrantes, fui aos jogos e me aproximei mais da torcida.
- 2) Há uns 10 anos. Através de meu companheiro que me convidou a ir aos jogos e acabei gostando.
- 3) Desde 2013, via uma convocação da torcida em redes sociais em um pré-jogo.
- 4) Ingressei no segundo semestre de 2019, durante a disputa da série C. Uma amiga é parente de um integrante da torcida e conhece outros membros. Ela me passou o contato do administrador do grupo do *whatsapp* e eu ingressei.

5) Há um ano. Foi com a própria torcida nos jogos. E logo depois fui inserido em um grupo de rede social. (Formulário *online*)

Por conseguinte, dois momentos distintos são notados na narrativa das quatro pessoas, o primeiro momento diz respeito ao ingresso até 2013, e o segundo retrata um período mais recente de reconstrução e de ascensão do time do Ferroviário a partir de 2018, que representou desde o bicampeonato cearense entre 1994 e 1995, a maior mobilização da torcida. Essas pessoas, que ingressaram e simpatizaram com a URC através de contato com integrante ou por rede social, constituem – aquelas do primeiro momento - a segunda geração, que periodizamos até as Jornadas de Junho e a Copa do Mundo de 2014. O segundo momento remonta à terceira geração, que será analisada no próximo capítulo.

Nesse seguimento, uma trajetória importante da segunda geração se refere à experiência da D¹⁵⁹, mulher, anarquista e desde 2013 se tornou componente da Ultras Resistência Coral. O modo como adentrou na torcida foi singular porque, antes disso, já construía outro coletivo, em que alguns membros integravam a URC, inclusive o seu companheiro, também anarquista, W¹⁶⁰. Dessa forma, acompanhava-o nas reuniões da torcida e, indiretamente e informalmente, foi adentrando no grupo.

Nessa organização que participava tinham 3 ou 4 pessoas que faziam parte da Resistência. Nunca tinha escutado falar da Resistência e conheci por conta dessa galera. Isso foi em 2013, época das Manifestações de Junho de 2013, e foi nesse contexto que comecei a ir pro estádio. Então me deparei com várias coisas que eu já via, de machismo, tanto dos xingamentos com juiz ou mesmo com as mulheres que trabalhavam no campo como arbitra, bandeirinha. E o posicionamento da Resistência nesse momento foi o que me chamou a atenção (D, 2018, entrevista realizada no *Barbarians Pub* em Fortaleza).

Apreende-se que houve uma adesão considerável de membros durante as Jornadas de Junho de 2013¹⁶¹ que, dentre as várias nuances das manifestações, caracterizou-se pela presença massiva de torcidas organizadas e coletivos antifascistas do torcer no país. Em especial, D enfatiza e retrata o universo machista¹⁶² do futebol e das torcidas, bem como a luta para a desconstrução destes aspectos da URC.

¹⁵⁹ D, no momento da entrevista tinha 27 anos de idade, é formada em Serviço Social e mestra em Sociologia, ambos pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), atualmente cursa o doutorado. Torcedora do Ferroviário Atlético Clube e anarquista, D integrou a torcida Ultras Resistência Coral a partir das Jornadas de Junho de 2013.

¹⁶⁰ Em função da insegurança política, decorrente das políticas de extrema direita do Governo Federal, atribuímos a letra W para o companheiro de D, que prefere não publicizar sua identificação.

¹⁶¹ Os movimentos sociais referentes às Jornadas de Junho de 2013 serão debatidos no último tópico deste capítulo.

¹⁶² A discussão sobre a disputa por espaço no futebol pelas mulheres e sobre a resistência antimachista da URC será realizada no sexto capítulo desta tese.

Diante do multifacetado quadro que compõe os perfis sociais dos integrantes da URC, bem como as motivações e os partidos/coletivos em que militam, a segunda geração da torcida foi se conformando e constituindo uma frente ampla de esquerda. Conforme um de seus fundadores, C, a diversidade não foi um limite para a atuação da URC:

É relativamente tranquilo por justamente desde o início a torcida ter sido formada por militantes de esquerda que tão acostumados a ter a atuação no partido de uma forma, mas ter a sensibilidade de por exemplo se fazer a discussão com membros de outros partidos, tendências ou ideologias no movimento estudantil, no movimento sindical ou no movimento social. (...) Então é isso, a gente nunca deixou de travar a discussão sobre socialismo, anarquismo, trotskismo, morenismo, stalinismo, mas a gente sempre soube que nenhum desses partidos estavam querendo cooptar a torcida pra tornar a resistência coral um braço do PSTU, braço do POR, do PSOL. Todos estavam ali como se fosse um movimento social pra se fazer a discussão e era encarado mais como uma frente de atuação desses diversos organismos políticos (C, 2018).

A partir da narrativa elaborada por C depreende-se que a pluralidade incorporada pela URC, que a tornou uma na frente de esquerda, não significou um problema pela sensibilidade e disposição dos novos integrantes para discutir sobre as várias correntes dentro da torcida. Nessa perspectiva, a atuação da URC não se dava como um braço de determinado partido político, mas como uma frente de atuação coletiva de diversas organizações políticas.

5.3) Experiências da censura e da repressão: táticas, agenciamento e memórias

A partir da entrada e da adesão de sujeitos advindos por motivações diversas conformou-se a segunda geração da URC. O projeto para apresentar a posição política de esquerda nos estádios, encabeçado pela primeira geração, foi se consolidando e se materializando na atuação do coletivo e nas práticas constituídas nos estádios.

Embora a primeira geração compartilhasse uma subcultura *skinhead* e, ao fundar a torcida não imaginasse que o futuro da torcida seria a ampliação para além do movimento *skin*, a URC aos poucos aglutinou tendências e constituiu um projeto coletivo do torcer que mobilizava futebol, política, paixão e diversão.

Nesse sentido, a interpretação da realidade que os membros da URC elaboravam diagnosticava uma necessidade de instituir um outro modelo coletivo do torcer para ocupar politicamente os estádios. Assim, a atuação da torcida derivava de escolhas formais e informais que, de um lado, da leitura de mundo cujos sintomas revelavam um futebol machista, racista,

homofóbico e elitista, e por outro lado, da compreensão teórica que impulsionava uma ação política insurgente.

Essas escolhas e decisões da URC enquanto sujeito coletivo – porém não como uma soma homogênea de indivíduos – partiam de uma margem de atuação que não era totalmente livre, tendo em vista que é condicionada por uma série de fatores estruturais. Dessa forma, as práticas políticas de esquerda estabelecidas pela torcida constituíram diante de relações sociais mais amplas, com avanços e com recuos nessas relações de dominação e de resistência, uma vez que a torcida passou a lidar com a administração dos estádios, agentes de segurança pública e meios de comunicação.

À vista disso, a emergência e a projeção que a torcida constituiu capilarizavam diferentes reações. Se a URC não tinha grande ressonância nos grandes veículos de comunicação, de modo que enfatizassem positivamente seu projeto, muitos *blogs* e *sites* contribuía para disseminá-lo. Não obstante as dificuldades para estruturar um coletivo torcedor, outros limites para a atuação foram surgindo – talvez como sintoma da projeção que o grupo conseguiu alcançar -, incomodando aqueles que politicamente discordassem da URC.

Tão logo as faixas da URC terem sido expostas nos estádios a resposta da Polícia Militar do Estado do Ceará foi reagir contrariamente censurando e reprimindo o coletivo. As faixas, que cunhavam frases como “Resistência Palestina”, “Orgulho da classe operária” ou que tinham o desenho de uma foice e de um martelo em alusão ao socialismo, foram alvo da repressão policial, ora sendo impedida de ser exposta no estádio ou, às vezes, durante a revista do material da torcida, ora rasgando o símbolo do socialismo na faixa.

Não tardou também para que os atos repressivos por parte da polícia repercutissem, tanto em blogs como pela imprensa local. Um dos mais tradicionais colunistas do jornal O Povo, Alan Neto, criticou a atuação da polícia que ordenou a retirada das faixas da URC:

Apesar da ridícula proibição do uso das faixas, elas foram estendidas minutos antes do jogo começar. Nas do Ferrão, embora acanhadas, prestavam homenagem a Palestina, enquanto na outra lia-se “Aliança Operária”. Na maior delas estava escrito – “Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes”¹⁶³.

Mesmo com o lançamento da nota, rápida e pequena sobre o aporte visual das faixas, o colunista não aprofundou o debate e não fez alusão a Ultras Resistência Coral. Entretanto,

¹⁶³ Colunista do Jornal O Povo, Alan Neto é um dos mais polêmicos jornalistas esportivos do Estado do Ceará e apresentador do Programa Trem Bala. Na reportagem ele relatou o caráter político das faixas da URC no clássico entre Ferroviário e Ceará no Estádio Castelão.

outras notícias buscam problematizar o debate dentro das torcidas organizadas, como a intitulada “Torcidas de futebol se unem para falar de política”¹⁶⁴:

Futebol e política se misturam para algumas torcidas organizadas no Brasil. Seus dirigentes acreditam que a consciência política pode substituir o ímpeto de violência de membros dessas entidades, que associaram o clima nos estádios a um ambiente de vandalismo e criminalidade.

(...) No Ceará, a torcida Ultras Resistência Coral, do Ferroviário Atlético Clube, tem postura semelhante. Sua mensagem, entretanto, foi mais além, quando seus dirigentes passaram a colocar uma placa de teor político nos jogos da equipe no estádio Presidente Vargas. Com os dizerem “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”, a torcida assumiu uma identidade socialista e comunista, o que provocou uma reação da Tropa de Choque local.

Desde 2006, a polícia vem impedindo a colocação da faixa, ato que a torcida insiste em repetir. E toda vez que a faixa é colocada, logo é retirada por ordens das autoridades. Em janeiro de 2007, segundo Renato Ramos, que tem contatos com a Ultras, a Tropa de Choque fez a advertência de que não permitirá mais referências ao comunismo nas laterais do campo.

Em tal caso, o impacto que a as faixas utilizadas pela URC causava revela o comportamento dos agentes de segurança pública, que estrategicamente buscavam impedir e invisibilizar a torcida, entretanto seus integrantes teciam plasticamente táticas para exibir as faixas nos estádios. Em outro episódio, além de censurar a faixa, a Polícia Militar do Estado do Ceará rasgou o símbolo da foice e martelo:

Desde o começo do ano, a torcida “Ultras Resistência Coral”, do Ferroviário, do Ceará, vem sendo perseguida pela administração do estádio Presidente Vargas. A torcida leva para o estádio a faixa: “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”, que, no dia 22 de janeiro, foi rasgada pela polícia com um punhal, na parte onde havia uma foice e um martelo. O comandante da Tropa de Choque disse que “não permitirá mais referencias ao comunismo”. A torcida aglutina torcedores que combatem a ideia de que os trabalhadores e o povo pobre em geral deva brigar entre si por causa de preferências futebolísticas. Solidariedade: Geocities.yahoo.com.br/resistenciakorral¹⁶⁵

Dessa forma, depreende-se que, desde o início da atuação da URC nos estádios, a censura e a repressão à liberdade do torcer se evidenciaram. No entanto, entre a dominação e a resistência, a torcida foi se moldando nas malhas do sistema social e ampliando sua rede de atuação, embora a reação contrária ao seu projeto político tenha se mantido repetidamente, inclusive recentemente, em 2020:

¹⁶⁴ O site “Cidade do Futebol” divulgou a notícia, assinada por Eugenio Goussinsky, debatendo a necessidade de maior consciência do torcedor por meio da política.

¹⁶⁵ Centro de mídia independente, janeiro de 2006. Portal vermelho.org noticiou “Futebol: Polícia militar censura torcida comunista do Estado do Ceará



Imagem 77 – Censura de faixa da URC no Estádio Presidente Vargas em 2020

Na página da torcida da rede social *Facebook*, o coletivo publicizou o ato de censura praticado pelo policiamento na ocasião do clássico entre Ferroviário e Ceará pelo Campeonato Cearense de 2020, o que evidencia a permanência, desde a fundação da torcida, tanto das táticas para conseguir adentrar com as faixas no estádio como da censura à liberdade pelos agentes de segurança pública.

Dito isso, outros sites estendem o debate da violência nas torcidas organizadas na busca por alternativas para o processo de extinção e de criminalização em curso nos anos 2000. O site “Maracanet” noticiou a organização do “I Seminário Norte-Nordeste das Torcidas Organizadas”, iniciativa da Secretaria do Esporte e Juventude e do Ministério Público:

Na ocasião foi discutida a crescente violência nos estádios. Quanto mais paz tivermos nos jogos, melhor será o público e assim as torcidas estarão realmente ajudando seus clubes. Quando questionado a respeito da extinção, Japinha, presidente da Garra Alvinegra, mandou bem.. “Essa medida só vai jogar as mazelas para outro setor, é preciso entender que muitos integrantes das faccoes vêm das classes menos favorecidas exploradas e extravasam sua fúrias nos estádios”, disse ele¹⁶⁶.

Sintomática do desgaste das torcidas organizadas no século XXI diante da opinião pública, a entrevista do presidente da Garra Alvinegra, Japinha, procura questionar a

¹⁶⁶ Essa notícia foi arquivada por mim no ano de 2016, a partir da técnica do possibilitada pelo *print screen* da tela do computador, que registra e permite ao pesquisador salvar. No entanto, no momento da escrita desta tese, ao realizarmos a procura do site para referenciar as informações da data de publicação e editor da notícia, percebemos que o site não existia mais. Essa é uma das problemáticas que o ambiente digital impõe para as pesquisas, a temporariedade e fluidez dos possíveis documentos. Essas particularidades foram analisadas no debate sobre as fontes digitais elaborado por Pedro Telles da Silveira (2016) no artigo “As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais”

superficialidade das medidas proibitivas do Poder Público. Em seguida, buscou evocar o modelo de torcida estabelecido pela Ultras Resistência Coral:

Em consonância com o tema levantado por Japinha, uma outra torcida, a “Ultras Resistencia Coral”, do Ferroviário, prega a união entre os jovens torcedores para defenderem uma luta de classes. As ideias ficam claras na faixa exposta pela torcida que diz: “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”. Segundo eles, uma outra faixa com o símbolo comunista foi rasgada pela polícia no Estádio Presidente Vargas. Onde anda a liberdade política?

Nota-se que as torcidas organizadas trouxeram à tona estrategicamente a maneira como a URC identificava o torcedor e as torcidas organizadas rivais, sob o viés da consciência de classes, e não como um sujeito a ser destruído, enfrentado e combatido por meio da virilidade e da corporalidade. Em suma, a URC adquiriu ressonância sobretudo nas mídias alternativas, embora esporadicamente os conglomerados locais de comunicação tenham pautado seu projeto¹⁶⁷. Em 2009, outro canal online, *Molotov* coquetel informativo, publicou uma notícia intitulada “Resistencia Coral impedida de prestar solidariedade a Palestina em estádio de Futebol”¹⁶⁸, afirmando que “essa nós estávamos devendo publicando há pelo menos duas semanas quando nossos ‘cúmplices’ do Resistencia Blog encaminharam pro portal a notícia:

A Ultras Resistência Coral é a torcida organizada do Ferroviário Atlético Clube, time de futebol cearense, que costume unir a paixão pelo futebol com o engajamento político, motivo pelo qual normalmente é vítima de repressão policial nos estádios. Um de seu lema, que inclusive consta nas faixas da Ultras é “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”.

No dia 14/01 deste ano, a Resistência Coral levou ao estádio Castelão uma bandeira com a inscrição “Resistência Palestina”, muito bonita por sinal. E adivinhem o que aconteceu? Receberam a ordem de recolher a bandeira por parte da polícia que fazia a segurança do estádio pois a mesma se tratava de uma manifestação política que não era permitida.

Dessa maneira, as ações da Polícia Militar do Estado do Ceará conformam um tipo específico de censura e de repressão às práticas do torcer, com a justificativa de que se tratava de uma manifestação política não permitida. Proibir determinada expressão política do torcer de diversas formas, seja por meio da impossibilidade da entrada dos materiais da torcida ou através da ordem de retirada das faixas e até rasgando estes símbolos, evidencia uma faceta dos agentes da segurança pública e a orientação política que colocam em prática: um cerceamento do comportamento torcedor nos estádios que define o que pode e o que não pode.

¹⁶⁷ Ciro Câmara, através do Jornal O Povo, assinou reportagem datada de 2007 sobre os clubes proletários e aponta a existência da Ultras Resistência, esta notícia foi refletida no quarto capítulo.

¹⁶⁸ Portal *molotov* coquetel informativo, dia 01 de março de 2009.

De acordo com as narrativas dos depoentes, o recrudescimento da modulação do comportamento do torcedor ocorreu a partir da sanção da lei 12.299/2010 que alterou o Estatuto do Torcedor de 2003¹⁶⁹. Eles recordaram que em diversas ocasiões a Polícia Militar do Estado do Ceará justificou a censura às faixas baseado no Estatuto do Torcedor, que, em relação às torcidas organizadas e às condições acesso ao estádio, dispõe:

“Art. 2º-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade.

Parágrafo único. A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações:

- I - nome completo;
- II - fotografia;
- III - filiação;
- IV - número do registro civil;
- V - número do CPF;
- VI - data de nascimento;
- VII - estado civil;
- VIII - profissão;
- IX - endereço completo; e
- X - escolaridade.”

“Art. 13-A. São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei:

- I - estar na posse de ingresso válido;
- II - não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência;
- III - consentir com a revista pessoal de prevenção e segurança;
- IV - não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo;
- V - não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos;

Mediante essas recomendações legais, elaboradas em função dos megaeventos esportivos sediados pelo Brasil, os agentes de segurança pública interpretam as frases do material da Ultras Resistência Coral pressupondo uma incitação à violência. Contraditoriamente, as recomendações dos cânticos homofóbicos e machistas permanecem em prática – embora ilegais - até a atualidade.

Conforme Michel de Certeau (1994), essas ações formais e informais que censuram e reprimem recorrentemente o torcer constituem estratégias que funcionam de modo a disciplinar as torcidas. Entretanto, os torcedores e as torcidas organizadas são atores ativos que reagem a essas estratégias que buscam ordenar e disciplinar os espaços futebolísticos, constituindo, sob

¹⁶⁹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/L12299.htm. Acessado em maio de 2020.

diferentes formas, táticas que têm a função de reagir, de driblar e de encontrar espaços de atuação diante das limitações estratégicas impostas em uma dinâmica agencial-estrutural.

A não passividade desses sujeitos, as respostas e as reações conformam uma agência dos torcedores e das torcidas organizadas que atuam diante de um sistema de normas, mas que não se submetem totalmente a essas regras a partir da criação de uma margem de liberdade. Se podemos estender que essas táticas não são elaboradas só pelas torcidas organizadas, mas também para torcedores que não adentram em associações torcedores e coletivos, a maneira como a URC atua possui algumas particularidades.

Como vimos, a repercussão das ações de repressão e de censura impostas pela Polícia Militar à URC obteve notoriedade por meio da divulgação e da disseminação por *sites* e *blogs* e, às vezes, pela imprensa esportiva local. Esse sistema de normas e de padronização do comportamento torcedor foi sendo instituído não apenas pelos agentes da segurança pública, mas sobretudo pelo conjunto de medidas e iniciativas das federações que gerem o futebol, particularmente intensificado no Brasil com o ciclo de megaeventos esportivos realizados nas duas primeiras décadas do século XXI¹⁷⁰. Sobre os impactos desse reordenamento para as torcidas antes dessas transformações, A recordou:

Olha, a diferença que eu vejo mais substancial era uma liberdade maior para torcer, né? No caso as torcidas organizadas tinham mais liberdade para colocar em prática suas formas de torcer. Por exemplo a questão dos fogos que a gente não vê mais, era muito comum, as baterias de fogos quando os times entravam, os sinalizadores, papel picado, papel higiênico com a chuva de rolo. As bandeiras de bambu hoje são bem mais raras. Então era algo que era perceptível a liberdade maior. (A, 2018)

Nessa perspectiva, a URC foi elaborando táticas para subverter as normas que censuravam e reprimiam a apresentação da política defendida pela torcida. A interpretação da realidade que o coletivo realizava constatava a necessidade da ação política de esquerda nos estádios de forma que a subversão dos padrões e a contestação das normas questionassem o *status quo*. Para tanto, os integrantes da URC buscavam agir com táticas oriundas tanto das torcidas organizadas como da experiência nos movimentos sociais, greves e situações que já tinham lidado com policiais.

Dessa forma, as táticas empreendidas pela URC variavam, desde as ações antes do jogo para conseguir entrar com o material no estádio até a exposição das faixas e bandeiras no

¹⁷⁰ Circuito de megaeventos ocorridos no século XXI sedeados pelo Brasil: Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro em 2006, Copa das Confederações em 2013, Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016.

interior do estádio. Na entrada dos estádios há uma fiscalização por meio do procedimento de revista dos torcedores, reconhecida como “baculejo” nas narrativas desses sujeitos, realizada pelos policiais militares a fim de garantir que determinados objetos (vidros, garrafas, etc), alimentos e bebidas não circulem no interior do estádio.

No entanto, em vários episódios as faixas da URC foram proibidas de adentrar nos estádios. Os integrantes da URC as guardavam em mochilas e tiveram problemas no momento em que eram revistados, ação popularmente conhecida como “baculejo” praticada pela Polícia Militar, sob justificativa que o material continha manifestação política proibida.

A partir disso, os membros da torcida buscaram burlar a revista na entrada dos estádios utilizando várias táticas. Uma das alternativas consiste em delegar para as mulheres a função de entrar com o material da torcida nas suas bolsas e mochilas, tendo em vista que, conforme os integrantes, a revista realizada nas mulheres é mais branda, superficial, às vezes sequer foram revistadas. Este aspecto sugere uma questão de gênero no torcer que tende a considerar o universo das torcidas um espaço destinado ao masculino, não cabendo – ou pelo menos diminuindo - ao feminino a possibilidade de subverter as normas.

Outra tática utilizada pela URC se tratava da tentativa de esconder o material nas mochilas através de fundo falso, colocando faixa e bandeira embaixo ou atrás de um fundo falso. Além disso, também constatamos que os integrantes do coletivo buscavam superlotar as mochilas para dificultar a revista de todos os objetos existentes no interior.

Em muitas ocasiões, os membros da URC também optaram por adentrar nos estádios com os materiais escondidos dentro dos calções e das calças utilizadas. Assim, o vestuário era um mecanismo que possibilitava obstruir a revista ao esconder, nas partes íntimas, faixas de menor tamanho. Isto é, dependendo da quantidade de membros da torcida que iam e da logística para levar as faixas maiores ou menores, o recurso do vestuário era uma opção para a URC apresentar a política de esquerda do grupo nas arquibancadas.

Assim, alcançando êxito ao conseguir adentrar com o material nos estádios, as táticas eram reelaboradas no interior dos espaços, uma vez que, algumas vezes, após expostas, os policiais militares se aproximavam da torcida e ordenavam a retirada do material. Dessa forma, a URC foi constatando criativamente alguns momentos em que os agentes da segurança pública estavam distraídos ou distantes, erguendo as bandeiras e as faixa nesse intervalo de tempo, constituindo um tato e uma sensibilidade eficazes para a apresentação do projeto político de esquerda da torcida nos estádios.

Apreende-se então que as táticas e os mecanismos de agenciamento elaborados pela URC constituem uma confluência de experiências advindas tanto das torcidas organizadas como dos militância e movimentos sociais. Há, portanto, simultaneamente uma memória transmitida pelas torcidas organizadas – movimento de segunda onda sobretudo a partir dos anos 1990 – mas também se institui uma nova memória: a *memória subversiva, transgressora e contestatória* que impulsiona a política apresentada pela URC no movimento de quarta onda dos modelos coletivos do torcer.

Quando se reflete sobre memória, problematizamos a partir do que Walter Benjamin (*Apud* Traverso, 2005, p.12) diferencia a memória denominada pela palavra alemã *eung*, que remete à experiência transmitida de geração em geração, forjando identidades grupais na longa duração – e é essa que se encontra e é reatualizada nas quatro ondas dos modelos coletivos de torcer analisadas neste trabalho – e aquela designada como *Erlebnis*, que se refere à experiência vivida particularmente por cada onda do torcer, mas que na transição do século XX para o XXI é caracterizada pelos ritmos de metamorfose acelerada, da sociedade de mercado, do individualismo e do modernidade. Assim, a *Erlebnis* remete à memória efêmera, volátil, frágil.

A URC retoma e atualiza a memória transmitida pelos modelos coletivos do torcer da história das torcidas organizadas, que funciona como um fio condutor de continuidades ao forjar identidades plurais coletivas nos estádios. Porém, ao romper com todas as formas coletivas do torcer, propomos nesta análise a elaboração de um novo tipo de memória pela URC, por meio do (contra)poder da *memória subversiva*.

Ao refletir e interpretar o universo do futebol, a URC compreendeu a fragilidade, a volatilidade e a falta de projeto político de esquerda dos últimos modelos coletivos do torcer, dando um novo sentido no tempo presente para o torcer a partir da *memória subversiva*. Tal memória, empreendida no tempo presente com uma função política, se alimenta de experiências da militância, da origem operária do clube e da ação política para subverter as normas nos espaços do futebol, historicamente machista, racista e homofóbico.

Desde que nós passamos a usar, digamos, a enfatizar de maneira visual nossas convicções, nós fomos reprimidos. Algumas vezes nós fomos pros estádios com bandeiras com foice e martelo... o caso mais enfático foi o que o policial chegou com um punhal e cortou a bandeira com um punhal. Outro aspecto nós fomos impedidos de entrar com faixa, principalmente a “nem guerra entre torcida, nem paz entre classes”, por uma restrição deles ao dizer que a faixa faz apologia à violência. Não é fácil mas também... (B, 2018)

Os dois casos narrados por B remontam àquelas notícias divulgadas *online* que compartilharam e ecoaram os atos de censura. No primeiro caso, trata-se da ação policial que rasgou o símbolo comunista da foice e do martelo, enquanto que o segundo se refere à acusação de violência na frase da faixa “Nem paz entre classes”. Este trecho da faixa incitaria, segundo a polícia estadual, à violência e, por esse motivo, não poderia ser exposta. Nota-se também na fala do depoente, “não é fácil, mas também...”, uma pausa que transmite um lamento pela dificuldade na construção da torcida, mesmo que não desistisse e persistisse. Outro integrante da URC, C, ainda sobre a atuação policial, relatou:

Eles começaram a censurar essa faixa em específico alegando que a gente incitava a violência, porque tinha o “nem paz entre classes”. A gente tentava discutir com a polícia e eles não entendiam que a classe era um conceito da luta de classes, e não uma violência física. É claro que a gente sabe enquanto militantes de esquerda que a luta de classe vai acabar desencadeando a violência também, mas lá a gente tentava conversar com a polícia e fiscalização no sentido do conceito sociológico, que a sociedade se move por meio do conflito de classes. E eles “não, é guerra de classes... Assim, um nível baixíssimo de entendimento policial e a gente não pode esperar muito do policial, né? (C, 2018)

Nesse seguimento, C coaduna com a narrativa de outros integrantes da URC que enfatizam o recrudescimento da repressão nos estádios após a sanção da lei do Estatuto do Torcedor em 2010 e o país ter sido escolhido para sediar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Acerca das experiências anteriores ao recrudescimento, ele afirma que:

Na época a gente comprava nosso ingresso, entrava com bandeira, com bambu, com fogos, com sinalizadores, e não tinha nenhum tipo de fiscalização maior, só o velho “baculejo” da polícia... Pra você ver como tudo era informal. E aí nossa atuação era bem mais ativa nos estádios. Nós tínhamos essa liberdade... Liberdade pra fazer essa discussão e todo mundo se empolgava para ir pros estádios. Com o Estatuto do Torcedor... Inclusive, o que recrudesciu mais ainda foi quando o Brasil foi escolhido pra sediar da Copa do Mundo e as olimpíadas. A gente viu o recrudescimento da repressão nos estádios, transformação dos estádios populares em arenas, pondo em prática o que o Estatuto do Torcedor já falava, mas não foi de uma hora pra outra (C, 2018).

A narrativa de C enfatiza que a liberdade de torcer paulatinamente foi sendo minada. Por meio de um repertório de medidas que variavam das reformas dos estádios, dos registros do material da torcida via ofício até a padronização do torcer nas novas arenas, os integrantes da URC notavam certa imposição de obstáculos para a limitação da liberdade do torcer.

A primeira faixa censurada foi essa [Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes] e depois de um certo momento eles começaram a solicitar um ofício da torcida dizendo quais faixas seriam levadas. E simplesmente colocavam “essa é censurada”, começaram a exigir que o torcedor se identificasse antes nesse ofício, começaram a exigir que a gente entrasse uma ou, às vezes, duas

horas antes no estádio. Começaram a proibir fogos de artifício, sinalizadores, bambus e tudo isso foi desanimando a torcida (C, 2018).

A exigência de uma maior organização, através do cadastro do material da torcida e da necessidade da entrada com antecedência no estádio para torcida organizadas, demandava disponibilidade e logística para uma torcida como a URC, que não era uma torcida de massa como outras torcidas organizadas, também reconhecidas como torcida de primeiro escalão. Dessa forma, não contava com amplo recursos humanos para delegação das atividades entre os membros, conforme solicitava o reordenamento legal para torcidas organizadas.

Com outras atribuições para além da torcida, especialmente trabalho e família, os integrantes da URC percebiam limites para a atuação com as reformas e a tentativa de reordenamento do torcer. Se anteriormente suas práticas e fazer-se aconteciam informalmente, um dos desdobramentos a partir da segunda geração da torcida e seus efeitos – ampliação, reconhecimento e projeção - foi dar conta das novas demandas apreendendo elementos formais para apresentar politicamente o coletivo nos estádios.

Portanto, a segunda geração da Ultras Resistência Coral, período compreendido em nossa análise de 2006 a 2014, teve uma relevância estratégica não apenas relacionada ao aumento do número de integrantes, mas também pela projeção e pelo reconhecimento que adquiriu regional e nacionalmente.

De acordo com os fundadores da torcida, que conformaram a primeira geração, uma das razões que possibilitou a continuidade da URC consiste na manutenção, mesmo com a entrada de novos membros, da especificidade da militância em organizações políticas como um fio condutor da torcida.

O que eu acho que é fundamental tem a ver com organização política. Eu acho que a Resistencia só existe até hoje pelo fato de boa parte de nós sermos militantes de organizações políticas. Não fosse isso eu acho que a Resistencia já teria deixado de existir ou mudado de linha, ou teria caído na pura violência abstrata com as outras torcidas. Mas, como nós somos militantes, e, partir dessas organizações defendemos concepções de mundo, a torcida é composta por militante, e esse é um fio condutor da torcida para as lutas. A torcida se propõe a participar das mobilizações que ocorrem na classe, vez por outra participamos das atividades e das greves, na nossa página tem menção ou solidariedade ou alguma menção a um setor (A, 2018)

Diante disso, uma consequência dos limites impostos para a atuação da URC foi a transposição intensa da presença do coletivo para as manifestações sociais, greves e atos políticos. Nesses espaços o grupo pode se fazer presente de forma informal, sem burocratização

e a logística que passaram a ter que lidar no futebol, apesar de, com frequência, acabar lidando com o aparato repressivo policial.

Essa presença em espaços para além dos estádios fortalecia os vínculos entre os membros da URC, construía uma base sólida e singularizava essa torcida quando comparada com outros agrupamentos. Segundo B: “Nós somos uma espécie de correia de transmissão dessas lutas, então a torcida vai tá nesse sentido, diferente dessas outras que surgem só com esse aspecto do *antifa*. Como boa parte das pessoas não militam, ou fazem segdismo com outras corrente e que defende isso ou aquilo, e que é radical na visão deles, mas do ponto de vista prático não tem base, e aí é o que pega” (B, 2018). No próximo capítulo, as experiências da URC nas manifestações sociais serão nuançadas.

5.4) Futebol moderno: os sentidos do estádio em disputa

A palavra moderno tem uma carga semântica positiva, associada em geral a ideia de avanço ou de progresso. Recorrentemente utilizada nas fontes trabalhadas, a palavra foi apropriada a partir da categoria futebol moderno, terminologia que admite diferentes usos e sentidos pelos segmentos dos diversos espaços futebolísticos. Nesse sentido, a expressão Futebol Moderno designa as transformações econômicas, culturais, sociais, arquitetônicas e organizacionais resultadas do processo de mercantilização do futebol em curso no Brasil, porém mais visíveis desde o final do século XX e nos vinte primeiros anos do século XXI.

Na atualidade, o futebol tem um alcance global que sinaliza para a “indústria do entretenimento” e para a “cultura de massa” um valioso espetáculo e suporte na inserção da lógica do lucro. A partir do futebol, uma série de produtos é comercializada, variando dos direitos de imagem de transmissão de jogos a produtos domésticos. Apesar de que a mobilização do público tenha acontecido desde a inserção do futebol nas primeiras décadas do século XX, a sua massificação e a entrada no circuito da égide empresarial e da mercadoria ocorreram no pós Segunda Guerra Mundial.

Conforme apontam Ronaldo Helal e Irlan Santos, há quatro marcos históricos que contribuem para a reconfiguração do futebol que o tornou um meganegócio. As implicações dessas mutações se reverberam no processo de arenização dos antigos Estádios Públicos no Brasil, ficando evidente com a construção de quatorze novas arenas, sendo doze delas associadas diretamente à Copa do Mundo da FIFA de 2014.

O primeiro, como observa Critcher (1979), se dá no pós-guerra na Europa, e mais contundentemente nos anos 1960, a partir da formação de uma sociedade do consumo e da concorrência entre diferentes indústrias culturais e do entretenimento, se notará uma nova forma de condução do futebol enquanto negócio por uma nova geração de dirigentes atrelados ao mundo corporativo, muito influenciado por uma americanização da cultura global. (...) O segundo momento destacável é a entrada de João Havelange na presidência da FIFA, em 1974, inaugurando uma sofisticação sem precedentes do futebol enquanto negócio, a partir da articulação com grandes empresas globais, no gancho da crescente tecnologia de transmissão de imagens via satélite. (...) O terceiro momento é a tragédia de Hillsborough, em 1989, na Inglaterra. A superlotação do estádio do Sheffield gerou 96 mortes e centenas de feridos entre os torcedores do Liverpool. O clube era o mais popular do país e muito famoso pelos seus hooligans, sendo sistematicamente perseguido pelo governo inglês, que desconsiderou as causas reais do acidente, além da negligência das forças policiais que pouco fizeram para evitá-la. (...) Por fim, o quarto momento fundamental para entender a transformação dos estádios nas últimas décadas é a adoção do conceito de arenas multiuso pela FIFA e pela UEFA a nível mundial, passando a exigir dos países-sede da Copa do Mundo e da Eurocopa tal modelo como condição básica de realização para absolutamente todas as partidas (HELAL; SANTOS, 2016, p.59-60).

O quadro histórico das transformações no futebol, marcado por esses quatro momentos, lança luz sobre a produção de novos sentidos nos diversos espaços futebolísticos, dos dirigentes aos torcedores. Nessa perspectiva, a inserção do esporte no circuito da mercadoria produz novos espaços a partir do conceito das arenas multiuso ao passo em que também produz um novo torcedor.

Por conseguinte, essa reconfiguração ocorre por meio da imposição arbitrária de um novo modelo de estádio, importado, em detrimento dos antigos estádios de massa que ampliavam a potência coletiva das torcidas e suas apropriações. Nesse sentido, de acordo com o geógrafo David Harvey (2008), que define o processo de *economias da despossessão*, resultadas da relação entre o capital financeiro e a produção do urbano que radicaliza as desigualdades sociais, podemos entender que o processo de *arenização* constitui um efeito da acumulação de riqueza centrada na inversão de capitais excedentes na urbanização, desapropriando determinados grupos sociais das suas experiências, do seu patrimônio.

Em contrapartida, as sociabilidades das torcidas organizadas não constituem o grupo e o setor mais favoráveis para o consumo dos recursos das arenas multiusos. Um dos efeitos desse descompasso, advindos da imposição e da modulação de um comportamento torcedor, consiste nas sucessivas tentativas de criminalização das torcidas organizadas.

O processo de reforma dos estádios almeja trocar a figura do “torcedor” (emocional, intenso, excitado, agressivo, viril) pelo “consumidor”, geralmente de média ou alta renda, mais sereno, que aporta nos estádios em família, disposto a assistir passiva e confortavelmente a um “espetáculo” repleto de

“astros” midiáticos. O torcedor, ao contrário, sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça e se articula coletivamente com estranhos. Ele quer ser protagonista do evento, ao qual contribuiu com sofrido dinheiro e paixão fiel ao seu clube. O consumidor, solitário ou imerso em seu pequeno e “fechado” grupo, contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário. Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo (MASCARENHAS, 2014, p.32).

No entanto, não só no Brasil mas também na Europa, as associações coletivas do torcer, ao mobilizarem contra o que se convencionou definir como Futebol Moderno, se opõem e resistem a esse fenômeno da modernização do futebol, disseminando discursos e símbolos, particularmente através da campanha “Contra o futebol moderno/*Against modern football*”. Desde o pós Segunda Guerra Mundial, com o aumento dos valores das transferências de jogadores, a profissionalização dessas transações econômicas e os novos significados entre clubes e torcedores na Europa, iniciou-se uma resistência ao que foi compreendido como futebol moderno (NUMERATO, 2014).

Contudo, apenas nos anos 1970 a reação a esse fenômeno se fortaleceu a partir da produção de *fanzines* pelos torcedores - revistas de torcedores que continham diversos assuntos relacionados ao esporte, à sociedade e principalmente à cultura *punk* - consolidando paulatinamente uma cultura contestatória, o que motivou a fundação de diversos coletivos de torcedores nas décadas seguintes (GIULIANOTTI, 2010).

The first expressions of supporters’ discontent with the so-called “modern” development of football occurred in the post-war period as a response to the increasing professionalization of the transfer market and increasing bourgeois engagement with football. These processes disrupted the traditional relationships between clubs’ management and supporters who reclaimed the lost subcultural control over decision-making processes (Taylor, 1971a, 1971b). The opposition against the so-called modernization of football has been more frequently captured by scholarship since the late 90s (NUMERATO, 2014, p.03).

Dino Numerato (2014) aponta que os primeiros descontentamentos dos torcedores foram resultados do desenvolvimento e da profissionalização do mercado de transferências dos jogadores, que romperam com as relações tradicionais na vida associativa em torno do clube. Entretanto, a partir da década de 1990 foi crescendo uma oposição à modernização de maneira mais frequente e incisiva.

Nesse sentido, a relação entre futebol e política foi recrudescendo com a intensificação da lógica hipermercantilizada que modela um novo padrão de ser torcedor, sobretudo a partir do caso inglês dos Hooligans e da política de restrição ao *hooliganismo* da Margareth Thatcher imposta aos estádios de futebol na década de 1980 através do Relatório Taylor.

Em janeiro de 1990, um fato mudou significativamente a organização do espetáculo futebolístico e as condições estruturais dos estádios britânicos: a publicação do Relatório Taylor. Este analisou as causas e as consequências de tragédias coletivas em estádios, incêndios, superlotação, confrontos entre torcedores adversários, como a de Hillsborough, em Sheffield, que vitimou 96 torcedores no ano de 1989, e fez uma série de recomendações para a ampliação da segurança e proteção do torcedor. A primeira medida adotada por todos os clubes foi a retirada dos alambrados em torno das arquibancadas, que representou o começo do “estádio pós-moderno” no Reino Unido, caracterizado pelo aumento do controle panóptico das autoridades do futebol sobre os torcedores. Outra medida adotada foi a colocação de assentos em todos os setores, com a extinção das antigas gerais (terraces), locais de livre circulação de torcedores, situados atrás dos gols, que usualmente assistiam às partidas em pé (Giulianotti, 2002). (HOLLANDA; LOPES, 2018a, p. 161)

Desde as transformações recomendadas pelo Relatório Taylor, o controle do futebol, estádios e torcedores replica no processo de reconfiguração dos estádios e do torcer. Concomitantemente, possibilitou reações a essas imposições por meio da emergência de novos agrupamentos de torcedores contrários à maneira pela qual o esporte estava sendo gestado, bem como a adesão, por parte das torcidas organizadas, da campanha contra o futebol moderno. Criado nos anos 1970 e difundido como *slogan* “Against modern football” nos anos 1990, as torcidas ultras na Europa, particularmente os torcedores da *Associazione Sportiva Roma* da Itália, influenciaram e mobilizaram coletivos e torcidas organizadas com apropriações e usos diversos.

No Brasil, esse processo, considerando as particularidades do país e das diversidades regionais, foi construído em paralelo à lógica nacional e internacional de transformação dos estádios em arenas e da intensificação do Estatuto do Torcedor, especialmente com o circuito dos megaeventos esportivos entre 2006 e 2016 no Brasil. Assim, na medida em que esse reordenamento se materializa a partir da imposição de um modelo de estádio importado, engessado e que limita a apropriação coletiva e os significados atribuídos anteriormente pelos torcedores, reações a essas transformações são protagonizadas, tendo em vista o direito à cidade que atravessa essas subjetividades.

Nesse intercurso, ao longo da primeira década do século XXI, a Ultras Resistência Coral se apropriou da campanha “Contra o Futebol Moderno”, opondo-se, já no Manifesto de Lançamento da torcida, à hipermercantilização do capital no futebol e à modernização, como vimos no capítulos anterior.

Outro elemento em comum com a cultura contestatória construída desde os anos 1970 na Europa remonta à produção, em 2008, de um *fanzine* pela Ultras Resistência Coral, um suporte que retratava o projeto político de esquerda do coletivo, a cultura *punk* e a subversão no futebol,

que retrata a dinâmica entre os usos políticos do futebol. Dessa forma, conforme ocorreu na Europa, a URC motivou a fundação de diversas associações independentes na década seguinte.

Uma das singularidades da apropriação da categoria “futebol moderno” no Brasil se refere à antecipação que a URC promoveu da crítica à arenização dos estádios. Se as torcidas organizadas e os coletivos torcedores deram força só recentemente ao movimento contra as reformas dos estádios, a URC se posicionava radicalmente contra à modernização e à hipermercantilização do futebol desde a sua fundação em 2005.

Partilhando de uma *memória subversiva* - reatualizada no tempo presente - da fundação do clube, Ferroviário, por trabalhadores, a URC contrapõe-se à produção das arenas multiuso e do torcedor-consumir. Apropriação semelhante também se dá nos sentidos e nos valores atribuídos pelos torcedores do Juventus de São Paulo, particularmente pela *barra* Setor 2, uma das primeiras barras brasileiras que têm como lema *ódio eterno ao futebol moderno*. De acordo com Hollanda (2018b):

A atitude contestadora do Setor 2 também é manifestada no conteúdo de suas faixas e de seus cantos, que costuma exaltar o orgulho das origens operárias do Juventus.

Mooca, Mooca, Mooca. Esse é o bairro que vou morrer. Na Javari, vamos meu Juventus. Não podemos perder, temos que ganhar. Essa é a família que vem te alentar, esta a todo lado pra te ver jogar. O sangue operário nunca irá secar, a resistência não desistirá! (HOLLANDA; LOPES, 2018b, p.223)

Nessa perspectiva, é relevante ressaltar o papel histórico que a URC teve tendo em vista o lugar social experimentado pela torcida, uma vez que a antecipação da crítica à arenização parte de uma região do Nordeste, que não é o centro dos principais clubes do Brasil, e da torcida de um time, o Ferroviário, que não ocupa a centralidade econômica no Estado do Ceará.

Esse deslocamento do olhar para os fenômenos fora do Eixo Sul e Sudeste ainda é um desafio para os pesquisadores e para os meios de comunicação, que privilegiam acontecimentos e o futebol das principais regiões do Brasil. É necessário, portanto, enfatizar a relevância da atuação da URC, que instituiu da periferia – espacial, econômica e clubística - uma rede de contestações assimilada e difundida por outras associações torcedoras. Reconhecer essa particularidade sobre o fenômeno da arenização no Brasil contribui para a decolonização do saber e do torcer.

Dito isso, o termo arenização remonta ao processo significativo de reordenamento dos estádios no Brasil para a Copa do Mundo de Futebol de 2014, mesmo que esse fenômeno tenha se iniciado ainda nos anos 1990, na Arena da Baixada, em Curitiba (DRULA, 2015). Além

disso, o processo de arenização dos estádios de massas tradicionalmente públicos consistiu também na mudança radical da experiência do torcer, tendo em vista que o padrão dos estádios para os megaeventos esportivos visam a um público diferente daquele que experimenta com frequência.

A conversão das praças desportivas de massas - que tinham capacidade chegaram a ser ocupadas aproximadamente por cem a cento e cinquenta mil pessoas - em arenas privadas de médio e de pequeno porte, por meio de reformas ou de construção de novos espaços ensejou críticas dos torcedores, dos meios de comunicação e dos movimentos sociais.

Essas críticas têm sido vocalizadas por coletivos de torcedores e, principalmente, pelas tradicionais torcidas organizadas de futebol, capitaneadas pela Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg). Raramente, no entanto, essas críticas encontram eco nos meios de comunicação de massa ou são contempladas no momento de elaboração de leis e políticas públicas para o futebol. Afinal, elas são realizadas num espaço assimétrico de poder, onde os torcedores têm pouca voz e influência (Lopes, 2013)¹⁷¹. (HOLLANDA; LOPES, 2018a, p. 162)

As maiores cidades do país passaram por esse processo em que os estádios públicos construídos desde meados do século XX, como o Castelão, a Fonte Nova e o Maracanã, bem como seus usos, sociabilidades e a lógica do torcer, foram afetados pela reestruturação em arenas no século XXI.

Além da iniciativa particular de clubes como Grêmio e Palmeiras, 12 arenas foram construídas ou reformadas para atender às exigências da instituição organizadora do evento, a Fédération Internationale de Football Association (Fifa). A fim de ampliar suas receitas e não ficar para trás de seus rivais, estádios ligados a clubes que ficaram de fora do Mundial também decidiram construir novas arenas em atendimento ao paradigma arquitetônico do chamado padrão Fifa. (HOLLANDA; LOPES, 2018b, p.207)

Em que pese a apropriação das manifestações esportivas para fins comerciais e políticos, sobretudo aquelas que mobilizam a economia de vários continentes – Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, os impactos legados pelos megaeventos provocam significativas controvérsias. Ampliados a nível global, os embates em torno da remodelação dos estádios de futebol em novas arenas multiuso implicam não só nas sociabilidades torcedoras, mas também na dimensão simbólica do valor de patrimônio desses lugares para esses sujeitos sociais.

¹⁷¹ Hollanda (2018a) aponta o crescimento do interesse sobre o tema pelos pesquisadores, tanto de investigações de pesquisas históricas como no campo da comunicação. Dessa forma, o autor vai além e aprofunda por ao analisar os discursos contrários ao “futebol moderno”, compreendo os sentidos e a ideologia nessa relação, sobretudo a partir das contribuições da hermenêutica da profundidade de Paul Ricoeur.

Ao fabricar torcedores, a edificação dos estádios de futebol produz novos sentidos para as experiências dos torcedores, funcionando direta e indiretamente como uma usina de corpos, comportamentos, emoções e interações. Contudo, entendemos também que as torcidas fabricam estádios ao agenciar suas práticas e ao acionar uma memória compartilhada em diferentes contextos. Na esteira dessa dinâmica de ação e de reação, há tensionamentos envolvendo, de um lado, a estrutura e o projeto de estádio que atendem ao interesse de determinados grupos socioeconômicos e, por outro lado, a apropriação e o uso desse espaço pelos torcedores organizados. Interessa-nos, pois, esboçar os desdobramentos do processo de arenização de um futebol como marca do *soft power* cada vez mais globalizado.

Por sua vez, os espaços ocupados pelo universo de torcedores no futebol foram apreendidos, nas últimas décadas, como um recurso imerso em um circuito de mercadorias do capital. De modo geral, essa ressignificação da arquitetura dos estádios, que lhes imputa o caráter de novas arenas multiuso, ocorreu à revelia da referência cultural que estes lugares possuem para aqueles que atribuem sentidos, valores e, majoritariamente, experimentam estes espaços, os torcedores.

A possibilidade de questionar o valor cultural como algo que não é natural, intrínseco às coisas e que é composto, de acordo com o historiador Ulpiano de Meneses (2009), de valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos, lança luz sobre os diferentes sentidos e itinerários que o patrimônio historicamente foi apropriado. Dessa forma, as variadas caracterizações do patrimônio enquanto histórico, material, imaterial, móvel, imóvel, tangível, intangível, genético, paisagístico, etc., sugerem como a ressemantização do conceito patrimônio é sinalizadora e produto das concepções de tempo, dos sentidos políticos, das lembranças e esquecimentos dos sujeitos históricos.

Por conseguinte, desde a noção que implica em herança, de algo recebido, referindo-se à transmissão dos bens da família, até noção contemporânea, que incorpora o debate sobre as gerações futuras, evidencia-se como a terminologia patrimônio consiste em uma construção social. Assim, os bens culturais que ganham valor de patrimônio representativo de uma coletividade estão associados a tudo o que é dito e feito acerca deles.

À vista disso, nos tópicos a seguir desta tese procuramos avaliar os valores e os sentidos atribuídos por organizações coletivas de torcedores aos espaços dos estádios em meio ao processo que definimos como arenização, pautado, de um lado, pela reestruturação de antigos estádios públicos em novas arenas multiuso e, por outro lado, na ausência de interlocução com

os atores sociais. Argumentamos que essa reconfiguração, ao atender as demandas econômicas do capital, marginaliza experiências e significados conformados pelos torcedores nos espaços populares dos estádios enquanto referências culturais.

Nesse sentido, decorre a necessidade de (re)pensar os estádios de futebol não só como um lugar e um espaço de recursos provenientes do consumo, mas também como um ponto no tempo que, ao ser valorado como patrimônio, sinaliza muitas vivências e culturas do passado não dissociadas de um futuro em construção, em conformidade com os apontamentos dos historiadores Nogueira e Ramos Filhos: “O olhar carregado de suspeitas que é lançado, para além da simples nostalgia, significa interrogá-los em prol de um passado e um futuro sempre em construção, de modo justo, democrático e ético” (NOGUEIRA; RAMOS FILHO, 2020, p. 06).

Estes lugares, para além de espaços concebidos como um recurso lucrativo, foram entendidos enquanto um lugar no tempo representativo de memórias e de identidades portadoras de experiências singulares, que não tiveram eco no processo de arenização adotado das últimas décadas no Brasil. Entendemos ainda que, dentre os caminhos interpretativos possíveis, tal reconfiguração assemelha-se a um sequestro dos estádios de massa, cuja dimensão simbólica foi ressignificada, senão em sua completude, mas em parte dos valores mais genuinamente partilhados naqueles antigos estádios públicos. Argumentamos, então, que as disputas em torno do direito ao estádio e à cidade não podem ser dissociadas, tendo em vista que ambas transitam as experiências dos torcedores, relação evidenciada nos contínuos atos de rua das torcidas organizadas em vários países.

Contudo, na categoria “futebol moderno”, a arenização consiste em um dentre outros elementos nessa ruptura de temporalidades, a partir da qual se combate as transformações recentes da modernização e reivindica-se o *status quo* da temporalidade anterior a moderna: um período caracterizado, de um lado, pela liberdade do torcer em que se fazia uso dos fogos de artifício, sinalizadores, bambus; do outro lado a garantia de setores mais baratos – como as gerais – que possibilitam aos pobres a participação no futebol. De acordo com Hollanda:

A partir dessas respostas, podemos extrair duas macro-proposições semânticas (Van Dijk, 2001), que representam seus temas principais, a saber: 1) o “futebol moderno” refere-se à mercantilização e elitização do futebol e 2) o “futebol moderno” diz respeito ao fim de uma tradição popular de torcer coletivamente nos estádios. Enquanto esta última macro-proposição pressupõe uma avaliação negativa do encolhimento do espaço público de direitos dos torcedores, a primeira pressupõe uma avaliação negativa do alargamento do espaço privado dos interesses do mercado dentro do universo do futebol. Em

outras palavras: a categoria “futebol moderno” manifesta, mais ou menos diretamente, uma crítica aos princípios neoliberais que regem, desde a década de 1990, a organização do futebol profissional (Proni, 1998). (HOLLANDA; LOPES, 2018a, p. 166)

Nota-se então que a categoria moderna é uma construção realizada pelos torcedores que não necessariamente se relacionam à elaborações teóricas modernas e pós-modernas. As interpretações, os usos e as apropriações sobre o que se denomina “futebol moderno” são múltiplas, especialmente se partirem do movimento de segunda onda das torcidas organizadas ou de torcidas como a URC, que se insere no movimento de quarta onda.

Em contrapartida, especificamente no caso da URC, a mobilização “Contra o futebol moderno” se trata de uma dentre várias demandas que constituem o projeto político de esquerda da torcida. Dessa forma, diferentemente de outras associações torcedoras – entre elas as torcidas organizadas – a URC se contrapõe ao futebol moderno não para um retorno e uma volta ao que se colocava anteriormente (um futebol pré-moderno?), mas sim para um novo futebol e um novo torcer insurgentes.

Para a URC, esse “novo” consiste em uma mudança radical para que os espaços tradicionalmente machistas, homofóbicos e racistas sejam superados por meio de uma sublevação contra a ordem estabelecida.

5.4.1) O direito à cidade: os impactos da *arenização* e a referência cultural dos estádios de massa

Nas narrativas dos membros e dos simpatizantes da Ultras Resistência Coral, esses sujeitos acionam uma memória operária insurgente que advém da história proletária do Ferroviário. Nesse sentido, argumentamos que o projeto e a ação política da torcida vão de encontro não apenas à modernização e à mercantilização do futebol, mas também a outras formas de dominação instituídas no futebol.

Assim, quando os integrantes da URC narram sobre a conjuntura do futebol e das torcidas atualmente, questionam elementos como a arenização e as restrições à liberdade do torcer constituintes do “futebol moderno”, mas também levantam-se contra a homofobia, o racismo e o machismo, acionando uma consciência interseccional entre raça, classe e gênero.

Nome	1) Razões para integrar a URC / 2) Significado da torcida
------	---

Tabela 2 – Narrativas do formulário online

E¹⁷²	<p>1) A motivação maior foi pela bandeira levantada da torcida contra o futebol moderno e suas lutas ideológicas (contra o racismo, contra o machismo, contra os fascistas, a favor classe operária etc).</p> <p>2) A luta dentro e fora de campo em prol do Ferroviário e da classe trabalhadora!</p>
F¹⁷³	<p>1) O futebol cada vez mais tá no ramo do negócio (business), onde os interesses financeiros falam mais alto do que os interesses do torcedor, que se quiser acompanhar o seu time do coração no estádio tem que pagar caro no ingresso e ficar refém do horário da televisão, que hoje em dia fornece uma boa quantidade de verba pros clubes de séries maiores (elite do futebol)”.</p> <p>2) Reconexão ao futebol local e potencialização de forças micropolíticas de resistência aos modos fascistas de viver no futebol e a partir do futebol.</p>
P¹⁷⁴	<p>1) Ao frequentar os estádios sempre me chamava a atenção o material utilizado pela torcida, principalmente as faixas com conteúdos anti-homofóbico, anti-machista entre outras. Por haver afinidade com essa linha de pensamento (embora não tenha formação política ou estudos na área), pesquisei um blog da torcida em que continha o seu manifesto, o que me levou a essa aproximação.</p> <p>2) Um movimento que representa, de fato, uma resistência de pensamento e representatividade das ditas minorias da população brasileira que utiliza como linguagem um esporte, como seus torcedores, popular</p>
L¹⁷⁵	<p>1) Por ser uma torcida antifascista. Creio que o futebol também é um espaço de disputa política (em todas suas esferas).</p> <p>2) Significa uma torcida necessária. Muito bom saber que até mesmo torcedor pro meu time eu posso fazer política. No meu caso, a Ultra Resistência Coral significou a minha inserção nos estádios e no saber torcer por um time.</p>
H¹⁷⁶	<p>1) Os princípios da torcida, como o antifascismo, a luta contra o racismo e homofobia nos estádios, o time de origem operária, a luta contra a mercantilização do futebol.</p> <p>2) Um polo importante na luta contra o capitalismo. Um exemplo de torcida organizada baseada em ideais solidários, que cumpre papel relevante na história do futebol brasileiro pelo pioneirismo e posicionamentos acertados ao longo de sua história.</p>
O¹⁷⁷	<p>1) Na época compartilhávamos dos mesmos ideais e a torcida trazia em seu manifesto as bandeiras sociais.</p> <p>2) A URC foi como uma espécie de laboratório social. Dela extraímos muitos ganhos dentre eles fazer ressurgir a história operária do nosso clube que por muitos havia sido esquecida, foi assim também que a nova geração</p>

¹⁷² E é professor, nasceu no dia 12 de agosto de 1978 e é militante a favor da educação pública, gratuita e de qualidade.

¹⁷³ F é professor universitário, nasceu no dia 07 de maio de 1982 e, quando interrogado se é filiado a alguma partido político, respondeu: Sou militante do campo dos direitos humanos, mas minha atuação se dá por meio da atividade acadêmica, em parceria com coletivos periféricos que produzem resistência ao extermínio das populações negras e periféricas pautando temas como arte, cultura, direito à cidade, segurança pública e educação. Não sou filiado a partido político, embora não tenha objeção a essa via de atuação política.

¹⁷⁴ P é professor do ensino superior, nasceu no dia 03 de fevereiro de 1981 e não é filiado a nenhum partido político.

¹⁷⁵ L é professor de história do ensino básico, nasceu no dia 05 de dezembro de 1990 e é filiado ao PSOL desde 2017.

¹⁷⁶ H é professor, nasceu no dia 24 de janeiro de 1986 e é filiado ao PSTU desde 2005.

¹⁷⁷ O é recepcionista, nasceu no dia 01 de novembro de 1983 e atualmente não é filiado a nenhum partido político.

	de torcedores do Ferroviário ficou conhecendo a história do clube. Fomos precursores no país de um movimento que cresceu exponencialmente nos últimos anos e que pode trazer muitos frutos ainda.
K¹⁷⁸	1) A URC sempre atuava nos estádios com alegria com cânticos e faixas diferenciadas, das demais torcidas que eram preconceituosas em sua maneira de ser. 2) Uma voz nos estádios que defende o anti-facismo. Que o Estado rege em cima do trabalhador que muitas das vezes não tem se quer condições de ir aos jogos.
Gs¹⁷⁹	1) Achei muito interessante a proposta de torcer sem ofensas racistas, machistas e homofóbicas. 2) Uma torcida pioneira no Brasil, que serviu de inspiração para todas as outras torcidas <i>Antifa</i> . Um exemplo de ação e prática que une futebol e política
RJ¹⁸⁰	1) Minha identificação ideológica por ser antifascista, anti racista e por discernir a mensagem pelos estádios e também por ser a precursora na questão. 2) A Resistência pra mim é uma reunião de amigos que pelo ideológica em comum ou semelhante resolveram apoiar o Ferroviário o time do proletariado
R¹⁸¹	1) Pelo diferencial da torcida, devido ao seu cunho político, o combate ao racismo, à homofobia. 2) Uma torcida diferenciada, onde me sinto bem.

Os relatos da tabela foram obtidos através de formulário e mantidos conforme o preenchimento, sem interferência do pesquisador no texto a fim de que a análise do discurso mantivesse o original escrito pelos sujeitos da URC. Ao analisar o discurso de torcedores acerca da categoria “futebol moderno”, Bernardo Hollanda e Felipe Lopes (2018) aprofundam o debate a partir do conceito de ideologia para enfatizar as relações assimétricas de poder em que são produzidas as críticas ao futebol moderno:

Isto é, para o autor, uma situação pode ser descrita como de dominação “(...) quando grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito” (p. 80). (Thompson *apud* Holanda; Lopes, 2018, p.163)

Nos discursos dos torcedores que compõem e simpatizam com a URC, em três deles há a menção contrária ao futebol moderno, mercantilização ou seus desdobramentos como razões para terem ingressado na torcida. Outros seis discursos lançam luz para questões politicamente

¹⁷⁸ K é motorista, nasceu no dia 03 de abril de 1986 e foi filiado por muitos anos ao PSTU.

¹⁷⁹ Gs é servidor público federal, nasceu no dia 01 de julho de 1986 e compõe a Frente *Antifa* Limoeiro.

¹⁸⁰ RJ é vendedor, nasceu no dia 11 de julho de 1982 e atualmente não é filiado a nenhum partido, atuando sobretudo em coletivos de cultura a partir do rock.

¹⁸¹ R é professora, nasceu no dia 07 de março de 1982 e é filiada ao PSOL desde 2015.

mais amplas: o futebol enquanto espaço de disputa política, o time de origem operária, o antifascismo, antirracismo, antimachismo e anti-homofobia.

Dessa forma, apreende-se, diante das narrativas, como os membros da URC entendem a necessidade de se posicionar politicamente contra as transformações do futebol que o insere na égide do lucro e no circuito da mercadoria, atuando nessas relações sociais de dominação e de resistência. De acordo com as motivações elencadas, as narrativas trazem à tona, direta e indiretamente, o direito à cidade e à sua ocupação pelas minorias, discurso que vai de encontro à arenização e ao encarecimento dos ingressos:

Dentre vários caminhos, o direito à cidade pode ser tomado com a possibilidade concreta de tecer novas relações, construir utopias e propor novos arranjos socioespaciais, e assim, instaurar novos usos da cidade. O direito à cidade como direito a usufruir das imensas possibilidades que o urbano oferece, para muito além da gama de bens e serviços formais e dos direitos de cidadania constituídos. Possibilidades de crescimento, de potencialização individual e coletiva (MASCARENHAS, 2014, p.25).

Tomando a produção do espaço social urbano como resultado sempre inacabado do confronto dialético entre a lógica da propriedade e as táticas populares de apropriação, o geógrafo Gilmar Mascarenhas aponta a potência do espaço da cidade para a produção de novos usos, tecer novas relações, construir utopias e rearranjá-lo. É nesse sentido que Mascarenhas analisa o estádio de futebol enquanto microcosmo da reprodução social da cidade ao avaliar os efeitos da arenização sobre a “cultura do torcedor”.

Assim, no formulário, as respostas utilizam e se apropriam de mecanismos que criticam a nova economia do futebol, através da consciência de classe operária, das questões raciais e de gênero, compondo, portanto, um repertório amplo de ação política nos estádios. De todo modo, essas motivações adquirem um significado particular para esses sujeitos, uma vez que três deles enfatizam o pioneirismo da URC nesse modelo coletivo do torcer.

Acerca dos significados da torcida, os discursos retratam a relevância que os componentes da URC atribuem para a luta dentro e fora de campo da classe trabalhadora; potencialização das forças micropolíticas aos modos fascistas de viver a representatividade das minorias; a satisfação em torcer e fazer política ao mesmo tempo; um polo importante na luta contra o capitalismo; a ressurreição da história operária do clube; uma voz antifascista contra a opressão do Estado no trabalhador. Dessa forma, as identidades forjadas pelos atores da URC giram em torno da politização do torcer e do acionamento de uma memória operária insurgente que tensionam os espaços do futebol. Assim, a variabilidade dos valores conforma um conjunto de

práticas e de experiências que resistem à reconfiguração do torcedor modulado pelas arenas multiuso, que impõem uma nova territorialidade, caracterizada basicamente por:

- 1) limitação de acesso ao recinto, seja pela sensível redução da capacidade dos estádios, seja pelo encarecimento extremo dos ingressos ou, ainda, pelas restrições de portabilidade de inúmeros objetos e adereços, incluindo faixas e cartazes com conteúdo “político”. Em outras palavras, o cidadão está impedido de protestar nos estádios, seja contra a Federação, seja contra a CBF ou qualquer outra entidade a partir da qual ele se sinta lesado;
- 2) limitações severas de comportamento dentro do estádio, pela imposição de normas e vigilância onipresente por meio de câmeras filmadoras. Processo agudo de disciplinarização e constrangimento que estudamos anteriormente (GAFFNEY e MASCARENHAS, 2005 *APUD* MASCARENHAS, 2014, p.32).

Nessa perspectiva, a URC enquanto um sujeito coletivo multifacetado e heterogêneo – e não como um soma de indivíduos iguais – promove uma ação política que dialoga com o que Hayden White (2014, p. 3-24), a partir dos trabalhos de Michael Oakeshott, definiu como “passado prático”, que é

O passado prático é composto de todas aquelas memórias, ilusões, bits de informações errantes, atitudes e valores que o indivíduo ou o grupo convoca, ou melhor, que podem para justificar, dignificar, desculpar, fazer um álibi em caso de ações a serem tomadas no julgamento de um projeto de vida¹⁸².

Em tal caso, o passado prático seria então um “espaço de experiência” a ser desenhado como ponto de partida para as decisões e sentenças do cotidiano – “um projeto de vida”. Todos os componentes do passado prático fornecem uma base de fato para “lançar um julgamento da ação no presente”. Para White:

O passado prático, de acordo com Oakeshott, é uma versão do passado que a maioria de nós leva em torno de nossas mentes e desenha na realização de nossas tarefas diárias nas quais somos compelidos a situações de juiz, ao resolver problemas, tomar decisões e, mais importante, talvez, responder às consequências das decisões feitas tanto por nós e para nós por essas instituições de que somos, mais ou menos, membros conscientes¹⁸³ (WHITE, 2010, p.10).

¹⁸² Artigo original publicado em: WHITE, Hayden. The Pratical Past. *Historien*. Athens (GRE), Volume 10, 2010, p.10-19. Esta versão foi traduzida por Mario Marcello Neto e Felipe Radünz Krüger, ambos doutorandos em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os tradutores agradecem ao professor Hayden White, a editora *Northwestern University Press* e a revista *Historien* pela autorização desta publicação e disponibilidade que lidaram com as demandas necessárias para a realização desta tradução. Também, faz-se necessário agradecer ao professor Arthur Lima de Ávila pela acurada revisão. 2 Professor Emérito da Universidade da Califórnia (Santa Cruz), com uma longa carreira nos estudos acerca da historiografia e da teoria da história, dedicou-se, desde a década de 1970, a discussões teóricas sobre a história, o papel do historiador e as possibilidades e formas de uso do passado, seja pela história (quanto à disciplina), seja por outras formas narrativas (cinema, literatura e afins) (N.T. - NOTA DO TRADUTOR)

¹⁸³ Idem, pag.11.

A noção de passado prático, dessa forma, multiplica as conexões do presente com o passado, influenciando, por exemplo, uma comunidade e as decisões sobre como deseja viver, não se livrando ingenuamente do fardo do passado, mas o transformando, estimulando a ação criativa ao invés da mera contemplação ativa.

No caso da URC, acionando uma história do clube operário e tensionando espaços tradicionalmente conservadores como o futebol, buscam utilizar o passado prático para uma transformação do presente por meio da disputa política nos estádios.

À vista disso, White contribui para redimensionar a relação tradicional entre passado e presente com a emergência do passado prático. Há, nessa perspectiva, objetivos no presente para os historiadores nos usos do passado, em suas ambições políticas e engajamento militante.

Em diálogo com o que discutimos em linhas gerais sobre o passado prático, Arthur Ávila afirma que

Segundo o historiador norte-americano [Hayden White], a ideia de um passado prático envolve a ação ativa de um presente que busca não a simples atestação empírica do “que realmente aconteceu”, mas encontrar no passado um significado que lhe dê “razões para ações a serem tomadas no presente em nome de um futuro melhor do que aquilo que atualmente existe. Guiadas pelo que White (2014, p. 10) chamou de impulso ético, estas noções do passado representam, assim, aquelas nas quais: ‘Baseamo-nos, de maneira espontânea e da melhor forma que pudermos, para informação, ideais, modelos e estratégias para a resolução de todos os problemas práticos - de assuntos pessoais a programas políticos grandiosos - dentro do que pensamos ser nossa situação atual. Este é o passado de memória, sonho e desejo, tanto quanto é da solução de problemas, estratégia e táticas de vida, tanto pessoal como comunitária’ (ÁVILA, 2018, p.41-42).

Assim, o objetivo principal no entendimento do passado prática não se trata de constatar o que realmente aconteceu, mas, conforme Ávila, encontrar nesse passado um significado para propor ações no presente em busca de um futuro melhor do que aquilo que vivemos. A leitura que a URC constrói de mundo, da história e da memória do clube promove um programa político que impulsiona a transformação dos espaços em que atuam.

Compreender a memória e o modo como os componentes da Ultras Resistência Coral atuam no cotidiano, como produzem significados e como constroem um estilo de vida que os identifica na sociedade possibilita entender a situação em que o futebol se encontra, a reestruturação dos estádios em arenas que atende a um público específico e a demandas midiaticizada imersa no fluxo do capital e dos altos investimentos.

Trata-se, pois, de uma reflexão sobre o modo como indivíduos-torcedores se relacionam no labirinto do tempo, onde se mistura passado-presente-futuro em uma insurgência contra o futebol moderno e a favor da popularização e democratização do esporte.

A noção de passado prático analisada fornece o subsídio para o rompimento com a concepção de que há uma cesura entre o presente e o passado. Dessa forma, a representação da história das torcidas a partir desse momento será realizada através de uma narrativa que considera o tempo presente um eixo norteador das questões levantadas, onde a memória pauta a história e o passado é usado em constante diálogo com o presente, aproximando-nos do que Paul Ricoeur denominou de “presente do passado”.

Este “vai-e-vem” no tempo revela a importância do presente na representação do passado, presente este não sendo apenas o lugar social, mas em diálogo com o que foi denominado de passado prático¹⁸⁴ por Hayden White (2010). Portanto, as idas e vindas no tempo possibilita problematizar o fato histórico, trilhar um caminho para o entendimento (um efeito de verdade) do que aconteceu no tempo passado, sob o rigor das pistas e das evidências desse tempo, embora tendo em vista que tais pistas/evidências também são representações do passado e a escrita da história deve à narrativa e à linguagem um peso fundamental para a construção de um enredo do que aconteceu no passado¹⁸⁵ (ÁVILA, 2018).

5.4.2) De Torcedor a Consumidor: um caminho sem volta?

A partir desse momento, lançaremos luz sobre os desdobramentos do processo de mercantilização e de arenização especificamente na cidade de Fortaleza. Para isso, tomamos como ponto de partida uma série de seis reportagens publicadas pelo jornal Diário do Nordeste aos domingos entre agosto e setembro de 2013.

¹⁸⁴ Na obra **The Practical Past**, de Hayden White, a ideia de passado prático lança luz sobre a representação do passado, na qual representar um fato que ocorreu não passa apenas pela factualidade do evento, mas também pela ética e pelo tempo presente. Há uma divisão entre o passado histórico e o passado prático, o qual este último é a imposição do presente sobre o passado, sendo o tempo do cotidiano em que o pesquisador usa o passado através do presente.

¹⁸⁵ No artigo *Indisciplinando a história: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica*, o historiador Arthur Lima de Ávila aborda a importância da narrativa para a representação do passado através de uma análise da proposta de Hayden White sobre o Passado Prático e o Passado Histórico, além da função exercida pelos historiadores profissionais. Contudo, não propõe uma ruptura entre passado histórico e passado prático, como também reconhece o peso da narrativa e da construção do enredo do “caos histórico” em que se encontra o passado, cuja atuação do historiador está além da pesquisa, do resumo e da comunicação.



Imagem 78 – Capas das seis reportagens da série ‘De torcedor a consumidor’
 Fonte Jornal Diário do Nordeste

Utilizamos a terminologia arenização para expressar um dos efeitos da nova economia do futebol, caracterizada sobretudo pela hipermercantilização, circuito da mercadoria e do lucro nos espaços futebolísticos. A arenização, dessa forma, resumidamente pode ser entendida como:

Esses novos objetos geográficos trazem não apenas uma arquitetura pujante e monumental, alvo de ufanismo e novo cartão postal para o citymarketing em nossas metrópoles. Trazem em si novos conteúdos da urbanização, ao propor e impor suas novas formas de experimentar a vida pública. Num trabalho genuinamente antisséptico, busca se afastar dos estádios indícios de uma “cultura do futebol” fermentada no Brasil ao longo de pelo menos quatro décadas. Essa forma de torcer, produtora de gestos considerados agressivos e imprevisíveis, não interessa à moderna indústria do espetáculo esportivo. Essa prefere um consumidor sóbrio. Ademais, um consumidor de maior poder aquisitivo, de forma que nossos novos estádios tendem a expulsar o pobre e o torcedor apaixonado, categorias que muitas vezes se confundem no mesmo indivíduo, já que o “pertencimento clubístico” (DAMO, 1998) está enraizado na cultura popular urbana (MASCARENHAS, 2014, p.32).

As reportagens buscam dar conta de uma mudança no público e suas experiências a partir da Arena Castelão, na cidade de Fortaleza. Essa mutação foi definida pela imprensa, inclusive intitulado a série, enquanto “De torcedor a consumidor”, tendo em vista que o torcedor, segundo a matéria, antigamente ia para o estádio apenas pela paixão e, no século XXI, o torcedor passa a agir guiado pela razão, podendo exigir o mínimo direito de um consumidor comum.

Nesse intercurso, o jornal procura divulgar o modo como foram afastados indícios de uma cultura do torcedor construída há pelos menos três décadas no Estado do Ceará, que, ao produzir gestos agressivos e imprevisíveis, precisam ser modulados pelos interesses gestados pela nova

economia do futebol. Consequentemente, um público com maior poder aquisitivo tende a ser mais valorizado para consumir a oferta das demandas das arenas multiuso.

Diante disso, durante seis domingos sucessivos, o periódico publicou as reportagens em que apreende as continuidades e as rupturas da cultura do torcedor. Nesse sentido, a imprensa esportiva do jornal constatou um “novo jeito de torcer” a partir de várias transformações nas experiências dos torcedores, abordando temáticas que atravessam a elitização, o aumento dos preços, o conforto das arenas, o programa de fidelidade dos sócios torcedores, a situação dos clubes menores e a continuidade no uso do rádio.

E é pensando nessa nova condição, que o Diário do Nordeste vai abordar, nos próximos domingos, os temas concernentes ao novo jeito de torcer. Qual o perfil desse consumidor no Século 21? Mudou o relacionamento com sua paixão? Que desafios podem ainda surgir para os homens de marketing dos clubes cearenses? As respostas, não temos a pretensão de responder. Mas a discussão se faz urgente para que o futebol local não perca a passada (Diário do Nordeste, 24.ago.2013, s/p.)

Dessa forma, o consumidor dos estádios no século XXI consiste em uma condição resultada das mudanças implementadas com a hipermercantilização do futebol. Tal condição foi analisada pela imprensa esportiva local através de perguntas desenvolvidas nas seis reportagens assim intituladas: “Popular para quem?”, “Tem que deslanchar”, “Pequenos respiram”, “Conforto para poucos”, “Tão perto e tão longe” e “Como nos bons tempos”.

Em todas essas seis reportagens, há uma estrutura padrão da maneira como os editores construíram o texto, com o recurso de casos empíricos associados à temática para embasar os argumentos. Assim, faz-se uso de entrevista com torcedores, ex-jogadores e gestores, além de acompanhar a trajetória de um torcedor em um dia de jogo, valores gastos pela família, estendendo ainda a análise para a conjuntura dos clubes cearenses pequenos e grandes nesse cenário. Particularmente em duas das seis reportagens, há uma espécie de análise que funciona como uma conclusão mais incisiva elaborada pelo editor. Debruçamo-nos a seguir sobre cada uma das matérias separadamente que compõem a série ‘De Torcedor a Consumidor’.

5.4.3) Popular para quem¹⁸⁶

A primeira das seis reportagens, nomeada *Popular para quem*, traz à tona a mudança de perfil social do torcedor com o aumento do preço em diversos serviços relacionados a um jogo

¹⁸⁶ Publicada no dia 24 de agosto de 2013, de autoria da equipe composto pelo editor Pery Negreiros, subeditor ILO SANTIAGO JR./ e repórter Eduardo Buchholz.

de futebol, tratando ainda da violência e da falta de gestão profissional nos principais clubes do estado. Nesse sentido, a reportagem evidencia a trajetória de duas famílias de torcedores do Ceará e do Fortaleza, respectivamente na Arena Castelão e no estádio Presidente Vargas. Ao utilizar a experiência específica de duas famílias, o periódico estrategicamente busca materializar as recentes transformações nos espaços futebolísticos.



Imagem 79 – Experiências em um dia de jogo
Fonte Jornal Diário do Nordeste

Assim, a reportagem apresenta a ‘Saga de quem vai ao estádio’ por meio da experiência do casal de bancários Heitor e Katiana Fiúza e seus dois filhos em um jogo entre Ceará e Guaratinguetá pela série B do Campeonato Brasileiro na Arena Castelão, as 19:30 de um terça-feira, cujo público ocupou 7% da capacidade do espaço.

Na bilheteria, pagam R\$ 30 pelo ingresso de Katiana que não é sócio-torcedora como Heitor. Foram R\$ 10 para o veículo ficar protegido. R\$ 20 de guloseimas para os meninos e outros R\$ 30 de sanduíche e refrigerante que serão gastos no intervalo. Ainda do lado de fora do estádio, ouvem o hino nacional. Apertam o passo para ver o time do Ceará mais uma vez em campo. Uma diversão que custa para família uma média de R\$ 150 por partida, sem falar o valor mensal pago por Heitor como sócio-torcedor do clube. "Futebol hoje é para rico", crítica o alvinegro, que coloca os gastos com o clube de coração no orçamento mensal familiar. "Trazê-los aqui é uma diversão. Ponho como lazer na planilha. Pena que já penso em desistir de vir ao estádio", revela Heitor. (Diário do Nordeste, 24.ago.2013, s/p.)

Apreende-se da narrativa uma crítica ao valor gasto por uma família atualmente, justificada pelos custos dos produtos consumidos no estádio, notadamente na fala do entrevistado ao afirmar que 'futebol hoje é para rico'. Por conseguinte, a experiência da família em um jogo custou aproximadamente 150 reais em 2013, um valor que equivale a vinte por cento do valor do salário mínimo naquele ano, equivalente a 725,00 reais aproximadamente. Desde 2007 o torcedor do Ceará Heitor era associado ao programa de fidelidade do clube, mas enfatiza que deixou de pagar o da esposa e sequer houve um retorno do clube para procurar alternativas, sugerindo uma má comunicação entre a gestão do clube e o torcedor.

Posto isto, a reportagem ainda compara este contexto com o passado, assim retratado: "Ele ainda acredita ser na arquibancada a melhor forma de se fazer um torcedor, por isso insiste em levar os filhos aos jogos do Vovô. 'Quando meu pai me trazia, não tinha perigo de um jogo do Ceará dar menos que 10 mil pagantes. Hoje, deu pouco mais de 5 mil e ainda tem os sócios dentro disso', lamenta". (Diário do Nordeste, 24.ago.2013, s/p.). Conquanto as arenas multiuso tenham reestruturado os estádios, nota-se que carece ainda de opções de lazer e de atrativos nesse espaço para ofertar experiências que integram a cultura do torcedor, que passou a pagar um valor a mais após as mudanças.

A outra experiência levada a cabo pela reportagem se trata do jogo entre Fortaleza e Rio Branco pela Série C do Campeonato Brasileiro, um dia após o jogo supracitado. Para o grupo de amigos torcedores do Fortaleza, que preferem consumir fora do estádio, alguns sintomas são diagnosticados: a necessidade de uma relação mais solidária entre clube e torcida e a democratização do estádio com espaço para os mais pobres.

O público é superior, mais de 7 mil pagantes, mas também poderia ser maior na opinião de três torcedores que costumam juntos ir a todos os jogos do Leão. Para Rennan Frota, Rodrigo Castro e José Carlos Costa, os mesmos motivos são apontados como distanciamento da torcida. "Acho que deveriam abrir um estudo de caso para tentar pelo menos a médio prazo. O clube deveria ser mais participativo, mais solidário com a torcida, intervindo na questões dos preços

cobrados, preços abusivos nos estádios", reflete o jornalista Rodrigo Castro, que gasta em torno de R\$ 40 por jogo e economiza R\$ 60 por mês em ingressos por ser sócio-torcedor. Para o corretor de imóveis, José Carlos, que frequenta o estádio há 40 anos, falta democratizar o ambiente como se fazia antes. "Deveria haver um movimento dos próprios clubes em prol das classes mais pobres. Entre 1974 e 1980, tínhamos três seguimentos dentro do estádio". (Diário do Nordeste, 24.ago.2013, s/p.)

Através dos elementos elencados pelos torcedores, percebe-se que, o programa de sócio-torcedor oferece a possibilidade de economizar os seus gastos, provavelmente porque frequenta todos os jogos e a soma do valor do ingresso de cada jogo equivale a um preço superior ao valor da mensalidade do programa de fidelidade. No entanto, é importante ressaltar que uma parte considerável dos torcedores não podem – ou não desejam – se associar para não fidelizar-se e comprometer a renda com o programa de sócio. Um outro torcedor, mais experiente, recorda a importância dos setores populares, cujo preço do ingresso é mais barato, para garantir a presença dos torcedores mais pobres, sugerindo que, mesmo no estádio Presidente Vargas, que não foi *arenizado*, não há um setor popular para inserir a população de baixa renda no futebol embora tenha passado por várias reformas.

Dessa maneira, a reportagem aponta para essas transformações que vêm ocorrendo no intervalo de tempo entre 20 e 40 anos atrás, e um dos principais problemas remonta à maneira como os dirigentes demoraram para se reatualizar. Para compreender esse descompasso, a notícia buscou entrevistar dois especialistas na área:

Na opinião do jornalista e autor do site Verminosos por Futebol, Rafael Luís Azevedo, os dirigentes dos grandes times do Estado não acompanharam a evolução da relação de consumo entre torcedor e clube. "Não viram que, hoje, o futebol é um produto, e, como tal, tem concorrentes. Existem, atualmente, diversas opções de lazer. O dirigente precisa saber que tem de convencer o cliente a comprar o seu produto. Porém, ainda acham que o torcedor tem obrigação de consumir. Não é assim", diz. Para o jornalista, as ações de marketing dos clubes estaduais não são eficientes. "É um ferramenta que está sendo aproveitada de forma rasteira. Nunca os clubes daqui fizeram uma pesquisa, como toda empresa tem de fazer, para conhecer o seu torcedor. É feito no achismo". O comentarista da Rádio Verdes Mares e TV Diário, Wilton Bezerra, concorda com o colega de profissão. Segundo ele, os clubes precisam sair na inércia de pensamento pequeno de apenas se manter onde estão. "De uns tempos para cá, nossos dirigentes perderam a ambição. Entramos numa faixa perigosa do conformismo. Falta uma gestão mais profissional para se pensar o futebol cearense", analisa. (Diário do Nordeste, 24.ago.2013, s/p.).

Nessa perspectiva, na análise do editor da reportagem, Pery Negreiros, o novo ambiente do futebol se caracteriza pela transformação do ofício dos jogadores, em que atualmente funcionam como verdadeira máquina, pela qualidade dos gramados, pela mudança dos

esquemas táticos, pela tecnologia da transmissão das TVs. Entretanto, esse reordenamento não foi acompanhado da mudança de pensamento dos dirigentes no Estado do Ceará. Sobre a reconfiguração do torcedor-emoção e do torcedor-razão, a imprensa afirmou:

Antigamente, o ato de ir ao estádio era motivado apenas pela paixão. Não havia razoabilidade ao optar por uma tarde-noite no PV ou no Castelão. Hoje, com a violência nas ruas e as TVs por assinatura oferecendo uma alternativa, o torcedor passa a agir mais guiado pela razão. E chegamos ao ponto nevrálgico: agora, ele é o dono de suas próprias vontades. Pode exigir o mínimo direito de qualquer consumidor comum, que é ser (e muito) bem tratado. (Diário do Nordeste, 24.ago.2013, s/p.)

Se no passado a paixão era o único critério que mobilizava os torcedores, com a violência e com a possibilidade de assistir aos jogos a partir dos recursos de compra de canais por assinatura, os novos torcedores, consumidores e donos de suas próprias vontades, alocam a razão diante da paixão e reconfiguram o torcer no presente. A comparação realizada pela imprensa esportiva local é importante ao dimensionar o peso dos novos produtos que habitam a realidade do torcedor no tempo presente. Contudo, há direta e indiretamente uma simplificação ao generalizar a importância do consumo na nova economia do futebol, tendo em vista que, atualmente, a emoção de assistir ao jogo de futebol no estádio ainda consiste em um elemento determinante para muitos torcedores.

Essa reconfiguração do torcer no presente tem várias possibilidades de (re)criação e de (re)atualização de identidades: 1) Um novo perfil de torcedor criado pelas novas possibilidades, o consumidor, que antes não ia ao estádio, pode assistir a distância. 2) Aqueles que passaram a frequentar os estádios pelos atrativos oferecidos. 3) Torcedores que já frequentavam e ressignificaram sua experiência com as reformas. 4) Torcedores que já frequentavam, mas que deixaram de ir aos jogos devido ao novo contexto, por variados motivos, em especial a violência. 5) Um novo tipo de torcedor que reage radicalmente contra a esse processo, como o modelo instituído pela URC: o movimento de quarta onda, embora todos torcedores que veem a arenização como mudança negativa não estejam necessariamente nas torcidas antifascistas.

Sobre essa reformulação da condição social do futebol e como o debate de classe, gênero e etnia vem ocupando o debate público nos estádios, o sociológico Richard Giullianotti definiu a noção de *pós-torcedor*. Entretanto, essa categoria procura iluminar as transformações que ocorrem nessa nova economia do futebol (hipermercantilização, *merchandising* e questões acionárias) e as implicações nas torcidas da Inglaterra, que não obrigatoriamente replica da mesma forma que no Brasil.

Os “pós-torcedores” do futebol compartilham esta capacidade de reflexão, ironia e participação. Eles representam uma ruptura epistêmica nas formas mais antigas de torcida, particularmente na passividade do “torcedor”. Os “pós-torcedores” têm consciência da natureza construída das reputações dos torcedores e da tendência da mídia em exagerar ou inventar tais identidades. Eles adotam uma abordagem reflexiva ao interpelar as posições relativas dos jogadores e clubes nas estruturas políticas do futebol nacional e internacional. Eles mantêm uma postura irônica e crítica em relação à propaganda que tem origem junto à direção e contra a relação que em geral é de simpatia entre este último e os meios de comunicação de massa. Os comentários dos “pós-torcedores” sobre seu jogador ou clube favorito frequentemente acabam virando piada. Eles estão no epicentro dos movimentos das torcidas que pleiteiam a mudança da política do clube e de jogadores ou diretores. Contudo, reconhecem que sua influência continua sendo muito limitada nos corredores do poder do futebol (GIULIANOTTI, 2010, p.190).

Desse modo, a terminologia “pós-torcedores”, ao se debruçar sobre as mudanças de classe na sociedade pós-industrial da Inglaterra, avalia os efeitos sobre os torcedores, que rompem com a passividade do torcedor em outro momento. Entretanto, ao afirmar que esses torcedores são funcionários de empresa de uma nova classe média, a categoria de Giulianotti se distancia, por exemplo, do que definimos como o movimento de quarta onda dos modelos coletivos do torcer, uma vez que institui as torcidas antifascistas. Nessa perspectiva, de qual perfil de torcedor estamos falando, portanto, ao pensarmos sobre a Ultras Resistência Coral nessa reconfiguração do torcer no século XXI?

Refere-se sobretudo a uma insurreição política do torcer que move razão e paixão contra a mercantilização, a modernização e as formas de dominação instituídas historicamente pelos modelos coletivos do torcer da primeira, da segunda e da terceira ondas.

5.4.4) “Tem que deslanchar”¹⁸⁷:

Na segunda edição da série “De Torcedor a Consumidor” o jornal analisa o impacto dos programas de sócio torcedor no desmoroamento da popularização do esporte. Nesse sentido, a reportagem utiliza os recursos de dados de empresa de consultoria, de entrevista especialistas e de gráfico relacionando o aumento do preço dos ingressos e da inflação no intervalo entre 2003 e 2013, constatando que, apesar do esforço na divulgação e na publicidade, nos clubes cearenses não há resultados que correspondam ao tamanho das suas torcidas.

¹⁸⁷ A reportagem Tem que deslanchar foi publicada no dia 31 de agosto de 2013, assinada pelo subeditor Ilo Santiago Junior e o repórter Eduardo Buchholz

A pergunta que norteia toda a edição - Mas por que, apesar de toda essa divulgação, o sócio-torcedor não 'desarna' nos clubes com maior número de torcedores do Estado? – mobiliza a imprensa para respostas e soluções através dos argumentos de um especialista da “Pluri Consultoria”, empresa que investiga o fenômeno da elitização dos estádios brasileiros:

Violência crescente nesses locais, aumento expressivo dos preços dos ingressos e produtos vendidos na parte interna das modernas arenas; a gestão ainda amadora dos dirigentes; a oferta de inúmeras partidas pela televisão e, principalmente, as baixas qualidade e importância das partidas são considerados os entraves que colocam em risco o esporte mais popular do Brasil.

"Os dirigentes ignoram que com um produto ruim nas mãos, eles não irão vender o seu produto. O público vai escolher outro tipo de entretenimento. Isso afeta diretamente a arrecadação do clube e, por consequência, a qualidade do time", diz o economista e diretor da Pluri Consultoria. Segundo ele, os preços dos ingressos no Brasil estão entre os mais caros do mundo. "Enquanto, em dez anos, a inflação cresceu 70% enquanto o valor dos ingressos subiu 300%." "A figura do cara na geral acabou no estádio. O que se vê agora são as classes A e B, e em jogos importantes a C. Houve um erro de avaliação de que essas categorias lotariam os jogos", conta. Na opinião dele, o ideal seria ter agido de forma contrária. "É uma operação de larga escala. Por mais gente no estádio e depois aumentar o preço, paulatinamente, como foi feito na Alemanha. Aqui, no Brasil, primeiro aumenta o preço. Quanto mais se esvaziam as arenas, mais sobem os valores", recrimina.

Ferreira avalia que a violência também é determinante para a ausência da torcida nas arquibancadas. Mais até do que a transmissão dos jogos pela TV. "No pay-per-view, pelo menos, o clube é remunerado por isso. Mas a violência só tira renda, não acrescenta em nada", diz. (Diário do Nordeste, 31.ago.2013, s/p.)

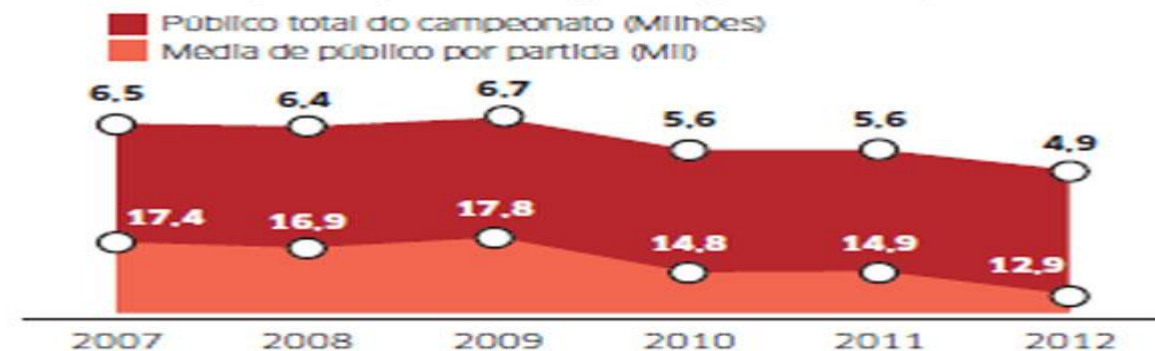
Dessa forma, a reportagem procura expor os motivos pelos quais os programas de sócio-torcedores não deslancham, apontando a responsabilidade dos entraves para os dirigentes que adotam medidas do caminho inverso do que foi feito em outros países. Nota-se, ao contrário da Alemanha, no Brasil há primeiro um aumento do preço do ingresso antes de incentivar em larga escala a presença do torcedor, evidenciando uma falta de sensibilidade dos dirigentes. Além disso, entre 2003 e 2013, o ingresso subiu desproporcionalmente a inflação, afastando a categoria de torcedor que lota os estádios ao favorecer aqueles de “classes A e B”. Concorre com esse elemento, a violência e a possibilidade da escolha de outros entretenimentos, bem como a qualidade do produto pago pela fidelização do sócio torcedor, uma vez que, se o time não atende às expectativas, o número de sócios diminui.

DISTANCIAMENTO DOS ESTÁDIOS

Efeitos negativos

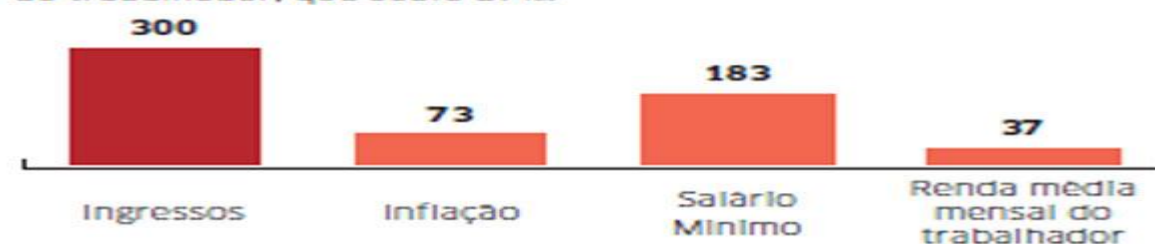
Público do Campeonato Brasileiro

Entre 2007 e 2012, o público do Campeonato Brasileiro caiu 15,2%. Já a média de público, no mesmo período, diminuiu 15,8%.



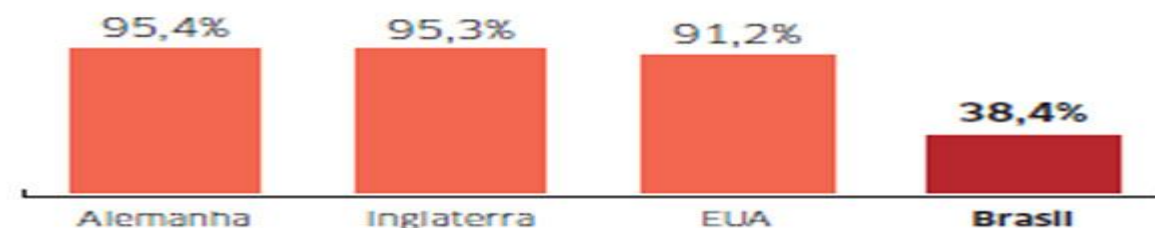
Preços dos Ingressos no Campeonato Brasileiro

Entre 2003 e 2013, a média do preço dos ingressos do Campeonato Brasileiro subiu 300%, bem mais que a inflação no período, de 73%. O reajuste dos ingressos também foi maior que o aumento do salário mínimo, de 183%, e a renda média mensal do trabalhador, que subiu 37%.



Ocupação dos estádios de futebol no mundo

A média de ocupação dos estádios no Brasil durante o Campeonato Brasileiro é muito inferior à média dos campeonatos na Alemanha, Inglaterra e mesmo dos EUA. O Brasil também fica atrás de países como Chipre, Austrália e Bélgica.



FONTE: CBF/CHRISTOPHER GAFFNEY (IFF) - PLURI CONSULTORA

Imagem 80 - Público, preços e ocupação no futebol brasileiro em dez anos

Fonte Diário do Nordeste, 31.ago.2013, s/p.

A imagem acima externa três gráficos que retratam respectivamente a queda no público total do campeonato brasileiro e na média de público, ao passo que o preço do ingresso subiu muito mais que a inflação, o salário mínimo e a renda média do trabalhador. Essa incompatibilidade evidencia consideravelmente o distanciamento do torcedor dos estádios no

Brasil, enquanto que em países como Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Chipre, Áustria e Bélgica a ocupação do espaço é maior.

Nessa perspectiva, a edição aponta que, mesmo o programa do sócio torcedor não ter o resultado esperado, passou a representar uma porcentagem considerável da receita dos clubes, correspondendo a principal entrada de recursos do time.

Com planos que variam de R\$ 10 a R\$ 120, o Leões do Pici, programa de fidelidade do Tricolor, representa a arrecadação de 30% dos recursos do clube e, em troca, oferece benefícios na compra de produtos, serviços e ingressos para jogos. É o que ressaltou Fábio Mota, diretor de publicidade e relações públicas.

"Nossos sócios são a principal fonte de receita do Fortaleza, representando 30% de nossa folha. Da mesma maneira que nos beneficiamos, há uma troca de benefícios, como ingressos, descontos e outros favorecimentos para os associados".

Mais de 4.500 torcedores já aderiram ao Leões do Pici. Nesta segunda-feira, o clube irá lançar o plano Leoninas, para motivar a adesão das mulheres.

Vovô

A reportagem procurou representantes do Ceará para comentar as ações de fidelização, mas ninguém se pronunciou. O programa Sou Mais já conta com mais de 8.500 alvinegros. O projeto sofre com a queda de colaboradores, mas é o maior do Estado e o terceiro do Nordeste. (Diário do Nordeste, 31.ago.2013, s/p.)

5.4.5) “Pequenos respiram”¹⁸⁸:

A terceira edição da série “De Torcedor a Consumidor” lança luz sobre a situação dos clubes pequenos do futebol cearense e uma alternativa para estas equipes por meio da iniciativa da União Cearense de Clubes (Uniclubes). Se as transformações econômicas, culturais e organizacionais do futebol refletidas até aqui dificultaram a adequação dos clubes grandes, os pequenos e médios sofreram de modo que alguns deles encerraram suas atividades.

Para os pessimistas, é praticamente impossível que os clubes pequenos se fortaleçam. Eles vivem um processo justamente inverso. Vivem uma verdadeira "sinuca de bico". A cada ano, ficam cada vez mais fragilizados e dependentes das rendas dos jogos contra Ceará e Fortaleza, que também já não têm sido tão atraentes como em tempos idos. Para os otimistas, a solução é bem mais simples do que parece. Basta ler a primeira frase dessa reportagem e fazer valer essa máxima. Como? A resposta é unindo-se e criando uma nova safra de torcedores. É com esse pensamento que surgiu a União Cearense de Clubes (Uniclubes). A entidade foi criada neste ano e já representa 25 clubes do Estado. (Diário do Nordeste, 07.set.2013, s/p.)

¹⁸⁸ Publicada no dia 07 de setembro de 2013, a reportagem Pequenos Respiram da série De Torcedor a Consumidor foi assinada pelo subeditor Ilo Santiago Júnior.

A solução proposta pela Uniclubes foca na arrecadação dos clubes a partir de um novo calendário de campeonatos e da criação de torcedores para os pequenos clubes associados¹⁸⁹ à instituição. Dessa forma, a Uniclubes argumenta que a mudança do campeonato local para duas divisões com dezesseis clubes cada é uma alternativa para que os times pequenos possam ter calendário de atividades no segundo semestre de cada ano. E, além disso, diferente dos programas de sócio torcedores de cada clube, cobraria-se um valor de 10 reais para os torcedores de todos esses clubes, dando livre acesso aos jogos dos clubes envolvidos.

O ex-jogador Mirandinha preside a Uniclubes com o sonho de tornar o futebol cearense mais competitivo, com jogos de melhor qualidade, mais arrecadação para pequenos clubes, menos despesas e atração de torcedores Conforme a direção da entidade, com o valor fixo de R\$ 10 por mês, o torcedor do Calouros do Ar, por exemplo, poderá assistir ao jogos dos outros times associados. "Esperamos que nos próximos 60 dias a gente chegue a 1.000 sócio-torcedores". A divisão do valor é de 80% para o clube de coração do torcedor e 20% para Uniclubes manter despesas administrativas do programa, que será administrado pela empresa paulista MTFD Ltda. "Estamos visando a melhor qualidade dos jogos do futebol cearense. A partir do momento em que as pessoas começarem a perceber a seriedade dos clubes vão passar a aderir ao programa", acredita Mirandinha.

Promoções

Como os demais planos, os sócios-torcedores da Uniclubes terão benefícios em redes credenciadas de compras e irão participar de promoções, por meio do mesmo cartão que lhes darão acesso livre aos estádios. Para o idealizador da entidade, Aguiar Júnior, a ideia é criar uma torcida para esses clubes menores com um perfil envolto na cultura da paz, onde possam sentar-se lado a lado, dois, três, quatro ou vários torcedores de clubes diferentes. "Não é uma coisa absurda", crê Aguiar (Diário do Nordeste, 07.set.2013, s/p.).

Nesse sentido, a rede de solidariedade entre os clubes pequenos propõe uma nova identificação dos torcedores com esses clubes, a fim de que cada cidade do interior e da capital do estado do Ceará tenha a opção de apoiar o seu time. Aguiar Junior, mentor da Uniclubes, enfatizou que a proposta visa a criação de uma alternativa diante da situação do futebol cearense que sobrevive às custas das rendas dos jogos contra Ceará e Fortaleza¹⁹⁰.

Assim, a União dos Clubes Cearenses (Uniclubes) consiste em um sintoma e uma resposta ao processo de modernização e de mercantilização do futebol por parte dos clubes pequenos, que, ao serem marginalizados e segregados cada vez mais pelo futebol com os investimentos

¹⁸⁹ Crateús, Maguary, Calouros do Ar, América, Tiradentes, Iguatu, Terra e Mar, Uniclubes, Eusébio, Barbalha, Maracanã, Arsenal de Caridade, São Benedito, Pacatuba, Maranguape, Nova Russas, Itarema, Caucaia, Aliança Atlética (Pacatuba), União, Paracuru, Limoeiro, Messejana e Jardim. O Tianguá não está filiado à FCF, por isso é membro observador

¹⁹⁰ Ações como a do Uniclubes passaram a emergir com maior frequência após a intensificação do futebol no circuito da mercadoria, que ajusta o dia dos jogos, horários e outras demandas a partir do interesse do capital. Um exemplo consiste no movimento de jogadores denominado de Bom Senso FC, criado em 2013.

em clubes grandes, inviabiliza os pequenos e médios clubes e corrobora com a elitização do esporte.

5.4.6) “Conforto para poucos”¹⁹¹:

A quarta edição da série “De torcedor a consumidor” explora a transformação dos estádios em arena e as implicações às custas do conforto, especificamente o caso do Castelão, em Fortaleza. Nesse sentido, lança luz sobre a elitização dos estádios, o padrão FIFA e o modelo de arena de futebol, sugerindo que o futebol vive uma mudança de gestão e uma crise de identidade.

O futebol pentacampeão mundial passa por uma crise de identidade. Ao longo de décadas de profissionalismo claudicante, o País tenta reinventar sua maneira de gerir o esporte e está diante de um fenômeno que intriga especialistas e entusiastas: até que ponto as arenas irão elitizar o futebol brasileiro?

A recente pauta, motivada pela realização da Copa das Confederações e pela iminência da Copa do Mundo, vem gerado muitos e calorosos debates. O tema é o quarto da série “De torcedor a consumidor”, que tem estampado as páginas do Diário do Nordeste aos domingos (Diário do Nordeste, 14.set.2013, s/p.).

Dessa forma, a edição procura, conforme o padrão estabelecido pela série, entrevistar especialistas acerca da temática. Nessa temática, Radamés Rogério e Ricardo Oliveira Junior chamaram a atenção, respectivamente, para a comparação com as reformas ocorridas sob o viés mercadológico na Inglaterra com o *hooliganismo* e também para a compreensão que esse fenômeno é complexo, não sendo homogêneo nos vários estados do país. Dessa forma, eles enfatizaram:

O fato é que passamos por um processo de mudança de conceito e as dúvidas são naturais. Não creio que essa elitização chegue para ficar. Uma coisa é implantar, outra é nossa cultura se adaptar a esse padrão importado”, ressalta. Vivemos os primeiros atos de um novo cenário. Discursos simplistas relacionados às arenas não passam de mera teoria e exercício de futurologia. Rogério define esse momento em uma frase: “o futebol não está sem alma. Ele mudou de alma” (Diário do Nordeste, 14.set.2013, s/p.).

Os desdobramentos da arenização, em 2013, eram incertos, contudo já se relativizava a o impacto das arenas multiuso como um elemento provisório ou permanente da cultura do torcedor. Atualmente, após a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, os torcedores ressignificaram os espaços da arena e resistem ao padrão de comportamento FIFA,

¹⁹¹ Edição publicada no dia 14 de setembro de 2014, “Conforto para poucos” foi assinada pelo subeditor Ilo Santiago Junior e pelo repórter Eduardo Buchholz.

especialmente as torcidas organizadas que mantêm sua atuação e, em alguns casos, levantam o debate sobre a retirada das cadeiras das arenas no seu espaço.

Por conseguinte, a edição do Diário do Nordeste retrata o caso da Arena Castelão a partir de uma imagem que evidencia o estádio em diferentes contextos, desde a sua fundação em 1973 ainda com geral, até a nova arena em que o espaço mais próximo do campo consiste no setor mais caro, a arquibancada inferior.

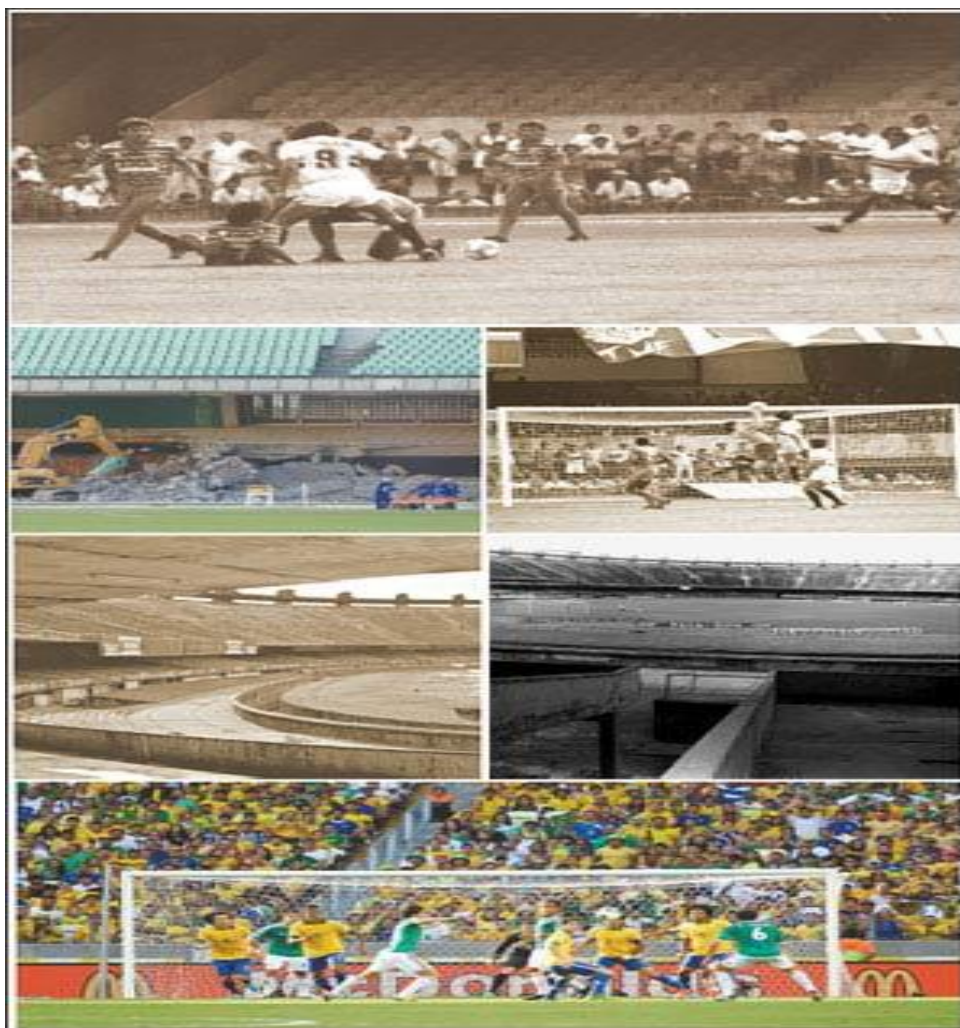


Imagem 81 - Geral e arenização nas reformas do Estádio Castelão
Fonte Diário do Nordeste

Em tal caso, na primeira foto das imagens, em um jogo entre Fortaleza e Ferroviário, é possível visualizar os torcedores na geral ao fundo, nivelado e próximo ao campo de jogo, pagando mais barato pelo ingresso. O jornal atribui o nome a esses torcedores da geral de “Geraldino”. Na última imagem, em um jogo da seleção brasileira, apreende-se os torcedores também próximos ao campo do jogo, a maioria deles sentados em um dos setores mais caros da nova arena. As imagens do meio retratam o Castelão antes das reformas e também a demolição da geral nas obras.

Ele [o Geraldino] ficava nivelado ao campo de jogo. Algumas vezes, era alvo de objetos jogados das arquibancadas em direção ao gramado. Um dos lugares preferidos desse perfil de torcedor, praticamente extinto no futebol cearense, era o local reservado atrás dos gols, de onde era possível "cornetar" os defensores do time adversário. A última reforma e ampliação que transformou o estádio em arena eliminou o espaço outrora destinado para as camadas mais populares frequentadoras do Castelão.

Sem conforto algum, visão limitada e o inconveniente de ser atingido na cabeça por algum objeto indesejável lançado das arquibancadas. Por que, apesar de todas essas desvantagens, a extinta geral do Castelão raramente não ficava cheia? Era barato. Bem mais em conta já para os padrões daquela época, onde o ingresso para uma partida de futebol era bem menos oneroso do que nos dias de hoje.

As pessoas das camadas mais populares tinham oportunidade de acompanhar seu time ali de perto, de onde dava para sentir a atmosfera do jogo. Era ali que estavam os torcedores mais identificados com os clubes. Desativado em 2002, mas abolido de vez na última reforma e ampliação do Gigante da Boa Vista para a Copa de 2014, o espaço destinado para os "geraldinos" virou arquibancada inferior ((Diário do Nordeste, 14.set.2013, s/p.).

A geral – hoje extinta – tinha um função social importante para aqueles torcedores que não podiam pagar o preço dos setores mais caros. Nas novas arenas, em diversos jogos os setores mais próximos do campo permanecem vazios, podendo ser utilizado enquanto espaços com preços promocionais. Na Arena Castelão, em alguns jogos com menor demanda, as diretorias dos clubes locais optam pelo fechamento do setor superior ou inferior para economizar nos serviços de iluminação, de segurança e de bar, ao invés de disponibilizar um setor popular com preço acessível, preferindo economizar a ganhar dinheiro, ainda que por meio de baixo preço do ingresso.

A imposição de assentos individuais sobre as antigas arquibancadas de cimento (os “all-seater stadiums”) privou o torcedor da liberdade de movimentação corporal coletiva, que propiciava ruidosa carnavalização no ambiente colorido dos estádios. Vivo, Michel Foucault talvez dissesse se tratar da aplicação, aos estádios, de dispositivos de controle dos corpos, verificados em outros âmbitos da vida social e suas instituições. As câmeras por toda parte, vigilantes panópticos, também chamariam a atenção do filósofo: vigiar e punir. As resistências a esse modelo são notáveis. Vitórias como as dos comerciantes informais do entorno do Mineirão são dignas de registro: removidos em 2010, os “barraqueiros”, por meio de sua associação, obtiveram em junho de 2014 o direito a retornar ao local. Os torcedores, ainda que em geral fascinados pela beleza, ordem e assepsia do novo estádio, queixavam-se da ausência dos serviços e bens oferecidos pelo comércio informal, com destaque para o tradicional “feijão tropeiro”. A presença desses trabalhadores, além de garantir uma via de geração de renda, propicia um cenário de muito maior riqueza sociocultural, compondo a experiência vivida de quem vai ao estádio (MASCARENHAS, 2014, p.33-34)

A transformação que redefine os antigos estádios públicos, com ampla capacidade de público, para as novas arenas multiuso com capacidade reduzida, mas que oferece conforto, serviços e recursos para o consumo impõe também os assentos individuais e o controle

panóptico com as câmeras de vigilância dos torcedores. As experiências propagadas no interior das arenas impactam, sobretudo, as atividades do entorno do estádio, onde vários trabalhadores vivem da renda de suas atividades, que expressam elementos da cultura popular na bebida, na comida e nas sociabilidades.

O potencial das torcidas nas novas arenas, com a redução do público, é um efeito quanto à quantidade de torcedores no público dos estádios. Se a segunda metade do século XX registou públicos entre cem e cento e cinquenta mil torcedores, atualmente a capacidade da Arena Castelão é de aproximadamente sessenta e mil torcedores. Guazzelli (1999), ao analisar a potência das multidões nos estádios durante o período da ditadura civil-militar, aponta para a dimensão simbólica e material do episódio acontecido no Estádio Beira-Rio em 1972 com 110 mil pessoas presentes, em que houve a queimada de bandeiras nacionais e vaias para o hino da seleção brasileira. As motivações para o descontentamento estariam relacionadas ao forte espírito regionalista, insatisfação esta em decorrência da não convocação de jogadores gaúchos para a Seleção Brasileira. Dessa forma, é notório o potencial político do estádio de massas para confrontar, por exemplo, o regime ditatorial do período.

5.4.7) “Tão perto e tão longe”¹⁹²:

Na penúltima edição da série “De torcedor a consumidor”, o jornal traz à tona um aspecto que acontece usualmente no entorno das arenas: o torcedor prefere trocar as arquibancadas pelos restaurantes e bares de Fortaleza. Assim, a imprensa esportiva interpela as experiências de sujeitos que, mesmo situados tão próximos à Arena Castelão, preferem assistir aos jogos dos seus times pela televisão dos bares e restaurantes.

Dessa maneira, essas escolhas têm uma variável considerável de motivos, entre elas a decisão de gastar o dinheiro com o ingresso ou com comida/bebida; muitas vezes não se tem dinheiro e só é possível assistir em pé no restaurante, que não cobra caso não ocupe a mesa; e como a maioria dos jogos não se pode consumir bebida alcoólica no interior da arena, a preferência é aliar o futebol com a bebida no bar.

Na Arena Castelão, o Ceará enfrenta o Oeste. Pouco mais de oito mil pessoas (considerado um bom público pela campanha mediana da equipe na Série B) presenciam a vitória do Vovô por 1 a 0 nas arquibancadas. A 3 km dali, na Avenida Dedé Brasil, em uma das principais vias de acesso ao estádio,

¹⁹² A reportagem intitulada ‘Tão perto e tão longe’ foi publicada no dia 21 de setembro de 2013, sendo, portanto, a última da série de Torcedor a Consumidor.

torcedores reagem como se no Castelão estivessem. Reclamam, elogiam, discutem sobre as alternativas do treinador no banco de reservas e vibram com o gol marcado por Lulinha no segundo tempo.

A diferença é que as "arquibancadas" são as cadeiras de plástico do restaurante Frango Assado, o mais tradicional do bairro Serrinha em transmissão de jogos. O dono, Valber Barroso, ex-jogador de futsal, campeão brasileiro com o Sumov em 1982, conta que o movimento cresce em dias de partidas de futebol por conta das transmissões. "Aqui nunca houve confusão. Os próprios clientes são os seguranças. E os torcedores de vários times se misturam", diz. (Diário do Nordeste, 21.set.2013, s/p.)

Tais escolhas são tomadas pelos torcedores porquanto, de um lado, o imperativo das transformações econômicas do futebol e as vendas de canal *pay-per-view* possibilitaram assistir aos jogos, inclusive quando realizados na mesma cidade, além da proibição do consumo de bebidas alcoólicas. Por outro lado, outro elemento que provocou essas mudanças na experiência do torcer se trata do fenômeno da violência, aspecto enfatizado pelos torcedores que assistem aos jogos no restaurante Frango Assado:

Por que ir ao restaurante?

"Eu ainda vou ao jogos do Ferroviário no estádio de futebol. Mas gosto de ver outros jogos daqui mesmo porque não tem aquele stress do trânsito para chegar e sair. Também não há violência. É um ambiente de respeito" **Aurélio Martins** (Rep. de vendas e torcedor do Ferroviário)

"Eu costumava ir ao estádio, mas prefiro vir no restaurante do Válber. Não faltou um jogo aqui. É mais barato e seguro. Aqui não tem bagunça. A gente pode estar ao lado de um torcedor de outro time sem confusão" **Roberto Moraes** (Motorista particular e torcedor do Fortaleza). (Diário do Nordeste, 21.set.2013, s/p.)

O restaurante do proprietário Valber Barroso é um dentre vários restaurantes próximos à Arena Castelão que aglomeram torcedores em dia de jogos. Os clubes também lucram com a venda dos direitos de transmissão, porém, como acontece em outros países, essa renda extra deveria ser uma opção a mais para os torcedores que não conseguem entrar no estádio por não ter mais ingressos à venda, no caso de esgotamento da capacidade do estádio.



Imagem 82 - Bar Frango Assado no entorno da Arena Castelão
Fonte Diário do Nordeste

Além da violência e de transtornos, como o trânsito até a arena, outros torcedores, que também frequentam os bares, aumentam o repertório de razões que justificam a preferência em assistir aos jogos pela televisão, sugerindo a falta de qualidade do elenco do time e a política adotada pelos dirigentes no preço dos ingressos.

Para João Coelho, que trabalha em uma farmácia em frente ao restaurante Frango Assado, os dirigentes locais são os principais culpados pelo afastamento do torcedor dos estádios. "Não vou a jogo do Ceará contra o Oeste. Fosse outro time, Palmeiras, valeria a pena. Além disso, falta qualidade na equipe para motivar a gente ir torcer", diz.

Segundo ele, poucos têm condições financeiras de ir a mais de um jogo por mês. "Vamos dizer que um jogo desses dá 10 mil pagantes a R\$ 40 o ingresso. Por que a diretoria não baixa para R\$ 20 e leva 20 mil pessoas para o estádio. Iria faturar a mesma coisa, não iria?", questiona. (Diário do Nordeste, 21.set.2013, s/p.)

Diante disso, essas escolhas, mesmo que façam sentido para todos esses torcedores, que agem conforme suas possibilidades, não foram utilizadas pela Ultras Resistência Coral, uma vez que a apresentação do projeto político de esquerda nos estádios, que se posiciona contra a imposição das medidas que afastam o torcedor dos jogos, consiste na tática adotada pela torcida. Portanto, cada um a seu modo, as respostas para o diagnóstico da mercantilização e da modernização do futebol são dadas pelos torcedores.

5.4.8) “Como nos bons tempos”¹⁹³:

A última edição da série “De torcedor a consumidor” redimensiona a problemática dos torcedores que deixaram de ir aos jogos do seu clube pela violência. Para isso, confronta duas temporalidades diferentes do futebol por meio da trajetória de um torcedor do Fortaleza, Antônio José Augusto de Oliveira, o Tony. A primeira consiste no atual caracterizado pela violência, distanciamento dos estádios e o recurso do rádio como mecanismo para preencher a experiência. A segunda temporalidade se refere ao passado, os bons tempos, período em que o estádio era um ambiente familiar, um tempo nostálgico.

A edição ainda traz uma análise do subeditor Ilo Santiago Junior, conforme consta também na primeira edição, que realizou uma espécie de balanço da iniciativa do periódico e dos elementos que compõem esse novo período do futebol cearense dos negócios, da arena, do programa de sócio torcedor e do encarecimento dos serviços associados ao futebol e à paixão pelo clube.

Nessa perspectiva, a narrativa construída pelo jornal se dá a partir do depoimento do torcedor sobre os motivos que o distanciaram do estádio, mas ao mesmo tempo busca ressignificar sua paixão por meio do programa de sócio torcedor e do rádio.

“É muita violência. Uma vez coloquei meu filho pequeno de baixo do carro para ele não levar pedradas. O estádio não é mais um ambiente familiar como antes”, lamenta um dos torcedores tricolores mais conhecidos do bairro Cidade 2000. (...) Ele é um apaixonado pelo clube. É sócio-torcedor e paga as mensalidades dos filhos e dos netos. Ainda assim não tem mais vontade de ir ver o Leão de perto. “É a minha forma de ajudar o Tricolor. Sou apaixonado pelo meu time. (Diário do Nordeste, 28.set.2013, s/p)

A lembrança do estádio enquanto espaço da família e sem violência consiste em uma recordação quase que lugar comum entre os torcedores mais velhos, especialmente aqueles que frequentaram os estádios até os anos 1980, momento que em Fortaleza multiplicam as torcidas organizadas no movimento de segunda onda, apesar de que, como analisado, a violência, como fenômeno, tenha despontado nos anos 1990.

Neste caso, essa nostalgia é levada a cabo principalmente pelos torcedores que direta e indiretamente presenciaram o tempo dos chefes de torcida, da autenticidade e de uma outra relação com o torcedor do time adversário que conformou o movimento de primeira onda da história das torcidas organizadas:

¹⁹³ A última edição, “Como nos bons tempos”, foi publicada no dia 29 de setembro de 2013, assinada pelo subeditor Ilo Santiago Junior e pelo repórter Eduardo Buchholz.

"Eu entrava de mãos dadas com os jogadores do Fortaleza quando tinha oito anos de idade. Viajava com meu pai para Sobral e outras cidades com o time. Hoje, se você me perguntar se eu conheço o novo Castelão eu vou lhe dizer que não, nem tenho vontade de conhecer", assegura.

Tony afirma ter encontrado no rádio a forma de nunca abandonar o time. "Foi o jeito que encontrei de preencher esse buraco que é não ir ao estádio ver o Fortaleza. É uma paixão que nunca se acaba, mas prefiro estar seguro com minha família". (Diário do Nordeste, 28.set.2013, s/p)

A opção de acompanhar o time através da escuta dos jogos pelas ondas do rádio talvez se relaciona com a emoção e o impacto dessa transmissão que de alguma forma "substituem" a presença no estádio, além do preenchimento da nostalgia do passado e de uma temporalidade positivada.



Com receio da violência nos estádios, Tony (à esquerda) encontra no rádio a melhor maneira de acompanhar o time ao lado da família e dos funcionários FOTO: TUNO VIEIRA

Imagem 83 - O espaço do rádio na paixão pelo clube
Fonte Diário do Nordeste

Assim, nota-se que a reação dos torcedores para as transformações do/no futebol são multifacetadas. Na medida em que uma parte desses sujeitos decide se organizar e constituir associações torcedores, coletivos ou movimentos, outros escolhem não frequentar os jogos e alimentar a paixão pelo clube de outras formas.

Após realizar a série com seis edições sobre os sintomas e os efeitos das transformações econômicas, culturais, políticas e sociais no futebol cearense, o jornal realizou um balanço das questões levantadas e com o que acredita ser a alternativa para o diagnóstico: o respeito às demandas do torcedor.

O futebol cearense tenta acompanhar a filosofia de negócio implantada no mundo inteiro, com banners cheios de anunciantes, cotas de TV, transações de jogadores feitos na "terrinha", estratégias de marketing, vendas de produtos relacionados à marca do clube. Mas isso de nada vale sem o respeito a quem verdadeiramente banca o futebol: o torcedor.

Nem as arenas modernas para a Copa são suficientes para atrair antigos e novos torcedores. Não é difícil, mesmo sem contato direto com o time, que um cearense seja torcedor de Real Madrid, Barcelona, Flamengo ou Corinthians, por exemplo. O diferencial que os clubes locais dispõem para formar torcedores é justamente essa proximidade. Nada como o primeiro contato com o time em campo, da torcida nas arquibancadas, do cheiro da grama, do trilar uníssono do apito do árbitro e do abraço no desconhecido do lado após o gol. Falta aos nossos dirigentes recordarem isso. Eu ainda me lembro. (Diário do Nordeste, 28.set.2013, s/p)

Nesse sentido, a série “De torcedor a consumidor” aponta para o que ocorre atualmente: um retorno ao caráter elitista do período da chegada do futebol ao estado, com o custo desembolsado ao mês pelo torcedor assíduo, salientando que o programa de sócio torcedor ameniza esse valor, mas não resolve outros problemas que afastam as pessoas dos estádios: “Insegurança, violência, infraestrutura ruim de acesso aos estádios e a péssima qualidade das partidas são um desafio para dirigentes “venderem” o futebol praticado pelo seu time para um consumidor cada vez mais exigente” (Diário do Nordeste, 28.set.2013, s/p).

Dessa forma, a série concluiu que o retorno em massa dos torcedores para os estádios está condicionado ao atendimento da demanda do torcedor em suas diversas facetas, cuja urgência da percepção de que a singularidade da experiência do torcer consiste na proximidade do torcedor com o campo, com os jogadores e com a sua torcida, sensações que precisam ser levadas consideração pelos dirigentes.

Dito isso, gostaríamos de explicitar algumas ponderações sobre as novas arenas multiuso de modo a amarrar as ideias trabalhadas até aqui. As críticas pontuadas sobre a reformulação dos espaços dos estádios não se resumem a uma nostalgia a ponto de estabelecer o estádio das massas como o tipo ideal. Este também deixava de lado um público torcedor que alimentava uma certa topofobia em relação ao estádio, que simbolizava um lugar violento e machista.

No entanto, essas problemáticas poderiam ter sido repensadas a partir de um esforço de diálogo coletivo para o que seria o novo estádio, mais plural e menos violento, que abrisse um caminho para mulheres, idosos e crianças participarem, sem marginalizar parte da população que historicamente experimentava festivamente esses estádios.

Portanto, o que procuramos enfatizar são as contradições do modo como foi imposto arbitrariamente o novo modelo de arenização, voltado para o consumo passivo, elitizado e engessado, pautado sobretudo por setores hegemônicos que importaram um modelo pronto e lucrativo. Os antigos estádio de massa possibilitavam diferentes usos criativos e apropriações coletivas, exercendo um papel simbólico para a cultura popular enquanto patrimônio. Dessa

forma, como vimos, a lógica da arenização consistiu em mais um desdobramento dos processos de acumulação por despossessão (HARVEY, 2011).

O debate sobre futebol moderno e seus efeitos constantemente era retomado pela imprensa local nos mais variados sentidos, especialmente no ano de 2014 da Copa do Mundo no Brasil. Sobre o que se designou como “super-jogadores”, o Diário do Nordeste publicou a reportagem “Como a ciência mudou o futebol”, destacando a transformação no tempo dos jogadores em máquinas através da preparação física que envolve tecnologia, médicos, fisiologistas, nutricionista e comissão técnica.

No chamado futebol moderno, não há espaço para os fora de forma. “Antes, predominava a parte técnica. Hoje mandam força e velocidade. Muitas vezes o jogador não está bem tecnicamente, mas se sobressai na condição física, explica Alexandre Oberg, especialista em preparação física desportiva. (Diário do Nordeste, 08.jun.2014, 07c.)

Nessa perspectiva, em virtude da eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 2014, outras notícias, como a intitulada “Reforma dentro e fora de campo”, buscaram soluções para o reerguimento do futebol brasileiro, apontando cinco alternativas: 1) Mudança de visão dos dirigentes; 2) Presença de treinadores estudiosos; 3) Reestruturação de categorias de base; 4) Manter grandes jogadores no Brasil e 5) Fortalecimento de torneios nacionais.

Percebe-se que nenhuma das soluções apontadas pelos especialistas reavaliam ou atentam para o papel desempenhado pelos torcedores, diferentemente da reflexão sobre o comportamento dos torcedores nas *arenas modernas*, nome atribuído pelo jornal Diário do Nordeste na notícia que, utilizando o depoimento de psicólogos, sociólogo e torcedores, traz à tona questões relacionadas à conduta, lazer e expressão de preconceito e de ódio pelas torcidas.

Exceder-se no entusiasmo e proferir alguns xingamentos fazem parte do ritual de ir ao estádio acompanhar uma partida de futebol. Entretanto, esse comportamento “naturalizado” mundialmente e pouco freado por políticas públicas e pela própria sociedade pode provocar brigas, incitar o ódio e cometer alguns preconceitos, como costumamos presenciar nas arquibancadas. (Diário do Nordeste, 05.abr.2015, p.02)

A motivação da publicação dessa notícia sobre o comportamento do torcedor ocorreu porque na semana anterior houve um caso com o jogador Fabrício, do clube Internacional de Porto Alegre, cuja expressão do ódio mobilizou conflitos entre os torcedores e o jogador. Assim, o periódico procurou debater sobre o comportamento do torcedor, de modo a

desnaturalizar atitudes historicamente tomadas como normal nos estádios. Para tanto, a imprensa esportiva local buscou especialistas para debater:

A psicóloga Liana Benício, especializada no programa Consultoria, Estudo e Pesquisa em Psicologia do Esporte (CEPPE), afirma que a prática de torcer serve, muitas vezes, como um "lazer desviante". "A torcida seria um hobby, vai-se ao estádio para curtir, mas não é o que acontece sempre. Esse lazer exalta algo reprimido no indivíduo, no caso o comportamento violento", explica.

Já o psicólogo Léo Nepomuceno, Doutor em Saúde Coletiva e professor do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará (UFC), acredita que esse comportamento "mal educado" dos torcedores está relacionado também ao sentimento de pertence a um grupo. "O comportamento em grupo se modifica. Podemos usar um termo ultrapassado, mas ilustrativo para isso: 'contágio'. Eu [torcedor] sumo na massa, essa integração com o coletivo causa uma certa catarse, onde eu vou extravasar meu estresse", pontua Nepomuceno, indo ao encontro do pensamento de Benício. O psicólogo cita as torcidas organizadas como um exemplo. (Diário do Nordeste, 05.abr.2015, p.02)

Assim, os especialistas afirmam que tanto o que está reprimido no indivíduo pode ser evidenciado na torcida como o pertencimento e o contágio com a coletividade podem contribuir, por exemplo, para a expressão de preconceito, de ódio e da violência. Nesse sentido, além da importância em constituir-se enquanto espaço de lazer, os estádios podem ter um lado negativo, como apontou Artur Alves:

"Apesar de um estádio de futebol também ter suas regras, ainda sim é um espaço em que é possível extravasar as energias e sentimentos. É um dos poucos lugares em que uma pessoa pode pular, gritar, rir, chorar e até xingar intensamente sem ser vista como 'maluca'. Por isso, os estádios de futebol se tornam um espaço muito importante", afirma Alves, que, contudo, alerta sobre essa liberdade: "ela pode ter também seu lado negativo, quando a pessoa mantinha guardados não apenas as emoções, mas também pensamentos preconceituosos". (Diário do Nordeste, 05.abr.2015, p.02)



Imagem 84 – O comportamento torcedor: entre o anjo e o diabo
 Fonte Diário do Nordeste, 05.abr.2015, p.02.

Na imagem, o jornal buscou retratar os aspectos enunciados pelos especialistas na temática por meio de um torcedor situado à frente da Arena Castelão. Nela o torcedor aparece reflexivo entre duas representações: a do anjo e a do diabo, que exprimem respectivamente o estádio enquanto local de liberdade e de paz e, em contrapartida, o estádio como espaço da violência, do ódio e do preconceito.

Por conseguinte, os dois torcedores entrevistados pela reportagem refletem de maneira distinta sobre a temática, uma vez que um deles é membro de torcida organizada e de alguma forma procura justificar as expressões do torcedor, enquanto que a outra torcedora relata o incômodo com os xingamentos, tendo em vista que a figura da mulher muitas vezes é violentada.

Membro de uma torcida organizada, Gabriel Oliveira reconhece esse efeito: "É do ser humano no momento de explosão procurar essas palavras [de xingamentos] e soltar ao vento em busca do ofender o adversário". Para ele, torcer em grupo também significa organização e dedicação em prol do clube. "Sou viciada em estádio, mas penso que os xingamentos, sempre envolvem as mulheres, afasta o público feminino" Letícia Almeida, Estudante. (Diário do Nordeste, 05.abr.2015, p.02)

Dessa forma, a reportagem redimensiona o comportamento do torcedor nas novas arenas multiuso, que não está livre para reproduzir o machismo, o racismo e a violência impunemente, mas também não submete ao padrão de comportamento imposto para o espetáculo, que mais se aproxima do objetivo dos novos processos de mercantilização. Cabe, entretanto, à cultura popular ressignificar esses espaços e elaborar referências culturais pautadas nas suas

sociabilidades valoradas por esses sujeitos, que não sejam direcionadas para o consumo, mas para os sentidos construídos coletivamente.

Dito isso, o movimento de quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer, inaugurado pela Ultras Resistência Coral, politiza do ponto de vista da esquerda os estádios para problematizar determinadas raízes fincadas no comportamento do torcedor. É nesse sentido, portanto, que a atuação da Ultras Resistência Coral busca insurgir, desconstruindo o ódio, a violência, o machismo e o racismo dos estádios.

5.5) As Jornadas de Junho de 2013

O mês de junho de 2013 ficou marcado pela por sucessivas manifestações sociais que, a partir de São Paulo, espalhou-se por várias cidades do Brasil, mobilizando milhões de pessoas no que se tornaria a maior série de ocupação das ruas nas últimas duas décadas, característica que possibilitou a designação desse processo como Jornadas de Junho.

Iniciadas sob a insatisfação o aumento o preço a passagem a partir o Movimento Passe Livre, que reivindicava para si um caráter horizontal, livre da agenda dos partidos políticos, logo um repertório de insatisfações galvanizou a ida de diversos segmentos sociais para as ruas: ‘não vai ter copa’; ‘não é só por R\$ 0,20; mau uso do dinheiro público; saúde, educação, etc. Inspiradas no Movimento Occupy, dos Estados Unidos, as Jornadas de Junho tiveram muitas forças políticas gravitando em torno dela, dos autonomistas aos anarquistas. Essa relutância ou dificuldade de centralizar as reivindicações ocasionou as mais variadas interpretações acerca das mobilizações juninas.

Parte delas, por exemplo, considerou as manifestações sociais como uma abertura para a direita política no Brasil, em uma espécie de abre-alas do processo que desembocou na situação política crítica de meados para o final da segunda década do século XXI. Não estamos totalmente de acordo com esta leitura, tendo em vista que nos parece, além de simplificar a multiplicidade dos processos históricos, marginalizar um certo distanciamento das ruas por parte da esquerda, pelo menos que se refere aos últimos dez anos daquele ano de 2013.

Um outro aspecto importante se refere ao alinhamento estritamente político das análises sobre as Jornadas de Junho, que, ao procurar as explicações apenas sob o prisma do político ou da economia, deixam de lado outros aspectos importantes, como a dimensão simbólica daqueles eventos. Dessa forma, concordamos com Damo e Oliven (2014) que, ao ignorar o ‘viés nacionalista’ e o fato do pico dos atos terem ocorridos próximo à fase final da Copa das

Confederações, ainda não há uma interpretação hegemônica a respeito das Jornadas de Junho. Damo e Oliven propõem, pois, um deslocamento do olhar sobre estes eventos:

“um bom começo sugere que o ponto de partida seja o estético (...) para muitos analistas, o descontentamento é o ponto de partida, mas aqui ele é apenas uma das faces das manifestações”. Investigar as manifestações implicava, portanto, em levar a sério uma “conexão profunda” entre “o tempo ritual de celebração da brasilidade, instaurado por ocasião das competições das quais participava o time da CBF (...) 2) as implicações decorrentes de o governo brasileiro ter empenhado vultuosos recursos públicos para viabilizar o megaevento 3) o fato de que havia, desde o princípio do ano, uma mobilização juvenil” (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 165)

Nessa perspectiva, diante da variedade das explicações de pesquisadores sobre as Jornadas de Junho de 2013, procuramos nesta tese refletir acerca da participação da torcida Ultras Resistência Coral nessas manifestações, conforme retrata a imagem abaixo.



Imagem 85 – URC nas Jornadas de Junho de 2013
Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

A URC mobilizou seus integrantes para a ocupação das ruas não só nos dias de jogos na Arena Castelão, mas também em outros lugares que ocorreram manifestações naquele mês, como na Praça da Imprensa e em bairros da periferia – Serrinha -, respectivamente contra a Rede Globo e a criminalização da juventude negra e pobre. Na foto acima, alguns integrantes da URC levaram a faixa ‘Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes’ para o ato que ocorreu no entorno da Arena Castelão.

A imagem evidencia ainda, além da faixa da torcida, jovens com uma espécie de balaclava, outros cartazes e faixas estendem posicionamentos contrários à Copa do Mundo e a favor da educação.



Imagem 86 – Manifestação de 2013 em um dos acessos à Arena Castelão
Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

Uma das estratégias da URC nesse período consistiu em intensificar o uso das redes sociais, especialmente a página da torcida no *Facebook*. O ambiente digital foi um espaço que deliberou e pautou as mobilizações juninas, uma das muitas particularidades dos movimentos sociais no século XXI.



Imagem 87 – A rua é a maior arquibancada do Brasil
Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

Na imagem acima, compartilhada no dia 16 de junho pela página da URC no Facebook, ao utilizar a frase ‘Vem pra rua porque a rua é a maior arquibancada do Brasil’, a torcida convoca torcedores e militantes para os protestos na cidade de Fortaleza, divulgando também espaços de construção em plenária para a organização do ato.

Segunda 17/06 – 16:00 – Gentilândia [Praça] – Ato anticapitalista de repúdio à repressão policial contra os manifestantes de SP e RJ.

Segunda 17/06 – 18:00 – Bosque da Letras – UFC – Plenária de organização do ato do dia 20, sobre carteirinhas e transporte público.

Quarta 19/06 – 15:00 – Arredores do Castelão – Ato Copa pra quem?

Quinta 20/06 – horário a definir – Benfica [bairro] (concentração no IFCE) – Dia nacional de luta contra o aumento das passagens - Ato pela entrega imediata das carteirinhas de estudantes

Sexta 21/06 – 16:00 – Dragão do Mar – Movimento Educação 10 – ato também contra a Copa do Mundo

Em tal caso, nota-se que a participação da URC nas Jornadas de Junho ocorreu ativamente por meio dos espaços de construção da organização das manifestações sociais. Isso fica mais evidente ainda quando os integrantes da torcida narram, por exemplo, que alguns deles foram presos e/ou tiveram seus pertences aprisionados pelos agentes de segurança pública.



Imagem 88 – URC satiriza o movimento sem partido

Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

Nesse sentido, problematizamos os modos de assujeitamento da Ultras Resistência Coral nas relações de dominação e de resistência, que revelam não a passividade de seus membros, e sim a mobilização ativa diante das relações de poder instituídas. A imagem acima, publicada no dia 20 de junho, a página da URC compartilha uma sátira em que traz à tona manifestantes apontando para um outro que está representado por um tucano, em alusão ao partido Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que porta um cartaz contra a corrupção.

Esse discurso pequeno-burguês de – ‘não admitir bandeira de partido nenhum’ – só pode beneficiar a burguesia e seu partido. É muita ingenuidade... a menos que seja os próprios partidos burgueses camuflados de anti-partidarismo que estão se preparando para usufruir os benefícios das manifestações.

Desse modo, apreende-se que, já diante da mobilização social de junho de 2013, ao questionar o discurso do ‘movimento sem partido’, essas disputas pela liderança das manifestações sociais eram pautadas. A imagem abaixo externa essas dimensões simbólicas que haviam sido problematizadas, apresentando os símbolos nacionalista como a camisa do Brasil verde e amarela por um personagem – branco – que carrega o tucano.



Imagem 89 – URC ironiza a bandeira ‘Abaixo à corrupção’
 Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

Nesse contexto difuso, portanto, as disputas travadas pela centralidade das Jornadas de Junho recrudesciam, particularmente com a profusão de reivindicações com o decorrer dos atos. As demandas e as sutilezas de um contexto efervescente foram percebidas pelas Ultras Resistência Coral, que no dia 22 de junho compartilhou uma imagem em que combate grupos fascistas através de um repertório coletivo da Ação Antifascista. Assim, lança luz para uma atuação em conjunto com anarquistas, classe trabalhadora, movimento negro, lgbt e antifascista.



Imagem 90 – URC combate grupos fascistas
 Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

Portanto, a partir das Jornadas de Junho, compreendemos um recrudescimento da luta antifascista, multiplicada com a profusão de vários agrupamentos, torcidas e coletivos que se autodenominavam enquanto *antifas*.

CAPÍTULO VI – INSURREIÇÃO CLUBÍSTICA: A POTENCIA POLÍTICA TRANSNACIONAL DAS TORCIDAS ANTIFASCISTAS

A emergência da Ultras Resistência Coral tensionou a história dos modelos coletivos do torcer ao conformar um novo tipo de torcida, caracterizada sobretudo pela crítica aos modelos já existentes através de um processo de politização de esquerda exterior ao futebol. Desse modo, ao combater a tradição machista, racista, homofóbica, violenta e elitista que atravessa os espaços do futebol, a URC instituiu um novo modelo coletivo do torcer que provoca rachaduras na história das torcidas organizadas, tendo em vista os efeitos da insurgência do torcer antifascista.

Assim, nas frestas do processo histórico dos modelos coletivos do torcer, a URC, acionando uma *memória operária subversiva*, promove uma *insurreição clubística* que influencia e lança luz sobre a multiplicação de torcidas antifascistas na segunda década do século XXI. Se as torcidas organizadas até meados dos anos 2000 não apresentavam um projeto político de esquerda incisivo, construindo, pois, um futebol que funcionava fortalecendo e ressonando o machismo, o patriarcalismo, a homofobia e o racismo, a Ultras Resistência Coral instaura um giro decolonial nos estádios tensionando essas tradições dos estádios.

Esse processo consiste no que designamos como movimento de quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer, uma vez que a iniciativa da Ultras Resistência Coral possibilitou a proliferação de torcidas e de coletivos antifascistas no Brasil. Dessa forma, constrói-se uma rede de alianças entre esses agrupamentos torcedores que constituem, na verdade, um concerto internacional antifascista. Principalmente, mas não apenas, através das redes sociais essas *torcidas antifas* elaboram redes de cooperação transnacionais, o que evidencia uma planetarização de subculturas no tempo presente.

Dito isso, no que se refere à multiplicação das *antifas* no Brasil, é necessário questionar: será que esse concerto de torcidas antifascistas produzirá uma resposta vinda de torcidas fascistas, ocasionando futuramente conflitos nos moldes do que historicamente ocorreu na Europa? O diagnóstico elaborado pela URC acerca da realidade histórica e da conjuntura dos espaços do futebol mobilizou a reflexão acerca do passado, do presente e do futuro das torcidas, apesar da imprevisibilidade dos acontecimentos que alteraram o desenvolvimento do grupo.

Os efeitos da emergência da URC em 2005, portanto, provocaram o reordenamento do torcer com o tensionamento que as diversas torcidas antifascistas promovem. Ao antecipar a crítica à elitização dos estádios, à modernização e aos discursos de ódio naturalizados no

futebol, a URC teve em sua trajetória diferentes momentos. Na primeira e na segunda geração, apreendemos a estruturação da torcida e a maneira como taticamente buscou driblar a censura e a repressão nos estádios, estendendo sua atuação também nos carnavais e nas manifestações sociais, como as Jornadas de Junho de 2013.

Portanto, este capítulo analisa a atuação da Ultras Resistência Coral após os megaeventos esportivos da Copa das Confederações e da Copa do Mundo do Brasil, período recente em que a torcida se expandiu ainda mais, seus integrantes fundaram um bar que exerce a função de sede, o *Barbarians Pub* e o Ferroviário atravessou a sua melhor fase desde a fundação da torcida, consagrando-se campeão do Campeonato Brasileiro da Série D em 2018, alcançando a fase eliminatória da Série C de 2019.

Durante esse período as disputas, as contradições e a instabilidade políticas recrudesceram no Brasil, multiplicando a quarta onda do torcer por meio das torcidas antifascistas no país. Todo esse processo acima caracterizado nos levou a considerar este período como o da terceira geração da Ultras Resistência Coral, em que também o coletivo utilizou-se, além da participação em diversas greves, atos e manifestações, do recurso das redes sociais para intervir na realidade.

Dividimos o capítulo em sete tópicos. No primeiro momento, analisamos como, a partir da rede social *Facebook*, a URC aciona a memória da torcida na comemoração do seu aniversário, (com)fusões da memória com a história do Ferroviário. O segundo tópico reflete, por meio de uma história fotográfica da torcida nos últimos anos, a atuação e a ocupação da URC nos estádios. Na terceira parte, discutimos os significados da emergência do que definimos como antifascismo transnacional a partir da partilha, da troca e da cooperação entre os grupos *antifas*. O tópico quatro reposiciona o debate das torcidas organizadas tradicionais e da multiplicação das torcidas antifascistas a partir da visão dos integrantes da URC, buscando compreender como esta se relaciona com outros agrupamentos. O quinto tópico traz à tona as experiências das mulheres na resistência antimachista e na disputa por espaço nos espaços futebolísticos. Por fim, o sétimo tópico, em diálogo com o primeiro tópico do capítulo, equaciona a memória da data de fundação do Ferroviário, 9 de maio, comemorada pela URC de diferentes formas.

6.1) Terceira Geração: memória social e comemorações

A página da Ultras Resistência Coral na rede social *Facebook* foi criada em 2011, tendo no momento da revisão desta tese 3780 mil seguidores e 3624 curtidas. A partir de 2013 notamos o aumento na quantidade e na frequência das publicações pela torcida, que compartilha, dentre outros assuntos, temas relacionados ao Ferroviário, às iniciativas da torcida, aos debates políticos nacional e internacional, além de episódios concernentes à homofobia, ao racismo e à violência entre as torcidas organizadas.

Nesse sentido, uma das particularidades da página do coletivo tem a ver com a pluralidade de ideias defendidas dentro da própria torcida, uma vez que há militantes do PSOL, do PSTU e anarquistas, cujos entendimentos acerca de determinado assunto divergem. Assim, na maioria das vezes, se não há consenso entre os integrantes, a preferência se dá pela não publicação do posicionamento sobre a temática, acontecendo outras vezes de compartilhar mais de um entendimento.

Não obstante tais particularidades, o *Facebook* consiste em uma rede social que constrói uma experiência no tempo e no espaço para uma rede de pessoas, possibilitando estender a atuação da torcida, divulgar seu projeto e articular alianças através da internet. Entretanto, uma outra demanda da página da URC acontece quando compartilha textos e opiniões de esquerda em que não estão de acordo em sua totalidade:



Imagem 91 – Nota de esclarecimento da URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Assim, diante de determinados aspectos há situações que ocasionam uma exclusão da postagem a fim de o coletivo não ser mal interpretado pelos seus seguidores, o que sugere certos tensionamentos advindos das discordâncias políticas internas. Nessa perspectiva, a rede social

possibilita a URC elaborar uma memória social do grupo, sobretudo ao rememorar sua atuação, embora, como salientamos, essa memória seja composta de dissonâncias. À vista disso, as publicações que realizam um balanço da atuação da URC geralmente ocorrem no aniversário de fundação, o dia 31 de julho, ato rememorativo que possui um significado a depender do contexto.



Imagem 92 – Comemoração de oito anos da URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nessas comemorações anuais, a URC em geral aciona a memória de um passado operário ao retomar a história proletária do Ferroviário e de sujeitos importantes para o clube, como Valdemar Caracas, o Caracol fundador do time, e Padre Haroldo, torcedor socialista do Ferroviário e que faleceu no mesmo ano do Caracol. Especificamente no aniversário de oito anos da torcida, utilizou-se o recurso de um apanhado de fotos da torcida e de referências as Jornadas de Junho, tendo em vista o contexto daquele ano.



Imagem 93 – Valdemar Caracas e Padre Haroldo: a memória coletiva do FAC
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nas publicações acima, a URC relembra, do lado esquerdo, o aniversário de cem anos do Valdemar Caracas e, do esquerdo, o padre Haroldo, militante socialista e torcedor do Ferroviário, os dois tendo falecidos em janeiro de 2013. Ocorre que a torcida, como em um exercício de equação, promove a fusão da memória do clube com a do grupo, que cumpre um papel ativo – e seletivo – da memória ao demarcar o que se lembra e o que se esquece. Nessa perspectiva, a URC legitima a continuidade da sua atuação relacionando com o que experimentou e o futuro que os espera, entre um espaço de experiência de resistência e um horizonte de expectativas de luta que manterá a chama antifascista, uma que corre na torcida o “sangue a mesma paixão de um Caracol e a mesma disposição de luta e vontade de mudanças como as de Haroldo.

Por conseguinte, tais comemorações são relevantes para nos apropriarmos porque possuem uma faculdade de caráter prático, pois constituem práticas de memória que servem para questionar a memória construída da sua trajetória pela URC, uma vez que a percepção subjetiva do passado, presente e futuro do grupo adquire importância para legitimar sua ação no presente. Dessa forma, concordamos com Joel Candau (2011) acerca da idealização da “memória coletiva”, tendo em vista que sua validade só seria possível a partir da homogeneidade da partilha das mesmas representações do passado.



Imagem 94 – Comemoração de nove anos da URC
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na comemoração de nove anos da torcida, um ano depois, a estrutura do texto publicado pelo coletivo busca demarcar um espaço para a URC como pioneira das torcidas politizadas de esquerda ao enfatizar “há nove anos nascia a primeira torcida organizada de esquerda do

Brasil”. Assim, mais uma vez a compreensão do estreitamento entre o passado, o presente e o futuro provoca um impulso para a continuidade das lutas sociais, alimentada pela emergência de outras torcidas. Concordamos, pois, com as considerações de Candau (2011), sobre o que designou de terceira memória, a metamemória, memória reivindicada a partir de uma filiação ostensiva, que corresponde à construção identitária. A URC constrói uma representação das próprias lembranças, o conhecimento a partir delas. Nesse sentido, Candau ajuda a eliminar qualquer possibilidade de simplificação da memória coletiva de Halbwachs (1990).

Um grande salto foi ver iniciativas de criação de novas torcidas de esquerda proliferando país a fora, se espelhando em nosso trabalho. Agradecemos muito os apoios recebidos nesses últimos anos e reforçamos nossa colaboração ao surgimento de mais torcidas Ultras, que levistem as bandeiras de defesa da classe oprimida e contra o futebol moderno. (Página da Ultras Resistência Coral no Facebook, 31.jul.2014)

Dessa forma, a partir das Jornadas de Junho de 2013 foi se materializando cada vez mais a rede de aliança de torcidas antifascistas, que na publicação a URC designa como Ultras, uma interpretação baseada em sua trajetória que não podemos confirmar nos limites balizados neste trabalho. Contudo, o aniversário de nove anos da torcida foi celebrado com a reunião dos integrantes, música e convidados. O convite abaixo para a confraternização foi publicado no dia 10 de julho de 2014:



Imagem 95 – Convite para aniversário da URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nota-se ao fundo do convite símbolo da torcida do punho cerrado pintado nas cores da Palestina, evidenciando ainda o estilo musical compartilhado pelos membros, especialmente

pela subcultura skinhead, através do *punk*, *ska* e o *modo rudes*¹⁹⁴, característicos da primeira geração da torcida. A imagem de divulgação da festa alude ainda à liberdade aos presos políticos de 12 de julho e combate a criminalização das lutas populares, sugerindo que mesmo nas celebrações o debate político não é marginalizado.



Imagem 96 – Banda no aniversário da URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nas imagens são retratadas as faixas da URC, o sinalizador, a estética e a performance dos sujeitos que participam do show em alusão à história da torcida, cuja música compõe o repertório de atuação e da subcultura *skin* desde a emergência do coletivo.

A terceira geração da Ultras Resistência Coral se estruturou e foi estruturada diante do acirramento político do país, que foi evocado na mensagem alusiva aos onze anos da torcida, em 31 de julho de 2016: “Parabenizamos aqui a todos/as os/as nossos/as integrantes/as que, diante dessa conjuntura tão difícil, teimam em continuar resistindo, dentro e fora dos estádios, nessa árdua luta anticapitalista, por um futebol e uma sociedade justa, democrática e popular”.

¹⁹⁴ Modos rudes soundsystem remonta a um coletivo de djs que tem como objetivo fazer discotecagens e divulgar vários sons relacionados à cena mod e black. Saindo das vitrolas ritmo do blues, música jamaicana, soul, samba-rock, street punk, jovem guarda, bear, northern soul e música negral em geral. Já o rudies times sound system se refere a um coletivo de seletores orientados para a música reggae, rocksteady e ska.



Imagem 97 – Comemoração de onze anos da URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nessa oportunidade, o texto da URC fundiu uma narrativa curta com um tom simultaneamente de esperança e, de certo modo, desânimo com a conjuntura, porém não um sentimento paralisante, mas que move para a mudança. Em contrapartida, o discurso publicado em alusão aos doze anos da torcida, constrói uma narrativa de agradecimento aos que resistiram em conjunto com a torcida e o esforço daqueles que possibilitaram uma vida de doze anos da URC no ano de 2017.



Imagem 98 – Comemoração de doze anos da URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

O ano de 2017 foi particular para a trajetória da URC porquanto houve a inauguração do Barbarians Pub, uma iniciativa de integrantes da torcida que adquiriu o *status quo* de sede, de socialização, de compartilhar o estilo musical e que agregou mais componentes para o grupo, especialmente nas transmissões dos jogos do Ferroviário.



Ultras Resistência Coral

21 de jul de 2017 às 18:19 · 🌐

Hoje à noite, (21/07), a partir das 19h, acontece a inauguração do "BARBARIANS PUB", um pub de iniciativa de dois membros nossos, da RESISTÊNCIA CORAL. E, como não poderia deixar de ser, as referências ao FERROVIÁRIO ATLÉTICO CLUBE e a nossa torcida estão presentes nas dependências do estabelecimento. Torcedore/as corais e camaradas de esquerda, antifascistas, sintam-se convidados/as. Serão muito bem vindos/as!

Página:

<https://www.facebook.com/BarbariansPub/>

Endereço: Avenida 13 de Maio, 2382, Benfica, Fortaleza.

Telefone: (85) 98188-3326



Imagem 99 – Convite para inauguração do *Barbarians Pub*

Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Infere-se da publicação que o *pub* reivindica referências do Ferroviário e da URC na parede, além de tornar-se um lugar de comunhão e de confraternização politizado de esquerda. Nessa perspectiva, a comemoração do aniversário de doze anos da URC foi realizada no estabelecimento recém criado da torcida, conforme convocação pela página no facebook:



Imagem 100 – URC na inauguração do *Barbarians Pub*

Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

O Barbarians Pub localizava-se no bairro Benfica, na avenida Treze de Maio, região em que há várias universidades e o Estádio Presidente Vargas, distante a poucos metros do *pub*. Dessa forma, o Barbarians passou a congregar os torcedores em dias de jogos e foi adotado como lugar de transmissão dos jogos do Ferroviário. Nas imagens acima se encontram a fachada do bar, a faixa estendida pela URC e a inauguração do espaço que contou com a presença, por exemplo, de homens e mulheres integrantes da torcida organizada Falange Coral.

No entanto, o pub acabou se tornando uma referência para um público mais amplo, e o bar foi transferido para outro espaço maior que pudesse comportar os clientes. Pela localização estratégica, a mudança ocorreu em pouco tempo após a inauguração para um ponto em frente ao local. Assim, o aniversário de treze anos da torcida foi comemorado novamente no Barbarians Pub, prática contínua da URC desde a criação do estabelecimento boêmio, musical, político e futebolístico, ocasião em que a Resistência Tricolor Antifascista e a Vozão Antifascista, respectivamente do Fortaleza e do Ceará, estiveram presentes, conforme imagem abaixo.



Imagem 101 – Torcidas antifascistas no novo *Barbarians Pub*
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Diante disso, a imagem retrata integrantes das três torcidas antifascistas dos clubes da cidade de Fortaleza situados a frente da fachada do Barbarians Pub, expondo símbolo do socialismo, do anarquismo e um cachecol que consta grafado “Antifa Hooligans”. Nas paredes do novo bar constatamos camisetas emolduradas em quadros, tanto do Ferroviário como de clubes europeus, além de vários aportes visuais de torcidas antifascistas ou referentes ao movimento skinhead.



Imagem 102 – Aporte visual na reinauguração do *Barbarians Pub*
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na publicação abaixo da URC se torna evidente a função que o Barbarians passou a exercer para a torcida, local de plenária, de reuniões, de organização e de planejamento da atuação do grupo, sobretudo a partir do debate e do acúmulo entre os presentes. Inclusive, nota-

se que a reunião tem o caráter aberto, possibilitando aos simpatizantes participarem e socializarem com o coletivo.



Imagem 103 – Convite para plenária da URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Portanto, a partir de 2017, com a criação do Barbarians Pub, o pré-jogo, a plenária e o planejamento da URC foram realizados no bar, fortalecendo não só a torcida, mas direta e indiretamente publicizando o Barbarians para o público em geral.

6.2) Uma história fotográfica da URC: a visualidade das imagens da torcida nos estádios

A terceira geração da Ultras Resistência Coral buscou projetar-se de 2014 até o momento nos estádios, nos movimentos sociais e na internet. Assim, a manutenção da página no Facebook demanda organização, elaboração de textos e permanente atualização para que se torne referência no espaço das redes de torcidas antifascistas.

Nesse tópico traremos à tona registros de imagens da atuação da Ultras Resistência Coral, na medida em que o que se convencionou designar como terceira geração foi se conformando. Antes disso, vale ressaltar um episódio que aconteceu em janeiro de 2020 que revela como o coletivo vem atuando nos estádios quando se depara com cânticos e atitudes de ódio, racista, homofóbica e violenta. A torcida publicou uma Nota de Esclarecimento a respeito do assunto:

No último jogo do Ferroviário (...) integrantes da ULTRAS RESISTENCIA CORAL discutiram verbalmente com outros torcedores corais que estavam com gritos e provocações homofóbicas, machistas e racistas/xenófobas. Embora a discussão tenha se tornado bem acalorada, em nenhum momento passou de algo verbal e, ao fim da partida, boa parte dos torcedores que

proferiu tais gritos compreendeu nossa posição e até vieram participar da foto da nossa torcida que sempre registramos ao final de cada jogo.

Nota-se que a intervenção da URC na torcida coral ocorre na proporção em que os integrantes percebem determinados comportamentos que configuram expressão de ódio, buscando conscientizar e mostrar a importância de se pensar o torcer de maneira diferente. No entanto, determinada postura, sobretudo recentemente, foi criticada pelos torcedores em geral que acusaram com comentários do tipo “ditadura do política politicamente correto entrando nos estádios”, “toda torcida sempre torceu assim, com esses tipos de provocações, portanto não se trata de preconceito”. Desse modo, a Nota de Esclarecimento lança luz sobre esse episódio, cuja resposta foi assim publicada:

Diante disso, nos sentimos na obrigação de elucidar que a homofobia, o racismo e o machismo não são apenas politicamente incorretos. São, também, eticamente desprezíveis, judicialmente ilegais, “FIFAMENTE” puníveis e futebolisticamente improdutivos.

São eticamente desprezíveis pois não existe qualquer base lógica para justificar eticamente a discriminação de pessoas por suas orientações sexuais, seus gêneros, suas etnias ou seus locais de nascimento.

São judicialmente ilegais, visto que hoje, todo e qualquer ato de discriminação já é tipificado como crime, e seus praticantes podem ser indiciados, julgados e condenados.

São “FIFAMENTE” puníveis, pois até mesmo a retrógrada FIFA já orienta os árbitros a interromperem partidas e registrarem em sumula qualquer tipo de gritos ou manifestações preconceituosas, e o clube pode ser punido nos tribunais desportivos pela conduta de seus torcedores.

Por fim, são futebolisticamente improdutivos, porque tratar um jogador adversário com discriminação só vai dar mais garra para que ele tente “calar a boca” desses torcedores babacas. E mais: vai afastar dos estádios os/as torcedores/as corais ofendidos com essas manifestações.

Por tudo isso, a ULTRAS RESISTENCIA CORAL seguirá questionando fraternalmente todo e qualquer torcedor, seja do Ferroviário ou não, quando estes apresentarem esse tipo de conduta. Sabemos que esses preconceitos estão enraizados em nossa população, mas é necessário questionar fraternalmente essas posturas. Exceto com grupos abertamente fascistas: estes devem ser destruídos!

“... Não admitimos qualquer forma de exclusão, igual a que sofre o povão e o Ferrão!” (Trecho do “Hino a Ultras Resistência Coral”)

A nota lançada pela torcida é extensa e pontua três pilares que justificam e afirmam a necessidade da mudança de conduta dos torcedores: no âmbito ético, jurídico, “FIFAMENTE” e futebolisticamente. Não se trata apenas de um debate sobre ser politicamente correto ou naturalizar como sempre se praticou o ato de torcer, e sim compreender que tais lógicas desrespeitam, ofendem e marginalizam sujeitos e grupos sociais.

Assim, a Ultras Resistência Coral “questiona fraternalmente” todo e qualquer torcedor que perpetua essas condutas que estão enraizadas na população, de modo que a abordagem

não aconteça violentamente, mas sim através do diálogo. Contudo, é importante enfatizar a última frase da Nota de Esclarecimento, direcionada diretamente a grupos fascistas, que, segundo a visão da URC, “devem ser destruídos”, o que evidencia e legaliza o recurso da violência especificamente contra esses grupos.



Imagem 104 – Ultras Resistência Coral no Estádio Presidente Vargas em julho de 2016
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A foto acima retrata a torcida e seus integrantes localizados atrás do gol, normalmente expostos com rostos, tatuagens ou elementos que possam identificá-los borrados, com vistas a não serem identificados, medida de segurança adotada pela URC nas fotos que publicam nas redes sociais. Percebe-se na imagem a presença de mulheres, de crianças e de homens trajados com camisetas da torcida e expondo duas faixas contendo *redskin* e *Antifa Hooligans*.



Imagem 105 – URC no Arena Castelão no dia primeiro de maio de 2017
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na imagem acima, fotografada em 2007, a URC leva crianças e mulheres em sua composição, além de faixas do Ferroviário e *Los Fastidios*, uma banda italiana que mescla ritmos associados à subcultura *skinhead* e *punk*, como o ska e o reggae.



Imagem 106 - URC no Estádio Presidente Vargas em 2018
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A foto acima registra um integrante da torcida Gama Antifascista junto com a URC no Estádio Presidente Vargas, estabelecendo vínculos que constituem, tecem e fortalecem a rede de torcidas *antifas* no Brasil.



Imagem 107 - URC na Arena Castelão em julho de 2018
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nessa foto, apreende-se cinco mulheres compondo a Ultras Resistência Coral, duas crianças e dez homens. Em todas as imagens supracitadas, percebe-se a presença de integrantes negros e de mulheres, sugerindo experiências raciais e de gênero no coletivo.



Imagem 108 - Pré-jogo e composição da URC no Estádio Presidente Vargas em 2019
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A imagem acima compila três fotos de um jogo do Ferroviário em junho de 2019 que retratam o momento anterior, o pré-jogo, e a torcida durante a partida de futebol. Dessa forma, apreende-se a banca de vendas de artigos da torcida, camisas e bandeiras, além de uma faixa do orgulho lgbtqiap+ e do antifascismo.



Imagem 109 - URC no Estádio Presidente Vargas em 2019
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nesta outra coletânea de fotos, registradas em um jogo do Ferroviário pela Série C do Campeonato Brasileiro de 2019, visualiza-se a URC de ângulos diferentes em que na primeira foto percebe-se mulheres e crianças, na imagem superior da direita tem-se uma visão ao fundo de integrantes que revela modelos diferentes das camisas utilizadas. Na imagem inferior da esquerda, nota-se membros cantando, vibrando e atentos ao jogo, alguns deles espaçados na parte superior da foto trajando calça jeans. Por fim, na imagem inferior da direita apreende-se uma imagem ampliada que visualiza-se o estádio como um todo, evidenciando a proximidade da URC com a torcida organizada Falange Coral, localizada pelas bandeiras tremulando à direita.



Imagem 110 - URC na Arena Castelão em julho de 2019

Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nessa imagem constata-se a presença de cinco crianças, todas elas uniformizadas com a camisa do Ferroviário ou da URC, além da constante presença das mulheres. Vale ressaltar também a bandeira do elenco do time único campeão invicto do Campeonato Cearense em 1968 que passou a ser estendida com frequência pelo coletivo nos jogos.



Imagem 111 - URC no Elzir Cabral em 2020, sede do clube Ferroviário
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A foto acima retrata a URC na sede do clube, Estádio Elzir Cabral, na temporada do Ferroviário em 2020, estendendo mais uma vez a bandeira do título invicto em 1968 com a frase na parte inferior “Clube operário, torcida classista”.

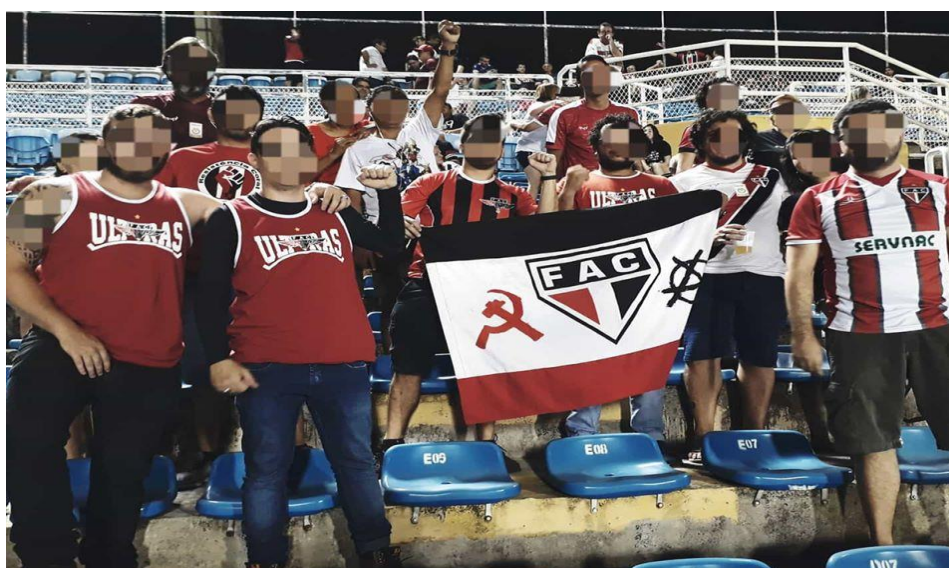


Imagem 112 - URC no Estádio Presidente Vargas em janeiro de 2020
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

O sentido político de esquerda da URC é evidenciado em todas as imagens aqui analisadas, seja através de faixas, de bandeiras, de gestos, das camisas, recursos que projetam mais incisivamente a política defendida pela torcida.



Imagem 113 – Famílias e integrantes da URC no Estádio Presidente Vargas
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A última foto da torcida no estádio aqui refletida busca enfatizar as continuidades e rupturas da URC, de modo que a presença das mulheres foi sendo ampliada, além da quantidade de crianças, demarcando momentos diferentes da vida dos integrantes do coletivo ao constituir suas famílias, mas sem afastar-se da URC. Nas fotos desde 2014 aqui expostas também se pode apreender diferentes modelos de camisas do grupo, das faixas e das bandeiras que taticamente foram utilizadas pela URC.

6.3) Antifascismo transnacional: as redes das torcidas antifascistas no atualismo

A partir da segunda década do século XXI houve a proliferação de torcidas antifascistas no Brasil, conformando um concerto antifascista nacional e internacionalmente. Este processo tem a peculiaridade de coletivos ou de movimentos se designarem como *antifas* que atuam intensamente nas redes sociais e, em alguns casos, com faixas nos estádios.

Enfim, temos a tendência a confundir o fato de dizer, escrever ou pensar que uma memória coletiva existe- fato facilmente atestado nos discursos contemporâneos, mediáticos e políticos em particular- com a idéia do que é dito, escrito ou pensado, dá conta da existência de uma memória coletiva. Com frequência, confundimos a afirmação da existência de uma memória coletiva-fato banal – com o fato da existência em si mesma. Logo, confundimos o fato do discurso com o que supostamente descreve. Desde que vários informantes afirmam se recordar como eles crêem que os outros se recordam, a única coisa atestada é sua metamemória coletiva: eles dizem e crêem todos se lembrar como eles crêem que os outros se lembram. O fato de dizer é evidentemente verdadeiro. O fato de crer igualmente. O conteúdo do dizer e crer pode ser ou não. Essa confusão, observemos, tem uma função importante - uma função metamemorial- sobre a qual vou insistir agora: ela reforça a crença de cada indivíduo na existência de uma memória coletiva e, no caso que nos concerne

hoje, na crença da existência de um patrimônio compartilhado (CANDAU, 2010, p.50).



Imagem 114 - Antifas na América Latina
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Como se pode perceber, dezenas de *antifas* se multiplicam em diferentes regiões da América Latina, constituindo redes de alianças, de cooperação, de solidariedade e de politização do torcer. Nota-se um compartilhamento de uma memória coletiva antifascista, que exerce uma função, segundo Candau, metamemorial. Na maioria das cidades, em geral, cada time possui um coletivo antifascista que busca repensar os fundamentos do torcer e apresentar o projeto político do grupo nos estádios. As bandeiras defendidas entre os diferentes grupos assemelham-se, combatendo sobretudo o fascismo, discursos de ódio, violência e as discriminações no futebol. Entretanto, algumas particularidades de cada coletivo existem, principalmente quando evidenciam a história do clube que pertence a torcida antifascista.

Há cerca de 60 torcidas de futebol antifascistas representando clubes brasileiros de todas as regiões, de acordo com pesquisa virtual feita pela reportagem. Elas não se consideram torcidas organizadas —algumas sequer conseguem estar presentes dentro do estádio—, mas são coletivos que usam seu clube de futebol com pano de fundo para trazer discussões políticas com um viés contra homofobia, racismo, machismo e capitalismo. Entre todo o escopo, nove clubes brasileiros tiveram os representantes antifascistas analisados: Internacional, Athletico Paranaense, Palmeiras, Fluminense, Vasco, Cruzeiro, Santa Cruz, Paysandu e Ferroviário do Ceará. (El País, 25.dez.2019, s/p).¹⁹⁵

Apesar da proliferação dos agrupamentos *antifas* ter ocorrido na segunda década do século XXI, no Brasil o fenômeno das torcidas antifascistas teve origem ainda em 2005 com a Ultras Resistência Coral, singularidade relevante na medida em que revela o surgimento em do

¹⁹⁵ Disponível em <https://brasil.elpais.com/esportes/2019-12-25/torcidas-antifascistas-se-multiplicam-nas-arquibancadas-do-futebol-brasileiro.html>. Acessado em 16/03/2020.

grupo de um clube “marginal” com relação aos grandes clubes economicamente representativos, bem como de uma região – Nordeste - que também é “marginal” comparado ao eixo Sul e Sudeste do Brasil.

Dessa forma, como vimos, a URC antecipou a crítica ao futebol e às torcidas organizadas sob o viés político de esquerda antes mesmo dos megaeventos esportivos acontecidos no Brasil. Contudo, não se pretende com isso secundarizar outras experiências, mas ressaltar a representatividade desses elementos que decoloniza o olhar do pesquisador e provoca rachaduras na maneira de compreender o fenômeno *antifa* ao descentralizar para a periferia – no Nordeste, no Estado do Ceará e na História do Ferroviário.

Com exceção da Ultras Resistência Coral, torcida do Ferroviário, que foi criada em 2005 e ostenta o título de torcida antifascista mais antiga do Brasil, todos os outros movimentos foram fundados a partir de 2014, ano em que Bolsonaro foi eleito o deputado mais votado do Rio de Janeiro e já anunciou que seria candidato à Presidência no pleito seguinte. A maior torcida é a do Inter, com 115 integrantes, enquanto a menor, do Flu, disse ter oito. Uma média de 25% das torcidas é composta por mulheres, enquanto a média de idade dos membros fica em torno dos 28 anos. (El País, 25.dez.2019, s/p)

A reportagem busca na ascensão do discurso ultradireitista de políticos como Jair Bolsonaro as razões para a multiplicação das torcidas antifascistas, lançando luz sobre como se articulam dentro e fora dos estádios:

Fora do estádio, os torcedores do Inter realizam ações com movimentos negros, feministas e pelos direitos dos trabalhadores. Os torcedores participam dos protestos realizados pelo Quilombo Lemos, espaço urbano em Porto Alegre ocupado por negros que sofre ações de reintegração de posse movidas por um asilo franciscano vizinho. A atuação é semelhante à da Palmeiras Antifascista, que também se preocupa com a militância fora dos jogos e faz atividades nas regiões afastadas do centro de São Paulo para “plantar a semente do antifascismo”, como um campeonato de futebol organizado no bairro do Grajaú recentemente junto com a Coringão Antifa, coletivo do maior rival. Dentro do estádio, os palmeirenses levam faixas em homenagem a Marielle Franco, aos jogadores negros da história do Palmeiras e contra a privatização do Pacaembu, pautas que evidenciam o combate ao machismo, racismo e mercantilização do futebol. “São formas de fazer um trabalho de base, porque colocar nome difícil e palavras de ordem não vai funcionar. Precisamos usar a mediação para convencer as pessoas”, afirma a torcida. (El País, 25.dez.2019, s/p)

A tática de borrar os rostos nas imagens, utilizada pela URC, também é adotada por outros coletivos antifascistas, ação de precaução tomada em virtude das incertezas políticas da temporalidade em que estão situados. Apesar da reportagem do *El País* constatar, no final do

ano 2019, aproximadamente sessenta coletivos *antifas*, no início dessa pesquisa registramos aproximadamente trinta e cinco nas redes sociais¹⁹⁶.

Por conseguinte, a trajetória antifascista da URC possibilitou que, antes da explosão dos coletivos antifascistas no Brasil, constituíssem laços e alianças internacionais. Em 2014, dois integrantes da torcida Dissidenti Ultra do time Fortuna Dusseldorf, da Alemanha, trocaram experiências com a URC na cidade de Fortaleza:



Imagem 115 – Antifa da Alemanha e URC na Arena Castelão
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A fotografia acima registra os membros na Arena Castelão retratando alguns integrantes da URC e à direita um homem e uma mulher com a faixa “*Antifascist Ultra 95*”, além de um deles trajar a camisa com um símbolo da luta antifascista. Outra experiência nessa perspectiva ocorreu no mesmo ano da Copa do Mundo de 2014, em que integrantes da *Legio Augusta Ultras* do FC Augsburg, da Alemanha, estabeleceram contato com a URC, fortalecendo a rede antifascista entre as torcidas.

¹⁹⁶ Na ordem da pesquisa no Facebook, encontramos trinta e cinco grupos: Palmeiras Antifascista, Fortaleza EC Antifascista, Fluminense Antifascista, Gremio Antifascista, Tribuna 77, America Antifascista, Clube do Remo Antifascista, Botafogo Antifascista, Botafogo-SP Antifascista, Ceará S.C. Antifascista, Inter Antifascista, B16 - Bangu Antifascista, Coritiba Antifascista, Corinthians Antifascista, Guarani Antifascista, Vasco Antifascista, Gama Antifascista, Cruzeiro Antifascistas, Coral Antifa, Galo Ultras Antifa, Ação Antifascista Joinville, Atlético Mineiro Antifascista – GALO Antifa, Bahia Antifascista, Clube de Regatas do Flamengo – Antifascista, Internacional de Porto Alegre Antifascista, Londrina Esporte Clube Antifascista, Palmeiras Punk Rock – Antifascista, Ponte Preta Antifascista, Punk Santista, Santos Antifascista, Santos FC Antifascista, São Paulo FC – Antifascista, Ultras Resistência Coral, Setor 2, Galo Marx.



Imagem 116 – Rede antifascista
 Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

Integrantes da Legio Augusta Ultras do FC Augsburg, portanto, entregaram à URC aportes visuais que grafavam *Augusta Skinheads*, *Against homophobia & sexism*, *no racism!*, *no antisemitism!*, *no sexism!*, *no fascism!*, *no capitalism*, *no homophobia!*, *no discussion!*. Dessa forma, a história da URC promoveu o reconhecimento internacional da sua atuação, mas também do resgate da origem operária do Ferroviário:



Imagem 117 – Símbolos de clubes *antifas* no mundo
 Fonte página Facebook Ultras Resistência Coral

Inversamente, a URC, representada em alguma viagem internacional por algum integrante, estreita vínculos com outros coletivos antifascistas, como os Antifascistas de La Garra Blanca, do time Colo-Colo, de Santiago do Chile.

Antifascistas De La Garra Blanca
4 de set de 2017 às 22:00 • 🌐

En estos días un compañero de Brasil que está de paso por acá se puso en contacto con nosotros para saber de nuestro trabajo, es hincha de Ferroviario de la ciudad de Fortaleza, perteneciente a la torcida de Ultras Resistencia Coral y que llevan varios años trabajando desde el antifascismo en las gradas. Nos comentaba del auge de las torcidas antifascistas en Brasil y la polarización de la sociedad luego del golpe parlamentario a Dilma por la derecha y el mafioso Temer, de las problemáticas que viven las barras allá, la elitización que sufrió el fútbol luego del mundial, el aumento del precio de las entradas, represión y el trabajo que han levantado.

Que tengan un buen retorno compañero Pedro y su familia, y que sigan creciendo las hinchadas antifascistas y su torcida, un abrazo!
Ultras Resistência Coral

Ver tradução



Imagem 118 – Antifascistas da Garra Blanca do Colo Colo no Chile e URC
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na publicação acima, os chilenos enfatizam a história da URC nos estádios, evocando o crescimento das torcidas antifascistas no Brasil, que naquele contexto sofreu um golpe parlamentar que destituiu a ex-Presidente Dilma Rousseff, além dos efeitos da elitização com a Copa do Mundo.

Na cidade de Fortaleza, a aliança entre as torcidas antifascistas do Ferroviário, Fortaleza e Ceará foi elaborada no sentido de trazer à tona a ideia de que a torcida do clube rival não é inimigo, apreendida pelo viés da violência. No caso da criação da Resistência Tricolor Antifascista, um membro da URC esteve presente na reunião:



Imagem 119 – URC e Resistência Tricolor do Fortaleza
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nessa perspectiva, as três torcidas antifascistas da cidade de Fortaleza buscam atuar coletivamente nas redes sociais e nas manifestações, greves e atos na cidade, conforme publicação abaixo, que alerta para o aprofundamento do conservadorismo e da lógica proibicionista que afetarão as torcidas organizadas:



Imagem 120 – URC, Resistência Tricolor e Vozão Antifascista
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A publicação da Ultras Resistência Coral, ao abordar a conjuntura política das eleições de 2018, justifica a convocação para o ato contra Jair Bolsonaro, juntamente com a Resistência Tricolor e a Vozão Antifa, utilizando de uma charge da imagem do então candidato à presidência.



Imagem 121 – Faixas da Vozão Antifascista e URC em ato em Fortaleza
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A imagem acima, publicada pela página da URC no Facebook, retrata a atuação das torcidas antifascistas, particularmente com faixas que lançam luz sobre o machismo e o debate de gênero¹⁹⁷. Em outros movimentos grevistas e manifestações, principalmente relacionados à educação, os coletivos buscaram atuar lado a lado, evidenciando novas relações instituídas por torcedores de clubes adversários.

As torcidas antifascistas, em especial nas redes sociais, articulam-se entre si no debate em torno da disputa pela memória sobre a Ditadura Civil-Militar. Em decorrência dos discursos, comportamentos e posturas negacionistas que foram ampliando e ganhando espaços públicos recentemente no Brasil, as torcidas antifascistas mobilizam-se nas redes sociais em busca da conscientização sobre o 31 de março de 1964:

¹⁹⁷ Na reportagem publicada em 2019 pelo jornal O Povo, a imprensa local busca analisar as três torcidas antifascistas, Ultras Resistência Coral, Resistência Tricolor e Vozão Antifa. Disponível em https://mais.opovo.com.br/reportagens/exclusivas/2019/09/17/conheca-as-torcidas-antifascistas-de-ceara--fortaleza-e-ferroviario.html?fbclid=IwAR11vj3x9pGMFkiVpH8-Jw0-HwHiQfm3xkObv_nKMmIJvHogXrdwZ9-3RIQ



Imagem 122 – URC contra a memória pró-ditadura
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

No texto, a URC reafirma as práticas de terror de estado, a repressão, a tortura e a censura à liberdade de expressão durante a Ditadura Civil-Militar, retomando ainda os apontamentos publicados pela Comissão da Verdade. Assim, a nota lançada coletivamente demarca uma posição incisiva contra o negacionismo sobre a ditadura a partir do título “Ditadura Nunca Mais: Memória. Verdade. Justiça”.

Um ano depois, na publicação em 2020 sobre o 31 de março de 1964, a Ultras Resistência Coral assinou a nota em conjunto com dezenas de outros coletivos antifascistas¹⁹⁸, conforme publicação abaixo:

¹⁹⁸ A nota contém a participação de aproximadamente setenta torcidas antifascistas. Se no início dessa pesquisa em 2016 registrávamos três dezenas de antifas, atualmente o dobro de coletivos constituem a rede desse modelo coletivo do torcer. Antifa Sport, Belo Antifascista, Bolívia Antifascista, Cavalo de Aço Antifascista, Central Antifa, CRB Antifascista, CSE Antifascista, Moto Antifa, Potiguar Antifascista Torcida LGBTricolor – Bahia, Treze Antifascista, ABC F. C. Antifascistas, AnarcomuAmerica, Avaí Antifascista, Azulão Antifascista, Bafomunistas (Comercial-SP Antifascista), Bancada Alviceleste, Belo Antifa, Botafogo Antifascista, Brigada Marighella, CAP antifa, Coletivo Democracia Corinthiana, Coletivo Democracia SantaCruzense, Coletivo Elis Vive, Coletivo Popular Alvinegro, Coletivo Remo Antifascista, Comuna Alvirrubra, Confiança Antifascista, Coral Antifa, Coringão Antifa, Coritiba Antifascista, Crato Antifascista, Esquerda Rubro-Negra, Esquerda Vascaína, Flamengo Antifascista, Flamengo da Gente, Fluminense Antifascista, Frente Esquadrão Popular, Frente Inter Antifascista, Gipão Antifascista, Goytacaz Antifascista, Grêmio Antifascista Meca Antifa, MFLP – 54, Movimento Esmeraldino Antifascista, Movimento Grêmio Antifascista, Movimento Popular Coral, Movimento Toda Poderosa Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Palmeiras Livre, Porcominas Porcomunas, Portuguesa Antifascista, Resistência Americana Antifascista, Resistência Azul Popular, Resistência Tricolor – Fortaleza, Resistência Tricolor Antifascista, TAU - Torcidas Antifascistas Unidas/Brasil, TAU - Torcidas Antifascistas Unidas/Nordeste, Timbu antifa, Torcedores e Torcedoras pela Democracia, Torcida Antifascista Sport, Treze Antifascista, Tribuna 77, Tricolores de Esquerda, Ultras Resistência Coral, Vasco Antifascista, Vozão Antifascista, Xavantes Antifascistas



Imagem 123 – Torcidas antifascistas na mobilização da Campanha Ditadura Nunca Mais
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nota-se, pois, a articulação e a união desses coletivos no contexto reacionário do país, alinhando o discurso contrário ao negacionismo do impacto da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Apesar da campanha lançada pela página Torcida Antifas Unidas – Nordeste, torcidas de várias regiões do país mobilizam-se anualmente pela disputa da memória sobre o 31 de março de 1964.

6.4) Como a URC compreende as torcidas organizadas e as torcidas antifascistas?

A multiplicação das torcidas antifascistas consiste no sintoma e nos efeitos dos acontecimentos da história dos modelos coletivos do torcer. A criação da Ultras Resistência Coral foi um evento que demarca uma mudança nesse processo histórico cujos desdobramentos fizeram explodir a quantidade de torcidas antifascistas, rompendo os fundamentos do torcer e alterando direta e indiretamente os espaços futebolísticos.

A relação da URC com as demais torcidas antifascistas são estratégicas, de apoio mútuo e de mobilizações coletivas. No entanto, isso não significa que entre as torcidas antifascistas não existem diferenças, uma vez que a atuação de uns agrupamentos ocorrem sobretudo nas redes sociais, outros não têm uma base política de militância, enquanto que algumas delas também não atuam nos estádios ou nas manifestações sociais.

Em contrapartida, a maneira como a URC avalia esse fenômeno da reprodução de torcidas antifascistas, em geral, ocorreu de forma positiva, enfatizando a importância da extensão das lutas sociais no futebol em várias regiões. Nesse sentido, no formulário elaborado e preenchido

por alguns integrantes e simpatizantes da URC, questionamos como enxergavam a proliferação das *antifas*:

	Torcidas antifascistas
F	Necessário, tanto para o futebol quanto para a sociedade em geral
E	Este processo vem aumentando na última década decorrente do cenário político em que o país se encontra, onde a direita, e agora a extrema direita, vem assumindo o poder do Brasil. A URC foi a primeira torcida Ultra do país, isto há 15 anos
L	Vejo como um ponto positivo. Durante muito tempo o estádio não era visto como um espaço para se fazer política e levantar lutas e causas importantes. Creio que existe uma parcela da juventude que conseguiu associar diversão, política e paixão pelo clube. E que isso acaba aproximando outros setores sociais que nem pisavam em estádios.
P	Como uma conscientização maior por parte de torcedores à questões de maior tolerância social, porém, dou um maior crédito ao movimento de uma direita reacionária efervescente não apenas no Brasil mas no mundo. Também coloco na conta a venda do futebol apenas como um negócio e a perda da "magia" que antes era muito maior.
H	Um processo muito bacana, muito rico e que mostra a importância e urgência da luta contra o capitalismo. Contra o chamado "futebol moderno". E em defesa das causas sociais.
O	Atualmente há várias torcidas a antifascistas, vemos isso com orgulho de termos plantado essa semente que hoje germina não só no nosso clube como nos demais clubes do país e da nossa capital.
K	Uma tendência, isso surgiu da necessidade de torcedores de outros times de fazerem uma organizada diferente em seus clubes do coração.
Gs	Acho extremamente importante, pois quanto mais frentes de combate ao fascismo e suas várias facetas melhor.
RJ	Ao meu ver é muito positivo, é sinal que a ideia está sendo assimilado e que estão entendendo o nosso recado de que o estádio não cabe mais certos comportamentos preconceituosos. Primeiramente somos torcedores e consequentemente podemos inserir certas pautas nas nossas torcidas para quebrar tabus dentro das nossas arquibancadas que acho os episódios mais corriqueiros são o machismo e a homofobia.
R	Acho positivo, pois abre e amplia o debate sobre as bandeiras políticas defendidas por essas torcidas.

Tabela 3 – Narrativas sobre o antifascismo no futebol

Dentre os dez que responderam, três não se identificaram e sete não vêem problema em publicar seu nome. Assim, as respostas acerca da multiplicação das *antifas* tiveram avaliações “positivas”, “necessária” e “importante”, correspondendo a uma “tendência” que dialoga com a política recente do país e retomada do poder por setores conservadores. Quatro sujeitos relacionam a influência da URC nesse processo, e outros dois trazem à tona a mercantilização

e o futebol moderno, apontando também que as torcidas antifascistas são resultado da necessidade de torcida organizada diferentes nos clubes.

Assim, as respostas giram em torno da alerta para uma maior conscientização dos torcedores e para a necessidade de politizar os espaços do futebol, possibilitando a juventude “conseguir associar diversão, política e paixão pelo clube”. No quadro a seguir, as respostas transcritas do formulário tratam da compreensão sobre as torcidas organizadas tradicionais e, no caso da torcida coral, da Falange Coral.

	Torcidas organizadas
E	Quanto às torcidas organizadas, elas têm um papel de destaque tanto nos jogos, pra incentivar os jogadores e fazer uma bonita festa nas arquibancadas. Entretanto, algumas torcidas levam prum lado mais violento na hora de protestar e de desviar o espetáculo para a violência. Há indícios de casos que algumas torcidas organizadas fazem coligações com gestões e/ou movem com interesses políticos pra derrubar gestões... Em relação à Falange, é considerada a mais velha e maior torcida organizada em atividade dentro do Ferroviário Atlético Clube. Há uma importância em se tratando em se tratando de torcida coral, incentivando o clube em toda a sua trajetória, mas sem levar o lado da política (questões sociais) pra dentro dos estádios.
L	Torcidas extremamente importantes para o futebol brasileiro. A Falange Coral é uma torcida que sempre comparece pra apoiar o time e também tem uma boa relação com as outras torcidas do ferroviário.
P	Grupos que tem, em parte, muito boa intenção, porém, com ações pontuais, ao meu ver, desastrosas. Acabam que afastam o torcedor do estádio e criam o estereótipo de torcidas que só vão aos jogos para brigar e xingar, gratuitamente, jogadores, técnicos, juízes e bandeirinhas
H	Infelizmente, o futebol sofre muito com a mercantilização. As torcidas acabam sofrendo com tais relações, no caso da falange há uma relação obscura, que vez ou outra vem à tona, com algum setor político de direita. Isso acaba com a independência da torcida
O	O futebol é um reflexo da nossa sociedade. Penso que tem um movimento até mais lento. Vide as mudanças que ocorreram na sociedade que ao contrário do futebol só agora começarão a ter mudanças internas quanto a adotar campanhas contra o racismo ou mesmo fazer campanha contra a violência contra a mulher. As torcidas organizadas em sua maioria acompanharam esse processo do futebol. O que antes era apenas um agrupamento para apoiar e incentivar o time com cânticos etc, depois vieram as uniformizadas que afotavam meios mais agressivos. A falange coral bem como as demais torcidas não ditas antifas. Trazem em histórico as mesmas reproduções de cânticos machistas e racistas. Muitas vezes gritos e "chingamentos" de cunho preconceituoso afim de desbravar sua raiva contra o adversário.
K	E a maioria das torcidas não são críticas, fazem apologia a violência, são homofóbicas, racistas, machistas, e a Falange não foge a regra, e a comprovação é a sua atuação nós estádios com cânticos e comportamentos que fazem referência ao facismo direto e indiretamente.

Gs	O futebol faz parte da cultura do povo brasileiro, sendo um dos seus elementos de maior laço identitário. Entendo que as torcidas organizadas, desde que sejam independentes das diretorias dos times, são primordiais para a festa popular nas arquibancadas. A Falange Coral tem um papel importante no apoio ao Ferroviário e respeito sua história, mas não é uma proposta de torcida que me faz sentir vontade de participar mais ativamente.
RJ	As torcidas organizadas tem como papel movimentar as arquibancadas além da resistência tive experiência com a torcida do Santa Cruz pois residia em Recife por um período e lá assim como aqui tinha um papel fundamental, claro que a vários episódios de violência mas minha experiência em si foi bem positiva. A Falange Coral é uma torcida diferente da nossa com o mesmo ideal que é incentivar o Ferroviário nos jogos, temos boa relação com eles e eles conosco.
R	Gosto do futebol. É um bom entretenimento. Gosto das torcidas organizadas também, mas acho que a rivalidade deveria ser só no campo. A Falange Coral anima muito o jogo, mas alguns membros se envolvem com situações racistas, homofóbicas e de briga.

Tabela 4 – Narrativas sobre as demais torcidas organizadas

No que se refere à torcida organizada, as respostas não foram completamente favoráveis às práticas desses agrupamentos torcedores. Porém, concomitantemente, não houve resposta construída em torno da lógica proibicionista que criminaliza as torcidas organizadas, pelo contrário, tendo em vista o papel desempenhado nas festas nos estádios e a boa relação da Falange Coral com a URC. Algumas das respostas, inclusive, revelam um certo aprofundamento sobre as questões sociais, na medida em que trazem à tona a relevância da organização popular e o potencial político desses agrupamentos.

Por outro lado, ressaltou-se ainda a importância das torcidas organizadas para a popularização da torcida no estádio e as diferenças para o modelo de torcida construído pela URC, uma vez a Falange Coral, por exemplo, reproduz o machismo, a violência, a homofobia. Assim, aspectos positivos e negativos são levantados ao se avaliar o papel das torcidas organizadas, destacando, de um lado, a importância que possuem e, de outro lado, “ações pontuais desastrosas” no fazer-se das torcidas organizadas do movimento de segunda onda da história coletiva do torcer.

Enquanto posição oficial da torcida, a URC salienta criticamente a importância das torcidas organizadas, de modo que as compreendem não como inimigo, mas por meio da consciência de classe. Assim, combatem a violência protagonizada entre as torcidas organizadas, criam espaços de comunicação entre as instituições para debater a situação das torcidas e buscam alternativas coletivas contra o proibicionismo vigente contra as associações

torcedoras. Na foto abaixo, nota-se na parede uma pichação que enfatiza essa perspectiva adotada pela URC:

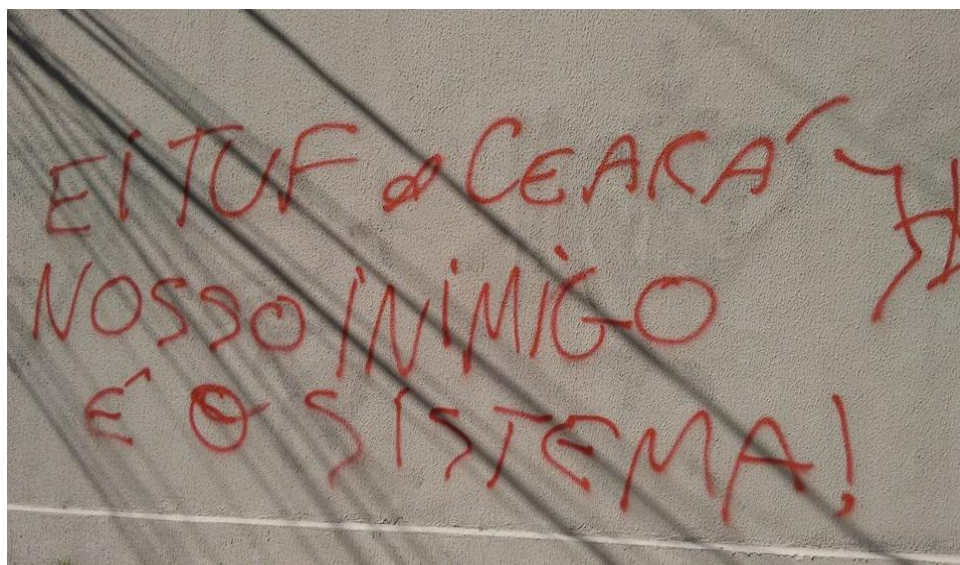


Imagem 124 – Pichação na parede do Estádio Presidente Vargas
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Com relação à torcida organizada Falange Coral, a Ultras Resistência Coral mantém uma relação respeitosa, apesar de discordar da conduta adotada pela torcida organizada mais antiga do clube. No entanto, no período da criação da URC, os integrantes da primeira geração do coletivo adentraram na Falange Coral e, mesmo optando pela saída, estabeleceram uma relação tranquila com a Falange Coral.



Imagem 125 – URC parabeniza a torcida Falange Coral
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na imagem acima, a URC torna pública a mensagem parabenizando a torcida organizada Falange Coral pelos vinte e oito anos de história, referindo-se aos integrantes como “irmãs e os

irmãos da Falange Coral”. Dessa forma, apesar da diferença na compreensão do significado do que consiste o torcer, a partilha do sentimento pelo Ferroviário possibilita um trânsito saudável entre as torcidas.

Nesse sentido, não só com a Falange Coral se institui essa relação, mas há uma solidariedade por parte da URC com outras torcidas organizadas, como a Torcida Uniformizada do Fortaleza (TUF), que em um dos episódios de violência e de massacre da juventude da periferia da cidade de Fortaleza teve alguns membros assassinados¹⁹⁹:



Imagem 126 – URC se solidariza com integrantes assassinados da TUF
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A chacina, conforme se tornou reconhecida a série de mortes em março de 2018 no bairro Benfica, em Fortaleza, ao vitimar membros de torcidas organizadas, mesmo que a centralidade da motivação não tivesse sido as torcidas organizadas, promoveu o fortalecimento do discurso de criminalização dessas torcidas²⁰⁰. Nessa perspectiva, as torcidas organizadas organizaram

¹⁹⁹ Disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/quatro-dos-sete-mortos-na-chacina-do-benfica-eram-ligados-a-tuf.html> / <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/chacina-no-benfica-dos-11-feridos-apenas-5-seriam-os-alvos-1.1906977>. Acessados em maio de 2020.

²⁰⁰ *Nota oficial da torcida organizada Leões da TUF*. "Caros(as) amigos(as), É com imenso pesar que publicamos através desta nota essa amarga notícia, um dos momentos mais cruéis e difíceis dos últimos tempos para nossa instituição. Outra vez acordamos com a chocante notícia de mais uma chacina que aterroriza nossa cidade, vitimando 4 componentes de nossa torcida. Seus legados, companheirismo e suas ações em prol Leões da TUF jamais serão esquecidas! Descansem em paz junto de Deus Adenilton (Mascote), Júnior Bandeira (Juninho), Pedro Neto e Vitor (Vitinho). No peito de cada TUF seus corações permanecerão batendo no ritmo das arquibancadas, as balas que tiraram a suas vidas jamais calaram toda nação que defende nosso nome. Nosso muito obrigado por tudo! Logo após os acontecimentos que culminaram na morte de nossos membros, circulou através de reportagens expostas pela mídia cearense que uma das linhas de investigação seria uma possível rixa entre torcidas organizadas de Fortaleza/Ceará. Através desta publicação, afirmamos que o fato ocorrido não possui vínculo algum com

uma caminhada contrária à tentativa de delegar as causas da violência urbana à rivalidade entre as torcidas organizadas, ação publicada pela página da URC:



Imagem 127 – URC divulga caminhada das t.o.s em Fortaleza e repudia morte de integrante da TUF
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Ao lado da convocação para a “Caminhada pela vida e descriminalização das torcidas”, registra-se outra publicação da URC no Facebook para uma morte neste evento, a morte de outro componente da TUF em decorrência de um atropelamento²⁰¹.

possível rivalidade entre as torcidas organizadas da capital. Nos provocou uma sensação de insulto por parte da mídia notícia tal fato, além das declarações do Secretário de Segurança Pública que para maquiar seu péssimo trabalho se pronuncia noticiando confronto entre torcidas. Secretário, exigimos investigações apuradas sobre esse caso, não seja omissor e não tente desviar os fatos, a cidade está tomada pela impunidade e também pelo medo, o que ocorreu foi sim uma chacina, onde foram vitimadas pessoas que não possuíam envolvimento com o crime organizado. Seu posicionamento foi totalmente irresponsável, assuma sua função pois através dos impostos pagos por nós é que você recebe seu salário, pois como servidor público deve sim satisfações a sociedade, não se acovarde e transfira para nós a culpa da violência que está apavorando o cidadão de bem. Famílias choram a perda de seus entes queridos, enquanto isso a violência continua crescendo assustadoramente e as autoridades se mantêm imóveis. Somos Torcedores! Não somos bandidos e merecemos segurança! As arquibancadas choram e a cidade segue banhada em sangue. JUSTIÇA JÁ! Agradecemos o apoio e as prestações de solidariedade por meio de nossos rivais da Torcida Organizada Cearamor, e Movimento Organizado Força Independente. Além de nossos co-irmãos e nossos amigos espalhados por vários estados do Brasil, que ao contrário das autoridades competentes, prestaram solidariedade nesse momento tão difícil. #LUTO #JUSTIÇA #PAZ *Atenciosamente, Diretoria.* Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/seguranca/online/tuf-nega-que-ataque-a-sede-tenha-sido-causado-por-briga-entre-torcidas-1.1906676>. Acessado em 17 de maio de 2020.

²⁰¹ Disponível em <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/morre-torcedor-do-fortaleza-atropelado-durante-caminhada-que-pedia-paz-entre-torcidas.ghtml>. Acessado em 17 de maio de 2020.

6.5) A potência política de uma torcida: atos, greves e manifestações sociais

A atuação da URC ultrapassa a apresentação política nos estádios e nas redes sociais, estendendo também para as manifestações sociais. A atuação nessas diversas frentes projeta a torcida como uma correia de transmissão de lutas, multiplicando seu fazer-se. Assim, naquelas oportunidades em que os integrantes do coletivo não podem estar presencialmente na greve, no ato ou na manifestação social, publicam uma nota de apoio através do recurso das redes sociais.

Como vimos, desde 2013 a URC tem em seu repertório de ações o uso das redes sociais, particularmente mobilizando e fortalecendo as Jornadas de Junho de 2013, mesmo que também questionasse o *status quo* da mobilização daquele ano. Nesse sentido, nas várias mobilizações ocorridas em 2016 e levadas a cabo especialmente pelas torcidas de futebol contra as federações estaduais de futebol e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a URC incorporou esse movimento, conforme retratou em publicação nas redes sociais:



Imagem 128 – URC protesta contra a Federação Cearense de Futebol
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Essas mobilizações ocorreram em várias cidades do Brasil, sendo reconhecidas como CPI do Futebol, tendo em vista os sucessivos escândalos de corrupção protagonizados por dirigentes e cartolas do futebol no país. No entanto, não só nas reivindicações sociais do âmbito esportivo que a URC participou ativamente, tendo em vista o acirramento do debate político e as lutas sociais que ocorreram na história recente do país, mobilizando a população nas ruas:



Imagem 129 – URC em ato contra o Governo Temer
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na foto acima, a URC levou a faixa *Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes* para os atos que compuseram o *28 de abril de 2017*, compondo a mobilização convocada como Greve Geral e a favor da paralisação dos trabalhadores contra o Governo Temer. Diante disso, além de estar presencialmente nas reivindicações de caráter geral, a URC também compôs a luta dos operários da construção civil na cidade de Fortaleza, publicando a nota em suas redes sociais: “Nós, torcedores do Ferroviário, queremos expressar nossa total solidariedade e irrestrito apoio aos trabalhadores/as da construção civil, que entraram hoje (13/07) no oitavo dia de greve. A categoria luta por reajuste na cesta básica, vale-combustível e aumento real. Também repudiam as Reformas Trabalhista e Previdenciária” (Página da Ultras Resistência Coral no facebook, 13.jul.2017) – conforme imagem abaixo:



Imagem 130 – URC participa da greve dos operários da construção civil
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A foto acima registra a presença de alguns membros da URC na greve dos operários da construção civil, tendo pelo menos dois sujeitos com a camisa do coletivo e um sem o traje da torcida, sugerindo sua participação efetiva nas lutas sociais em geral. Além dessas mobilizações, a URC desde a sua fundação distribui panfletos para os torcedores nos estádios. No biênio 2017-2018, período em que esportivamente possibilitou reerguer-se, a torcida divulgou no estádio, após os resultados das eleições de 2018, uma nota sobre o cenário político, abaixo retratada:

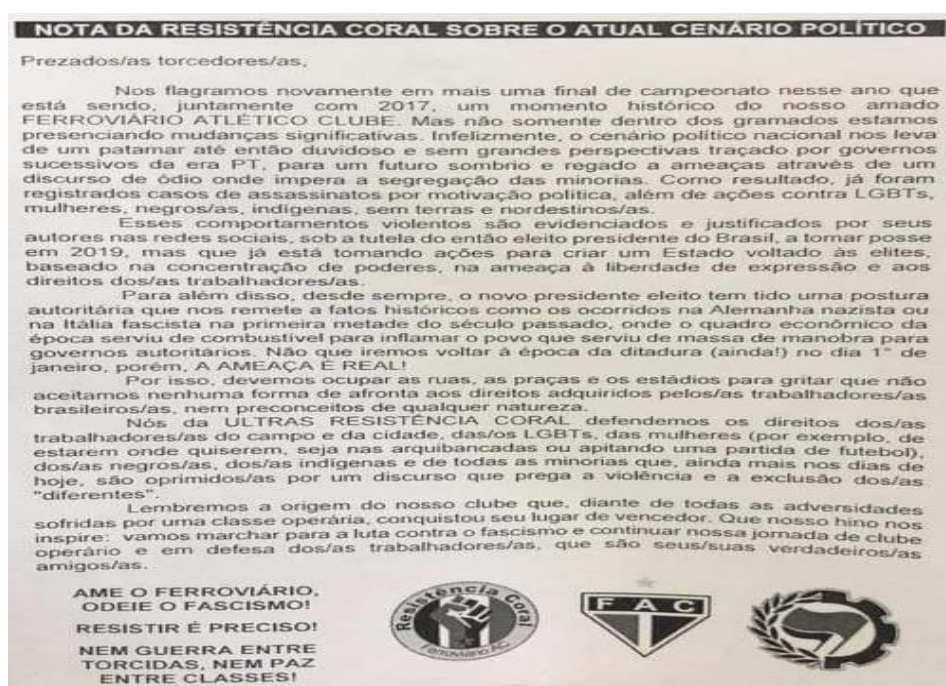


Imagem 131 – Panfleto distribuído pela URC no estádio
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na nota a URC elaborou um balanço dos significados do resultado das eleições, apontando para as possibilidades de violência às minorias, desmonte dos direitos dos trabalhadores e emergência de discursos de ódio fascistas.

Mas não somente dentro dos gramados estamos presenciando mudanças significativas. Infelizmente, o cenário político nacional nos leva de um patamar até então duvidoso e sem grandes perspectivas traçado por governos sucessivos da era PT, para um futuro sombrio e regado a ameaças através de um discurso de ódio onde impera a segregação das minorias. (...) Esses comportamentos violentos são evidenciados e justificados por seus autores nas redes sociais, sob a tutela do então eleito presidente do Brasil, a tomar posse em 2019, mas que já está tomando ações para criar um Estado voltado às elites, baseado na concentração de poderes, na ameaça à liberdade de expressão e aos direitos dos/as trabalhadores/as. (...) Não que iremos voltar à época da ditadura (ainda!) no dia 1º de janeiro, porém, A AMEAÇA É REAL! Por isso, devemos ocupar as ruas, as praças e os estádios para gritar que não aceitamos nenhuma forma de afronta aos direitos adquiridos pelos/as trabalhadores/as brasileiros/as, nem preconceitos de qualquer natureza. (Panfleto)

Infere-se, portanto, que de acordo com o agravamento da situação política do país, mais ainda a URC compreende a necessidade de exercer a função de conscientização e de transmissão das lutas sociais, alertando para a importância da mobilização e da criticidade entre os torcedores do Ferroviário.



Imagem 132 – Torcidas antifascistas em ato contra Governo Bolsonaro em Fortaleza
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na coletânea das imagens acima, verifica-se na parte superior a convocação para a mobilização realizada no dia 15 de maio de 2019 a favor da educação, cujas três torcidas antifascistas da cidade – na imagem intermediária – atuam em conjunto, a Resistência Tricolor a esquerda, a Ultras Resistência Coral no meio e a Vozão Antifascista à direita. Na última foto, membros da URC reúnem-se na foto, a maioria utilizando camisa da URC e um deles com camisa do PSTU.

Na proporção em que não podem atuar presencialmente compondo as manifestações sociais, a URC utiliza o recurso da emissão de nota de apoio, conforme publicação abaixo, que afirmam “Nós, torcedores/as do Ferroviário, queremos expressar total solidariedade e irrestrito apoio aos trabalhadores/as petroleiros/as, que entraram hoje (18/02) no décimo oitavo dia de greve nacional” (Página da Ultras Resistencia Coral no facebook, 18.fev.2020).



Imagem 133 – URC apoia greve dos petroleiros
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nota-se que a estrutura do texto utilizado pela URC para emitir apoio aos diversos setores grevistas segue um padrão, primeiramente tornando público o apoio à greve e, nos parágrafos seguintes, detalhando as especificidades das causas e das reivindicações do grupo. Portanto, participando presencialmente ou fortalecendo as lutas sociais nas redes sociais, a Ultras Resistência Coral exerce uma função de correia de transmissão de lutas, estreitando o significado entre torcida, política e paixão.

6.6) Mulheres antifascistas: a disputa por espaço no esporte

Este tópico traz à tona a experiência de mulheres que integram a Ultras Resistência Coral, ocupam um espaço tradicionalmente masculino e constroem politicamente a torcida. Assim, compreende-se de que maneira as mulheres tensionam os modelos coletivos da história do torcer. Sabe-se, em contrapartida, que inúmeras mulheres frequentam os estádios, às vezes sem organizar-se coletivamente, e, em outros casos, compoando uma torcida organizada, particularmente as torcidas tradicionais em seus variados Núcleos Femininos.

À vista disso, não se pretende argumentar o pioneirismo das mulheres que integram a URC na ocupação dos estádios, mas sim lançar luz sobre a especificidade da atuação dessas mulheres que, sob o ponto de vista político de esquerda, questionam sobretudo o machismo e a opressão das mulheres nos espaços futebolísticos.



Imagem 134 – Mulheres integrantes da URC no Estádio Presidente Vargas
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A imagem acima, registrada em 2015, evidencia uma parte das mulheres que integram a URC presentes no estádio Presidente Vargas. Na torcida, exercem função central no debate levantado contra as discriminações e agem rompendo os fundamentos constituídos do torcer, ao passo que também são censuradas:



Imagem 135 – Faixa da Resistência Antimachista da URC censurada
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A publicação retrata o episódio ocorrido em 2016 de censura à faixa Resistência Antimachista da URC, exposta no estádio Presidente Vargas e de imediato foi obrigada sua retirada a mando da Polícia Militar do Estado do Ceará. Dessa forma, seja bandeiras com símbolo do comunismo, seja faixa com teor político de esquerda, as práticas – políticas - de censura foram estabelecidas de forma a impedir a publicidade e o projeto político da torcida.

Uma das mulheres que compõe a URC, D, identifica-se como anarquista e, além da torcida, constrói outro coletivo que prefere não informar o nome, tendo em vista a conjunta política atual e diversas formas de repressão, algumas delas já praticadas ao grupo nas manifestações sociais. Sobre a relação entre o projeto da URC e o anarquismo, D afirmou que “Eu acho que a gente sempre fecha e tem muito acordo com as lutas antidiscriminatórias com a Resistência. E a diferença é que a gente não acredita no Estado, o único ponto divergente da gente na torcida, mas de resto muito tranquilo” (D, entrevista em Fortaleza).

Nesse sentido, o distanciamento maior entre os anarquistas que compõem a URC se refere nos debates em torno das eleições, haja vista que não defendem o voto. Contudo, na medida em que se conformaram a primeira, a segunda e a terceira geração da torcida, a URC foi se reatualizando enquanto uma frente ampla de esquerda, agregando diferentes posicionamentos no que se designou como correia de transmissão de lutas. As razões para o ingresso na torcida, conforme depoimento da D,

Nessa trajetória de militância ainda na graduação foi que conheci as pessoas da Resistência, que eu era mais pro lado do anarquismo, porque a Resistência tem comunista, anarquista ou pessoas que não se declaram nenhuma das coisas. Mas que tenha um posicionamento político mais à esquerda. Nessa organização tinham 3 ou 4 pessoas que faziam parte da Resistência e eu, até então, nunca tinha escutado falar da Resistência. Então me deparei com várias coisas que eu já via de machismo, dos xingamentos ou mesmo com as mulheres que trabalhavam como árbitra, como bandeirinha, dentro do carro de ambulância. E o posicionamento da resistência frente a esses momentos foi o que me chamou a atenção (D, 2018).

O depoimento revela a identificação, a partilha e a simbiose entre a trajetória de militância de uma mulher anarquista com a atuação da Ultras Resistência Coral, que estende o projeto político de esquerda para os estádios e provoca rachaduras nas relações de poder instituídas no futebol, como o machismo, os xingamentos “com as mulheres que trabalhavam como árbitra, como bandeira...”. Ainda sobre a sua trajetória, D recordou:

Tem uma questão que é interessante de se colocar. É que meu companheiro já era da Resistência. Tinham algumas reuniões da Resistência que eu ia, mas ia só para acompanhar, porque depois a gente ia sair. Tinha outra pessoa que fazia parte da mesma organização política que eu, e ela me convidou para participar da reunião da Resistência. Quando eu vi já tava opinando e a galera muito aberta porque era novidade ter uma mulher na reunião da torcida. Existem algumas mulheres que ficam no entorno mas não necessariamente participando nas decisões da torcida. Mas existem outras mulheres que participam das reuniões, só que não com tanta frequência (D, 2018).

Ao se aproximar da URC, D acabou participando ativamente das reuniões, nas deliberações e nos estádios. Se o seu companheiro já integrava organicamente a torcida, mesmo nos momentos em ele não estava, passou também a construir: “Eu comecei a ir para alguns jogos sem meu companheiro porque ele tinha que estudar pros concursos e eu acabava ficando com a torcida puxando música todo mundo junto. E os posicionamentos muito colado com eles”. (D, 2018.) Assim, a narrativa da depoente se distancia da experiência de uma torcedora coadjuvante. Quando interrogada sobre a sua percepção sobre a mulher nos espaços futebolísticos, afirmou:

Vamo lá, por partes. Porque tem a mulher que joga, a mulher que torce e a mulher que trabalha. Tudo isso dentro do futebol. Sobre a mulher que torce, primeiro tem a questão de você subestimar a torcedora, da não compreensão do futebol, do que tá acontecendo ou mesmo como coadjuvantes dos seus companheiros dentro do estádio. Foi uma das coisas que eu passei e que acho complicado, você acaba sofrendo com o time, às vezes mais, tem toda aquela coisa do choro, da emoção, de sofrer pelo time ou mesmo você ficar feliz, e ainda assim você ficar assim secundária, como se você tivesse de acompanhante, é bem complicado. Existe essa questão de gênero (D, 2018).

As experiências da mulher no futebol são apreendidas por D a partir de três espaços, a mulher que joga, a que torce e a que trabalha. Acerca da mulher que torce, ela lamentou a secundarização sofrida pela questão de gênero, uma vez que as mulheres são subestimadas como torcedoras que não estão a par do jogo e do time ou seu grau de interesse é menos simplesmente por ser mulher, sugerindo que estão presentes para apenas acompanhar seus companheiros. Dessa maneira, a depoente discorda radicalmente dessa percepção ao enfatizar o grau de interesse pelo time. Além disso, relata alguns comportamentos que já presenciou: “Uma vez eu fui tirar foto com o Tutuba [mascote do clube], passei no meio da Torcida Falange e escutei ‘ah, sai do mei pra sereia passar’ - Porque sereia tem essa ligação com o time - Na época eu não achei muito desrespeitoso, mas depois a gente fica refletindo e vê que quando um homem vai tirar foto não é feito aquele alarde” (D, 2018)

Tem a questão das mulheres que trabalham, geralmente como bandeirinha. E chamar os palavrões xingamentos de “rapariga”, “prostituta”. E a gente enquanto torcida intervém, diz que não é pra falar assim e que pode chamar de outras coisas, porque a gente fica com raiva e a reação natural é xingar. Só que existem as formas de chamar a atenção, não necessariamente precisa ser com palavras depreciativas que carregam as opressões históricas que as mulheres sofreram (D, 2018).

Nesse sentido, a segunda modalidade de experiência refletida por D lança luz para as depreciações elaboradas pelas ofensas às mulheres que trabalham no futebol, por exemplo as bandeirinhas. Dessa forma, enfatiza que há alternativas para demonstrar sua insatisfação sem

que deliberadamente desrespeite a trabalhadora, questionamento que a URC busca realizar nos estádios. Sobre isso, D recorda a relação com as mulheres da torcida organizada mais organizada do Ferroviário, a Falange Coral:

Tem uma galera da falange que faz parte do movimento mulheres de arquibancada e que acaba vendo esse tipo de ação e de comportamento das próprias pessoas da Falange e essas mulheres acabam não intervindo. Por que elas não fazem? A gente intervém na hora: “não pode falar isso, não é assim, respeita a mulher”. Mas geralmente a ação é feita de imediato, de correção mesmo (D, 2018).

Assim, há uma diferença de conduta entre as mulheres da Ultras Resistência Coral e da Falange Coral que, mesmo compartilhando a experiência de gênero nos estádios, algumas reproduzem o machismo – ou pelo menos não combatem – enquanto que outras mulheres procuram desconstruir tais discriminações.



Imagem 136 – Relato de combate às músicas machistas e homofóbicas no estádio
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Em tal caso, o relato acima, compartilhado no início do ano de 2020 pela página oficial da URC no *facebook*, torna evidente a atuação da URC junto a outras mulheres ao combater os cânticos machistas nos estádios através de estratégias que alteram o grito da torcida. A partilha coletiva dessa insatisfação possibilita conscientizar e romper os fundamentos opressores do torcer, espalhando a chama da correia de transmissão de lutas instituída pela URC. Um outro depoimento, da mulher integrante de codinome R da torcida, revela como o debate de gênero não está dissociado das questões raciais, que recordou o agir decolonial da URC ao apoiar o

goleiro do time adversário, que havia sofrido ofensas racistas²⁰²: “A atitude da URC no jogo do FAC contra o Barbalha, no Campeonato Cearense de 2020. Na ocasião, a URC entoou gritos de apoio ao goleiro Serjão do Barbalha, que recentemente tinha sido alvo de ofensas racistas pelo torcida do Caucaia” (Formulário online).

Dito isso, a terceira modalidade de experiência de mulheres, a mulher que joga de acordo com a classificação de D, precisa ser reconhecida e ter o apoio para popularizar cada vez o futebol feminino. Dessa forma, as identidades forjadas na relação entre militância, URC e o time do Ferroviário tornam indissociáveis na medida em que o pertencimento clubístico atravessa os demais sentimentos. Se inicialmente a aproximação com o clube ocorreu a partir da militância e da URC, com o tempo o discernimento entre política, paixão e diversão é confuso:

Eu acho que passou da política, agora tem a paixão mesmo, você tá torcendo, ficar a noite pensando em quem serão os próximos adversários, quantos gols eles têm, em que colocação que está, parar de fazer as coisas pra assistir ao jornal esportivo... e ficar com ódio de comentarista que fala que o Ferroviário é sempre uma surpresa, como se o Ferroviário não fosse capaz de conseguir as coisas. Pra mim passou da política, acho que a política perpassa, mas a paixão é maior do que isso (D, 2018).

Assim, desde o ingresso na URC, não só a D, mas os demais integrantes do coletivo ressignificaram suas experiências, sentimentos e modos de agir, particularmente aqueles que fundaram a torcida, a primeira geração geração *skinhead*. Sobre essas transformações da torcida e dos integrantes, D afirmou:

Apesar de gostar da cultura punk, de curtir algumas musicas oi!, não me acho que faço parte. Hoje a torcida cresceu, na verdade ela vem crescendo e outras pessoas tão se chegando e não são mais tão enquadradas dentro desse tipo de subcultura. Acho que hoje tem a galera ainda que curte e acho que a galera que chega geralmente tem alguma simpatia por alguma dessas coisas. (...) Tem o processo de envelhecimento da galera, às vezes a própria questão da construção de família ou mesmo exigência do trabalho não permitem que você leve a vida que levava na época da fundação (D, 2018).

As diferentes temporalidades que habitam a Ultras Resistência Coral, portanto, fizeram incorporar correntes diferentes e ampliar a rede de alianças e de atuação da torcida, contudo sem descosturar o projeto político tecido para provocar rachaduras nos espaços futebolísticos,

²⁰² O jogo entre os times Caucaia e Barbalha foi paralisado em razão dos atos racistas provocados pela torcida, que imitaram sons de macaco para o Goleiro Serjão. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/01/21/jogo-no-ce-e-parado-apos-goleiro-relatar-insultos-racistas-time-rival-nega.htm> Acessado em maio de 2020.

e sim cimentando a frente ampla de esquerda em que se constituiu a URC. Assim, ao argumentar sobre as diferenças entre os posicionamentos dos integrantes da torcida, D salientou:

Eu acho que existe sim, mas não é aquela coisa como se a gente fosse fazer inimigos entre nós. A gente apresenta pontos divergentes e a gente disputa, né? Antigamente acho que a maioria era anarquista, hoje eu acho que tem uma galera que não considera anarquista, mas que acaba fechando com isso. Agora, assim, tem alguns posicionamentos que as vezes a gente não fala muito, o Impeachment da Dilma. Foi uma coisa que não foi fechada entre a gente, não teve acordo, então a gente não... Na verdade cada organização tinha seu acúmulo e a gente sabia que não ia ter um posicionamento unívoco que a gente conseguisse lançar uma nota, apesar de que a maioria concordou que foi um golpe contra a presidência da Dilma. Mas assim o que a gente não tem um consenso de maioria, a gente não publica nada a respeito. Então assim que a gente vai encaminhando... Geralmente a gente coloca em votação, quem perde respeita e leva adiante.

Por meio da narrativa apresentada acima, nota-se que, apesar das diferenças, a URC prioriza o debate sobre quaisquer assuntos, levando em consideração a posição de todos os seus integrantes na reunião. Assim, quando não há consenso a respeito da publicação da nota pelas redes sociais da torcida, não se expõem publicamente, evidenciando, pois, organicidade, colaboração e respeito entre os integrantes.

Entretanto, na página da torcida no Facebook, a URC procura divulgar o combate ao machismo e à violência contra as mulheres, além de dar continuidade no processo de conscientização política na internet, inclusive através de iniciativas de torcedores dos clubes rivais, como na publicação abaixo do coletivo de torcedoras do Fortaleza, que se colocou contra a contratação de um jogador acusado de violentar a companheira:



Imagem 137 – URC publica nota do Coletivo Torcedoras do Leão sobre a violência contra mulheres
Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Na nota, além da imagem que retrata um grupo de mulheres torcedoras do Fortaleza, há uma exposição de dez pontos que lançam luz sobre a representatividade da contratação de um jogador de futebol que agrediu sua companheira, abordando o histórico violento da sociedade brasileira com relação a mulheres:

1 - Nós, AS MULHERES TORCEDORAS DO FORTALEZA ESPORTE CLUBE, estivemos no início desse ano na reunião de planejamento para o centenário do nosso clube. Ouvimos e lemos, que faz parte dos objetivos da nossa atual gestão explorar a potência do público feminino enquanto sócias e consumidoras de produtos oficiais! 2 - A Taxa de Femicídio do Brasil é a quinta maior do mundo. 3- No Brasil, à cada duas horas, uma MULHER é assassinada. 4 - Segundos dados do último mapa da violência contra mulher, os números de caso são maiores na regiões NORDESTE e Norte. 5 - No dia , 9 de Outubro de 2017, o atacante do Sport, Juninho, foi detido e indiciado e o caso encaminhado para o ministério público sob acusação de agressão, injúria e ameaça contra ex namorada. Após pagamento de fiança de 10mil reais, ele foi liberado e responde em liberdade. 6 - Pesquisas feitas pela UFC/Instituto Maria da Penha, nas 9 capitais do Nordeste. UMA à cada 3 mulheres sofreram algum tipo de violência, seja ela física, psicológica ou sexual no decorrer da vida. 7 - No último clássico rei, lamentavelmente uma mulher torcedora do time rival, à caminho do estádio, foi brutalmente assassinada com seu atual companheiro nas proximidades da Arena Castelão, por seu ex companheiro que em seguida cometeu suicídio. 8 - Nós, MULHERES, vivemos todos os dias dramas diários de violências que nos perseguem em TODOS os espaços que ocupamos! 9 - Repudiamos e NÃO aceitamos que um profissional com histórico criminoso contra uma MULHER, seja nosso representante dentro das 4 linhas. 10 - A Contratação de um profissional com perfil questionável, não trará ao Fortaleza Esporte Clube nenhuma VITÓRIA! A impunidade, o machismo nos vence MAIS uma vez! MAS SEM DEMONSTRAR CANSAÇO, diremos: *NÃO AO MACHISMO * NÃO Á QUALQUER TIPO DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES * NÃO AO JUNINHO, você não é digno de vestir o manto VAB.

Dessa forma, infere-se o impacto da politização e da conscientização do público feminino nos espaços do futebol, de modo que a pressão exercida não pode ser mais invisibilizada pelos poderes constituídos historicamente. A articulação entre as mulheres ganha fôlego também a partir dos debates entre torcedoras, como o evento divulgado pela Ultras Resistência Coral:



Imagem 138 – URC divulga roda de conversa sobre a disputa feminina por espaço no esporte
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Em suma, as mulheres atuam nos espaços futebolísticos rompendo padrões e fundamentos estabelecidos durante muito tempo, constituindo novas relações, significados e sentimentos com seus times ao mesmo tempo em que ganham espaço, visibilidade e constroem de maneira menos desigual e mais democrático o esporte. Isto posto, uma das campanhas que abrangem a luta dessas mulheres se refere à bandeira levantada pela frase “Lugar de mulher é onde ela quiser”, estampada na publicação em referência ao Dia Internacional da Mulher em 2019 pela URC:



Imagem 139 – URC compartilha Campanha ‘Lugar de Mulher é onde ela quiser’
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

6.7) O nove de maio: memória operária subversiva da fundação do FAC

A construção de uma memória operária pela Ultras Resistência Coral é elaborada a partir de diferentes matizes. Essa política da memória alimenta e é alimentada principalmente pela história do Ferroviário como um clube fundado por trabalhadores, estigma transmitido de geração em geração entre os torcedores corais. Essa faculdade da memória, como vimos, tem uma função prática na rememoração elaborada no tempo presente.

Essa memória transmitida por torcedores em diferentes períodos forja identidades diversas, mas que compartilham o pertencimento a um time de trabalhadores e a um clube com uma história singular. A maneira como a Ultras Resistência Coral apreende essa memória e a reproduz fortalece esse estigma operário, impulsionando a constituição de uma torcida que subverte os padrões estabelecidos historicamente. Assim, a memória operária do clube orienta e dá sentido à atuação da URC nos estádios.

Dessa forma, uma das maneiras que a URC alimenta essa memória operária ocorre por meio do aniversário do clube, fundado em nove de maio de 1933. Em nove de maio de cada ano, a torcida (re)constrói e (re)elabora essa memória compartilhada entre os torcedores do Ferroviário, dando sentido ao sentimento de pertencimento à coletividade. No aniversário de oitenta anos do clube – em nove de maio de 2013 - a Ultras Resistência Coral publicou em suas redes sociais uma nota trazendo à tona especificidades da história do Ferroviário:

Muitos contam a história de um clube por seus títulos, outros por mérito de um indivíduo, porém, isso não basta para contarmos a história do Ferroviário Atlético Clube. A história do Ferrão também é permeada pela coletividade, engajamento e organização política dos ferroviários, características que dão um enfoque de classe à gloriosa história do Tubarão da Barra. Assim como a luta de classes, poderíamos dividir a história do Ferrão em épocas, etapas, conjunturas. Os ferroviários não eram meros expectadores de partidas de futebol, eles eram sujeitos políticos do processo histórico, envolvidos no sindicato e na luta de classes (esta, por sinal, acirradíssima quando do período da fundação do clube coral). Deve ainda ressaltar que os ferroviários cearenses constituíram um foco de resistência ao golpe militar de 1964. (Página da Ultras Resistência Coral no Facebook, 08.maio.2013).



Imagem 140 – URC homenageia aniversário de oitenta anos do FAC
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

A publicação utiliza uma imagem de um elenco da história do clube, de modo que exerça uma ligação entre o passado e o presente, temporalidades unidas em torno da herança operária, tendo em vista que a história do clube foi permeada pela “coletividade, engajamento e organização política”, conforme retrata a publicação. Nesse sentido, a história do Ferroviário deve ser compreendida pela luta de classes que atravessa sua existência:

No último período o Ferroviário tem sido espelho da luta de classes. Os times da burguesia estão na ofensiva com seus investimentos milionários, enquanto os times que possuem um histórico de classe estão na defensiva e, infelizmente, alguns destes já tombaram antes o poder aquisitivo dos adversários. Mas o trem da história não para, aguarda apenas o vapor das massas, a força motriz da “locomotiva” (como Karl Marx denominava a revolução) guiada pelo “grande maquinista”. Desde 1933, a história do Ferroviário A. C. também é a história da luta de classes (parafrazeando Marx – autor que, inclusive, também nascera nos primeiros dias do mês de maio, só que em 1818). Por isso mesmo, o Ferrão nunca morrerá e, aonde for, terá torcedores, a sua classe!

Para a URC, portanto, o Ferroviário consiste no clube que está na contramão dos processos criados por outros clubes, guiados pelo mercado e investimento, ao passo que o Ferroviário funciona como resistência aguardando, tal como a revolução, o momento certo para despontar. Mesmo que a conjuntura não esteja a favor, a URC enfatiza que o “Ferrão nunca morrerá”, uma vez que terá seus torcedores – a sua classe – presente sempre.

No aniversário de oitenta e dois anos do Ferroviário, a URC publicou, em nove de maio de 2015, uma nota com as razões dos problemas que acometiam a situação do time, a política da diretoria que não prioriza as categorias de base e privilegia o negócio com empresários de jogadores.



Imagem 141 – URC homenageia aniversário de oitenta e dois anos do FAC
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Dessa forma, na publicação a URC propõe “retomar os valores proletários presentes na fundação e manutenção do nosso clube por décadas”, valendo-se da memória operária transmitida entre os torcedores. Assim, na medida em que se dilui a lógica do negócio, as características tradicionais que sustentam o clube foram secundarizadas.

Mais uma vez o tal futebol moderno, materializado no famigerado “Estatuto do Torcedor” e nos cães de guarda da FCF, vem impedindo a entrada de faixas nos estádios, barrando elementos que as torcidas usam para serem o camisa 12, empurrando o time rumo à vitória. Sem falarmos no abusivo preço de 30 reais para um ingresso da segunda divisão do Campeonato Cearense, onde nem no Estádio Presidente Vargas (PV) chega a tal valor.

Abaixo o futebol moderno! Torcedor é trabalhador, contra a criminalização das torcidas organizadas! Abaixo o Estatuto do Torcedor! Contra a mercantilização / elitização do futebol!

A nota da URC ainda critica o preço do ingresso e a postura dos policiais militares que prenderam um membro da torcida organizada Falange Coral que subiu no alambrado do estádio para reclamar, além da censura dos materiais utilizados para expressar o apoio da torcida ao time.

Em contrapartida, em outras datas comemorativas em alusão ao aniversário do Ferroviário, a Ultras Resistência Coral comemorou na sede do clube, como retrata a imagem abaixo em que seus integrantes e familiares festejaram oitenta e quatro anos do clube, em 09 de maio de 2017. A publicação, entretanto, data de 2019 e recorda o evento realizado na sede Vila Olímpica Elzir Cabral:



Imagem 142 – Famílias da URC no aniversário de oitenta e quatro anos do FAC em 2017
 Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

Nota-se, portanto, que a URC reatualiza a tradição operária do clube ao mesmo tempo em que a radicaliza ao construir uma torcida politizada de esquerda que subverte os fundamentos do torcer e dos espaços do futebol, tanto por meio da atuação nas redes sociais, como nos estádios e nas manifestações sociais. Essa rememoração é uma representação que cada indivíduo – e cada grupo – faz da sua própria memória, o conhecimento que ele tem, e o que ele diz. Trata-se de uma memória reivindicada.

Porque é uma memória reivindicada, a metamemória é uma dimensão essencial da construção da identidade individual ou coletiva. Em sua forma coletiva, é a reivindicação compartilhada de uma memória que se supõe ser compartilhada. Ela é, a esse nível, a substância mesma do discurso patrimonial que é, sempre, um discurso sobre a memória. Ora, essa metamemória tem, como toda linguagem, efeitos sociais poderosos. Ela alimenta os imaginários dos membros do grupo os ajudando a se pensar como uma comunidade e contribui para modelar um mundo onde o compartilhar patrimonial se ontologiza. Ela faz entrar nas memórias individuais a crença nas raízes e destinos comuns (CANDAUI, 2010, p.51).



Imagem 143 – Símbolos operários na homenagem do aniversário de oitenta e seis anos do FAC em 2019

Fonte página *Facebook* Ultras Resistência Coral

No aniversário de oitenta e seis anos do Ferroviário – última comemoração refletida aqui nesta tese - a imagem compartilhada para celebrar a data, em nove de maio de 2019, utiliza mecanismos imagéticos e cursivos para recordar a fundação do clube. Dessa forma, a foto reúne a bandeira do movimento antifascista, do Ferroviário e da campanha contra o futebol moderno com a imagem de Lenin e outros sujeitos trabalhadores olhando para o horizonte, sugerindo uma reflexão sobre o tempo auxiliada pelo uso de um vagão de trem, em alusão aos trabalhadores ferroviários que fundaram o clube em 1933.

Por conseguinte, com o exercício de analisar as comemorações realizadas pela URC, a partir das publicações em rede social, buscamos evidenciar como elas têm o papel ativo de construção seletiva da memória, revelando os acordos elaborados em torno da história do clube e demarcando quais os ancoradouros da memória que devem ser lembrados e esquecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Junho de 2020. Os atos antifascistas protagonizados por integrantes de torcidas organizadas permanecem ocorrendo aos domingos no Brasil. Uma hipótese que poderíamos considerar nesta tese, enquanto desdobramento das manifestações sociais antirracistas e contra a fascistização do Governo Bolsonaro, consiste em um possível *encontro* entre as torcidas organizadas tradicionais do movimento de segunda onda com as torcidas antifascistas do movimento de quarta onda, no contexto singular de combate à pandemia do novo coronavírus.

Encontro este em que torcedores põem o pé na rua como resposta de indignação aos movimentos fascistas que durante oito semanas se apropriaram das ruas, desde carreatas que pressionavam para o fim do isolamento social, até o movimento denominado como *300 do Brasil* na Praça dos Três Poderes em Brasília, que se organiza publicamente por meio da posse de armas.

A dimensão simbólica desse *encontro* é impactante, pois estamos nos referindo a uma luta comum que traz à tona algo muito profundo: a eclosão de atos antifascistas mobilizados por membros de torcidas organizadas. É precipitado ainda precisar quais implicações essas manifestações produzirão a longo prazo, contudo é fundamental estar atento aos significados da apropriação da guinada antifascista pelas torcidas organizadas, ou parte delas.

A historicidade desse fenômeno das torcidas organizadas, analisada no decorrer dos capítulos desta tese, lança luz sobre o potencial político que esses agrupamentos possuem, embora saibamos as problemáticas e os desafios da multiplicidade dos seus membros e da dinâmica da sua hierarquia. Dessa forma, as torcidas organizadas, ao se aproximar das pautas antifascistas, podem apreender a necessidade da demanda de ressignificar suas práticas, tendo em vista que, há pelo menos vinte anos, são vítimas da lógica que criminaliza e que busca extinguir suas instituições.

Ao disputar o espaço das ruas e dizer não aos movimentos fascistas que apoiam o Governo Bolsonaro, integrantes de torcidas organizadas e antifascistas ascenderam um fósforo no prisma político do que genericamente podemos nos referir como campo progressista no Brasil. Os atos antifascistas e antirracistas entre maio e junho de 2020 incomodaram de tal forma o governo que a primeira medida tomada estrategicamente por Jair Bolsonaro foi solicitar aos seus apoiadores que não saiam às ruas nos dias de protesto contra o governo²⁰³. A ida às ruas, mesmo

²⁰³ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/bolsonaro-pede-a-apoiadores-que-nao-saiam-as-ruas-em-dia-de-protesto-contr-o-governo.shtml>. Acessado em 12 de junho de 2020.

com as limitações impostas pela pandemia, e lideradas por categorias distantes das centrais tradicionais sindicais e partidos políticos, chama a atenção para o futuro dos movimentos sociais.

Nos embates do isolamento social em meio à pandemia e nos discursos oportunistas do poder executivo, a guerra de posições políticas é demarcada nas entrelinhas. Uma das estratégias historicamente acionadas, consubstanciadas pelos conglomerados dos meios de comunicação, consiste em associar a manifestação política das torcidas organizadas à violência, que, ao se aproximar da pauta antifascista nesse momento, mais uma vez foram criminalizadas.

Essa estratégia retórica é um recurso praticado tanto pela mídia como pelas elites, que se chocam com as cenas de saques, de motins e dos atos sociais em geral, mas ao mesmo tempo é reticente ao avaliar as recentes mortes de negros como *George Floyd*, João Pedro e Miguel²⁰⁴, criticando a luta antirracista da campanha *black lives matter*, o que sugere continuidades da subvalorização dos negros na organização da sociedade, a partir do que o filósofo Silvio Almeida delineou como racismo estrutural²⁰⁵.

Entretanto, as contradições nesse cenário ficam cada vez mais evidentes, seja por meio da classe, da raça ou de gênero, que trazem à tona o autoritarismo da nossa sociedade e dos agentes de segurança pública²⁰⁶. As torcidas organizadas, que estão em permanente ressignificação no tempo, passam a perceber – ou precisar entender – como determinados grupos são percebidos – e como são percebidas - diante do autoritarismo.

Os conflitos ocorridos nos atos antifascistas na Avenida Paulista sugerem, por exemplo, como os policiais militares agem de forma distinta, em que, de um lado, com grupos de movimentos fascistas e, por outro lado, com manifestantes contra o governo. Um exemplo dessa divergência remonta à imagem e aos vídeos do policial caminhando amigavelmente ao lado de uma mulher que portava um taco de beisebol e uma bandeira dos Estados Unidos²⁰⁷, enquanto que o movimento pró-democracia, antifascista e antirracista teve vários manifestantes presos, sobretudo quando estes são jovens negros da periferia.

²⁰⁴ Disponível em <http://www.esquerdadiario.com.br/O-mesmo-racismo-que-matou-Joao-Pedro-Miguel-e-George-Floyd-e-o-que-mata-por-COVID-19>. Acessado em 12 de junho de 2020.

²⁰⁵ Conferir ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

²⁰⁶ Conferir SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019.

²⁰⁷ Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/01/policia-diz-que-vai-apreender-taco-de-beisebol-com-manifestantes-durante-protestos-em-sp-e-fazer-controle-de-objetos.ghtml>. Acessado em 12 de junho de 2020.

Nesse sentido, a violência policial se espalha nos vários atos contra o governo difundidos pelas cidades do Brasil. Particularmente no caso da cidade de Fortaleza, mais uma vez os agentes de segurança pública atuaram por meio da prisão de alguns manifestantes antirracistas em ato pró-democracia²⁰⁸. É nesse contexto de criminalização dos movimentos sociais, mas também das torcidas organizadas, da juventude da periferia e do extermínio dos negros, que as elites – ou frações delas – conformam suas experiências e controlam diversos âmbitos da sociedade e do estado, conforme aponta o sociólogo Jessé Souza²⁰⁹.

Assim, o que hipoteticamente definimos como o *encontro* entre a pauta antifascista e os integrantes das torcidas organizadas traz à tona as nuances analisadas no decorrer desta tese, tanto na primeira parte do texto como na segunda, tendo em vista a confluência dos movimentos de segunda, terceira e quarta onda nos últimos eventos políticos do país.

Na proporção em que desde a década de 1990 as rivalidades entre as torcidas organizadas se intensificaram, o final da segunda década do século XXI implica, de um lado, na necessidade dessas instituições tradicionais rearranjarem-se de modo a desnaturalizar efetivamente os confrontos entre si. Por outro lado, se confirmada um possível decréscimo da violência entre as torcidas organizadas tradicionais, parece aumentar, através da guinada antifascista, a rivalidade política entre as torcidas/coletivos *antifas* e agrupamentos fascistas, assim como há décadas se desenvolve na Europa.

Dessa forma, tal como salientamos na introdução desta tese, durante a escrita do texto, precisamente no terceiro capítulo, questionamos sobre a possibilidade da emergência de grupos de extrema direita nas torcidas do futebol brasileiro. No momento de encerramento desta tese, constatamos nas redes sociais páginas de torcidas/coletivos intitulados ‘Anti Antifascistas’, termo utilizado para evitar se autodenominar enquanto torcidas/coletivos fascistas. Até que ponto efetivamente essas propostas de politização, sob o ponto de vista da extrema direita, passarão a ocupar os espaços dos estádios no Brasil?

À vista disso, a relação entre torcida, futebol e política, tão nitidamente visibilizada atualmente, pode sugerir um caminho para a renovação do campo progressista no Brasil, não só pela quantidade de pessoas mobilizadas pelas torcidas, mas sobretudo porque a luta em/pelo *comum* atravessa a população da periferia. A experiência marginal da periferia, portanto,

²⁰⁸ Disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2020/06/07/ato-em-defesa-da-democracia-ocupa-ruas-de-fortaleza--5-pessoas-detidas.html>. e <https://revistaforum.com.br/movimentos/ato-contraracismo-em-fortaleza-tem-violencia-policial-e-ao-menos-12-prisoas/>. Acessado em 12 de junho de 2020.

²⁰⁹ SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**: Da Escravidão à Lava Jato, São Paulo: Editora Leya, 2017. 242p.

constitui uma das possibilidades para reenergizar as lutas sociais em prol da democratização da pouca democracia que nos restou, após o Brasil Interrompido²¹⁰:

Esse lugar que se constituía em simbiose, para o bem ou para o mal, com o mundo mais amplo, encontrando um lugar ao sol entre os grandes do planeta como um país de relativas tolerância, integração e estabilidade política – maior democracia da América Latina, diziam –, com uma grande diversidade humana e natural e em um processo de crescimento econômico aparentemente consistente que o estava colocando como a quinta maior economia do mundo, por mais que tudo isso não passasse apenas de imagem ou miragem, seja como for, é certo que hoje não existe mais. Não há mais miragem, imagem e muito menos a realidade que nunca foi mesmo (GRIJÓ, 2020, p.8-9).

Iniciamos as Considerações Finais deste trabalho dialogando com os acontecimentos em curso a partir da ideia de *encontro*. Não por acaso utilizamos a metáfora das *ondas no mar que movem o mar das torcidas* para o título da tese, expressão fulcral para a compreensão do mapa do texto. Os movimentos de primeira, segunda, terceira e quarta ondas revelam em cada contexto (des)encontros, rupturas e permanências que conformam os modelos coletivos do torcer.

Nesta investigação, a primeira parte - *Os deslocamentos no mar das torcidas: dinâmicas e ressignificações entre charangas e torcidas organizadas* - procurou apresentar a emergência das primeiras organizações coletivas do torcer protagonizadas pelos *chefes de torcida* e suas charangas na primeira onda; as torcidas organizadas jovens na segunda onda; e as dissidências das organizadas que conformaram também torcidas alternativas no movimento de terceira onda. Em tal caso, visualizamos a popularização das torcidas e a transformação dos espaços futebolísticos por meio da sociabilidade festiva para além do espaço-tempo do jogo, a busca pelo controle das massas e a disputa pelas lideranças das torcidas com a cultura juvenil nos anos 1980 e 1990.

Nessa perspectiva, na segunda metade do século XX, as organizações coletivas do torcer foram discutidas através da variação micro e macroscópica na medida em que apreendemos a trajetória de cada uma delas, mas sem deixar de lado as relações entre si. Assim, vimos a relevância de Zé Limeira, Gumercindo Gondim, Pedrão da Bananada enquanto chefes de torcida, bem como a trajetória da torcida organizada Garra Tricolor nos anos 1980 e, na década seguinte, a relevância das experiências das torcidas organizadas Cearamor, Falange Coral e TUF.

²¹⁰ GRIJÓ, Luiz Alberto. **A dança das bolinhas**: notas sobre o Brasil interrompido. / Juliana Gabriel Garcia. -Rio de Janeiro: Telha, 2020.

A década de 1990 foi um momento singular na história das torcidas na proporção em que provocou uma inflexão ao reconfigurar a estrutura das torcidas organizadas. A estreita relação entre sujeito – bairro – torcida reordenou as territorialidades e as rivalidades entre as organizadas, que passaram a esquadrihar o espaço urbano da cidade de Fortaleza. As torcidas organizadas se estruturaram por meio de sedes, lojas e milhares de associados, tornando-se empresas lucrativas em uma espécie de profissionalização das suas atividades. As implicações desse processo foram inúmeras e profundas: as experiências dos bailes funks foram ressignificadas nas arquibancadas por meio da *sociabilidade do conflito*, da funkerização das músicas, da virilidade e da violência.

A partir de então, a lógica proibicionista que criminaliza as torcidas organizadas foi construída assentada nas ideias de selvageria, incivilidade, delinquência por parte da juventude, aspectos superficiais que não dão conta da complexidade da busca pela visibilidade desses rapazes e moças que experimentam a marginalidade das políticas públicas.

Nesse sentido, os efeitos do desgaste das torcidas organizadas provocaram a erupção de dissidências, tanto de grupos/bairros dentro delas como fora dessas instituições, que conformaram tanto o movimento de terceira como de quarta onda. Desse modo, a terceira onda abarca uma diversidade de torcidas que buscaram se distanciar das organizadas tradicionais, apesar de muitas vezes se aproximarem. As *barras bravas* multiplicaram-se pelas cidades do Brasil no que definimos como *argentinizacão* do torcer por parte de alguns agrupamentos, além da emergência de torcidas em que grupos dissidentes de instituições maiores formaram outras torcidas que alcançaram patamar mais relevante que os tradicionais. No Estado do Ceará, esse processo materializa com exemplos da M.O.F.I., dos Cangaceiros Alvinegros, Setor Alvinegro, Bravo 18, etc.

Também questionamos o movimento criado nos últimos anos por coletivos de *torcidas de pista*, que designamos como *Quebra-mar*. Por meio da predisposição para o confronto com rivais, mas um desafio mais limpo, sem uso de armas, e sim através do enfrentamento corporal, esses sujeitos reatualizam problemáticas dos modelos coletivos do torcer.

Na segunda parte desta tese, intitulada *A guinada antifascista: a trajetória da torcida Ultras Resistência Coral*, avaliamos os tensionamentos da emergência de um processo de politização, sob o ponto de vista da esquerda, que se multiplicou na segunda década do século XXI, designado neste trabalho enquanto movimento de quarta onda da história das torcidas.

Dessa maneira, a partir da torcida Ultras Resistencia Coral, criada em 2005, discutimos o modo como as torcidas antifascistas provocam rachaduras nas relações historicamente constituídas nos espaços futebolísticos, tendo em vista o combate ao machismo, racismo, homofobia, xenofobia e violência. Através de uma *memória subversiva* alicerçada na consciência de classe da fundação do clube, Ferroviário, e somado à *sociabilidade militante* dos seus integrantes, a URC ocupou os estádios questionando a heteronormatividade, os discursos de ódio e a elitização do futebol, especialmente notabilizado no processo de *arenização* dos estádios públicos.

Desde a fundação da URC até o ano de 2020, a torcida atravessou diferentes momentos em sua trajetória. Por esse motivo estabelecemos uma taxonomia com uma periodização baseada em três gerações. A primeira geração remonta ao núcleo fundador do grupo, caracterizado pelo pertencimento à subcultura *skinhead*, partilha da estética e do estilo musical *punk*, cujos membros compunham também o *Red and Anarchist Skinheads (RASH)*, Seção Fortaleza e Região Metropolitana.

Na segunda geração da URC, com a entrada de vários membros, o grupo acaba incorporando correntes e pensamentos multifacetados, tendo se tornado uma correia de transmissão de lutas por meio de uma frente de esquerda. Entre 2006 e 2014, a URC apresentou o seu projeto político nos estádios, nas ruas, nos carnavais e passou a ser reconhecida nacionalmente pela sua singularidade. Como consequência, o grupo percebeu a intensificação da censura nos estádios a sua atuação, uma vez que suas faixas foram sendo proibidas de serem expostas pelos agentes de segurança pública. Esse cerceamento a liberdade do torcer, de acordo com as narrativas dos integrantes do coletivo, foi recrudescendo na proporção em que o Estatuto do Torcedor e a instituição das arenas multiuso foram sendo instituídos diante de um reordenamento mais amplo que restringe o direito à cidade (MASCARENHAS, 2014) no processo de acumulação por economias da despossessão (HARVEY, 2008).

Por fim, a terceira geração da URC se trata de um período em que, de um lado, houve a profusão das torcidas antifascistas, criadas entre 2014 e 2020 em várias cidades do Brasil, paralelamente ao avanço do conservadorismo, do neoliberalismo e da agenda política da extrema direita no país. Por outro lado, a torcida presenciou o momento mais vitorioso do time Ferroviário desde os anos 1990, além de ter estabelecido como sede o *Barbarians Pub*, iniciativa de alguns membros da URC. Assim, os últimos anos possibilitaram ao coletivo tecer uma rede transnacional de torcidas *antifas* que, ao elaborar um modelo coletivo do torcer que

tensionou o machismo, o racismo, a homofobia e a violência, articulamos esse projeto ao pensamento decolonial.

A transnacionalização da pauta antifascista, apropriada ainda no início dos anos 2000 pela URC, nos levou a necessidade de repensar conceitos para iluminar esse processo. Nesse sentido, delineamos a terminologia *insurreição clubística* para dar conta desse movimento político de vínculo associativo com o clube, mas que promove uma subversão de aspectos historicamente constituídos no futebol. Desse modo, a conceituação *insurreição clubística* traz à tona a experiência da Ultras Resistencia Coral, mas pode ser estendida para a compreensão da trajetórias das várias torcidas antifascistas, não apenas no futebol.

Por conseguinte, a morfologia da categoria *insurreição clubística* é nevrálgica para o entendimento da segunda parte desta tese, que evidencia a formação de diferentes modelos coletivos do torcer desde a década de 1950. Caudatária, tributária e desdobramento da categoria estruturada pelo antropólogo Arlei Damo (1998), *pertencimento clubístico*, a terminologia *insurreição clubística* lança luz para a resignificação do torcer por torcidas antifascistas, a partir de um engajamento emocional dos torcedores estreitamente associado à política de esquerda. Inserimos, pois, essa reconfiguração do torcer na proposta em torno da produção do *comum*:

A reivindicação do comum foi trazida à luz primeiro pelas lutas sociais e culturais contra a ordem capitalista e o Estado empresarial. Termo central da alternativa ao neoliberalismo, o “comum” tornou-se princípio efetivo dos combates e movimentos que há duas décadas resistem à dinâmica do capital e conduzem a formas originais de ação e discurso. Longe de ser pura invenção conceitual, é a fórmula de movimentos e correntes de pensamento que pretendem opor-se à tendência dominante de nossa época: a da ampliação da apropriação privada a todas as esferas da sociedade, da cultura e da vida (DARDOT; LAVAL, 2017, p.17).

Nessa perspectiva, entendemos que a experiência da URC se trata de uma insurgência que resiste à racionalidade neoliberal que produz novas subjetividades em torno da lógica da concorrência e empresarial. De acordo com Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo, muito mais do que uma política econômica, abarca todas as esferas da existência humana, uma vez que a “racionalidade neoliberal que realmente se desenvolve nos anos 1980-1990 não é a simples implementação da doutrina elaborada nos anos 1930”, mas antes uma “multiplicidade de processos heterogêneos”, que os autores denominam como “fenômenos de coagulação, apoio, reforço recíproco, coesão, integração, nesse efeito global que é a implantação de uma nova racionalidade governamental” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.33-34).

Dito isso, a análise dos processos históricos que conformaram diferentes modelos coletivos do torcer revelou, conforme aponta Júlio Aróstegui (2006), por meio do movimento dos *estados sociais*, as rupturas e as continuidades em cada contexto. Assim, a sucessão das formas do torcer – *das charangas à guinada antifascista* – não são permeadas apenas pelas rupturas, mas também pelas permanências em uma relação dialética agencial-estrutural.

A *sociabilidade festiva* promovida pelas charangas entre as décadas de 1950 e 1970 para a constituição do espetáculo nos estádios é permanentemente ressignificada pelos agrupamentos coletivos do torcer. Trata-se, sobretudo, de um fio condutor entre a primeira e a quarta onda da história da torcidas, cuja essência continua sendo um dos pilares para a espetacularização e entretenimento do jogo. Essa permanência na cultura torcedora pode ser considerado um dos elementos em comum no combate à restrição da liberdade do torcer, ao enquadramento moral e ao controle do comportamento das torcidas, recentemente intensificado com a arenização. Contudo, não se deve dissociar essas tensões das malhas do tecido social costurado nas relações sociais de dominação e de resistência.

Entretanto, se entre 1950 e 1970 os cânticos da *sociabilidade festiva* inspiravam-se nas marchinhas de carnaval, do samba e da poesia, a partir dos anos 1990 houve uma mutação para o estilo musical do *funk*. A performance, o ritmo e as experiências de *sociabilidade do conflito* da cultura juvenil nos *bailes funks* influenciaram a reconfiguração das torcidas organizadas.

Com a guinada antifascista e a *sociabilidade militante*, os cânticos pautados pela funkerização das arquibancadas são questionados pelo caráter violento, machista e homofóbico das letras. Nesse sentido, das marchinhas de carnaval para o funk, emergem as músicas ativistas entoadas pelas torcidas antifascistas. A URC, ao associar a origem operária e a tradição proletária do clube, procura desconstruir algumas músicas catandas pelas torcidas organizadas tracionais.

Dentre as transformações entre os modelos coletivos do torcer, ressaltamos as disputas das lideranças jovens nas torcidas organizadas enquanto instituições que surgem independentemente das diretorias dos clubes, quando os *chefes de torcida*, ao contrário, mantinham uma relação próxima aos diretores, às vezes exercendo a função enquanto dispositivo de controle das massas. No caso específico da torcida do Fortaleza, o chefe Gumercindo Gondim, inclusive, era diretor do clube, proprietário de casas no terreno vizinho à sede social e muito próximo de figuras importantes da história do time, como Luiz Rolim Filho e Jackson de Carvalho. Se entre o movimento de primeira onda – os chefes e as charangas – e

o movimento de segunda onda – torcidas organizadas - há essa ruptura, o movimento de terceira e quarta ondas procuram ser instituições independentes das diretorias, apesar que essas relações de poder muitas vezes tenham sido problemáticas.

Isto posto, esse jogo de permanências e mudanças deve ser apreendido nas sutilezas, uma vez que uma das principais características das *ondas do mar das torcidas* é a fluidez. Por exemplo, o movimento de primeira onda – os *chefes de torcida e as charangas* – instituiu uma relação cordial e pacífica com os torcedores rivais. Com o tempo e com as redefinições pelas quais as torcidas organizadas atravessaram, as rivalidades entre as torcidas adversárias questionaram a cordialidade entre os agrupamentos torcedores.

Nesse caso, com a intensificação da violência no movimento de segunda onda, embora inicialmente tenham existido organizadas não afetadas por esse fenômeno, o movimento de quarta onda – *as torcidas antifascistas* – rompe com a segunda onda – *torcidas organizadas* - ao combater a violência. Essa postura pacífica aproxima a quarta onda da ideia praticada pelo movimento de primeira onda – os *chefes de torcida e as charangas*. Assim, se em alguns critérios as torcidas antifascistas mais se distanciam do que se aproximam das torcidas organizadas – como a violência – em outros pontos têm alguma proximidade, como a independência das diretorias dos clubes.

Para entender a complexidade desse jogo de permanências e de rupturas, utilizamos os conceitos desenvolvidos pelo historiador Enzo Traverso, que, ao se apropriar das ideias de Walter Benjamin sobre memória, diferencia o significado das palavras *Erfahrung* e *Erlebnis*. Desse modo, *erfahrung* remete à experiência transmitida de geração em geração, que corresponde a memória coletiva entre os modelos coletivos do torcer. Ou seja, *erfahrung* representa a memória que forja identidades grupais na longa duração, embora seja reatualizada em cada contexto. Em contrapartida, *erlebnis* designa as experiências vividas particularmente por cada onda e modelo coletivo do torcer, sendo uma memória responsável pela singularidade de cada agrupamento.

Em suma, esta tese – *as ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)*, é atravessada por duas histórias que não podem ser compreendidas separadamente. A primeira remonta a uma história social dos modelos coletivos do torcer, e a segunda se trata de uma memória histórica das torcidas. Ambas foram pensadas por meio da variação micro e macroscópica da observação da realidade, onde em determinado momento adentramos nas nuances de alguma organização coletiva do

torcer e, outros momentos, buscamos visualizar na media e na longa duração os resultados dos processos históricos.

Nessa perspectiva, permeada da dimensão simbólica, política e cultural, esta tese analisou a emergência, os deslocamentos e os significados dos modelos coletivos do torcer a partir da segunda metade do século XX. Assim, de acordo com Jurgen Kocka, ao analisar as transformações da historiografia, busca renovar o campo da história social: *“Rather it will be a social history after the linguistic turn. It will have to incorporate ingredients from political and cultural history, analyze social phenomena as constructed, combine structure, agency and perception. Maybe it will be a history of practice”* (KOCKA, 2003).

Destarte, estruturamos o mapa desta tese pensando em uma análise dos fenômenos sociais das torcidas incorporando estrutura, agencia e percepção enquanto tributária dos debates historiográficos travados no século XX.

REFERÊNCIAS

- ADÁN, T. (2004). "Ultras, culturas del fútbol". **Revista de Estudios de Juventud**, 64, 87-100.
- ALABARCES, Pablo. **Crônicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.
- _____. ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.
- _____. **História: a arte de inventar o passado - Ensaio de teoria da história**. 1. ed. Baurú: EDUSC, 2007. v. 1000. 254p.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedon**. Num.8, vol. 3, Janeiro - Junho 2011.
- ALVITO, Marcos (2006). A parte que te cabe nesse latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**. Lisboa, v. XLI, 2º trimestre de 2006.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **REVISTA USP**, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANGELI, Douglas Souza. Iconografia política: reflexões para exercícios de análise no ensino de História. **OFICINA DO HISTORIADOR** | V. 12, N. 2 | JUL.-DEZ. 2019 | e-35317.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria": uma história da torcida Coligay / Luiza Aguiar dos Anjos**. -- 2018. 388 f.
- ANTUNES, Ricardo L. C. **Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes**. - [2.ed., 10.reimpr. rev. e ampl.]. - São Paulo, SP : Boitempo, 2009. -(Mundo do Trabalho)
- _____. A nova morfologia do trabalho e as formas diferenciadas da reestruturação produtiva no Brasil dos anos 1990 Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXVII, 2014, pág. 11-25.
- ARAÚJO, Valdei Lopes de; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI / Valdei Lopes de Araujo; Mateus Henrique de Faria Pereira**. 2ª edição. Vitória: Editora Milfontes/ Mariana: Editora da SBTHH, 2019. 252 p.: 18,5 cm.
- _____.; KLEN, Bruna S.; PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **Do fake ao fato: (des)atualizando Bolsonaro/ Bruna S. Klen, Mateus Henrique de Faria Pereira, Valdei Lopes de Araujo (organizadores)**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**. Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

ÁVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. **REVISTA MARACANAN**, v. 18, p. 35-49, 2018.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História** / José D'Assunção Barros. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

BARTH, Fredrik. 2000. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas** (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 243 pp.

BAUER, Caroline Silveira. **Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países**. Tese de doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. **A escassez na abundância capitalista** | Luiz Gonzaga Belluzzo; Gabriel Galípolo – São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe (org.). **Historiadores pela Democracia – O golpe de 2016: a força do passado**. Editora Alameda, 2016.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOUTIER, Jean. JULIA, Dominique. Em que pensam os Historiadores? In **Passados recompostos; campos e canteiros da história** / organização Jean Boutier [e] Dominique Julia; tradução de Marcella Mortara [e] Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998, p.21-61.

BRESCIANI, S; NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo, Politeia, 2019.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem** / Peter Burke ; tradução Vera Maria Xavier dos Santos ; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP : EDUSC, 2004. _____ . **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008, p.68-98.

CALDAS, Alberto Lins. PONTUAÇÃO EM HISTÓRIA ORAL. **Zona de Impacto**, v. 10, p. 01-10, 2008.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v.18, n.1, p. 147-165, 2012.

_____. **“Nosso nome é Enéas!”: Partido de Reedificação da Ordem Nacional (1989-2006)** / Odilon CALDEIRA NETO. – 2016, 413f.

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (orgs.). 2014. **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2011.

CANDAU, Jöel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, dez.2009/março 2010.

_____. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CAPELATO, Maria H. R. **Multidões em cena**. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: Papyrus, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CASANOVA, Julián. **La historia social y los historiadores**. Libros de Historia. Editorial Crítica, Barcelona, 1991

CASTELO, Sander Cruz. **A Ética Revolucionária**: utopia e desgraça em Terra em Transe (1967) / Sander Cruz Castelo. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2010. 345f.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. 100p

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil - elementos teóricos e bibliográficos. **Revista da Alesde**, v. 3, p. 39-51, 2013. CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].

CEZAR, Temístocles. Tempo presente e usos do passado. VARELLA, Flávia Florentino (org.)... [et al]. **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 31 - 50.

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998

COSTA, A. L. S. **Conversa Escrita Mediada pelo Computador**: Uma perspectiva de Contínuo Tipológico de Produção. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2008, 115 p.

COSTA, Emilia Viotti da. **Coroas de glória, lágrimas de sangue**. A rebelião dos escravos de Demerara em 1823. S. Paulo, Cia das Letras, 1998, p.19.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, n. 40, v. 19, p. 65-88, jul./dez. 2013.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. **Sutil diferença**: o movimento punk e o movimento hip hop em Fortaleza – grupos mistos no universo citadino contemporâneo. Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, São Paulo, 2004.

_____. As cidades da Juventude em Fortaleza. **Revista Brasileira de História**, v. v. 27, p. 215-242, 2007.

_____.; NASCIMENTO, F. G. C. Comunidades mais que imaginadas 1 - ou da “ascese”² juvenil nordestina: as juventudes de Fortaleza e Recife no final do século XX. **O público e o privado** - Nº 20 - Julho/Dezembro – 2012.

_____. As cidades da juventude em Fortaleza. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 215-242 – 2007.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

_____. **Futebol e Identidade Social**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002. v. 1. 159p .

_____. Paixão partilhada e participativa - o caso do futebol. **História. Questões e Debates**, v. 57, p. 45-72, 2012.

_____. Das palavras e dos palavrões - um olhar antropológico sobre formas de sociabilidade e construções narrativas nos estádios de futebol. **Sociabilidades Urbanas** Revista de Antropologia e Sociologia, v. 1, p. 81-100, 2017.

_____. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA / UFMG**, v. 3, p. 37-66, 2019

_____. **Para o que der e Vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Futebol Porto Alegrense e seus torcedores, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFRGS, Ano de Obtenção: 1998.

_____.; OLIVEN, R.G.. **Megaeventos no Brasil**: um olhar antropológico. Campinas: Autores Associados, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo** - Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402 p.

_____. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral Memória, tempo, identidades**. 2ª edição, 2007.

_____. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **HISTÓRIA ORAL**, 6, 2003, p. 9-25.

DIEHL, Astor Antônio. Teorias da História e os “Guardados” da memória. **Emblemas**. v. 1 n. 3 (2007): Dossiê: Teoria e Escrita da História 2.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis**: o baile, o jogo e o tatame. São Paulo: Annablume, 2003.

DOSSE, François. **O império do sentido**: a humanização das ciências humanas / François Dosse; tradução de Ilka Stern Cohen. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

_____. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 – 22, jan/jun. 2012.

DRULA, Andréia Juliane. **O processo de transformação de um estádio para arena**: o caso da Arena da Baixada. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

DUMOULIN, Oliver. **O papel social do historiador**: da cátedra ao tribunal / Oliver Dumoulin ; tradução Fernando Scheibe. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017. -- (Coleção História & Historiografia)

DUNNING, Eric. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

_____. **Sport matters**: sociological studies of sport, violence and civilization. London: Taylor & Francis, 1999.

ELIAS, N.; DUNNING, E. “Le football populaire dans l’Angleterre médiévale et prémoderne”. In: **Sport et civilisation**: la violence maîtrisée. Avantpropos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994.

FALCÃO, Luiz Feipe. Artíficos e Artefatos entre Memória e História. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n. 16, p. 56 - 80. set./dez. 2015.

FARIAS, Airton de. **Ceará**: uma história de paixão e glória. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

_____. **Fortaleza**: história, tradição e glória / Airton de Farias e Vagner de Farias. - - Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. – Coleção Onzena

_____. **Uma História das Copas do Mundo** - futebol e sociedade Volume 1. 1. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. v. 1000. 546p.

_____. **Uma História das Copas do Mundo** - futebol e sociedade Volume 2. 1. ed. Fortaleza-CE: Armazém da Cultura, 2014. v. 1000. 580p.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: **Novos domínios da história** / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

_____. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

FLICHY; FERREIRA; AMARAL. **Redes digitais**: um mundo para os amadores. novas relações entre mediadores, mediações e mídiatizações. FACOS-UFSM SANTA MARIA-RS 2016.

FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História da USP**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FONTANA, Josep. **História**: análise do passado e projeto social. Bauru: Edusc, 1998.

GAFFNEY, C. **Temples of Earthbound Gods**: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin: University of Texas Press, 2008.

_____; MASCARENHAS, G. The soccer stadium as a disciplinary space. **Revista Esporte e Sociedade** 1(1), nov. 2005-fev. 2006.

GARRIGA ZUCAL, José. Pibitos chorros, fumancheros y con aguante: El delito, las drogas y la violencia como mecanismos constructores de identidad en una hinchada del fútbol. In: ALABARCES, Pablo et. al. **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005, p. 59-72.

GERCHMANN, L. **Coligay**: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: 2014, Libretos.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Carlo Ginzburg ; tradução: Frederico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol** – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões / Richard Giulianotti ; tradução de Wanda Nogueira Caldeira e Marcelo de Oliveira Nunes – São Paulo : Nova Alexandria, 2010.

GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2015.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. OLIVEIRA, Mônica Ribeiro e ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 19-38.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **A dança das bolinhas**: notas sobre o Brasil interrompido. / Juliana Gabriel Garcia. -Rio de Janeiro: Telha, 2020.

GUZZELLI, Cesar A. B. Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil. **Aurora** (PUCSP. Online), v. 9, p. 84-103, 2010.

_____. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da província de chuteiras. **Verso & Reverso**, São Leopoldo - RS, v. 34, n.2002/1, p. 37-67, 2002.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **A dança das bolinhas**: notas sobre o Brasil interrompido. / Juliana Gabriel Garcia. -Rio de Janeiro: Telha, 2020.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autentica, 2013, 272p.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992;

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Le Capitalisme contre Le Droit à la Ville**: néolibéralisme, urbanisation, résistances. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.

_____. **Rebel Cities**: from the Right to the City to the Urban Revolution. Londres: Verso, 2012.

_____. The right to the city. In: **New Left Review**, v. 2, n. 53, 2008

HOBBSAWM, Eric J. O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo. **Novos Estudos**. n. 43, Nov./1995, p. 103-112.

_____. **A era dos extremos** - O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967/1988) / Bernardo Borges Buarque de Hollanda; orientadora: Margarida de Souza Neves. – 2008.

_____. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980). **Brasiliana**, v. 5, p. 367-404, 2016.

_____.; TEIXEIRA, R. C. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **ESPORTE E SOCIEDADE**, v. 11, p. 1-26, 2017.

_____.; RODRIGUES, Onésimo Aguilar (Org.) **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. v. 1. 230p.

_____.; MEDEIROS, Jimmy (Org.); TEIXEIRA, R. C. (Org.). **A voz da arquibancada**: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ). 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. v. 1. 165p.

_____.; NEGREIROS, P. L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. v. 1. 315p.

_____.; MELO, V. A. (Org.). **A torcida brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. v. 1. 160p.

_____.; REIS, Heloisa (Org.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. v. 1. 172p.

_____. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980). **Brasiliana**, v. 5, p. 367-404, 2016.

_____. De 'país do futebol' a 'país dos megaeventos': um balanço da modernização dos estádios brasileiros sob a ótica das torcidas organizadas da cidade de São Paulo. **Recorde - Revista de História do Esporte**, v. 12, p. 1-27, 2019.

_____. Os usos da história oral no estudo do futebol: etapas metodológicas de uma experiência qualitativa de pesquisa com torcidas organizadas na cidade de São Paulo. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 2, p. 187-201, 2017.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. – Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. Trad. Mario Vilela. Rev. técnica de Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.

_____. **Seminário da Prainha**: indícios da memória individual e da memória coletiva. Fortaleza: ED.UECE, 2014.

_____.; MUNIZ, Altemar da Costa. **Entre Fronteiras**: múltiplas abordagens em História Cultural / Gisafran Nazareno Mota Jucá, Altemar da Costa Muniz (orgs.). – Fortaleza: EdUECE, 2016.

KAYE, Harvey. **Los historiadores marxistas británicos**. Un análisis introductorio, Prensas Universitarias, Universidad de Zaragoza, 1989.

KNAUSS, Paulo. No domínio dos acervos: história e as práticas do olhar. **Revista Maracanan**, publicação dos docentes do PPGH-UERJ, vol. 12, n.14, p. 12-24 jan/jun 2016.

KOCKA, Jurgen. Losses, Gains and Opportunities: Social History Today. **Journal of Social History**, Volume 37, Issue 1, Fall 2003, Pages 21–28

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, Sociedade e Cultura** – A categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009, 104p.

LACERDA, Antonio Corrêa de; et al. **O mito da austeridade** | Antonio Corrêa de Lacerda (Coordenador) – São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: EDUSC, 1992.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história” In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Henrique Espada Rodrigues. “Questões de escala: Giovanni Levi” In: **A micro história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. P. 225- 276.

LOPES, Felipe ; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. ?Futebol moderno?: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **REVISTA DE ESTUDIOS BRASILEÑOS**, v. 5, p. 159-175, 2018.

_____.?Ódio eterno ao futebol moderno?: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **TEMPO (NITERÓI. ONLINE)**, v. 24, p. 206-232, 2018.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. PRISKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002;

MAIA JÚNIOR, Edmilson Alves. O vôo cego da “fenix rei”: memória e autenticidade em narrativas (auto) biográficas sobre roberto carlos (1970-1974). **Revista História e Culturas**. v. 6 n. 11 (2018): MEMÓRIAS E INSTITUIÇÕES.

MAIA NETO, Vicente Moreira. **Futebol, imprensa e cidade**: o processo de especialização da crônica esportiva em Fortaleza (1921-1930). Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MARQUES, Raoni Oliveira. **Guerreiras do Leão**: Gênero e Torcidas Organizadas.. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Ceará.

MARSHALL, George. **Espírito de 69**: a Bíblia do Skinhead. Tradução de Glauco Mattoso. São Paulo: Trama Editorial, 1993.

MARTINS, Pedro Paulo da Silva. **Máquinas paradas e pés à obra**: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965) – 2017, 159f.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, jan.-jun. 200834

_____. Imagens em fuga: considerações sobre espaço público visual no tempo presente. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 252 - 285, jan./mar. 2018.

_____. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. **Revista Maracanan**, publicação dos docentes do PPGH-UERJ, vol. 12, n.14, p. 33-48 jan/jun 2016a

_____. Por uma história fotográfica dos acontecimentos contemporâneos, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1987. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 90 - 133. jan./abr. 2016b.

MAUAD; RAMOS; Fotografias de família e os itinerários da intimidade na história. **Acervo**, rio de janeiro, v. 30, n. 1, p. 155-178, jan./jun. 2017.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. 1. ed. rio de janeiro: EdUERJ, 2014. v. 1. 254p.

_____. Não vai ter arena?: Futebol e Direito à Cidade. **Advir** (ASDUERJ), v. 32, p. 24-38, 2014.

MAZO, Janice; BALARDIN, G. F. ; BATAGLION, G. A. . Mulheres no futebol: alterações no regulamento da CONMEBOL e espaço na mídia televisiva. **CAMINHOS DA HISTÓRIA** (UNIMONTES), v. 25, p. 58-73, 2020.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Ed. UNICAMP, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral** - Para empresas, universidades, comunidades, famílias. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011. v. 1. 198p.

MELO, Victor Andrade de. Murad, Mauricio. SANTOS, João Manuel C. Malaia. FORTES, Rafael. **Pesquisa histórica e História do Esporte** / Victor Andrade de Melo. Editora: 7 letras; Coleção Visão de Campo, 2013, 192 p.

MENEGUELO, Cristina. Patrimônios sombrios, memórias difíceis. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos & PETERLE, Patricia (org). **História e arte**: herança, memória e patrimônio. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2014, p. 46-66.

MESENES, Ulpiano T. Bezerra. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In.: **Novos domínios da história** / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

_____. **O campo do patrimônio cultural**: uma revisão de premissas. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, Ouro Preto/MG, 2009.

MENESES, Sônia. Meneses, Sônia. Negacionismos e Histórias Públicas Reacionárias: Os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **OPIS**, 19(2), 1-9, 2019.

_____. **A operação midiográfica**: a produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação – a Folha de São Paulo e o Golpe de 1964 / Sônia Maria de Meneses Silva. – 2011.

_____. A operação midiográfica; da escritura do evento na cena pública à inscrição do acontecimento no tempo - a mídia, a memória e a história”. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves & FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual **Revista Teias** v. 13 • n. 30 • 169-183 • set./dez. 2012.

MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

_____. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MEYER, Frank. Cidades-empresa numa cadeia produtiva transnacional: dimensões sociais e ambientais da produção de alumínio em Porto Trombetas, Brasil, e Årdal, Noruega. **Revista Mundos do Trabalho**, vol. 6, n. 11, janeiro-junho de 2014, p. 107-127.

MORAIS, Diego Batista de. **O jogo na arquibancada**: o Setor Alvinegro e as performances do torcer no contexto do futebol espetacularizado. Dissertação de mestrado em Sociologia/UFC, 2015.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n.3, p.11-26, out. 2003.

MOURELLE, Thiago Cavaliere. **As várias faces de Getúlio Vargas**: historiografia e memória (Artigo). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/as-varias-faces-de-vargas>. Publicado em: 26 Jul 2017.

MOUTOUKIAS, Zacarias. “Narración y analisis en la observación de vínculos y dinámicas sociales: el concepto de red personal en la historia social y económica. “In: BJERG, María & OTERO, Hernán. **Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna**. Tandil: CEMLA –IEHS, 1995. pp. 221-241.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Multidão**: Guerra e democracia na era do Império. Tradução de Clóvis Marques. Multitude, 2005, 532 páginas.

NEGRO, Antonio Luigi. E. P. Thompson no Brasil: recepção e usos. **Crítica Marxista**, n.39, p.151- 161, 2014.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massa no Ceará. Frederico de Castro Neves. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

_____. “Nordeste em disputa: imprensa e construção de territórios regionais”. In: MATOS, Geisa. et. al. (org). **Nordeste, Memórias e Narrativas da Mídia**. Fortaleza: Edições Iris / Expressão Gráfica Editora, 2010.

_____. O Nordeste e a historiografia brasileira. In: **Ponta de Lança**, São Cristovão, v.5, n. 10 abr. – out. 2012.

NICODEMO; PEREIRA; SANTOS. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: eurocentrismo em questão. **Estudos Históricos** Rio de Janeiro, vol.30, nº60, p.161-186.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas. O historiador público em um mundo não linear. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 18-34, jan./jun. 2018.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto; RAMOS FILHO, Vagner Silva. Afinal, o que é patrimônio? Conceitos e suas trajetórias. In: **Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio**, org. Raymundo Netto. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993.

NUMERATO, Dino. Who says “no to modern football?” Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. **Journal of Sport and Social Issues**, p. 1-19, 2014.

OLIVEIRA JÚNIOR, Ricardo César Gadelha de. **Doação e trabalho voluntário dos torcedores no futebol cearense: o caso do movimento independente da torcida tricolor**. Dissertação de mestrado em Sociologia/UFC, 2012.

_____. **A reviravolta dos “fanáticos”**: arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional. Tese de Doutorado em Antropologia Social/UFRGS, 2017, 285f.

OLIVEIRA, Tiago de. **Reorganização do movimento trotskista no Brasil – A formação da Organização Socialista Internacionalista (1968-1976)**. Um capítulo da IV Internacional no Brasil. Uma contribuição à história do trotskismo no Brasil, 2013, 122f.

PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, vol. 7, nº 1316, 2018.

_____.; RODRIGUES, Mara Cristina de M. Ensino de história e passado prático: notas sobre a BNCC. In: HALFERD JR., Carlos R.; VALÉRIO, Mairon E. (Org.) **Ensino de história e currículo**. Jundiaí: Paco, 2017. p.27-46.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PEREIRA, M; Araujo, V. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital. **rev. ufmg**, belo horizonte, v. 23, n. 1 e 2, p. 270-297, jan./dez. 2016 .

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo in **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber dos SANTOS Miriam de Souza Rossini; Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p.11-18.

PETERSEN, Silvia e LOVATO, Barbara. **Introdução ao estudo da História: temas e textos**. P. Alegre, Edição das Autoras/ Gráfica da UFRGS, 2013, p.37-51.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **Entre charangas e organizadas: trajetórias e transformações nas torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2015, 117f.

_____; JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Uma história da formação das torcidas organizadas em Fortaleza. In: **Entre Fronteiras: múltiplas abordagens em História Cultural** / Gisafran Nazareno Mota Jucá, Altemar da Costa Muniz (orgs.). – Fortaleza: EdUECE, 2016.

_____.; Notas sobre a profissionalização do futebol cearense: história e memórias. In.: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais**. Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2015.

_____. **A profissionalização do futebol cearense: História e Memória**. Editora Multifoco - Rio de Janeiro, 2014.

_____. “Ato de emancipação”? O processo de profissionalização e suas consequências para o futebol cearense. **Revista Colombiana de Sociologia**, Volumen 36, Número 1, p. 123-137, 2013.

_____. **O jogo como meio de vida e para satisfazer a plateia: o processo de profissionalização do Futebol Cearense (1938-1960)**. 2013. Monografia - Curso de Licenciatura em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2ed., 1ª impressão. – São Paulo – Contexto: 2008.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza (1904-45)**. Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História/UFC, 2007.

PONTE, Sebatião Rogério B.. **Fortaleza Belle Époque: Reformas urbanas e Controle Social (1860-1930)**. 4. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2010. v. 1. 224p

PORTUGAL, Sílvia. **Contributos para uma discussão do conceito de redes na teoria sociológica**. Oficina do CES: publicação seriada do Centro de Estudos Sociais. Coimbra,PT, Universidade de Coimbra, n.271, 2007.

PORTELLI, Alessandro - **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral - introdução Miguel Carina ; seleção e tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil**. [S.l.] : Edições Unipop, 2013

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História: Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, n.15, abril, 1997.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-Espetáculo e Futebol-Empresa**. Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277.

Ramos, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero** / Francisco Régis Lopes Ramos - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 447

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, XXVIII(68):114-124, maio-agosto 2014.

REIS, José Carlos. **O lugar central da teoria-metodologia na cultura histórica** / José Carlos Reis. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Autêntica Editora, 2019.

_____. **A História, entre a Filosofia e a Ciência**. 4ª edição Revista e ampliada. Autêntica, 2007.

REIS; LOPES; MARTINS, 2015. As explicações de Eric Dunning sobre o hooliganismo à luz do contexto brasileiro: uma reflexão crítica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3., p. 617-632, jul./set. de 2015.

REVEL, Jacques. A história ao rés do chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, territórios e identificações: o encontro de experiências nas torcidas organizadas Cearamor e M.O.F.I.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 203f.

RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.

_____. Futebol: por uma histórica política da paixão nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

RICOEUR, Paul. Funções da Hermeneutica. In: _____. **Interpretação e ideologias**. 4ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990, p.15-59.

_____. **Memória, História e Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Tempo e narrativa** – Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

RODRIGUES, THAMARA DE OLIVEIRA; RANGEL, MARCELO DE MELLO. Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 66-82, jan./jun. 2018

ROGÉRIO, Radamés de Mesquita. **No "segundo tempo da vida": o jogador de futebol e a passagem para a pós-carreira**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2014.

ROSENTHAL, Paul-André. Construir o macro pelo micro: Fredrik Barth e a microstoria". In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Trad. Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: uma teoria da história como ciência**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SANTOS, Lidia Noemia dos. **A invenção da juventude transviada (1950-1970)**. Tese de Doutorado apresentada a Pontifícia Universidad Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo, 2013.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz.; HELAL, R. G. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Triade: comunicação, cultura e mídia**, v. 4, p. 53-69, 2016.

SARDINHA, Diogo. **A tirania dos poderes coniventes: o Brasil na conjuntura** | Diogo Sardinha – São Paulo: Editora Contracorrente, 2019.

SARLO, Beatriz. Tempo passado. **Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2007.

SCHERER-WARREN. Metodologia de redes no estudo das ações coletivas e movimentos sociais. In: _____. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 21-30.

SCHMIDT, Benito Bisso. A sapateira indisciplinada e a mãe extremosa: disciplina fabril, táticas de gênero e luta por direitos em um processo trabalhista (Novo Hamburgo-RS, 1958-1961). In: GOMES, Angela de Castro Gomes; SILVA, Fernando Teixeira da (org.). **A Justiça do Trabalho e sua história**. Campinas: Editora UNICAMP, 2013 p. 157-199.

_____. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas as discussões atuais sobre história e memória. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 85-97, junho 2006.

SCHWARCZ, Lilia moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos**. Livraria Letra Livre, 2013.

_____. Exploração normal, resistência normal. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 5. Brasília, janeiro-julho de 2011, pp. 217-243.

SEFFNER, Fernando; BANDEIRA, 2020. A Coligay e as memórias dos torcedores do Grêmio. **REVES – Revista Relações Sociais**. V.03, n.01., 2020.

SEFFNER, Fernando; PEREIRA, Nilton Mullet; PACIEVITCH, Caroline; GIL, Carmem Zeli de Vargas. Formação docente em história: conhecimentos sensíveis, memórias e diálogos. **RECC**, Canoas, v. 23, n. 2, p. 79-96, jul. 2018

SEIXAS, 2004. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCINI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2001.

SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. **Revista Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 270-296, jan./jun. 2016.

SOBREIRA FILHO, Joaquim. **O jogo da homofobia? Táticas e xingamentos nas Torcidas Organizadas do Ceará Sporting Club**. Dissertação de mestrado em Sociologia/UFC, 2018.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato**, São Paulo: Editora Leya, 2017. 242p.

_____; VALIM, Rafael; et al. **Resgatar o Brasil** | Jessé Souza; Rafael Valim (coords.) – São Paulo: Editora Contracorrente/Boitempo, 2018.

SPAAIJ, Ramón. F. J. **Understanding football hooliganism: a comparison of six Western European football clubs**. Amsterdam: Vossiuspers, 2007.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a copa do mundo no itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 149-184, jul./dez. 2013.

_____. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado de torcer. In: COSTA, Márcia Regina da. **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editorial, 1999.

_____. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. Transgressão e violência entre os torcedores de futebol. **Revista da USP**, São Paulo, n. 22, p. 93-101, jun./ago.1994.

_____. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010, Universidade de São Paulo. Brasil.

TONINI, Marcel Diego. **Dentro e fora de outros gramados**: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. – São Paulo, 2016, 478f.

_____. **Além dos gramados**: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). Dissertação (Mestrado em História Social), Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

TRAVERSO, Enzo. **Le passé, modes d'emploi**. Paris: La fabrique éditions, 2005.

_____. **Melancolia de esquerda**: marxismo, história e memória. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 487 pp.

VALIM, Rafael. **Estado de exceção**: a forma jurídica do neoliberalismo | Rafael Valim – São Paulo: Editora Contracorrente, 2017.

VAN DER LINDEN, Marcel. História do trabalho: o velho, o novo, o global. **Revista Mundos do Trabalho**, vol.1, n. 1, janeiro-junho de 2009.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Nordestinando as arquibancadas**: os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades. Departamento de Sociologia. Artur Alves de Vasconcelos. – 2016, 256 f.

_____. **Identidade futebolística**: os torcedores "Mistos" do Nordeste. 2011. 90f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2011.

WACQUANT, Loic. **Os condenados da cidade**: estudos sobre a marginalidade avançada; tradução de João Roberto Martins Filho. Rio de Janeiro: Revan; FASE; 2001.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 12-43.

WARDE, Walfrido. **O espetáculo da corrupção**: como um sistema corrupto e o modo de combatê-lo estão destruindo o país / Walfrido Warde. – Rio de Janeiro: Leya, 2018. 144p.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **Felisberta e sua gente**: consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação. Rio de Janeiro: Ed. FGV / FAPERJ, 2015.

WEINSTEIN, Barbara. A pesquisa sobre identidade e cidadania nos EUA: da Nova História Social à Nova História Cultural. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH-Brasil, vol. 18, n. 35, 1998.

WESTBY, David. **Ultras in Spain A Study on the Relationship Between Macro-level Cleavages and Micro-level Actors**. An honors thesis for the Department of Political Science. Tufts University, 2017

WHITE, Hayden. **The Pratical Past.** Historien. Athens (GRE), Volume 10, 2010, p.10-19.

APÊNDICES AA – PERIÓDICOS

- 1) Jornal O Povo
- 2) Jornal Unitário
- 3) Jornal Tribuna do Ceará
- 4) Jornal Diário do Nordeste
- 5) Revista Esportiva

APÊNDICES AB - ENTREVISTAS

1) Francisco Osvaldo Castelo Branco Fontenele

Local: Fortaleza – Residência do entrevistado

Data: 29 de julho de 2013

2) Francisco José Baquit Correia

Local: Fortaleza – Residência do entrevistador

Data: 10 de agosto de 2013

3) Gbson França Rolim

Local: Fortaleza – Residência do Entrevistado

Data: 01 de agosto de 2013

4) Orlando Patrício de Almeida

Local: Fortaleza – Bar no Bairro Benfica

Data: 30 de julho de 2013

5) Emanuel Magalhães

Local: Fortaleza – Local de trabalho do entrevistado

Data: 26 de abril de 2014

6) Cristiano Santos

Local: Fortaleza – Residência do Entrevistado

Data: 28 de abril de 2014

7) Hilton Oliveira Júnior

Local: Fortaleza – Residência do entrevistado

Data: 28 de abril de 2014

8) José Carlos Mota

Local: Fortaleza – Local de trabalho do entrevistado

Data: 31 de julho de 2014

9) Ricardo Santos

Local: Fortaleza – Residência do seu irmão, Cristiano Santos

Data: 29 de abril de 2014

10) Francisco Alves Teixeira

Local: Residência do entrevistador.

Data: 23 de maio de 2014

11) B

Local: Barbarians Pub

Data: Julho de 2018

12) A

Local: Residência do entrevistado

Data: Julho de 2018

13) C

Local: Barbarians Pub

Data: Setembro de 2018

14) D

Local: Barbarians Pub

Data: Setembro de 2018

15) João Trigueiro

Local: plataforma online

Data: Abril de 2020

16) Fátima Batista

Local: plataforma online

Data: Abril de 2020

17) Regis Alves Pires

Local: plataforma online

Data: Abril de 2020

ANEXOS

ANEXO 01 - FORMULÁRIO

Convite para preenchimento de formulário (Cinco minutos de preenchimento que contribuirão para a pesquisa)

Tema: Ultras Resistência Coral e as formas coletivas do torcer na cidade de Fortaleza

Doutorado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Doutorando: Caio Pinheiro

Companheiro(a), gostaria que me ajudasse a desenvolver a pesquisa respondendo às perguntas que seguem. Ressaltamos que, sua identificação será opcional, assegurando a impessoalidade. Vale lembrar que esta ferramenta foi um recurso escolhido em tempos de pandemia, que inviabiliza o contato presencialmente. Nosso contato para qualquer informação pode ser feito através do email caiolucasmorais@gmail.com ou whatsapp 85998180131.

- Nome (opcional)
- Data de Nascimento

- Permito ser contactado em caso de dúvida do pesquisador (se sim, favor informar telefone abaixo)
- Telefone (opcional)
- Profissão

- Há quanto tempo ingressou na Ultras Resistência Coral? Como e com quem foi seu contato?
- Já frequentava os estádios antes? Se sim, desde quando?
- Você poderia nos contar um pouco sobre as motivações que fizeram entrar na URC?
- Você é militante, filiado(a) ou constrói algum coletivo, partido ou movimento além da URC? Se sim, qual? Por gentileza, informar desde quando, o período...

- Entre as experiências que presenciou enquanto membro da URC, você poderia narrar algum episódio que foi importante e marcou sua trajetória?
- Como você avalia e entende o futebol, as torcidas organizadas em geral e especificamente a Falange Coral?
- Como se dá a sua relação com outros integrantes da URC? Convivem em espaços para além dos estádios?
- Nos últimos anos, houve uma multiplicação das torcidas antifascistas, como você enxerga esse processo?
- O que a Ultras Resistência Coral significa para você?

ANEXO 02 - ROTEIRO ENTREVISTAS

Parte I

- Apresentação da pesquisa ao depoente;
- Apresentação do depoente: nome, idade, profissão, local de nascimento.
- Trajetória de vida: Você poderia nos contar um pouco sobre a sua infância e adolescência?
- E, na sua juventude, como iniciou sua relação com o clube, torcida?

Parte II:

- Desde quando você é integrante da torcida X?
- Você pode nos contar um pouco sobre a fundação?
- Como se dava a atuação da torcida no dia a dia?
- E sobre a relação com outras torcidas organizadas: como funcionava?

Parte III:

- Quais as principais transformações ocorridas? Quando?
- Atualmente há uma campanha contra o futebol moderno, poderia nos contar o que acha disso?
- O que significa ser torcedor organizado pra você?
- O que a torcida organizada significa na sua vida?